RUBENS SARACENI

O DOMÍNIO DOS SENTIDOS DA VIDA

A PREPARAÇÃO DE SÓCRATES

MADRAS®

Rubens Saraceni

O Domínio dos Sentidos da VIDA

A Preparação de Sócrates

MADRAS

© 2010, Madras Editora Ltda.

Editor:
Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:
Equipe Técnica Madras

Revisão:
Arlete Genaria
Sergio Scuotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Saraceni, Rubens
O domínio dos sentidos da vida/Rubens Saraceni. – São Paulo: Madras, 2010.

ISBN 978-85-370-0611-5

1. Romance brasileiro 2. Umbanda (Culto)
I. Título.

10-06887 CDD-299.672

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances mediúnicos: Umbanda 299.672

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela

MADRAS EDITORA LTDA.
Rua Paulo Gonçalves, 88 – Santana
CEP: 02403-020 – São Paulo/SP
Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970
Tel.: (11) 2281-5555– Fax: (11) 2959-3090
www.madras.com.br

Prefácio

Século IV antes de Cristo, um grego chamado Querefonte vai até o conhecido e respeitado Oráculo de Delfos e pergunta à Pitonisa quem é o homem mais sábio de seu tempo. A sacerdotisa, em transe de possessão pela divindade, emite o oráculo que mudaria a história do mundo ocidental. Sentencia que o homem mais sábio de seu tempo é seu amigo Sócrates. Este, por sua vez, amante da verdade e grande pensador, havia se destacado em resistência física, nas guerras entre Atenas e Esparta. Também era dedicado à meditação. Conta-se que certa vez, para espanto dos demais soldados, permaneceu imóvel durante 24 horas, estático e meditativo.

Época de ouro, Atenas chamava a atenção do mundo, recebendo artistas, filósofos, pensadores e profissionais de todas as áreas do saber, em busca da democracia, liberdade e da expansão cultural do período de Péricles.

O filósofo grego, filho de um escultor, Sofronisco, e de uma parteira, Fenareta, teria recebido a educação básica dada aos jovens atenienses, como música, ginástica e gramática, além da profissão do pai. Ele mesmo não se considerando sábio, ao tomar ciência do oráculo pronunciado, entrou em meditação na busca do significado oculto nas palavras da Pitonisa.

Sabia Sócrates que no pórtico do Oráculo de Delfos havia a máxima: **"Ó homem, conhece-te a ti mesmo, e conhecerás os deuses e o Universo."**

Entre esta e aquela afirmação, chegou a uma conclusão de que a única ciência que poderia dispor era a da própria ignorância, declarada em sua célebre afirmação: **"Tudo que sei é que nada sei."**

Para colocar à prova esta condição, procurou homens que se consideravam sábios e por outros que também eram considerados sábios. Percebendo que não possuíam mais sabedoria que ele mesmo, tornavam-se mais ignorantes por crer que sabiam de algo, sem, no entanto, nada saber. Compreendeu que mais vale "saber que nada sabe" que "nada saber crendo que sabe". Sua sabedoria estava na autoconsciência ou na ignorância consciente, fruto de quem conhece a si mesmo. Desta conclusão passou a ver nas palavras do oráculo uma missão a ser cumprida: revelar a ignorância de seus concidadãos e estrangeiros, que antes ele considerava sábios. Para tal,

seguia as orientações de seu *daimon* (espírito amigo, gênio familiar, anjo tutelar, mentor espiritual ou guia astral, dependendo do ponto de vista), e este lhe indicava a quem deveria entreter em sua missão.

Sócrates utilizava dois métodos para revelar a ignorância e ajudar cada um a encontrar por si só o conhecimento. Por meio da **ironia**, apresentava-se ignorante de todo o saber, enquanto ia revelando a ignorância do outro; por meio da **maiêutica** (parto das ideias), ajudava cada um a parir suas próprias verdades, "assim como sua mãe ajudava as parturientes". Na "maiêutica", o mestre não dá respostas prontas a um discípulo, antes o auxilia a encontrar suas próprias respostas, por meio de questionamentos e diálogos. O objetivo nem sempre era chegar a uma conclusão, mas realizar uma purificação da alma, de uma catarse, expelindo as ideias turvas e ilusórias que distanciam a alma de si mesma.

Sua ironia e o revelar da ignorância alheia atraiu a toda uma juventude de discípulos, entre eles o jovem Platão, mas também atraiu a ira de muitos inimigos que o acusaram de *perverter a juventude, não reconhecer os deuses do estado e introduzir novas divindades.*

Uma vez condenado em tribunal popular, Sócrates preferiu a morte a negar seus valores.

Sem temor diante do amargo veneno, ao qual tomaria como doce néctar de passagem de uma realidade limitada para uma outra, idealizada e querida aos filósofos. Sabia que Atenas perdia mais com sua morte que ele mesmo, como bem podemos ver nas suas palavras:

"Ficai certos de uma coisa: se me condenar por ser eu como digo, causareis a vós mesmos mais prejuízo que a mim. A mim prejuízo algum podem causar Meleto e Ânito (acusadores); eles não possuem poder para tanto; não acredito que os céus permitam que um homem melhor sofra danos de um pior".

O pensador passa dias na prisão esperando a data fatídica, consolando parentes e amigos. Ele transmite nesse local seus últimos ensinamentos de caráter mais metafísicos, sobre o que o aguarda para além da vida e da morte. É em extrema tranquilidade e serenidade que se despede de todos e toma a taça de cicuta.

Sócrates é um desses mestres da humanidade, como Buda, Cristo, Krishna, Hermes, Orfeu, Rama, Confúcio, Lao-Tsé, Akenaton, Abraão, Moisés, Mohamed, Ramakrishna, Vivekananda, Rumi, Dalai Lama, Gandhi, Martin Luther King, Malcon X, Madre Tereza, Maria Madalena, Chico Xavier e tantos outros considerados Mártires, Avatares, Iluminados ou Mestres Ascencionados, que entregaram sua vida a algo maior que si, maior que a própria morte. Allan Kardec afirma, no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, que Sócrates e seu discípulo Platão são precursores do cristianismo e do espiritismo, compara a morte do filósofo grego à morte de Jesus.

Apresenta ainda um resumo comentado sobre a "doutrina de Sócrates e de Platão", da qual cito apenas dois fragmentos, a saber:

"O homem é uma alma encarnada... se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto... porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro... cessam os transviamentos, unida ao imutável, e a este estado da alma é que se chama sabedoria".

*"Após a nossa morte, o gênio (*daimon*), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos".*

Para complementar, ficamos com as palavras do próprio Sócrates, em sua *Apologia* feita por Platão, quando procura expor o verdadeiro significado de sua missão:

"Não tenho outra ocupação senão a de vos persuadir a todos, tanto velhos como novos, de que cuideis menos de vossos corpos e de vossos bens do que da perfeição de vossas almas, e a vos dizer que a virtude não provém da riqueza, mas sim que é a virtude que traz a riqueza ou qualquer outra coisa útil aos homens, quer na vida pública ou privada".

Embora muitos já conheçam todos estes fatos que cercam a vida de Sócrates, creio que é fundamental lembrá-los neste momento, pois neste livro, que temos em mãos, encontra-se a preparação pela qual passou o espírito de Sócrates antes de seu nascimento em Atenas. O Sócrates antes de Sócrates, em uma encarnação anterior e sua transição a outras realidades nas quais foi preparado para a missão em solo grego. Podemos observá-lo indo ao encontro de seus tutores, os Anjos da Morte, da Vida, das Trevas e da Luz. Direcionado por estes, enfrentará uma verdadeira jornada de iniciações nos sentidos da vida, sentidos existenciais, que dão razão ao viver e morrer.

Seu preparo acontece por meio da arte de relacionar-se com o "outro", no exercício da **maiêutica** e da arte de relacionar-se consigo mesmo, no exercício da **meditação**.

Em contato com Anjos e Sofredores, Mestres da Virtude e Caídos nos Vícios, nosso "neófito", aprendiz e ao mesmo tempo mestre, para uns e para outros, vai nos deparando com as inquietações da alma humana entre Fé e Ilusão, Amor e Ódio, Conhecimento e Ignorância, Razão e Emoção, Retidão e Tortuosidade, Sabedoria e Tolice, Vida e Morte.

Na natureza desse espírito, chamado apenas de Simão Beir, identificamos a personalidade de Sócrates, humilde sem abrir mão de sua determinação em busca da verdade, da sua verdade, de ver Deus por meio de todos os seus sentidos.

Sabemos que Rubens Saraceni, com mais de 50 títulos publicados, tem ainda dezenas de títulos guardados esperando o momento de sua publicação, o que respeita uma ordem observada por seus mentores. Cerca de uns dez anos atrás, eu lhe perguntei se havia entre esses títulos inéditos algum que lhe chamava a atenção; na época, ele me contou sobre um livro que apresentava de forma romanceada, dentro do que era possível revelar, a preparação pela qual passou o filósofo Sócrates antes de sua encarnação, que moldaria e mudaria o pensamento racional ocidental. Desde então, alimentei a expectativa de ler esta obra, que, se marcou seu veículo material, também marcará a todos que estiverem abertos para o "conhece-te a ti mesmo", na senda dos mistérios que envolvem *O Domínio dos Sentidos da Vida*. A mim, só me resta a recomendação de uma leitura atenta e sem pressa, para que o leitor possa saborear o doce néctar da iniciação em todos os seus sentidos.

Alexandre Cumino
Bacharelando em Ciências da Religião, Sacerdote de Umbanda,
Médium Atuante e Filho Espiritual de Rubens Saraceni

Em Busca de um Sentido

A água, numa correnteza delicada, deslizava sobre as pedras do leito do córrego. Sem piscar, Simão observava os contornos que ela fazia ao se chocar com as pedras em sua passagem. De vez em quando, um brilho mais intenso devido aos raios do sol sobre a água o ofuscava, mas mesmo assim ele não piscava.

Dos seus olhos negros corriam lágrimas, tal como as águas do córrego.

Já fazia tempo que Simão sentara na margem do córrego para, em silêncio, verter suas lágrimas de tristeza e dor. Sim, eram lágrimas tristes e silenciosas que corriam por seus olhos.

Tudo se devia ao que ocorrera há pouco mais de duas horas em sua aldeia natal. Os assírios, em guerra contra os hebreus, haviam avançado com seus exércitos sanguinários contra aldeias de indefesos lavradores que de guerras nada entendiam, e o único instrumento cortante que manejavam com destreza era o de podar os vinhedos.

Após a passagem do exército assírio nada mais restou da pequena aldeia, incendiada pelos enfurecidos soldados, que levaram quase todos os habitantes como escravos.

Simão só não foi levado porque, ao ver a aproximação dos soldados, escondera-se numa gruta, oculta por espessa vegetação. Dali, contendo o medo que o paralisara por inteiro, assistiu à destruição de sua aldeia natal, de sua família e dos seus sonhos.

Todos os tempos são difíceis para os homens, e toda guerra é cruel e perversa. Mas certos tempos e certas guerras são mais, pois são destituídas de um sentido lógico que possamos assimilar racionalmente. E esse tempo e essa guerra assim se apresentavam a Simão Beir.

Sim, para ele só uma frase resumia todos os seus sentimentos:

– Por que isso?

Para Simão, que beirava os 18 anos de idade e amava o trabalho nos vinhedos de seu pai, tudo parecida inexplicável. De guerras ele só sabia o que ouvia os velhos contarem, pois nascera num período de relativa paz,

em que os homens pareciam ter contido suas ambições de domínio dos seus semelhantes pela força das armas.

O choque emocional havia sido tão profundo que ele se sentia impotente, triste e meio atordoado. Só lhe restava observar as águas cristalinas do córrego correrem incessantes diante dos seus olhos, já inchados de tanto chorar, e que agora, em silêncio, continuavam a verter doloridas lágrimas pela perda dos entes queridos e da tão pacata aldeia.

O sol já começava a se pôr quando Simão saiu do seu ensimesmamento e voltou até o que restara da, até a pouco, feliz aldeia. Procurou entre os escombros algumas peças de roupas, mas só encontrou trapos chamuscados, pois todo o resto havia sido saqueado pela soldadesca rapinante.

Encontrou alguns pães ázimos e os recolheu do meio do pó. Após limpá-los, enfiou-os num saco e voltou à gruta. Tarde da noite, adormeceu e quando acordou, o sol já estava alto no céu. Saiu da gruta e tornou a passear pelo que restara da aldeia. Recolheu algumas ferramentas deixadas pelos invasores e as guardou no seu refúgio. Lá, comeu um pedaço de pão enquanto ouvia no mais íntimo do seu ser os gritos dos habitantes da aldeia, desesperados e temerosos com o assalto dos invasores. Mais uma vez, seus olhos inundaram de lágrimas doloridas.

Mais tarde, saiu a caminhar por onde antes existiam os vinhedos. Deles, só os escombros restaram, pois os carros de guerra os haviam destruído. Simão ainda tentou arrumar alguns pés que poderiam ser levantados. Mas logo caiu de joelhos no solo sulcado pelas rodas dos carros e, num desabafo de ira, revolta e impotência, gritou:

– Por quê? Por que isso nos aconteceu?

Mas não obteve resposta e ali ficou por muito tempo, sem forças para mais nada a não ser chorar. Quando se levantou, já anoitecia. Voltou à gruta e comeu mais um pedaço de pão. Então resolveu partir e ir para o sul, onde certamente encontraria outras aldeias destruídas pelo exército de rapinas assírios.

A aldeia onde Simão nascera e crescera ficava ao norte do mar da Galileia, como hoje nós o chamamos. Mas naquele tempo ele não tinha esse nome.

Sim, isso ocorreu há 3.200 anos, em 1200 antes da era cristã. Tal como nos dias de hoje, aquele também foi um tempo difícil para os hebreus, mas também muito cruel e perverso.

Simão amarrou as ferramentas e as carregou consigo, juntamente com o saco de pães ázimos. Caminhou a noite toda e, ao amanhecer, deparou com a aldeia que ficava a meio caminho até o mar da Galileia, toda destruída. Lá, os assírios também haviam queimado tudo. Certamente, os habitantes dela também tinham sido escravizados, senão, mortos, pois muitos cadáveres jaziam estendidos pelas vielas.

Silencioso e com os olhos cansados por uma noite sem dormir e cheios de lágrimas, viu todo o horror à sua frente. Então tomou uma decisão. Apanhou suas ferramentas e começou a recolher os corpos, já exalando o odor fétido tão característico dos cadáveres insepultos.

Após ajuntá-los no cemitério da ex-aldeia, começou a sepultá-los. Foi um trabalho difícil para um homem apenas. Mas, ao anoitecer, todos estavam enterrados. Simão então orou pelos mortos e logo depois se deitou, ali mesmo, e adormeceu. Por volta da meia-noite, acordou assustado e gelado. Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo de cima até embaixo. Seu coração disparou e o medo aumentou, pois algo de sobrenatural o envolvia.

De tudo isso, Simão precisou só de um instante para saber. Olhou à sua volta, mas nada viu. Em silêncio, orou e clamou por sua proteção divina, pois estava paralisado pelo medo.

Mas, quanto mais orava, mais medo sentia. Trêmulo e gaguejando, gritou:

– Por quê? Por que me assustas? Quem és, ser que não posso ver, mas que me apavora?

Um clarão começou a se formar à sua frente e um espectro começou a sair dele. Logo, uma forma plasmou-se à sua frente.

Contrariando o seu medo, Simão viu um ser que se assemelhava à sua descrição dos anjos do senhor.

– Quem és tu, ser que surgiu do nada?

– Eu sou o que estás vendo, Simão Beir! – exclamou com uma voz poderosa o ser à sua frente – Por que tremes tanto, Simão?

– Não és humano! Não como eu! Sinto medo de ti!

– Não temas, pois não vou fazer-lhe mal algum.

– Quem és vós?

– Eu sou o "Anjo da Morte", Simão Beir!

– Veio matar-me, Anjo da Morte?

– Não, Simão! – exclamou com voz suave o ser à sua frente – Eu guardo as almas dos que morrem, para que as leis do Criador se cumpram.

– Mas então... o que queres aqui, se ainda estou vivo?

– Eu vim ungi-lo com uma coroa luminosa, Simão Beir!

– Uma coroa luminosa? Acaso sou algum rei agora?

– Um rei, como entendes, não. Mas, se assim quiseres chamar, será coroado rei dos mortos, Simão Beir!

– Por quê?... Não, isso não é possível e também não é verdade. É tudo um sonho, não, um pesadelo! Acho que estou no meio de um pesadelo horrível, e deves ser fruto de minha imaginação, fértil em criar ilusões.

– Não estás dormindo, Simão! E também não sou fruto de sua imaginação, pois sou o Anjo da Morte. Aproxime-se, Simão!

– Não! Suma daqui ente das trevas! Não me toques com suas garras da morte.

– Por acaso estás vendo garras nas extremidades dos meus braços?

– Não.

– Então não sou o que imaginas que sou, Simão. Eu sou o que sou e não o que sua fértil imaginação pensa que sou.

– Ainda assim, por , suma de minha frente, Anjo da Morte!

– Tente afastar-se, Simão! – exclamou o espectro, com voz tonitruante.

Simão tentou, mas não podia mover-se.

– Então caminhe até mim! – tornou a falar o ser luminoso à sua frente.

– Não posso! – exclamou Simão.

– Como não? Ainda não tentaste! Avances até eu, Simão Beir! – ordenou-lhe Anjo da Morte.

Assustado, trêmulo e titubeante, Simão deu alguns passos adiante, subjugado pelo poder que aquele ser irradiava.

– Pare, Simão! – ordenou a voz, agora suave.

E, levantando as duas mãos luminosas acima de sua cabeça, o Anjo da Morte fez surgir entre elas uma coroa luminosa que colocou na cabeça de Simão. Quando ela tocou sua cabeça, sentiu sua alma imortal ser arrancada do corpo e ser transportada pelo infinito. Num piscar de olhos viajou pelo paraíso e, no instante seguinte, viajava pelo inferno. Num piscar de olhos a tudo viu e logo estava de volta ao seu corpo. Levou as mãos à cabeça e nada parecido com uma coroa havia ali. Mas sentiu uma auréola irradiante a circundá-la.

Então perguntou, já com a voz pacífica e o coração contrito:

– O que deseja de mim, Anjo da Morte?

– Sentiste ódio dos que destruíram sua aldeia, família e sonhos, Simão Beir?

– Não, senhor. Só a tristeza e a dor pulsam no meu coração. E a impotência por não poder impedir um mal tão grande.

– Sentiste ódio dos que destruíram essa aldeia aqui, Simão Beir?

– Não, senhor. Só dor e tristeza por vê-la destruída e ver seus moradores mortos.

– Por que os sepultou, Simão Beir?

– Não é justo deixar seus corpos, já sem vida, expostos no tempo.

– Por quê, Simão Beir?

– Com isso só estaremos ofendendo ainda mais a visão do senhor nosso Pai, já ofendida com nossos erros, pecados e crimes. Então, ocultamos sob a terra os corpos dos que são vítimas da ignorância que tomou conta da razão dos homens.

– E o que mais, Simão Beir?

– Também estaremos devolvendo ao senhor nosso Pai o corpo bendito que, por ignorância, preferimos magoar, ferir, machucar, ofender e destruir, em vez de alegrá-lo, embelezá-lo, amá-lo e vivificá-lo para, assim, agradarmos à visão divina do Senhor.

– Algo importante ainda não disseste, Simão Beir!

– Sim, senhor. Também estaremos devolvendo à terra o que, por vontade divina, a terra nos emprestou. E assim nos lembramos de que fora da vida, somos só pó, sendo levados pelo vento do acaso.

– Ótimo, Simão Beir! Também queres ser pó levado ao vento por acaso?

– Não, senhor. Quero ser uma rocha sólida e tenaz onde o senhor meu Criador possa assentar as colunas da sabedoria, do amor, da fé e da razão, do conhecimento e da vida, para que, assim, sua lei viva para todo o sempre entre os meus semelhantes, que a transmitirão por todo o sempre entre o povo escolhido para ser o guardião das leis Divinas.

– Ainda existe algo mais que precise saber?

– Não, senhor. Num instante, tudo vi e tudo aprendi.

– Então, agora que tudo o que precisava ver e saber já foi visto e aprendido, cumpra os desígnios do Pai, para honra e glória do seu santo nome...

– Sim, senhor.

– Faça isso, Simão Beir. Só assim sereis a rocha onde o Criador assentará as colunas do seu templo. Só isso fazendo, não serás mais um punhado de pó sendo levado pelos ventos do acaso.

– Sim, senhor.

E, num relampejar tonitruante, o Anjo da Morte recolheu-se ao interior da luminosidade e também ela recolheu-se em si mesma desaparecendo da frente de Simão Beir.

Imediatamente, Simão Beir caiu de joelhos e em silêncio orou. Só quando o sol raiou no horizonte, ele, com as pernas adormecidas, levantou-se e, olhando para o sol radiante, falou, cheio de fé e confiança:

– Sim! Assim foi, é e sempre será. Após uma noite escura e assustadora o sol raia no horizonte e, com seus raios luminosos, nos devolve a fé e a confiança de que a vida, que é Tu por inteiro, pode ser adormecida por uma noite escura e assustadora, mas não será exterminada por ela.

– Por isso mesmo a humanidade tem adormecido por longas e assustadoras noites, mas sempre que alguém ousa acordar dos aterradores pesadelos dessas noites, encontra o sol a brilhar no seu horizonte e pode, se olhar para o alto, Vê-Lo na abóbada celeste a nos abençoar com Suas lágrimas de alegria pelo nosso despertar para a vida eterna, que só possuem os que O têm por inteiro no coração e de Ti fazem parte!

– Eu vivo em Ti, ó meu Pai! E por Ti e a Teu serviço por todo o sempre viverei. Pois o Senhor é meu pastor e por Seus campos me conduzirá. Por Tuas sendas me guiará e, por Teus desígnios, me baterei junto aos meus semelhantes.

– Eu O servirei como servo obediente que sou, pois Teus desígnios serão as ordens que cumprirei fielmente, os desejos que viverei ardentemente e as vontades que realizarei resolutamente.

– Faças de mim um instrumento de Tuas vontades, ó meu Criador!

Simão Beir apanhou seus pertences e afastou-se do cemitério. Foi até uma fonte de água e lavou-se. Depois encheu uma bolsa de couro com água e retomou sua caminhada rumo ao sul. Caminhava resoluto e parecia não temer mais o que viesse a encontrar na próxima aldeia, onde chegaria ao anoitecer.

O sol abrasador o fazia transpirar em abundância, mas mesmo assim não parava.

Quando o sol já se punha no horizonte, Simão avistou a aldeia, que tanto se esforçava para alcançar antes de a noite chegar. O que viu quando penetrou nas suas vielas só confirmou o que já intuíra ao amanhecer: os assírios também haviam passado por ela em sua marcha funesta à procura de escravos e bens materiais.

Os corpos dos que haviam resistido ao cativeiro exalavam um odor fétido e moscas revoavam por cima deles em sua busca voraz por alimentos. Por um instante Simão as comparou aos vorazes assírios, insaciáveis tanto por escravos quanto por bens materiais.

Quando Simão olhou para uma viela e viu dezenas de bebês mortos, um pranto dolorido brotou do mais íntimo do seu ser, pois via no amontoado de recém-nascidos a frieza com que eram movidos os assírios em sua marcha funesta. Para que levar recém-nascidos se não poderiam produzir nada como escravos?

Após um longo tempo chorando, Simão deu início ao enterro dos corpos já em avançado estado de putrefação. Cavou quase uma centena de covas. Só no final do dia seguinte terminou seu trabalho. Junto ao último túmulo fez uma prece, tomou um pouco de água e ali mesmo adormeceu profundamente. Seu sono durou até a meia-noite, quando foi despertado pela voz do Anjo da Morte. Mais uma vez ficou paralisado diante da visão do ser à sua frente.

– O que deseja de mim, Anjo da Morte? – perguntou com a voz tímida.

– Vou levá-lo mais uma vez a conhecer o que só a uns poucos é dado conhecer pelo Senhor, Simão!

– Sim, senhor! – falou Simão abaixando os olhos e vendo que, abaixo do círculo luminoso onde estava o Anjo da Morte, um buraco ou fenda negra começava a se abrir. Ficou trêmulo e ao mesmo tempo paralisado, pois sabia que seria por ali que iniciaria sua segunda viagem do conhecimento.

– Olhes nos meus olhos, Simão Beir! –ordenou o Anjo da Morte. Não desvie teus olhos dos meus a menos que eu ordene, pois nos meus olhos, e com eles, a tudo verás e de nada jamais te esquecerás.

– Sim, senhor! – respondeu Simão, gaguejando.

Assim que fixou seus olhos nos olhos do Anjo da Morte, Simão sentiu-se arrancado do corpo e lançado num abismo escuro e gelado. À medida que descia, sua visão se ex pandia. O que via o deixava mais gelado que o próprio abismo por onde descia numa velocidade vertiginosa. De repente, a descida do seu espírito cessou e ele se viu no vácuo absoluto, onde não havia sons ou imagens. Só o nada havia ali.

– Chegaste até onde é permitido a um espírito humano descer, Simão Beir! – falou o Anjo da Morte.

– Onde estou, senhor?

– Está no fundo do vale da morte, Simão Beir! Daqui para baixo nada mais existe além do nada absoluto. E daqui para cima a tudo conhecerás, ainda que demores toda a eternidade para conhecê-la.

– Então, quando de tudo eu souber, já não mais estarei na carne, Anjo da Morte! – exclamou assustado.

– O que é o tempo para o Senhor teu Criador, Simão Beir?

– Eu...

– O tempo não conta para Ele, Simão Beir! N'Ele o tempo passa, mas não existe. Você e teus semelhantes contam o tempo, pois precisam d'Ele para se situarem, como se isso tivesse alguma importância. Mas, para "Ele", o tempo não conta, pois, no Seu todo, o tempo também está contido. O tempo é só uma das partes do Senhor. Vivas "n'Ele" o tempo viverá em ti, e não você n'Ele, Simão Beir!

– Sim, senhor.

– Agora iniciarás tua jornada pelo abismo da morte rumo à luz do Criador.

– Por que isso, Anjo da Morte?

– Para que saiba o que acontece aos que não querem, recusam-se ou ignoram como é a vida vivida em acordo com as leis que regem a criação divina. No abismo da morte habitam os que afrontaram as leis da criação, Simão Beir!

Aqui o horror não tem limites, pois os limites só existem para os que respeitam os limites que a lei da criação lhes impõe.

Para os que aqui habitam, a dor, o desespero, a aflição e a angústia não têm limites e os lançam na loucura dos tormentos intermináveis, pois aqui o tempo não existe, uma vez que os que aqui estão deixaram de contar no tempo, mas sim no espaço.

– Como entender isso, Anjo da Morte?

– Existem dores suportáveis e outras não. Então não é o tempo que ela dura que importa, mas sim a intensidade que ela vibra. Logo, é o espaço que ela ocupa em cada um que a torna maior ou menor, Simão Beir!

– Compreendo.

– Mas, como aqui o tempo não conta, então cada um dos que aqui habitam só a sentirão nos espaços íntimos. E não se importam com o tempo

que venha a durar, pois disso não têm conhecimento, uma vez que foi por ignorância que aqui vieram habitar.

– Mas...

– Tudo se deve às leis que regem a criação divina, Simão Beir!

– Entendo!

– Isso mesmo, olhos que veem por meio dos olhos do Anjo da Morte! Estão paralisados no tempo, pois, para eles, só há vida no espaço ocupado por suas dores. É nesse espaço que sobrevivem com suas dores alucinantes, que, em certos graus vibratórios, transformam-se em monstros horripilantes.

– As dores causam-lhes alucinações de tal ordem que se sentem atacados por terríveis demônios?

– Com os meus olhos, a partir de agora verás tudo isso, Simão Beir. Você já está pronto para iniciar sua longa jornada por meio do vale das sombras e da morte.

– Conduza-me, Anjo da Morte!

E o Anjo da Morte conduziu Simão Beir pelos abismos do vale das sombras e da morte, explicando-lhe tudo o que seus olhos viam. E o que seu corpo espiritual sentia não era nada mais do que reflexo daquelas visões aterradoras.

– Mantenha-se calmo no mais íntimo do seu ser, Simão Beir! Não deixe que o que os seus olhos veem seja transferido para seu ser imortal, senão suas visões se transformarão em alucinações, tal como acontece com os que aqui habitam.

– Como assim?

– Eles viam e desejavam coisas no plano material e começavam a vibrar sentimentos negativos com tal intensidade que se tornaram seres possuídos pelas suas visões, que hoje os aterrorizam. Vivem das recordações, pois só restou-lhes isso como meio de sobreviverem ante o horror de si próprios.

– Preciso ver isso, Anjo da Morte!

– Tudo o que puderes ver, verás, Simão Beir! Mas acautela-te, senão seu desejo de tudo ver será uma alucinação dos seus sentimentos mais íntimos, que vibrarão com intensidade total e logo criarão um espaço só teu nos abismos das "sombras" e da "morte".

– Então, como poderei saber se o que verei será uma visão ou uma alucinação?

– Não ocupe o espaço de sua visão, Simão Beir. Olhe só com os meus olhos e feche os teus, pois só assim verás as formas por meio das aparências.

– Tudo parece tão difícil, Anjo da Morte!

– Saiba que é muito difícil, Simão Beir. Se assim não fosse, como então a Lei Divina se faria executar entre os que tornam difícil a vida dos seus semelhantes? Compreendes isso?

– Meu cérebro raciocina muito rápido e tento compreender suas palavras, não como as entendemos, mas como as palavras de um ser não humano, dedicado à execução da lei ante os humanos.

– Estás raciocinando corretamente, Simão Beir!

– Estou tentando ver só com seus olhos, Anjo da Morte. Mas como elucidar minha natural curiosidade entre o que vejo e o que realmente é?

–Vamos avançar por meio dos graus vibratórios mais densos, que é onde estamos agora, para que, ainda que dure uma eternidade, eu possa devolvê-lo ao plano material.

– Falas "ainda que dure uma eternidade" como se eu, Simão Beir, um ser vivente na carne, pudesse viver nela por uma eternidade, Anjo da Morte.

– Estás esquecendo-se de minhas palavras, Simão Beir?

– Quais?

–Tempo e espaço!

– Ah!

– Aqui o tempo não conta, pois só existe o espaço e nada mais. Só o homem na carne precisa e cria o tempo, que é uma forma de saber de suas limitações enquanto ocupante de um corpo físico, que limita suas vibrações mentais, sejam elas positivas ou negativas.

–Isso...

– Sim. Isso significa que fora o plano material, onde tens um corpo carnal como veste viva para seu espírito imortal, o tempo tem outro sentido. Aqui, no plano espiritual ou energético, o tempo significa grau vibratório e não uma sucessão de dias e noites a serem contados e anotados.

Como a pausa do Anjo da Morte se prolongava, Simão exclamou:

– Por favor, Anjo da Morte! Não pare agora que estou começando a entender as palavras tempo e espaço!

– Eu vejo que você está conseguindo entender o que quero ensinar-lhe.

– Sim, estou. Mas tudo é tão novo e diferente que tenho dificuldade em compreendê-lo. Como agora estás falando mais claramente, não quero que pares, pois sinto que, sem essas informações, tão essenciais, pouco poderei ver do muito que desejas mostrar-me, "olhos" do meu Criador que vislumbram os abismos mais profundos das sombras e da morte, só para que eu, um instrumento cego do meu Criador, possa enxergar um pouco em meio à cegueira da humanidade, que caminha por caminhos sem olhar se são caminhos divinos ou desvios humanos.

– Meus olhos irradiam alegria, Simão Beir! Estás começando a falar como alguém que olha com os olhos divinos, que cada ser humano traz em seu espírito imortal, e não com os olhos que só conseguem ver o tempo e não o espaço.

– Não pares...!

– Não paro, olhos meus! – e Simão derramou lágrimas.

No plano astralino, não existe o tempo tal como o conhece, pois aqui tudo é infinito e não é possível ser medido. Não podes contar os dias, pois não há dias. Não podes contar as noites, pois aqui não há noites. Não podes marcar as horas, os minutos, os segundos ou os séculos ou os milênios, pois aqui nada disso existe.

O Anjo da Morte fez uma pausa. Simão então lhe perguntou:

– O que então existe aqui, Anjo da Morte?

– Vibrações, Simão Beir! Só vibrações e nada mais, olhos que veem por meio dos meus olhos!

– Ensine-me, meu anjo!

– Veja os graus vibratórios, olhos que veem o que outros olhos não podem ver, mas que a tudo verão por meio dos teus olhos, que veem por meio dos meus olhos, que são só uma das partes da visão do teu divino Criador. Por meio dos meus olhos verás tudo o que uma das partes da visão do teu Deus vê. Essa visão vê passado, presente e futuro sem um único piscar de olhos, pois, para essa visão, que é total no seu campo visual, não existe uma cronologia a demarcá-la ou limitá-la no seu espaço de tempo.

Nova pausa do Anjo da Morte, e Simão exclamou:

– És sábio, meu anjo!

– A sabedoria é um sentido divino, Simão Beir. Mas a ignorância é um atributo dos humanos que só querem ver as aparências com seus olhos carnais e não conseguem ver formas que só seus olhos divinos lhes mostrariam.

– Não pares agora, anjo.

– Não paro, instrumento cego que procura ver com os olhos do seu espírito imortal.

– Quais são esses olhos, meu anjo? E quantos são eles? E com qual d'Eles estou tentando enxergar agora?

– Os olhos do espírito são os dos sentidos divinos depositados nos espíritos humanos para divinizá-los, pois criação divina todos os humanos são!

Sete olhos para ver na luz um ser humano possui, e também possui sete olhos para enxergar na ausência da luz, Simão Beir.

Quanto aos olhos que estás usando agora, são os olhos do conhecimento, olhos que veem por meio dos meus olhos, um vislumbre da grandeza do teu Criador, que é impossível de ser visto, pois os teus olhos espirituais não podem abranger a grandeza d'Ele, que ocupa todo o espaço existente no Universo. Teus olhos carnais não podem abrangê-Lo. E, ainda assim, esse Universo visível é, quando muito, só a milionésima parte do teu divino Criador. Se é que assim me faço compreender, já que és limitado no teu tempo na carne, mas não no teu espaço quando em espírito.

– Seja mais específico nas suas explicações, meu anjo!

– Serei, olhos que tentam vislumbrar a forma por trás das aparências!

Teu Deus é o Criador de tudo e de todos. Portanto, é a fonte geradora de tudo e não pode ser visto, pois Ele é tudo e todos. Não podes ver a tudo e a todos ao mesmo tempo. Mas, como és imortal enquanto espírito emanado do senhor teu Criador, tens na imortalidade do espírito o meio de, no decorrer dos tempos, a tudo ver.

– Como?

– Ocupando o teu espaço, Simão.

– Qual é ele?

– Onde você estiver, Simão Beir!

– Minha visão está confusa e minha mente gira sem parar, perdendo seu ponto de equilíbrio, meu anjo!

– Isso acontece porque estás tentando ver tudo ao mesmo tempo e com teus olhos humanos, instrumento cego!

Procure ver só com um dos olhos do teu espírito e então a tudo verás sem teres que sair do espaço que ocupas no corpo imensurável do teu divino Criador.

– Os olhos do conhecimento?

– Exatamente!

– E como são os olhos do conhecimento, meu anjo?

– Eles são esses, Simão Beir: veem e tentam decifrar o que veem!

– Como?

– Lembra-se do que já lhe falei?

– Sim.

– O que eu já lhe falei?

– O que mais os meus olhos do conhecimento fixaram foi:

. Tempo e espaço;

. Estado vibratório;

. Olhos do espírito;

. Grandeza do meu Criador;

. Limitação do ser humano na carne;

. Imortalidade do espírito humano;

. Espaço ocupado por mim no imensurável Universo que é do meu Criador;

. O meu tempo na carne.

– Mais alguma visão, Simão Beir?

– Só vislumbres ou talvez sombras ainda não visíveis, meu anjo. Ou então vislumbres ofuscantes para os meus olhos do conhecimento, que começam a enxergar, mas que não conseguem se fixar em formas reais, pois ainda não sabem distingui-las das aparências. Aos meus olhos ainda é difícil, devido à minha ignorância humana, distinguir a forma da aparência ou a verdade da ilusão ou a causa do efeito ou a imagem do seu reflexo. Mas talvez tudo isso que digo agora não seja em nada diferente do choro da criança ao sair do útero materno, limitado e seguro, para a vastidão do meio dos seres humanos. Tal choro, que não se justifica, pois ele na verdade

está livre das limitações do útero materno que o enclausurava num espaço limitado, talvez seja sua forma de indagar isso: Quem sou eu? Quem são vocês? que ainda não posso ver, pois quase não enxergo? Que mundo é esse, tão grande, tão aberto e ao mesmo tempo tão assustador e de difícil compreensão, pois não posso abrangê-lo de uma só vez?

– Sim. Talvez essas minhas fixações sejam iguais ao choro de uma criança recém-nascida. Talvez, após esse meu choro inicial, eu venha a agir como as crianças, que mudam o modo de chorar de acordo com suas necessidades, mas sem nunca deixar de ser uma criança. Uma das coisas mais sinceras que um ser humano tem consigo mesmo, desde seu nascimento até a morte carnal, talvez seja o choro.

Eu já vi o recém-nascido chorar; o menino também chora, assim como o homem adulto. E o ancião não deixa de derramar lágrimas pungentes por sobre suas faces ressequidas pelo tempo vivido na carne.

Sim. Os choros são só indagações e nada mais, meu anjo! Chora o que nasce, o que vive e o que morre na carne. Chora o que está feliz e também o que está triste. Chora o que ganha e também o que perde.

Indagações são só meios diferentes de expressarmos nossos choros, meu anjo!

– Então quais são os seus choros, Simão Beir?

– São tantos, meu anjo! Como é grande a quantidade de choros que meu peito mantém sufocado. Como eu gostaria de transformar minhas indagações em explicações audíveis, compreensíveis e agradáveis aos ouvidos dos meus olhos do conhecimento!

– Tens todo o tempo no teu espaço para transformar os teus choros em cantos de saber, Simão Beir! Ocupe primeiro o teu espaço no corpo do teu Criador para, só então, começares a vislumbrar tudo à tua volta. Então verás o todo nas partes, e depois disso, distinguirás as formas por meio das aparências.

– Como, meu anjo?

– Quem é você, Simão Beir?

– Eu sou Simão Beir, um viticultor hebreu.

– Quem são os hebreus, Simão Beir?

– Uma tribo entre outras tribos semitas, meu anjo.

– Quem são essas tribos, Simão Beir?

– Algumas tribos entre muitas outras tribos que habitam essas terras, meu anjo.

– Que terras são essas, Simão Beir?

– Essas terras são parte desse planeta, que contém muitas outras terras, meu anjo.

– Que planeta é esse, Simão Beir?

– Um planeta entre muitos outros planetas, meu anjo.

– Que planetas são esses, Simão Beir?

– Eles são parte do Universo visível aos meus olhos humanos e carnais, meu anjo.

– Que Universo é esse, Simão Beir?

– A parte visível aos meus olhos humanos do corpo do senhor meu Criador, que é muito maior que tudo que minha imaginação, que é o olho de minha alma, possa ver.

- Ótimo, Simão Beir! Você já sabe distinguir a diferença entre espírito imortal e alma.

– Ainda não vejo isso com clareza, mas sei que há uma diferença muito grande entre ambos. Fale sobre ela para que eu possa lançar os alicerces do seu espaço no meu espaço, meu anjo.

– Sim, disso lhe falarei, olhos que vislumbram!

O espírito imortal é a centelha divina emanada do divino Criador e que vaga no Universo, que é o seu corpo divino, tal como as células sanguíneas de um corpo humano, que vão se multiplicando. Quando já cumpriram suas funções vitais, dão lugar a outras mais novas e transformam-se em novas formas de energias, sem que com isso deixem de existir, pois transformação não é morte, mas tão somente mutação para um estado vibratório diferente do anterior.

Assim como energia sempre é energia, e dor sempre é dor, então só existe diferença na intensidade vibratória e não na quantidade. Logo, intensidade é sinônimo de qualidade e isso quer dizer que só um espírito altamente qualificado pode almejar a quantidade e não o contrário.

Logo, só um espírito que vibra intensamente sofre transformações que o qualificam a multiplicar-se em muitos outros, tal como uma célula do corpo humano. E assim, ele multiplica-se e transmuta-se em outra energia, deixando o seu espaço para que outro o ocupe e possa ocupar outro espaço, já maior.

Quanto à alma, é algo diferente do espírito e muitos a confundem com ele, pois desconhecem que ela é só o estado do ser ou seu grau vibratório.

Alma é a vibração acumulada num ser imortal emanado do seu divino Criador, Simão Beir.

Todo espírito possui uma alma, que é a soma de suas evoluções nos muitos estágios já vivenciados por eles. Tal como as uvas da tua videira, são os espíritos humanos!

Umas mais doces, outras mais azedas.

Umas maiores, outras menores.

Umas mais acentuadas na sua cor, outras mais opacas.

Etc., etc., etc.

Logo, todas são uvas, mas de aparências diferentes aos olhos do bom observador, de sabores diferentes ao bom degustador e de paladares diferentes ao bom apreciador. Assim como necessitam cuidados diferentes do bom viticultor.

O espírito é a videira e a alma é o tipo de uva que essa mesma videira dá ao fim de cada período gerador.

Uma videira pode produzir uvas pequenas e doces. Já outras podem produzir uvas grandes, porém azedas.

Pequenas videiras podem produzir cachos grandes, suculentos e doces, e grandes videiras podem produzir exatamente o contrário, Simão Beir!

Então tens na videira o espírito imortal e nas uvas a expressão de sua alma. Tens na uva o espírito imortal e nas qualidades dela, sua alma, pois uma uva grande não significa que seja doce se os nutrientes absorvidos pelas raízes tenham sido ácidos, ou o calor absorvido por suas folhas tenha sido menor ou maior que o necessário ao seu bom amadurecimento, ou a água em maior ou menor quantidade para a boa geração delas, ou o vento mais suave ou inclemente à sua ideal oxigenação.

Nesse momento Simão voltou a inquirir do Anjo da Morte.

– Estás querendo dizer-me que o meio é o responsável pela formação da alma de um espírito humano?

– Sábio, Simão! Como poderias ocupar teu espaço se não soubesses disso?

Como entender o que tenho a lhe mostrar e explicar, sob a luz da lei e da vida, se disso não tinhas consciência?

Como lhe mostrar espíritos humanos, que com humanos não se parecem, pois suas almas atrofiaram-se ou deram-lhes aparências não humanas?

Como mostrar a forma sem que pudesses distingui-la da aparência?

Espírito é a centelha imortal que torna cada ente humano em um ser igual a todos os seus semelhantes, e alma é o acúmulo de vivenciações, boas ou ruins, de cada ser imortal que o torna tão diferente dos seus semelhantes.

Logo, o espírito é a igualdade na forma, e a alma é a diferenciação na aparência.

O espírito é a centelha imortal irradiada pelo divino Criador, a mover-se na imensidão dos Universos, e a alma é o acúmulo de vivenciações absorvidas na longa jornada do espírito.

– Mas, e quanto à aparência do corpo carnal?

– O corpo é só um meio, e como tal, só uma aparência e nada mais. Não importa a aparência de um ser humano se o seu espírito tiver uma alma virtuosa a animar suas emoções.

Pessoas belas aos teus olhos carnais podem causar-lhe dores ou sofrimentos. Assim como pessoas não belas aos teus olhos carnais podem trazer-lhe muitas alegrias no seu dia a dia se olhá-las com os olhos do espírito. Medite sobre essa verdade, Simão Beir! Tire dela tudo o que precisares para viver entre teus iguais na forma, mas diferentes nas aparências.

– Sim, isso é a verdade das verdades, meu anjo!

Tenho sepultado seres humanos mortos por outros seres humanos, iguais na forma, mas diferentes nas aparências, pois se uns eram guerreiros, outros eram agricultores. Se uns eram movidos pelo ódio da conquista, outros só procuravam cultivar a paz.

– Mas isso se deve ao meio, Simão Beir!

– Sim. O meio propiciou a uns e outros os seus modos de encarar os valores da vida de formas diferentes.

Uns achavam que suas vidas seriam melhor vividas se matassem, roubassem e escravizassem seus semelhantes, mas não os seus iguais, não?

– Exatamente, Simão Beir. O meio ou aparência em que nasceram, foram criados e vivem proporcionou-lhes essa visão distorcida da realidade. Logo, os conquistadores estão vivenciando uma alucinação e não uma verdade. Então, como alucinados que estão, um dia irão vivenciar nos seus espaços as energias acumuladas em suas centelhas imortais. Como alucinação é sinônimo de viciação, haverão de esgotar todas essas energias negativas para só então poderem voltar a acumular outro tipo de energias que alavancarão essas mesmas centelhas noutra direção.

– Mas por que o divino Criador permite isso, meu anjo?

– Isso eu só poderei lhe mostrar em casos concretos, Simão Beir.

– Como?

– Antes, responda-me: já se situou no teu espaço?

– Creio que sim.

– Então me fale disso, olhos que pensam que já podem ver a verdade por trás da ilusão de ótica!

– Sou um ser humano, um espírito imortal, que viu seus irmãos, amigos, pais e iguais na nossa tribo serem mortos e não acumulei ódio aos agressores. A única coisa que me ocorreu é que eu era impotente para impedir tais atrocidades e chorei a dor dos mortos e escravizados junto com a minha, e o meu choro se transformou na indagação: por quê, meu Pai?

Eu não pensei em matar quem havia matado, nem em roubar quem havia roubado, nem escravizar quem havia escravizado, pois, no meu reino (meus pais, irmãos de tribo ou amigos), não havia imantado minha centelha imortal com tais energias ou vibrações.

Logo, chorei, chorei e chorei! E procurei enterrar os corpos já sem vida que, como eu, também indagavam (choravam) mudamente: Por quê, meu Pai? Pois só Ele tem a resposta para essa pergunta, meu anjo!

Então meu espaço, na aparência, era minha aldeia, mas na forma é só o meu corpo carnal que é habitado por uma centelha divina, que é meu espírito imortal, que traz em si uma alma que vibra dor ou alegria.

E se ela vibra dor, então meu espaço está localizado num lugar chamado dor. Meu espaço é a dor, Anjo da Morte! Esse é meu espaço, que não tem um tempo definido para terminar, pois a dor não se mede no tempo que dura, e sim na sua intensidade, que marca nosso espírito imortal, pois a imanta com as vibrações doloridas acumuladas em nossa alma.

E se minha alma veste meu espírito com a dor, então meu espaço é a dor. Onde houver dor, lá estarei em meu espaço, seja no Universo visível aos meus olhos humanos ou nos Universos invisíveis do senhor meu Criador, que não posso ver senão com os olhos que Ele porá sobre os meus para que eu possa vê-los.

– Então acredita que já está se situando no teu espaço?

– Sim, pois já compreendi que se o tempo não existe para o espírito imortal, mas tão somente o espaço, então nesse momento só ocupo o que vibro. O meu espaço, na sua dor, procura respostas para que eu possa transmutá-lo em outro espaço, seja maior ou menor, e isso pouco importa, tal como a uva, desde que seja menos azedo, meu anjo.

– Se humano eu fosse, então diria: magnífico, Simão Beir! Mas como não sou, então digo: está bem, Simão Beir. Fique no teu espaço, que é a dor e, por meio da dor, vislumbre tudo à sua volta com os olhos do conhecimento e não com os olhos da ignorância, pois estes só turvam mais um pouco a visão já embaçada dos que habitam na dor, pois seus olhos carnais e espirituais choram a dor, que é seu espaço.

Já sabes a diferença entre o tempo, o espaço e também o que é estado vibratório ou alma. E como já estás alicerçado em teu espaço, falar-te-ei agora sobre os olhos do espírito humano.

– Sim, fale-me deles, meu anjo!

– Ei-los, Simão Beir: olhos do amor; da razão; do conhecimento; da fé; da lei; da vida; da sabedoria.

– Nossos sentidos capitais!

– Ou sentidos originais que têm guiado a humanidade no decorrer dos milênios incontáveis, em que civilizações sucedem civilizações, gerações a gerações, religiões a religiões, etc.

– Fale-me desses olhos, Anjo da Morte! Por favor, não deixe de falar-me deles, pois os meus olhos do conhecimento começam a se abrir um pouco mais agora que capto a diferença entre "olhos".

– Isso é bom, Simão Beir! Como você vê o senhor teu Deus?

– Eu O vejo como o inominável, não modelável, não penetrável, não visível e não palpável.

– Com que olhos tens visto, Simão Beir?

– Com os olhos dos meus pais, que O viram com os olhos dos pais deles, que O viram com os olhos dos pais deles, etc., etc., etc., que são os olhos da fé imortal.

– Muito bem, Simão. A alma de sua tribo vibra uma descrição que diz assim: "O senhor nosso Deus existe por Si só, pois Ele é o princípio, meio e fim de tudo, pois tudo foi emanado d'Ele e a Ele tudo um dia retornará". E isso lhe foi ensinado segundo as leis que regem seu povo, composto de outras tribos, não?

– Sim, meu anjo.

– Acreditas que essa "alma" coletiva esteja vibrando de forma agradável aos "olhos" do Pai?

– Sim.

– Então, qual a diferença entre o senhor teu Deus e o dos outros povos à volta do seu povo?

– Nada conheço sobre isso, Anjo da Morte.

– Então é preciso que "vejas" as outras almas coletivas do divino Criador para que eu possa conduzi-lo pelos abismos das sombras e da morte.

– Por quê?

– Como entenderás o que verás nessa sua jornada se não puderes distinguir a forma da aparência nas religiões?

– Isso é preciso?

– É de importância capital, Simão Beir!

– Como me será possível tal coisa, Anjo da Morte?

– Olhes, Simão!

– Com que olhos, meu anjo?

– Com os olhos que veem por meio dos olhos do Criador.

– Os olhos dos sentidos?

– Exatamente! Não podes ver a "alma" religiosa do Pai e também as dos teus semelhantes se só usares os olhos do corpo carnal, pois eles são limitados no tempo e não conseguem ver o espaço no qual esse tempo está contido.

– Eu não tenho meios de ver tais "almas" do divino Criador, pois sou limitado no meu espaço pelo meu tempo, Anjo da Morte!

– Então verá essas "almas" com os meus olhos, que são olhos que veem por meio dos olhos do Senhor, que tem tantos olhos quantos são necessários.

Eu, num piscar de olhos vislumbrarei todas as "almas" religiosas que lhe interessa ver para que possas "ver" durante sua jornada no abismo das sombras e da morte.

E num piscar de olhos, Simão Beir viu as "almas" coletivas do divino Criador a animar a videira humana que se espalhava por todo o planeta Terra.

– Eu as vi, Anjo da Morte! São muitas, e, no entanto, é só uma na origem, não?

– Certamente que sim, Simão Beir. Assim como a videira produz num mesmo pé uvas doces, graúdas, pequenas, ácidas, azedas, secas e suculentas, assim são as "almas" coletivas que animam os povos sobre a terra.

– Por que tantas "almas" coletivas se o divino Criador é único?

– Chegastes ao ponto crucial, Simão Beir!

Não lhe ocorre que umas são animadas por um dos sete sentidos capitais e outras por outros desses sentidos?

Se os iniciadores de uma religião ou "alma" coletiva são movidos pelo amor, certamente essa "alma" pregará sua fé n'Ele de uma forma diferente da "alma" que difunde sua fé n'Ele pela lei.

São só meios de divulgar o mesmo princípio.

– Isto quer dizer que os sentidos capitais estão por trás de cada "alma" coletiva, não?

– Exatamente.

– Então por que o sentido que imanta a "alma" coletiva dos assírios não os ensina que matar, saquear e escravizar é uma afronta aos olhos do divino Criador?

– Aí você tem uma "alma" coletiva agonizante ou viciada por princípios unicamente humanos, que são só, e unicamente, princípios políticos a mascarar ambições desmesuradas de poder materialista. Um Deus "adorado" com olhos negativos, pois permite o sacrifício humano como oferenda ritual, Simão Beir.

– O deus deles é modelado em barro e cozido no fogo. Elevam altares e neles realizam sacrifícios sangrentos. Isso é contrário à divindade Criadora e geradora da vida, não?

– Certamente que sim. Mas os sacerdotes de sua "alma" coletiva também realizam sacrifícios rituais, não?

– Mas isso é totalmente diferente, Anjo da Morte!

– Por quê, Simão Beir?

– Oras, eu...

– Não tens a resposta, não?

– Tudo isso me deixa confuso, Anjo da Morte!

– Um dos fundadores de sua "alma" coletiva ia sacrificar o próprio filho, não?

– Bem... mas o Todo-Poderoso não permitiu que ele consumasse tal sacrifício e ordenou que o substituísse por uma ovelha.

– Será que realmente foi isso que ocorreu ou ele foi um iluminado em seu tempo que criou toda uma situação dramática para poder então alterar os sacrifícios rituais de seres humanos por ovelhas, bem mais dóceis de serem mortas e não causadoras de lágrimas, pois elas não têm um pai, mãe ou irmão a chorar sua morte?

– Bom, eu acho que...

– Quem mais testemunhou a fala do Criador com Abraão? Quantos outros, antes dele, ou mesmo depois dele não sacrificou seres humanos em ritual de adoração a esse mesmo Deus, Simão Beir?

– Não sei, Anjo da Morte!

– Então não julgue os meios que animam as outras "almas" coletivas, pois também está sujeito a julgamentos, olhos que teimam em não ver!

– Sim, Anjo da Morte. Deveis saber de tudo isso, pois é o executor da lei do divino Criador, não?

– Sim, eu sei disso tudo. Assim como sei que os que alimentam com sua fé a "alma" coletiva do teu povo não são melhores nem piores que os que animam outras "almas" coletivas.

Logo, o que interessa ao divino Criador não são as "almas" coletivas, mas sim os seres humanos que as animam. É aí que está a chave da compreensão de como é o Senhor.

– Fales mais para que eu possa ter uma visão clara dessa chave, meu anjo!

– Eu falo, Simão Beir!

Lembras do velho Jacob, que comercializava as uvas que tua família e outras mais produziam lá na tua devastada aldeia?

– Sim, lembro-me.

– Como era ele, Simão Beir?

– Um avarento que mantinha a todos dependentes de seu poder, pois controlava o comércio da nossa aldeia com as outras.

– Eis a chave, Simão!

– O velho Jacob?

– Não, espírito que não quer ver!

Ele os escravizava de uma forma sutil e não violenta. Mas no fundo era igual aos assírios que levam seus irmãos de tribo para trabalharem para eles a troco de uma minguada refeição. Na aparência vocês eram livres mas, na forma, vossa dependência para com ele não era senão uma forma de escravidão.

Tal como Abraão substituiu o filho do sacrifício ritual por uma ovelha, o velho Jacob dominava sua aldeia substituindo os grilhões pela dependência ao seu poder comercial.

As aparências mascaram as formas negativas e ocultam as positivas. Quanto a tudo mais, são só justificativas dos meios usados para dominarem seus semelhantes.

– Sim, é isso mesmo, Anjo da Morte! Mesmo meu pai tinha uma família não hebreia a seu serviço. E os pagava com alimentos e vestes.

– Eis o ponto chave, Simão Beir!

Usar as forças de um semelhante para aumentar as próprias forças é um tipo de escravidão, e não importa que nome dê a isso. Podes ter um escravo ou um empregado e a forma se mantém inalterada, mudando só a aparência.

Na escravidão Assíria, o chicote os obrigam a trabalharem, senão não ganham as suas ralas refeições.

Na escravidão hebreia, a dependência os obriga a trabalharem, pois se não produzirem, não ganham alimentos e vestes, assim como um teto para dormirem.

Compreende isso, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. E sinto vergonha de mim mesmo, pois eu aprovava quando meu pai chamava seus empregados de vagabundos, pois produziam muito pouco e os ameaçava dizendo-lhes que iria dispensá-los.

– Não precisa sentir vergonha agora, Simão! Todos os seres humanos são parecidos no modo de agir e, se há alguma diferença, esta só existe na aparência, e não nos meios ou na forma. Deus não condena a dependência, mas sim como ela se processa.

– Mas...

– Os assírios estão matando, saqueando e escravizando para aumentarem suas forças, não?

– Sim, Anjo da Morte.

– Pois saibas que cada dor, lágrima ou morte causadas por eles, essa mesma "alma" coletiva alimentada por todos eles irá cobrar-lhes.

– Como?

– Isso logo ficarás sabendo como acontece, já que isso eu não posso adiantar-lhe, pois sua visão não está apta e ver como será a cobrança.

O que importa que saiba é que, se em determinado tempo uma "alma" coletiva se torna perversa, aos olhos dos homens e de Deus, isso se deve às vibrações humanas que a estão alimentando. Vibrações negativas imantam essa "alma" coletiva negativamente e logo essa mesma alma irradia negatividades sobre todos os que vivem ao seu abrigo ou sob seu manto protetor.

Também importa que saibas que ao divino Criador não importa qual seja a "alma" coletiva que um ser humano imanta com suas vibrações, mas sim, que tipo de vibrações ele irradia para ela, pois serão as mesmas que ela irradiará a ele.

– O que importa é o ser humano e não sua alma coletiva, não?

– Sim, é isso mesmo. Os sentimentos que cada um vibra animam sua alma, e vestem seu espírito imortal e também lhe facultarão o ingresso no paraíso ou a queda nos sombrios vales das sombras e da morte, Simão Beir!

De que adianta alguém orar contrito no templo se vive da prejudicar seus semelhantes?

– Sim, é isso mesmo, Anjo da Morte. Devemos olhar nossos semelhantes com olhos virtuosos. Também devemos ver neles se os sentimentos que animam suas almas são luminosos ou sombrios, positivos ou negativos.

– Conseguirás compreender teus semelhantes com os olhos do espírito, Simão Beir?

– Sim, Anjo da Morte.

– Ótimo! Falemos agora da grandeza do Criador! Começarei dizendo-lhe que você está contido em seu corpo divino. Nada existe fora d'Ele, pois onde Ele não está, nada existe. E como Ele está em todos os lugares e em tudo, então o "não existir" não existe no senhor teu Deus. Olhes para o alto e O verá. Olhes para baixo, para tua direita ou para tua esquerda e também à tua volta e também O verá. Olhes para frente ou para trás e ainda assim estará vendo-O.

Teu princípio iniciou-se "n'Ele". Teu meio existe "n'Ele" e teu fim será "n'Ele".

Vivas na luz, na carne ou nas trevas, e estarás vivendo "n'Ele, pois fora d'Ele nada existe ou sequer subsiste.

Ele é tão grande e tão grandioso, que o Universo visível aos teus olhos humanos é infinito em qualquer direção que olhares. Poderias voar numa só direção à velocidade da luz, viajarias para todo o sempre e não chegarias a lugar algum, pois estarias sempre no meio de Deus.

E se isso o deixa admirado, digo-lhe ainda que, paralelo a esse Universo visível, outros existem, e isso sem que se toquem ou se misturem, Simão Beir!

– Como?

– Tomes uma cebola como exemplo e então terás uma noção vaga do que estou dizendo.

– Uma cebola é uma quantidade de películas sobrepondo-se umas às outras, que vão formando-a, não?

– Isso mesmo, Simão Beir! Eu digo que, paralelo a esse Universo visível aos teus olhos, existem muitos outros e ainda assim não se tocam ou se misturam. Um desconhece a existência do outro e, no entanto, todos são partes do Pai.

– Para que servem tantos Universos, Anjo da Morte?

– Entendo sua indagação, Simão Beir. Digo-lhe que, tal como nesse planeta habitam muitas tribos e umas nem suspeitam da existência de outras, assim também são os Universos paralelos que existem.

– Disseste que se eu tomasse uma direção e viajasse à velocidade de um raio, nunca chegaria ao fim, pois sempre estaria no meio do Universo visível aos meus olhos humanos. Logo, eu não passaria por algum desses Universos, se são paralelos?

– Não. Isto é impossível!

– Se eu escolher uma direção e seguir por ela mil anos e depois começar a descer até passar para outro Universo, isso não é possível?

– Não. Em qualquer direção que viajares estarás sempre no meio do Universo visível aos teus olhos. Vibras num grau próprio desse teu Universo e por isso não os alcançaria nunca, pois eles só existem para seres que vibram noutros graus, próprios desses Universos.

– Logo...?

– Logo, a grandeza de Deus é tanta e de tal ordem que, a ti, uma centelha emanada "d'Ele", é impossível compreendê-la, mesmo que seja só na imaginação.

– Estou confuso, Anjo da Morte!

– Lembre-se de que deves saber que, quanto maior imaginares que seja o Criador, assim não estará vislumbrando a milionésima parte "d'Ele".

– Como sabes de tudo isso, Anjo da Morte?

– Quem sou eu, Simão Beir?

– É o Anjo da Morte, não?

– Sou, ou não sou?

– És.

– Eu já lhe disse que sou um dos incontáveis olhos "d'Ele", não?

– Sim.

– Então eu sei disso tudo e pronto, Simão Beir!

– Conduzes-me a vislumbres embaçadores dos meus olhos do conhecimento, Anjo da Morte!

– Estás chegando a mais uma chave para compreenderes o senhor teu Deus, Simão Beir.

– Que chave é essa, meu anjo?

– És capaz de imaginar como é o corpo d'Ele, depois do pouco que lhe falei sobre ele?

– Não.

– Então como O definirá, agora?

– Meu Deus é o princípio, meio e fim. Tudo está n'Ele e fora d'Ele nada existe. Ele se manifesta em tudo e em todos, e todos e tudo só existem porque são partes "d'Ele".

– Eis a descrição mais próxima da verdade.

– Para onde me conduzes, Anjo da Morte?

– À chave que lhe falei há pouco.

– Como posso chegar a ela de forma compreensível aos meus olhos humanos?

– Seus olhos humanos não te conduzirão a ela. Só os olhos do espírito conduzem a ela.

– Como vê-la, Anjo da Morte?

– Como disseste que os assírios veem o Deus deles?

– Uma imagem de barro cosida no fogo.

– Essa descrição de Deus é verdadeira?

– Não.

– Por que não?

– Como?!?

– Ela é verdadeira ou não, Simão Beir?

– Para mim é falsa.

– Por quê?

– Meus pais ensinaram-me como é o senhor meu Criador. Quanto a eles, adoram um deus feito de barro.

– Por que os assírios de hoje adoram Deus por meio de uma imagem de barro?

– Os pais deles e os pais dos pais deles ensinaram-lhes, não?

– Exatamente.

– Então...

– Sim. O meio cria a "alma" que envolve o espírito imortal existente em cada um deles. Logo, vibram Deus de acordo com as vibrações dessa alma.

– Não estão certos nem errados, pois nascem sob a influência dessa "alma" coletiva e aprendem desde o nascimento a ver Deus por meio da imagem que O simboliza para eles. Essa é a forma que têm para que possam vislumbrá-Lo.

– Mas não é a melhor forma.

– Nem a pior, pois a chave está nos sentimentos e não nas aparências. Lá também vivem seres humanos que O temem tal como você "O" teme; eles "O" amam tal como "O" ama; e "O" reverenciam com a mesma intensidade que "O" reverencia.

Logo, os sentimentos são os mesmos, ainda que direcionados para uma imagem colocada no topo de um altar ritual.

Então não é a imagem que importa, mas sim os sentimentos que a visão dela desperta no íntimo deles.

Se os que a reverenciarem o fizerem com sentimentos virtuosos ou positivos, estarão reverenciando ao Criador. Mas se o fizerem com sentimentos viciados ou negativos, então estarão ofendendo-O. O meio determina qual o fim, e não o contrário.

– Não compreendi isso, Anjo da Morte.

– Eu comento isso, Simão Beir!

Vislumbre isso dessa forma: alguém, um pai, leva um cesto de alimentos até um deus de pedra e agradece a Ele pela melhora do filho doente. Reza suas orações contrito e acredita que está reverenciando, agradecendo e retribuindo àquele Deus que ouviu seus clamores pela saúde do filho.

– Vislumbrei isso, Anjo da Morte! São muito parecidas com nossas oferendas no templo, não?

– Exatamente.

Ele não clamou por nada mais que um bem a um semelhante seu, no caso, o próprio filho. Logo, o Pai o ouviu, pois, antes de estar numa imagem de barro, já existia no próprio pai em questão, pois este é uma centelha emanada "d'Ele", não?

– Sim. Se nada existe fora de Deus, aquele pai não existiria se não tivesse sido criado por ele. Logo, algo do Criador existe n'Ele e está na sua forma e não na sua aparência.

Ainda que, aos meus olhos, essa seja uma forma tola de vislumbrarem o Criador, devo reconhecer que os sentimentos eram legítimos quando clamava por seu auxílio divino, ainda que uma imagem de pedra "O" simbolizasse.

– Está próximo da chave, Simão Beir!

– Ainda não vislumbro, meu anjo.

– Eu não posso mostrá-la a você, mas sim devo conduzi-lo até ela. Vá abrindo os olhos do seu espírito para que a veja.

– Conduza-me, meu anjo!

– O que sabia quando tinhas um dia de vida no corpo carnal?

– Nada.

– Com um ano?

– Talvez algumas palavras, alguns passos. Não sei ao certo. Deduzo isso porque isso eu vi em algumas crianças.

– Com dez anos?

– Falava, cantava, plantava, colhia, brincava, orava e muitas coisas mais.

– Muito bem, Simão Beir! Está diante da chave de acesso à forma do Criador. Veja-a e apanhe-a. Vamos!

– Como, meu anjo?

– Com um ano oravas?

– Não.

– Com um ano cantavas?

– Não!!

– Com um ano plantavas?

– Não.

– Com um ano falavas?

– Não, meu anjo.

– Com um ano você reverenciava o senhor teu Deus como fazia aos dez anos?

– Não, Anjo da Morte.

– Vislumbras a chave agora?

– Sim. Eu já a vejo, meu anjo!

– Então me diga como ela é, Simão Beir!

– Ela é dessa forma, meu anjo: um ser humano é um espírito imortal que vibra de acordo com sua alma, que é imantada com as vibrações da "alma" coletiva que é animada com os sentimentos dos que vivem sob o seu manto protetor. Logo, como condenar alguém que não teve outra opção, desde que nasceu, de conhecer Deus de uma forma mais elevada ou mais sábia?

Como condenar ao fogo do inferno alguém que aprendeu desde seu primeiro dia de vida na carne que aquela é a maneira ou forma correta de vislumbrar o Criador?

Como negar-lhe a proteção divina se outro meio ele não conhece?

Como condená-lo, se ele acredita que, ao agir assim, estará prostrando-se respeitosamente diante do verdadeiro Deus?

O meu Deus é verdadeiro, mas o d'Ele não é falso só por causa da aparência que lhe deram. Afinal, ela desperta vários sentimentos virtuosos no íntimo d'Ele.

Hoje eu vejo por meio dos olhos do Anjo da Morte. Mas há poucos dias nem isso eu imaginava ser possível.

Logo, cada um ocupa o seu espaço de acordo com seus sentimentos e não com as aparências usadas como meio para ocupá-los.

Todos são passíveis de transformação, assim como agora estás me transformando. E, tal como disseste, se a "alma" coletiva estiver imantada

de bons sentimentos, será agradável aos olhos do divino Criador. Mas se sentimentos negativos a estiverem alimentando, então ela será desagradável aos olhos dele. E, no devido tempo, todos serão punidos ou despertados para que possam vislumbrá-Lo com os olhos do espírito, que são os sete sentidos capitais virtuosos, e não com os olhos da carne, que costumam nos mostrar alucinações no lugar de verdadeiras visões.

Tal como hoje o Anjo da Morte me ensina, isso um dia outros anjos ensinarão muitas verdades de como é o divino Criador a outros.

A chave é esta, meu anjo: "Deus é o que é, e não o que imaginamos que seja ou como seja. Mas desde que nossos sentimentos para com Ele sejam virtuosos, estamos n'Ele, pois os sentimentos virtuosos são as chaves das portas que nos conduzem a Ele. E, como ninguém sobrevive à Sua margem, então os seres humanos movidos por sentimentos negativos estão morrendo, não importando a forma como O estejam reverenciando".

E o Anjo da Morte falou-lhe então:

– Se eu fosse humano, então diria: magnífico, Simão Beir! Mas como não sou humano, então eu digo: muito bem, Simão Beir. Finalmente encontrastes mais uma chave de ingresso ao senhor teu Deus!

Finalmente sabes qual é a grandeza "d'Ele" e O reconheces em tão poucos sentimentos, que são só sete. Logo, tu O encontraras em todas as "almas" coletivas quando olhares com respeito os que O cultuam de uma forma diferente da tua.

Agora sabes que Ele é tão grande que só uns poucos conseguem adorá-Lo de uma forma que não comporta aparências. Mas muitos são os que precisam de uma aparência para reverenciarem-No, pois Ele é o gerador de todas as formas.

Onde falta o conhecimento, o ser humano o preenche com sua imaginação. E assim caminha a humanidade rumo ao seu fim, que é viajar até o centro do Criador, que está no interior de cada um, habitando na centelha original, um dia emanada por Ele e que O contém por inteiro, pois quando não está encoberta com o escuro manto das ilusões humanas, brilha como as verdades divinas, que são as vibrações dos sete sentidos capitais, que são: amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida.

Só por meio dos olhos do espírito, que são esses sentidos capitais, um espírito humano, viva ele na carne ou não, verá Deus e n'Ele estará vivendo. Quanto a todo o resto, são só meios usados pelos homens para revelá-Lo ou ocultá-Lo.

– Sim, meu anjo. A grandeza do Pai já não me deixa confuso e também já sei como ver se um semelhante meu está adorando-O na vida ou negando-O na morte.

– Muito bem, Simão Beir. Mas antes de iniciarmos sua subida de volta à superfície, vou falar-lhe sobre as limitações do ser humano na carne e também da imortalidade do espírito humano.

– Eu o ouço, meu anjo!

As Limitações de um Ser Humano na Carne

E o Anjo da Morte iniciou a fala a Simão Beir.

– Olhe no mais profundo dos meus olhos, olhos que começam a enxergar, e veja como um ser humano na carne é limitado.

Veja que ele não é maior que o campo abrangido por seus sentimentos, sejam eles positivos ou negativos.

Olhe um homem no seu lar, aldeia ou nação.

1º – No seu lar, ele é o que transmite à sua família, e não o que aparenta ser fora dela.

2º – Na sua aldeia, ele é o que aos seus coaldeões ele aparenta ser.

3º – E na sua nação, que é um "corpo coletivo", ele é o que essa nação aparenta ser, não importando como ele seja.

Compreendeu isso, Simão Beir?

– Não pare agora, meu anjo. Mostre-me um pouco mais sobre isso!

– Eu falo, olhos que veem por meio dos meus olhos!

Num lar, um ser humano não é maior que seus sentimentos, pois o que vibra é captado por seus familiares que, de imediato, ampliam essas vibrações ou passam a combatê-las.

Imagine, pois a imaginação é o olho do raciocínio humano! Então imagine que um chefe de família impeça sua filha de casar-se com um rapaz com o qual não simpatiza. Logo, suas vibrações se chocarão com as da filha e do rapaz e então a resultante será "negativa" e destrutiva.

Haverá infelicidade no seu lar, pois, ao interferir no amor da filha, anulou o amor que ela sentia por ele e o substituiu por um sentimento de mágoa ou revolta.

– Ainda me é difícil compreender, meu anjo!

– Pense, Simão Beir! Esse pai limitou-se, pois daí em diante sua filha alimentará um sentimento negativo em relação a ele e nada mais que ele lhe disser terá importância e não vibrará nela. O bloqueio significa que esse pai está limitado por sua filha, pois, no íntimo dela, as palavras dele, ou não

encontrarão ressonância e posterior multiplicação vibratória ou despertarão vibrações altamente negativas e nocivas para ambos.

Ele limitou-se, pois ela não dará continuidade às suas ações (ordens ou pedidos), mas sim aos seus sentimentos mais íntimos (positivos ou negativos).

– Começo a entender, Anjo da Morte! Esse homem, por meio de sua vontade, limitou-se. Logo, o limite está nos sentimentos de cada um, sejam eles positivos ou negativos, não?

– Exatamente, olhos que começam a enxergar. Se um ser humano equilibra seus sentimentos (vontades) em acordo com os sentimentos alheios, seus limites se expandem. Mas se eles entram em choque, ele se limita.

– Esclareça-me por favor: se o pai quisesse evitar um mal para sua filha ao impedi-la de casar-se com o rapaz citado, isso também o limitaria?

– Sim.

– Por quê?

– A filha não entenderia as razões do pai e pensaria que é implicância dele. Entenda o que estou explicando-lhe! Eu estou falando dos sentidos, que são as medidas de um ser humano.

Entenda isso e passará a entender todos os teus semelhantes, pois poderá vê-los em suas medidas, positivas ou negativas.

Conforme as vibrações emitidas, elas poderão despertar outras, positivas ou negativas. As positivas expandem os limites de um espírito humano. Já as negativas não, pois são ativadoras de vibrações limitadoras ou bloqueadoras que retornam ao seu emissor original. Entendes isso, Simão Beir?

– Começo a compreendê-lo, meu anjo.

– Entenda tudo o que estou explicando-lhe, pois aí está a compreensão do próprio Deus.

– Como!?

– É isso mesmo, cego que se recusa a ver!

– Fale-me um pouco mais, meu anjo!

– Quando Deus cresce?

– Não sei. Fale-me disso também, Anjo da Morte.

– Se só um homem crer, amar e respeitar Deus com uma fé inabalável, n'Ele terá o tamanho dessa fé e amor a "Ele". Mas se muitos homens acreditarem, amarem e possuírem uma fé a toda prova, o Senhor será muito maior entre os homens, não?

E isso não contando que Deus, para ser é o que é, independe dos homens, pois é o Criador e não as criaturas!

– Dizes-me então que os limites são os sentimentos, positivos ou negativos, de um ser humano? Dizes-me também que um espírito humano cresce ou diminui de acordo com seus sentimentos, não?

– Exatamente!

– Mas assim como muitos vibram amor, fé e confiança, outros tantos podem vibrar ódio, ateísmo e insegurança!

– Você odiaria só porque um semelhante seu odeia?

– Não.

– Você deixaria de crer em Deus só porque outros não creem n'Ele?

– Você não deixaria de confiar na justiça divina só porque alguém diga que ela não existe?

– Também não. Eu sei que ela existe e é universal.

– Ótimo!

– Então a que conclusão devo chegar?

– Podes acalmar os sentimentos de ódio de um semelhante teu com palavras sábias e esclarecedoras?

– Sim.

– Também é possível fazer com que alguém volte a confiar na justiça divina e volte a vibrar amor, não?

– Creio que sim.

– Ao fazer com que alguém deixe de vibrar negativamente, estarás crescendo, pois passarás a viver no íntimo d'Ele. Não existirás na aparência d'Ele, tal como um adorno, mas sim em seu espírito imortal, pulsando sempre que ele vibrar os sentimentos positivos que despertares n'Ele. Assim acontece com os seres humanos entre si, assim como entre Deus e os homens em geral.

Ele vive nos sentimentos positivos dos espíritos e não na aparência perecível do ser humano.

Viverás eternamente no coração de um semelhante teu se despertares n'Ele fé, amor, razão, lei, conhecimento, sabedoria e vida. Mas morrerás nesse mesmo coração caso despertes n'Ele o ódio, a inveja, a cobiça, a paixão, a gula, etc., etc., etc.

Logo, teus limites, enquanto espírito imortal, são os teus sentimentos vibrados. Se positivos, viverás onde alguém vibrá-los, expandindo-te. E estarás morrendo caso eles tenham sido negativos.

Crescerás na luz e morrerás nas trevas.

Logo, o espírito humano pode ter certeza de que seus limites são seus sentimentos. Expansores, se positivos, e diminuidores, se negativos.

Um espírito humano cresce por meio dos sentimentos positivos e também sente Deus crescer no seu íntimo ao vibrar esses sentimentos. O Criador, que não pode ser visto, porque não tem forma, pode ser sentido, pois é um "sentimento" que se multiplica por muitos outros, todos derivados d'Ele.

E o inverso se aplica no caso de dares guarida aos sentimentos negativos. Isso agora lhe é visível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo!

Eu morri um pouco com a morte dos meus pais, irmãos, amigos e semelhantes. Não vibro positivamente, pois eles já não estão juntos de mim e sinto-me muito solitário.

– A solidão é a medida exata dos limites de um espírito humano, Simão Beir!

Olhe bem, e isto será tão visível que entenderás as diferenças entre os limites do espírito humano e do homem na carne.

A carne não é o limite de um ser humano, pois um rei reina até o limite de suas fronteiras. Mas será que esse mesmo rei vive no mais íntimo dos seus súditos? Ou será que em verdade ele estará morrendo no coração de muitos.

Não será o mesmo caso do pai já citado por mim? Por acaso um rei não é amado só pelos que se sentem beneficiados com seus atos e odiado pelos que se sentem prejudicados, sejam seus atos justos ou injustos?

– Vejo a verdade, meu anjo. Ela já me é tão visível quanto a mais sólida rocha.

– Isso é bom, Simão Beir, pois o que é verdadeiro resiste, tal como a rocha, às mais duras intempéries. Entenda as intempéries como mudanças nos sentimentos vibrados por um ser humano, só em espírito ou mesmo na carne.

Desde que uma verdade se aloje em definitivo na sua razão, nada mais abalará teus sentimentos quando fores posto à prova.

Se tiveres uma fé sólida em Deus, jamais O porás em dúvida, não?

– Sim.

– Se aprenderes a forma correta de semear, jamais irás lançar sementes ao vento e ficar à espera de que germinem e frutifiquem, pois saberás que não é assim que se semeia, não?

– Sim.

– Logo, para tudo tens que ter meios de chegar à verdade contida em cada coisa para que então se sinta firme nas tuas vibrações (pensamentos, palavras e atos).

E, para que assim seja, deves ter em mente que um ser humano tem seu espírito limitado aos sentimentos por ele vibrado.

Logo, as limitações de um ser humano na carne são os limites impostos ao seu espírito imortal, que será grande se vibrar sentimentos positivos ou será pequeno se vibrar negativo. Eis as limitações e os limites de um ser humano na carne.

Se um ser humano está feliz da vida e grato pela generosidade divina que o torna imortal, não existem limites para alguém assim, pois o Universo todo é amado por ele. Mas se está solitário, amargurado e triste, seus limites são esses mesmos sentimentos que o aprisionam em qualquer lugar que estiver, nesse mesmo Universo.

Um ser feliz é feliz onde quer que vá, e um ser solitário é solitário ainda que esteja no meio de uma multidão.

Então temos aí as medidas exatas das limitações dos espíritos humanos.

Quanto à imortalidade do espírito humano, podes defini-la assim: viva um ser na carne ou só em espírito, jamais deixará de vibrar, pois o espírito humano não é uma criação, e sim a emanação de uma centelha viva do divino Criador, que possui na sua herança ancestral divina os sentidos que tanto podem divinizá-lo como não, mas nunca deixará de vibrar ao menos um sentimento.

Logo, o espírito humano é imortal, pois a fonte que o emanou também é.

Já o espaço ocupado por você no imensurável Universo, que é o senhor teu Deus, corresponde ao alcance dos teus sentimentos. Ou o ocupa na sua luz ao vibrares sentimentos virtuosos ou és ocupado pelos sentimentos negativos, que são a negação d'Ele. Se vibras só sentimentos virtuosos, estarás ocupando todo o Universo Divino, pois Ele estará em ti por inteiro e serás parte d'Ele.

Mas se pulsas e latejas só sentimentos negativos, nenhum espaço ocuparás, pois estarás ocupado por inteiro pela ausência das coisas universais.

Se isso não lhe parece muito claro ou visível, então digo-lhe isto: um ser feliz é feliz onde quer que esteja. Já um ser infeliz é infeliz mesmo estando no meio de muitos seres felizes.

Logo, o espaço do ser feliz é todo o Universo, e o não espaço do infeliz é o mais íntimo do seu ser, pois é dali que partem as suas vibrações de tristeza que o impedem de ver algo que não seja motivo de mais tristeza, ou de sentir algo mais além de sua tristeza.

Vislumbre isso, Simão Beir: um homem feliz entende a fé, o amor, a razão, a lei, o conhecimento, a sabedoria e a vida. Já um homem infeliz não deixa de sê-lo caso não encare o seu dom da imortalidade com tais virtudes divinas, pois só elas, vibrando no mais íntimo do seu ser, irão preenchê-lo para que assim ele volte a ocupar seu lugar no seu lar, sua aldeia, sua tribo, sua nação, sua religião, seu povo, seu planeta e por fim o Universo, que é o corpo imensurável de Deus! Isso já lhe é visível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo!

Se estou feliz, para qualquer direção que eu olhar no espaço infinito estarei vendo a criação divina. Mas se estiver infeliz, para onde quer que eu olhe, só verei o vazio, pois estarei me sentindo vazio. E se estou vazio é porque não sinto o Pai em mim, pois Ele é a plenitude. E se nada vejo, não estou na Sua luz, uma vez que só os que habitam nas trevas (escuridão íntima) nada veem.

– Estás começando a ver o senhor teu Deus, Simão Beir! Vê como é fácil vê-Lo? Quem foi que lhe disse que Ele é invisível?

– Bem...

– Será que não foram pessoas cegas?

– Elas me pareciam sábios, meu anjo!

– Tudo o que lhe mostrei não encontra fundamento no mais íntimo do seu ser?

– Encontra, meu anjo.

– E o que eles lhe diziam encontrava fundamento no mais íntimo do teu ser?

– Despertava temor. Sim, um grande temor!

– Fale-me de como era esse temor que sentias, Simão Beir.

– Bom, eles diziam que Deus, apesar de invisível, a tudo via e nos punia implacavelmente. Tudo isso me assustava.

– Saiba que tudo que assusta não corresponde à verdade absoluta, mas sim à verdade relativa.

– Então, meu anjo, fale-me desses dois tipos de verdades, pois confundes minha visão mais uma vez.

– Eu não confundo a tua visão, Simão Beir. Apenas não estás vendo que ainda tens muitas deficiências visuais, que nada mais são que vislumbres, meias verdades ou verdades relativas.

A verdade absoluta é uma visão palpável e de fácil identificação. Já o vislumbre ou verdade relativa, nada mais é que a descrição da verdade absoluta por meio de metáforas.

Senão, vejamos:

Quando diziam que, caso pecasses, Deus o puniria, só estavam dizendo-lhe, que se vibrasses ódio, inveja, gula, desejos, etc., irias sofrer, pois tais sentimentos despertam vibrações íntimas negativas. E se o ameaçavam com a escuridão dos infernos, só estavam dizendo-lhe que seu espírito imortal iria sofrer, pois, na ausência dos sentimentos virtuosos, um ser humano deixa de ter amor, fé, razão e alegria e fecha-se em si mesmo. Logo, o mundo se fecha para alguém assim, que passa a ser prisioneiro, primeiro dos seus atos, palavras e pensamentos para logo ser prisioneiro dos seus sentimentos, e por fim ser prisioneiro de sua própria consciência, que é a prisão final de um espírito humano.

Então, se não lhe diziam a verdade absoluta, não deixavam de dizer-lhe a verdade relativa. Aí tens algo semelhante a verem Deus no Universo todo ou só num ídolo de barro.

Aí tens uma verdade relativa (o ídolo), que pode ser dividida, pois, à medida que nele avançares, muito maior ele será, uma vez que estará crescendo aos teus olhos.

– Magnífico, meu anjo! Toda verdade absoluta liberta o espírito imortal de um ser humano, pois lhe permite vibrar por inteiro e em todos os sentidos os sentimentos virtuosos. Já a verdade relativa lhe impõe limitações (temor, medo, culpa, mágoas), que são vibrações de sentimentos viciados ou negativos.

Logo, ao deixar de amar os meus semelhantes estarei negando-lhes tais vibrações virtuosas, e em consequência, estarei vibrando a ausência do amor, que nada mais é que vibrar a indiferença, a antipatia, a repulsa, o ódio, o rancor, a ira, etc., não?

– Sim...

– Logo, estarei afastando o Criador de dentro de mim, pois estarei anulando os sentimentos divinos, que são de paz, bem-estar, alegria, satisfação, gratidão, amizade, caridade, humildade, etc., que deixam um ser humano bem consigo mesmo e com todo o Universo à sua volta.

– Perfeito, Simão Beir! Deus é tudo isso e muito mais que isso.

Se pulsares um sentimento negativo, estarás criando dentro de si um vazio que será ocupado pela ausência Divina (sentimentos positivos).

Logo, na ausência de amor (Deus), irás pulsar a dor, Simão Beir!

– Isso é uma verdade absoluta, meu anjo.

– Então resuma e explique a verdade absoluta que se contrapõe e supera a verdade relativa, olhos que deixam de vislumbrar e começam a ver!

– Sim, meu anjo! O Pai não pune ninguém, pois Ele, que em nós é só sentimentos virtuosos, não comporta a punição, que é dor. Mas nós, ao deixarmos de pulsar sentimentos virtuosos (Deus), começamos a nos punir pois os sentimentos negativos (ódio, inveja, cobiça, desejos, etc.) despertam vibrações contrárias que as combatem até anulá-las, ainda que para isso tenham que neutralizar nosso espírito imortal.

Logo, se Deus (sentimentos virtuosos) é o bem-estar de um ser humano, a ausência d'Ele (sentimentos negativos) é o desconforto de quem O anulou em si.

– Então tens aí a diferença entre uma verdade absoluta e outra, que é só um vislumbre dela. Essa é a diferença entre uma visão e um vislumbre.

Visão é quando enxergas a verdade em toda a sua grandeza, esplendor e perfeição. Já o vislumbre, é só a intuição de que a verdade está muito próxima ainda que não possamos vê-la ou distingui-la nitidamente.

Muitos erros são cometidos quando o homem se confunde ao interpretar um vislumbre, Simão Beir!

– Por quê, meu anjo?

– Observe que cada raça possui um caráter, que dá solidez à sua alma religiosa coletiva, à sua moral (leis) e à sua política.

Isso tudo tem a ver com a própria natureza humana, pois ela é a fonte original dos pulsares de cada um, sejam eles positivos ou negativos.

Observe também que cada povo tem uma característica que o distingue dos demais. Em uns essa característica o destaca, em outros o estigmatiza.

Mas, ainda assim, o destaque pode provir de uma fonte negativa aos olhos de outros povos e o estigma pode ser objeto de reverência. Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Fale-me um pouco mais sobre isso, meu anjo.

– Eu falo, Simão Beir!

Quem eram os guerreiros que dizimaram sua aldeia natal?

– Assírios, meu anjo.

– Quem são os assírios?

– Assassinos e escravocratas!!!

– Estás detendo sua visão numa aparência, Simão Beir. Olhe a verdade absoluta que existe por trás da relativa caso queira emitir um juízo sólido.

– Mas onde está a verdade absoluta num povo dizimador?

– Não existem verdades absolutas só pela sua ótica pessoal. Elas existem em tudo o que há e deixa seus sinais, sejam eles positivos ou negativos, Simão Beir.

Se Deus é tudo, então ele também está presente nos momentos de dor de um ser humano, de uma família, aldeia ou nação.

Na aparência está uma ausência do Criador, que se mostra na dizimação causada pelos guerreiros assírios. Mas na forma (ação negativa) está a verdade absoluta, pois se eles trouxeram a dor, as reações podem ser positivas ou negativas.

– Como assim, meu anjo? Devemos nos resignar ante um ato desumano como este?

– O que fizeste depois da consumação dele, Simão Beir?

– Chorei.

– O que mais?

– Senti-me vazio, desnorteado e semimorto.

– Então sua reação pode ser classificada como?

– Negativa, não?

– Exatamente. Mas também tiveste uma reação positiva!

– Qual?

– Preocupou-se em sepultar os corpos dos mortos, não?

– Sim.

– Aí tens uma reação positiva. E continuaste a estendê-la a outras aldeias, não?

– É verdade. Mas não posso me dedicar eternamente a enterrar o mortos.

– Então qual será a sua próxima reação, Simão Beir?

– Talvez consiga alcançar aldeias ainda não dizimadas e alertá-los sobre o risco que correm não tendo um corpo de guerreiros a defendê-los.

– Acha isso possível?

– Sim, pois os assírios não são mais homens que nós. Bastará direcionarmo-nos para a defesa e poderemos impedi-los de continuarem com suas táticas de aves de rapina, meu anjo.

– Aí está, Simão Beir! Tens nessa sua reação o início da formação de um exército composto só por homens treinados para a luta (morte) unicamente com o intuito de preservar vossa paz (vida).

Logo, homens do seu povo matarão em nome da vida (paz). Mas quem pode assegurar-lhe que não irás despertar um pulsar negativo no seio do seu povo? Não tencionas despertar na consciência do seu povo um sentimento negativo? Matar um semelhante, mesmo não sendo um igual, não é uma afronta à vida (Deus)?

– Mas é só uma reação a um fato consumado, meu anjo.

– Pois é isso, olhos que não querem ver!

Um fato consumado também é uma verdade absoluta, ainda que de ordem negativa. A verdade está presente tanto na luz (Deus) como nas trevas (ausência de Deus).

Não podes se guiar por vislumbres, pois logo nada mais verás. Tens que se conduzir somente pela visão (verdade absoluta) e nada mais.

Se lançares as sementes de um exército nacional para o seu povo, hoje pacífico, irás colocá-lo no mesmo caminho dos assírios.

– Então devo ver em suas palavras que devo limitar-me a enterrar os mortos e lastimar o cativeiro dos meus irmãos de raça?

– Não foi isso que insinuei ao mostrar-lhe as consequências da sua reação. Só quis mostrar-lhe que, depois de iniciada uma ação, só uma reação maior poderá detê-la ou mesmo anulá-la.

– Estou confuso, meu anjo. Não consigo raciocinar só pela sua ótica. Mostre-me toda a verdade que existe por trás da rapinagem assíria.

– Eu lhe mostro, Simão Beir. Forme um corpo de defesa poderoso e anularás a ação assíria. E assim será enquanto esse corpo guerreiro coletivo for alimentado pelos pulsares do seu povo, não?

– Sim, meu anjo.

– Então, tal como é a "alma coletiva" (religião), será esse corpo guerreiro coletivo (exército). Será a essência dos pulsares do seu povo, que serão estes: medo de ser escravizado, morto e ter toda uma nação dizimada que o animarão.

Logo, esse exército (corpo guerreiro coletivo) nascerá com um objetivo comum: eliminar a ameaça assíria!

– Não era bem isso o que eu tinha em mente, meu anjo.

– Isso se deve à sua natureza pessoal, Simão Beir. Mas o caráter do seu povo, quando estimulado por uma ação negativa, reage e deseja anular por completo quem o ameaça.

– Como assim, meu anjo?

– Não diziam os sábios que os idólatras (verdade relativa) deviam arder nas chamas do inferno? Não diziam que, ao matar um idólatra, estariam praticando uma ação nobre aos olhos do Pai? Não diziam que, ao queimarem seus altares, estariam limpando da terra as sementes das trevas?

– Bem...

– Sim ou não, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Então logo que tenha um "corpo guerreiro coletivo" irá lançá-lo às terras assírias para libertar os seus irmãos escravizados, não?

– Sim. Acho que se eu, Simão Beir, conseguisse formar um exército, iria libertá-los e matar todos os assírios.

– Isso é certo ou errado, Simão Beir?

– Não sei, mas imagino que estaria fazendo um bem aos meus, agora escravizados.

– Então...?

– Seria um bem, meu anjo.

– Aí não tens a verdade absoluta com tal afirmação, Simão Beir. Ela é mais uma verdade relativa.

– Explique-me isso, meu anjo!

– A verdade relativa é que, libertá-los, nada mais é que uma consequência ou desdobramento da verdade absoluta que é sua reação à ação assíria.

Não anulas uma verdade absoluta (ação assíria) com uma verdade relativa (libertação dos escravos). Só uma verdade absoluta (dizimação dos assírios) anulará outra verdade absoluta (dizimação do seu povo). Isso lhe é visível, olhos que não ousam ver?

– Por favor, meu anjo, continue!

– Teu exército (corpo guerreiro coletivo) iria invadir as terras assírias, massacrá-los impiedosamente e libertar os seus, pois esse mesmo "corpo guerreiro coletivo", tal como a "alma coletiva" já os vê, iria vê-los como algo a ser destruído, pois incomodam a natureza pacífica do seu povo. Só depois de eliminá-los como ameaça ao seu povo e afronta o Criador, pois são idólatras, é que a reação deixaria de ser uma verdade relativa e passaria a ser uma verdade absoluta.

Libertar os já escravizados seria o passo seguinte ao desejo de defender os ainda livres. E eliminar a ameaça assíria seria devolver a paz ao seu povo. Logo, o terceiro passo (ameaça assíria) seria ungido com as bênçãos dos sábios sacerdotes, e a espada que matasse um assírio estaria sendo empunhada por uma mão da "alma coletiva" do seu povo, uma vez que ela, a alma coletiva, os vê com uma afronta aos olhos de Deus, pois são idólatras.

Logo, matar um assírio iria ser um ato abençoado pelos sacerdotes e queimar suas cidades e seus templos, um ato de purificação da Terra.

Com isso, a reação deixaria de ser uma aparência (verdade relativa) e assumiria uma forma (verdade absoluta).

Ela ganharia com isso (as bênçãos da alma coletiva), vida própria.

Logo, o corpo guerreiro coletivo (exército) passaria a ter movimentos próprios, pois havia sido ungido como mantenedor da paz. Daí em diante, como todo corpo, começaria a exigir alimentos para se sustentar e manter-se forte e saudável, condição primeira para manter a vida.

E, assim, todos os seus contribuiriam com algo para esse mesmo corpo guerreiro coletivo para que a paz não venha a ser ameaçada por outro corpo guerreiro coletivo que já não encontra alimentos suficientes entre os que o formaram.

Mas como a cada dia as necessidades se tornam mais caras (impostos), então esse "corpo guerreiro coletivo", nos seus movimentos próprios,

propõe tomar as terras dos povos vizinhos, pois com isso diminuiriam as suas contribuições individuais para mantê-lo forte e saudável.

Essa reação aos reclames do povo é a única visível a esse "corpo guerreiro coletivo", pois ele sente que existe para defender o povo que o formou, e não para tornar-se seu tormento.

Logo, que os povos idólatras, escravagistas ou mais fracos forneçam-lhe o sustento para que se mantenha forte e saudável, pois só assim não irão acusá-lo de ser um opressor do mesmo povo que o criou para manter a paz. Então, que os inimigos do povo que ele defende o sustentem.

E, assim, as consciências individuais que iriam amputar-lhe algum membro para que, doente, se tornasse menos voraz, pulsam novamente e lhe dão forças (armas, roupas, homens e alimentos) para que busque fora do corpo nacional o que não querem ou é impossível fornecer-lhe.

E a "alma coletiva" fornecerá os elementos (sentimentos religiosos próprios) que necessita para que essa ação (verdade absoluta) tenha uma alma relativa, pois irá subjugar ateus, idólatras, etc.

Ungido com as bênçãos da alma coletiva e incentivado pelas consciências individuais que já pulsavam contra ele, parte em busca de sua justificação perante os que o criaram e o sustentaram até que alcançasse maioridade (poder) diante dos corpos guerreiros coletivos dos outros povos.

Eis aí o início de uma ação (verdade absoluta)! Um exército existe para que os seus formadores (um povo) tenha paz (vida, ou seu Deus próprio).

Logo, suas ações são verdades absolutas, não importando se elas lhe pareçam positivas ou negativas. Pois se a ação assíria parece-lhe negativa, ao povo assírio que a está apoiando, tal ação é vista como positiva porque irá livrá-lo dos alimentos (impostos) que está fornecendo para mantê-lo forte e saudável e assim possa mantê-los vivos (em paz) diante de outros "corpos guerreiros coletivos". E isso com as bênçãos da "alma coletiva assíria" (religião), pois essa mesma alma, que tem como princípio o objetivo de manter em paz o pulsar dos seus formadores, está recebendo muitos pulsares (reclamos) do incômodo que a contribuição com alimentos para manter o seu corpo guerreiro forte e saudável está tirando-lhes a paz.

Então, que o exército (corpo guerreiro coletivo) mova-se e vá buscar onde lhe for possível os meios (recursos humanos e materiais) para que o peso desse mesmo corpo guerreiro coletivo não os esmaguem enquanto corpos e consciências individuais.

Eis aí, Simão Beir, a visão completa da ação assíria contra o seu povo e contra outros, também com corpos guerreiros coletivos fracos e que se deixam subjugar na tentativa de sobreviver diante de uma verdade absoluta, que é o poder assírio.

É melhor um escravo caldeu ter ao lado um escravo hebreu para ajudá-lo desde a semeadura até a colheita do que ter de fazer todo o trabalho sozinho.

Até aí tens dois pulsares diferentes que formam um corpo de produção coletivo, mas formado a partir de um pulsar negativo, tanto da alma coletiva quanto do corpo guerreiro coletivo assírio.

Logo, esse corpo de produção coletivo é uma verdade absoluta, pois ele existe. Quanto à sua formação, isso já se deve aos pulsares que o formaram. Se alguém tem que pagar o preço do sustento de um corpo guerreiro coletivo, que sejam os semelhantes, e não os iguais.

Quanto ao escravo caldeu, ficará feliz porque irá trabalhar um pouco menos. E o cidadão assírio, porque terá um pouco mais de produção, podendo assim ter mais sobras para os corpos individuais que um dia formaram seu corpo guerreiro coletivo para ficarem livres das ameaças de outras almas coletivas ou corpos guerreiros coletivos que lhes traziam a morte ou o aniquilamento religioso.

O que estás vendo agora, Simão Beir?

– Eu enxergo a verdade absoluta, meu anjo!

Se eu mantiver minha visão só observando o que acontece à minha volta, não vejo todo o espectro que desencadeou a ação assíria. Mas se visualizo todos os pulsares que a desencadearam, enxergo todo o horror que tem atormentado a humanidade desde sua origem, que é nada mais que um pulsar de poder ou fraqueza; de fé ou de medo; de segurança ou de descrença; de razão ou de cegueira; de sabedoria ou de ignorância.

O ser humano ainda não aprendeu a controlar os corpos coletivos que cria com suas pulsações mentais, e eles (os corpos coletivos) os tem levado ao horror da morte.

Se observo o micro, vejo um ser humano sofrendo uma injustiça. Mas se eu conseguir abranger tudo com minha visão, vejo milhões de micro-corpos sustentando com suas pulsações mentais os macrocorpos, ora opressores, ora libertadores dessas mesmas pulsações.

Vejo corpos coletivos que dão segurança a uns como balizadores das nações, pois para cada ação há uma reação que a contém, anula ou mesmo aniquila.

Logo, o que o homem cria, ele sustenta e também a ele compete destruir, pois sua criação não tem sustentação (vida) própria e só existe enquanto os pulsares mentais o sustentarem. Caso esses pulsares sejam positivos, positiva para todos em geral e cada um em particular será a ação desses corpos. Mas se negativos, negativa ela será.

Então não posso aceitar os ensinamentos que me falam de um Deus bom para mim e punidor dos meus semelhantes que não O veem com os mesmos olhos que eu.

Deus existe, é real, palpável e visível para todos. Mas cada um O vê segundo sua ótica ou ponto de vista pessoal ou, melhor ainda, meu anjo: conforme seus interesses (sentimentos) pessoais.

O mesmo Ser que a mim rege, rege ao assírio assassino. Mas eu O vejo como a força que me sustenta na minha dor, e o assírio assassino o vê na força que lhe permite ferir-me.

Mas, como eu sei que Deus é amor, fé, razão, conhecimento, lei, vida e sabedoria, então sei que o assírio não será punido por sua fé mas sim por seus pulsares mentais, pois uma vez que sua ação causa dor, e a reação, quando ela o atingir, dor lhe causará, porque o que ele desperta nos alcançados por ela, não está contido no Criador, mas sim revela a ausência d'Ele.

Logo, também vejo não só o assírio assassino mas também todos aqueles que pulsaram intensamente para que ele empunhasse sua arma mortífera sendo alcançados pela reação à sua ação, uma vez que não era uma ação individual mas sim a ação de um ou alguns corpos coletivos assírios.

Abrangi todo o espectro com minha visão, meu anjo?

– Para o alcance atual de sua visão, viste muito bem, Simão Beir! Mas tens que saber que um pulsar positivo é um pulsar mental e um pulsar negativo é um pulsar emocional. Aí, nessa distinção entre os pulsares, encontrará o Pai ou sua ausência.

– Como assim, meu anjo?

– Se Deus é amor, fé, razão, lei, conhecimento, sabedoria e vida, então sua ausência é ódio, descrença, loucura, deslealdade, ignorância, desconhecimento e morte.

– Ainda não visualizo o que me mostras, meu anjo.

– Observe de outro ângulo, Simão Beir! Se o Criador é todos os pulsares positivos, sua ausência são os pulsares negativos. E se Deus é a razão, sua ausência é suprida pelo pulsar emocional, que é a ausência do equilíbrio. Um ser equilibrado sabe distinguir um pulsar do seu raciocínio de outro, que parte do seu emocional.

– Sinto-me confuso, meu anjo!

– Mostrarei isso de outra forma, Simão Beir. Acompanhe minhas palavras com sua visão que ainda tem limitações emocionais e pouca abrangência racional. Responda-me: por que os assírios invadiram as terras do seu povo?

– Eles queriam mais escravos para produzirem mais alimentos, para poderem sustentar os corpos coletivos que criaram com seus pulsares mentais.

– Muito bem! Mas por que ou qual a razão desses pulsares, Simão Beir?

– Impossibilidade de sustentarem seus corpos coletivos (casta religiosa, política, militar, etc.)

– E o que essa impossibilidade lhes causava?

– Medo, meu anjo. Medo de serem punidos, esmagados ou sugados por eles, que precisavam ser alimentados.

– Ótimo, Simão Beir! Mas o que o medo revela quando um ser humano o está pulsando?

– A ausência de confiança ou fé. Não?

– Exatamente. A razão diz: "se acreditas, então não deves temer". Mas a emoção diz: "proteja-te, pois poderás ser atingido."

Logo, os pulsares não têm a mesma origem porque, enquanto Deus reside no mental humano, sua ausência se faz notar no emocional dos homens.

– Como assim, meu anjo?

– Digamos que o Pai dotou o ser humano de um campo energético que reage a todo estímulo recebido. Sejam eles positivos ou negativos.

Mas se todo estímulo de ordem positiva é assimilado pelo mental, que é a sustentação desse mesmo ser humano, os estímulos negativos não o são, e por isso ficam vibrando nesse campo até que sofram uma descarga total.

Logo, se um ser humano não reage com seus sentimentos positivos a uma ação negativa, seu emocional o forçará a uma reação muito violenta para que assim possa descarregá-lo.

Não será um pulsar mental que irá desencadear uma reação violenta porque n'Ele reside a razão. Já o emocional, este sim, a desencadeará, pois precisa livrar-se dos pulsares negativos que o incomodam. Isso já lhe é visível, Simão Beir?

– Ainda não visualizo o que tenta mostrar-me, meu anjo.

– Vamos ver de outra forma, Simão Beir. Observemos assim: você tinha dois pães e um faminto pediu-lhe um. O que fizeste?

– Eu me lembro disso, meu anjo!

– Então o que fizeste?

– Eu dei-lhe os dois pães, pois vi que também a família d'Ele estava faminta, meu anjo.

– Ele agiu positivamente?

– Sim. Pediu-me na esperança de que eu lhe desse ao menos um... e ganhou dois.

– Então ele reagiu de acordo com um pulsar positivo do seu mental, pois se o Criador é vida e amor, tu não lhe negarias um pão que o livraria da morte e da fome.

Mas, se ele pulsasse uma ausência de Deus e não acreditasse que darias ao menos um dos seus pães, então, com toda a certeza, o atacaria e tentaria tomar-lhe os pães para saciar a fome dele e de sua família.

Logo, a ausência do Pai provoca ações não racionais do mental, mas sim reações emocionais negativas, uma vez que essa ausência significa falta de fé nas virtudes dos seus semelhantes. E, no caso em questão, a tua virtude foi a caridade e a dele a humildade.

– Meu anjo, fico em dúvida quanto às diferenças entre o mental e o emocional. Mostre-me uma forma de poder distingui-las.

– Vou conduzi-lo por um caminho onde as dúvidas não encontram subsistência porque dúvidas são reações emocionais a ações não compreendidas ou visualizadas. Mas, para tal, tenho que lhe mostrar também o percepcional que existe em cada espírito, seja ele humano ou não, pois a percepção é comum a toda criação, seja ela animada ou inanimada.

No caso do homem ela o ajuda a distinguir o que é bom (positivo) do que é ruim (negativo), pois enquanto as vibrações positivas encontram ressonância na sua herança genética divina (origem divina do espírito humano) as negativas ficam retidas no seu emocional até serem descarregadas. E essa descarga tanto pode ser virtuosa (sabedoria) quanto viciada (ignorância).

Então a percepção, que é a extensão energética do mental, e que se irradia por todo o corpo espiritual humano, atua como conduto das vibrações que chegam a todo instante e de todas as direções a um ser humano.

É esse percepcional que lhe mostra que o fogo é bom para cozer os alimentos, aquecer o seu lar, etc., mas também pode queimar sua pele, caso o toque, ou a sua casa, caso alguém ateie fogo nela.

O percepcional é o meio que um ser humano tem à sua disposição para que se mantenha dentro de certos limites, toleráveis pelo mental humano, pois, se assim não fosse, não pararias nunca de comer um alimento ou fruta de que goste muito.

No exemplo que cito, o percepcional atua como receptor das vibrações do estômago, já cheio, que pede que parem de enviar-lhe alimentos senão terá sua função de triturador deles paralisada e, com isso, uma congestão alimentar matará o ser humano insaciável.

Observe que cada órgão de um corpo humano fala. Ele não se exprime pelo som mas sim em vibrações energéticas.

Tudo "fala" na criação e, para compreenderes a linguagem específica de cada um, é preciso primeiro aprender a compreender a si próprio, e à linguagem do seu próprio corpo carnal. Depois, deve aprender a linguagem espiritual, e por fim a linguagem divina (silenciosa) de toda a criação.

Nunca diga: minha boca fala! Diga: eu, como um todo, falo, pois mesmo em silêncio é possível a um semelhante meu compreender-me, porque todo o meu ser, que tem muitos meios de se expressar, fala o tempo todo!

Observe que, se estiver doente, e em silêncio, sua aparência dirá que estás doente.

Se estiver faminto, seus olhos estarão dizendo: "como é apetitosa aquela fruta!"

Se estiver subnutrido, teu corpo dirá: "como estou fraco!".

Se estiver com frio, teu corpo dirá: "como estou gelado!".

Se estiver com calor, teu corpo dirá: "como estou transpirando!".

Se estiver sozinho, seu todo mental dirá: "como estou solitário!".

Se estiver esgotado energeticamente, seu corpo dirá: "como estou cansado!".

Se estiver esgotado mentalmente, seu todo espiritual dirá: "como estou fraco!".

Se um órgão do seu corpo estiver doente (desequilíbrio energético, material e espiritual), por meio da dor (vibração em desarmonia com o todo ao qual pertence) dirá: "estás doente!".

E, assim, poderá ouvir a todo o Universo, pois se o todo (Deus) fala o tempo todo a quem tem olhos para vê-Lo e ouvidos para ouvi-Lo, então as partes também falam o tempo todo a todos ou a alguns que saibam como ver e ouvir as partes de um todo.

É assim com um mestre que sabe ver e ouvir as deficiências de um discípulo, pois elas lhe são visíveis e audíveis, e as corrige ao ensiná-lo.

É assim com o médico, pois ele sabe ver e ouvir as linguagens do corpo humano, porque ele ouve o todo (corpo) e as partes (órgãos do corpo humano) e indica o medicamento adequado a cada doença.

Observe que para toda linguagem há um intérprete para ela, pois o Criador, que é perfeito, não deixaria de criá-los. Logo, tudo e todos falam o tempo todo, mas nem todos ouvem tudo todo o tempo.

Observe que um ateu não aceita as palavras de um religioso, pois sua ignorância não lhe permite "ver" sua origem divina.

Observe também que um religioso não aceita (perdoa) um ateu, pois vê nele um desafio a Deus (Criador de tudo e de todos).

Mas observe também que nem todos os ateus se entendem, assim como nem todos os religiosos se entendem. Então tens que ver aí que são expressões de partes (ateus, religiosos) e não do todo (humanidade, Deus).

Logo, as partes, no seu todo, se exprimem numa linguagem geral (compreensível a todos) mas susceptível de muitas interpretações, pois nunca a parte poderá interpretar o todo enquanto o todo interpreta imediatamente as suas partes.

Isso é a base de partida para quem quiser ouvir todas as "línguas" faladas no Universo, mas uma de cada vez, pois o homem é só uma parte do todo (Deus) e nunca poderá ouvir tudo ao mesmo tempo porque essa faculdade o Todo não deu a ninguém ou a nenhuma de suas partes.

Sabendo disso, comece a ouvir cada parte de si mesmo para que, conhecedor de si mesmo como um todo limitado, possa começar a ouvir os seus semelhantes, e depois deles, o próprio Criador, pois só quem consegue ouvir a si próprio assim como aos seus semelhantes está apto a ouvir a voz do divino Criador, que fala (vibra) em muitas faixas vibratórias. Mas, ao ser humano, tanto na carne quanto em espírito, só é audível por meio das virtudes, uma vez que, fora dela, só encontrarás a ausência do Pai.

E o Anjo da Morte fez uma pausa prolongada dando a Simão Beir o tempo que precisava para absorver todo o ensinamento contido nas suas palavras. Logo, Simão Beir pediu-lhe:

– Por favor, meu anjo, continue, pois minha percepção está atenta às tuas sábias palavras!

– Eu continuo, Simão Beir! Sim, eu vejo que você começa a ver a diferença entre o percepcional e o emocional.

Observe que a percepção é uma malha ou teia que tem por função captar todas as sensações internas e externas e enviá-las ao mental, enquanto o emocional é um campo onde todas essas sensações ecoam.

Logo, se assim é, então tens bem visível que os sentidos do corpo humano (tato, olfato, audição, visão e paladar) pertencem ao percepcional, enquanto as reações (positivas, negativas ou neutras) pertencem ao emocional.

Com isso visível podes distinguir uma reação emocional de uma ação mental.

– Como, meu anjo?

– Ao olhar para uma flor dizes: "como ela é linda," não?

– Sim.

– Aí tens na visão um dos meios (sentidos) da percepção para distinguir uma flor das outras flores quanto às suas belezas relativas.

– Por que belezas relativas, meu anjo?

– Anote isso para um posterior esclarecimento, Simão Beir. Não quero interromper minhas palavras sobre a percepção agora, senão lhe ficará difícil distinguir as diferenças entre as ações mentais e as reações emocionais.

– Sim, meu anjo!

– Pois bem, sua percepção, por meio da visão, enviou ao seu mental (centro vital do espírito humano) a aparência que se destacou entre muitas outras flores, e o seu mental vibrou positivo porque a beleza é uma expressão de virtude.

Mas se se aproximar de algumas flores e inalar o odor exalado por cada uma delas, provavelmente a que achaste a mais bela não exale o odor mais agradável ao teu olfato. Logo, dirás: "aquela é a mais bonita, mas esta tem um perfume mais gostoso".

Aí tens a diferença que os sentidos possuem entre si ao enviar informações ao mental. Mas elas continuam, pois, se tocar nas pétalas das flores, sentirá umas mais macias, outras mais delicadas ou aveludadas ou duras, etc. Então dirá: "aquela ali é a mais agradável de se acariciar!"

Aí tens o seu tato, que também é percepção, enviando outro tipo de informação (vibração) ao teu mental.

Mas se continuar e morder pétalas diferentes irás dizer: "essa flor tem um sabor adocicado, naquela o sabor é azedo e aquela outra é sem sabor algum".

Aí tens o teu paladar a enviar mais informações ao seu mental.

Já quanto à sua audição, ela ouvirá, por comparação, a linguagem das flores, pois, se uma é usada numa cerimônia religiosa, outra é na matrimonial e ainda outra é na fúnebre, etc.

Logo, por uma associação de aparência (visão), odor (olfato), gosto (paladar), forma (tato), ouvirá a linguagem das flores. Então dirá: "esta simboliza a vida; aquela o amor; aquela a fé; aquela a razão; aquela a lei; aquela o conhecimento; e aquela outra a sabedoria".

Sim, quando sua percepção está à "flor" da pele, consegues identificar cada parte com uma das virtudes, pois cada parte tem em si o predomínio de uma das qualidades do todo.

Mas também já sabes que nenhuma das partes pode conter todos os atributos (qualidades) do todo.

Logo, a que é mais bela à sua visão não é a mais saborosa ao teu paladar, e assim sucessivamente aos teus outros sentidos.

Com isso chegas à conclusão de que, na percepção, tens os meios de distinguir com teus sentidos a predominância de uma virtude própria a cada uma das partes.

– Mas...

– Ainda não, Simão Beir! Espere eu concluir para que não fiquem dúvidas.

– Sim, meu anjo. Desculpe-me!

– Pois bem. Se, ao olhar para uma flor, ela é vista por você como a mais bela, e com isso a destaca entre todas as outras e isso lhe causa satisfação é porque a beleza é um atributo divino e quer dizer isto: "Deus ungiu essa flor com a beleza".

Já quanto ao odor, dirás: "Deus distinguiu essa flor com o seu perfume".

Quanto à forma, dirás: "O Senhor dotou essa flor de uma delicadeza (tato) incomum".

E assim será com cada sentido físico do ser humano.

Mas no geral, todas as flores são agradáveis de ver, tocar, cheirar, morder e finalmente ouvir, não?

– Sim.

– Isso tudo se deve à percepção, que distingue nesses atributos delas as qualidades limitadas das virtudes divinas.

– Qualidades limitadas, meu anjo?

– Falarei sobre isso depois, Simão Beir.

– Sim, meu anjo.

– Pois bem! No seu mental (centro vital do espírito humano) está armazenado todo um código energético, vibratório, colorido e magnético original que trazes em ti desde sua origem porque um dia, e não importa quando isso foi, pois o tempo não conta para teu Criador, vivestes como espírito original no interior gerador do senhor teu Deus, e isso não importa onde seja, afinal Ele está em todos os lugares.

Nesse meio gerador existem todas as cores, todas as vibrações, todas as energias e todos os magnetismos. Ali, no interior "d'Ele", eras de uma cor, um magnetismo, uma vibração e uma energia original. Logo, também eras único (tal como Deus) entre todos os que ali viviam (estavam sendo gerados). Todos eram semelhantes a ti, mas não iguais porque, se eras único, não tinhas par.

E, se Deus é único, toda a Sua criação também é única. Logo, podes ser parecido com teu irmão, mas não és igual. Tal como as flores, cada ser humano tem algo a distingui-lo dos seus semelhantes.

O Anjo da Morte fez uma pausa mas não foi interrompido no seu silêncio com uma indagação de Simão Beir. Então ele falou:

– Pois bem, por meio desse código energético, magnético, vibratório, colorido e também luminoso, viste, ouviste, sentiste e tocaste o teu Criador na tua origem, pois estavas sendo gerado no interior d'Ele.

Mas, tal como no útero materno, um dia foste expelido para o exterior do senhor teu Deus para que, assim, pudesse crescer enquanto ser único e indivíduo ímpar no meio de muitos outros indivíduos que formam o meio espiritual humano.

Dali, daquele meio gerador do divino Criador, trazes codificado no teu centro vital (mental) todas as vibrações, magnetismos, energias, cores e virtudes. Essas coisas estão em todo ser, gravadas como as virtudes divinas, pois cada cor simboliza uma virtude. Cada vibração harmônica é só uma virtude falando por meio dos atos, palavras ou pensamentos, humanos ou não, porque todo o Universo executa uma harmoniosa canção de virtuosismo do divino Criador.

Logo, encontras nas partes (flores) expressões próprias de cada virtude. Se em você uma se distingue, tal como nas flores, tens também conhecimento (registro) de todas as outras, pois foste gerado no meio gerador do teu divino Criador, que é Virtuoso, portanto Divino.

Então sua percepção encontra numa flor uma virtude, noutra, outra e assim tens para si que as flores são boas, pois elas, ao serem (enquanto tato, olfato, paladar, visão e audição) enviadas ao teu centro vital, encontram eco (ressonância) nas (cores, magnetismo, vibrações, energias, luminosidade) sensações vivenciadas por ele (mental) na tua origem.

Logo, o seu todo vibra harmonioso enquanto se mantiver à parte das flores e só admirá-las a distância.

Mas se passar a viver só entre as flores, absorverá tal quantidade de vibrações que inundarão teu mental até um ponto em que ele não mais aceitará como correto, pois na origem (geração) haviam muitas outras vibrações também agradáveis.

Logo, ele envia sinais (vibrações) de saturação. Isso é recebido pelo racional como insatisfação mental, que reage a essa insatisfação atuando sobre o emocional para que ele vibre insatisfação quanto à ausência de

outros magnetismos, cores, energias e vibrações pois só absorvendo às das flores, a sua capacidade mental de absorvê-las ficou saturada.

Aí, nesse momento, o emocional passa a ter sua função ativada pelo todo espiritual (vibração, magnetismo, energia, luz e cor).

A partir daí o emocional, que é um campo vibratório, ativa toda uma malha ou teia vibratória que passa a ser magnetizada com essa saturação mental quanto ao excesso de flores.

Logo, surgem sinais visíveis, audíveis, olfativos, sensíveis ou táteis e palatares de insatisfação com as flores.

É o excesso de uma das partes que satura o todo, que não sobrevive só em uma das partes.

Então surge, num ser submetido a tal experiência, uma repulsa ainda frágil ao seu meio (flores) e ele dá sinais visíveis e audíveis de que quer alterar o seu meio. Começa primeiro a arrancar as flores menos agradáveis aos seus sentidos.

Mas, como não anulou o campo vibratório emocional com uma alternativa racional equilibrada (virtuosa), ainda se sente insatisfeito.

Ainda que arranque todas as flores, essa insatisfação subsistirá porque a ausência da ação saturadora (flores) não causará uma ação mental (verdade absoluta), pois a reação emocional não foi uma verdade absoluta.

– Como assim, meu anjo?

– Muito simples, Simão Beir!

Matar as flores não equilibrou o todo, pois ele vibrava desequilíbrio devido à ausência de outras vibrações.

Para equilibrá-lo bastava enviar-lhe vibrações de outros seres humanos, animais, vegetais, etc. Com isso, o equilíbrio retornaria rapidamente, pois o mental saturou-se por estar recebendo vibrações só das flores.

Uma vez que elas são codificadas em sua origem como virtuosas (positivas), não existe uma reação (saturação) verdadeira do mental a elas, mas sim uma vibração de insatisfação quanto à ausência de outras vibrações oriundas de coisas que são diferentes das flores nas cores, magnetismos, energias, vibrações e luminosidade.

Nenhuma das flores precisava ser anulada (mortas) para devolver o equilíbrio vibratório do mental. Bastava trazer para o meio delas outras plantas, alguns animais, aves, insetos, seres humanos, etc., etc., etc., e o meio estaria em acordo com o amálgama energético gerador do espírito humano.

Arrancar as flores só privará o mental de vibrações codificadas como boas (virtuosas) por ele em tua origem enquanto ser individual, mas gerado num meio multienergético, multimagnético, multicolorido e multivibratório.

E isso se aplica a tudo mais na vida de um ser humano, tal como na alimentação, na diversão, no trabalho, etc.

O Anjo da Morte calou-se por um instante, e Simão Beir então perguntou-lhe:

– E quanto ao casamento ou a religião?

– Aí tens que dominar seu emocional e encontrar uma saída muito racional para não magoares a quem o está saturando, senão provocarás uma reação emocional que irá fazê-lo sofrer uma vibração mais desequilibrada que a de saturação da companhia.

E isso se aplica tanto ao casamento quanto à religião, pois se o casamento significa geração de vida, a religião significa sustentação da vida.

Sim, gerar por gerar, toda a criação gera. Mas dar um sentido divino à geração, só a religião consegue isso, pois coloca todos os seus atos, palavras e pensamentos sob a direção imprimida na sua origem pelo teu divino Criador.

Ela só lhe permite fecundar a mulher, unida a você num ato religioso, pois os filhos têm que ter um pai (Criador carnal) como referência, senão eles perderão a ligação com suas origens e se sentirão órfãos no meio onde viverão.

Por isso não tens nenhum registro humano de qual é a mais antiga religião, pois enquanto sentido divino de ligação do ser humano (filho) com o divino Criador (Deus), esse ela sempre foi. Na origem, o ser humano original não buscava o Pai, pois vivia no seu interior (centro-gerador). Mas quando foi expelido, um fio invisível o manteve ligado à sua origem e o sustenta, esteja onde estiver o seu espírito imortal.

Esse fio é o cordão da vida que sustenta o espírito imortal, pois Deus, enquanto energia, envia a Sua seiva vital à Sua criação. Toda a criação recebe essa energia vital divina, que a sustenta.

Então a busca de Deus é contínua num ser humano, viva ele na carne ou só em espírito, pois ainda que o homem bloqueie (anule) as vibrações divinas que lhe chegam, ele só está fazendo como o que arrancou todas as flores para acalmar (equilibrar) o seu emocional.

Como aquele não agiu racionalmente e continuou em desarmonia vibratória, este não encontra o equilíbrio, pois no mais íntimo do seu ser não tem uma explicação humana para sua origem.

O ato de negar ao Pai como origem da espécie humana, assim como de tudo o mais que existe, não o torna equilibrado, pois nenhuma outra fonte existe ou pode ser apontada como geradora.

Fora de Deus nada mais existe, certo, Simão Beir?

– Certo, meu anjo. Continue, por favor!

– Continuo, Simão Beir. Digamos que tua religião ancestral não o satisfaça. O que fazes?

– Não sei, meu anjo.

– Nega a Deus ou procura a causa da tua insatisfação?

– Certamente o lógico é procurar a causa da insatisfação.

– Certamente que sim, Simão Beir.

Talvez o sábio que a prega não seja agradável aos teus olhos, não?

– Sim. Isso é correto.

– Mas talvez a forma de ele falar do Criador não seja a mais agradável aos teus ouvidos, não?

– Sim.

– Ou talvez o modo de ele interpretar as leis da criação (de Deus) não o satisfaça, não?

– Sim.

– Ou então a "forma" como o Senhor lhe está sendo transmitida não o torne belo aos seus olhos, não?

– Sim.

– Mas também pode ser que a conduta indicada pelo teu sacerdote para satisfazer seus sentidos não lhe traga satisfação,

– Sim.

– Então qual a saída, humanamente racional, Simão Beir?

– Procurar outro sacerdote dentro de minha religião ou outra religião que satisfaça meus sentidos humanos sem violentar meus sentidos originais (virtuosos).

– Correto, olhos que veem a luz do saber.

Foi por isso que o Criador permitiu múltiplas formas de interpretá-lo (religiões) ainda que Ele seja único.

Se único é o Criador, individuais ou únicas são suas múltiplas criações.

Logo, todos não veem Deus com os mesmos olhos!

Por isso Ele dotou o ser humano, assim como todas as suas criações, de um campo percepcional e um campo emocional para vibrar em equilíbrio quando houver interação vibratória do exterior (meio humano) com o interior (meio divino).

Entenda o meio humano como a existência do espírito imortal após ser expelido do meio gerador divino. Mas o mental é o meio divino (fonte vital geradora) que o Criador depositou em cada ser individual e ali estão codificadas todas as leis da criação.

Se, já no exterior, um espírito imortal vibrar em harmonia (virtuosismo) com a fonte que o gerou, a parte estará vibrando em harmonia com o todo a que pertence. Mas se vibrar ou cair para faixas vibratórias não codificadas em seu mental como humanas, estava em desarmonia com a fonte geradora (Deus). Logo, não haverá interação entre o exterior e o interior.

Não haverá uma ação comum entre o homem e Deus, pois Ele é virtuosismo e fora d'Ele o homem estará só com seus vícios.

E, como uma parte não sobrevive fora do todo a que ela pertence, ela começa a morrer, pois adoece tal como um órgão do corpo humano.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo!

– Então lhe digo: o percepcional é para que distinguas todas as partes do teu divino Criador, e o emocional serve para que, por meio do teu racional, distinguas o que lhe agrada do que não lhe agrada ou do que é equilibrado (positivo) do que é desequilibrado (negativo).

Mas também serve para sinalizar as ausências e os excessos.

Uma ausência de virtuosismo torna um ser humano desagradável. Mas um excesso de um virtuosismo torna-o insuportável. Lembre-se que o virtuosismo tem que ser equilibrado.

Tens que absorver as vibrações do sacerdote só durante o ato religiosos e depois vivenciar o que dele absorveste por meio dos teus sentidos.

Assim como tens que absorver do teu mestre tudo o que ele tiver a ensinar-lhe e depois vivenciar tais ensinamentos no seu dia a dia. Só assim estarás vibrando em equilíbrio com o todo. Do contrário, surge a saturação mental. E para isso tens no seu emocional um campo onde as ausências ou excessos vibram para que detecte a origem da vibração exterior que vibra em desarmonia com a interior (mental).

Observe que uma dor vibra instantaneamente no seu emocional. Ela é física! Mas uma ofensa também vibra com a mesma rapidez. Por que isso, Simão Beir?

– Não sei, meu anjo. Fale-me sobre isso também.

– Eu falo, Simão Beir!

Na sua origem (Deus) não havia dor ou ofensa. Logo, tudo o que não havia na origem (Deus) será vibração ativadora do seu emocional, que reagiria de imediato.

Se a dor está sendo causada pelo ferrão de uma abelha, arrancas o ferrão ou mata a abelha. Se for por uma farpa de madeira, também isso fará para que cesse a dor. Após arrancá-los, a causa da dor cessará e teu emocional ainda vibrará os efeitos (ferimento) causados pelo ferrão ou a farpa.

Já no caso da ofensa, a reação é imediata, pois na sua origem as ofensas não existiam. Logo, reagirá de acordo com os meios que foste dotado na sua origem para repelires todas as vibrações em desarmonia com sua vibração original.

Com a visão enviarás energias ao ofensor ou desviarás tua visão, pois ele se tornará desagradável aos teus olhos.

Com teu tato (mãos) baterás dele, ou com outra parte (pés), dele se afastará ou o chutarás, etc.

Sua audição ressonará tal ofensa intensamente até que o ofensor se desculpe. Caso contrário, não retornará ao seu equilíbrio vibratório, pois a ofensa (vibração negativa) o desequilibrou.

E assim todos os teus sentidos reagirão contra a ofensa, pois na origem não existia ofensas, portanto, eles não a aceitarão.

Isso se deve à ação do campo emocional ativado pelo todo mental para que bloqueasses tal vibração, pois ela está em desacordo com o interior (mental) virtuoso.

Aí, a reação unicamente emocional é como a verdade relativa da sua reação contra a ação dos assírios. Ela só se tornará uma ação (verdade absoluta) se subjugares o ofensor ao seu modo de ser, falar e agir. Só assim a sua reação lhe trará paz (equilíbrio) no emocional.

Mas isso só será conseguido se tiver um corpo de luta (força física) para subjugá-lo, pois talvez a ação dele tenha razões numa sua ação anterior, pois cada verdade absoluta (ação) tem sua origem noutra verdade absoluta (ação).

A verdade absoluta dele pode ter sido despertado por uma reação negativa sua a um pedido (positivo ou negativo) dele.

Caso tenhas dito não a um pedido, reagiste com uma verdade absoluta (não = ação negativa) que despertou nele uma reação emocional. Caso ele se calasse, o emocional dele ficaria pulsando até que algo o amortecesse. Mas nunca ele eliminaria essa vibração negativa até que a descarregasse de forma violenta. E foi o que ele fez, pois reagiu com uma ofensa.

Só assim o emocional volta a vibrar em harmonia com o todo, pois os sentidos (percepcional) voltam a enviar ao mental (interior) vibrações que dizem que tudo voltou ao normal no exterior.

Mas, como toda reação emocional só provoca outra mais intensa, logo, o desequilíbrio volta e tudo no exterior piora.

Então tens que acalmar suas vibrações emocionais com ações humanas racionais.

Deus dotou-o de uma faculdade chamada memória. Ela lhe permite raciocinar em cima de fatos já consumados ou próximos de acontecer, pois algo que está por vir sempre pode ser associado a algo já vivenciado. Por comparação, vislumbras o que ainda não é visível.

Assim, por meio da memória ativas uma faculdade dela, o raciocínio, e meditas antes de reagires a uma ofensa.

Para meditar, tens que ter domínio sobre a tua razão e os limites dela. Só então isso farás.

Depois de meditares, então dirás: "eu disse algo que o decepcionou ou magoou ou o ofendeu! Eu sou a causa das minhas vibrações emocionais negativas. Logo, eu mesmo, com meu sentido de consciência racional, a elimino do meu emocional e também a eliminarei do emocional dele".

Caso não consiga eliminá-la do emocional do ofensor, ao menos o seu mental estará em harmonia, pois a sua reação foi de ordem positiva (virtuosa) e conseguiste com uma vibração interior intensa (meditação), anular as vibrações exteriores.

Só com vibrações (ações) interiores intensas anulas as vibrações exteriores. Uma vibração exterior (emocional) não anula outra vibração exterior. Ela só substitui um tipo de vibração negativa por outra mais nociva ao todo.

Em geral, o homem é mais sábio com as outras espécies que com os de sua espécie.

No caso da abelha, ele sabe que foi picado porque se aproximou demais dela ou a provocou.

Mas com seus semelhantes ele não observa isso e não aceita calmamente as reações que provoca.

É preciso que o homem saiba que os seus semelhantes só são seus iguais nas virtudes, mas não na forma de vislumbrá-las. Senão, vejamos isso, Simão Beir.

- Um juiz é virtuoso. A lei é uma virtude.
- Um sacerdote é um virtuoso. A fé é uma virtude.
- Um mestre é um virtuoso. O conhecimento é uma virtude.
- Um sábio é um virtuoso. A sabedoria é uma virtude.
- Um médico é um virtuoso. A vida é uma virtude.
- Um pensador é um virtuosos. A razão é uma virtude.
- Um ser amoroso é um virtuoso. O amor é uma virtude.

Mas vejas isso de outra forma:

Um juiz que aplica as leis pode não fazê-lo por amor à criação (vida) mas sim por gostar de punir a quem atenta contra essa mesma criação (leis da vida).

Logo, um ser movido pelo amor agiria de outra forma que o juiz punidor.

Mas, como nem sempre a lei alcança seus objetivos só com a punição dura, nem sempre o amor alcança seus objetivos com sua pureza, compreensão e delicadeza.

Logo, para cada ação consumada (verdade absoluta), que se pense várias reações até encontrar a mais adequada para torná-la uma ação positiva (verdade absoluta virtuosa).

E assim tens nas sete virtudes originais as formas particulares que cada ser humano tem à sua disposição para externar sua natureza íntima e ímpar em meio a tantos semelhantes, mas nunca iguais.

Isso te é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Enquanto a percepção capta todo tipo de vibração no exterior, o emocional devolve ao exterior a reação mental (interior) a elas.

- Se foram de dor, lágrimas;
- Se foram de carinho, satisfação;
- Se foram de alegria, sorriso;
- Se foram de amor, prazer;
- Se foram de lealdade, confiança;
- Se foram de fé, religiosidade;
- Se foram de ódio, indiginação;
- Etc., etc., etc., não?
- Correto, Simão Beir!

Agora já sabes que o emocional é só um reflexo do que o percepcional envia ao mental. Se captares vibrações positivas, positivas externarás, não?

– Sim, meu anjo.

– Mas lembre-se que, mesmo para as vibrações positivas, há um limite. Compreende isso?

– Sim, meu anjo. Eu compreendo!

– Então fale-me disso, olhos que já veem.

– Eu falo, meu anjo. Veja isto:

Um recém-nascido recebe os carinhos afetuosos dos pais e se agrada com isso. Cresce mais um pouco e já não precisa mais de afagos, mas sim de palavras que o estimulem. Mais um pouco cresce e precisa de palavras que o ensinem. Outro tanto cresce e o que precisa são de palavras que o incentivem a direcionar sua própria existência. Quando finalmente a forma, precisa de palavras que lhe digam que está agindo corretamente. E, por fim, palavras que lhe digam que fez o melhor que pôde dentro de suas limitações na carne.

Se os pais só o tivessem afagado a vida toda, ele nunca tomaria uma atitude (ação própria), e certamente seu emocional detonaria uma série de vibrações oriundas do mais íntimo do seu ser (interior ou mental), que por ser composto na sua origem de vibrações magnéticas, energéticas, luminosas e coloridas, necessita de diversidade para nelas encontrar a unicidade (Deus).

Na diversidade (partes) chegamos ao todo (Deus). Quanto mais vibrações o nosso exterior captar, mais o nosso interior se fortalecerá, pois nosso percepcional, com o tempo, fará com que distingamos nos nossos semelhantes, mas não iguais, quais as vibrações emitidas por eles que são iguais às nossas.

Só assim, pois outro meio não existe, poderemos manter nosso emocional vibrando apenas ações virtuosas oriundas do nosso interior (mental) e isentando a nós mesmos de dar guarida às vibrações emocionais oriundas de desarmonias mentais exteriores.

E, tal como citei um recém-nascido, eu poderia citar todo o desenrolar de um matrimônio:

- 1º- Vê-se uma moça bonita. Início.
- 2º- Passamos a amá-la. Atração.
- 3º- Passamos a querer nos aproximar dela. União.
- 4º- Queremos acariciá-la. Desejo.
- 5º- Queremos possuí-la como mulher. Prazer.
- 6º- Queremos tê-la como companheira. Casamento.
- 7º- Queremos nos perpetuar nela. Filhos.

Etc., etc., etc.

Logo, isso se aplica ao estudo, á religião e à vida, não?

– Sim, Simão Beir. Como o gerador de tudo é único, tudo se repete na natureza. Ainda que na aparência existam diferenças, nas formas elas inexistem.

O mesmo processo de fecundação humana se repete em toda a natureza, seja ela animal, vegetal ou aquática. Cada meio e espécie tem particularidades próprias, mas a forma é sempre a mesma. Então o exemplo citado por você pode ser transposto para todas as situações que imaginares.

Tudo tem um princípio, meio e fim. Após alcançar um fim limitado, teremos outro início em outro meio para que outro fim seja alcançado.

Isso é o que torna o Universo imutável e no entanto dinâmico, pois as leis que o regem são dinâmicas. A inércia não faz parte do Criador, pois ele é gerador e, como tal, não pode ser compreendido como "algo" inerte.

A inércia também significa um fim alcançado e um início não iniciado.

Se esgotas um assunto, outro tens que iniciar, senão te tornarás repetitivo, vazio, etc.

Foi por isso que já lhe falei, que ainda que existam Universos paralelos, podes mergulhar em qualquer direção do "seu" Universo e jamais chegarás ao fim dele.

Tal como os Universos, tens dentro de si as virtudes, mas são paralelas no avanço.

Qualquer direção que tomares numa delas, ela não tocará nas outras.

Quanto mais avançares numa delas, mais estarás te distanciando das outras. Por isso não deve fazer só a caridade (amor) sem ensinar (conhecimento).

Deve dar o alimento ao faminto, mas também deve ouvir seus clamores. Depois deve encontrar as razões que o levaram a uma situação de penúria e mostrar-lhe onde falhou. Depois deve mostrar-lhe os meios de sair da situação atual e começar uma nova caminhada para alcançar a paz.

Então, não será só doando alimentos num ato de amor para com os que têm fome que irás alcançar o Pai no seu todo, pois estarás vivenciando só uma das partes de uma das sete partes de Deus nos espíritos, enquanto sentidos virtuosos.

Assim, também não é bom para um espírito recolher-se nas orações sem outro fim que o de se purificar do meio onde habita. Não é afastando-se do meio que alcançarão o Criador.

Mas no dia em que disseminares Deus (virtudes) por todo o "meio", estarás chegando muito próximo d'Ele, pois Ele estará vivo no meio, outrora desvirtuado.

Nunca poderás purificar-se do mundo fugindo dele. Sua purificação se dará à medida que fores despertando o mundo para a pureza (virtuosismo). Essa é a luta travada pelo homem contra si mesmo.

Ele acha difícil viver num meio adverso, mas pouco faz para virtualizar seu meio viciado.

Logo, os milênios vão se passando e o homem, só excepcionalmente, se diviniza. E isso não sem uma ferrenha luta interior.

Então, pouco adianta dizeres: "eu sou puro, logo estou em Deus!".

Não, isso é um erro característico da ignorância humana.

Deves dizer: "eu sinto Deus em mim, pois amo meus semelhantes e só quero o melhor para eles. Logo, vou ensiná-los como devem fazer para sentirem que eles também têm o Criador dentro de si, já que só precisam disso para ser felizes."

Lembre-se sempre que um dia viveste no interior do Pai quando eras gerado. Mas após tua emanação, Ele passou a existir de duas formas:

1ª – Forma exterior: tudo o que teus sentidos conseguirem distinguir e enviar ao teu mental. O que vibrar positivo é Deus. O que vibrar negativo é ausência d'Ele.

2ª – Forma interior: herança genética divina (virtudes arquivadas no mental) Sua natureza íntima destacará uma delas como caminho a ser trilhado e às outras como apoios ou balizadores dos limites da via escolhida.

Então tens dois meios de encontrares Deus. Mas a exterior é só um vislumbre d'Ele, enquanto a interior é a visão d'Ele, pois, ao pulsares virtuosamente, estarás sendo um espelho onde Ele se refletirá e será refletido para que possa ser visível aos que ainda não têm olhos para vê-Lo.

No exterior, tocas em partes do Pai.

No interior, vibras as virtudes do divino Criador, que O tornam vivo em todo o teu ser imortal.

Ao "ver" Deus, reages, mas ao senti-Lo, vives.

Se encontras uma parte d'Ele numa flor, te encantas com a beleza dela. Seu emocional vibra, pois o mental tem codificado que uma planta é emanação do divino Criador. Logo, o emocional vibra o desejo de ter aquela flor para si, pois estará possuindo uma parte de Deus. Essa forma de encontrá-Lo por meio do exterior é classificada de possessiva ou absorvente.

Já o encontro de Deus pela via interior é classificada de geradora ou expansivista.

Sim. Quando tens o Criador a partir do teu interior, irradias um virtuosismo que impressiona os teus semelhantes.

Mas quanto o tens em si por meio do exterior, então você é que foi impressionado.

Isto é compreensível a você, Simão Beir?

– Não, meu anjo. Por favor, mostre-me isso também.

– Eu lhe mostro, olhos que querem ver.

O sacerdote de sua aldeia ensinou-lhe sobre Deus, não?

– Sim.

– Pois esta é a visão do Senhor a partir do exterior.

Mas os teus pais lhe pediram para que os amasse?

– Não. Eu os amava porque os amava, sem imposição alguma.

– Pois é isso, Simão Beir!

A via interior é expontânea. Ela não precisa ser estimulada para existir. Seus pais morreram mas não deixaste de amá-los. Esse amor é um sentimento divino, portanto, imortal. Uma vez que ele independe de formas (exterior) para sobreviver, pois é só um sentimento seu, ele é uma vibração divina. Ele é o alimento de si próprio. Nem a ausência (morte) dos seus pais o anulou ou diminuiu sua intensidade (vibração).

Logo, Deus existe no mais íntimo do teu ser por meio da herança ancestral genética divina, que são as virtudes.

Mas você só O terá vivo em suas palavras, atos e pensamentos quando Ele se fizer vivo em você, tal como no caso do amor que sentes por teus pais. Eles estão ausentes, mas o amor é vivo porque é presente.

Deus não pode nem deve ser visto, sentido ou mostrado a partir de uma reação emocional. Não. Ele tem que ser a expressão de uma ação mental.

Sim, só assim expressarás o Criador nos teus atos, palavras e pensamentos, pois todo ato mental é fruto da meditação passada pelo crivo rigoroso da razão para só então ser a motivação de todas as suas sensações.

Sim. Só com a meditação que amadurece os frutos da árvore da vida, que são teus sentidos virtuosos, passarás a ser uma árvore da vida.

Tal como o amor que pulsas por teus pais falecidos, que é imortal, pois é fruto de tua geração carnal por eles, seu amor pelo Pai tem que ser fruto de sua fé por Ele. Uma vez isso existindo, nada mais irá desligá-lo do seu Criador.

Encontrá-Lo por meio do exterior auxilia um ser humano na sua busca de Deus. Mas o reencontro final só se dará se encontrá-Lo no mais íntimo do teu ser imortal, pois ali Ele reside como uma semente indestrutível e imortal que só precisa do seu descobrimento dessa verdade para brotar por meio dos seus sentidos mais nobres, que são as virtudes divinas chamadas de: amor, fé, lei, razão, conhecimento, sabedoria e vida.

Cada sentimento desses traz em si todos os outros seis e por isso lhe digo Simão Beir: Deus só vive de verdade naqueles que irão vivenciá-Lo por meio dos sete sentidos divinos de uma só vez.

De nada adianta o amor sem a fé ou a lei sem a vida ou o conhecimento sem a sabedoria, senão tudo perde a razão de ser, uma vez que o Senhor é uno e indivisível.

Da vivenciação de uma das virtudes, em equilíbrio com as outras seis, passas a ser uma expressão única e indivisível do teu Criador.

E, se na origem nascemos em Deus, no meio aprendemos que na ausência d'Ele só sofremos, pois só assim, no fim, renasceremos n'Ele.

Assim é com os espíritos humanos como assim também o é para toda a criação divina, eu inclusive, que sou o Anjo da Morte.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo! Quantas chaves de acesso colocas à minha frente, Anjo da Morte! Já não vislumbro o meu Criador. Agora eu o sinto vivo em mim.

Sim. Ele vive em mim por meio do amor que sinto pelos meus pais, meus irmãos, meus amigos. Mas também vive na confiança que tenho na sua justiça divina, que é anterior a tudo que eu conheço e superior a tudo o que eu possa imaginar.

Também o vejo vivo nas tuas sábias palavras, que em mim penetram como conhecimento vivo do meu Criador e que, no seu devido tempo, me conduzirá à sabedoria das coisas divinas.

Cada frase sua é uma chave a um mistério e cada mistério é uma das muitas partes do senhor meu Deus, que só as verei ao vivenciá-las por meio das expressões dos meus mais nobres e elevados sentimentos, que são as virtudes divinas.

E Simão Beir caiu de joelhos diante do Anjo da Morte e chorou, chorou e chorou. Tanto chorou que suas lágrimas formaram uma pequena poça d'água à sua frente.

Quanto tempo ficou chorando? Que importa isso se aos que choram em Deus, e por Deus, o tempo não conta! Então, quando seu pranto cessou e só soluços saíam de seu peito, o Anjo da Morte falou-lhe:

– Simão Beir, agora vou falar-lhe da beleza relativa. Lembra-se dela?

– Sim, meu anjo.

– O que é a beleza para você, Simão Beir?

– Beleza é a expressão de algo que é agradável aos meus olhos, meu anjo.

– Mas tudo que é belo aos teus olhos também o é aos teus semelhantes?

– Nem sempre. Pois a flor mais bela aos meus olhos pode não ser a mais bela das flores aos olhos de um semelhante meu.

– Então?

– Então a beleza de uma flor é uma beleza relativa, pois agrada mais a uns e menos a outros. Estou certo, meu anjo?

– Sim, Simão Beir. E, como esse exemplo exprime uma verdade, também poderá transpô-lo a todo o resto da criação, que sempre estará certo.

Tal como a flor, poderia dizer que o tipo de mulher do seu povo, e que para você é a mais bela, a um espírito nascido em outro povo, certamente ela não será a mais bela.

E assim, sucessivamente, em qualquer exemplo que tomares por base esse princípio, que exprime uma verdade. Logo, é uma verdade absoluta.

– Meu anjo, já que mostras a beleza relativa, então mostre-me uma beleza absoluta.

– Eu lhe mostro uma beleza absoluta, Simão Beir!

Mas antes eu digo que uma beleza absoluta só é visível aos olhos aptos a vê-la.

– Como assim, meu anjo?

– Simples, muito simples, olhos que querem ver as belezas absolutas!

Nas belezas relativas vedes partes do teu Criador, mas nas belezas absolutas verás o teu Criador no seu todo. Nunca nas partes.

Observa o nascer do sol, Simão Beir.

– Eu o observo, meu anjo.

– O que vedes?

– É lindo, meu anjo.

– Ele é uma beleza relativa ou absoluta?

– Não sei, meu anjo.

– Pois eu lhe digo que o nascer do sol é uma beleza absoluta, pois agrada aos olhos de todos os habitantes desse planeta, assim como aos de muitos outros planetas.

Uma beleza como o nascer do sol é uma beleza absoluta não só por isso, pois ele também propicia a vida ao aquecer o solo e permitir que as sementes germinem, as plantas cresçam e os frutos amadureçam.

Logo, uma beleza absoluta é uma expressão do todo que é o senhor teu Deus, pois, tal como Ele, o sol gera a vida, sustenta a vida e alimenta a vida.

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo! Uma beleza absoluta expressa o Senhor no seu todo e não nas suas partes.

– Dê-me então outro exemplo onde o Criador é visível no seu todo, e não só nas partes, Simão Beir.

– Sim, meu anjo. Já vejo muitas belezas absolutas. A água é outra beleza absoluta, pois nela são gerados os peixes e demais criações de origem aquáticas. Mas ela, a água, na forma de chuva umedece a terra para que as semeaduras sejam possíveis, assim como serve para alimentar as vegetações geradas pela própria natureza.

Mas a água também é uma beleza absoluta, pois sacia a sede de toda a criação, seja ela animal, vegetal ou humana, existente neste planeta.

Logo, ver a água de um riacho caindo em cascata não é só uma beleza, mas sim a beleza absoluta do Criador, pois nela há vida e todos vivem dela.

– Muito bem, Simão Beir! A chave que abre a porta de um mistério divino abre muitas outras portas, que são verdadeiros mistérios divinos.

Olhes para o amor, Simão Beir!

O que estás vendo no amor?

–Nele eu vejo uma beleza absoluta, meu anjo.

Nele há geração da vida; sustentação da vida e amparo à vida, uma vez que tal sentido é comum a toda criação. Ele está entre os homens, entre os animais, aves, répteis, etc., cada um a seu modo expressa um tipo de amor.

Logo, como o amor é comum a toda a criação, e um gesto de amor é um ato lindo, então o amor também é uma beleza absoluta.

Mas, com a chave na mão, eu posso abrir também o mistério que revela as belezas absolutas que são a fé, a razão, o conhecimento, a lei, a sabedoria e a própria vida, pois são comum a toda a humanidade.

– Muito bem, Simão Beir! Estás apto a ver as diferenças que há entre a beleza relativa e a beleza absoluta.

Agora vou falar-lhe das qualidades relativas. Uma vez que tens as chaves, bastará eu lhe abrir uma porta e abrirás todas as demais, não?

– Sim, meu anjo.

– Então tomarei o fogo como exemplo de qualidade relativa, pois o fogo é um ótimo exemplo. O fogo serve para quê, Simão Beir?

– Ele serve para cozer os alimentos, aquecer-nos no inverno, queimar os restos imprestáveis, etc.

– Onde está a qualidade relativa, Simão Beir?

– Não sei, meu anjo. Fale-me dela, por favor.

– Eu falo, Simão Beir.

Assim como ele cozinha os alimentos, também pode queimá-los se não for controlado. Ele só o aquece no inverno se guardares madeiras para alimentá-lo, pois em caso contrário morrerás de frio. E assim como ele queima coisas imprestáveis, também queima coisas boas, não?

– Sim. Temos que estar atentos a ele senão ele se torna nocivo não só a nós como a todo o resto da criação, pois ele devasta os campos secos ou as florestas verdes, não?

– Exato, Simão Beir. Logo, as qualidades (utilidades do fogo) são relativas.

A água tem seus limites, pois corre no fundo dos vales. Já o fogo só é limitado pela água.

Aí tens a qualidade relativa sendo limitada pela qualidade da água, que é absoluta.

Logo, começas a ver a diferença entre qualidade relativa de algo e a qualidade absoluta de um bem.

A qualidade relativa não se sustenta por si só, pois necessita de alguém ou alguma coisa para alimentá-la. Já a qualidade absoluta alimenta a si própria, pois gera a vida.

Agora dê um exemplo de qualidade relativa de algo e a qualidade absoluta de um bem.

– Sim, meu anjo. Eu já tenho a chave (exemplo) e assim me é fácil abrir estas portas.

Usarei a faca como exemplo, pois ela é um bem nas mãos da dona de casa que a usa para cortar alimentos, ou couros para vestes ou adornos, etc. Mas nas mãos de um assassino ela é um mal, pois ele certamente tirará a vida de um semelhante.

Então, a qualidade de uma faca é relativa. Estou certo, meu anjo?

– Sim, estás certo, Simão Beir. Mas e quanto a um bem que contenha uma qualidade absoluta?

– Usarei a semente do trigo, meu anjo.

Ela traz a vida em si, pois uma semente, se bem semeada, gera muitas outras sementes. E, plantadas em grande quantidade, geram o alimento para muitos seres, não só humanos como também animais e aves. E todos os homens podem se alimentar delas nas quantidade aceitáveis pelo corpo humano que jamais serão prejudicados por elas.

Logo, a qualidade da semente do trigo é uma qualidade absoluta, pois se a água contém o fogo, limita-o e também o extingue; o trigo acaba com a fome, gera e sustenta a vida. Para tanto, basta que o semeemos no tempo e solo certos.

– Muito bem, Simão Beir! Compreendes corretamente o exemplo que dei e, de agora em diante, bastará transpô-lo para todo o resto da criação e saberá quando em algo existe a qualidade relativa e a qualidade absoluta de um bem.

O fogo e a faca são algo ou alguma coisa. Mas a água e a semente do trigo são um bem comum a toda a humanidade, pois geram a vida.

Até poderias dizer: "mas a água também mata!".

Então eu lhe respondo: – a água tem seus limites naturais que a natureza lhe impõe. Bastará respeitá-los, e ela jamais lhe fará mal algum.

Já a faca, tal como o fogo, não tem limites naturais, pois um incendiário pode atear fogo em sua casa assim como um assassino pode matá-lo com uma faca.

Mas nunca o trigo nascerá onde não houver uma semente nem alguém inundará sua casa se construí-la acima do nível natural da água.

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

Se alguém atirar em mim uma faca ou um galho em chamas, certamente me ferirá. Mas se me atirar um punhado de sementes de trigo ou uma jarra de água, só poderá me assustar ou irritar, mas nunca me ferir.

Assim, se eu cair no fogo, irei me queimar, e se cair num monte de facas, irei me ferir. Mas se eu cair num monte de sementes de trigo ou numa poça de água, nada me acontecerá. Certo?

– Certo, Simão Beir. Mas lembre-se também que um bem relativo não existe por si só, já com o absoluto isso não acontece.

Logo, a água é gerada de forma expontânea pela natureza, assim como as semente também o são.

Já o fogo, ele só existirá se o ativar e tiver matéria combustível para sustentá-lo. E quanto à faca, só existirá se fundires um minério e moldá-la.

Com isso em mente, de agora em diante distinguirás facilmente as diferenças entre o que é qualidade absoluta e relativa, assim como em relação a todo o resto, pois com um pouco de atenção e meditação distinguirás as

leis naturais da criação, que são divinas, das leis auxiliares que sustentam toda a criação.

Distinguirás todas as diferenças entre o absoluto (Deus) e os relativos (auxiliares de Deus).

Observe que o amor é expontâneo, portanto, é absoluto. Já o ódio, tal como o fogo, precisa ser ativado e alimentado para se sustentar. Logo, é relativo!

Dessa forma distinguirá nas virtudes os bens absolutos (divinos) que cada um traz em si desde sua geração. Já os vícios (relativos) revelam a ausência do absoluto (Deus) e o tornam um ser relativo (bom num sentido e ruim em outro).

Tendo essas chaves abrirás todas as portas que permitem um ingresso pacífico, sábio e verdadeiro na essência do Pai.

Deus é absoluto, pois tudo está contido n'Ele. Mas eu, o Anjo da Morte, sou relativo, pois estou contido no todo que O torna absoluto. Eu tenho uma finalidade específica onde sou sustentado, enquanto Ele me sustenta na minha finalidade enquanto instrumento d'Ele.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Falarei agora sobre igual e semelhante, olhos que já estão preparados para ver as diferenças que existem entre essas duas expressões.

– Eu o ouço, meu anjo!

– Pois bem! Entenda por igual a algo que se repete em todos os lugares ou vibrações (faixas) energéticas.

Já, por semelhante, entenda ao que parece ser igual, mas tem sua dinâmica própria que o distingue de todo o resto.

No igual tens:

- o nascer do sol
- a respiração
- a alimentação
- o ato de comer
- a fecundação
- a formação das nuvens, etc.

O nascer do sol é sempre igual dia após dia. A respiração também se repete em toda a criação. A fome é comum a toda a criação. Uma planta, que é um vegetal, não se alimenta como o homem, que é um animal, mas se alimenta dos mesmo nutrientes que ele, ainda que eles se encontrem numa condensação diferente.

Logo, na cadeia alimentar nada muda, pois se uma laranjeira produz um fruto com um teor alimentar é porque ela absorveu nutrientes que por sua composição básica lhe permitiram gerar um fruto com tal teor (vitaminas, proteínas, ácidos, açúcares, etc.)

O mesmo se repete em toda a criação, pois o princípio gerador é sempre igual em todo o Universo.

As diferenças existentes estão só na aparência (meio), pois na forma (origem) tudo é igual.

Na geração da vida, seja ela humana ou não, as leis absolutas da geração são imutáveis e inalteráveis.

Já quanto aos meios, são regulados por leis auxiliares da criação que atuam em seus mais ínfimos aspectos. Cada tipo de criação ou espécie possui leis que a sustentam, pois a geração original é de ordem divina e, daí em diante, essas leis auxiliares propiciam os meios para o "crescer e multiplicar" bíblico.

Mas saiba que, em verdade, não existe aumento de um único átomo no Universo desde sua geração por Deus, mas sim transformação do que n'Ele está contido.

Logo, essas leis auxiliares são as ordenadoras dessas transformações aparentes. Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Estou confuso, meu anjo. Explique melhor ou te alongues um pouco mais até que eu compreenda essas leis.

– Eu explico, olhos que ainda estão se abrindo! Tome como exemplo uma videira.

Você planta uma rama e ela, aos poucos, vai brotando. Logo, está formada.

De onde ela absorveu os nutrientes?

– Do solo, meu anjo.

– Não só do solo, pois o ar, o sol, as chuvas, o vento, etc. ... lhe forneceram nutrientes que a auxiliaram no crescimento.

Na aparência nada mudou, pois o solo continua o mesmo, o ar, etc., não cessaram ou perderam suas qualidades. Mas as leis auxiliares sustentam todo o processo impedindo que as absorções sejam sensíveis ou perceptíveis uma vez que há todo um processo de realimentação ou reciclagem das energias no Universo.

As ramas da videira liberam um tipo de energia, não visível, mas que também alimenta esse processo de reciclagem energética.

Logo, tudo absorve energias das mais variadas formas e também as irradiam, mantendo assim o equilíbrio original das energias existentes no Universo.

Você, ao alimentar-se com uvas, pão, mel, aveia ou qualquer outro nutriente estará absorvendo vários tipos de energia e irradiando outros tipos.

Elas podem ser energias emocionais, espirituais ou carnais, mas não deixam de ser energias irradiadas que retornarão ao todo energético universal-cósmico.

Quando menciono tipos de energia, quero dizer: energias que vibram em determinada faixa ou com uma intensidade própria de cada uma.

O odor do corpo humano é só o cheiro da energia irradiada por meio da água (suor) condensada no organismo humano. O odor das plantas são próprios a elas e não se repetem noutras criações. Cada espécie animal,

vegetal ou mineral, possui o seu odor característico distinguindo-a das demais criações, semelhantes mas não igual.

Isso já lhe dá uma ideia melhor do que é igual e semelhante, pois o odor do jasmim não é o mesmo da rosa.

Se ambas são plantas, cada uma tem uma característica (vibração, luz, cor, magnetismo, energia) própria que a distingue e a individualiza, mesmo entre as da mesma espécie.

Cada ser dentro de sua espécie é único pois, ainda que todos sejam semelhantes, é único, indivisível e original na origem (Deus).

Isto significa que uma semente de trigo não é igual a outra, aparentemente igual a ela.

E, se é assim, é porque cada uma contém uma quantidade de energia muito particular que a individualiza, tornando-a única.

Com isso chegas à forma final do igual. Igual é na espécie!

Os homens são iguais enquanto seres pertencentes à espécie humana, mas com uma natureza íntima, pessoal e única enquanto seres individuais.

Plantas são plantas enquanto as olharmos dentro da espécie vegetal. Mas, se as individualizarmos, cada uma terá suas particularidades que as distinguirão umas das outras.

Além disso, dentro de uma mesma espécie, o jasmim por exemplo, cada pé possui sua natureza que o diferencia de outro, plantado no mesmo dia e lado a lado.

Essa natureza única que cada ser, seja ele humano ou não, possui, é que o torna único perante o resto da criação.

Não és diferente, na aparência, de nenhum outro homem, e no entanto no seu íntimo existe uma semente a pulsar numa determinada intensidade que o individualiza e o torna diferente de todos os teus semelhantes.

Se isso é assim, é porque sua natureza vibra numa determinada faixa em que suas virtudes ou vícios não encontram similaridade nos teus semelhantes.

Nessa natureza, que é íntima e muito particular, está agregada toda sua vivenciação desde sua origem até agora e nela agregadas tudo o que vivenciares de agora em diante até o seu fim, que é retornar ao Pai.

Logo, na natureza de cada um está a sua individualidade, enquanto na aparência está a semelhança com os de sua espécie, que é a humana.

Então tens aí que um espírito humano é uma energia condensada, vivificada e emanada pelo divino Criador. Que não perecerá nunca, pois traz em si a chama divina a animá-lo, tornando-o imortal, indivisível, imutável na forma, e único entre os outros seres humanos, assim como o restante da criação.

Todos os seres humanos são semelhantes entre si, mas se observá-los, encontrarás tantas diferenças que os individualizarás logo.

Os anseios são diferentes.

As angústias são diferentes.

Os amores são diferentes.

Os saberes são diferentes, etc.

Um homem só ama uma mulher, e mente quem diz amar duas ao mesmo tempo.

Não é permitido a um ser humano dividir uma virtude e muito menos isso lhe é possível.

Então isso é algo que precisa ser objeto de um novo ângulo visual para ser explicado.

Olhes então do modo divino de criar! Deus cria algo e o multiplica.

Assim, podes dizer: "eu amo intensamente essa mulher, mas também gosto muito daquela outra. Por isso estou indeciso em com qual delas devo me casar".

Isso significa que realmente amas à primeira mas a segunda possui vibração, magnetismo, luz e cor e energia mais próxima da tua vibração.

Por isso dizes: "mas também gosto muito daquela outra!".

Veja que a proximidade das vibrações tornam as pessoas afins entre si, e isso cria a oportunidade para o crescer e multiplicar entre os de uma mesma espécie.

Há um limite vibratório tolerável a cada ser. Quando esse limite é ultrapassado, há um afastamento imediato entre os iguais de uma mesma espécie.

Isso acontece no amor, na fé, no conhecimento, na lei, no raciocínio, no saber e na vida.

Só em casos excepcionais seres não afins coexistem num mesmo meio sem se anularem ou anular aos outros.

Isso mostra que a tolerância é uma faculdade (virtude) humana, e permite que convivam entre si, ainda que percebam muitas diferenças.

Com isso, podes visualizar vários Universos onde seres únicos vivem juntos por causa de fatores que lhes são mais fortes que suas vontades individuais.

E, se é assim, é porque o geral é superior (mais forte) ao individual.

Esse sentimento é uma das leis auxiliares da criação, pois, enquanto seres individuais, cada um tem no seu íntimo uma escala de interesses (anseios, angústias ou ideais) que o individualiza. Mas, como seres pertencentes a um grupo, esses mesmos interesses são anulados pelos interesses maiores ou gerais, que dão sustentação a todos.

Mas quando os conflitos entre os interesses pessoais e os gerais se tornam muito intensos (intoleráveis), ou o grupo o afasta ou ele se afasta por iniciativa própria, para logo mais te unires a outros que tenham interesses mais afins com os teus.

Aí tens o sentimento de união, que também é uma virtude, pois só por meio da união há a multiplicação.

Então tens também na união uma lei auxiliar da criação.

Com isso chegas a várias conclusões que já são visíveis, não?

– Sim, meu anjo!

– Então mostre-me o que já consegues ver, olhos que veem!

– Sim, meu anjo.

Posso ver claramente que nada é igual ao resto da criação, pois se o Criador está em tudo e em todos, cada um traz em si a semente que o germinou que é sua natureza íntima que o individualiza de tudo o mais.

Mas, como Deus está em tudo, na verdade não somos diferentes de tudo o mais que existe no Universo.

Aí tens as leis absolutas da criação que são:

- O amor – unir, crescer e multiplicar.
- A fé – unir, crescer e multiplicar.
- A razão – unir, crescer e multiplicar.
- A lei – unir, crescer e multiplicar.
- O conhecimento – unir, crescer e multiplicar.
- O saber – unir, crescer e multiplicar.
- A vida – unir, crescer e multiplicar.

O amor une as pessoas por meio do sentimento fraternal que torna umas agradáveis às outras.

A fé une as pessoas por meio do sentimento religioso que as impelem ao amor ao Pai.

A razão une as pessoas por meio do sentimento racional que lhes mostram que, se são de uma mesma espécie, então são da mesma origem e, portanto, devem se respeitar.

A lei une as pessoas por meio do sentimento de lealdade, pois aprendem a respeitar os limites individuais e gerais dos de sua espécie.

O conhecimento une as pessoas por meio do sentimento da vontade, pois só querendo algo o homem aprende, na sua busca, a dominar todo um processo. Essa vontade sempre atende aos anseios grupais e raramente é individual.

O saber une as pessoas, pois nele os sentimentos se unem e o pacificam para que se torne um fim, que é a sabedoria.

E a vida une as pessoas por meio do sentimento divino que é a própria geração da vida, assim como dos outros sentimentos.

Assim, só quem vive ama a Deus e só quem ama a Deus vive, pois traz em si as virtudes divinas.

– Muito bem, Simão!

Mas se as leis absolutas estão na origem, por meio das leis auxiliares ampara-se toda a criação.

Essas leis auxiliares sustentam todas as espécies de seres animados (móveis) ou inanimados (imóveis).

Mas essas mesmas leis não têm diferenças entre si nas suas formas de atuarem. Se elas existirem, são só nas aparências.

Observes o caso da fecundação:

Um sêmen une-se a um óvulo e dá início à geração de outro ser humano.

O sêmen (masculino) traz em si um código energético que facilita sua interação com o óvulo (feminino) também codificado energeticamente.

Essas codificações energéticas receptivas entre si dão início a todo um processo energético que terá um magnetismo, luz e cor, vibração e energia únicos no Universo.

Se o ato da fecundação é sempre igual, os resultantes dela sempre serão diferentes entre si, pois um ato absoluto (fecundação) é único em si mesmo e não gera dois frutos iguais.

Logo, dois irmãos gêmeos podem ser parecidos, mas em hipótese alguma serão iguais. Cada um traz em si sua energia pessoal que o distinguirá de todo o resto da criação por meio dos seus atos, palavras e pensamentos.

Mesmo entre gêmeos as diferenças são tão visíveis que só não vê quem não quer, pois se nas aparências (corpo carnal) são aparentemente iguais, o todo mental de cada um vibra numa determinada faixa que o conduz por um caminho diferente do de seu irmão gêmeo.

É por isso que digo que, se nas aparências todos são iguais, na forma cada ser é único, pois traz em si uma semente divina que individualiza de todo o resto da criação.

Assim sendo, tens no fogo algo que também pode explicar essas leis absolutas e auxiliares.

Observe que, nas aparências, todas as chamas são iguais, mas na forma (chama, intensidade do calor, duração da combustão, etc.) não existem dois fogos iguais.

O processo de geração do fogo é concebido por meio de uma lei absoluta (fecundação), pois tal como no caso do sêmen e do óvulo humanos bastará unir duas codificações energéticas e aquecê-las num mesmo grau vibratório (calor) que surgirá uma chama.

Que fique bem claro que elas têm de estar num mesmo grau energético, pois só assim surgirá uma resultante (fecundação) que será de outro grau energético.

O atrito da madeira seca com a verde não produzirá fogo, assim como uma pedra seca atritada com uma molhada não produzirá faíscas.

Quando duas madeiras estão secas, os códigos energéticos permitem o surgimento do fogo; quando duas pedras estão secas, os códigos energéticos também são iguais e produzem faíscas.

Então tens no ato de produzir chamas uma fecundação, que é uma lei absoluta.

Mas, o ato de sustentar a chama gerada, serão as leis auxiliares que a sustentarão ou deixarão ela se apagar, pois, tal como todo o resto da criação, as chamas (fogo) precisam de alimentos (matérias combustíveis) para sobreviverem ou se perpetuarem.

O mesmo acontece com um ser humano, pois se o ato de gerar independe da vontade humana porque é um processo regulado por uma lei absoluta (divina) e para iniciá-lo basta uma relação sexual entre um homem e uma mulher fértil, a sustentação da vida que surgirá a partir da fecundação dependerá das leis auxiliares que propiciarão meios para a sustentação dessa mesma vida.

Sim, a mãe terá que receber boa alimentação, ser poupada de determinados desgastes energéticos e receber certos cuidados não dispensados às mulheres não fecundadas.

Então, logo que nascer o filho do casal, estes o alimentarão com alimentos digeríveis pelo seu organismo ainda frágil.

Tal como na chama incipiente não podes colocar troncos de árvores, mas sim ramas finas, senão ela se apagará porque o calor gerado por ela ainda é fraco e a impossibilita de envolver e absorver uma codificação energética poderosa, a um bebê não podes dar alimentos com um código energético poderoso, senão o intoxica e mata.

Aí temos duas resultantes (homem e fogo) tão diferentes entre si na aparência mas tão iguais na forma de se alimentarem para que assim cada uma sobreviva.

São processos diferentes na aparência e tão iguais na forma.

Em verdade são só energias em graus diversos mas geradas a partir da união de códigos energéticos iguais entre si.

Nesse código energético tens o positivo e o negativo; o macho e a fêmea; a luz e as trevas, etc.

Positivo com positivo não gera mais calor.

Macho com macho não gera mais vida.

Luz com luz não gera mais luz.

Ou seja: se acenderes uma luz onde já está claro, só intensificarás a claridade já existente. Mas se a mesma luz for acesa onde só há escuridão, aumentará a luz porque luz antes ali não havia.

E, se um macho não copular com uma fêmea, não haverá geração de uma nova vida.

Assim como cera com mais cera não produz luz; se introduzires na cera um pavio e ateares fogo, n'Ele surgirá calor, luz e também a vida, pois fogo também é vida.

Observe que tudo isso é sustentado por leis auxiliares que regulam o meio.

A fome do bebê ou a necessidade de mais madeira seca nas chamas são supridas de acordo com as possibilidades, necessidades e interesses de quem os trouxe à vida.

Assim, se um casal não quiser o filho, não o amará com intensidade. Também a chama só será alimentada até que seja útil a quem a iniciou (gerou). Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Até certo ponto, meu anjo.

– Que ponto é este, olhos que não querem ver?

– Onde atuam as leis auxiliares?

– Elas atuam na sustentação do meio (vida) por meio dos sentidos humanos.

É o amor dos pais que os induz a cuidarem do filho com amor, carinho, atenção e cuidados especiais.

É a necessidade do fogo que faz com que tenhais sempre à mão materiais combustíveis para produzir chamas.

Aí, e só aí, é que as leis auxiliares da criação atuam de forma visível, pois não irás dar a uma criança estranha o alimento do teu filho nem atirarás lenhas à fogueira alheia deixando a sua apagar-se.

Logo, as leis auxiliares atuam na preservação do meio (vida).

Essas leis auxiliares o impelem a agir individualmente e a tomar decisões que, se são condenáveis sob um ângulo visual, são aceitas pelas leis absolutas da criação, pois só assim as espécies sobrevivem no meio.

Você pode precisar do fogo, mas não irá permitir que ele queime até seus alimentos para não se apagar, pois sabe que sem alimentos perecerás.

Você sabe que, se não alimentar seu filho, ele morrerá.

Logo, o que pode fazer é produzir mais alimentos para que, assim, mais pessoas sejam alimentadas pelo seu esforço, ou armazenar mais matérias combustíveis para que mantenhas sempre aceso o seu fogo.

Aí as leis auxiliares atuam, pois elas ativam o ser humano e o fazem querer algo mais, ou a saber um pouco mais, ou a desejar algo diferente.

Elas também atuam no resto da criação, fazendo com que nada seja igual no segundo seguinte ainda que nada mude nunca, e tudo permaneça igual o tempo todo.

Mas essas leis auxiliares também atuam no sentido de impedir mudanças, pois elas bloqueiam o crescimento, impedindo que determinados limites sejam ultrapassados.

Pode amar a espécie humana como um todo, mas não conseguirá amar a todos os seres humanos com a mesma intensidade, pois há limites para o seu amor.

Também pode sentir-se como um dos possuidores desse planeta, mas só serás dono do pedaço de chão realmente seu que é amparado por suas leis tribais, que também são relativas, pois só servem para os de sua tribo.

Assim são as leis relativas. Elas são relativas exatamente por servirem para certos estágios ou partes do todo.

Se o ato de alimentar-se é universal, portanto é sustentado por uma lei absoluta; os alimentos são relativos, pois o alimento que sustenta o homem não é o mesmo que sustenta o cavalo.

Logo, o ato de comer é geral, universal, portanto absoluto. Já os alimentos são relativos, pois os que servem bem a uns, intoxicam a outros.

Assim são as leis relativas, pois as leis que sustentam a espécie humana não são as mesmas que sustentam as outras espécies.

Então tens que, se és habitante deste planeta e dele te serve para viver, não és o dono dele, assim como, se amas à espécie humana, não amas a todos os seres humanos.

Tens limites e estes são regulados por leis relativas que lhe facultam uma conduta aceitável aos olhos do Criador, pois estás amparado por elas.

Não és obrigado a se deixar matar só porque alguém lhe ensinou que matar a quem queria matá-lo é um pecado.

Tens que se defender dentro dos teus limites e, se isso não lhe for possível, então defenderás seu direito à vida suprimindo os limites alheios.

Se isso for feito de uma forma positiva, serás amparado por leis relativas que não se voltarão contra você.

Mas se fizer isso de uma forma negativa, logo as reações serão tão adversas que perecerás.

Essas leis lhe permitem comer até certo limite determinados tipos de alimentos (matérias). Mas se eles forem ultrapassados perecerás. Por exemplo:

O ato de se alimentar é absoluto, já o que comer é relativo.

O ato de pensar é absoluto, já o que pensar é relativo.

O ato de agir é absoluto, já o como agir é relativo.

O ato de falar é absoluto, já o que falar é relativo.

O ato de fecundar é absoluto, já a que fecundar é relativo.

Senão, vejamos o último exemplo:

Podes fecundar sua esposa, se tiver uma. Mas não pode sair por aí fecundando a todas as mulheres, pois elas certamente não aceitarão. Assim como não pode fecundar uma fêmea de outra espécie que não a humana.

Por isso as leis relativas são reguladoras do meio. Elas não atuam no geral, pois não são absolutas.

Elas assumem, em cada espécie ou coisas criadas pelo divino Criador, uma forma muito especial que permite a sustentação de uma criação divina. Mas, como são leis relativas, têm limites que não podem ser ultrapassadas.

Elas atuam por meio dos sentidos, sejam eles humanos, vegetais, minerais, etc.

Senão, vejamos:

Um ser humano tem limites ao se alimentar.

Um minério tem limites na sua capacidade de absorção de energias que o conservam e lhe dão uma aparência característica (densidade, cor, luz, dureza, tenacidade, peso, forma, etc.). Se o seu limite específico for ultrapassado, ele deixará de ser o que é e se transformará em algo que nunca foi, ainda que nunca deixe de existir na sua forma original.

Assim, se desintegrares uma pedra de magnésio, os átomos do magnésio não deixarão de existir. E se desintegrares os seus átomos, ainda assim a substância magnésio estará em cada uma de suas partículas.

As leis relativas sustentam o meio (no caso, o magnésio) e as leis absolutas sustentam a forma (a substância chamada de magnésio).

Assim, as leis relativas sustentam um ser humano e as leis absolutas sustentam a criação divina chamada humana, assim como todo o resto, ou seja, a todas as substâncias ou espécies.

A forma ou essência é original, portanto absoluta. Mas a trajetória dessa forma rumo ao infinito lhe confere uma aparência em cada estágio da evolução rumo ao fim, que é o retorno à sua origem, que é o Criador.

Por isso tudo tens essa aparência única enquanto homem vivendo na carne e a terás logo após teu desencarne por um período às vezes curto, outras longo, tudo dependendo dos sentimentos que estiveres vibrando.

– Como assim, meu anjo?

– Antes de mostrar-lhe essa nova visão do homem, quero que me responda: entendeste finalmente as diferenças que existem entre as leis absolutas e as leis relativas, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Então explique-as com o uso do menor número possível de palavras, olhos que começam a ver.

– Sim, anjo da minha visão.

As leis absolutas são as que regem toda a criação. Já as leis relativas são os meios dados a cada tipo ou espécie de criação do divino Criador para que possa evoluir harmonicamente em meio a tantas criações únicas na aparência mas iguais na forma, pois se todas se originam de Deus, que é único e indivisível, então toda a criação nada mais é que uma gradação energética, magnética, vibratória, luminosa e colorida adaptada a cada espécie, dando assim a aparência de multiplicidade ao uno.

Logo, as leis absolutas são a forma e as relativas são a aparência.

As leis absolutas são a origem e as relativas são os meios.

As leis absolutas são os princípios, enquanto as relativas são os meios para que a energia emanada pelo Criador alcance o seu fim, que é o retorno à origem, que é Deus.

Mas, se olharmos melhor, então veremos nas leis relativas a individualização do todo pois, se sustentam uma espécie, também sustentam todas as espécies.

Sim, se cada espécie tem suas características particulares que a distingue em meio a tantas espécies, em verdade uma espécie não é diferente das outras senão na aparência, pois assim como o amor existe no ser humano, também existe nas outras espécies, ainda que não possamos vê-lo pois nelas ele se manifesta em outros padrões vibratórios, distintos do humano.

Então temos nas leis absolutas as linhas e nas relativas os limites da linha a ser seguida por cada espécie criada pelo divino Criador, em verdade o único absoluto!

– Muito bem, Simão Beir! Já consegues ver o que muitos nem imaginam existir. Logo, está se aproximando rapidamente da visão do Pai, pois se disso já tens consciência, então estás próximo de entender o sentido humano dentro do restante da criação.

– Que sentido é este, Anjo da Morte?

– Antes de abordá-lo vou mostrar-lhe as aparências de um ser humano só em espírito em função dos sentimentos mais íntimos que estiver pulsando.

– Sim, meu anjo. Isso me parece muito importante de ser visto por mim, uma vez que me conduzes por uma linha antes nunca imaginada por mim.

– Talvez dela não se lembre, Simão Beir. Mas certamente ela já foi trilhada por você.

– Então, por que tudo me parece tão desconhecido, ainda que eu, a tudo o que me mostras, compreendo!

– Pois aí reside o segredo da vida, Simão Beir!

O que já vivenciou no seu passado é inesquecível, pois passou a fazer parte do seu espírito imortal por que, se na origem ele não podia ser classificado como humano porque o espírito no estágio humano, já não é um ser original, e sim dual, pois vive em constante confronto com sua origem. No princípio eras isento de imperfeições, no meio luta para não ter sua origem divina deformada por suas viciações.

Logo, o espírito imortal é imutável, pois é de origem divina, mas a sua aparência vai se formando de acordo com sua alma, que é a veste visível da centelha divina hoje chamada de ser humano.

Então, nessa alma, está o mistério da vida humana, pois um ser humano não é nem mais nem menos do que sua alma mostra a quem tem olhos para ver.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Vislumbro a compreensão, meu anjo! Mas imploro que ela me seja por inteiro mostrada por ti, que pode ver tudo o que a mim nem é dado imaginar.

– Então lhe falarei de como é essa veste do espírito imortal do ser humano.

Observe que o Criador conduz um espírito humano, fazendo com que, de tempo em tempo, ele viva um certo tempo num corpo carnal e depois retorne ao plano espiritual para ali aperfeiçoar o que na carne aprendeu ou ali se depurar dos vícios adquirido na carne.

Comecemos pelas virtudes, Simão Beir!

Observe mais uma vez como surge um ser humano na carne para que nada do que for dito fique oculto:

– Um ser humano é gerado a partir da união de um homem e uma mulher. É gerado no ventre materno e depois de um certo período à luz da vida na carne.

A partir daí seu corpo físico cresce até um tamanho e estaciona.

Essa parada no crescimento é definitiva, pois alcançou seu limite de crescimento, e este, tal como um fruto, está pronto para o amadurecimento que irá dar a ele a cor a que estiver submetido.

Então tens que o escriba assume a cor das letras; o atleta, a cor dos exercícios físicos; o músico, a cor do seu instrumento e o sacerdote, a cor da religião por ele praticada.

Essa cor a que me refiro não é a cor que tens em mente, Simão Beir!, mas sim a forma como ele será visto por seus semelhantes.

Sim, você não vê diferenças entre dois guerreiros, mas se colocar lado a lado um músico e um soldado com toda certeza notarás muitas diferenças entre eles, ainda que não lhe sejam visíveis numa primeira visão.

Essa cor é a mesma que distingue uma pimenta madura de uma maçã também madura, pois mostra a ti a natureza de cada uma, ainda que ambas sejam de origem vegetal.

Então verás no músico um ser humano que propicia momentos agradáveis aos seus sentidos, pois dele só lhe chegam sons melodiosos.

Mas do soldado lhe chegam sons que lhe impõem limites às suas ações. Tal como a pimenta, o soldado só é útil em certos momentos.

Então tens no amadurecimento dos seres humanos a sedimentação no seu corpo físico os seus dons naturais.

O pensador desenvolve o intelecto e o atleta os músculos, ainda que o desenvolvimento de um não impeça o do outro.

Mas é revelador da natureza contida no espírito imortal que habita o corpo carnal.

Logo, essa cor tem a "ver" com o que foi absorvido durante a formação desse ser, e que não é de origem carnal, mas sim espiritual, pois são imagens não visíveis, tais como o modo de viver, ideais íntimos e sensações não transferíveis a outros.

Assim, uns gostam das letras, outros das armas e outros dos sons harmoniosos.

Com isso, o corpo carnal vai adquirindo uma cor que lhe dá a forma da natureza íntima contida na sua alma imortal.

Se identificas o soldado por sua arma e vestes, identificas o músico por seu instrumento e modos, e o escriba, por sua pena e postura.

Cada um amadureceu e adquiriu sua cor e sem ela se sente nu, pois se despiu de sua formação ou da aparência visível da sua natureza íntima, ou seu dom natural.

Mas, com o passar do tempo, essa cor vai perdendo seu poder irradiante e o soldado se desfaz de suas armas mais pesadas; o músico, de seus instrumentos mais ágeis e o escriba já não escreve com a mesma rapidez.

Isso significa que a cor de cada um está perdendo sua aparência ou brilho.

Este é o tempo em que o fruto já amadureceu por completo e está começando a se deteriorar ou o corpo humano começa a perder sua agilidade, flexibilidade e desenvoltura, pois o soldado já não pode sustentar uma luta por um longo tempo; o músico já não aguenta tocar uma noite toda nem o escriba consegue acompanhar tudo o que é dito num discurso, pois lhe falta a agilidade nas mãos.

Então cada um se recolhe lentamente e no fim todos voltam a ser iguais, ou seja, seres humano idosos, desejosos de descanso ou pouca atividade.

Aí tens um ser humano na carne.

Nasceu e quis crescer;

Cresceu e quis viver;

Viveu e quer descansar ou voltar a ter a paz do útero materno.

Se isso ocorre é porque seu espírito imortal já não tem uma matéria apta a suportar as suas vibrações energéticas.

Mas a alma que reflete esse espírito adquiriu uma cor que lhe é particular, pois é a expressão do que na carne vivenciou porque, se foi um soldado que protegeu os que dele dependiam, traz nessa alma uma cor sólida que o distinguirá entre seus semelhantes.

Sim, essa cor será a expressão de um ser que pulsa o sentimento de proteção.

Já em relação ao músico, sua cor será a de suas canções, pois uns animam festas, outros cânticos religiosos e outros cânticos pátrios. Logo, sua cor será sempre a de um músico, mas também com a aparência própria à sua natureza, que o distinguirá entre outros músicos.

Mas tal como os músicos, os soldados também adquirem cores diferentes, pois se um usou suas armas para proteger os que dela precisavam, outro as usou para oprimir pessoas, saquear aldeias, matar seres humanos indefesos e pacíficos, ou mesmo, para impor ideias e ideais não aceitos pacificamente, pois contrariavam as naturezas íntimas dos dominados. Nesse caso sua cor será muito diferente da cor daquele que só usou suas armas para proteger os indefesos. As cores serão de ordem negativa, ou não irradiantes de luminosidade, pois os sentimentos que as geraram eram de ordem opressiva, sufocante, revoltante, ambiciosa, prepotente, dominadora, aniquiladora, odienta, mortífera, etc.

O soldado que protege uma aldeia, dela só recebe o seu soldo e se dá por satisfeito. Mas o que oprime uma aldeia, retira dela tudo o que puder e não respeita os seus moradores.

Logo, as cores são diversas, pois diversos são os sentimentos que um espírito humano vibra. Se eles são de ordem positiva, irradiantes ou luminosas elas serão. Mas se forem de ordem negativa, os sentimentos que as geraram serão opacas, densas e altamente destrutivas ou repulsivas.

Por isso tudo, tens que aprender a ver na cor de cada espírito imortal o sentimento que o vestiu, pois a cor de um espírito humano é a parte visível da alma que o veste e anima.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Mas, como ver na cor o sentimento que o originou se nada disso sei ou consigo ver?

– Estenda suas mãos e o conduzirei num piscar de olhos ao Sagrado Arco-Íris donde todas as cores se originam, Simão Beir!

Mas, antes de ser conduzido, saiba que o Sagrado Arco-Íris é alma visível do senhor teu Deus, pois cada virtude possui uma cor e cada cor dele é a forma do nosso Criador de se mostrar a nós sem a nós se mostrar, pois, se nos é impossível vê-Lo na Sua forma, podemos visualizá-Lo por meio dos sentidos virtuosos que d'Ele são irradiados até nós, criações "Suas".

Então, ao penetrares no cerne do Sagrado Arco-Íris, tenhas bem visível que estarás olhando para o Criador por meio das cores irradiantes ou de ordem positivas. Agora, estenda tuas mãos e veja, num piscar de olhos, ao senhor teu Deus por meio das virtudes divinas.

E Simão Beir estendeu suas mãos e foi seguro pelo Anjo da Morte que, num piscar de olhos, o conduziu ao cerne do Sagrado Arco-Íris.

Ali viu as virtudes divinas por meio das cores.

Mas não pensem que o Sagrado Arco-Íris são só sete cores, tal como o arco-íris que se forma no céu após uma chuva quando os raios solares encontram no espaço vapores aquáticos que defracionam suas cores.

Não, o Sagrado Arco-Íris possui todas as cores existentes no Universo, tanto o visível quanto o invisível aos olhos humanos. Nele não é possível contar as cores existentes, pois, se imensurável é o divino Criador, incontáveis são as cores contidas nele, pois todos os sentimentos virtuosos que animam os seres humanos, assim como todo o resto da criação, ali existem.

Então, não adianta dizer que ele possui "tantas" cores, pois, aos olhos humanos, elas não são visíveis senão nas que estão contidas num raio de sol.

Por aí já é possível ver como são limitados os olhos humanos.

Por isso, saibam que o amor, que é um sentimento virtuoso, pode ser dito que é azul.

Mas o amor da mãe pelo filho não é o mesmo azul que o amor dela pelo seu esposo. Se no filho ele é acompanhado por sentimentos maternais, no esposo o acompanham os sentimentos matrimoniais.

Logo, as nuanças combinadas ao azul original mudam o seu tom para outras colorações azuladas, mas que não são o mesmo azul original do amor.

Para compreender isso melhor, basta observar as nuanças dos sentimentos (tipos) de amor. Só após conseguir vê-las alguém poderá, por analogia, compará-las aos mais variados tons azuis existentes.

E, num piscar de olhos, Simão Beir viu Deus por meio do Sagrado Arco-Íris. Cada cor era uma virtude. Cada virtude era multiplicada por incontáveis sentimentos, pois cada sentimento é originado de uma virtude e por ela é irradiado com uma cor ou coloração própria a tal sentimento.

Seus olhos brilhavam com mil cores diferentes, pois como estavam cobertos de lágrimas elas refletiam o que ele havia visto num piscar de olhos. E, com o espírito imortal, que via de dentro para fora, não queria desviar seus olhos espirituais do que havia visto num piscar de olhos.

Só quando a voz tonitruante do Anjo da Morte o chamou à razão, Simão Beir voltou a ver só as sete cores originais visíveis aos espíritos humanos. Mas não foi sem um protesto que ele aceitou voltar à limitação visual dos espíritos humanos, pois interpelou assim ao Anjo da Morte:

– Por que me chamaste de volta à visão humana, meu anjo?

– Não podia continuar a olhar para o senhor teu Deus um instante mais, Simão Beir.

– Por que não, se algo mais lindo nunca vi e certamente outra visão igual jamais terei?

– Por que dizes que outra visão igual jamais terás?

Acaso não lhe ocorre que o Criador é para ser visto em tudo e em todos e por meio de tudo e de todos, e não numa de Suas formas originais?

– Não, isso não me ocorreu, meu anjo. Era tão lindo que fiquei encantado com o que vi.

– Ficaste encantado com uma visão parcial do original, não?

– Sim.

– Pois aí reside o perigo, Simão Beir. Deus é tão Belo, se visto por meio das cores que maravilha e encanta a quem O vê por meio delas.

Mas como só tivestes uma visão parcial d'Ele podia passar toda a eternidade olhando-O de cor em cor, e cada uma a cada segundo, que ainda assim nunca O veria por inteiro, pois tão longa possa parecer a eternidade, tão imenso é o Criador.

Logo, é melhor vê-lo só por meio das sete virtudes originais dos seres humanos e assim poderá vê-Lo com muitos olhos e por meio de muitas cores, pois cada sentimento irradia uma cor.

Vista o seu espírito imortal com uma alma formada a partir dos mais nobres sentimentos virtuosos e estarás refletindo-o aos teus semelhantes virtuosos o Sagrado Arco-Íris do divino Criador.

Lembre-se sempre que uma cor num espírito humano só existe porque um sentimento pulsando no mais íntimo dele o alimenta.

Não pode dizer: "eu irradio o azul porque quero o azul".

Não!

Isso não é assim que se sucede, pois um sentimento é uma convicção amadurecida com a vivenciação entre seres desiguais nos sentimentos pulsados mas iguais na origem.

Logo, se vir um espírito imortal com a cor rosa irradiando do mais íntimo do seu ser, saiba que uma convicção sólida e profunda o veste, pois sua cor é sua alma, que é a veste do espírito humano.

Assim, vá sedimentando nas virtudes divinas originais, que são: amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida, a cor que vestirá seu espírito imortal.

Saiba que quanto mais variados os sentimentos virtuosos, mais cintilante será sua irradiante veste que cobrirá seu espírito imortal.

E quanto mais sólidas forem as suas convicções virtuosas, mais densa será sua veste.

Assim, poderá por meiosar pântanos, desertos, espinheiros ou pedregulhos sem ser atingido no seu corpo espiritual, pois essa veste sólida, espessa e forte o protegerá.

Ela o protegerá do calor e do frio; da fome e da miséria; da riqueza e da pobreza; da dor e dos ferimentos, etc., pois seu espírito imortal estará protegido por uma veste (alma) sólida (forte) espessa (grossa) e duradoura (convicta).

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo!

– Então, fale-me do Sagrado Arco-Íris, olhos que já viram as suas cores originais!

– Tudo o que eu dissesse em nada se compararia ao que eu vi, meu anjo. Mas posso dizer que saberei ver num ser humano se ele existe por inteiro ou parcialmente. Também poderei ver se ele inexiste num ser humano, pois se o Sagrado Arco-Íris é uma forma de vermos a Deus, ainda que parcialmente, também é possível ver num ser humano onde ele, o Sagrado Arco-Íris, não irradie uma ausência parcial do divino Criador.

Se digo ausência parcial, é porque, se um espírito humano é visível, então o Pai vive de alguma forma nele, pois senão ele, o espírito humano, não seria visível porque a ausência Divina em alguém ou algo o torna invisível.

– Explique-me isso, Simão Beir!

– Eu explico, meu anjo. Disseste que tive uma visão parcial do senhor meu Deus, por meio do Sagrado Arco-Íris. Logo, existem outras formas de vê-Lo.

Então, se em alguém que irradie uma cor eu posso ver uma parte de Deus, pois uma vez que, para os seres humanos, sete vestes podem cobrir seus espíritos, vejo-O por meio da virtude irradiada a partir do mais íntimo desse mesmo ser humano.

Logo, vejo num ser amoroso, o amor. Num ser caridoso, a bondade e num sábio, o conhecimento.

Cada um com sua cor própria reflete em si mesmo uma parte do Pai, que pelas cores pode ser visto por nós por meio do, ou no Sagrado Arco-Íris.

Então, por isso, e só por isso, eu disse que posso ver uma ausência parcial do divino Criador.

Sim, se eu só tive uma visão parcial do senhor meu Deus, e que foi por meio das cores do Sagrado Arco-Íris, então não posso dizer que a ausência de cor num espírito humano seja uma ausência Divina, pois ainda não vi o Senhor por meio de outras "visões" que não a das cores.

Sim, como é limitada a minha visão humana, meu anjo!

Até há poucos instantes, eu diria: posso ver num espírito humano colorido a presença de Deus e num espírito sem cor a "Sua" ausência.

Mas, após o que vi por meio de ti e do que por meio de ti ouvi, já não ouso falar assim, pois estaria faltando com a verdade absoluta e substituindo com uma verdade relativa.

– Simão Beir, ainda que eu possa ver o princípio, meio e fim do seu raciocínio, pergunto-lhe: onde queres chegar? Ou melhor, o que queres ver?

– Eu me explico, meu anjo! – exclamou Simão Beir.

Eu vejo agora por meio das cores os sentimentos e certamente é uma forma correta de se ver.

Mas, ao ouvir suas palavras que assim diziam: "Tiveste uma visão parcial do Criador, minha visão agora quer vê-Lo de outro ângulo, ângulo este que pode não ser colorido, mas me permitirá encontrar ao senhor meu Criador".

– Onde queres ver, Simão Beir? Ou melhor: o que queres ver, olhos que perscrutam no vácuo?

– Meus olhos que viram, ainda que parcialmente, o meu divino Criador, e O viram de forma tão maravilhosa que me é impossível, por meio das cores vistas, descrevê-Lo, pois estou limitado às sete cores do arco-íris, mas que posso vê-Lo por meio das nuanças dessas mesmas sete cores originais concernentes aos espíritos humanos e que são os múltiplos sentimentos virtuosos pulsados, agora querem ver além do arco-íris, pois percebo que há outras formas ou meios de vê-Lo.

Sim. É isso que meus olhos querem ver, meu anjo!

– Muito bem, Simão Beir!

Se humano eu fosse, diria: tens uma vista muito boa!

Mas como não sou humano, então lhe direi: aprenda a ver Deus presente num ser humano por meio da "Sua" ausência e aí sim estarás vendo além do Arco-Íris Sagrado.

– Como, meu anjo? – indagou Simão Beir, aflito.

– Com os olhos da paciência, meditação, raciocínio e razão, Simão Beir.

– Ainda não vislumbro o saber contido nas suas palavras, meu anjo.

– Eu lhe explico, Simão Beir.

A ausência do Pai num ser humano nunca é total só pela ausência de cor ou cores virtuosas, pois Ele pode ser visto por meio da própria ausência.

Senão, vejamos:

Ausência pode significar não presença, mas nunca significará não "onipresença".

E, uma vez que Deus é onipresente, então, se não consegue vê-Lo de uma forma, devido às tuas limitações visuais, então não tome a ausência parcial como total, pois Ele pode ser visto por meio dessa mesma ausência parcial.

Se teus olhos, ao olharem para um espírito humano nu, tentarem iludi-Lo, seja paciente e medite sobre a ausência de cor nele, pois seu raciocínio irá conduzi-Lo à razão da ausência de cor, que, por ser só uma das muitas formas de ver Deus presente, não significa a sua ausência total.

Sim, a ausência total d'Ele torna tudo invisível, pois se tudo o que existe, existe por causa d'Ele e está contido n'Ele, então sua ausência total significa a inexistência de algo ou alguém.

Logo, na ausência, poderá com paciência, meditação, raciocínio e razão encontrá-Lo também.

Como o Anjo da Morte se calou, Simão indagou:

– Como, meu anjo?

– Medite, Simão Beir.

– Estou tentando, meu anjo. Mas falta-me a chave para abrir o meu raciocínio.

– Pois então lhe mostrarei não só a chave mas também a porta e o que atrás dela está oculto.

– Sim, meu anjo! – exclamou Simão Beir – Faça isso para mim, por favor!

– Não será por favor que a isso também lhe mostrarei, olhos que anseiam ver!

– Então, por que isso, assim como tudo o mais, tens me mostrado, meu anjo?

– No tempo devido isso também verá, olhos que veem por meio dos meus olhos, para que um dia possas mostrar o Senhor aos que não tem olhos para me ver, pois o Anjo da Morte não significa a ausência total da vida, mas sim uma ausência parcial dela.

– Sim, meu anjo – assentiu Simão Beir, já não tão afoito.

– Pois então vamos à chave, porta e interior da ausência para que, por meio dela, possas ver a onipresença que pode ser vista além do Arco-Íris Sagrado, pois este é só uma presença do onipresente.

1º – Olhe a ausência da cor.

Quem a traz em si não nega a sua origem, pois ainda que não irradie cor alguma, mantém uma aparência humana, ainda que deformada, do corpo que vestiu na carne. E essa ausência de "perfeição" na aparência do corpo carnal causa incômodo ao seu possuidor.

2º – Olhe a deformação na "aparência" ou veste de um espírito imortal.

Quando um ser vive na carne, seus sentimentos vivenciados com intensidade vão solidificando a cor de cada um, se são positivos, e anulando-a, se forem negativos.

Saiba que essa anulação da cor, por ser uma ausência parcial de Deus, pois significa a não pulsação de sentimentos virtuosos, tem o poder de anular ou alterar parcial ou totalmente a aparência humana do espírito.

Essa aparência é só um desdobramento energético da semente original gerada pelo Pai e d'Ele emanada, e que após isso, pouco a pouco vai se desdobrando, sempre de acordo com as necessidades para um desenvolvimento total ou mesmo parcial dos sentimentos virtuosos.

Então, como o desdobramento genético tem como função permitir a solidificação da aparência humana no espírito imortal, a não pulsação de sentimentos virtuosos implica uma lenta anulação dessa mesma aparência.

Os sentimentos viciados, tais como o ódio, a inveja, a cobiça, etc., vão anulando no racional as funções do raciocínio, que são de conduzir as ações, palavras e pensamentos para um estágio vibratório o mais próximo possível do virtuosismo total.

Então vai surgindo a ausência de Deus, primeiro por meio da anulação das cores virtuosas, depois pela deformação do corpo energético espiritual e, por fim, o espírito imortal é reduzido na sua aparência (veste) à do sentimento viciado que mais intensamente foi vivenciado.

Assim, pouco a pouco essa ausência do Pai não só é visível pela ausência de uma cor mas porque o corpo espiritual sofre transformações que também denunciam a ausência d'Ele.

Mas após certas transformações o espírito percebe que é imortal e começa a sofrer por causa da ausência do Senhor no íntimo.

Pois é isso, olhos que querem ver além do Sagrado Arco-Íris! Na ausência do Pai, você O encontra nos pulsares que essa mesma ausência denuncia. Se a ausência de Deus significa invisibilidade, também denuncia um vazio.

Logo, no vazio verá pulsar intensamente o remorso, a tristeza, a angústia, a dor, a submissão, o arrependimento, etc.

Saiba que, em verdade, não existe um só lugar, tanto no Universo visível quanto no invisível aos teus olhos, que não seja ocupado por algum tipo de energia que vibra. Pois aí, no vazio da ausência de Deus, você verá o quanto Ele está presente.

Sim, se na aparência um espírito imortal O nega, na forma pulsa e lateja por ter se afastado d'Ele.

Logo, ver além do Arco-Íris Sagrado significa ver por meio dos sentidos e sentimentos mais íntimos que pulsam nos espíritos humanos que se afastaram do Criador, pois O negaram não só uma, mas muitas vezes por meio de seus atos, palavras e pensamentos.

Ali, no mais íntimo de cada um, existe um "local" tão especial que registra tudo o que é dito, feito ou pensado.

Observe que este "local" a que me refiro está contido no todo mental do espírito humano.

Logo, tudo ali é registrado e, a partir do registro, torna-se inapagável, portanto, imortal.

Então tens que, se tudo o que Deus faz é imortal, também o que um espírito humano faz, diz ou pensa é imortal, pois fica registrado no mais íntimo do seu ser, que é sua memória.

Um espírito humano pode reencarnar muitas vezes e ainda assim tudo o que já vivenciou por meio dos milênios não é apagado mas tão somente adormecido.

Então, se queres ver além do Sagrado Arco-Íris, deves visualizar a memória imortal de um espírito humano e ali encontrará os motivos que o conduziram à ausência do Pai.

Ele poderá não ter nem mais a aparência humana, pois os sentimentos que modelaram sua alma imortal, que é a veste de seu espírito imortal, não eram sentimentos humanos virtuosos, mas sim a negação deles. Portanto, com humano, não se parecerá. Mas na forma está o mental, e n'Ele está a memória imortal de cada um.

Então só terá que penetrar nela para visualizar em toda a sua intensidade a ausência de Deus num ser humano.

Senão, vejamos:

Um ser humano é uma criação divina?

– Sim, meu anjo.

Um espírito humano é imortal, pois é criação divina, não?

– Sim, meu anjo.

Uma criação divina é mortal ou perecível ou apagável?

– Não, meu anjo.

– Logo?

– Logo, o espírito humano está sujeito a mudanças na sua aparência, pois ela nada mais é que a alma que o veste. Mas na sua forma original está sua memória imortal que não é apagável, pois ela é a própria semente humana criada por Deus que, na origem dela, gravou estas palavras: "Serás enquanto de Mim alimentar-se, em Mim viver e por Mim viver, pois Eu Sou tua origem, teu meio e teu fim".

Então, se o Criador existiu, existe e existirá em nossa semente original, que em momento algum na sua origem se parecia com os humanos, Ele é imortal se em determinado momento não nos parecermos com humanos.

Ainda que tenhamos nossa veste ou alma alterada na sua aparência humana, pois vivenciamos sentimentos não humanos, ainda assim não deixamos de ser espíritos imortais.

E uma vez que, onde não há alegria ou qualquer outro sentimento virtuoso, lá estará a tristeza ou o sarcasmo, que são negações da alegria

mas não negam que, quem irradia tais sentimentos viciados ainda viva, são somente a negação e não a anulação total da vida.

– Muito bem, Simão Beir! – exclamou o anjo.

Está vendo muito melhor a cada porta aberta à sua frente.

– Só tem um porém, meu anjo.

Eu já sei como ver além do Arco-Íris Sagrado, pois me mostraste a porta ou a forma. Mas como abrir essa porta se não possuo sua chave?

– Logo lhe darei esta chave também, Simão Beir.

Mas, como ela abre muitas outras portas, então vou mostrar-lhe mais um pouco onde existem memórias imortais e assim abrirás todas as portas das memórias universais e imortais.

– Eu o ouço atentamente, meu anjo!

– Ótimo, Simão Beir!

Pois eu lhe digo que um espírito humano, na sua origem, não tem a forma de hoje, que o torna reconhecível como tal aos teus olhos.

Sim. Na origem, um espírito humano é só uma energia não visível aos seus olhos de hoje, pois ele ainda é original e como tal não é visível, uma vez que seus olhos atuais já não são originais.

Eles também estão vestidos com uma aparência adequada ao seu atual estágio evolutivo.

Logo, são duais, pois tanto podem ver o bem quanto o mal e ainda continuam a "ver". Mas o espírito original não vê, pois sua visão é a percepção.

Sim, os olhos originais, do hoje espírito humano, era a percepção e não a visão. Era por meio dela que você via tudo à sua volta.

Sua percepção lhe mostrava o que lhe interessava ver como sensações agradáveis, e o que não te interessava como sensações desagradáveis.

Sua percepção era sua visão original, pois vivia em um estágio original. Portanto, vivia em Deus por inteiro e em todos os sentidos.

Eras só uma energia emanada do "gerador divino" e ainda estava no seu "útero divino".

Mas, num segundo estágio, foste dado à luz da "lei e da vida."

Entenda a "Lei" como sendo Deus e a "vida" como o ato de viver n'Ele.

Pois aí, nesse segundo estágio de sua evolução foste dotado de "olhos" e pois "viveria" não mais num estágio original e portanto único, mas sim num "meio" ou local onde muitas outras criações originais também eram conduzidas após terem "amadurecidos" no estágio original.

Observe que ainda não eras humano nesse meio, pois ali iria concentrar sua percepção na sua visão para que pudesses distinguir outras criações originais Divinas.

Sim, um cavalo não é humano, nunca foi e nunca será. Mas nem por isso deixa de ser uma criação original.

Então seus "olhos" viam tudo à sua volta e distinguiam de onde vinham as vibrações não iguais às que estavas habituado a perceber no seu estágio original.

Nesse estágio dual seus olhos viam quem enviava as vibrações boas ou ruins. As positivas (agradáveis) e as negativas (desagradáveis).

Sua percepção estava sendo condicionada a sentir (ver) por meio dos seus olhos. As imagens ora eram agradáveis, ora desagradáveis.

Com isso foste preparado para o seu terceiro estágio evolucionista, pois se no primeiro nasceste (geração), no segundo cresceste (formação) e no terceiro iria multiplicar-se.

Sim, no seu estágio original absorveste energias divinas emanadas diretamente do cordão mental que te unia ao teu Criador e só absorvia, por meio de sua percepção, as energias irradiadas por outros espíritos imortais ainda originais.

Essas energias são irradiações de amor, fé, lei, conhecimento, razão, sabedoria e vida. Além delas, outras não absorvias.

Mas, no seu estágio dual, sua visão dotou-o de um corpo sensitivo ligado à sua memória ou uma extensão dela a revestir o desdobramento havido na sua semente original.

Aí, nesse estágio, sua visão via; sua percepção enviava para sua memória um tipo de energia e aí era gravada como boa ou ruim, agradável ou desagradável, positiva ou negativa.

E, se assim era, é porque no seu terceiro estágio evolutivo estarias num meio muito mais denso, e onde teria início o seu ciclo encarnatório, ou sua evolução ora só em espírito, ora espírito encarnado num corpo (veste) com duração limitada tanto no tempo quanto no espaço.

Sim, a multiplicação começou desde sua primeira encarnação e não cessará jamais, pois, se na carne se multiplica por meio da fecundação carnal, em espírito, se tiver seus sentidos fecundos, continuará a multiplicar-se por meio deles, sejam eles virtuosos ou viciados.

Então tens que o seu espírito imortal possui uma percepção pouco usada, pois estás habituado a "ver" só com os olhos da carne e levas esse hábito para o espiritual, onde continuas a viver após o seu desencarne.

Até aqui estás entendendo oque lhe mostro, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Só não vislumbro a chave.

– Logo a verá de uma forma nítida, olhos que perscrutam a escuridão em busca da luz!

– Então continue, meu anjo, pois estou ansioso para vê-la. Por favor!

– Eu continuo, olhos que veem por meio dos olhos da carne.

Pois então lhe digo que essa percepção existe não só nos espíritos humanos, que são um tipo de energia de ordem divina, mas também em todos os outros tipos de energia.

Sim. Observe que uma pedra nada mais é que um corpo energético em estado de repouso, pois sua condensação foi tão intensa que aos teus olhos ela é imóvel, estável e sem vida própria (energia).

Mas aí está o engano dos que só conseguem ver com os olhos do espírito ou da sua carne e não com os olhos originais.

Esses olhos não conseguem "ver" as imagens que elas emitem ou irradiam energias, pois só conseguem "perceber" as energias irradiadas por elas.

Então tens que os olhos do espírito veem as imagens e os olhos originais ou mentais percebem as energias irradiadas que lhe chegam.

E, como toda criação original, seja ela "móvel" ou "estática", "viva" ou "morta" aos seus olhos, possui um olho percepcional que capta tudo à sua volta, então até uma pedra "vê" as energias que lhe chegam.

Se são boas, são absorvidas até seu limite de captação e depois formam um halo à sua volta.

Mas, se são ruins ou negativas, ficam pulsando e latejando à sua volta até que por meiosam o halo protetor e são absorvidas e, no interior dela, ficam gravadas na sua "memória". Sim, é isso mesmo, pois se a pedra é uma criação original, também possui uma memória original e um corpo percepcional a envolvê-la, pois um dia as energias ali condensadas também eram originais e únicas, mas sofreram mistura num estágio dual.

O percepcional da pedra absorve as energias que lhe chegam de todas as direções e elas ficam vibrando no seu campo sensitivo até que sejam descarregadas por uma descarga magnética poderosa que rompa sua estrutura energético-vibratória e crie condições para o surgimento de um novo estado ou estágio vibro-energo-luminoso.

Então tens que uma pedra pode conter muito mais informações acerca do que se passou à sua volta que qualquer livro poderia conter.

Sim. Bastará "ver" com a percepção que enxergarás até a imagem de alguém que sorriu ou chorou perto dela. Lá estará o ganglôr das armas ou os gritos de desespero dos atingidos por elas. Mas também poderão estar os suspiros de amor e os gemidos de prazer dos que se amaram sobre ela.

Sim, isso é uma verdade só conhecida das ciências divinas e dos seus estudiosos.

Logo, se tens uma sensibilidade à "flor da pele" e possui uma percepção agudíssima, bastará que as doutrine corretamente e poderá "ver" tudo o que já "viveu" à volta das pedras de sua aldeia natal.

E para que consigas, bastará que use os "olhos" da sua percepção.

Como o Anjo da Morte se calou, Simão Beir exclamou:

– Não pare agora, meu anjo!

– Eu não paro, "olhos" que querem ver, apenas dou-lhe tempo para que, tal como uma pedra, absorva todas as vibrações sonoras que irradiei até seu mental.

Observe que você não pode ver minhas "palavras", mas identifica mentalmente o significado de cada uma delas, não?

– Sim, meu anjo.

– Também dá forma a cada uma delas ainda que elas não tenham, pois são só vibrações sonoras, não?

– Sim, isso é verdade.

– Logo, tens aí um axioma, não?

– Eu não o entendo, meu anjo! Seja mais claro para que eu possa "ver" o que dizes?

– Eu serei mais claro, Simão Beir. Você pode dar uma forma ao som, não?

– Sim, as letras simbolizam os sons, criando palavras.

– Deus "também" é som ou "verbo", não?

– Sim.

– Logo, o que o impede de dar forma a Deus se pode dar ao verbo?

– Isso eu sei, meu anjo!

– Então, fale-me disso antes de continuarmos com os olhos perceptivos, Simão Beir.

– Por que, meu anjo?

– Porque, sem isso, não chegará àquilo, Simão Beir.

– Está bem, meu anjo. Se posso dar uma forma, ou imagem aos sons, que são o "verbo", é porque eles são só uma parte do todo. Mas a mim é impossível dar uma forma ao todo, pois, do "todo", também sou só uma de suas partes, que, aos meus olhos humanos, são impossíveis de serem vistas pelos meus olhos.

Logo, a mim é impossível imaginá-Lo ou dar-"Lhe" uma forma.

– Muito bem, Simão Beir! Já estás vendo mais que a maioria dos teus semelhantes, pois isso já está gravado em sua memória imortal. É inapagável!

Podes dormir que ao acordar ainda se lembrarás. Pode passar muitos anos e isso também estará gravado, ainda que disso nunca mais fale ou ouça isso.

Logo, o campo onde se alojam ou são armazenadas as informações que lhe chegam por meio dos sons, que são conhecimentos falados, é tão minúsculo como um grão de areia e tão grande quanto o Universo.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Não, meu anjo – respondeu Simão Beir humildemente. – Ensine-me, para que isso também faça parte de minha memória imortal.

– Eu ensinarei isso também, Simão Beir!

– Se uma serpente venenosa aparecesse agora, na sua frente, o que você faria?

– Eu recuaria, meu anjo.

– Por quê, Simão Beir?

– Porque se ela me picar, eu morro para a carne, meu anjo!

– Ótimo, Simão Beir. Então recuas, pois ela desperta o medo, não?

– Sim, meu anjo.

– E, se não a visses ainda que ela estivesse na sua frente?

– Aí não a temeria.

– Logo, os teus olhos do espírito ou os do teu corpo carnal associam a imagem da serpente ao perigo da morte, não?

– Sim.

– Agora, digamos que não possa ver a serpente e toque ou pise nela. O que acontecerá?

– Ela me picará e se enrolará nas minhas pernas, não?

– Sim. E o que você fará?

– Abaixarei e a segurarei, pois suas picadas doem.

– Logo, seu tato associará um corpo roliço, escamoso, escorregadio e ágil à dor. E, caso venha a "morrer" com as picadas dela, na sua memória imortal estará gravado o "corpo" ou "forma" de uma serpente como ""perigo", não?

– Sim, meu anjo.

– Então não a viu, mas se voltar a pegar noutra serpente, imediatamente a associará ao "perigo" e a lançará bem longe, não?

– Sim, meu anjo.

– Qual ou quais são os olhos usados para "vê-la", Simão Beir?

– São o tato que a sentiu quando a peguei e o sentido que sentiu a dor de suas picadas, não?

– Sim. O tato serve à carne e também ao espírito, pois serve ao percepcional. Já o sensitivo serve ao emocional, que identifica quando o corpo carnal é ferido ou acariciado. Então o emocional também é só mais um dos "olhos" do percepcional, não?

– O emocional também, meu anjo?

– Sim, Simão Beir. Observe que, no medo, teus "olhos" carnais se dilatam e, na paz, eles tendem a se fecharem, não?

– Sim.

– Então todos os teus outros sentidos reagem, pois no conflito todos ficam alerta e na paz todos relaxam, não?

– Sim, é verdade.

– Na paz familiar todos relaxam, não?

– Sim.

– No amor realizado todos relaxam, não?

– Sim.

– Com a barriga cheia todos relaxam, não?

– Sim, meu anjo.

– Mas na desordem familiar, no amor não realizado ou com a barriga vazia, não dá para relaxar, não?

– Sim, meu anjo.

– Logo, a desarmonia, a dor e a fome não deixam ninguém relaxar, não é mesmo?

– Sim, meu anjo.

– Por que são assim?

– Porque são a ausência de vibrações positivas que ativam o emocional, que é um dos olhos do percepcional, que, por sua vez, é o olho do mental, que é a fonte e origem de um ser humano que não vibra harmonicamente quando submetido a vibrações não codificadas em sua origem como agradáveis.

– Logo...

– Logo o emocional é mais um dos olhos do percepcional, pois, para mim, bastará sentir o deslizar de uma serpente em qualquer parte do meu corpo para associá-la ao "perigo" de morte. Minha sensibilidade "sentirá" que ela pode me picar. Então meu emocional pulsará o medo ao que meu sensitivo "sente".

– Muito bem, Simão Beir. Mas, diga-me agora: se você aspirar odor de uma rosa, o que sentirá?

– Um perfume agradável.

– E o odor de muitas rosas?

– Um perfume muito mais intenso, que poderá até inebriar o meu olfato.

– Mas, se aspirares um pouco de um gás venenoso?

– Ficarei perturbado e até perderei os sentidos, meu anjo.

– E se aspirardes muito gás venenoso?

– Certamente morrerei ou no mínimo ficarei enfermo, pois meus pulmões ficarão danificados, meu sangue será envenenado e doenças se instalarão no meu corpo carnal.

– Logo?

– Meu olfato também é um dos olhos do meu percepcional, pois, por meio dele, identificarei o odor de uma rosa ou o de um gás venenoso, ainda que eu não esteja vendo nem um nem outro.

– Muito bem, Simão Beir. E qual é outro "olho" da carne que também é do percepcional?

– A audição, meu anjo, pois posso ouvir suas palavras sábias, assim como as blasfêmias dos ateus, não?

– Sim.

– Logo, os cinco sentidos do meu corpo humano são os olhos do meu percepcional. Mas também minha sensibilidade e meu emocional o são, pois identificam vibrações, sejam elas positivas, tais como as carícias de um ser amado ou as suas palavras sábias ou coisas negativas, tais como as picadas da serpente ou as palavras do blasfemo.

– Daí se deduz que sete são os olhos espirituais que servem o percepcional, que é o olho do mental, não?

– Sim, meu anjo.

– Pois saiba que poderá associá-los aos teus sete sentidos virtuosos ou dons originais, que chegará facilmente à identificação deles.

Sim, os sete sentidos virtuosos são os sete dons originais, que são as sete cores do Sagrado Arco-Íris e também são os sete olhos do percepcional.

– Dê-me um exemplo disso, meu anjo.

– Pois não, Simão Beir! Associe o emocional ao conhecimento; ou o sensitivo à sabedoria; ou o paladar à vida; ou o olfato ao amor; ou a audição à fé, etc. E sempre encontrarás num e noutro os pontos comuns de identificação.

– Mas, e se eu mudar essa ordem de colocação?

– Ainda assim estarás correto, pois uma virtude original multiplica-se por todas as sete, uma vez que elas nunca são divisíveis mas sim multiplicáveis. Bastará para isso adicioná-la a outra e terás uma terceira, etc.

O mesmo acontece com uma cor, pois não pode dividir (separar) uma cor original (pura). Mas, se adicionar a ela outra cor original, estará formando uma terceira cor. Isso é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Mas "sinto" que estou longe da chave da terceira visão, que me permitiria ver além do Arco-Íris Sagrado e assim poder ver no vazio da ausência Divina.

– Já verá a chave claramente, Simão Beir.

Antes, deixe que meus olhos conduzam-no por meio das razões do conhecimento da ciência divina para que tudo fique gravado em sua memória imortal.

– Sim, meu anjo. Se estou ansioso para ver essa chave, isso se deve ao fato de que outras chaves ficaram invisíveis aos meus olhos enquanto me ensinas.

– Não se preocupe com isto. As chaves que não viste antes, talvez eu não tenha que mostrá-las, pois teus próprios olhos as verão quando já os tiver bem abertos, olhos que começam a ver à meia luz.

– Desculpe-me por minha ansiedade, meu anjo! Por favor, continue a conduzir-me por meio dos teus olhos luminosos!

– Eu te conduzo, Simão Beir! Então voltemos aos olhos da percepção, certo?

– Certo, meu anjo.

– Se teu olho mental, que é o percepcional, possui sete outros olhos, cada um desses olhos possuem outros sete.

– Como assim, meu anjo?

– Observe os teus olhos carnais ou espirituais, Simão Beir!

– Não consigo ver, meu anjo.

– Eu lhe mostro, olhos que não querem ver.

Observe que eles podem ver o Criador ou a vida; a lei ou o que é correto; o amor ou o que é belo; a fé ou o que é sagrado; o conhecimento ou o que é útil; a sabedoria ou o que é seguro; e a razão ou o que é equilibrado.

Logo, seus olhos possuem sete ângulos óticos. E cada ângulo desses o conduz à sua origem, que é Deus, pois cada um desses sete ângulos óticos traz em si os outros seis.

Assim, pode ver o Senhor presente naquele que ama a mulher dos seus sonhos; naquele que ama as leis da vida; naquele que ama os seus semelhantes por meio da fé, etc.

Mas também pode identificar, por meio dos outros "olhos" carnais ou espirituais do seu olho percepcional, os muitos "olhos" que cada um possui.

A boca, onde se localiza o paladar pode ver a fé na oração; o conhecimento no ensino falado, a sabedoria na oratória moderada; o amor na poesia inspirada; a lei na palavra ponderada; a razão no diálogo racional; a vida na palavra inspirada.

Mas observe que o amor pode ser visto nos beijos da mulher amada; ou no sorrido do filho amado; ou no incentivo do amigo leal, etc.

Assim, tens muito em que meditar para abrir o máximo possível os olhos auxiliares do teu olho percepcional, que é o olho do teu mental, que é o receptáculo divino onde está depositada a semente original do seu Criador, e que deu origem ao que és hoje.

Logo, tudo o que és hoje, nada mais é que agregação energética absorvida por sua memória imortal, e inapagável, que lhe permitiu absorver tais energias.

Então chegas à pedra, que nada mais é que uma semente energética original que memorizou toda uma agregação energética que deu a ela a aparência que hoje tem.

Assim como você, que possui um corpo carnal que nada mais é que um desdobramento de um sêmen de seu pai, depositado no útero de sua mãe num ato de amor, também a pedra se originou de uma semente energética colocada num meio energético (útero) terreno que se desdobrou até alcançar uma forma (aparência) sustentada pela força intrínseca da semente energética original.

Não podes aumentar a pedra, pois ela não possui força para sustentar mais energia (átomos) à sua semente original. Mas se submetê-la ao calor, poderá mudar sua cor original.

Assim, também terás sua cor original alterada se fores submetido ao calor de certas paixões.

Mas, assim como a pedra, não poderá alterar tua forma atual se na sua semente original não for despertada certa força (poder) gravada na tua origem, por meio de sua memória imortal.

Logo, pode alterar uma pedra se a submeter a um calor apropriado que a tornará maleável.

Então, se a pedra era redonda e não lhe servia, deve remodelá-la para um fim útil. E isso se ela for do tipo que pode ser aquecida sem se tornar

quebradiça ou de pouca tenacidade, pois se assim for, só a tornará útil com um polimento acurado.

Assim como pode fundi-la ou poli-la para torná-la útil, em si pode aquecer (ativar) um sentido ou poli-lo (aperfeiçoá-lo purificando-o) e torná-lo aguçado para "ver" o que a maioria não consegue "ver".

Aí, e só aí, poderá "ver" as energias vibratórias e as vibrações energéticas agregadas a uma pedra.

O aperfeiçoamento desses "olhos" permitirão aos teus olhos percepcionais ver o que só é visível a uns poucos.

Então olhará uma pedra e conseguirá "ver" tudo o que aconteceu à sua volta, pois ela absorveu as vibrações energéticas e as energias vibratórias dos acontecimentos próximos, uma vez que a memória tanto pode estar contida num átomo assim como em todo o Universo.

As pedras da sua aldeia absorveram os gritos de ódio dos assírios em suas fúrias destrutivas e também os gritos de dor dos teus coaldeões mortos por eles.

Logo, se olhares com os olhos do espírito ou da carne, só verás as pedras. Mas, se olhares com os olhos de tua percepção, verás cenas que farão chorar, pois o campo todo está imantado com tais vibrações.

Mas o mesmo acontecerá se olhares um espírito humano já sem cor com os olhos de sua percepção.

"Verá" as energias vibratórias e as vibrações energéticas negativas que o transformaram num ser sem cor.

Sim, na memória dele, tal como na da pedra, estão gravadas todas as "imagens" que o transformaram num ser sem cor.

Se há um vazio ou ausência do Pai, então este vazio está todo ocupado por vibrações não virtuosas ou negativas.

Sim. Uma vez que sem Deus nada existe, então, nem um vazio existiria.

Logo, o que há nele não é um vazio, mas sim a ausência de pulsações positivas. E, como nem um ponto do Universo deixa de estar ocupado, então o que tens é um ponto (memória) ocupado por vibrações negativas que denunciam, não uma ausência do Pai, mas sim Sua negação (esquecimento) na sua memória imortal.

Como Deus é luz, que é vida, tais pontos que negam a presença d'Ele são escuros e estão ocupados pelos fatos (vibrações) negativos que os ocuparam.

Então deves aguçar ao máximo os seus sentidos e unir sua visão percepcional à d'Ele e ver por meio dos olhos da memória d'Ele as causas que deram origem a tais fatos negativos.

Poderá penetrar em sua memória com qualquer um dos olhos auxiliares do seu olho percepcional, desde que esteja em sintonia com ele.

Sua mão é um olho auxiliar do seu percepcional. Estando ela em sintonia com ele, ela "sentirá" as vibrações agregadas a ela por meio de

sua memória imortal e assim, usando todos os outros olhos auxiliares do seu percepcional, "verá" cenas de morte e ouvirá gritos de ódio ou de dor.

Também ouvirá lamentos, sorrisos, escárnios, blasfêmias, suspiros, gemidos, etc., etc., etc.

Logo, quer se trate de uma pedra ou de um espírito humano e tenham suas formas atuais ou já deformadas pelas intempéries a que foram submetidos, bastará que desperte a sua memória imortal e "verá" além do Sagrado Arco-Íris ou além das cores, pois estará "vendo" por meio de "energias vibratórias" e "vibrações energéticas" que só são visíveis por meio da percepção, que é o olho original do seu mental, que é sua semente original.

Seus olhos carnais ou espirituais só verão a cor ou a ausência dela.

Como a cor identifica o Criador num ser humano, sua ausência significa que Ele deixou de ser vivenciado com intensidade por quem não tiver ao menos uma das sete originais concernentes aos seres humanos.

Sim, se Deus (virtuosismo) não está visível porque ao menos uma cor não possui um ser, então olhe na sua memória e verá por meio dela a vivenciação de energia vibratória e vibrações energéticas viciadas (negativas) do seu possuidor.

Isso está claro agora, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Agora vejo que não será num passe de mágica que "verei" com minha percepção, mas sim por meio do aperfeiçoamento de todos os "olhos" do meu percepcional.

Logo, tenho que ativar olhos que não são olhos mas sim sentidos.

E, para tanto, devo abri-los ao máximo que me for possível ou permitido pelo Senhor.

– Isso mesmo, Simão Beir!

Mas devo alertá-lo que tens no seu corpo espiritual um ponto que mostra a localização desse seu olho percepcional.

– Isso me é possível?

– Sim.

– Então mostre-o, meu anjo!

Saiba que ele está localizado bem no meio de sua testa, logo acima do seu nariz e entre suas sobrancelhas.

É aí que o verá nos seus semelhantes, pois até isso teus olhos espirituais podem ver. Mas lembre-se de que eu usava o plural ao falar desse olho percepcional.

Logo, o percepcional também é visível em outras partes do seu corpo espiritual, pois se costuma olhar com o coração, em seu peito ele também "verá", e se costuma ver com a boca, em tua garganta lá ele será visível.

– O que significa ver com o coração ou a boca, meu anjo?

– Ver com o coração significa ver por meio do amor. E ver com a boca significa ver com o verbo ou palavra, que é um desdobramento do conhecimento.

Já, ver com a mente significa ver com a razão.

E assim por diante.

Tudo isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Mas disseste que eu o veria no meio da testa, logo acima do nariz e entre as sobrancelhas. Portanto uma razão existe para alertar-me sobre isso, não?

– Certamente que sim, Simão Beir, e vou dizer-lhe qual é ela.

Só quando todos os teus sentidos interiores (mentais) estiverem ativados, aguçados e equilibrados, verá com seu olho percepcional, mil vezes mais apto que todos os olhos auxiliares dele nesse "estágio humano" de sua evolução.

Nesse tempo ou estágio, não possuirá mais que um "olho" e ele será uma fonte de luz multicolorida, vibratória, energética e magnética que ocultará todo o restante de sua aparência, pois teu mental o terá todo aberto.

Nesse tempo, quem olhá-lo só verá uma fonte de luz a irradiar-se à frente de quem estiver observando-o.

Isso te é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Pois então comece a "ver" com o seu terceiro olho ou visão percepcional, pois assim "verá" o que seus semelhantes sentem, e assim nunca será iludido por sua visão humana, pois todo o seu ser imortal estará vendo por ti.

E será com essa sua terceira visão que enxergará tudo o que está oculto na ausência do Sagrado Arco-Íris.

"Verá" ódios, decepções, mágoas, frustrações, angústias, medos, descrenças, solidões, etc., só sentidos com sua percepção, o que está oculto na ausência das cores e que as denunciam.

Seu olho percepcional, quando estiveres livre na necessidade de outros "olhos", poderá ver o passado, o presente e até mesmo o futuro de um semelhante seu, pois um espírito humano não possui separação nesse campo.

Sim, é isso mesmo, Simão Beir! Só os humanos fazem essa separação do tempo em suas existências, pois desconhecem a formação do seu "todo" energético.

Uma energia não tem passado, presente ou futuro, mas tão somente uma linha a seguir, sempre em frente.

Logo, o que classifica como passado são choques ou catarses energéticas vivenciadas por qualquer ser humano, tribo ou sociedade humana.

O que chama de presente nada mais é que o acúmulo ou desgaste momentâneo de energias.

E o que chama de futuro nada mais é que a evolução individual num todo energético humano.

Logo, bastará que fixe sua visão percepcional sobre alguém ou algo e "verá" o passado, o presente e o futuro ali existente.

Lembre-se sempre que em Deus não existe, houve ou haverá, mas sim existe o "existir".

No Criador, ou você O vê presente em alguém ou vê alguém ausente d'Ele.

Logo, paz, harmonia e alegria são Ele presente em você. Mas na ausência dessas vibrações estarás ausente do Pai.

Tudo isso te é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Agora já sei como "ver" por meio de minha visão percepcional, pois sei que se alguém sofre é porque fraquejou num dos seus sete sentidos originais, que são: amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida.

Logo, bastará que eu "sinta" os seus motivos para que saiba a causa.

Assim, não preciso realmente ver, mas tão somente sentir as causas e assim estarei vendo até mesmo o que quem está submetido a elas não consegue ver.

– Muito bem, Simão Beir!

Sintetizaste em poucas palavras tudo o que eu te disse, e isso significa que sua terceira visão já começou a se abrir, pois, mesmo sem eu dizer, a tudo viste só sentindo o que eu não poderia mostrar-lhe com palavras.

Vejo também que já estás preparado para iniciar a sua subida rumo à luz da lei e da vida.

– Que subida é esta, meu anjo?

– Sua ascensão até um ponto onde não se sentirá em desequilíbrio com o todo, que é o Universo visível aos teus olhos, assim como os Universos invisíveis que o cercam e o influenciam a todo instante e em todas as direções.

– Isso me fascina, meu anjo! Fale-me da influência desses Universos, por favor!

– Eu lhe mostrarei como eles o influenciam, Simão Beir!

Sim, como eles influenciam a espécie humana, que nem tem conhecimento sobre a existência deles.

– Eu o ouço, meu anjo! Meus olhos já vasculharam o infinito à procura deles e não se fecharão até que eu consiga vê-los.

– Então olhe com os olhos, Simão Beir.

Com eles, verá um "mundo" energético totalmente desconhecido à espécie humana que só vê o "seu" mundo.

Olhe com os sete sentidos originais, Simão Beir.

– Como, meu anjo?

– Olhe com os olhos do amor, da fé, da lei, da razão, do conhecimento, da sabedoria e da vida.

Olhe com um desses olhos de cada vez por meio de sua visão percepcional e verá energias multicoloridas a circundar cada ser humano, cada cidade, cada nação e até mesmo o planeta.

Então sua visão abrangerá um Universo paralelo e invisível aos seus olhos humanos, pois se o amor é um estado vibratório, então ele produz um tipo de energia, uma cor e um magnetismo próprios.

E como uma vibração produz uma energia e esta nunca mais deixa de vibrar, então só precisa colocar-se em harmonia com as vibrações do amor para que o amor vivo ou amor energia envolva-o por inteiro e em todos os sentidos.

Isso feito, passará a captar amor energia, amor luz, amor cor, amor magnetismo e amor vibração diretamente da fonte original do amor, que é Deus.

Sim. Logo que alcançares um grau vibratório totalmente livre dos pulsares energéticos negativos, seu mental receberá diretamente do Deus Energia Pura, influxos energéticos que o irradiarão totalmente e então passarás a irradiar em um ou em todos os teus sentidos essa energia divina chamada amor, pois estarás ligado diretamente à fonte original.

Isto te é compreensível, Simão Beir?

– Ainda não, meu anjo.

– Pois então te lembrarei mais uma vez do Sagrado Arco-Íris.

– Faça isso, meu anjo, pois sinto que o Arco-Íris Sagrado é muito mais importante do que minha visão havia visto até a pouco.

– Certamente que sim, Simão Beir!

Observe que alguns seres humanos têm sobre sua coroa (cabeça) um fio luminoso, outros têm vários desses fios luminosos e ainda outros têm os sete fios luminosos do Sagrado Arco-Íris a inundar seu mental com luz, cor, magnetismo e vibração que correspondem a um arco-íris vindo do infinito e "entrando" em sua cabeça.

Isso significa que um espírito humano que possui o Arco-Íris Sagrado em sua coroa está ligado às fontes originais dos sete sentidos originais concernentes à espécie humana.

Logo, um ser humano assim pode ser visto como alguém que tem acesso aos Universos invisíveis aos olhos humanos, pois pode captar das fontes originais do divino Criador as energias dos sentidos originais.

Significa também que tais sentidos já foram totalmente apreendidos por tal ser humano, ainda que disso o mesmo não saiba, pois sua memória imortal adormeceu suas faculdades racionais.

Mas, para que tal despertar aconteça, é preciso que o possuidor do Sagrado Arco-Íris desperte para a fonte original, em todos os "sentidos".

Após o despertar, sua visão percepcional "verá" todos os Universos paralelos afetos à espécie humana assim como que por encanto.

Um ser assim já desperto "verá" fios, luminosos ou não, que saem de todos os seres humanos e em todas as direções.

Uns alcançam Universos luminosos e multicoloridos mas outros seguem em direção a Universos opacos.

Esses Universos aos quais os seres humanos estão ligados são fontes inesgotáveis de energias, pois tanto doam aos que precisam delas como absorvem o excesso produzido pelas vibrações energéticas humanas.

E lhe digo que nesses Universos, há "espécies" de seres que vivem neles, tal como você vive no "mundo" humano.

Pois um "ser" humano, com o Sagrado Arco-Íris a sustentá-lo, pode penetrar tanto espiritualmente quanto física ou mentalmente em tais Universos e observá-lo, assim como viver temporariamente se isso lhe for necessário.

Como o Anjo da Morte fez pausa, Simão Beir indagou:

– E para que um ser humano precisa penetrar num desses Universos, meu anjo?

– Eu aguardava essa indagação sua, olhos que querem ver!

Observe que um ser com o Sagrado Arco-Íris na coroa poderá ser usado com toda intensidade pelo divino Criador em um ou vários sentidos.

Logo, tal acesso lhe é possível e permitido para que assim, quando precisar se recarregar energeticamente ou se esclarecer sobre determinado grau de aprendizado na manipulação, doação e domínio energético, ali o faça isento das energias humanas que impregnam tanto o plano material quanto o astral concernente à espécie humana.

Mas também lhe é permitido para que assim possa auxiliar aos que, por perderem o domínio sobre seus sentidos, os tenham recolocado num grau vibratório onde isso seja possível.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Não, meu anjo.

– Vou mostrar-lhe de outro ângulo e assim verá como esses Universos paralelos são importantes para a espécie humana.

Observe que eu lhe disse que fios luminosos ou opacos saem de todo o "corpo" humano, não?

– Sim.

– Também lhe disse que uns se direcionam para regiões luminosas e outros para regiões opacas, não?

– Sim.

– Observe também que eu disse que quem tiver o Sagrado Arco-Íris sobre a coroa (cabeça) poderá penetrar n'Eles.

– Sim.

– Pois bem. Então observe que tanto doam quanto retiram "energias" de um espírito humano, não?

– Sim.

– Então observe isso: se um ser humano sofrer uma "queda" energética por uma "descarga" emocional muito intensa num dos seus sentidos originais, este espírito humano se tornará vazio em tal sentido.

– Como assim, meu anjo?

– Digamos que um ser humano sofra, ainda na carne, uma forte decepção no seu sentido do amor ou da fé, por exemplo.

Então os fios que o alimentam nunca o suprirão do necessário, pois os que dão vazão estarão totalmente "abertos", fazendo com que seu todo espiritual nunca acumule tal ou tais energias, pois a "descarga" estará aberta no total.

Esse "não acúmulo" enfraquece um ser assim, pois não permite que tal sentido pulse em harmonia com o todo energético permanente do ser em questão.

Então é preciso avançar, paralelo ao fio de descarga, e alcançar a região ou Universo paralelo que as está absorvendo, e lá, no local onde estão sendo irradiadas, ser estancadas com a manipulação energética e mental, por quem está apto a realizar isso.

Isso é um tipo de cura espiritual, Simão Beir!

Só um curador do Sagrado Arco-Íris está apto a realizá-la, pois aprendeu (estagiou) nos Universos paralelos concernentes à espécie humana, uma vez que "aprendeu" como manipular tanto física quanto mentalmente tais energias.

Observe que quem vive nas florestas absorve as irradiações vegetais e tem seu todo energético influenciado pelas energias captadas no meio vegetal.

O mesmo acontece a quem vive à beira-mar ou nos desertos.

Assim, o ser humano, viva ele só no plano astral ou no material (carnal) absorve o que existe à sua volta.

Mas tem seus fios alimentadores e descarregadores que o interligam a outros planos (Universos) energéticos.

Logo, se estiver captando sem dar vazão adequada, irá sobrecarregar-se. Mas, se tiver dando vazão maior que a entrada, irá se esvair (enfraquecer).

Então, no exemplo citado (amor ou fé), um ser humano sofreu uma descarga (decepção) tão intensa que sua "saída" ficou totalmente aberta.

Lembre-se de que tudo é "vivo", inclusive o amor ou a fé.

Portanto , um ser assim torna-se opaco porque não retém em seu todo as energias oriundas dos Universos onde vibram as energias de amor ou fé que o alimentam. Logo, tais sentidos tornam-se fracos ou apáticos num ser assim e ele deixa de sintetizar dentro de si mesmo as energias de amor ou de fé que o sustentam no plano humano.

Com isso ele vai caindo magnética e energeticamente a planos vibratórios não humanos.

E, para reconduzi-lo ao plano humano, é preciso estancar a saída dessas energias para que volte a acumulá-las dentro de si para que seu todo mental volte a pulsá-las, dando assim início ao pulsar íntimo desses sentidos do amor ou da fé.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim e não, meu anjo.

– Então eu lhe mostro mais um pouco e logo verá como isso é fundamental para que um dia possa auxiliar alguém que não possui cor.

Se lhe faltar o amor, o que advirá no lugar dele?

– Talvez a apatia, não?

– Talvez. Mas e se lhe faltar a fé?

– Talvez a falta de confiança, não?

– Talvez, Simão Beir! Agora, diga-me: como é um ser humano apático?

– É um ser que não vibra amor à criação como um todo nem amor a algum dos componentes da criação, não?

– Sim.

Logo, o que ele é?

– Talvez um suicida em potencial, não?

– Talvez.

– Mas, e quanto a um ser que não vibre a fé?

– É um ser descrente que certamente a substitui por um sentimento viciado, tal como o sarcasmo.

– Talvez, não?

– Sim, meu anjo.

– Logo, estarão se tornando daninhos à criação como um todo, pois são exemplos negativos vivos e atuantes, não?

– Sim, mesmo sendo negativas, suas vibrações são atuantes, pois vibram.

– Pois é isso, Simão Beir.

Só curando seres assim você os retirará da influência energética que os esgotam e assim os reconduzirá ao padrão vibratório humano normal e em harmonia com os seus semelhantes.

E para que tal aconteça tens que primeiro curar o todo energético para só então ter acesso ao seu mental, que começará a se sobrecarregar novamente.

Aí sim, conseguirá reconduzi-lo ao padrão vibratório humano, pois, em seu mental, haverá energias acumuladas que ativarão dentro dele pulsações de amor ou de fé.

Sim, amor é um tipo de energia e fé também o é.

Mas, para que existam dentro de um ser humano como sentidos pulsantes, tem de haver uma sustentação energética, invisível aos olhos humanos, mas fundamental ao processo vibratório íntimo de cada um.

– Isso não é ciência espiritual, meu anjo?

– Certamente que sim, Simão Beir.

– Por que ensina a mim, meu anjo?

– No tempo certo, saberá por que eu lhe ensino a ciência oculta aos homens. Mas, agora, deixe-me continuar a conduzi-lo até a luz da lei e da vida.

Observe então que um pensamento tem "vida", pois é energia e, como tal, sobrevive nos Universos paralelos concernentes aos seres humanos, pois é neles que vão parar ou agregar.

Logo, um pensamento negativo de ausência de amor ou fé é uma ligação com uma região opaca que absorve toda a energia de fé ou amor irradiada das fontes originais para os seres humanos.

Pois agora observe bem isso Simão Beir: esses fios de descarga, quando em desequilíbrio entre entrada e saída, também criam em torno de quem os alimenta um campo energético que vai, pouco a pouco, penetrando no mental e o paralisa em suas funções vitais, ou seja, de criar outros ideais, amores, fé, etc., no ser humano.

Com isso, um ser humano que sofreu uma descarga energética, magnética e vibratória muito intensa passa a vibrar em acordo com o "mundo" paralelo que absorver sua descarga.

Um ser assim torna-se prisioneiro de sua própria frustração, mágoa, angústia, etc.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Mas, por que tem de ser assim?

– Observe que uma energia é algo que não deixa de existir simplesmente porque foi emitida. Não. Ela tem de ser absorvida por algum plano ou Universo paralelo afim, senão irá ocupar um espaço e ficará vibrando no plano onde o ser vive.

Pois são esses Universos paralelos que as absorvem quando são irradiadas por alguém.

Entenda por Universos paralelos as faixas vibratórias não humanas mas afetas à espécie humana, pois a supre com determinadas energias e absorve determinadas energias irradiadas pelos seres humanos.

As plantas ou o mar irradiam determinadas energias que são absorvidas pelos seres humanos. Mas também absorvem determinadas energias irradiadas por eles.

Assim, são padrões vibratórios que separam os seres humanos dos não humanos, assim como do restante da criação.

Mas, para você penetrar neles, tanto espiritual como mentalmente, terá de estar com o Arco-Íris Sagrado em perfeita harmonia, senão será absorvido por eles se forem opacos ou então integrados a eles se forem luminosos.

Lembre-se sempre disso e se manterá longe de perigos desnecessários, pois, ou dominas ou serás dominado pelas energias ali existentes.

– Isso me assusta, meu anjo.

– Por quê, Simão Beir?

– Porque sei que me fala sobre eles em vão. Sinto que há uma finalidade que não consigo ver ainda.

– Certamente que sim, olhos que não ousam ver o que está mais além dos seus olhos carnais.

– Eu quero vê-los, ainda que os tema, meu anjo.

– Pois então vou mostrar-lhe um pouco mais como são esses Universos paralelo, Simão Beir.

– Como, meu anjo?

– Por meio dos sonhos, olhos que não ousam ver!

Observe que, quando você dorme, sempre sonha algo, não?

– Sim, é verdade.

– Saiba que durante o sono o seu mental só o conduz até as regiões onde seus pensamentos estão pulsando com mais intensidade.

– Como!!

– É isso, Simão Beir!

Seu corpo físico está imóvel, mas sua "alma" é atraída até onde um pensamento te atrai. Seja ele seu ou de terceiros.

Assim, seu espírito imortal vaga por regiões luminosas ou opacas em busca dos pensamentos que estão chegando até você ou estão vibrando a partir de você.

Os que estão irradiando até você o atraem, pois seu magnetismo pessoal se ressente de vibrações não iguais que incomodam o seu mental.

Já os que irradias conduzem-no aos Universos paralelos onde as "formas" nunca são nítidas, pois estão num padrão vibratório não humano.

São os "sonhos" onde tudo é fantástico, pois é extra-humano. Ali os conhecidos não são iguais aos que está acostumado a ver e os estranhos não são estranhos, pois são só aparências distorcidas de seres humanos conhecidos.

Pode até dizer que é sua química cerebral que cria tais coisas, mas não é isso, Simão Beir. É o seu mental que te conduz, mentalmente até os seus ideais ou teus medos. Os seus ideais o fortalecem e os seus medos o enfraquecem.

Logo, os seus ideais se alimentam nos Universos paralelos luminosos e os seus medos o descarregam ou o esgotam nos Universos opacos.

Observe que, ou você vai até os seus pensamentos irradiados ou és atraído por pensamentos irradiados a você por outras pessoas ou seres inferiores.

São energias, e só indo até elas, delas poderá libertar-se.

Isso te é compreensível, Simão Beir?

– Eu o ouço e compreendo suas palavras. Mas não vejo como isso é possível de ser alcançado pela minha limitada capacidade mental, meu anjo.

– Pois saiba que é a mesma coisa das quais já falei quando lhe mostrei os corpos de guerra ou das "almas" religiosas coletivas.

Um povo os cria, alimenta-os e os usa em benefício do todo.

Aí tens apenas uma variação na intensidade, pois não é coletivo, mas sim individual.

Você, como indivíduo, não pode ir até os assírios e, sozinho, destruir seu poderoso corpo de guerra, não é verdade?

– Sim, meu anjo.

– Também não conseguirá alterar sozinho o modo como eles adoram o Pai, não é verdade?

– Sim, é verdade.

– Isso se deve ao fato de o individual ser menos intenso que o coletivo, não?

– Sim.

– Mas você poderia, usando a sua força física, dominar um guerreiro assírio se se adestrasses para a luta, não?

– Sim, é possível.

– E também poderia converter um fiel da religião deles se usasse das verdades divinas que já conhece, não.

– Sim, isso também é possível, meu anjo.

– Mas só se houver uma fresta neles, não?

– Como assim?

– Digamos que só se o guerreiro fosse mais fraco, ou menos ágil ou adestrado que você na arte da luta ou o fiel fosse fraco na sua fé religiosa ou existisse pontos de atrito entre a sua natureza íntima e a natureza coletiva de sua religião, não.

– Sim, isso e certo.

– Logo, para tanto antes terás que descobrir quais frestas existem para que possas "passar" e alcançar os Universos paralelos que estão influenciando-o positiva ou negativamente.

– Tento compreender suas palavras ou ver a chave de acesso a eles, meu anjo. Mas tal coisa me é impossível, pois, em vez de Universos paralelos vejo regiões nubladas.

– Isso é assim mesmo, compreensível, Simão Beir. O que estou começando a mostrar-lhe é tão importante que fica "cego" diante da grandeza dos Universos paralelos. Mas, ainda assim, dentro de teu limitado poder visual, poderás "vê-los".

– Então mostre-me como "vê-los", meu anjo!

– Eu mostro, Simão Beir. Olhe que às vezes tens sonhos e às vezes pesadelos durante o sono, não?

– Sim, meu anjo.

– Então volte suas faculdades racionais ao seu interior e vislumbre a origem de um e de outro pulsar. Se sonha, é porque está ligado energeticamente a um ponto positivo, mas se tens pesadelo, então o ponto é negativo. No sonho, vaga por lugares agradáveis aos teus olhos, e, no pesadelo, eles são desagradáveis. Com isso, fica claro que um é positivo e outro é negativo.

– Sim.

– Positivo é sinônimo de aspiração, ideal, desejo, etc. E negativo é sinônimo de medo, frustração, apatia, etc., não?

– Sim.

– Então como é possível você, que tem medo de cobras, ter durante o teu sono um pesadelo em que está no meio de muitas cobras?

– Desconheço, meu anjo. Isso é de vosso conhecimento?

– Certamente que sim, Simão Beir.

– Pois então mostre-me como isso é possível, meu anjo – suplicou Simão.

– Mostro-lhe, olhos que anseiam uma visão clara!

Observe que tens o dom de meditar. E a imaginação nada mais é do que uma das faculdades desse dom, não?

– Sim.

– Então o que acontece durante o seu sono é nada mais nada menos que imaginas estar num local ocupado por cobras.

– Logo?

– Logo sua imaginação é a chave para o seu ingresso nos Universos paralelos, Simão Beir.

– Fale mais, meu anjo. Se tenho a chave, agora preciso ver a porta que ela abre.

– Também a mostrarei, Simão Beir!

Sua imaginação, enquanto dormes, cria um local ocupado por cobras e o "lança" no meio delas, pois em sua memória está gravado que as teme.

E, se assim é, é porque na sua memória está gravado um pulsar negativo e, enquanto não anulá-lo, ele o incomodará consciente ou inconscientemente.

Mas tão logo domine o seu medo, ele deixará de incomodá-lo, pois foi dominado e anulado por um pulsar positivo.

A partir daí sua imaginação o "levará" a outras vibrações, sejam elas positivas ou negativas. Então tens na imaginação a chave, e na memória, a porta que ela abre.

Logo, sua imaginação abre as portas da memória e te conduz a um Universo paralelo, que tanto pode ser positivo como negativo. Tanto pode ser luminoso como opaco.

Mas, para que consigas isso terás de ter uma força mental superior a conduzi-lo. E esse força é confiança ou fé.

Assim, se teme às cobras, aprenda a dominá-las durante os seus pesadelos, pois neles te é possível realizar coisas que, no plano racional-consciente, não conseguiria.

Ali, no plano racional-inconsciente, você é picado mortalmente mas não morres, é ferido e não sucumbe ao ferimento. Sabendo disso, tem um vasto campo onde mergulhar inconscientemente, mas sem perder o seu dom de raciocinar.

Logo, se dominar mentalmente seus medos por um período longo, poderá subjugar o que o apavora e assim tua memória, que recebe e armazena tanto os pulsares emocionais racionais-conscientes quanto os

racionais-inconscientes, para de lembrá-lo do seu medo, pois nela está codificado que você o dominou.

– Isso é incrível, Anjo da Morte!

– Mais que incrível, Simão Beir. É uma verdade ainda desconhecida dos seres humanos que, diga-se a bem da verdade, ainda são ignorantes de muitos mistérios que os envolvem.

Isso te é compreensível, Simão Beir?

– Quanto à ignorância, sim. Mas gostaria que me mostrasse mais sobre a memória e a imaginação, meu anjo. Principalmente o racional consciente e inconsciente.

– Farei isso, Simão Beir, pois antes de você penetrar num Universo paralelo terá de saber que certos estados ou graus vibratórios do seu mental são dominados pela tua consciência e outros são supraconscientes, pois vibram de acordo com sua natureza íntima, que por sua vez é mais forte que sua vontade-consciente, porque ela é sua vontade-inconsciente ou força íntima original que o tem impulsionado desde sua origem.

– Agora estou mais confuso, meu anjo!

– Não se preocupe com isso, olhos que ainda não conseguem ver, pois, mais adiante, verá tudo tão claramente que penetrará nos Universos paralelos tão facilmente quanto deles retirará quem neles tenha se aprisionado.

– Sim, meu anjo. Conduza-me com teus olhos, que no tempo certo verei claramente a tudo.

– Pois então veja com meus olhos, Simão Beir.

Vou iniciar essa sua nova visão pelo racional consciente, que é o seu raciocínio interado com o Universo que lhe é visível por meio dos seus olhos carnais.

São os campos, aldeias, florestas, rios, mares, estrelas, sol, lua, etc., etc., etc.

Enfim, o Universo concernente ao seu estado de ser vivendo no corpo carnal.

Pode chamá-lo de Universo material, pois a condensação de energias é tão intensa que só possuindo um corpo carnal seu espírito imortal pode viver n'Ele.

Tal condensação dá origem a tudo que te é palpável, visível, sensível e audível dentro de uma faixa limitada por sete graus vibratórios na escala universal da criação.

Então tens consciência de tudo que o cerca e o seu racional raciocina em função desse seu Universo material sensível aos seus sentidos carnais.

Aí está localizado seu racional consciente, pois tens domínio sobre tudo à sua volta, uma vez que teu dom do conhecimento vai, pouco a pouco, permitindo que aprendas a dominar ou conviver nesse seu Universo "visível".

Vai acumulando conhecimentos que explicam os fenômenos naturais no seu dia a dia. Logo, seu raciocínio só formula questões racionais ou compreensíveis ao seu conhecimento, senão, pensará que está delirando acordado.

Então este estado de consciência no seu Universo é seu racional-consciente, pois se algo acontece e não atinas com a causa de imediato, bastará procurá-la que a encontrará.

Após uma pausa, o anjo prosseguiu:

– Isto te é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Agora vejo claramente o meu racional consciente.

– Então vou mostrar-lhe o seu racional inconsciente, que é nada mais nada menos que as vibrações acumuladas no teu mental, que tanto pode ser do tamanho de um grão de areia quanto de uma montanha. Disso já te falei, não?

– Sim, meu anjo. Mas não como eu gostaria de ter visto, pois se ele tanto pode ser do tamanho de um grão de areia quanto de uma montanha, então me é invisível, não?

– Certamente que sim, pois se o seu mental é uma semente emanada do divino Criador e traz em si atributos divinos, logo é tão invisível aos seus olhos humanos quanto Deus.

Mas voltemos ao seu racional-inconsciente, senão perderás o seu ângulo visual, certo?

– Sim, meu anjo. Por favor, prossiga!

– Pois bem.

No seu dia a dia na carne, acumulas na tua memória imortal, localizada num ponto do seu mental, vibrações de alegria, prazer, amor, ódio, tristeza, frustração, etc., que ficam gravadas. Se são de ordem positiva ou virtuosa, elas o tornam mais expansivo, extrovertido, confiante, puro, leal, etc. Mas se são de ordem negativa ou viciada, tornam-no mais fechado, introvertido, frustrado, dúbio, desleal, etc.

Mas nunca deixam de vibrar!

Se são positivas, elas são integradas ao seu mental, pois vibram harmoniosamente num todo formado (gerado) no meio divino (Deus) que as aceitam como natural e as incorporam, aumentando assim a sua irradiação mental.

Mas, se são negativas, o seu mental recusa-se em integrá-las, pois não as aceita como "natural". Logo, são enviadas a um ponto do mental que as armazena até que possam ser anuladas da memória imortal por uma ação positiva que as neutralize. E esse ponto de acúmulo de vibrações negativas tanto pode ser do tamanho de um grão de areia quanto de uma montanha.

Observe que, se uso os termos grão de areia ou montanha é porque energia pode ser medida na sua intensidade mas não no seu tamanho, senão deixa de ser vista como tal e passa a ser matéria. Certo?

– Sim, meu anjo.

– Pois bem. Então tens a vibrar, nesse ponto do seu mental energias que, se são positivas, são integradas ao todo mental e se são negativas, ficam vibrando em desarmonia com o todo que as abriga.

E essa vibração tanto pode ter o "tamanho" de um raio cortando o firmamento quanto o tamanho da luz de um vaga-lume.

Logo, é para o meio dessa vibração, que é energia, que sua consciência é conduzida pelo seu racional inconsciente enquanto dormes.

Como o seu eu original, que não tinha um corpo carnal ou espiritual, mas sim era uma centelha do divino Criador, então também pode ser que esse seu eu tanto seja do tamanho de um grão de areia quanto de uma montanha.

Ali, em meio às vibrações de ordem negativa, seu eu mergulha e procura libertar-se delas, pois ele, uma centelha divina, não as quer, já que, na sua origem divina, portanto, pura, não as conhecia e não as trouxe codificadas na sua memória imortal como aceitáveis e assimiláveis.

Então ali, àquele ponto, seu eu é conduzido pela sua consciência à procura de solução para tais vibrações negativas.

Seu eu mergulha num ponto onde seus "medos" assumem "formas" não agradáveis aos seus olhos humanos, pois ali eles são o meio que o seu "eu" possui para "vê-los".

Como não são naturais ou virtuosos, são ""vistos" como formas que o incomodam, o ferem, o assustam, etc.

Logo, nesse estado de consciência, tens o domínio do seu racional que busca a solução para livrar o teu "eu" original das vibrações negativas, mas encontra dificuldades, pois o teu racional acostumou-se a só raciocinar em meio ao seu Universo material.

Por isso é chamado de racional-inconsciente, tu não percebes que estás "dormindo" ou descansando teu corpo carnal.

Não tens consciência de que está inconsciente no Universo material e desperto para um Universo paralelo a ele, e onde estão armazenadas energias oriundas de vibrações absorvidas do Universo material.

Logo, ali a ordem formadora de imagens as assimila e as retransmite aos teus olhos espirituais, que as vê assustadoras, pois são a expressão "viva", "visível" e "palpável" dos seus "medos".

Ali os seus medos assumem uma forma e tem de lutar contra eles e anulá-los, ou então o incomodarão por toda a sua "vida".

Mas lembre-se que esse é só um dos Universos paralelos, que são muitos. Certo?

– Sim, meu anjo. Por favor, prossiga!

– Eu prossigo, Simão Beir.

Então, já vislumbras qual é o tamanho de um Universo paralelo?

– Sim, meu anjo. Ele tanto pode ser do tamanho de um grão de areia quanto do tamanho do Universo visível aos meus olhos carnais, não?

– Isto mesmo, Simão Beir. Viu como já entendes e visualizas um Universo paralelo!

Pois bem, prosseguindo, eu digo-lhe que ali, nesse Universo paralelo onde são abrigadas as vibrações de ordem negativa, seu eu original te conduz de forma inconsciente, pois estas acostumado a "lidar" com "coisas" materiais e a ele só tens acesso se estiveres inconsciente (dormindo), pois irás ingressar no interior do teu todo mental.

Logo, a porta de ingresso a este tipo de Universo paralelo onde as vibrações negativas são alojadas é o racional-inconsciente.

Isso te é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Mas digo também que, com muitos, costuma acontecer de seus racionais conscientes serem anulados pelas vibrações alojadas nesse Universo paralelo, pois, se a ele são enviadas pelo mental, então há uma passagem que também pode deixar que dele saiam vibrações e ocupem um ponto do seu todo mental-consciente, ou na própria "consciência" ou razão.

Com isso, passam a pensar e agir de modo inconsequente ou irracional, pois suas faculdades mentais ficam entorpecidas e perdem suas funções originais, que são o amor, a fé, a razão, a lei, o conhecimento, a sabedoria e a vida.

Logo, se alguém amava e foi traído, passa a "ver" a traição, pois uma vibração (sentimento) de lealdade foi substituída (anulada) por outra de desconfiança.

E muitos seriam os exemplos a serem citados!

Mas, como o que importa agora não são eles e sim como podem ser muito intensos ou marcantes, então digo-lhe que, dependendo dessa intensidade, poderá ocorrer que a mesma passagem usada pelo mental para armazenar as vibrações oriundas do exemplo possa ser usada pela imaginação para transportar tais vibrações para outras situações parecidas à do exemplo citado anteriormente.

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Então mostre-me o que viste, olhos que já veem!

– Pois não, meu anjo.

Um dia eu estava colhendo uvas e num dos ramos havia uma cobra. Quase toquei em sua cabeça, e isso só não aconteceu porque minha mãe estava logo atrás de mim e a viu primeiro e emitiu-me um grito de alerta. Logo a cobra estava morta, pois todos acorreram até onde estávamos e a mataram.

Mas, daquele dia em diante, jamais deixei de olhar para todo pé de uvas antes de tocá-los. Logo, agora eu sei que em um determinado ponto do meu todo mental estão alojadas vibrações de susto pelo grito aflito de minha mãe e de medo da cobra que quase me picou.

O grito aflito e a visão da morte (cobra) ainda estão vibrando, pois me causaram um choque muito intenso. Mesmo depois da cobra morta, eu ainda tremia apavorado e jamais esqueci da visão que me foi tão marcante.

Então, como ela foi marcante, intensa foram as vibrações de tal choque a mesma passagem por onde elas usaram para serem alojadas nunca mais se fechou, e sempre que eu ia mexer nos pés de uva eu relembrava tal visão.

Logo, não era só um alerta contra o perigo de encontrar outra cobra, mas sim um "medo" a incomodar-me, pois jamais encontrei outra cobra nos pés de uva.

A passagem não se fechou, meu anjo. Então tais vibrações passaram a incomodar-me, e se antes eu colhia mais uvas que todos porque tinha uma agilidade incomum para colhê-las, passei a ser um dos mais lentos apanhadores de uvas.

Meu racional-consciente passou a ser paralisado por vibrações interpretadas como negativas por minha memória, e que não foram aceitas pelo meu mental, que as enviou a um Universo paralelo alojado no meu todo mental, pois tal "medo" só a mim incomodava, e só me incomodava em se tratando de cobras.

O meu comportamento sofreu uma alteração intensa, pois passei a vasculhar com os olhos os trilhos no meio dos campos floridos à procura de cobras ocultas à sua beira.

Também passei a temer as água escuras, pois nelas podia estar oculta uma cobra. E muitos foram meus pesadelos, onde eu me via frente a frente com elas, o "meu" medo. Enfim, eu sofri uma transformação para pior, pois uma vibração (medo) de ordem negativa me dominava.

Simão Beir calou-se e ficou olhando o anjo que o fascinava, que sabia tudo isso e ainda assim o ouvia atento. Então o Anjo da Morte falou-lhe:

– Muito bem, Simão Beir! Vejo que viu com clareza tudo o que lhe mostrei.

Viu como uma vibração negativa atrapalhava o descanso do seu corpo carnal, pois durante seu sono tinhas pesadelos e com isso inundavas seu racional com vibrações de medo, que no seu dia a dia te tornavam muito mais cauteloso e imaginavas (transpunhas) um perigo, localizado em determinado dia em um pé de uva, para todos os lugares ou locais onde estavas dali em diante.

Um Universo paralelo influencia intensamente um ser humano se uma passagem estiver aberta a partir da mente para ele ou dele para a mente.

Tua imaginação criava situações perigosas mesmo onde elas não existiam e por isso agias de modo não muito racional, pois seu medo te impedia de ser "natural", tal como eras na tua origem onde não existiam cobras.

Logo, a imaginação é a chave e a memória é a porta, pois sobre algo de que já não se lembra mais não crias nada, uma vez tua imaginação não é ativada e sua consciência pulsa tranquila, já que seu racional não está recebendo vibrações desarmoniosas (negativas) de nenhum Universo paralelo.

Então tens na imaginação a chave que só tem uso caso a porta, que é a memória, esteja "visível". Mas lembre-se que uma chave só existirá caso a porta já exista, pois sobre o que não existe não consegues imaginar nada.

Logo, se imaginas algo, é porque tens a chave de alguma porta. Bastará procurar por ela de forma racional-consciente que a achará.

Então deverá abri-la consciente e racionalmente para não ser envolvido por ela. Primeiro delimitará seu campo de visão no que estava oculto por ela para logo a seguir vislumbrar o que desejas ver para só então ter uma visão clara do que a chave lhe abriu.

Só assim poderás abrir quantas portas as chaves que possuíres abrirem, senão farás como muitos que assim que encontram uma chave, vão logo escancarando a porta e não se preocupam em delimitar um campo de visão. Logo se assustam com suas "visões" e retrocedem assustados deixando aberta uma porta que, no futuro, ou lhes enviará visões que os perturbarão, ou do interior dela lhe chegarão chamados confusos para que adentrem nela, ou chegarão clamores de insatisfação por terem aberto uma porta e não a terem fechado novamente ao verem o que não foi agradável aos "olhos".

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

Jamais devo abrir uma porta sem antes raciocinar conscientemente sobre quais são as razões que me conduziram a ela e delimitar o campo que desejo vislumbrar, pois só assim verei o que realmente devo ver, já que se tal porta não existisse em minha memória, a chave, que é minha imaginação, não teria me conscientizado de sua existência para que eu raciocinasse e esvaziasse o conteúdo do compartimento mental trancado por tal porta, iluminando-o e arejando seu interior.

– Se eu fosse humano, certamente eu diria: magnífico, Simão Beir! Mas como não sou humano, e sim o Anjo da Morte, que veio até você para despertá-lo para a verdadeira vida, então eu lhe digo: Simão Beir, os Universos paralelos concernentes aos seres humanos são muitos, mas os principais são os sete virtuosos e os sete viciados.

É sobre eles que lhe falarei agora, pois já tens noção do que é um Universo paralelo e de como pode ir a ele ou receber dele influências que te alterem de forma marcante.

– Eu o ouço atentamente, Anjo da Morte.

– Então ouça com atenção e veja algo que toda a humanidade ainda desconhece, pois dão muito pouca atenção ao significado das muitas

"chaves" que lhes são dadas graciosamente por suas intuições e preferem fantasiar em vez de meditar sobre as portas que elas abrem.

Sim, a fantasia é uma falsa válvula de descarga dada ao ser humano, e que o influencia a todo instante, conduzindo-o a becos sem saída.

Já aquele que medita sobre as portas e ousa abri-las, consciente e racionalmente abre diante de si Universos imensuráveis, pois quanto mais descobre sobre eles, há muito mais para ser aprendido.

Mas, como Deus é generoso, então deu essa válvula de descarga ao ser humano para que, não tendo o amor, possa fantasiar sobre ele.

Não tendo o sexo, crie fantasias eróticas.

Não tendo o raciocínio, então fantasie criações fantásticas.

Etc., etc., etc.

Mas, se soubessem que a mesma química cerebral que permite à imaginação adentrar os Universos paralelos, sejam eles positivos ou negativos, também permite criar fantasias que subjugam suas frustrações exteriores e criam um mundo interior em que o senhor são eles mesmos, então usariam mais intensamente o dom do raciocínio e menos o vício da fantasia.

Como o anjo se calou, Simão Beir indagou-lhe:

– Por que abordas a fantasia e não os Universos paralelos, meu anjo?

– Se o faço é para que não se deixe influenciar pela aparência da verdade, pois o dom do raciocínio possui duas formas de ser ativado.

Uma é positiva, pois é a inteligência. E esta permite que imagine uma montanha se alguém descrevê-la.

Mas também permite-lhe fantasiar e criar uma montanha não existente, num lugar inexistente, pois é só uma criação abstrata e não a descrição de algo que realmente existe.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Não atino com o sentido que imprime à sua fala, meu anjo. Mas compreendo que fala da verdade e da mentira; do real e do fictício; da imaginação e do imaginário, não?

– Sim, é isso mesmo, Simão. Acertaste no "meio" mas, como ainda desconhece o "fim", então não imagina para onde o conduzo.

Mas mostro-lhe isto rapidamente.

Observe que se alguém lhe diz: "Simão, eu vi uma mulher muito bonita. Um verdadeiro encanto de mulher!"

Como você reagiria?

– Eu iria imaginar uma mulher que preenchesse todos os requisitos de feminilidade que me agradam.

– Muito bem! Você acha isso certo ou errado, bom ou ruim?

– Não sei, meu anjo. O que sei é que posso imaginá-la e isso me basta. Quanto às questões que colocas, prefiro ouvi-lo a ficar imaginando qual é o certo ou o bom.

– Pois lhe digo que nem é bom nem é ruim, nem é certo nem é errado, pois é uma faculdade ou dom seu, assim como de todos os seres humanos.

Já o que é errado é alguém se subjugar à descrição dada por alguém sobre tal mulher e começar a fantasiar sobre ela, pois aí estaria criando imagens falsas sobre algo que nem ao menos viu.

Compreende isso, Simão Beir?

– Compreendo, meu anjo. Mas ainda não atino com o rumo dado com suas explicações.

– Eis que bloqueei sua imaginação e esqueceste que sua inteligência pode mostrar-lhe o rumo. Mas como isso acontece a todo instante com todos os seres humanos, então eu lhe mostrarei, numa única visão, tudo o que não consegue ver, pois está tentando visualizar "aparências" e não "formas".

– Sim, tem razão. Eu tento imaginar qual é o rumo que imprime com suas palavras e esqueço-me de que só está querendo mostrar-me que a mesma imaginação que pode abrir um Universo paralelo de forma consciente e racional também pode lançar-me irracionalmente e inconscientemente num Universo falso, que, por ser falso, poderei não sair dele e tampouco fechá-lo, certo?

– Isso mesmo, Simão Beir!

Eu vou circulando verbalmente em volta do ponto-chave para que não te perca com falsas chaves e com portas fictícias. Isso é tão comum aos seres humanos que já nem sabem o que é verdade e imitação da verdade, pois milhões de homens já imaginaram como é Deus e nenhum se aproximou um mínimo que fosse do verdadeiro Criador de tudo e de todos.

Imagine como é Deus, Simão Beir!

– Não posso, meu anjo.

– Por que não?

– Sou limitado, e o Senhor não tem limites. Logo, eu estaria errando ao dar-Lhe uma aparência.

– Mas os homens precisam de uma aparência para, a partir dela, construir um mundo todo pessoal ou um Universo particular onde possam abrigar suas fantasias sobre Deus.

– Nossa, eu atino com o rumo que imprime à sua fala, meu anjo!

– Tem certeza, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

Então explique-o, pois vejo que usaste do dom do raciocínio, e sua faculdade humana chamada de inteligência abriu-lhe uma porta luminosa.

Fale, Simão Beir!

– Sim, meu anjo! – Simão entusiasmou-se e começou a falar:

Eu digo que atinei com o rumo ao ligar o meu medo de cobras com a imagem criada por mim sobre a tão bela mulher.

Sim, é isso mesmo! Se um ponto no meu todo mental abriga um Universo paralelo onde vibra forte o meu medo e por ele sou influenciado, então nesse mesmo todo mental, outra coisa que não um medo pode ser alojada e influenciar-me também.

Sim, a minha imaginação criou para mim um tipo de mulher ideal ainda que eu não a veja. Ela está gravada em minha memória imortal não como um todo único, mas sim em fragmentos que a minha imaginação uniu para o meu tipo ideal.

Sim, é isso mesmo, pois o medo de cobras não é a verdade oculta mas sim a aparência dela, pois o que temo não é a cobra, mas sim a morte ou as dores que sua picada provocariam.

Se soubesse que a cobra não me picaria, certamente a acariciaria, assim como gosto de acariciar meu cão de estimação. Mas se não o faço é porque sei que, se acariciá-la, ela me picará.

Logo, meu medo é da morte e não da cobra!

E assim, imagino uma mulher perfeita, pois se ela não for bela minha visão não enviará uma imagem agradável. Mas, para mim, ela teria outros atributos que só poderia identificá-los se os encontrasse numa mulher real.

Logo, os Universos paralelos que diz estarmos ligados são nada mais nada menos que criações mentais ou fantasiosas, pois são pontos que, na verdade, são sub ou supraconscientes.

Assim sendo, se eu realmente quero conhecê-los, então tenho que me ligar às virtudes ou aos vícios. Só assim poderei penetrá-los, uma vez que na verdade são energias que não podem ser medidas mas sim sentidas, sejam elas emitidas por mim ou a mim enviadas por alguém. Sejam elas minhas ou de outrem!

Se aprendo contigo que Deus é amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida, então Ele é tudo isso e posso senti-Lo em cada uma dessas virtudes.

Logo, na ausência d'Ele, os vícios se instalam e dão abrigo a muitos Universos paralelos de ordem negativa, pois estão ocultos no interior do todo mental de cada um, e que não têm um tamanho mensurável, pois são energias e como tal não podem ser medidas.

Então os tais fios que saem do nosso corpo em todas as direções nada mais são que ligações energéticas com tais Universos.

Sim. Cada ligação nossa com alguém ou alguma coisa se estabelece por meio dos fios que não podemos ver, pois são energia.

Se sete descem sobre nossa cabeça e nos chegam diretamente do Criador, e a ausência deles sobre a cabeça de alguém significa que está pulsando ausências "d'Ele", então bastará uma ligação mental com alguém assim para descobrir quantos Universos paralelos negativos estão abertos e abrigados no todo mental desse alguém.

Bastará "ouvir" sua memória para identificá-los e ir encontrando os fragmentos que permitiram sua formação para assim encontrar a verdadeira forma, oculta pela aparência de uma fantasia.

Ao imaginar uma mulher ideal, sinto-me enlevado. Ao imaginar uma cobra, sinto-me incomodado. Logo, os fios que partem de todo o

nosso corpo são ligações com as energias que estão em toda parte, e são captadores ou emissores delas.

Sim, se os Universos paralelos estão no nosso todo mental, e se o nosso corpo é só um desdobramento para nos adaptarmos ao meio no qual estagiamos, então, ou irradiamos, pelos fios, energias positivas ou negativas ou as recebemos, pois existem para que em nós não se crie um acúmulo energético tão intenso que nos deformaríamos.

Sim, em equilíbrio vibratório propiciado por um equilíbrio emocional, racional e mental, somos alimentados pelo Sagrado Arco-Íris em nossa coroa, que nos envia energias, vibrações, luminosidade e cores virtuosas. Daí, em função do magnetismo existente em nosso todo mental, elas são irradiadas nos nossos atos, palavras e pensamentos.

Mas se isso acontece é porque em nosso todo mental existem locais ou Universos paralelos onde são enviadas para, dali, serem irradiadas por nossos próprios sentidos e sentimentos virtuosos.

Então os Universos paralelos são "bolsões" onde armazenamos energias, positivas ou negativas, e que posteriormente são enviadas com nossos pensamentos, atos ou palavras.

Sim, é isso mesmo, meu anjo!

Eu posso virtualizar-me em todos os meus sentidos e a partir daí irradiarei virtude em todas as direções, assim como eu posso me viciar em todos os meus sentidos e irradiar viciações em todas as direções.

Como disseste que o nosso corpo espiritual humano é só um desdobramento de nossa semente original, para que assim estagiássemos num "meio" humano, então posso irradiar uma bênção (virtude) com minhas mãos ao curar um enfermo, assim como posso irradiar um mal ao ferir alguém com elas.

Meus pensamentos (vibrações interiores) podem ser irradiados a longas distâncias pelos fios que conduzem as energias armazenadas nesses Universos paralelos, desde que eu tenha um alvo.

Mas se não as direciono, e ainda assim estou a irradiá-las, então os fios as conduzem diretamente às faixas vibratórias que armazenam energias virtuosas ou viciadas.

Mas, se os Universos paralelos principais são os sete virtuosos e os sete viciados, então esses de ordem mental que abordas estão ligados a eles e d'Eles absorvem energias ou a eles as enviam, pois são de natureza humana, e não divinas.

Sim. O ser humano, que é o desdobramento da centelha divina irradiada pelo divino Criador, traz em si algo que chamamos dom do raciocínio e que também pode criar energias, pois ao raciocinar estamos "criando" algo, primeiro mentalmente e só depois transpomos este "algo" para o plano visível aos olhos humanos porque damos-lhe uma "forma" material.

Com isso, criamos no micro coisas que são humanamente possíveis, pois são atributos do ser humano. Podemos, com o uso da inteligência, "criar" orações, invenções, etc.

Mas também podemos fantasiar, pois se a verdade indica coisas verdadeiras, a mentira nada mais é que uma fantasia.

Logo, podemos penetrar nos Universos paralelos concernentes aos seres humanos e que são os sete virtuosos que nos alimentam com energias divinas ou então sermos lançados nos sete viciados por meio das ausências de Deus.

Sim, se nada existe onde Deus não existe, então penetramos nos Universos viciados pela Sua ausência e não pela Sua negação; pois ao pulsarmos um vício, em verdade não conseguimos negá-lo, mas sim "criar" um Universo pessoal onde não o visualizamos, pois é um falso Universo paralelo alojado numa região oculta do nosso todo mental.

Como são energias de ordem negativas geradas pelos nossos "medos", então anulamos o Sagrado Arco-Íris divino, pois nesses Universos negativos as cores estão ausentes.

Sim. Luz e trevas nada mais são que vibrações positivas ou negativas acumuladas ou irradiadas pela nossa mente, meu anjo. Assim sendo, posso ver como penetrar na região oculta num mental humano e ali localizar a presença ou a ausência Divina nesse mesmo ser humano.

– Como faria isso, Simão Beir? – indagou bruscamente o Anjo da Morte.

– "Sentindo" sua irradiação, meu anjo!

– Ainda não foste claro, Simão Beir.

– Vou procurar ou imaginar um meio mais claro, meu anjo.

Vejamos assim: eu me aproximo de alguém e observo-o com atenção. Logo, posso saber se está tenso ou calmo; com dor ou saudável; triste ou alegre; forte ou fraco; etc., etc., etc.

Bastará então eu indagar-lhe as suas razões de forma correta e descobrirei quais são elas, que o tornam irradiador de energias positivas ou negativas.

– Mas o sorriso tanto pode ser de ordem positiva quanto negativa, Simão Beir.

– Eu sei, Anjo da Morte. Mas se eu souber a razão que o originou, saberei se a energia por ele irradiada é positiva ou negativa, pois saberei se é um sorriso sarcástico ou irônico, alegre e feliz.

Sim, agora eu já sei que o que existe no macro (Deus) também é possível de existir em nós, desde que guardemos as proporções e limites que existem entre o Criador e a sua criação.

– Explique-se melhor, Simão Beir.

– Sim, meu anjo.

Os seres humanos são parte do Criador e, como Deus é energia, então nós também somos energia.

Mas, como temos um dom divino que é o do raciocínio, e que pode "criar" (pensar) e depois dar uma "forma" aos seus pensamentos tal como eu vislumbro a morte na cobra e o prazer na mulher ideal, então posso imaginar que nos Universos paralelos existentes nos mentais humanos existem criações humanas que o elevam a uma vibração próxima da do divino Criador ou o afastam d'Ele.

Logo, no sorriso sarcástico ou irônico vejo uma ausência Divina, pois quem assim sorri está ocultando algo que não ousa revelar, porque está oculto num Universo paralelo. Aí entra a "aparência" no lugar da forma, assim como a fantasia substitui o real (verdadeiro).

Sim, a imaginação "cria" Universos paralelos que armazenam ódios, invejas, ambições, paixões, etc., que alimentam as aparências que irradiamos à nossa volta.

Logo, nem tudo o que parece, em verdade o é, pois pode ser só uma aparência e não uma forma.

Tal como os sacerdotes de algumas tribos se vestem com paramentos que os tornam assustadores, respeitáveis ou medonhos, dando-lhes assim uma aparência sobrenatural, um ser humano também pode aparentar algo que não é humano, tal como o ódio.

E tudo se deve ao fato de que num determinado local do seu todo mental um Universo paralelo está sendo alimentado por ele ou está alimentando-o com energias negativas.

Bastará então visualizarmos racionalmente as razões que movem um ser assim que veremos claramente qual tipo de viciação o alimenta ou é alimentada por ele. Ao fazermos isso estaremos vendo além da aparência ou além do Sagrado Arco-Íris, pois estaremos vendo ali uma criação tipicamente humana.

Sim, às vezes, vislumbramos num homem um governante poderoso, mas, na verdade, ele pode ser tanto um homem ambicioso quanto um ser dominado pela soberba ou mesmo um crente de que assim conduz bem os seus súditos.

É "sua" criação mental que o induz a ser assim, pois um Universo paralelo, por ele criado e alimentado energeticamente, alimenta-o e o influencia.

Logo, os casos de medo, loucura, apatia, frustração, etc., também são Universos paralelos alojados numa região do mental que foi "criada" por uma mente humana por meio da imaginação e que, por não ser palpável (matéria), mas sim energias (vibração) incomoda-o e o subjuga, pois está no "seu" interior.

Assim como o contista "inventa" contos irreais e o romancista "cria" amores fantásticos graças à imaginação, o louco "cria" sua loucura e o frustrado "inventa" desculpas para seus fracassos, ainda que todos eles tenham razões diferentes, que tanto podem ser positivas como negativas, pois o louco pode ter "criado" sua loucura ao exceder os limites humanos

de sua força mental e o romancista "cria" amores fantásticos porque desconhece como é o amor real. Todos eles fantasiam sobre algo que não é palpável mas tão somente sensível, pois buscam ou recebem energias dos Universos paralelos.

Sim, isso é assim. Se fora de Deus nada existe, e n'Ele só existem virtudes, então os Universos paralelos negativos só existem em nós mesmos, pois os alimentamos com nossas fantasias, criadas a partir de nossa imaginação que, se assim age, é porque está influenciada por um princípio negativo ou viciado na sua origem.

Simão Beir calou-se e então o Anjo da Morte falou-lhe:

– Só lhe falta atinar com algo que é inerente não só ao ser humano mas a toda a criação para deixares bem visível tudo o que acabaste de dizer-me, Simão Beir!

– Falta-me a capacidade mental para fazer isso, meu anjo.

– Pois é por causa disso que não atinas. Falta-lhe essa capacidade mental, Simão Beir.

– O que é, meu anjo?

– A memória imortal, Simão Beir.

– A memória imortal?

– Sim, ela mesma, olhos que não veem o passado que já viveste tanto na carne quanto em espírito.

Eu falei que tudo é energia e também que uma pedra tem uma memória, não?

– Sim, falou, meu anjo.

– Também falei que o ser humano tem uma memória imortal, não?

– Sim.

– Muitas vezes os Universos paralelos "internos" não foram criados "ontem", e sim há milhares de anos no interior do todo mental de um ser humano.

– Eu o ouço com atenção, meu anjo! – exclamou Simão.

– Irei mostrar-lhe que a morte tem muitas "formas" e que a cada um ela se mostra com uma delas.

– Eu quero vê-las, meu anjo.

– Olhe isso então, Simão Beir. Mas olhe com os meus olhos, pois só assim a verá. Lembra-te do local onde costumavas ir nadar com seus amigos?

– Sim.

– Lembra-te também que havia um lugar muito fundo onde gostavas de mergulhar?

– Sim.

– E de que sua mãe vivia proibindo-o de mergulhar nele porque vários garotos haviam se afogado, pois havia pedras no fundo daquele lugar?

– Sim.

– Você ouvia os alertas de que ali a morte tinha a aparência de águas profundas e não ligava para os perigos de encontrá-la frente a frente mesmo sabendo que várias pessoas a haviam encontrado ali.

– Sim, era isso mesmo, pois eu nadava muito bem e não temia morrer afogado, meu anjo.

– Mas também ouvistes alertas sobre cobras e de imediato passaste a temê-las, não?

– Sim. Eu ouvi meu pai contar que um irmão dele havia morrido ao ser picado por uma cobra muito venenosa e passei a temê-las.

– Então olhe com os meus olhos e assim poderas ver o porquê desse teu medo, pois ele está gravado na sua memória imortal adormecida, Simão Beir.

– Eu olharei com os seus olhos, meu anjo.

"E Simão Beir viu a si próprio sendo lançado num poço cheio de serpentes venenosas, num passado remoto.

Era uma punição ritual por desobediência às leis religiosas de um povo já extinto da face da Terra há vários milênios."

Então o Anjo da Morte falou-lhe:

– Viste a causa do seu medo, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Então fale-me dele, olhos que já viram a morte que se recusa morrer em sua memória!

– Eu vi a mim mesmo desobedecendo às leis religiosas que regiam um povo. Eu transgredi várias delas ao usar mal o meu cargo de grande poder e assim dar vazão aos meus desejos pelas servidoras do templo sagrado desse mesmo povo.

O castigo a quem transgredisse suas leis era ser lançado num poço cheio de serpentes venenosas.

Vi-me caindo e sendo picado por elas e logo estar morto na carne. Mas também vi meu corpo apodrecer ou ser devorado por elas e ainda assim meu espírito imortal não conseguia sair daquele poço, pois em minha mente estavam vibrando as acusações dos juízes, que diziam que eu havia desobedecido às leis sagradas e ofendido ao Pai.

Minha consciência manteve-me preso ali por muito tempo, num pesadelo horrível em que eu era punido em espírito por minha fraqueza na carne.

Vi me sendo dali retirado por uma pessoa bondosa após muitas orações e pedidos de perdão a Deus por tê-Lo ofendido.

Sim, agora eu sei por que temo as cobras.

– Será que já sabe, Simão Beir.

– Ainda não sei, meu anjo?

– Vejo que ainda não sabe, olhos que não ousam ver as razões do seu medo.

– Por favor, meu anjo, mostre-me as razões que não ouso ver.

– Não só o seu corpo, mas também o seu espírito foi lançado num fosso cheio de cobras por transgredires as leis sagradas de um povo e de seu corpo religioso.

Seu corpo individual dizia que podia realizar seus desejos da carne com mulheres, que haviam sido aceitas como servidoras do templo pela pureza virginal. Mas o corpo coletivo religioso do seu povo, naquela época, dizia que isso era uma afronta a Deus e era um pecado.

Logo, a força de um corpo individual é ínfima perto da de um corpo coletivo. Assim sua força individual para reagir contra tal punição foi anulada pela coletiva e sua consciência o acusava de uma afronta ao Criador e um pecado aos olhos dos homens.

Assim, não tinha força mental ou mesmo espiritual para sair dali quando nem o seu corpo carnal lhe restava.

E se isso aconteceu é porque você havia se afastado do Pai ao afrontá-lo com os seus desejos sexuais.

Isso o afastou d'Ele e o lançou num Universo paralelo criado no seu todo mental ao ser proferida a sua punição. Seu pesadelo iniciou-se ali, e o Sagrado Arco-Íris não irradiou mais a sua coroa, porque criou dentro de si uma ausência do Pai muito intensa.

Lá atrás, em algum lugar do seu todo mental, já começou a vibrar a energia do seu inferno pessoal, onde a "morte" assumiu a aparência de cobras. E morte é sinônimo de inferno ou ausência de Deus uma vez que Ele é eterno, portanto, é vida.

Então, em sua memória imortal está gravado que quem afronta a Deus é punido com o inferno e, no seu caso, a morte que o conduz a tal inferno tem a "forma" de uma cobra.

Logo, ao ver uma cobra você se assusta, e não consegue captar racionalmente e ordenadamente o que sua memória imortal traz gravado nela como uma afronta ao Pai.

Temes a cobra e a associa à morte. Mas você não atinava, antes de "ver", que o que está gravado na sua memória imortal é o pulsar de um medo ancestral por essa afronta.

Sim, a "morte" tem muitas formas, mas cada um a vê com olhos muito pessoais porque, mesmo que ela não signifique uma ausência de Deus, não deixa vestígios ou vibrações na memória imortal de um ser humano.

Mas se ela tem essa conexão, então sempre estará um pulsar negativo intenso, pois a vida segue uma linha contínua e inquebrável, mas passível de ter certos pedaços preenchidos por ausências Divinas.

Se num determinado trecho da linha de uma vida existe uma ausência de Deus, então haverá um pulsar negativo ou em desacordo e desarmonia com o pulsar original da linha dessa mesma vida.

Sim. Quando foste emanado rumo ao teu "fim", que é retornar a ele, um fio o tem mantido ligado ao Pai. Esse fio se manteve ou se mantém luminoso até o momento em que pulsar virtudes em todos os sentidos. Mas,

no momento em que deixa de ser virtuoso, ele perde seu brilho e se torna opaco ou escuro.

Então, pelo tempo que pulsar a ausência Divina ou a falta da luz das virtudes, essa linha da vida, que é o fio que o liga até o meio gerador de Deus, terá um pedaço sem luminosidade, brilho e cor.

Na sua memória imortal haverá um pulsar desarmônico a lembrá-lo de que um dia criaste um Universo paralelo em desarmonia com o todo universal, que é o Deus virtudes.

Assim, na ausência do Criador, a negação d'Ele induziu sua imaginação a criar um anti-Deus ou o seu oposto, o diabo com a forma de uma serpente.

Seu racional raciocinou rapidamente que ias para o inferno e sua consciência criou uma vibração acusatória contra você. Logo, sua imaginação deu uma forma para essa ausência Divina ou inferno tendo como agente punidor um demônio com a forma de uma cobra.

Daquele momento em diante o anti-Deus passou a ter para você a forma de uma cobra, e até hoje a teme, pois, ainda que disso não se lembrava, lá estava sua memória imortal a alertá-lo do perigo que cobras representam, pois um dia as vibrações energéticas e as energias vibratórias absorvidas pelo seu todo mental foram tão intensas que certamente ainda o influenciarão por muito tempo.

E, para que isso aconteça, bastará você aproximar-se de uma serpente.

O seu Deus é a vida e o seu diabo é a cobra. Logo, na ausência d'Ele em você, uma cobra sairá de um certo Universo paralelo que pulsa intensamente num local escuro do seu todo mental.

Então entenda que o homem pode errar muitas vezes em relação às coisas materiais e ainda assim as corrigirá sem grandes pesadelos, pois são formas definidas e palpáveis. O conhecimento o ensinará a não errar.

Mas em relação a Deus, os erros, se forem graves, são de difícil domínio, pois não são manipuláveis facilmente, porque o ser humano desacostumou-se de usar sua força mental e passou a usar sua habilidade manual e carnal ou humana.

Com isso, tornou-se insensível às vibrações mentais virtuosas, que são de origem divina, e acostumou-se a dar abrigo no seu todo mental, abrindo verdadeiros Universos paralelos, às vibrações viciadas ou tipicamente humanas, pois se Deus é amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida, então o resto é só fruto da imaginação dos homens que se deixam levar pelas ilusões de suas próprias fantasias. Ilusões estas que são criadas a partir do momento em que imaginam serem deuses.

É a partir daí que começam a se iludir, pois se cada ser humano é único na sua forma, só é múltiplo nas suas aparências para, assim, chegar ao seu fim. Já o Criador, é único na forma, meio e fim, pois é imutável, intocável, invisível.

Não pode mudar a Deus, mas Ele o transforma a todo instante.

Não pode tocar em Deus, mas Ele o envolve o tempo todo.

Não pode ver a Deus, mas Ele é visível a "vida" toda. Porém, quando deixa de "vê-Lo" em sua paz interior, é porque você está sob o manto escuro da morte.

Tudo isso que agora lhe mostro está gravado em sua memória imortal, que é inapagável. Quem tem olhos para ver isso, verá num piscar de olhos, Simão Beir!

Como o Anjo da Morte calou-se, Simão não mais ousou indagar-lhe sobre como isso é possível. Apenas fechou os olhos.

– Por que calou-se, Simão Beir? – indagou-lhe alguém com voz sibilante, assustando-o. Ao abrir os olhos, ele ficou paralisado com uma visão medonha à sua frente. Era uma gigantesca cobra negra de tamanho descomunal. De sua bocarra, duas presas enormes destilavam gotas de veneno. O choque emocional foi tão intenso ao ver que ela ia engoli-lo que ele, mesmo estando em espírito, desmaiou.

Quanto tempo ficou com todos os seus sentidos racionais paralisados e inconscientes só o Anjo da Morte poderá dizer. E foi a sua voz que o despertou ao dizer-lhe ternamente:

– Por que se refugia no mais oculto do teu eu, Simão Beir?

Por acaso temes tanto assim a si mesmo que se oculta de sua própria criação mental?

– Minha própria criação mental? – indagou titubeante um Simão Beir totalmente opaco e sem luz.

– Sim.

– Mas eu vi uma horrenda serpente sibilando à minha frente, meu anjo! Eu ia ser engolido por ela quando desmaiei.

– Sim, é isso mesmo que acontece com os seres humanos. Todos, sem exceção alguma, são devorados por suas próprias criações mentais e, ao verem isso acontecer, perdem noção da irrealidade das suas criações mentais viciadas.

– Mas como isso foi possível, meu anjo?

– Eu só tornei externo um dos seus Universos paralelos internos, olhos que não ousam ver o seu próprio interior!

– E isso é possível?

– Sim.

– Como?

– Penetrando-o mentalmente e trazendo ao seu campo visual espiritual as energias ocultadas e armazenadas em um desses Universos paralelos. É por isso que os chamo de paralelos!

– Mas ...

– Se o Criador designou à espécie humana o Universo material visível aos teus olhos carnais, então por que viver num outro Universo que não lhe é real e palpável mas tão somente imaginável, e ainda assim, fantasioso? Por que se deixar dominar por fantasias que a sua imaginação criou?

– Mas...

– Por que acreditar nas descrições fantásticas do anti-Deus se elas, as descrições, também são criações mentais humanas?

– Então não existe um anti-Deus?

– Não. O que existe é a ausência do Criador. E, nessa ausência, sua mente permite que sua imaginação dê vazão às suas culpas, medos e frustrações, criando-lhe os mais apavorantes monstros para assustá-lo.

– Devo receber tais palavras como uma verdade, meu anjo?

– Sim, Simão Beir. Se num passado remoto deste ouvidos aos que diziam que os que traem as leis devem ser lançados às serpentes, pois são tão traiçoeiros e inconfiáveis quanto elas e o demônio que as guiam, então sua imaginação idealizou a mais assustadora serpente como o seu demônio pessoal.

Foi a partir daí que este Universo paralelo imaginário passou a influenciá-lo tão intensamente que o seu Universo real deixou de encantá-lo com o encanto das criações divinas nele deixadas para que nele vivesse.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– E então, já está preparado para penetrar nos Universos paralelos?

– Não, Anjo da Morte.

– Por que não?

– Talvez eu tenha tantos Universos paralelos ocultos no interior do meu todo mental que isso me assusta.

– Pois lhe digo que só pondo para fora os teus Universos paralelos poderá integrar-se totalmente a todos os Universos.

– Mas, se só a visão de um deles quase me matou, então imagino que, se todos fossem postos para fora, eu deixaria de existir como ser pensante.

– Pois saibas que é justamente isso que acontece com todos os que não ousam revelarem-se a si próprios.

– Como assim, meu anjo?

– Todos são engolidos por seus medos, frustrações, ódios, invejas, soberbas, fracassos, etc., pois são pulsares negativos intensos, que se não são perceptíveis enquanto vivem abrigados no corpo carnal, explodem como tormentos incontroláveis após o desencarne.

Sim, quando um ser humano deixa de viver na carne e seu espírito se vê despido de um corpo denso, pois era material, então seus pulsares o conduzem à maior paz possível se foi virtuoso, ou então o lançam no mais tenebroso dos infernos.

Só quando alguém retorna na sua linha da vida e a ilumina completamente, pode ter uma visão clara dos Universos.

Mas, como a maioria das pessoas não ousamfalar sobre os Universos paralelos ocultos num lugar qualquer do seu todo mental, então sofrem muito após o desencarne, pois, daí em diante, são atraídos pelo magnetismo

denso dos Universos paralelos negativos concernentes à espécie humana, esses já reais.

Sim, algum tempo depois ou mesmo logo após a morte do corpo carnal o espírito humano, que é individual, é absorvido pelo magnetismo coletivo afim com o que ele acumulou no seu todo mental.

Então o ambicioso é atraído para uma região astral habitada por espíritos ambiciosos.

O avaro é atraído para uma região onde só os avarentos o habitam.

O depravado vai para junto dos depravados.

Os ateus vão para junto dos seus afins.

Etc., etc., etc.

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo. Mas isso se deve aos Universos paralelos existentes no mental de cada um?

– Sim. Lá estão acumuladas muitas energias que vibram, pois não foram descarregadas por meio dos fios ou canais virtuosos.

Logo, serão absorvidos por uma das faixas vibratórias negativas após muito sofrimento dos possuidores de tais magnetismos negativos. O coletivo sempre absorve o individual ou então o sufoca e aniquila.

É assim com as religiões, escolas, exércitos ou até mesmo os infernos.

Se uma religião, que é um coletivo virtuoso, possui um magnetismo positivo que ampara os seus seguidores virtuosos, também possui um magnetismo negativo que pune, pois não é aceitável que o ruim na carne habite o mesmo lugar de um bondoso após o desencarne.

Logo, o magnetismo de cada um é seu juiz e sua sentença, pois assim como uma pedra não flutua na água, porque é extremamente densa, um tronco de madeira não afunda, pois tem pouca densidade. Isso se aplica também ao magnetismo pessoal dos seres humanos.

É esse magnetismo individual que conduz um espírito humano ao Universo paralelo concernente a ele após seu desencarne. Essa é a lei Divina.

O ser humano, a exemplo de Deus, pode criar seus Universos também imensuráveis, pois são de energias de origem mental. Mas não pode criar energias que não existam nos Universos e por isso se alimentam deles para sustentarem suas criações mentais. Então, nada mais justo que venham a habitá-los, já no coletivo, após o desligamento do espírito imortal do corpo carnal.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

Agora compreendo a razão dos fios opacos ou luminosos que saem ou chegam num espírito humano.

Sim, só no espírito, pois como disseste, o corpo carnal é só uma condensação energética que ampara, dá suporte e retém o espírito nesse Universo material concernente à espécie humana.

– Isso mesmo, Simão Beir.

– Após ouvi-lo, devo deduzir que, em verdade, o diabo ou demônio, seja lá como seja denominado, não existe, certo?

– Errado, Simão!

– Como?

– Está errado, pois a mesma Lei Divina que dá vida à concepção divina e sustenta o Deus de uma religião também vivifica e dá uma concepção negativa à ausência do Pai no seguidor dessa mesma religião.

Assim, na luz Deus lhe é visível por meio de vibrações virtuosas e nas trevas o seu oposto é visível nas viciações.

Logo, se a visão de Deus conduz à paz, a visão do seu oposto conduz à loucura.

Com isso, ou o espírito que é imortal desperta para o virtuosismo ou avança na direção contrária e vicia-se em todos os seus sentidos humanos.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Agora acha que já poderia trazer para o seu exterior os teus Universos paralelos, Simão Beir?

– Eu tenho medo, Anjo da Morte!

– Por quê, se após faze-lo, poderá ter uma visão real de Deus?

– Isso é possível, meu anjo?

– Sim, olhos que querem ver.

– Como conseguir essa graça tão divina?

– Avançando para o ponto em que se colocará em harmonia vibratória, magnética, energética e luminosa com o teu Criador.

– Como é a visão de Deus, meu anjo?

– Isso é algo muito difícil de mostrar-lhe, pois por ser uma visão individual, quem O vê não consegue mostrá-Lo ao coletivo.

Já o mesmo não acontece com sua visão coletiva, pois nesse caso o ser O vê com os olhos dos corpos religiosos, e isso é do conhecimento de todos.

O mesmo acontece com um corpo de guerra ou exército, que é coletivo. Você pode saber como lutam mas não conseguirá ver um soldado em luta se não se confrontar com ele. Só aí terá uma visão clara de como é um corpo de guerra em ação.

Observe que uma religião tem muitos seguidores, mas só alguns se tornam verdadeiros sacerdotes, pois estes têm uma visão clara do Senhor mostrado por ela.

Sim, só quem tem uma visão clara de Deus pode falar d'Ele com toda certeza de não estar errando ao mostrá-Lo aos que querem vê-Lo.

Isto lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Então está preparado para avançar até seu ponto de equilíbrio, não?

– Sim senhor.

– Então eu o levarei de volta ao seu corpo carnal. Mas, até chegar a ele verá o horror aos olhos humanos que está contido desde o ponto que está agora até o local onde o seu corpo carnal repousa.

– Por que me trouxe até aqui, meu anjo?

– Esse lugar onde está agora é a fronteira mais distante que separa os Universos paralelos negativos criados para abrigar os espíritos que não conseguem ter uma visão de Deus ainda no corpo carnal para, assim, viver no seu corpo divino após o desencarne.

Esse é o mais denso, magneticamente falando, dos Universos paralelos negativos concernentes à espécie humana, Simão Beir.

Nesse Universo a realidade é uma ilusão e a ilusão é a realidade aqui existente.

Logo, eu o trouxe até aqui para que absorvesses o seu magnetismo e assim se tornasse resistente aos magnetismos menos densos dos outros Universos paralelos por onde irás passar até alcançar o seu ponto de equilíbrio, de onde terá uma visão clara do teu Criador.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim e não, meu anjo.

– Por que diz sim e não?

– Se digo sim é porque sei que se eu tiver absorvido no meu todo espiritual um magnetismo denso, outros magnetismos me serão insensíveis.

Mas se digo não, é porque não atino com o que terei que ver antes de ter uma visão de Deus.

– Se isso o preocupa, quero que saiba que, se o trouxe até aqui, é porque muito do que verá serão só ilusões que se tornaram realidade aos que, vivendo na realidade, preferiram as ilusões existentes nos Universos paralelos, localizados num lugar qualquer dos seus todos mentais.

O Pai, quando auxilia alguém, auxilia em todos os sentidos.

Mas, quando o pune, também o faz em todos os sentidos.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim. Agora estou preparado para iniciar minha longa jornada. Por favor, conduza-me, Anjo da Morte!

– Eu o conduzirei, Simão Beir. Até chegar ao seu corpo carnal poderá ver com os meus olhos o que é impossível aos teus olhos carnais.

– O que verei, meu anjo?

– Os Universos paralelos negativos concernentes à espécie humana, Simão Beir. Não terá uma visão total, pois eles tanto podem ser do tamanho de um grão de areia, assim como podem ser imensuráveis, pois são infinitos.

Logo, terá acesso somente às chaves deles, e isso é o que importa, porque, de posse delas, abrirás todas as portas que se encontram à sua frente.

E lembre-se sempre disso, pois é ciência divina, Simão Beir!: Deus é o macro e n'Ele tudo está contido. Mas no micro poderá ver o que esta contido no macro, bastando para tanto ter olhos para ver.

Isso lhe é compreensível?

– Sim, meu anjo.

– Então explique essa frase para mim, Simão!

– Sim, meu anjo.

Ela quer dizer isto: os princípios são imutáveis, pois são divinos. Logo, basta-me ter as chaves certas para abrir as portas certas, pois se Deus é único, única é a chave que abre todas as portas.

– Qual é essa chave, Simão Beir?

– O virtuosismo, Anjo da Morte!

– Se eu fosse humano, então lhe diria: magnífico, Simão Beir! Mas como não sou humano, então lhe digo: sua resposta é correta, Simão Beir. E portanto ela é divina!

Simão Beir ajoelhou-se e chorou como nunca antes havia chorado. Só depois de ele chorar muito o Anjo da Morte falou-lhe:

– Levante-se e olhe nos meus olhos, Simão Beir! A partir de agora você verá o real mundo dos mortos, pois o que verá serão só ausências do Pai ou ausência da "Vida"!

E, assim que olhou nos olhos do Anjo da Morte, Simão Beir viu o real mundo dos mortos, pois nele os que o habitam não pulsam nem vibram virtudes divinas, mas sim os vícios humanos adquiridos durante o tempo vivido no corpo carnal e apenas revelados e intensificados nos Universos paralelos negativos concernentes à espécie humana.

O que viu foram ódios, depravações, invejas, rancores, volúpias, ganâncias, prepotências, fúrias, etc., etc. etc.

Quando piscou os olhos, o que viu foi seu corpo carnal, e pareceu-lhe que havia saído de um pesadelo e sido lançado em outro, pois o que viu não foi seu corpo jovem, mas sim o corpo de um Simão Beir velhíssimo.

Tinha os cabelos longos e brancos. A pele enrugada dava-lhe a aparência de alguém com um século de vida na carne.

Seu grito de pavor foi cortado no nascedouro pela voz tonitruante do Anjo da Morte, que lhe perguntou:

– Do que se assusta, Simão Beir?

Controlando-se como melhor conseguiu, Simão respondeu:

– Meu corpo carnal, meu anjo!

Sim, eu me assusto ao ver o estado do meu há pouco jovem corpo carnal.

– Há pouco, Simão?

– Sim, meu anjo. Há pouco eu o vi aqui mesmo, jovem e cheio de vida.

– Saibas que esse "há pouco" que dizes durou exatamente duzentos anos terrenos do seu povo, jovem sábio das verdades divinas.

– Como? – indagou Simão Beir, espantado.

– Sim, é isso mesmo, Simão Beir. Se eu fosse humano, duzentos anos teria durado o tempo que usei para mostrar-lhe tudo o que viste. Mas como não sou humano, nem cheguei a piscar para mostrar-lhe tudo o que viste.

E, quanto a você, se fosse um anjo do Senhor, num piscar de olhos, teria visto tudo isso. Mas, como ainda és honrado, então duzentos anos se passaram desde o instante que o levei, só em espírito, até o limiar dos Universos paralelos negativos concernentes à espécie humana, até agora, que, para mim, é o mesmo instante, pois, para lá levá-lo, mostrar-lhe tudo e até aqui trazê-lo, nem cheguei a piscar meus olhos angelicais.

– Como fico agora, meu anjo!

– Quer retornar a este corpo carnal, Simão Beir!

– É meu corpo, não?

– Sim, é teu corpo, Simão Beir.

– E como é que ele não se desfez, mesmo tendo se passado tantos anos, meu anjo! Sim, como ninguém o encontrou ou mesmo não foi comido por aves ou animais?

– Isso já é um mistério divino, Simão Beir.

– Como?!!

– Eu sou um mistério divino, pois sou o Anjo da Morte. Portanto, assim como o seu espírito imortal estava e ainda está envolvido por mim, por tal mistério o seu corpo carnal esteve envolvido.

Logo, tudo o que está envolto por um mistério divino não se transforma na forma mas tão somente na aparência.

Sua transformação só ocorreu na sua aparência humana, pois seu espírito imortal está tão jovem agora quanto há mil anos terrenos.

Mas, quanto ao teu magnetismo mental, agora está muito mais forte que há duzentos anos. Agora vou devolvê-lo ao seu corpo carnal, Simão Beir!

– Sim, meu anjo. Estou preparado para isso também.

– Ótimo, Simão Beir!

E no instante seguinte Simão se viu no seu velhíssimo corpo carnal. Pouco a pouco foi sentindo no seu espírito imortal o peso dos anos do seu corpo carnal. Sua respiração tornou-se cansada. Seus movimentos tornaram-se lentos e de difícil execução.

Só a muito custo conseguiu sair da posição deitada e ajoelhar-se diante do Anjo da Morte. Então falou:

– Sinto muita sede, meu anjo!

– Logo adiante existe uma fonte. Vá até ela e sacie sua sede, Simão Beir.

– Não consigo ficar de pé, meu anjo! Ajude-me, por favor.

– Olhe ao seu lado, Simão. Há aí um cajado. Apanhe-o e apoie-se nele para poder levantar-se e caminhar até a fonte. Vamos, faça isso que o acompanho até ela.

– Sim, meu anjo.

Só após muito esforço, Simão ficou de pé. A muito custo começou a mover suas pernas. Deu uns poucos passos trêmulos antes de sentir uma dor aguda no peito e cair desfalecido.

Quanto tempo passou inconsciente não poderia precisar, ao despertar com o som da voz tonitruante do Anjo da Morte a chamá-lo:

– Levante-se, pois seu tempo na carne terminou, Simão Beir!

Um vacilante Simão ainda deitado então falou:

– Meu tempo na carne terminou, meu anjo?

– Sim, olhos que já conseguem ver!

– Então voltei a ser jovem, não?

– Isso não, Simão Beir. Abra seus olhos e olhe para o seu espírito imortal. Veja a veste que o cobre!

Simão ajoelhou-se lentamente e, ao olhar-se, começou a chorar copiosamente. O anjo então perguntou-lhe:

– Por que chora, Simão Beir?

– Se disso não soubesses, então eu diria: choro porque meu outrora jovem espírito imortal agora se veste de ancião, meu anjo! Mas como tudo sabes, então voz digo: choro porque me vejo velho, com movimentos difíceis e com muita sede.

– Sim, tudo isso eu sei, Simão Beir. Mas digo-lhe que tudo isso deixará de ser assim quando você tiver uma visão verdadeira de Deus. Isso lhe é compreensível?

– Não, meu anjo.

– Por que não?

– O que fiz de errado ou de mal para ser punido assim?

– Sente-se punido depois de tudo o que viste com meus olhos e aprendeste com minhas palavras?

– Não é por isso que me sinto punido, meu anjo!

– Então é só porque vê a veste do seu espírito imortal?

– Também não, meu anjo.

– Então por quê, Simão Beir? Ainda que eu saiba a resposta.

– Sim, é por causa de minha sede, meu anjo. Como eu sinto vontade de beber um pouco de água fresca. Minha garganta e boca estão secas. Eu me sinto seco, meu anjo! Por Deus, eu me sinto seco!!!

– Pois essa tua sede é só aparente, Simão Beir!

– Como assim, meu anjo? – indagou Simão Beir, chorando copiosamente.

– Leve seus dedos aos seus olhos, Simão!

Sinta como são abundantes as lágrimas derramadas por eles. Sinta como duas fontes de águas cristalinas vertem lágrimas a partir de sua sede, olhos que choram!

– Eu as sinto correrem, meu anjo. Mas ainda assim me sinto seco, árido mesmo!

– Já se esqueceu de tudo o que lhe mostrei, olhos que não se recordam do que viu?

– Não, meu anjo. Nenhuma visão deixo de ver, assim como não me esqueci de nenhuma palavra sua. Mas continuo com sede.

– Pois então explique para si mesmo, à luz delas, essa sua sede, Simão Beir.

– Como começar, meu anjo, se minha sede me atormenta?

– Então eu o ajudarei mais uma vez só para que possa, a partir daí, iniciar sua jornada rumo ao ponto de equilíbrio de onde terá uma visão clara do Senhor, Simão Beir.

– Por favor, meu anjo, faça isso por mim.

– Pois bem, Simão Beir! O que é a água?

– É vida, meu anjo.

– O que é vida, Simão Beir?

– Vida é o senhor meu Criador, meu anjo.

– Logo?

– Logo, como me sinto árido, seco mesmo, então em mim não há água, vida ou Deus, não?

– Exatamente, Simão Beir!

– Mas eu acredito em Deus, meu anjo.

– Disso eu sei Simão Beir. Mas também sei que o que julgava ser, quando viveste na carne, uma visão d'Ele, nada mais cultuava que uma ilusão!

– Assusta-me, meu anjo.

– Por quê, Simão Beir?

Será que é porque lhe ensinaram que seu Deus era o melhor, o mais poderoso, o mais verdadeiro de todos os deuses cultuados?

Será que é porque aprendeste que o seu modo de cultuar a Deus era o único, correto e aceitável aos olhos do verdadeiro Deus e por isso menosprezava, e isso quando não fazias gracejos, dos outros modos de Ele ser cultuado?

Ou será que é porque aprendeste e formaste uma consciência que lhe dizia que os únicos filhos de Deus eram os que formavam seu povo e que daquela sua forma O cultuavam. E, sendo assim, considerava todos os outros povos filhos das trevas?

Ou será que é porque, ainda que fosses bondoso, os achava inferiores a ti só porque cultuavam o verdadeiro Deus de uma forma não igual à sua?

Será só por isso que sentes tanta sede, Simão Beir? Ou será que muitas outras coisas ainda restam para que tenha consciência de sua sede ou aridez?

Um Simão Beir, abatido e cabisbaixo então falou:

– Muitas coisas ainda restam, meu anjo.

– Sim, Simão Beir. Muitas outras "verdades" ainda restam para que a sua sede seja explicada à luz da verdade, que é o Senhor.

– Agora compreendo por que fui levado ao limiar dos Universos paralelos concernentes à espécie humana, meu anjo.

Aqui também é um lugar onde a realidade às vezes é só uma ilusão e às vezes a ilusão é a realidade.

Sim, quantas vezes a "verdade" não é substituída por uma ilusão e assim ela passa a ser uma verdade ilusória.

– Isso mesmo, Simão Beir. A sua sede nada mais é que uma grande ausência Divina. E só quando não tiver essa ausência não terá sede, pois, além de tê-la saciado, não será árido, pois certamente serás muito fértil, e as sementes que lhe lancei terão brotado e, com toda certeza, estarão dando muitos frutos.

Mas, para que assim seja e assim se sinta, deverá conduzir sua imaginação para criações virtuosas.

E, para que isso consiga, medite muito sobre as aparências, que sempre chegará às razões da verdade, que é Deus.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu anjo.

– Deseja mais alguma coisa de mim, olhos que já ousam ver?

– Sim, meu anjo.

– O que é, Simão Beir?

– Por onde começo minha caminhada para alcançar o local onde está localizado o meu ponto de equilíbrio, de onde terei uma visão clara, real e verdadeira do meu Criador?

– Eu vou mostrar-lhe vários caminhos, Simão Beir. Todos conduzem a um local onde, quem chegar, encontrará seu ponto de equilíbrio.

Eu vou me colocar às suas costas e, no lugar onde estou agora, muitos caminhos serão visíveis. A você bastará escolher um. Se acertar na escolha, chegará a esse lugar.

Logo após, o anjo sumiu da frente de Simão, que se virou para ver se ele estava atrás de si. Mas, como não viu nada além de um imenso vazio, assustou-se e gritou apavorado.

– Meu anjo, onde estás?

E a voz tonitruante se fez ouvir, vindo de trás dele.

– Eu estou atrás de você, Simão Beir.

– Por que eu não o vejo?

– Não tens olhos na parte posterior de sua cabeça, tens?

– Não, meu anjo.

– Não me verás, pois estou num ponto aquém de seu campo visual. Logo, eu o vejo mas não sou visto por você ainda que vire a sua cabeça para trás.

Isto lhe é compreensível?

– Sim, meu anjo.

– Pois então volte sua cabeça para o seu campo visual natural e verá muitos caminhos, Simão Beir. Bastará que escolha corretamente o seu e o trilhe para chegar no lugar onde está localizado o seu ponto de equilíbrio.

Simão então olhou para sua frente e viu muitos caminhos. Uma dúvida o incomodou de imediato, ao que o anjo indagou-lhe:

– Por que tanta indecisão quanto ao caminho a ser trilhado, Simão Beir?

– Meu anjo, o que me acontecerá caso eu não escolha o meu caminho entre tantos à minha frente?

– Nele não encontrará seus pais, irmãos e amigos.

– Então eu sofrerei, não?

– Por que pensa assim se o seu caminho é você que sempre o trilhará, não importando a direção que tomar, pois onde estiver lá estará seu todo mental com seus ideais e frustrações; seus desejos e suas angústias; sua vontade e seu medo?

Não sabe que seu caminho começa à sua frente e termina à sua costa?

– Eu não havia pensado nisso, meu anjo?

– Ainda ajudo-o mais uma vez, Simão Beir: nunca, mas nunca mesmo, deixe de meditar quando sentir que uma viciação começa a pulsar no mais íntimo do seu ser, pois só assim a anulará e a substituirá por uma verdade. A dúvida é uma viciação, não?

– Sim, meu anjo.

– Então siga até o caminho que escolher e trilhe-o sem nunca olhar para trás ou recuar!

– Por quê, meu anjo?

– Quem sou eu, Simão Beir?

– És o Anjo da Morte!

– Pois então é isso, Simão Beir. Preciso ser mais claro?

– Não, meu anjo.

– Então explique isso para mim, como se eu não soubesse isso, Simão!

– Se eu olhar para trás nada verei, pois simboliza a morte ou a ausência Divina. Logo, só verei a morte ou o vazio. E, se eu vier a recuar, estarei virando as costas ao lugar onde está localizado o meu ponto de equilíbrio, de onde terei uma visão de Deus e estarei de frente e caminhando rumo ao lugar onde está o meu ponto de desequilíbrio, de onde terei uma visão real da morte e certamente serei absorvido por ela, pois esse ponto fica num lugar onde a ilusão é a realidade, e a realidade é uma ilusão.

– Muito bem! Já estás pronto para trilhar o teu caminho. Vá em frente que daqui não sairei, ainda que nunca deixe de estar bem atrás de você. Lembre-se de que não falarei mais contigo nem me ouvirá diretamente.

– Isso quer dizer que falará comigo por meio dos mortos, e que estarei falando contigo ao falar com eles, não?

– Sim. Será por meio deles que me mostrarei e por meio deles verei se você viu e ouviu realmente tudo o que mostrei e ensinei-lhe.

Por meio deles, saberás se estarei feliz ou triste com os seus atos, palavras e pensamentos. Também, por meio deles, saberás se estou amando-o ou odiando-o, etc.

– Sim, será por meio dos mortos que verei e falarei com o Anjo da Morte.

Mas devo dizer-lhe, meu anjo, ainda que isso também saiba: eu o amo, Anjo da Morte!

– Eu sei que me ama, Simão Beir. Agora siga o caminho que certamente já escolheste e dê-me provas do seu amor por mim.

– Eu não lhe darei provas, mas sim frutos do meu amor, meu anjo!

Que Deus me ajude no meu caminho rumo ao lugar onde está localizado o meu ponto de equilíbrio, de onde terei uma visão clara, real e verdadeira do meu divino Criador!

E Simão Beir levantou-se, apoiando-se no seu cajado, e deu um passo na direção do caminho que havia escolhido para trilhar. A última frase que ouviu do Anjo da Morte foi esta:

– Acredites nisso e n'Ele confie, que certamente Ele o ajudará, olhos que anseiam por vê-Lo!

Assim foi o início da longa jornada rumo ao ponto de equilíbrio de Simão Beir, de onde ele terá uma visão clara, real e verdadeira.

A Longa Jornada Rumo a Deus

Simão Beir, ao dar o primeiro passo na direção escolhida, ouviu uma voz a chamá-lo e estacou de pronto, pois se julgava sozinho naquele lugar. Meio assustado, perguntou:

– Quem me fala? Quem és e onde estás?

– Estou bem ao seu lado, olhos que nada veem. Eu sou o que o guarda pela sua esquerda. Eu sou o seu Anjo das Trevas.

– Meu Anjo das Trevas? – perguntou Simão Beir muito assustado.

– Sim, eu mesmo, olhos que não querem ver-me. Tens me temido por milênios incontáveis, e no entanto jamais deixei de observá-lo por um instante sequer desde o momento em que deixaste o ventre divino e foste lançado no meio humano.

Eu sou o que você mais teme, Simão Beir!

Procurando não se apavorar, pois ainda ecoavam em sua mente as sábias palavras do Anjo da Morte, meditou e só quando imaginou não haver perigo algum, ousou falar-lhe:

– E quem é o meu Anjo das Trevas?

– Eu sou teu Anjo das Trevas, Simão.

– Essa resposta não me satisfaz, anjo que não ouso ver. Procure ser mais claro, Anjo das Trevas!

– Como posso ser mais claro se vivo no seu lado escuro, Simão Beir?

– Tornando-se mais negro que as trevas ou então menos opaco que a ausência da luz, ser invisível aos meus olhos!

– Pois lhe digo que sou o irracional, o irreal e o fantástico Anjo das Trevas, que tem estado vigilante desde que foste lançado no meio humano pelo divino Criador. Eu sou a sua consciência, Simão!

– Logo, só eu posso torná-lo visível aos meus olhos que não podem vê-lo, não?

– Isso mesmo, Simão Beir. Você só poderá me ver por meio de tuas más ações, maus pensamentos e más palavras. Além daí, eu sou-lhe

totalmente invisível, inaudível e insensível porque sou anulado pelo seu virtuosismo.

Tal como aconteceu ao tentardes ver o seu Anjo da Morte, se virar sua cabeça para a sua esquerda não me verá, pois onde pousar seus olhos, lá estará a sua frente e a esquerda de tua visão.

Você só me verá por meio da sua imaginação, que poderá criar um Universo paralelo ao real e, assim, nele habitarei para só então tornar-me visível aos seus olhos humanos.

Isso lhe é compreensível, Simão Beir?

– Sim, meu Anjo das Trevas.

– Então quem sou eu, olhos que já me vislumbram?

– És a serpente negra que me pica todas as vezes que me afasto do caminho traçado para mim pelo Senhor. És a voz inconsciente que me acusa dos meus erros e pecados. És o juiz que me condena quando conscientemente me afasto das virtudes e me lanço aos vícios. Enfim, és o carrasco que me tortura quando me afasto da luz.

– Isso mesmo, Simão Beir!

Agora me diga: por que eu sou tudo isso para você e ainda assim eu nada sou? Eis um enigma para você decifrar?

– Um enigma, meu Anjo das Trevas?

– Sim, pois eu sou um, Simão!

– Compreendo, ser enigmático. Bem, devo começar pelo início, não?

– Isso mesmo!

– Então vamos tentar decifrá-lo, enigma meu.

1º – Eu o identifico com uma serpente que já habita por completo um Universo paralelo criado por mim no meu todo mental devido a uma afronta minha aos preceitos religiosos de uma civilização onde já vivi. Eras o negativo coletivo da religião cultuada por mim naquele tempo.

2º – Você me acusa dos meus erros e pecados, pois, se não os cometo, você não pode acusar-me, assim como só por meio deles posso vislumbrá-lo. Então, só neles pode acusar-me de algo negativo.

3º – És o juiz que me condena quando estou em falta com a lei porque, se me afasto da luz, que é a justiça ou lei, então estou nos teus domínios e é um direito seu acusar-me de estar invadindo-os.

4º – Se és meu carrasco, é porque terei sido negativo nos meus atos, palavras e pensamentos.

Certo, meu Anjo das Trevas?

– Muito humana a tua decifração do seu enigma, Simão!

– Então?

– Oras, eu não sou humano, logo humana não pode ser a minha decifração.

– Logo!?

– Sim, divinize-se e me decifrará, Simão Beir!

– Mas como, se assim como não és humano, divino também não deve ser, pois só se manifesta na ausência do Criador?

– Esse é outro enigma para você decifrar, Simão Beir.

– Então devo crer que, enquanto eu for ou permanecer humano, serás indecifrável para mim, não?

– Talvez eu deva dizer-lhe que sou tudo o que aquele que é não é quando você se afasta d'Ele.

– Talvez, meu Anjo das Trevas.

– Logo, quem sou eu, Simão Beir?

– Por que devo dar-lhe tal resposta?

– Eu sou o fardo inconsciente que carregas nessa sua jornada humana, e que o impede de ascender ao paraíso, Simão Beir. Logo, se não me identificar, não me deixará para trás, e assim não conseguirá avançar rumo à real visão de Deus.

– Mais um enigma!

– Eu sou o seu enigma, Simão. Quem sou eu?

– És a minha consciência que me persegue por causa de um pecado cometido há milênios e que até agora não deixou de me acusar, meu Anjo das Trevas.

Logo, em minha memória imortal, és os períodos gravados nela como vivenciados na viciação, não?

– É muito humana essa sua visão sobre mim, Simão Beir! E como eu não sou humano, então lhe digo: só uma interpretação divina de sua parte me descreverá e assim me tornarei visível aos teus olhos.

– Está ficando cada vez mais difícil dizer quem és, meu Anjo das Trevas.

– Mas assim não conseguirá avançar, Simão Beir.

– E como não posso recuar...

– Terá que ficar parado até que obtenha uma resposta divina, não?

– Isso mesmo, anjo do vazio.

– Eu não sou o anjo do vazio, Simão Beir!

– Como não, se habita na ausência de Deus?

– Eu não disse que habito na ausência d'Ele, mas sim que posso ser visível se habitar um Universo paralelo criado por você a partir de uma ausência d'Ele, criada a partir de um ato, palavra ou pensamento seu.

– Logo?!

– Logo, eu não habito no vazio, pois, se só o que está contido nele existe, então o vazio não existe, pois nele os vazios não existem. E, como fora dele nada existe, então como eu poderia existir se eu habitasse o vazio?

– Mais um enigma, não?

– Sim. Agora pergunto-lhe: quem sou eu, Simão?

– És tudo o que minha razão não aceita como racional, e por isso minha consciência me acusa, não?

– Muito humana essa sua resposta, Simão. E como não sou humano, então não me disse quem sou, mas sim e tão somente o que sou.

E como o que sou já sabes, então está condenado à imobilidade até o dia em que tenha uma resposta divina de quem sou.

– Compreendo.

– Logo?!

– Estou condenado à imobilidade eterna, pois se aqui ficarei, não terei uma visão real do Senhor e assim não me divinizarei. Certo?

– Isso mesmo, Simão Beir. Já criaste um Universo paralelo no seu todo mental ou no seu mental negativo onde eu o habito por inteiro e o levo à paralisia.

Logo, quem sou, Simão?

– Meu Pai, como decifrar um enigma não humano se eu sou humano? – perguntou Simão, aflito.

E Simão caiu de joelhos, firmando-se no seu cajado para não desabar com o gesto brusco de desespero.

Uma voz tenebrosa gargalhou à sua esquerda e isso o afligiu ainda mais, tirando assim toda a sua capacidade de raciocínio. O desespero o conduziu a um pranto clamoso:

– Deus meu, eu perdi tudo num piscar de olhos!

Já não tenho pais, irmãos ou amigos junto de mim. Já não sou jovem e mal consigo me equilibrar na minha velhice, ainda que velho eu nunca tenha sido.

Falei com o meu Anjo da Morte e até o vi, mas agora já não o vejo nem o ouço, para me auxiliar com suas sábias visões.

Se para trás não posso retornar, para a frente não posso avançar.

Então como saber quem é esse meu anjo negro que não é humano, se não consigo deixar de ser humano?

E Simão pranteou intensamente a sua ignorância humana.

Com isso, mais e mais as gargalhadas aumentaram, quase levando-o à loucura, pois começavam a torturá-lo. Mas, num esforço sobre-humano, em meio ao pranto, gritou:

– És a ausência Divina, meu Anjo das Trevas!

E de imediato as gargalhadas torturantes cessaram. Então a voz perguntou-lhe:

– Já não me disseste isso, Simão Beir?

– Talvez eu já tenha lhe dito isso, não?

– Quem aqui pergunta sou eu, não você, Simão Beir!

– Pois é isso, meu Anjo das Trevas. És as minhas dúvidas, meus erros e pecados, não?

– Sim, eu sou isso. Mas se já sabe de tudo isso, então me diga: quem sou, Simão?

– És eu quando me afasto do meu Criador, meu Anjo das Trevas!

– Como?

– Sim, é isso mesmo. Se fora de Deus nada mais existe, então és eu quando me afasto d'Ele, pois só assim pode tornar-se visível, audível e sensível a mim, assim como aos meus semelhantes.

– Logo...

– És minhas viciações, meu Anjo das Trevas.

Só existe e ganhas forças quando me desvirtuo. Fora de minhas virtudes, habitas o imponderável, criado a partir de meus atos, palavras e pensamentos viciados, pois não és um ser aceito por mim como algo compreensível, racional mesmo!

Logo, és minha ignorância, minha apatia, minhas dúvidas, minha angústia e meu pranto.

És o meu irracional, meu Anjo das Trevas!

– Como pode afirmar isso tão taxativamente, Simão?

– Eu posso, pois o ser humano é um ser racional que se conduz dentro do virtuosismo pelo seu dom da razão. Mas quando me afasto do meu humanismo que é algo compreensível, que é o meu virtuosismo trazido ao meio humano, então me desumanizo.

Assim, és essa minha falha, erro e pecado que me afasta do meu caminho a ser trilhado com amor, fé, conhecimento, razão, lei, sabedoria e vida.

Logo, não és a ausência do Pai em mim, mas sim a minha ausência na presença d'Ele.

– Por que acredita que é assim?

– Porque não basta eu ter Deus em mim. Eu também preciso estar presente n'Ele, meu Anjo das Trevas.

O Criador pode estar presente em mim por meio do meu virtuosismo, mas, em contrapartida, eu tenho de estar n'Ele a partir do momento que O tenho em mim, senão será um falso virtuosismo.

– Está me confundindo, Simão Beir. Explique-se melhor ou então fará com que eu saia de dentro de um ou de todos os Universos paralelos negativos existentes no seu mental e aí terá o inferno inteiro à sua esquerda atormentando-o.

– Viu como estou certo em minhas razões para dizer-lhe que és isso?

– Como assim?

– Não consegue compreender-me se me divinizo ou virtualizo com o uso da razão.

Logo, não me torno audível, compreensível e visível a você, pois um ser humano deixa de ser humano e se torna divino quando usa a razão como sustentáculo de suas palavras, atos e pensamentos.

– Por que acreditas nisso?

– Ora, se sou humano, é porque estou num meio humano. Mas, se os dons ou virtudes são divinos e faço deles os meus meios nos meus atos, palavras e pensamentos, então me divinizo no meio humano, mesmo sem ter deixado de ser um ser humano.

– Logo...

– Logo eu creio nisso, e isso, além de ser racional, também é um ato de fé. Com isso, só estou passando a estar mais presente em Deus a partir da presença d'Ele em mim.

– Mais e mais você me confunde, Simão Beir. Eu, nessa confusão, torno-me denso e muito mais negro que a própria ausência da luz.

– Exatamente, meu Anjo das Trevas.

– Como assim?

– É visível que você é o que falei que era, pois se está se tornando mais denso e negro do que era, é porque já não é eu com uma ausência Divina em mim, mas sim algo que imagina que és.

Logo, és irracional pois, se só se torna visível, audível e sensível a mim num ou em vários Universos paralelos que eu criei no meu mental negativo, então está habitando um Universo paralelo seu, não meu!

Um urro pavoroso de ódio e revolta se fez ouvir à esquerda de Simão Beir, que permanecia genuflexo e apoiado no seu cajado.

– Por que urra de ódio, meu anjo negro?

O urro cessou, e uma voz rancorosa se fez ouvir à sua esquerda.

– Eu te odeio, e você está me conduzindo ao desespero, Simão.

– Por que eu estou conduzindo-o a esse estado, meu anjo?

– Está tornando-se incompreensível a mim, e isso me enfurece e enlouquece, Simão!

– Mais uma vez eu pergunto: por quê, meu Anjo das Trevas?

– Por que você se diviniza e eu não compreendo isso num ser humano, Simão.

– Logo!?

– Logo, eu sou a sua ausência na presença de Deus, pois só nela eu o domino, Simão Beir.

Nela eu o assusto, enfraqueço-o, torno-o apático, etc., etc., etc.

– Por quê, meu Anjo das Trevas?

– Porque só me torno audível, visível e sensível a partir dos teus atos, palavras e pensamentos negativos. Só a partir deles eu sou o que e deixo de ser, o que nunca fui.

– E o que você nunca foi, meu Anjo das Trevas?

– Eu nunca fui humano como você, Simão.

– Logo?

– Logo, eu não quero que se torne invisível aos meus não olhos.

– Como eu poderia tornar-me invisível aos teus não olhos, e o que é isto: "meus não olhos?"

– Não sabe disso, Simão Beir? – perguntou-lhe a voz, sibilando uma curiosidade matreira.

– Claro que sei. Mas como ainda tenho dúvidas, e elas são você em mim, prefiro ouvir sua própria versão dessas minhas dúvidas pois, além de mais interessantes, são mais reais que minhas próprias ideias de algo que em mim só existe a partir do momento que deixo de existir em Deus.

– Está confundindo-me mais uma vez com suas palavras, Simão Beir. E isso me enfurece!

– Eu sei disso. Estou usando meu raciocínio e, quando um ser humano faz isso, deixa de ser humano, pois se diviniza ao usar um dom divino, não?

– Sim, é isso mesmo, Simão Beir.

– Logo, diga-me sua versão do que perguntei-lhe, meu Anjo das Trevas.

– Está bem, Simão Beir. Eu me submeto ao seu raciocínio e lhe digo: eu só existo para você enquanto estiver ausente de Deus, pois surgi a partir do momento em que foi emanado do ventre gerador do teu divino Criador. Como o lugar que ocupava e que era ocupado por você, um ser virtuoso na sua origem, ficou vazio de sua presença, então eu sou sua ausência no ventre virtuoso do seu divino Criador.

Logo, se voltares, ocuparás o vazio deixado por você nele e assim eu deixarei de existir.

Então tenho que tentar mantê-lo humano por toda a sua existência, pois só assim habitarei sua ausência no Pai por toda a eternidade.

À medida que se diviniza colora-se, pois as virtudes também são as cores do Arco-Íris Sagrado. E, como elas em mim, sua ausência em Deus, não existem, então não o vejo, pois tal como você, eu só posso ver o que em mim existe desde minha origem.

Como ocupo sua ausência no Criador, só na ausência d'Ele em você torna-se visível a mim, e assim posso controlá-lo e impedi-lo de retornar à sua origem ou ao seu virtuosismo original. Se isso acontecer, não haverá razão para existir o seu não existir em Deus que o mantém afastado de sua origem.

– Se eu fosse divino, então diria: tem suas razões humanas, meu anjo negro! Mas como não sou divino, mas sou tão somente um ser humano tentando divinizar-me, então lhe digo: são muito humanas as suas razões.

Logo, não têm razão de existirem. Portanto, existirás nas minhas ausências no Pai e serás por mim subjugado nas minhas presenças n'Ele.

– Então?

– Oras, então resigne-se a existir nas minhas ausências em Deus e deixe eu vivenciar minhas presenças n'Ele, pois só assim poderei sustentá-lo em sua existência, meu Anjo das Trevas.

– Como?!!

– É isso mesmo, meu Anjo das Trevas!

– Explique-se, Simão Beir! – exclamou um Anjo das Trevas assustado com o que ouvira.

– Eu explico, meu Anjo das Trevas!

Ouça-me com muita atenção: se eu me divinizar por completo em todos os meus sentidos virtuosos, não mais me verá e com isso ocuparei meu lugar deixado vazio quando fui emanado por Ele ao meio humano. Como és essa minha ausência no ventre Criador do senhor meu Pai, então você passará a não existir mais, pois não terá razões para existir, certo?

– Certo. Mas ainda não o compreendo, Simão Beir! – exclamou o anjo negro, curioso mas temeroso.

– Eu me tornarei mais compreensível, meu Anjo das Trevas!

Concluindo meu raciocínio, pergunto-lhe: o que acontecerá caso me subjugue por completo às tuas razões de existir na minha ausência em Deus, caso eu deixe de existir por completo n'Ele.

Por acaso não terá que me ocupar por inteiro, pois não ocupa um espaço maior do que eu ocupo no meu divino Criador?

– Sim, é isso mesmo.

– Logo, irá ocupar o espaço de um ser humano, que não é nem maior nem menor que o tamanho de um ser humano, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Então você também será subjugado por mim na minha ausência em Deus, pois ficará preso nos Universos paralelos criados por mim no meu mental negativo ou no negativo do meu mental, não?

– Sim, também isso é certo.

– Mas também deve observar que, se essa ausência em mim significa ausência minha em Deus, também significa que estarei me tornando invisível, inaudível e insensível ao meu Criador, pois se Ele é virtuosismo luz e cor, sem isso não existo para o meio divino e não conto ao meio humano, pois um ser humano, viva ele na carne ou em espírito, só é considerado como tal se uma, várias ou todas as virtudes vibrarem em seus atos, palavras e pensamentos, certo?

– Correto, Simão Beir.

– Logo, concluo: se eu não existir em Deus como ser humano e Ele não existir em mim como meu virtuosismo, então não tenho razões para acreditar que existo n'Ele. Portanto, se eu não existir em Deus, não existo em lugar algum, pois fora d'Ele nada mais existe.

E assim o vazio agora ocupado por você e que só existe, porque eu ocupo um lugar no meio humano, então, deixará de ter suas razões de existir, pois não estarei sendo humano, não é verdade?

– Sim.

– Logo, você também não terá razões para existir, certo?

– Certo.

– E então, como ficamos?

– Não tenho palavras para decifrar suas palavras enigmáticas, Simão Beir – respondeu-lhe com a voz cansada o Anjo das Trevas. – Você decide, pois me sinto cansado, muito cansado.

– Só está sentindo-se como eu me sinto, meu Anjo das Trevas. Agora não sou eu quem está absorvendo suas irradiações energéticas de ordem negativa, mas sim você é quem está absorvendo as minhas irradiações humanas, meu anjo.

– Então está subjugando-me às tuas vontades, não?

– Não é isso, meu Anjo das Trevas. Meu raciocínio está me humanizando e esse meu humanismo, irradiado por meio de minhas palavras, o está humanizando também.

Logo, ambos estamos nos aproximando de um ponto vibratório onde todos se humanizam.

– Mas, por que eu me sinto tão cansado, Simão Beir?

– Não estará cansado por estar humanizando-se a partir de mim, um ser humano que também estou muito cansado?

– Diga-me o que está me subjugando, Simão.

– São minhas energias que o subjugam, meu Anjo das Trevas. Eu me sinto velho, muito velho mesmo. Mal posso me manter ajoelhado e, ainda assim, com a ajuda desse cajado que me ajuda.

– Eu não quero me sentir assim, Simão Beir! – exclamou num fio de voz o Anjo das Trevas.

– Não posso fazer nada para alterar o que sinto, meu Anjo das Trevas. Não tenho forças para me levantar e, se num esforço sobre-humano eu conseguir isso, como iniciar minha jornada rumo à real visão de Deus se não terei forças para mover-me?

– Você não pode ficar aí, ajoelhado e apoiando-se num cajado inerte que não serve para mais nada que ampará-lo em sua velhice precoce. Eu não quero ficar aqui!

– Mas eu sim, meu Anjo das Trevas!

– Não pode fazer isso, Simão Beir. Eu não quero ficar paralisado para todo o sempre, ser humano. Eu sou você no seu negativo e se se paralisar por completo e em todos os teus sentidos, também deixo de existir, pois não mais me alimentarei de tuas irradiações negativas. Assim, o vazio deixado por você no ventre gerador do nosso divino Criador, por enquanto ocupado por mim, não terá razões para existir, pois não me abrigará mais.

– Onde queres chegar, meu Anjo das Trevas?

– Você humanizou-me por meio do seu dom do raciocínio. Logo, estou raciocinando com as suas últimas energias negativas que me restam. E assim chego a uma conclusão sombria, ser humano.

– Qual é a sua conclusão, meu Anjo das Trevas?

– Eu imagino que se eu deixar de existir, o vazio que habito deixará de existir, pois você também terá deixado de existir.

– Logo??

– Logo, não haverá nenhuma razão para nós existirmos, não?

– Talvez, meu Anjo das Trevas. Talvez!

– Suas dúvidas me apavoram, Simão Beir.

– Como isso é possível, meu Anjo das Trevas? Se até a pouco era você quem assustava por aqui? Como pode sentir-se assustado agora?

– Não sei, Simão Beir. Você é o possuidor do dom do raciocínio, não?

– Sim, eu possuo o dom do raciocínio.

– Então raciocine nas razões que o estão paralisando como ser humano e, com isso, está fazendo eu sentir-me o mais velho e cansado dos Anjos das Trevas. Você sabe a resposta desse enigma tipicamente humano, não?

– Sim, talvez eu saiba, meu Anjo das Trevas.

– Então raciocine rápido, senão logo ambos estaremos totalmente paralisados e não poderei falar-lhe mais.

– Para que falar, meu Anjo das Trevas?

– Ora, só falando, já que mais nada nos resta de energias humanas, poderemos ter certeza de que ainda existimos. Raciocine logo, Simão Beir!

– Não quero raciocinar mais, não quero falar mais e já não tenho vontade de ter uma visão real do meu divino Criador, meu Anjo das Trevas.

– Então o que quer, Simão Beir? – perguntou o Anjo das Trevas num último esforço para falar.

– Nada eu quero, meu fraco Anjo das Trevas. Fraco, velho e cansado! – exclamou Simão, dando uma cansada risada.

– Nada?

– Sim, isso mesmo, meu velho Anjo das Trevas. Por que não dormes?

– Não posso dormir, pois não sou humano, e esse é um atributo humano, não?

– Não sei, pois os cavalos, cães e até mesmo as cobras dormem. Logo, acho que todos devem dormir quando se sentem muito cansados.

– Mas eu não sei como é dormir, pois, enquanto dormia, eu absorvia as energias irradiadas por você, oriundas dos seus Universos paralelos negativos.

– Então chegamos a um ponto em que o meu "dormir" será um descanso para você, não?

– Mas eu não sei o que é o descanso, Simão Beir. Isto também é um atributo humano e eu não sou humano. Ou já esqueceste disso também?

– Eu já não quero me lembrar de mais nada, meu Anjo das Trevas.

– Logo?...

– Esqueça-me, meu velho, cansado e sonolento Anjo das Trevas.

– Não posso esquecê-lo, Simão, pois isso também é um atributo humano e nem isso eu consigo.

– Logo?...

– Se eu o esquecesse, o vazio deixaria de existir, pois ele é eu por inteiro e eu sou parte dele.

– Quem é você, meu Anjo das Trevas, que faz parte de um vazio?

– Eu sou a sua ausência em Deus, Simão Beir.

– Então não deve preocupar-se com nada, pois meu cansaço nada mais é que uma apatia, e apatia significa uma ausência Divina em mim, meu Anjo das Trevas.

Logo, com o que se preocupa de verdade?

– Sua apatia me preocupa, pois eu não sou a ausência de Deus em você, mas sim tua ausência no Criador.

Logo, Ele estando ausente em você me preocupa muito, pois aí não vibrarás energias humanas.

– Talvez eu não tenha compreendido bem o que o Anjo da Morte me ensinou, meu Anjo das Trevas.

– Por quê, se eu sei que compreendeste tudo?

– Não, não compreendi, pois julgava que uma ausência de Deus num ser humano conduzia-o às trevas. Logo, eu sou um ignorante, meu Anjo das Trevas.

– Raciocine, Simão Beir. Raciocine e até isso compreenderá, pois ele não disse que uma ausência Divina num ser humano conduzia um ser humano às trevas, mas tão somente que anulava na coroa humana o Sagrado Arco-Íris.

Logo, raciocine, pois é a única faculdade humana que lhe resta! – exclamou aflito o Anjo das Trevas de Simão Beir.

– Não quero raciocinar mais.

– E como eu fico?

– Não quero me preocupar com mais nada, meu Anjo das Trevas. Não quero sonhar, idealizar ou desejar mais.

Sim, nada mais eu quero além de ficar aqui e ver à minha frente todos os Universos paralelos negativos ocultados de mim pela minha memória imortal, pois estão confinados em um ponto qualquer do meu todo mental. Só após vê-los por inteiro, verei se devo raciocinar.

– Deseje isso intensamente que eu, o teu Anjo das Trevas, lhe mostrarei.

– Eu não quero desejar.

– Como não?

– O Anjo da Morte me avisou que eu iria ter de carregá-los como um fardo pesado, pois eu não tive coragem de olhar a visão de apenas um deles.

– Eu sei disso também, pois aquela medonha serpente negra era eu, que habito ou habitava um dos teus Universos paralelos, Simão Beir. Ela só simbolizava uma das tuas ausência Divinas. E eu sou isso, ou era, Simão Beir!

– Eu também sei disso, pois decifrei o seu enigma, não?

– Sim. Por isso lhe digo: deseje, Simão Beir!

– Não quero desejar, meu Anjo das Trevas. Só quero esquecer, descansar e dormir.

– Olhe à tua frente, Simão Beir! – exclamou, desesperado, o Anjo das Trevas.

– Para quê, se nada mais quero ver.

– Por que não quer ver mais nada?

– Ora, se não quero ter mais uma visão real do Criador, então por que olhar para a frente?

– Olhe, Simão Beir! – exclamou aflito o Anjo das Trevas.

– Não adianta eu olhar, meu Anjo das Trevas.

– Por que não, Simão Beir?

– Estou de olhos abertos e nada vejo. Estou ficando igual a você. Já tenho olhos que nada veem, pois mais nada vejo se não tiver cor. Sim, nas trevas eu sou cego assim como você é cego na luz.

– Você, em sua apatia, está me absorvendo, Simão Beir. Você está se tornando vazio, olhos que não podem ver!

– Sim, eu estou cego, cansado, sonolento e velho, muito velho, meu Anjo das Trevas.

– Não vê que isso é loucura, Simão Beir?

– Então acrescente que, além de tudo o que eu disse que estava, também estou louco.

– Isso é demência pura, Simão Beir!

– Mais uma viciação, meu Anjo das Trevas. Adicione-a às anteriores.

– Vamos, Simão. Reaja, ser humano!

– Por quê?

– Ora, tudo isso que está sentindo é tolice.

– Que é o contrário de sabedoria, não?

– Sim.

– Então adicione a tolice também, meu Anjo das Trevas.

– Estás me enfurecendo, Simão Beir.

– Ótimo.

– Por que ótimo?

– Isso significa que, apesar de eu me sentir assim, você ainda tem energias para não deixar de existir, meu Anjo das Trevas. Fico feliz com isso!

– Sua felicidade é falsa, Simão Beir, pois meu ódio é um falso ódio.

– Sim, certamente que é, pois me alegro com a existência de um ser que ocupa o meu vazio.

– Reaja, verme humano!

– Por que reagir, se não quero?

– Não vê que eu, que já fui uma poderosa serpente negra num Universo paralelo negativo alimentado por você, agora me sinto um verme rastejante?

– É por isso que se enfurece?

– Sim.

– E sua fúria é falsa, pois em vez das presas e do veneno, agora nada mais tens?

– Sim.

– Não decifrou o enigma humano que eu sou, meu Anjo das Trevas?

– Não tenho o dom do raciocínio. E como nem raciocinar você deseja, nem essas energias humanas restam em mim.

Eu sou um verme, Simão Beir! – exclamou o apavorado o Anjo das Trevas num fio de voz.

– Quer que eu me decifre para você, verme das trevas?

– Faça isso, Simão. Mas faça-o logo, senão já não poderei ouvi-lo mais, pois os vermes não têm ouvidos, e também, já não pulsas o desejo de falar, tal como os vermes.

Você é um verme, Simão Beir!

– Sim, essa é a chave do enigma, meu verme das trevas.

– Como?

– Eu sou um verme humano e você se sente um verme humano pois, como parte do meu vazio, és parte de mim. E eu, como o original ocupante desse vazio que já não desejo ocupar mais, pois me tornei apático, sou você por inteiro.

Meu Anjo das Trevas, você é parte de mim e eu sou você por inteiro!

– Não está correto, está?

– Sim, eu estou, meu verme das trevas.

O inferno ou trevas só existem em função das ações, palavras e pensamentos dos seres humanos.

Logo, sem os seres humanos não haveria trevas, pois não haveria o vazio dos homens ausentes em Deus ocupando o espaço destinado à presença do Criador nos homens.

– Você está louco, Simão Beir.

– Não, meu Anjo das Trevas. Agora eu decifrei o enigma do ser humano e isso me torna apático.

– Por quê? Qual a causa de sua apatia?

– Sem nada ver, pois me sinto cego, posso ver de uma só vez todos os meus Universos paralelos negativos acumulados em todas as minhas encarnações.

– Como consegues isso?

– Já não me sinto nem mais um verme, meu Anjo das Trevas.

Agora estou me sentindo como um feto ou um ser unicelular que, do seu refúgio, sente tudo à sua volta. Eu me sinto tão paralisado que me vejo como a pedra citada pelo Anjo da Morte, que absorve tudo à sua volta e a tudo vibra.

E, justamente desse ponto onde me encontro, posso vê-los, meu Anjo das Trevas. Eles são horríveis, assustadores e medonhos!

– Quem é tudo isso, Simão Beir?

– Os meus Universos paralelos negativos. Eles foram criados por mim e agora, deste ponto, que é anterior à minha memória humana, eu os vejo claramente meu Anjo das Trevas.

– Você está me irradiando medo, Simão Beir. Eu o temo. Só não atino no porquê desse medo.

– Você é parte de mim e eu sou você por inteiro, meu vazio das trevas!

– Explique-se, Simão Beir.

– Ora, se vejo todos os meus erros e pecados, se vejo todas as minhas falhas humanas, se vejo todas as ausências de Deus em mim e se vejo todas as minhas ausências n'Ele, então sinto medo de mim mesmo e por isso você me teme, meu medo das trevas.

Nesse instante um urro de medo, pavor e horror se fez ouvir à esquerda de Simão Beir, e que assustaria a qualquer ser humano, mas não a ele que, calmamente, indagou:

– Por que age assim, meu medo das trevas?

– Você me apavora, Simão Beir.

– Por que o apavoro, meu pavor das trevas?

– Estás recolhendo-se em si mesmo e isso é assustador.

– Por quê?

– Poderá ocupar o vazio deixado por você na tua origem caso deixe de sentir-se um ser unicelular e conseguir tornar-se um ser original.

– Como posso conseguir isso, meu horror das trevas?

– Está deixando de se sentir humano e isso, num ser já unicelular, é perigoso.

– Nada tema, meu perigo das trevas.

– Por que não, seu nada humano?

– Esqueceste das palavras do Anjo da Morte que diziam: "se você voltar, encontrará a morte à tua frente, meu nada nas trevas?"

– Não, não me esqueci, suicida humano.

– Pois então o que teme, se eu não posso voltar atrás?

– Não pode ou não quer?

– Por que pergunta isso agora?

– Por que sou parte de você e você é eu por inteiro. E estou recebendo energias negativas de ordem suicida. Seu desejo de não se sentir um ser humano, mas sim uma pedra ou um ser paralisado é o de um suicida. É isso que estou sentindo, pois sou parte de você e você é eu por inteiro, Simão Beir?

– Será que não é melhor assim, meu Anjo das Trevas?

– Por que assim seria melhor?

– Ora, eu me paralisando aqui, você terá liberdade total para vagar pelas trevas, pois estará despreocupado comigo que, se me recuso a olhar à frente, não posso recuar. E se eu ousar fazê-lo, então morrerei de fato e com o perigo de eu ocupar o seu lugar no vazio deixado por mim, não mais preocupando-o. Então terás tudo para si.

– O que está pensando que irá deixar para mim, Simão Beir?

– Ora, um ponto, o meu vazio, que tanto pode ser do tamanho de um ser unicelular, assim como de todo o Universo, não?

– E o que importa isso, se não poderei me mover nele?

– Por que não?

– Oras, Simão Beir! Se nele não existirem seus medos, ódios, invejas, paixões, ambições, volúpias, gulas, misérias, egoísmos, etc., etc., etc., então como me moverei, se no vazio absoluto não tenho como me mover, pois estarei paralisado?

– Esse é um enigma não humano e portanto não posso decifrá-lo para você, meu enigma não humano.

– Eu te odeio, Simão Beir.

– Por que me odeia se eu não te odeio?

– É porque sem você eu não existo. Isso não é motivo suficiente para ser o objeto do meu ódio?

– A resposta, eu deixo para que a diga, meu ódio nas trevas.

– Pois eu a dou, Simão Beir. Estou tão furioso que sinto vontade de lançar os infernos sobre você.

– Faça isso, meu inferno nas trevas.

– Não, isso não farei. Não agora.

– Por que não?

– Está tão apático em sua condição de ser humano que provavelmente nada sentiria.

– Isso significa que tens as chaves que abrem as portas do meu inferno nas trevas, não?

– Sim, eu as tenho.

– Então dê-me elas, minha porta para o inferno.

– Por que as quer?

– Quero entrar no meu inferno humano, criado por mim mesmo, trancar as portas d'Ele atrás de mim e lançar no vazio absoluto as chaves que as abrirão caso eu não suporte colher de uma só vez o retorno de todo o mal que já pratiquei, das más ações que já realizei ou dos pecados que já cometi diante dos olhos do Senhor e meu divino Criador.

– Não, isso não farei, senão poderá não suportar todas as energias negativas acumuladas nos Universos paralelos negativos alojados no seu todo mental.

– Ora, e que mal haveria nisso?

– Poderá ter sua centelha original irradiada de tal forma que a transformaria numa centelha original total e completamente negativa e em todos os sentidos contidos nela.

– E que mal existe em transformar uma centelha virtuosa em mim existente desde minha origem, quando não mais que uma centelha eu era, em uma centelha totalmente negativa?

– Deixaria de ser um ser humano e se tornaria uma negação dos seres humanos.

– Logo?...

– Você se tornaria ódio, inveja, egoísmo, etc., etc., e etc., a vibrar no vazio agora ocupado por mim, o teu Anjo das Trevas.

– Bem, então estamos diante de um impasse, não?

– Como assim?

– Eu não quero ser um ser humano, pois vi meus erros, falhas e pecados e você não me dá as chaves que me fariam recolher as energias negativas irradiadas por mim quando errei, falhei e pequei.

– Eu não posso fazer isso, Simão Beir.

– Por que não?

– Se eu fazê-lo, irá tornar-se, realmente, eu por inteiro e eu serei apenas parte de você.

– Isso é um enigma, não?

– Sim.

– Então decifre-o para mim, minha parte nas trevas.

– Será a última coisa que direi antes de virar-lhe minhas costas, Simão Beir?

– Por que irá virar tuas costas para mim, meu abandono nas trevas?

– Ora, só estou perdendo tudo o que já conquistei nas trevas por meio de você.

– E o que conquistaste nas trevas por meio de mim, meu reino nas trevas?

– Almas que choram, sofrem e padecem nas trevas da sua ignorância. Eu conquistei a dor, o ódio, a inveja, etc., etc., e etc., que hoje elas vibram nos seus Universos paralelos negativos, criados por elas mesmas quando se confrontaram, encontraram-se ou vieram contigo, pois são teus semelhantes.

– E por que não quer perder essas suas conquistas, minhas perdas nas trevas?

– Eu, se já não posso viver nos seus Universos paralelos negativos, pois me alimento das energias deles, então nos deles, que vibram contra você, pois, para eles, és o algoz, o réu, o devedor ou o indutor ao sofrimento, me sustentarei.

Se não posso "viver" em você, então passarei a viver nos que gostariam de vê-lo "morrer".

Agora vou virar-lhe minhas costas e irei procurá-los no meio das trevas.

– Não decifrará o seu enigma para mim antes de virar-me tuas costas, minha morte nas trevas?

– Quer mesmo saber isso?

– Sim.

– Pois lhe direi isso também, Simão Beir!

– Estou ouvindo-o, minha voz nas trevas.

– Então ouça isso, Simão Beir. Você se tornaria uma ilusão onde a ilusão é a verdade e a verdade é só uma ilusão.

– Já ouvi isso antes, minha ilusão das trevas.

– Eu sei que sim.

– Então não disseste nada original, minha verdade nas trevas.

– Eu não sou um ser original, Simão Beir. Eu sou um ser viciado que, de agora em diante, só falarei contigo por meio de seres humanos viciados. Só por meio deles ouvirá minha voz, Simão Beir. Só por meio deles sentirá a força do meu ódio, inveja, volúpia, ambição, etc.

– Repete com palavras diferentes, as palavras do Anjo da Morte, meus vícios das trevas.

Como o silêncio total se impôs aos ouvidos de Simão Beir, este ainda indagou:

– Por que me odeia, meu ódio nas trevas?

Nada ouvindo, Simão tornou a perguntar:

– Seu ódio por mim é tão intenso que não ousa revelá-lo, minha parte nas trevas?

E o silêncio continuou. Então, Simão aquietou-se e lágrimas brotaram de seus olhos. Mas uma voz suave, cálida e envolvente chegou-lhe ao seu ouvido direito. A princípio não a captou corretamente mas, ao apurar a audição, ouviu-a claramente perguntar-lhe:

– Por que perguntas ao vazio se o vazio não pode responder a nada, pois nada existe no vazio além do vazio, Simão Beir?

– Eu a ouço, voz suave, meiga, doce e envolvente.

– Eu sei que me ouve, meu Simão.

– Posso perguntar quem sois, ser bendito?

– Sim.

– Então, quem sois vós, ser bendito?

– Eu sou o teu Anjo da Luz, meu Simão.

– Por que fala comigo, meu Anjo da Luz?

– Quero despertá-lo dessa sua apatia momentânea, olhos que viram num piscar de olhos tudo o que teus semelhantes demoram uma eternidade para verem.

– Se tens conhecimento disso, então não preciso justificar-lhe a causa de minha apatia, não?

– Não. Nada deve justificar para mim, pois não sou a sua consciência acusadora, meu Simão.

– Então?...

– Só a si mesmo, assim como ao teu Criador, deves prestar contas, ainda que Ele saiba de todos os teus atos, pensamentos e palavras.

– Sim, eu sei que Ele sabe tudo.

– Então, por que se tornou apático ao ouvir a voz do seu Anjo das Trevas?

– Descobri que eu venho alimentando-o com meus erros, pecados e falhas por milênios incontáveis, meu Anjo da Luz. Logo, é melhor eu me paralisar, pois assim o paraliso também.

– Ao que isso conduz, meu Simão?

– Ao nada, meu Anjo da Luz. Ao nada.

– Mas no nada, nada significas. E tens que significar algo, não?

– Não julgo algo significativo as razões que me conduziram a um ponto onde pude criar Universos paralelos negativos, que agora me paralisam por inteiro e em todos os sentidos.

– Será que você não vislumbra os Universos paralelos positivos que criaste no seu todo mental guiado por tuas razões humanas, e que só o engrandeceram aos olhos do teu Criador?

– Não encontrei nenhuma que valha a pena ser mencionada como minha razão humana, pois nada mais fiz do que o que certamente devia fazer.

– Ou que Deus esperava que fizesse, não?

– Talvez isso seja verdade, meu Anjo da Luz. Mas, ainda assim, a que tudo isso me conduziu senão ao ponto onde me encontro agora?

– Talvez não tenha visto o que eu já vi: as tuas ações, pensamentos e palavras virtuosas, meu Simão.

– Tudo o que tenha visto sobre meus atos, palavras e pensamentos virtuosos não é nada se comparados aos meus atos, palavras e pensamentos negativos, meu Anjo da Luz. O que significa edificar um lar, escola, nação ou religião num longo espaço de tempo se num piscar de olhos, quando tudo escurece à nossa frente, a tudo destruímos?

– Talvez isso aconteceu com você porque não edificaste corretamente tais razões tão humanas, não?

– Certamente que essa é a resposta, meu Anjo da Luz. Mas, será que tudo isso terá valido o esforço despendido ou as dores suportadas ou mesmo as lágrimas derramadas, meu Anjo da Luz?

– Isso só você poderá responder, caso tenha uma visão real do Senhor, meu Simão.

– Mas já não anseio por ela, meu Anjo da Luz. Nem a sede que me incomodava sinto mais. Nada mais anseio, meu anjo.

– Se assim se sente, não será porque estás alimentando uma grande ausência de Deus em si mesmo, Simão que não quer mais ser meu?

– Talvez sim, talvez não, meu anjo. Mas, pelo sim e pelo não, prefiro não ver nos meus semelhantes as ausências Divinas que neles provoquei com minhas ações, palavras e atos negativos.

– Isso é covardia, meu Simão. E covardia nada mais é que a reação de um ser humano que não quer encarar a si próprio por meio das reações que seus atos, palavras e pensamentos despertaram nos seus semelhantes!

– Certamente que sim, meu Anjo da Luz. Mas a covardia é só uma manifestação de um ser apático, não?

– Sim.

– Então ela está vibrando em acordo com o meu não vibrar, meu anjo.

– Mas, por acaso ela o conduz a algum lugar, meu Simão?

– Sim.

– Então me diga para onde ela o conduz, ainda que eu ja saiba isso, meu Simão?

– Ela conduz a mim mesmo, meu anjo. Todo ser apático só pensa em si mesmo, pois não ousa contestar as suas próprias razões. E um covarde é um apático que não ousa ir até elas para delas tirar as lições que delas certamente lhe advirão ao ser confrontado por elas. Eu sou um apático covarde, meu Anjo da Luz.

– Será que isso não acontece devido ao seu desejo de não ter uma real visão do senhor teu Deus?

– Certamente que sim, meu anjo.

– Por que não a quer mais, meu Simão?

– Disso, tenho certeza que também sabe, meu anjo.

– Talvez sim, talvez não, meu Simão. Mas, como posso ter certeza se o que sei sobre seu estado atual é que estás entregue a uma apatia oriunda das tuas ilusões? Melhor ouvir de você as razões dessa sua apatia momentânea, não?

– Talvez sim, talvez não, meu anjo. Mas, se quer saber dos meus lábios, então lhe digo: eu temo olhar à frente, pois em vez de uma real visão do Senhor, só verei as minhas ilusões tão reais.

– Será que não teme a visão que o Criador tem de você?

– Sim, é isso mesmo, meu Anjo da Luz. Eu temo isso mesmo. Então, como encarar o senhor meu Deus se não sinto vontade de ver o que está à minha frente?

– Isso só você poderá alterar, meu Simão.

– Eu só quero permanecer aqui, meu anjo.

– Não pode abrir teus olhos e me ver, meu Simão?

– Para quê, meu anjo?

– Iria ver em mim teus atos, palavras e pensamentos virtuosos e assim talvez se animasse a ousar trilhar seu caminho rumo à visão real do Senhor, meu Simão.

– Talvez eu abra meus olhos e nada veja, meu anjo.

– Por que não?

– Eu acredito que não fiz nada que fosse do agrado do Criador, meu anjo.

– Se assim acredita, então me apaga diante de Deus, Simão que não quer me ver.

– Ora, vós tens luz própria, meu anjo!

Como poderia eu, um velho e cansado ser humano, apagar a luz de um Anjo da Luz?

– A resposta é fácil, meu Simão. Ainda que eu saiba que você sabe qual é ela, ainda assim lhe direi qual é, pois nem isso tua apatia momentânea lhe permite.

– Qual é ela, meu anjo?

– Minha luz própria só cresce diante dos olhos do senhor teu Deus caso sua luz própria também cresça, meu Simão.

– Não posso acreditar que um Anjo da Luz dependa de um ser humano para brilhar diante dos olhos do Pai.

– Como não, se eu nada mais sou que o seu virtuosismo?

– Como?!!!

– É isso mesmo, meu Simão. Caso você se anule por completo, estarei deixando de me fazer visível aos olhos do Pai, meu Simão.

– Não acredito nisso, meu anjo. És um mistério divino e, como tal, não depende de um ser humano para brilhar aos olhos do senhor meu Deus.

– Está esquecendo-se que, tal como o teu Anjo das Trevas, que vive nos teus vícios, eu vivo nas tuas virtudes?

Se as paralisa, também me paralisa, meu Simão.

– Tudo está confuso aos meus olhos, meu anjo.

– Isso se deve ao fato de não ousar olhar à sua frente, meu Simão.

– Então faça isso por mim, meu anjo. Diga as razões de minha paralisia, a paralisia de um ser humano, poder paralisar um Anjo da Luz.

– Eu farei isso, Simão que foge de mim, seu Anjo da Luz, dizendo-lhe que eu sou tuas preces pelos seus entes queridos. Sou também o pão que davas aos famintos ou a água que davas aos sedentos.

Mas também sou as palavras bondosas que proferias enquanto servo do Senhor, meu Simão.

Eu sou tuas palavras, atos e pensamentos virtuosos ou positivos. É d'Eles que me alimento e brilho aos olhos de Deus.

Mas se isso, as virtudes, não pulsas, então não tenho razões para brilhar aos olhos do Pai, meu Simão!

– Isso me preocupa, meu anjo.

– Por quê, meu Simão?

– Está me transformando no responsável por sua existência. E olhe que já amargo o peso de ter alimentado durante tantos milênios o meu Anjo das Trevas.

– Eu não sou um peso para você, meu Simão. Muito ao contrário! Eu sou o alívio do peso que o paralisa como uma pedra que não ousa mover-se.

Eu sou suas virtudes por inteiro e você é parte delas em mim.

– Isso me preocupa, meu Anjo da Luz.

– Pois devia ser motivo de alívio, meu Simão! Eu sou sua bondade, fé, misericórdia, amor, conhecimento, sabedoria e vida.

E a misericórdia, aí, entra em lugar da lei, pois só um ser misericordioso pode encontrar as razões dos erros, pecados e falhas alheias, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Então, levante-se e caminhe rumo ao ponto que o conduzirá a uma visão real do Criador, meu Simão!

– Não posso, meu anjo.

– Por que não?

– Eu me paralisei e agora não consigo me mover.

– Não consegue ou não quer?

– Não consigo, pois não quero, meu Anjo da Luz.

– Mas isso não é normal num ser humano, meu Simão.

– Pode até não ser, meu anjo. Mas estarei seguro aqui.

– Seguro?

– Sim.

– Confunde-me, meu Simão.

– Quem sou eu para tanto, meu anjo?

– Então se explique, Simão que não quer ser meu.

– Se fico aqui, não mais magoarei, ofenderei, odiarei ou ferirei um semelhante meu. E assim não alimentarei o meu Anjo das Trevas, meu Anjo da Luz.

– Mas com isso me apaga e anula as razões do meu existir, Simão que foge de mim.

– Sim, ja me disseste isso, meu anjo.

– Então abra teus olhos e me veja nas tuas virtudes, que existem no mais íntimo do teu ser, meu Simão!

– Eu não quero, meu anjo.

– Quais são as tuas razões para não ousar olhar para seu próprio virtuosismo, meu Simão?

– Eu me vi ensinando errado aos meus semelhantes, meu anjo. E o ensinar é uma virtude, não?

– Sim, é uma virtude, meu Simão.

– Eu me vi pregando o Senhor de forma errada, meu anjo. E o pregar a Deus é uma virtude, não?

– Sim, é uma virtude, meu Simão.

– Eu me vi curando errado, meu anjo. E o ato de curar é uma virtude, não?

– Sim, meu Simão.

– Eu me vi adorando a Deus de forma errada, meu anjo. E o ato de adorar Deus é uma virtude, não?

– Sim, o ato de adorar ao Pai é uma virtude, meu Simão.

– Eu me vi julgando errado aos meus semelhantes, meu anjo. E o ato de julgar é parte da lei, que é uma virtude, não?

– Sim, a lei é uma virtude, meu Simão.

– Eu me vi amado pessoas que não me amavam, meu anjo. E o ato de amar é uma virtude, não?

– Sim, o ato de amar é uma virtude, meu Simão.

– Pois é isso, meu anjo. Olhe e verá tantos outros atos virtuosos meus que cometi de forma errada que ficaríamos aqui toda a eternidade a comentá-los, só para desgosto meu e seu, não?

– O desgosto não seria meu, pois, quando empreendeste tais ações virtuosas, só me alegraste. Com elas, eu brilhava intensamente aos olhos do Criador, meu Simão.

– Mas hoje eu as olho e não ouso repeti-las.

– Por que não?

– Olhe para onde elas me conduziram, meu anjo. Acredita que não sofro ao me ver aqui após tê-las realizado com toda a intensidade do meu ser imortal?

– Acaso esqueceste que o errar é uma característica tipicamente humana, pois os espíritos humanos são seres em contínuo aprendizado, e, por isso mesmo, são dotados do dom do conhecimento?

– Sim, isso eu não consigo esquecer, meu anjo.

– Então, levante-se e caminhe, pois só assim irá reparar seus erros, pecados e falhas aos olhos do senhor teu Deus, meu Simão.

– Para quê, meu anjo? No final, verei que mais uma vez terei errado, pecado e falhado.

– Esse é o pensamento de um ser humano que não acredita em si mesmo, meu Simão.

– Pois eu já não acredito em mim mesmo, meu anjo.

– Ao pensar assim, você me entristece, meu Simão.

– Não quero que se sinta triste, mas somente que compreenda as minhas razões, meu anjo.

– Minha tristeza é sinônimo de minha incompreensão sobre você, meu Simão. Eu já não estou conseguindo vê-lo mais, Simão que já não é meu.

– Por que não consegue me ver, meu anjo?

– Você se tornou invisível aos meus olhos virtuosos, Simão que me abandonou na sua ausência Divina e na própria ausência de Deus em si próprio.

Você me tornou invisível aos olhos do Criador, Simão que já não é mais meu.

– Não diga isso, meu anjo! – exclamou Simão Beir tocado de profunda tristeza.

– Digo sim, Simão Beir. Eu não disse há pouco que eu era suas virtudes por inteiro e você era parte delas em mim?

– Sim, também me lembro disso, meu anjo.

– Como me sinto invisível aos teus olhos, e como sou virtudes em todos os meus sentidos, então me sinto invisível, Simão que já não é meu.

– Eu não queria isso, meu anjo!

– Mas foi isso que fizestes, Simão que me perdeu.

– Eu o perdi?

– Sim.

– Mas eu não queria perdê-lo, meu anjo.

– Agora já aconteceu, Simão que muitas vezes se esqueceu de mim até que agora me perdeu.

– Deixa-me triste, meu anjo.

– Saiba que foi você quem primeiro me entristeceu, Simão que não quis abrir seus olhos e me ver, pois só assim teria visto como eram belos teus atos, palavras e pensamentos virtuosos, Simão que em muitas vidas já foi meu.

– Eu já abri meus olhos, meu anjo, mas não o vejo à minha frente!

– Eu, ao me tornar invisível aos olhos de Deus, pois eu era teu virtuosismo por inteiro, e você era parte dele em mim, também tornei-me invisível aos teus olhos humanos, Simão que já não é meu.

– Meu Deus, o que fiz com minha apatia? Como posso vê-lo, meu anjo?

– Eu creio que só poderá me ver em partes de agora em diante, Simão que olha mas não me vê.

– Como assim, meu anjo?

– Só poderá me ver no sorriso feliz de um enfermo que curares; no agradecimento de alguém a quem a fome, a sede ou o frio nele fizer cessar; no reconhecimento de alguém que ensinar ou na misericórdia contida num julgamento que pronunciar. Mas também poderá me ver na fé que

despertar ou na razão que aclarear, assim como no amor à vida que, após semeá-la, vê-la brotar.

Sim, é isso mesmo, Simão que me tornou invisível aos teus próprios olhos. Só conseguirá me ver por meio dos olhos alheios, Simão que me perdeu.

Como você já não pertence a mim, mais não consigo falar. Como minha tristeza de ter falhado como teu Anjo da Luz é grande, então só me resta pranteá-la lá no silêncio, para que outros não venham a saber que perdi alguém tão importante aos olhos do Criador.

– Eu não era importante aos olhos de Deus, meu anjo e meu anjo na luz!

Como nada ouviu após dizer isso, Simão se pôs a chorar. Mas, como seu choro não ecoava, isso o assustou.

Foi então que ouviu uma voz abaixo de si:

– O que fizestes, estúpido?

Ainda em meio ao seu pranto inaudível, Simão ousou perguntar:

– Quem me fala agora?

– O teu Anjo de Baixo, imbecil.

– Quem é o meu Anjo de Baixo?

– Eu sou aquele que tem te segurado num plano ainda humano durante tuas quedas diante do teu Criador, ser ingrato.

E além de tentar impedir que caia, ainda tenho que tentar elevar um que está abaixo de você, pois, ao caíres, impede que ele ocupe seu lugar deixado vago, caso subisses.

– Ao ouvir isso devo deduzir que um anjo do acima também exista, não?

– Certamente que sim, cego que tropeça nos próprios erros.

– Também devo deduzir que alguém está caindo comigo, não?

– Muitos estão caindo contigo, ser desumano.

– Eu devo descobrir o porquê de muitos estarem caindo, não?

– Não, isso eu mesmo farei e rápido, senão não haverá meios de impedir que eles venham a sofrer mais do que já sofreram com teus erros, pecados e falhas, pedra nas minhas costas.

– Eu sou uma pedra em suas costas?

– Isso mesmo, ser que não vê a si próprio e não percebe que seu falso cansaço é um peso para eu suportar.

– Está me deixando confuso, Anjo de Baixo!

– Pois devia ter ousado no seu primeiro passo, ser que não quer caminhar.

Por que titubeaste no teu primeiro passo dado no teu caminho que o conduziria a um ponto de onde teria uma visão real do Senhor?

– Eu temi o que poderia encontrar à minha frente, pois ele era escuro, meu Anjo de Baixo!

– Esqueceste do que o Anjo da Morte lhe falou, e isso num alerta, pois ele antevia sua insegurança, que dizia assim: "seu caminho começa à sua frente e termina nas suas costas?"

– Sim, eu me lembro disso.

– E quem está às tuas costas?

– O Anjo da Morte.

– Logo?...

– A morte está atrás de mim, não?

– Isso já sabes, idiota.

– Mas...

– Não tem nem mas nem menos, estúpido. Não vê que tudo se move, pois tudo é energia?

– Sim. Mas o que isso tem a ver com minha imobilidade, se não recuei?

– Ora, ora, ora!

– Por que admira-se?

– Só um cego não vê que, se tudo se move, então, se ele está paralisado, tudo à sua volta avança, e ele é alcançado pela morte que está às suas costas e passa a envolvê-lo.

– Mas...

– Não tem nem mas nem menos, ser que caminha para trás, ainda que do lugar não tenha saído.

– Não havia pensado nisso, meu Anjo de Baixo.

– É claro que não, morto-vivo e vivo-morto! Não percebe que, se alguém morre, é enterrado?

– Sim, isso eu sei, pois já enterrei muitos.

– E não percebe a analogia aí existente?

– Não sei do que estás falando.

– Como não?

– Ora, não atino com seu raciocínio oculto, Anjo de Baixo.

– Isso é compreensível num ser que teme olhar para sua própria luz por medo de suas trevas. Num ser que não ousa olhar para suas virtudes para ver na ausência delas seus vícios!

Como um ser que recusa olhar para sua esquerda e não ousa olhar sua direita haveria de se lembrar de olhar abaixo ou acima de si mesmo para, assim, se situar no seu próprio ponto de equilíbrio diante do seu divino Criador?

– Eu não havia pensado em nada disso, meu Anjo de Baixo. Eu desconhecia vossas existências.

– Pois quais foram as palavras do Anjo da Morte sobre o que devia fazer ao se defrontar com algo que escapasse ao teu conhecimento?

– Ele me disse para meditar.

– Então, ao ouvir a voz do teu Anjo das Trevas, meditaste?

– Não.

– O que fizeste?

– Só raciocinei procurando um meio de neutralizá-lo.

– E conseguiu isso?

– Não sei.

– Como não? Por acaso não meditaste se esse meio escolhido o neutralizaria?

– Também não meditei. Meu único objetivo era neutralizá-lo, nada mais.

– Com tal atitude se paralisou diante do todo, que não é estático, mas sim móvel, não?

– Sim, é isso mesmo.

– E, com isso, teu Anjo da Luz deixou de vê-lo, pois, como as virtudes não são estáticas, não o acompanhou, e, ficando para trás, ele não mais o viu, não?

– Sim, é isso mesmo.

– E, como atrás de você só existe a morte, então só o verá se avançar, pois só à tua frente a vida existe, não?

– Sim.

– E então, ao que chega agora na sua meditação sobre teus atos, palavras e pensamentos, ativados durante todo o tempo que permaneceste paralisado?

– Eu inverti a ordem natural das coisas, meu Anjo de Baixo!

– Explique-se melhor, Simão tolo.

– Eu me explico, anjo que tem pressa! Eu multipliquei o que divide e dividi o que multiplica.

– Ainda não está clara essa sua explicação, Simão confundidor.

– Vou tornar-me mais claro em minhas palavras, anjo apressado.

Os vícios dividem um ser humano e as virtudes permitem que um ser humano, por meio delas, se multiplique. Assim, quando meu Anjo das Trevas virou suas costas para mim, também posicionou de frente para mim todos os que foram atingidos por meus atos, palavras e pensamentos viciados ou negativos.

Logo, ele foi multiplicado, pois o encontrarei em todos os que estiverem à minha esquerda.

Mas o inverso eu fiz ao não olhar para meu Anjo da Luz, pois, ao não ter uma visão completa dele, eu o dividi e só o verei quando for virtuoso com um semelhante meu. Certo?

– Exato, ser que quando medita até se parece com um ser humano.

– E qual é a analogia com o Anjo da Morte, Anjo de Baixo?

– O que fizeste quando viste os assírios chegarem à sua aldeia natal para devastá-la?

– Fiquei oculto.

– Temeste a morte em vez de lutar, não?

– Sim.

– E depois, o que fizeste?

– Chorei os mortos e os enterrei.

– E depois?

– Fui no rastro dos assírios para enterrar os mortos que certamente eles deixariam em seus caminhos, meu anjo.

– Logo, atrás dele ficava a morte e na frente deles havia a vida, não?

– Sim.

– Então, como ficaste paralisado no seu medo, só restou-lhe encontrar o Anjo da Morte, não?

– Ainda não consigo ver onde quer chegar, meu anjo.

– Medite, ser irracional. Medite e me compreenderá claramente, Simão tolo.

Após meditar por um longo tempo, Simão falou:

– Como fui tolo, cego e covarde, meu anjo!

– Explique o porquê de só agora ter visto o que foste, Simão que já começa a ver a si próprio, e isso não a partir do seu exterior, mas sim do seu interior.

– Eu me explico, meu anjo. Eu devia ter lutado contra eles. Mas, como vi que seria morto, pois além de não possuir armas como eles, também não sabia lutar, então eu deveria ter fugido do local onde estava e alertar os habitantes das aldeias próximas, pois assim eles se ocultariam ou enfrentariam os assírios de forma a impedir seus próprios assassinatos a sangue frio, não?

– Exatamente. Mas ainda não me disse por que encontraste o Anjo da Morte, Simão Beir.

– Isso agora me está claro e muito visível, meu anjo!

– Então me mostre, meu Simão!

– Ora, isso é tão claro agora, que me julgo o mais tolo dos tolos.

– Então me mostre logo, pois tenho pressa, tolo dos tolos!

– Os assírios eram a própria morte. Eu, ao ficar atrás deles ou no rastro deles, só iria encontrar a morte à minha frente.

Logo, se eu tivesse me antecipado à marcha deles, teria evitado muitas mortes e assim eu teria à minha frente o Anjo da Vida, não?

– Isso mesmo, olhos que já veem a si próprio. Mas também restava-lhe outra alternativa, não?

– Sim. Após enterrar os meus mortos, eu poderia tomar uma direção contrária à deles, não?

– Isso mesmo, ser humano.

– Mas isso não seria também um ato de covardia?

– Por que acredita nisso?

– Eu me sentiria um fugitivo!

– Mas estaria preservando a sua própria vida e assim, mais adiante, numa outra aldeia poderia multiplicá-la, pois havia visto a morte de frente e saberia preparar os habitantes dela para uma eventual mudança de rumo dos assírios, não?

– Sim, talvez isso me fosse possível, meu anjo.

– E assim teria à sua frente o Anjo da Vida, não?

– Sim, certamente ele estaria à minha frente.

– Ótimo.

– Por que dizes ótimo se nada disso eu fiz?

– Bom, pelo menos já está meditando sobre seus próprios erros, pecados e falhas cometidos num só momento de sua jornada já trilhada na carne, e talvez agora decida iniciar sua jornada só em espírito, certo?

– Talvez, meu Anjo de Baixo.

– Por que ainda tens dúvidas?

– Talvez meu Anjo das Trevas venha a impedir que eu dê mais um passo, caso eu me levante.

– Mas quem é ele, Simão surdo às próprias palavras?

– Ele é parte de mim, anjo audível.

– Então?

– A parte do todo nunca pode paralisá-lo, certo?

– Certo e errado, Simão Beir.

– Como assim, meu anjo.

– A parte só paralisa o todo quando o todo perde a real noção de si próprio e se deixa reduzir a uma de suas partes, ser incompleto!

– Isso mesmo, meu anjo!

– Para isso, como deve fazer, Simão que já está deixando de pesar?

– Ora, se ele é o meu medo e meu medo é minha morte, então não devo temer viver, ainda que a morte ameace minha própria vida.

– Certíssimo.

– E tem mais, meu anjo. Se eu o subjuguei ao paralisá-lo em mim, também o subjuguei ao paralisá-lo em todos os que um dia ofendi, magoei ou feri, não?

– Muito bem, Simão que já começa a se levantar.

– Só me resta uma dúvida, meu anjo.

– Qual é ela?

– Eu não verei mais o meu Anjo da Luz.

– Ótimo, Simão duvidoso!

– Como pode dizer isso com tanta alegria?

– Ora, não é muito melhor um ser humano ver suas virtudes refletidas pelos olhos alheios em vez de olhá-las em si próprio?

– Explique melhor sua afirmação interrogativa, meu anjo.

– Eu explico, Simão dividido!

O que acharia de um ser humano que surgisse à sua frente e disse-se isso: "eu sou virtuoso. Sim, eu sou virtuoso, pois vi minhas próprias virtudes!".

– Ora, eu o acharia um convencido, nada mais.

– Mas, o que acharia de alguém que se mostrasse bondoso, sábio, leal, amoroso, caridoso, companheiro, etc. aos seus olhos?

– Eu o acharia um ser virtuoso, meu anjo.

– E então, não é melhor ser visto como virtuoso em vez de se mostrar virtuoso?

– Tens razão. Sim, como tens razão, meu Anjo de Baixo.

– Ótimo, Simão Beir. Agora iniciará sua jornada rumo ao ponto de onde terá uma visão real de Deus?

– Sim. Mas antes pode me responder mais uma dúvida?

– Se isso o tranquilizar, responderei. Mas lembre-se que, além de eu estar com pressa de voltar a subir para colocar outro no lugar que agora ocupa, ainda pesa muito sobre mim.

– Não tomarei muito do teu tempo, amado meu anjo e meu amado Anjo de Baixo.

– Muito boas palavras pronunciaste, Simão Beir.

– Mas eu não disse nada sábio, meu anjo.

– Como não, se tuas palavras refletiam um sentimento seu?

– Mas o que eu disse que o alegrou tanto, meu anjo?

– Disseste: "amado meu anjo e meu amado Anjo de Baixo.".

E só quem ama quem está abaixo de si pode ser amado por quem estiver acima de si.

Logo, ame os que estiverem abaixo de você, e isso se aplica a todos os sentidos, que no seu tempo será amado por todos os que lhe estiverem acima.

– Eu farei isso, meu amado Anjo de Baixo. Mas ainda não me deste a resposta à minha dúvida.

– Eu lhe darei agora, Simão que já deixa de ser um peso em cima de mim e embaixo do que está acima de você. Mas antes, faça-a!

– Eu lhe pergunto: por que, ao falar com o meu Anjo das Trevas ou com meu Anjo da Luz não despertei para a vida e continuei paralisado na morte que vi diante dos meus olhos na minha aldeia natal?

– Ora, isso se deve ao fato de que, só quando um ser humano se vê morto e seu corpo sendo baixado no seu próprio túmulo, ele desperta para a verdadeira vida, pois descobre, ainda que tardiamente, que em verdade não morre, pois tal como o seu divino Criador, também ele, o ser humano, é imortal.

– Mas por que tudo isso aconteceu comigo?

– Porque, em verdade, só agora tomaste consciência de que seu corpo estava sendo baixado para o seu túmulo pela morte aparente de sua vida.

– Muito obrigado, meu amado e querido Anjo de Baixo!

– Não tens razões para me agradecer, Simão Beir.

– Como não? Deste-me força para eu me levantar, meu anjo!

– Mas isso é o normal num ser humano, Simão Beir!

Só quando ele cai, alguém o ajuda a se levantar, ou só quando realmente se vê caído, ousa colocar-se de pé. O ser humano não foi feito para, no primeiro tombo, desistir de caminhar, pois o Pai o dotou com o dom do conhecimento, que comporta em si como dom original as faculdades de tentar acertar ou acertar a partir dos próprios erros, não?

– Sim, é isso mesmo, pois um tropeção e queda alheia pode servir para nos mostrar o passo que não devemos dar ou o que não queremos sofrer. Mas só a partir de nossas quedas e dores poderemos aprender a não cair tão frequentemente e a como suportar nosso próprio sofrimento oriundo delas.

– Conversar contigo nesse seu estado de espírito me deixa muito feliz, Simão Beir. Já não o sinto pesar sobre mim e até chego a me sentir mais elevado.

Vamos, continue a falar, sábio meu Simão!

– Não posso me demorar mais, meu anjo.

– Por que não, apressado Simão?

– Como bem disseste, tudo caminha! E certamente o tal ponto de onde terei uma visão real de Deus está se adiantando em relação ao ponto onde agora me encontro.

– Sim, isso é verdade, sábio Simão Beir.

– Então adeus, meu amado Anjo de Baixo.

– Por que diz adeus, Simão tolo?

– Por que me chama de Simão tolo, se há pouco me chamou de sábio Simão?

– Ora, só os tolos tem em si a certeza de que nunca mais cairão. Quanto a um sábio, jamais diz adeus a nada, pois sabe que é humano, e como tal pode, de um momento para outro, cair justamente onde estava mais seguro em suas convicções.

– Mais uma lição, meu anjo!

– Sim. E nunca se esqueça que seu caminho só existe à sua frente, Simão Beir. À tua direita pode estar teu virtuosismo, à tua esquerda pode estar tua viciação e atrás de ti pode estar a morte, mas só à sua frente estará a vida.

E, se não se esqueceu o que a vida simboliza, então sempre se lembrará que só à sua frente verá o Criador por inteiro, em todos os seus sentidos, pois será parte d'Ele e Ele será você por inteiro, pois quem te fez ser humano foi Ele e não sua direita ou sua esquerda ou seu atrás.

E assim, tendo-O à sua frente, tudo o mais que for concernente à espécie humana terá em toda a sua volta, pois Ele é tudo, e nada existe fora d'Ele, que estará sempre guiando teus atos, palavras e pensamentos.

– Então me despeço assim, meu anjo: até outra vez que Ele, o meu Criador, assim ordene, queira ou deseje que eu o reencontre, pois certamente, em minha queda, estarei me aprimorando na minha longa jornada rumo à vida.

E como Simão Beir nada mais ouviu, num esforço humano, se pôs de pé e, apoiado em seu cajado, deu mais um passo, e a seguir outro e mais outro. Então parou por vontade própria e falou para si próprio:

– "Sinto-me velho, cansado e sedento novamente. Também tenho um caminho à minha frente que me parece sombrio, pois é meu próprio caminho.

Mas, apesar de tudo isso, ainda sinto o Pai em mim, pois me sinto vivo!

Que Deus me abençoe nessa minha longa jornada rumo ao lugar onde existe um ponto do qual certamente terei uma visão real do meu divino Criador.

Se o Pai está à minha frente e ainda assim vejo meu caminho sombrio, é porque certamente tenho tentado vê-Lo com olhos humanos e não com olhos virtuosos. Então, à frente Simão Beir!

Vá ao encontro de Deus, pois Ele o espera em algum ponto do seu caminho, que começa à sua frente e termina nas suas costas.

És seu próprio caminho, velho cansado de procurá-Lo fora de si mesmo e sedento por encontrá-Lo em si".

E Simão caminhou pelo caminho sombrio à sua frente, sem nenhum temor do que o aguardava adiante.

Mas, mal deu alguns passos cansados devido à sua aparente idade avançada, e um anjo luminoso surgiu à sua frente. Assustado com a aparição do anjo e admirado com sua beleza, Simão indagou:

– Você é o meu Anjo da Frente?

– Sim.

– A que devo atribuir sua divina aparição, meu Anjo da Frente?

– À sua firme decisão de iniciar sua jornada rumo ao local de onde terá uma visão real do senhor teu Deus, meu Simão.

– Fico enlevado só com vossa beleza angelical, ser luminoso!

– Está me vislumbrando, Simão Beir.

– Não. Eu estou vendo-o, meu Anjo da Frente!

– Aí reside o engano da maioria dos seres humanos, pois quando mal vislumbram algo ou alguém, já imaginam que estão vendo-o.

– Não o entendo, meu Anjo da Frente.

– Por que não, Simão Beir?

– Ora, eu o vejo claramente, meu anjo. És tão belo, luminoso, irradiante e magnetizante como sempre imaginei que um anjo seria.

– Pois aí está a diferença existente entre o vislumbrar e o ver, Simão Beir.

– Não consigo atinar com a direção que deseja me conduzir, meu anjo. Podia ser mais claro aos meus olhos tão fracos olhos, meu anjo!

– Não diga tão fracos, meu Simão.

– Como devo dizer então, meu anjo?

– Diga apenas: meus olhos tão humanos!

– Que assim seja, meu anjo.

– Pois se assim é, é porque assim tem sido com os seres humanos, que preferem se deixar levar pelas aparências em vez de se fixarem nas formas, Simão que se deixa extasiar só com o vislumbre de uma visão real.

– Talvez assim eu tenha sido o tempo todo, não?

– Certamente que sim, Simão Beir.

– Mas, então, como devo vê-lo, meu anjo?

– O que lhe disse o Anjo da Morte, meu Simão?

– O que ele me disse?

– Medite, Simão Beir!

– Foram tantas as coisas que ele me disse.

– Então devo meditar por você?

– Não, meu Anjo da Frente. Já medito e o vejo como és realmente.

– Então me interprete, olhos humanos que já começam a se divinizar.

– Eu o interpreto, meu anjo. Se és belo é porque um ser virtuoso por inteiro e em todos os sentidos apresenta em si a perfeição do seu divino Criador na sua aparência angelical, que é a de um ser sem as imperfeições.

Se és luminoso, é porque todos os seus virtuosos sentidos brilham aos meus olhos, tão humanos e tão apagados pelos meus milênios de vivenciação viciada, pois sou humano e viciado.

Se é tão radiante, é porque um ser que só vibra virtuosismo em todos os seus sentidos irradia a sua luz interior até os olhos de quem o vê, meu anjo.

E se é tão magnético, é porque um ser virtuoso em todos os sentidos é magnético e magnetizante, pois assim é o mais íntimo do seu ser, que só vibra energias virtuosas.

– Logo?...

– Logo, o que vejo à minha frente é alguém que ilumina meu caminho com sua luz. Inspira-me com sua beleza, atrai-me com seu magnetismo e me conduz com sua energia.

– Muito bem, Simão Beir. Mas, e quanto ao que eu falei sobre o hábito tão humano dos seres humanos, Simão que já começa a me ver?

– Bem, nós, os humanos, nos deixamos levar pela primeira vista sem atentarmos que sempre há algo mais para ser visto nela ou por trás dela, ou mesmo dentro dela, não?

– Isso mesmo, Simão Beir. Logo, nunca deixe de meditar sobre todas as visões que terá de agora em diante, até que chegue ao local onde existe um ponto do qual terá uma visão real de Deus, senão irá se deixar levar pelas aparências e assim não irá identificar as formas contidas nelas ou ocultadas por elas ou mesmo deformadas por elas, certo?

– Certo, meu Anjo da Frente!

– Então, boa caminhada, meu Simão!

– Já vai partir, meu anjo? Eu mal o vi, e tão pouco pude aprender contigo!

– Você me verá nos dos olhos daqueles que conseguirem ver seus anjos da frente por meio dos teus olhos, olhos do Criador.

– Mas assim me deixa triste, meu anjo. És tão belo, luminoso, radiante, magnético e energizante, que choro sua partida.

– Eu não vou partir, meu Simão.

– Como não? Se não vou vê-lo mais à minha frente?

– Na sua frente sempre estarei e jamais deixarei de iluminá-lo. E sempre que me ver, verá que nada mais sou que aquilo que todos os seres humanos deveriam almejar por inteiro, em todos os sentidos.

– Então eu o verei na minha fé, amor, conhecimento, lealdade, raciocínio, meditação e vivenciação quando meus sentidos virtuosos pulsarem intensamente, não?

– Isso mesmo, ser que anseia por vivenciar-me. Até a minha primeira visão real, meu Simão! – E o anjo sumiu.

Após ouvir essas palavras do seu Anjo da Frente, Simão Beir ajoelhou-se e chorou, chorou e chorou. Muito tempo depois reiniciou sua caminhada, falando para si próprio:

"Se as virtudes, se apresentaram a mim na forma de um anjo, então tudo agora me é visível.

Eu sei que ele está à minha frente, mas não o verei senão por meio dos olhos dos que conseguirem ver seus anjos da frente por meio dos meus olhos.

Isso significa que só verei virtudes por meio daqueles que vierem a vê-las por meio dos meus próprios olhos.

Logo, só despertarei o virtuosismo em alguém caso eu mesmo seja virtuoso em todos os meus sentidos, senão, como alguém irá ver seus Anjo da Frente se por meio de mim eles não tiverem uma visão real das virtudes?

Que Deus me ajude, pois meu caminho está se tornando mais escuro a cada passo que dou. Nada vejo à minha direita, pois apaguei a luz do meu Anjo da Luz. Nada vejo à minha esquerda, pois meu Anjo das Trevas está de costas para mim. E nada vejo atrás de mim, pois às minhas costas está meu Anjo da Morte.

Logo, creio que já pressinto o que existe à minha frente no caminho que escolhi para chegar ao local onde existe um ponto do qual terei uma visão real do Pai.

Sim, n'Ele existe o ódio, a viciação e a ausência de qualquer virtuosismo!

Meu Deus, ajude-me, pois errei, pequei e falhei com todos os que estão à minha frente, e espalhados até o local onde está localizado o tal ponto de equilíbrio".

E Simão mal acabara de pronunciar tais palavras quando seu cajado, que usava para sentir o solo que iria pisar no passo seguinte, tocou em algo mole e pegajoso. De imediato, ele estancou o passo e procurou firmar os olhos no que a escuridão ocultava, e, num piscar de olhos, lembrou-se das palavras do seu Anjo da Frente.

A escuridão à sua frente era só um vislumbre do que ela realmente ocultava.

Apoiado no seu cajado, ficou por um longo tempo sem nada mais ver senão algo que aos seus olhos parecia ser um imenso lago negro.

Sim, à sua frente, havia um pântano, disso não tinha dúvidas. Então, pôs-se a falar para si próprio:

"E agora, Simão Beir? Como fazer se não pode recuar e para sua esquerda não pode caminhar, pois nela encontrará teu Anjo das Trevas, que não quer diretamente? E também à tua direita nada irá ver, pois se recusa a olhar à tua direita?

Como agir, Simão Beir?

Deve avançar sobre o pântano e ver se é raso o suficiente para que possa transpô-lo?

Mas, e se ele for fundo o bastante para encobri-lo e, assim, aprisioná-lo?

E, caso não seja tão profundo, no entanto poderá ser tão grande que irá perder-se, pois ele tanto pode ser do tamanho do maior pântano da Terra como também pode ser imensurável aos seus olhos humanos.

Sim, isso é possível, pois em verdade você está vendo um Universo paralelo que engoliu os seus criadores.

Certamente o que tenho à minha frente é uma criação mental que subjugou os seus criadores, que são ou foram humanos.

O melhor a fazer é ficar aqui mesmo e meditar um pouco, pois só assim atinarei com o que existe nesse ponto escuro do meu fio da vida, pois é nele que esse Universo paralelo está contido, senão não estaria visível, ainda que num vislumbre.

E o melhor jeito de se meditar não é de pé. Logo, vou sentar-me".

Simão sentou-se e segurou seu cajado em pé à sua frente. O silêncio era total e até podia ouvir seus próprios pensamentos, frutos de sua meditação.

Foi então que falou para si próprio:

"É isso, Simão barulhento!

Desde que seu cajado tocou no lodo do pântano, não tens procurado ouvir senão a si próprio. Tolo, ouça o que o pântano está dizendo!".

E assim ele silenciou sua voz, seus pensamentos e paralisou-se por completo. Nem piscar ousou, pois não só queria ouvir a voz do pântano, mas sim vê-lo também.

E, pouco a pouco, seus ouvidos e visão foram se abrindo, fazendo com que o pântano à sua frente se tornasse visível e audível.

Começou a ver corpos semi-humanos se moverem nele e também ouviu lamentos, blasfêmias e ofensas.

Os gemidos eram de dor e o comoviam.

As blasfêmias eram de revolta e o magoavam.

E as ofensas eram de ódio e o feriam.

Foi só depois de ter certeza de que seres humanos o habitavam que Simão Beir falou novamente para si próprio:

"Eis o seu primeiro, mas não o único, dos Universos paralelos contidos nalgum lugar do seu todo mental, Simão Beir!

Eis, à sua frente, a morte viva, Simão pegajoso!

Eis a primeira porta que deverá abrir e retirar tudo o que está oculto atrás dela, pois ela está localizada dentro de si mesmo, ser lodoso!".

Uma tristeza sombria o encobriu por completo.

E Simão voltou a chorar compulsivamente. Seus olhos derramavam lágrimas como se fossem duas fontes. E seu choro alto ecoava a distância.

Pouco a pouco, milhares de outros choros se juntaram ao dele e milhares de olhos derramavam lágrimas copiosamente.

Só depois de algum tempo ele percebeu que o lodo já chegava aos seus pés; ao senti-lo, assustou-se e parou de chorar imediatamente, exclamando:

– É isso!

É isso mesmo. Milhares de seres humanos choram suas dores, descrenças e mágoas. E Deus, que é água viva, é cristalino como água pura, então esse pântano, que é uma ausência d'Ele em seus habitantes, é impuro como a água viciada na sua fonte, pois os que a derramam vivenciaram com muita intensidade uma viciação humana e, agora, a derramam em abundância, encobrindo a si próprios nas lágrimas de mágoas, revoltas e ódios que derramam.

Mas, de alguma forma, também estou ligado a eles. Como eu não quis ver de uma só vez meus Universos paralelos negativos contidos no meu todo mental, quando tanto o meu Anjo da Morte como o meu Anjo das Trevas quiseram mostrá-los, então agora o tenho um à minha frente.

Caso eu não comece logo a abrandar o pranto dos que estão submersos nele, logo também serei encoberto, pois certamente ele cresce e sobe à medida que mais lágrimas são adicionadas pelos prantos dos que estão retidos nele.

Sim, eu estou num lugar onde os sentimentos são tão reais quanto quem os vibra, ou seja, a dor é sensível; a mágoa é palpável e a revolta é visível; ou: a dor é palpável; a mágoa é visível e a revolta é sensível; ou: a dor é visível, a mágoa sensível e a revolta é palpável.

Sim, é isso mesmo. Eu estou num local onde os sentidos vibram tão intensamente que as energias irradiadas por eles se tornam visíveis, sensíveis e palpáveis.

A dor é a água escura; a mágoa é a concha onde essa água se acumula e a revolta a torna pegajosa, pois revolta também é sinônimo de impotência, que significa imobilização dos sentidos contidos no dom do raciocínio de um ser humano.

Logo, caso eu queira ajudar a mim mesmo, antes terei que ajudar os que já se deixaram encobrir por suas mágoas, dores e revoltas.

Sim, ao ajudá-los estarei ajudando a mim mesmo, pois estarei dominando em mim mesmo tais sentimentos negativos que, se são negativos, é porque negam os opostos virtuosos.

Se eles agora se mostram, então é porque eu os tenho dentro de mim, pois meu choro com os deles tornou-se uníssono, e minhas lágrimas se misturaram com as deles.

Logo, todos nós temos algo negativo em comum que nos transforma numa fonte que gera o lodo desse pântano.

O melhor a fazer é tentar entrar em contato com eles e procurar descobrir quando, onde, como e por que nos tornamos uma fonte negativa.

Após meditar por muito tempo, Simão Beir voltou a falar para si próprio:

"Bem, não adianta usar de imediato o meu conhecimento, pois, além de não saber a causa que originou esse pântano, eles também não me ouviriam, pois só ouvem a si próprios ou às suas mágoas, dores e revoltas.

Logo, onde e quando o raciocínio falha, o ser humano deve substituí-lo pela sua fé em Deus, pois quem, senão o nosso próprio Criador, pode compreender nossas razões, tão humanas, que nos levaram a nos esquecermos de que anteriores às razões humanas são as razões divinas.

Sim, quando o raciocínio não nos ajuda a abrir uma porta, certamente nossa fé a abrirá. Bastará que confiemos cegamente no Pai.

E, como já morri para a carne e sobrevivi no espírito, e também porque o espírito humano é imortal, então só me resta uma alternativa que certamente é a mais racional possível:

Se eu não entrar nesse pântano e descobrir o que está oculto por sua aparência, certamente ele também irá me ocultar dos olhos de Deus, pois ele não é uma verdade, mas sim uma ilusão humana criada por seres humanos que imaginavam que eram Criadores.

Sim, o homem pensa que é um Criador, mas em verdade é só mais uma das criações e nada mais, pois nenhuma criação humana é eterna. Logo, são apenas aparências de criações e nada mais. Até o que o homem imagina como sendo seu maior bem, que é seu corpo carnal, é só uma ilusão, pois é perecível. Então o que dizer de suas criações, que além de ilusórias ou mortais também são parciais?

É isso mesmo, meu bom Pai!

O homem é capaz de criar uma religião e por meio dela falar de Deus. Mas o homem não é capaz de criá-Lo, muito menos de assenhorear-se d'Ele.

Uma religião, que é uma criação humana, é parcial, pois só consegue falar a uma parcela da humanidade. E também a aparência do Criador projetada por ela não desperta a mesma visão ou atração a todos que a veem.

Logo, até em sua religiosidade o homem é parcial nas suas visões humanas de Deus.

Então o homem nada cria, mas sim apropria-se de partes da criação divina para se projetar aos olhos dos seus semelhantes.

Sim, é isso mesmo!

Quem colhe as uvas mais belas e doces as exibe e cobra por elas um preço mais alto.

Quem produz o melhor vinho fala e também cobra um preço mais alto.

Quem faz um queijo melhor o leva aos narizes alheios, numa exibição de suas habilidades como produtor de queijo.

Mas, quem produz as uvas, que é uma criação divina?

Não é a natureza, que engloba solo, videira e o clima, que também são criações divinas?

E também, quem produz o vinho? Não são as uvas, que são uma criação divina, assim como a sua fermentação, que é originada por micro-organismos, que também são criações divinas?

E quanto ao queijo? Não é do leite que ele é feito, e que é uma criação divina?

Sim, o homem só tem capacidade limitada para alterar as criações ou princípios divinos, criando suas coisas tão humanas.

É isso! És o Criador divino que, ao que cria, dota com o dom da imortalidade. Mas nós só somos capazes de alterar suas criações, tornando-nos assim em pseudodeuses, pois só somos deuses nas nossas criações mentais, tipicamente humanas.

Ó meu Pai, como nós sofremos com nossas criações mentais!

Imaginamos como deve ser o paraíso e nos esquecemos de olhar os infernos que criamos para nos mesmos.

Imaginamos que És o nosso Deus e nos esquecemos que nós é quem somos de ti, amado Senhor!

Imaginamos que propagamos o teu santo nome quando, na verdade, só estamos nos projetando aos olhos dos nossos semelhantes por meio da imagem que criamos a partir do que imaginamos que sejais, ó Pai!

Dai-me forças para eu penetrar na dor, mágoa e revolta dos meus semelhantes, pois sei que também minha é essa dor, mágoa e revolta tão grande, amado Pai! – e Simão Beir começou a soluçar.

Dai-me meios de penetrar nesse pântano e secá-lo, pois só assim eliminarei de minha memória imortal essa sua ausência nesse lugar, que nada mais significa que uma ausência minha em ti, ó meu Deus – nesse momento novamente o pranto brotou do seu peito.

Como eu gostaria de ajudá-los!

Mas, como posso fazer isso se, além de não saber como, pois sou um ignorante, ainda sei que tudo isso e parte de mim e eu sou esse pântano por inteiro? – falava Simão entre suspiros de remorso.

Como, meu divino Criador?

E Simão Beir olhou o pântano com tristeza. Sentiu-o aos seus pés, mas ele não se elevou nem cresceu. E tampouco outros choros ecoaram junto com o seu. O silêncio total se fez ouvir no meio do seu pranto de reconhecimento de sua ignorância e sua impotência ante o que se mostrava à sua frente.

Foi então, assim que notou tal coisa, que decidiu pranteá-lo. E tornou a falar entre soluços:

– Meu Pai, confio que sou imortal aos teus divinos olhos e sei que está olhando para mim neste momento. Também creio que me guia ao encontro do meu sombrio passado.

Reconheço que errei, falhei e pequei diante de tuas leis. Mas também acredito que minha remissão só será possível caso eu redima cada um dos meus semelhantes que estão afogados, sufocados e ocultados.

Conduza-me, ó meu Senhor, pois o caminho à minha frente é só uma ausência sua provocada por uma ausência minha em ti e, num lugar assim, só Tu podes conduzir-me!

Sinto-me fraco, velho e cansado.

Mas Tu me deste este cajado para que, apoiado nele, eu pudesse caminhar, ainda que vagarosamente, pois trago em mim o peso de todo esse pântano vivo, pois o que o forma, sustenta e alimenta são os sentimentos tipicamente humanos dos que nele habitam.

Conduza-me, meu Pai!

E com grande esforço Simão Beir foi se levantando.

Quando já estava dando o primeiro passo, uma voz se fez ouvir em meio ao silêncio que se tornara o imenso pântano à sua frente!

– Bom homem, não entre neste pântano, pois será tragado, assim como nós já fomos – falou uma voz magoada.

– Eu sou parte dele, voz que me chega por meio do silêncio que se formou. Só entrando nele poderei saber onde errei, por que falhei e como foi que pequei aos olhos do Senhor.

Só conhecendo meus erros, falhas e pecados poderei redimir-me diante d'Ele e assim conseguir chegar ao local onde existe um ponto de equilíbrio do qual poderei ter uma visão real de Deus – concluiu Simão, ainda soluçando.

– Mas, se entrar aqui, será mais um a aumentá-lo, bom homem! – exclamou outra voz. Esta dolorida.

– Se eu não entrar, não saberei como ele se originou e assim não saberei como fazê-lo refluir ao seu real tamanho, voz do pântano do qual também sou parte.

– E qual é o tamanho real dele? – gritou outra voz muito revoltada.

– Esse pântano não é maior que vossas mágoas, dores ou revoltas, vozes do pântano do qual sou parte.

– Não respondeu à minha pergunta, homem ignorante! – exclamou, irada, outra vez a voz revoltada.

– Pois bem, então vou dizer-lhes qual é o real tamanho deste pântano, meus irmãos!

– Vamos, diga logo, homem sábio! Só assim conseguirei sair dele, pois me sinto paralisado – falou outra voz dolorida.

– Bem! Ele é do tamanho dos nossos erros, falhas e pecados diante de Deus, meus doloridos, magoados e revoltados irmãos.

– Disso eu já sei, sábio tolo! – gritou uma voz revoltada.

Após algum tempo em silêncio, Simão Beir então falou:

– Se sabia disso, então por que nada fez para diminuir o tamanho dele, sábio revoltado do pântano do qual sou parte?

– Como, se só sinto revolta por um dia ter acreditado em Deus?

Simão Beir ficou mais um tempo em silêncio. Mas logo falou:

– Por que sente tal revolta, sábio descrente?

– Ora, eu ensinei a muitos e a todos falei sobre o Criador. Mas, quando morri, olhe só como fiquei, sábio cego que não me vê.

– Não sou tão cego assim, visão dos meus erros, pois se ainda não o vejo, já posso ver as causas que o conduziram a esse pântano.

– Então já está vendo que fui conduzido a ele por ter acreditado que, se pregasse a palavra de Deus, após minha morte, seria recompensado, não?

– Vi isso também, sábio tolo. Mas as causas que vi não são as mesmas que alega serem as que o conduziram até aqui.

– Como? – retrucou, irada, a voz revoltada.

– Pois é isso mesmo, voz do pântano do qual sou parte.

O que o conduziu até aqui foi o mau uso do dom da palavra, sábio que não praticava o que ensinava.

Ou esqueceu-se de que usufruía todos os confortos, fornecidos por terceiros, para você falar dele?

Exigia até companhias femininas nos teus momentos ociosos, na maior parte do seu tempo, sábio voluptuoso.

Também exigia pagamento para a sua presença e tributos nas suas ausências, sábio ambicioso.

E olhe que o Pai nada cobra e nada exige dos homens além do virtuosismo para falar-lhes o tempo todo, sábio que ousou pensar que receberia um pagamento de Deus, pois se imaginava credor do teu Criador.

– Como? O que está dizendo, sábio ferino? – perguntou-lhe, agora titubeando, a já não tão revoltada voz do pântano.

– Pois é isso mesmo, sábio devedor!

Como ousaste imaginar que era credor do teu próprio Criador?

Acaso achava maior que Ele para, a tanto, credenciar-se?

Ou esqueceu que, se falar de Deus, só estará credenciando-se para ainda melhor d'Ele vir a falar? E, ainda assim, só se mostrar diante dos olhos d'Ele.

Como a voz revoltosa nada mais falou e só um pranto silencioso se fez ouvir, Simão Beir falou-lhe:

– Você pode me ver, não é mesmo, meu irmão?

– Sim, eu posso vê-lo, sábio visível.

– Por que não vem até aqui então? Venha até mim que, com muito prazer, revelarei como falei com o Anjo da Morte e por meio dos olhos dele vi muitas verdade. Venha e também lhe falarei de como falei com meu Anjo das Trevas e meu Anjo da Luz. E não deixarei de falar de como falei com meu Anjo de Baixo e meu Anjo da Frente.

– Falaste com todos esses anjos, homem sábio? – perguntou outra voz, essa abismada.

– Sim, voz incrédula! – exclamou Simão Beir.

– Mas então, como é que um homem que falou com todos esses anjos está paralisado diante do nosso pântano coletivo? – indagou outra voz, também incrédula.

– Esse é o caminho que devo trilhar para poder chegar a um local onde existe um ponto do qual poderei ter uma visão real do senhor nosso Deus, meu incrédulo irmão.

– Mas, por que estamos no meio do seu caminho, sábio paralisado por nós? – indagou uma voz dolorida.

– Vocês estão no meu caminho porque tenho parte nos vossos erros, falhas e pecados aos olhos do Pai, meus irmãos.

Logo, como poderia chegar ao tal local se, para chegar, não posso sair desse caminho e muito menos passar por cima dos meus erros, falhas e pecados, pois são um pântano tão grande quanto eles foram aos olhos do Criador.

– Você se diz parte desse nosso pântano, sábio não identificável. Então nos diga, como se tornou parte dele?

– Eu digo, meus irmãos.

Num tempo, que já está adormecido em minha memória imortal, eu fui um dos fundadores da religião que todos vocês cultuaram. Essa religião já nem existe mais na face da Terra, pois muitas foram as deturpações do nosso vislumbre inicial de Deus. Mas, assim mesmo, agora ela é parte de mim e eu sou ela por inteiro, pois estão no meu caminho, meus irmãos.

Assim, se posso ver, não com os olhos do meu espírito, mas com meu olho mental, que fui um dos iniciadores dela, então sou ela por inteiro e vocês, que a seguiram, são parte de mim.

– Está tornando-se confuso no seu falar, sábio melindroso! – exclamou outra voz, revoltada.

– Eu me explicarei de uma forma mais compreensível, meu irmão.

– Sim, faça isso, sábio da palavra – pediu uma voz dolorida.

– Eu farei, caso fiquem em silêncio, vozes que já pararam de chorar e abriram vossos ouvidos para me ouvir. Já não ouço seus prantos, mas sim suas indagações. E isso já é uma transformação interior, não?

– Sim! – exclamaram em uníssono milhares de vozes. – Por favor, continue, sábio ancião que se ampara num cajado!

– Pois bem, eu continuo, ouvidos que desejam ouvir-me!

Se vos digo que sou parte desse pântano e ele sou eu por inteiro, é porque todos os seus erros, pecados e falhas se originaram de uma visão não verdadeira que eu, como um dos fundadores da religião que seguiram, tive de Deus.

Eu tive uma visão parcial do Criador e entendi que ela havia sido total.

Logo, eu sou parte desse pântano que habitam e ele sou eu por inteiro. E também, se ela foi iniciada por mim, então sou ela por inteiro, pois a criei e ela é parte de mim, pois se originou de uma visão minha do nosso divino Criador.

Isso já está compreensível, meus irmãos?

– Sim, sábio parcial! – exclamaram as vozes do pântano. – Agora nos fale desse seu olho mental e também de sua memória adormecida, sábio que tem muito a dizer!

– Eu vos falarei com as mesmas palavras que ouvi por meio dos olhos do Anjo da Morte, meus irmãos.

E Simão Beir falou tudo o que havia ouvido sobre visão mental e memória imortal do ser humano. Porém fez uma ressalva ao final de sua fala:

– Mas nunca se esqueçam de que, por meio de minhas palavras, vocês tiveram apenas uma visão humana da visão que tive por meio do Anjo da Morte.

Logo, não saiam daí dizendo que o que ouviram de mim foi o que me foi mostrado por ele, pois irão falhar, errar e pecar novamente por meio de minhas palavras.

Lembrem-se de que apenas tiveram uma visão humana da visão divina que a mim se mostrou.

Nesse momento uma voz se fez ouvir no meio do pântano.

– Eu já ouvi estas tuas últimas palavras antes, sábio modesto! – exclamou uma voz envergonhada.

– Seja mais claro, meu irmão! – exclamou Simão Beir.

– Eu – falou a voz – fui um dos teus seguidores iniciais, mestre. Mas me perdi ao querer mostrar-me igual ou melhor que o senhor, pois concedi honras a quem não se fazia merecê-las, para assim eu crescer aos olhos d'Eles.

Eu sou um dos que primeiro o ouviu e interpretou aquela sua visão humana de Deus como uma visão divina de um ser humano.

Logo, como eu imaginei também ter visto ao nosso Criador por meio de você, então me ensoberbi e me divinizei, pois passei a conceder o que não criei nem me pertencia, e com isso me tornei desumano.

Agora, e só agora, me lembro bem de você e também dessas tuas mesmas palavras: "lembrem-se de que estão vendo um ser humano", e ouvindo suas palavras humanas sobre as verdades divinas, que são humanistas mas não são humanizáveis.

Elas lhe são compreensíveis, sábio do verbo?

– Sim, meu não sábio ouvinte ou meu ouvinte surdo.

– Por que me chama assim, sábio divino?

– Não vê que continua a cometer os mesmo erros, pecados e falhas no seu falar, tolo com as palavras?

– Como assim, mestre que me magoa?

– Chama-me de sábio do verbo e logo a seguir de sábio divino. Não percebe que concede às pessoas algo que não é humanamente possível?

Não percebe que nenhum ser humano pode ser um sábio do verbo mas sim somente um intérprete humanista das verdades divinas que são os fundamentos básicos da humanidade, pois são as virtudes divinas?

E também não consegue ver que ser humano algum pode ser um mestre divino, pois nenhum ser humano pode conter em si todo o saber sobre nosso divino Criador?

Não está vendo que continua a criar o que não existe e a dar o que não lhe pertence a quem deseja lisonjear?

E mais uma voz envergonhada se calou e outro pranto silencioso se fez audível.

E Simão Beir ouvia indagações e mais indagações. A todas respondia calmamente e, quando não sabia a resposta, meditava.

Mas nenhuma voz deixou de se fazer ouvir no pântano do qual ele fazia parte e que também era ele por inteiro, pois um dia, num passado já esquecido, ousara dizer que tivera uma visão de Deus.

Quanto tempo ele ficou em pé, apoiado no seu cajado, não é possível precisar, pois estava num lugar onde o tempo não conta, mas sim os sentimentos. Esses sim, são passíveis de serem marcados, pois dependem da intensidade com que são pulsados. E Simão Beir marcou o tempo ali passado por meio do pulsar dos sentimentos irradiados pelos seus ouvintes.

Mostrou a cada um os seus erros, falhas e pecados aos olhos do Criador. E tanto mostrou que, em dado momento, lhes falou:

– Meus irmãos, eu já não sinto o pântano cobrindo meus pés!

– Nem nós estamos sentindo ele nos sufocar, tragar e encobrir, intérprete humano das verdades divinas e que nos mostra nossos erros, falhas e pecados aos olhos do Pai.

– Sabem o que isso significa, meus irmãos?

– Não, sábio mestre! – exclamou uma voz feminina. – Diga-nos, por favor!

– Significa que aqui, onde até a pouco havia um pântano a nos sufocar, tragar e encobrir, ele já não existe mais.

– Logo? – perguntou outra voz também feminina.

– Logo, estamos nos tornando visíveis perante os olhos de Deus, meus amados filhos do Criador! – exclamou Simão, feliz.

Tais palavras pronunciadas e acompanhadas por um pranto de alegria os alegrou, mas ao mesmo tempo os assustou, pois muitos gritaram:

– Não chore, sábio!

– Por que não devo chorar de alegria, meus queridos irmãos?

– Irá reiniciar o pântano, sábio!

– Isso nunca irá acontecer, meus irmãos ingratos. – respondeu, Simão ao prantos.

– Por que não, sábio que chora?

– Ora, o júbilo por uma graça divina pode se manifestar por muitos sentidos e de muitas maneiras, meus queridos.

E, se eu o manifesto por meio do meu sentido da visão e por meio de lágrimas de felicidade, então água cristalina está sendo derramada nesse lugar onde antes lágrimas de dor, mágoa e revolta foram derramadas.

Olhem como cintilam no meio da penumbra que nos envolve. Vocês não as veem?

– Sim! – responderam muitas vozes. E, se é verdade o que disseste sobre o ser humano ter uma visão parcial do Pai por meio da vibração de um sentimento virtuoso, então temos a felicidade de vermos, por meio dos teus olhos, uma visão parcial do nosso Criador, pois sua alegria pelo pântano ter secado se manifesta por meio deles nas lágrimas cristalinas que derramam.

E muitos choraram de alegria pela dádiva divina recebida, pois já não se sentiam sufocados, afogados nem tragados por suas mágoas, revoltas e dores. Haviam reconhecido seus erros, falhas e pecados, e esse é o começo da remissão do ser humano aos olhos de Deus.

As lágrimas caíam no solo e iam limpando o lodo escuro sob os seus pés. E o solo que pisavam ficou claro e arenoso.

Como Simão, lenta e respeitosamente, se ajoelhou e se pôs a orar em agradecimento ao Pai, todos fizeram o mesmo. Mas, como orava em silêncio, logo muitos lhe pediram:

– Mestre, ore em voz audível, pois já não sabemos como orar em agradecimento ao Criador.

– Pois vos ensinarei como orar a Deus por uma dádiva recebida, meus irmãos!

Orem comigo, vozes que querem falar com o Pai!

"Senhor meu Deus, secaste meu pranto de dor e o meu sufoco cessou. Secaste o meu pranto de mágoa e meu afogamento cessou. Secaste o meu pranto de revolta e meu peito parou de soluçar."

Então ele disse:

– Meus irmãos, agora vou falar-lhes do choro, que é só a manifestação de um sentimento, que tanto pode ter na sua origem um princípio virtuoso como um princípio viciado.

– Antes nos fale dos princípios, tanto dos virtuosos quanto dos viciados, sábio mestre – pediu uma voz feminina ao seu lado.

– Antes eu falarei deles, voz que além de me ser audível já me é também visível e sensível, minha irmã. Mas antes vamos nos sentar, pois a melhor maneira de se fazer ouvir ou de falar é estar bem acomodado. E só quem tem pressa fala ou ouve de pé o que pacientemente tem que ser dito ou ouvido.

Após todos se acomodarem na areia branca, Simão começou a falar-lhes dos princípios, tanto dos virtuosos quanto dos viciados. E concluiu com estas palavras:

– E lhes digo mais: os princípios virtuosos têm sua origem na vontade divina e os viciados, nas vontades humanas.

Os virtuosos são as razões Divinas e os viciados mostram a ausência da razão no homem!

Meditem sobre essas palavras, meus irmãos.

E o silêncio se impôs, pois a meditação só é possível com ele. Após muito tempo Simão falou:

– Agora que a penumbra desapareceu, vou dar uma olhada nesse local, mas antes marcarei onde parei no meu caminho para não me desviar d'Ele nem para a direita nem para a esquerda, nem para cima nem para baixo, assim como, não vir a retroceder. Toda precaução é pouco no ponto onde me encontro, pois acho que vim ao encontro de um Universo paralelo negativo coletivo de uma religião. Aqui, pelo que vejo, e até onde minha vista alcança, existem alguns milhares de espíritos que foram engolidos por seus Universos paralelos negativos, e que, no coletivo, tinham muito em comum entre si.

Após fincar seu cajado no solo arenoso e fazer uma seta indicando a direção do seu caminho, Simão tentou levantar-se, sem no entanto conseguir. Uma voz ao seu lado se ofereceu para ajudá-lo:

– Dê-me seu braço que o auxilio a se levantar, mestre-ancião.

– Ah, obrigado minha filha! Como se chama?

– Mira, mestre ancião.

– Ótimo! Agora acho que terá de me ajudar a caminhar, pois sem meu cajado não tenho forças para me firmar de pé e caminhar ao mesmo tempo. Acho que sem sua ajuda não poderei me locomover.

– Serei seu amparo, mestre ancião, Quantos anos o senhor tem?

– Bem, se a marcação de tempo, no tempo em que viveste na carne, for o mesmo que o do meu, então lhe digo que desencarnei com 200 anos de idade.

– Puxa, tudo isso?

– Sim, minha filha.

– Então não é de se estranhar que mal possa se locomover e que seja tão sábio. Tiveste muito tempo para desfrutar da vida na carne, não?

– Pois lhe digo que para mim essa idade toda não durou mais que 20 anos e um piscar de olhos de um certo anjo.

– Como é que é?

– Deixe isso quieto, pois é uma longa história, Mira! Vamos caminhar um pouco, pois, agora que vejo melhor, não consigo alcançar o fim da, até a pouco, lagoa de dor, mágoa e revolta. Parece que era mil vezes maior que o tamanho que eu imaginava que tivesse.

– Sim, é muito grande mesmo, sábio mestre!

– Chame-me só de Simão, Mira. Não sou sábio e muito menos mestre.

– Mas tem um conhecimento tão grande, que só um sábio teria.

– O meu conhecimento não é maior entre os homens que um grão de areia no Universo. Mas, deixemos de falar sobre mim, pois isso já sei e falemos um pouco de você. Quem é, ou melhor, quem foi você na carne, Mira?

– Não fui grande coisa, ancião.

– Com não? És um ser humano como qualquer outro. E, como tal, teve suas razões humanas para ser o que foi e não o que talvez pudesse ter sido. Então, por que não me fala delas e também da religião praticada por seu povo assim como do meu povo.

– Está certo, ancião. Mas é uma longa história.

– Por acaso tem para onde ir?

– Não.

– Está com pressa de ir a lugar nenhum?

– Não. Mas me preocupo com o que vejo, pois à nossa volta só vejo pessoas iguais a mim, ou seja, sujas, tristes, doentes, maltrapilhas, feridas e também desacordadas. Onde estamos, ancião?

– Não sei ao certo, mas creio que estamos no inferno coletivo da religião praticada por seu povo, minha filha. Acho que o Pai permitiu um pouco de alívio aos que nele habitavam para assim ver se alguém irá despertar para a vida, que é Ele, o nosso divino Criador.

– É tão confortador ouvi-lo falar, ancião. Há certeza nas suas palavras, que me transmitem uma confiança de que Deus enviou um anjo para nos salvar de nós mesmos.

– Ah, ah... eu um anjo?

– Sim, por que não?

– Você me acha parecido com um anjo?

– Bem, para dizer a verdade, não. Mas nós sempre ouvíamos os sábios dizerem que os anjos podem assumir as mais diferentes aparências, para assim melhor ajudarem os homens, ancião!

– Pois lhe digo que já vi um anjo, e em nada ele se parecia comigo. Mas está se desviando do que lhe pedi.

– Está certo, mas não vais gostar da minha história, mestre ancião.

– Deixe o julgamento para quando terminá-la, está bem?

– Sim, senhor.

E Mira contou sua história pessoal e de como viera juntar-se aos milhares ali recolhidos pelo inferno coletivo de uma religião que já deixara de existir, pois o povo que a animava e sustentava com suas vibrações, energias e magnetismo já desaparecera no tempo.

Após ouvi-la com atenção, Simão falou-lhe:

– Ajude-me a chegar até aquele nosso irmão caído ali adiante, pois parece que está sofrendo muito.

– Não disse o que julga de minha história, ancião.

– Isso a preocupa?

– Muito.

– Pois a mim ela é só uma história humana e, como tal, só pertence a você o juízo que dela se possa fazer, não acha?

Com lágrimas nos olhos, Mira pediu-lhe:

– Diga-me, anjo enviado por Deus! Por favor, diga-me qual é o seu juízo sobre minhas ações, senão o desespero tomará conta de mim novamente.

– Pois eu acho que os seus olhos já emitiram um juízo incontestável sobre sua história. Agora, se vai se manter submetida às forças negativas oriundas de seus atos, palavras e pensamentos passados, então aquele irmão nosso continuará se debatendo no sufoco que as dele o envolvem.

– Apesar do bem que me fez, ainda me sinto tão subjugada por elas, anjo Divino. Ajude-me, por favor!

– Se eu emitir um juízo sobre sua história, acredita mesmo que isso a acalmará?

– Sim, meu anjo salvador.

– Bem, comecemos por esclarecer uma coisa, Mira! Eu não sou um anjo! Sou tão humano quanto você e padeço das mesmas aflições da dúvida que a incomodam.

Mas posso dizer-lhe com toda a certeza que sua história não difere muito das que certamente ouvirei dos espíritos humanos aqui recolhidos pela providência divina, que certamente os recolheu neste local para evitar que se perdessem no infinito dos Universos negativos concernentes aos seres humanos.

Olhe para os que estão à sua volta, Mira! Será que a angústia, a aflição, o desespero e a tristeza deles não a influenciam?

– Sim, isso me preocupa, ancião.

– Por que isso a preocupa, filha minha?

– Como nós, os caídos, vamos sair daqui?

– Incomoda-se em não poder sair daqui?

– Sim.

– Por quê?

– Ora, aqui só tem por mágoas, tristezas e nada mais. Isso aqui é o inferno, ancião!

– Era, minha filha. Era!

– Mas...

– Não se esqueça disso e ajude-me a transformar este lugar numa antessala do céu, parando com seus lamentos de autocomiseração, pois os

seus erros, falhas e pecados só serão reparados com sua resignação diante da Lei Divina que a fez ter consciência deles, e com isso a preservou de cometer outros mais graves e de mais difícil recuperação aos olhos de teu Criador.

– Parece tão fácil, ouvindo o senhor falar assim.

– Não é mais difícil que se entregar aos seus próprios juízos, pois estás sendo severa contigo e com eles ao se recusar a estender as mãos a eles e ajudá-los a se levantarem. Não acha que só auxiliando poderá ajudar a si própria?

– Fale-me disso, meu anjo.

– Meu anjo! Continua a insistir nisso, não?

– Sua voz, suas palavras, sua confiança e calma me encantam, ancião. Só um anjo encanta alguém como o senhor faz, ao se dirigir a mim.

– Bom, deixa estar, pois logo que se reequilibrar deixará de me ver como seu anjo salvador. Logo logo me verás só como um ser humano tentando encontrar a luz no próprio caminho.

– Mas o senhor conseguiu acabar com o pântano e a escuridão que nos envolvia, ancião.

– Não fui eu, Mira. Foi vossa atenção às minhas palavras, dirigidas ao Senhor, que acabou com o imenso acúmulo de energias negativas que envolvia todos os que para cá foram enviados pela divina providência, que os guardou de suas próprias viciações, tão humanas.

Não atribua a um homem o que a Deus pertence, senão Ele poderá não gostar desse seu juízo e anular seu alívio momentâneo e trocá-lo por um julgamento mais severo que o anterior, pois nele não atribuía a si mesma seus erros, pecados e falhas, mas sim imputava-os aos seus semelhantes. Não é mesmo?

– Sim, só aos meus semelhantes eu julgava culpados do meu sofrimento, meu sábio ancião.

– Então vamos ver o que tanto incomoda aquele nosso irmão?

– Vamos.

E assim, Simão Beir foi até o espírito caído que se debatia aflito. Com dificuldade, primeiro se ajoelhou ao lado dele e, depois de olhá-lo por um bom tempo, sentou-se e cruzou as pernas, pois assim, nessa posição, se sentia confortável.

Só então se dedicou ao enfermo à sua frente. Começou alisando com suas mãos enrugadas a cabeça do infeliz e sufocado ser humano que se debatia como se estivesse afogando.

Sua carícia teve o dom de acalmá-lo, e, quando a agitação cessou, Simão tirou o manto que cobria seu velho corpo e começou a limpar o rosto do enfermo, pois o lodo do pântano, já não mais existente, o cobria todo assim como todos os que estavam submersos nele.

Paciente e delicadamente, foi limpando-o. Primeiro sua boca, depois os olhos, narinas, testa, faces e pescoço.

Então, com doçura na voz, falou ao espírito envolto em seu próprio juízo final.

– Abra seus olhos, irmão. Olhe para a vida, pois a aflição da morte cessou para você, filho de Deus!

Com muito esforço, o espírito abriu os olhos e viu Simão Beir na sua primeira visão humana depois de sua morte para a carne. Dos seus olhos tristes dois fios de lágrimas brotaram. Pouco a pouco um pranto dolorido brotou do seu peito e explodiu como um desabafo de alguém que havia sido abafado por seus erros, pecados e falhas.

– Chore, criatura – falou Simão puxando-o para si e abraçando-o. Chore, pois suas lágrimas lavam sua alma envolta na grossa casca de insensibilidade que a envolveu durante sua vivenciação humana na carne. Chore, pois, tal como uma criança que nasce para a luz da vida na carne, você está nascendo para a vida na luz do seu espírito tão humano, meu irmão.

– Depois de tudo o que fiz ainda me chama de irmão, homem bom?

– E por que não deveria chamá-lo de meu irmão se meu irmão nunca deixou de ser, pois o nosso pai é o mesmo?

– Eu não mereço ser chamado de irmão nem pelo mais vil dos homens, senhor.

– Você não terá sido o mais vil dos homens, meu irmão? Ou será que na sua aflição não se acusava de ter sido vil com seus semelhantes? Talvez o que ouvi nos seus lamentos não era você chamando-se de ser, mas sim aos seus semelhantes, certo?

– Não, homem bom! Eu mesmo me chamava de vil, pois traí, matei e roubei meus semelhantes.

– Então já está decidido, certo?

– O que está decidido, sábio mestre? – perguntou Mira.

– Ora, Mira! Ele já reconheceu seus erros, pecados e falhas e viu em si mesmo um ser vil. Logo, mesmo assim não deixou de ser um ser humano e, assim, é nosso irmão. – Virando-se para ele, falou: – Já que se reconhece como um ser humano, ao menos deveria se parecer com os humanos, não?

– Não o compreendo, homem bom! – exclamou atônito o, até a pouco, choroso espírito.

– Ora, vamos, não se faça de vítima, pois foste seu próprio algoz ao prejudicar teus semelhantes, que aos olhos do Pai eram teus irmãos. Tudo o que imagina ter sofrido não é nada se comparado ao sofrimento que infligiste a eles.

– Como? – perguntou assustado o homem na frente de Simão Beir.

– É isso mesmo, meu irmão. Olhe nos meus olhos e por meio deles veja a extensão dos teus atos vis.

Vamos, meu irmão, veja com os meus olhos o que se recusou a ver ao realizar suas ações negativas. Veja quantas lágrimas de dores, mágoas e revoltas fez com que seus irmãos derramassem por causa de sua ganância, ambição e mesquinhez.

E o homem caído olhou nos olhos de Simão, como que hipnotizado por suas palavras firmes, mas ao mesmo tempo envolventes. A força contida nelas ao serem pronunciadas o subjugavam por completo. Num piscar de olhos ele viu a extensão dos seus erros, falhas e pecados.

Viu famílias destruídas, lares desfeitos, pessoas levadas à miséria, mães viúvas e órfãos famintos.

Viu também pessoas, muitas pessoas, chorando por causa de seus atos negativos. Viu as pessoas e também viu os espíritos dos que havia prejudicado diretamente com sua vilanice.

A tudo viu num piscar de olhos e seus olhos se inundaram de lágrimas ao se dar conta da extensão de seus erros, falhas e pecados. O remorso cobriu-o de negro e uma nuvem escura turvou sua visão. Só então Simão tornou a falar-lhe:

– Agora tem a real medida dos seus débitos para com a Lei Divina, meu irmão. Portanto, não sinta pena de si mesmo, pois era deles que devia ter se apiedado.

Era no alcance de suas ações negativas que devia ter, ao menos, vislumbrado quando pensou em praticá-las.

– Só agora, por meio, de você eu vejo tudo claro, homem bom! Só agora tenho a noção exata do quanto errei, pequei e falhei diante de Deus.

– Pois lhe digo mais, meu irmão. Não foi só perante o Pai que agiu errado.

– Não!!! – exclamou assustado o homem aflito.

– Não. Ou esqueceu-se que feriste, magoaste e destruíste a vida de irmãos seus?

– Não posso me esquecer disso, homem bom, pois foi isso que me fez cair diante do Criador.

– Saiba que caíste também diante dos homens em particular e diante da humanidade em geral, pois, ao atingir os homens, diminuías a humanidade e, ao diminuí-la, diminuías a vida e o amor à vida.

As suas ações eram horizontais quando praticadas contra os homens e eram verticais quando praticadas contra a humanidade.

O espírito vil tremia com as palavras de Simão. Foi então que Mira pediu-lhe:

– Mestre, suas palavras são tão sábias que me é difícil compreendê-las!

– Vou ser mais claro, filha minha.

Quando digo que suas ações eram horizontais, é porque tiravam a vida à sua volta por causa de vícios muito humanos, tais como a cobiça, a avareza e outros mais.

E quando digo que elas eram verticais, é porque impediam a humanidade de crescer em paz. E crescer também é sinônimo de elevar-se, pois ao levar a dor, mágoa e revolta aos seus semelhantes, esse homem lhes suprimia a oportunidade de, na paz, alcançarem pacificamente suas elevações espirituais, que tanto pode ser aqui mesmo na Terra, assim como alcançar a altura das estrelas no firmamento.

Lembre-se que deve meditar sempre sobre o alcance, assim como na extensão de todos os seus atos, palavras e pensamentos, positivos ou negativos, pois, depois de irradiados, terão exatamente a potência e o alcance com que foram vibrados, e só cessarão quando alcançarem os seus objetivos e forem absorvidos, anulados ou refletidos.

Mas agora vamos ajudar esse nosso irmão a levantar-se, não?

– Ainda vai me ajudar depois de tudo o que fiz, homem bom? – perguntou o espírito aflito.

– Claro que sim, meu irmão. Eu não ficaria em paz comigo mesmo se não o ajudasse a levantar-se diante dos homens, pois só assim poderá levantar-se diante de Deus, não?

– Como posso me levantar diante do Pai, homem bom?

– Levantando seus irmãos que estão caídos, olhos que buscam a luz. Lembre-se sempre que luz é Deus, Deus é vida, e vida é luz ou qualquer inversão de palavras que fizeres dessa verdade, pois uma verdade pode ser dita de muitas maneiras e nunca deixa de ser verdade.

Ao que o homem pediu:

– Sim, ajude-me, pois irei ajudar a todos os nossos irmãos que vejo caídos à nossa volta.

– Não, não e não! – exclamou Simão contrariado.

– Mas o que foi que eu disse de errado que o irritou, homem bom.

– Você não me irrita, homem tolo. Não percebe a diferença que existe no eu falar em ajudar a levantar um ser humano caído e você falar que irá levantar aos que estão caídos à nossa volta?

– Mas eu só...

– Não continue, pois eu sei que você estava movido por um sentimento positivo. Mas deve meditar sobre a extensão de sua ação, assim como no alcance dela, certo?

– Sim, foi isso que disseste há pouco, homem bom!

– Pois então comece a meditar.

– Não consigo, homem bom!

– Então vou dar-lhe a chave de uma boa e positiva meditação, pois às vezes ela pode ser boa mas não positiva, e outras vezes o inverso também acontece.

– Podia me explicar o sentido dessa sua sábia afirmação, ancião? – perguntou Mira.

– Sim, minha filha.

– Também quero ouvi-la, ancião – pediu um outro espírito à direita de Simão. Este o olhou por um instante nos olhos e depois falou:

– Sim, é bom que a ouça, pois assim irá descobrir o porquê de alguém como você, um homem bom, ter sido recolhido aqui pela divina providência, mestre juiz.

– Como sabe que fui um mestre juiz, ancião?

– Seus olhos são o espelho de sua alma e ela é a veste do seu espírito imortal, que se mostra por inteiro aos meus olhos por meio dos seus e que, quando vivia na carne, viam mas não enxergavam.

– Está a me julgar, ancião juiz? – perguntou o mestre juiz contrariado.

– Nem pense nisso, tolo juiz. Já emitiu o seu juízo final ao não encontrar a paz após seu desencarne, pois, ao julgar que suas ações propiciavam a paz entre os seus concidadãos, só lançava sobre eles a dor, o medo e a revolta muda. Julgou-se com a mesma severidade com que julgou cada um dos seus irmãos. Mas, como eu disse a pouco, cada ação, palavra ou pensamento é lançado e só cessa quando alcança seu objetivo e é por ele absorvido, anulado ou refletido.

Como as suas ações, ainda que fossem boas na origem, pois partiam de sua retidão e integridade moral, eram ruins no fim, pois não mediam a intensidade e a extensão com que eram executadas no meio.

Logo, em vez de conquistar o respeito, despertou o medo. Em vez de elevar teus semelhantes, aniquilou-os. E, em vez de fortalecê-los na moral e integridade da vida, viciou-os nas saídas negativas fora do alcance do seu cetro de mestre juiz, pois ao fazerem às ocultas o que você proibia, torturavam-se com as acusações subconscientes dos temores de estarem fazendo coisas erradas que, se fossem descobertas, os arruinariam, matariam ou aprisionariam.

Logo, a moral e a integridade não são para ser impostas como um meio de vida, mas sim para serem apreciadas como um dos fins da vida. Sim, pois uma das finalidades da vida é que o ser humano, para vivê-la na sua plenitude, deve ser puro na sua moral e reto na sua integridade.

Mas não. Isso não aconteceu com você, pois impôs aos seus semelhantes o seu sentido de moral e integridade. E ressalvo novamente: bons na sua origem, mas errôneos no meio e deformadores no fim, pois não ajudou seus semelhantes a se melhorarem; você punia em vez de esclarecer, prendia em vez de ensinar e condenava em vez de mudá-los com a sabedoria que todo juiz deve trazer no seu todo mental.

Lembre-se sempre que não devemos ser só bons, devemos ser positivos em nossas ações.

Precisamos ser firmes nas nossas palavras, mas também elucidativos no sentido delas e, por fim, sermos justos nos nossos pensamentos, pois só

assim deixamos aberta uma fresta por onde pode penetrar a luz da compreensão sobre as ações alheias.

Eu, ao dizer que devemos ser justos, quero dizer que temos de sempre julgar as razões de um ato, palavra ou pensamento alheio segundo as razões de quem os ativou.

Às vezes o que rouba, só rouba porque não sabe ou não foi ensinado a ganhar sem precisar roubar.

Às vezes o que procura o prazer fora de sua casa, assim o faz porque nela tal coisa não é possível conseguir dentro dela.

E também, às vezes um ser humano mata somente porque não lhe ensinaram a amar e a respeitar a vida, tanto a alheia quanto a sua.

Enfim, devemos meditar muito sobre as razões que conduzem um ser humano a agir irracionalmente já que, na sua origem, o Criador o dotou de um dom do raciocínio para que agisse racionalmente, pois só assim se distinguiria do restante da criação que tem limitações no seu raciocínio, enquanto no ser humano tal sentido é ilimitado, e tanto pode elevá-lo, assim como pode rebaixá-lo perante Deus.

Medite um pouco sobre as razões alheias, mestre juiz! Verá que eram tão humanas quanto as suas, que deixaram de ser, ao negar-lhes o direito de terem suas razões.

Mas, voltando ao vosso pedido, digo que boa é a meditação sobre uma ação virtuosa e positiva é a meditação que tornar positiva essa ação virtuosa na sua origem, meio e fim.

Não adianta nada ajudar alguém a se levantar se não lhe mostrar onde, como e por que caiu e o que deve fazer para não cair novamente, pois uma queda sempre tem sua origem num erro ou numa falha ou num pecado. Ou seja: um erro aos olhos dos nossos semelhantes, uma falha aos nossos próprios olhos ou um pecado aos olhos do Pai.

– Pode explicar melhor essas suas últimas palavras, sábio ancião? – perguntou outro espírito que os ouviam.

– Pois não, olhos que buscam a luz do saber!

Comecemos pelos erros, certo?

Um homem nunca acha que errou, mas sim que se enganou nos seus atos contra seus semelhantes.

Um homem nunca falha aos olhos dos seus semelhantes, pois estes sempre vão achar que errou e não que um ser humano também é falível. Sempre irão encontrar uma razão para acusá-lo de erro em vez de falha.

Já um pecado, só é cometido aos olhos do Pai, pois, em Deus, não existe o erro ou a falha, uma vez que Ele é o princípio, meio e fim de tudo e tem Suas leis que não erram nos seus fins nem falham nos seus meios.

Logo, aos olhos do Criador só o pecado é visto como uma afronta, pois viola tais leis, que são princípios divinos da vida.

Portanto, chegamos a um ponto em que posso afirmar com total convicção que só erramos ao prejudicarmos nosso semelhantes, só falhamos quando prejudicamos a nós mesmos e só pecamos aos errarmos e falharmos, pois, se não estivermos errando ao agir negativamente na horizontal, ao prejudicarmos aos que nos cercam, certamente estaremos prejudicando-os do mesmo jeito na vertical ao falharmos diante deles, pois iremos nos justificar, em vez de admitir nossa falha.

Logo, meditem sobre suas falhas, erros e pecados, pois um sempre traz os outros dois em si, uma vez que, se não existir um erro, não haverá uma falha e, se esta não existir, não haverá um pecado e, se este não existir, não haverá erro ou falha."

Simão Beir calou-se e ficou a observar todos à sua volta. Em cada um depositou um olhar pacífico, paciente e compreensivo, pois entendia claramente, que se estavam ali, é porque seus pecados, erros e falhas os haviam conduzido. E isso não o isentava também, pois de que ele próprio os havia cometido, disso não tinha dúvidas.

Mas, como se corrigir aos olhos do Pai sem antes corrigir os olhos humanos que não haviam conseguido distingui-las em meio das razões humanas, que tanto podem ser boas quanto ruins nas suas origens, meios e fins.

Só despertando seus próprios semelhantes poderia olhar para Deus, pois certamente Ele estava olhando-o por meio dos olhos deles.

Sim, se quando não nos é possível ver o Criador com nossos próprios olhos, certamente Ele não está nos olhando diretamente, mas sim por meio dos olhos dos nossos semelhantes.

Todos os que o olhavam tinham suas feições, deformadas por suas viciações, entristecidas. Lágrimas silenciosas corriam dos seus olhos, cansados de chorar suas dores, angústias e revoltas.

Mas agora não as derramavam por causa do que haviam sofrido.

Não. Agora, se as derramavam, isso se devia ao aparecimento da voz que conversava com a consciência de cada um em particular e de todos em geral. Simão trazia em sua aparência bicentenária, sua voz firme e ao mesmo tempo suave, e sua sabedoria tinha uma força que encantava, assustava, acalmava e, ao mesmo tempo, conduzia cada um ao encontro dos seus Universos paralelos negativos, criados por eles mesmos e alojados em algum ponto do todo mental de cada um deles.

Não havia em sua voz a inflexão dos sabidos, mas sim a cadência e sonoridade dos sábios.

Depois de observá-los enquanto refletia e também de refletir depois de observá-los, olhou para Mira e falou, com uma voz cansada, não pelo cansaço dos seus 200 anos, mas sim com o peso de milhares de anos vividos num piscar de olhos:

– Vamos minha filha! Vamos andar mais um pouco, pois este lugar pode ser tão pequeno quanto um pântano, mas também pode ser tão grande que jamais terá um fim em si mesmo.

– Mas, se ele pode não ter um fim em si, então qual será o fim dele, ancião?

– Em Deus, Mira. Agora andemos, pois parece que todos precisam de uma palavra de conforto, consolo ou esclarecimento.

Aos doloridos devemos confortar, aos magoados devemos consolar e aos angustiados devemos esclarecer. Fará isso comigo?

– Sim, senhor. Sinto que ao seu lado aprenderei num piscar de olhos tudo o que desaprendi numa eternidade já vivida longe do Criador.

– Isso sempre acontece com os seres humanos quando atingem seus limites, minha filha!

– Eu já havia atingido os meus limites, sábio ancião?

– Certamente que sim.

– Como pode ter certeza disso?

– O que mais tinha a oferecer a si própria além de dores, mágoas, ferimentos e angústia?

– Nada, ancião.

– Logo, se nada mais tinha a oferecer-se, esse mesmo "nada" é o seu limite.

– E o que tenho agora, ancião esperançoso?

– Já tem a alegria e paz completa?

– Não, senhor.

– Pois então tem tanto a oferecer-se em todos os seus sentidos virtuosos que a essa alegria e paz a conduzirão, que só Deus será seu limite, minha filha.

– O senhor fala de uma forma que até parece que alegria e paz são fáceis de serem conseguidas, ancião!

– Bem, fáceis não são. Mas também não são impossíveis.

Paz e alegria são um estado de espírito que só os que amam em todos os sentidos alcançam, Mira. Mas, ainda que não as alcancemos em todos, pelo menos devemos tentar obtê-las na maioria deles, não?

– Sim, acho que sim. Mas como obtê-las, anjo ancião?

– Comecemos pelos princípios, certo?

– Sim, senhor.

– O que acha que é o mais correto num ser humano, Mira: ser honesto consigo mesmo ou com seus semelhantes?

– Bom, isso me é difícil responder, pois não sei ao certo o que é mais importante para um ser humano diante dessas duas alternativas.

– Bem, mas eu lhe digo que não há duas alternativas na questão que coloquei.

– Como não? Não posso optar por uma ou por outra?

– Não, pois não há duas opções corretas.

– Podia ensinar-me isso, meu mestre ancião?

– Será um prazer, minha filha. Observe que só uma pessoa honesta consigo mesma pode ser honesta com seus semelhantes. Já o inverso é uma falsa verdade, pois você pode ser honesta na sua conduta, palavras ou ações para com seus semelhantes, mas só o faz para ser vista como tal.

Já, se for honesta consigo mesma, jamais será desonesta com seus semelhantes, pois o que achar certo ou errado segundo seus princípios também aplicará na sua conduta, palavras ou ações com seus semelhantes.

Uma pessoa desonesta consigo mesma jamais será honesta com alguém, pois seguirá segundo padrões preestabelecidos, uma vez que isso é muito fácil por não obrigar ninguém a meditar sobre as razões que o obrigam a ser honesto. Bastará seguir os padrões e será vista como uma pessoa honesta.

Mas, para um ser humano ser honesto para consigo mesmo ele tem de meditar e usar de todo o potencial do seu raciocínio para não enganar a si próprio.

– Pode dar um exemplo do que diz, ancião?

– Posso. É tão fácil olhar à volta e vê-lo nos olhos desses nossos irmãos, tão desonestos para com eles próprios. Vamos até aquela irmã que nos olha com olhos apáticos, de tão cansada que ela está.

Quando chegaram junto da mulher, Simão pegou uma das mãos dela e começou a acariciá-la. Ela o olhou e começou a chorar compulsivamente. Então Simão a abraçou e ficou a alisar seus cabelos cobertos de nódoas lodosas. Pouco a pouco foi limpando-os, enquanto ela soluçava abafada contra seu peito. Em dado momento Simão falou para a mulher enlaçada nos seus cansados braços:

– Acho que não precisa olhar nos meus olhos para ver a extensão dos seus erros, falhas e pecados, não é mesmo, minha irmã?

Só a muito custo ela lhe respondeu:

– Não, ancião. Eu vejo em meu sofrimento e também no que causei aos meus semelhantes toda a extensão negativa dos meus erros, falhas e pecados. Errei ao amar um homem que não me amava. Falhei ao tentar tê-lo só para mim e pequei ao me vingar por ter sido humilhada e recusada por ele.

Meu erro custou caro para mim e minha falha me fez pecar, ancião. Meus atos, palavras e pensamentos não são justificáveis aos olhos Divinos e sofrerei por toda a eternidade nos lodos do inferno!

– Está enganada, minha irmã!

Se, em decorrência do seu amor por um homem erraste, falhaste e pecaste, ainda assim, o princípio foi virtuoso.

– Não foi não, bom ancião. Eu odiei, invejei, matei, menti e me destruí. Logo, não havia virtuosismo algum em mim.

– Pois lhe digo que havia uma virtude, mulher injusta consigo mesma!

– Então mostre-a para mim, senão enlouquecerei devido à confusão mental que me paralisa, ancião! – exclamou a mulher, aos prantos.

– Bem, para que possa compreender-me claramente precisa parar de chorar, senão, como irá ouvir-me?

– Está certo, ancião. Vou tentar controlar-me na minha angústia.

– Ótimo. Agora me diga: antes de conhecer o homem dos teus sonhos, você era ruim, odiava, invejava, desejava a morte ou se entregava a qualquer um?

– Não, senhor.

– Era feliz?

– Sim, senhor. Eu vivia feliz com minha família e com o meu modo de vida.

– Bem, em princípio temos uma jovem boa, meiga, estudiosa e feliz, não?

– Sim. Mas como o senhor sabe de tudo isso?

– Isso não importa. E não tome a direção das minhas palavras, certo?

– Sim, senhor.

– Continuando, também digo que você: após ver o objeto do seu amor, tornou-se sonhadora e passou a imaginar-se vivendo feliz junto com ele, não?

– Sim, foi isso mesmo que aconteceu, ancião.

– Acha que isso era um mal para alguém?

– Não. Eu me sentia motivada para o canto e para a vida ao me lembrar d'Ele.

– Amava-o por ele ter o poder, a riqueza ou a beleza?

– Era porque eu o achava bonito. Possuía uma beleza que me encantava.

– Ótimo. Amar alguém porque o achamos bonito é positivo. Logo, é bom. E com isso temos no princípio dos seus erros, falhas e pecados um princípio virtuoso, pois seu amor era sincero. Não estava sendo desonesta consigo mesma, pois só o amavas pelo que ele tinha em si mesmo, que era a sua bela aparência masculina, já que ele não era nem rico e muito menos poderoso, certo?

– Isso é verdade, ancião.

– Mas, após algum tempo você percebeu que não era correspondida no seu amor, não?

– Sim, foi isso que senti, ao vê-lo olhando para outras moças e não para mim.

– O que sentiu então?

– Fiquei furiosa e prometi a mim mesma que iria tê-lo só para mim.

– Foi aí que substituiu a pureza do seu amor pelo vício da possessão e deixou de ser honesta consigo mesma.

Mira não aguardou outras palavras de Simão e, antes que ele voltasse a falar, indagou:

– Onde está a falta de honestidade se ela só queria ter o homem que amava, ancião?

– Frágeis ainda são os seus sentidos da lei, minha filha!

– Sim, isso eu sei. Mas onde está a falta de honestidade em desejar ter quem ela amava, ancião?

– Ora, Mira! – exclamou com a voz cansada o velho Simão. – Se tiver algo só seu, alguém tem o direito de tomá-lo de você só porque isso o agrada?

– Não, ancião.

– Você é obrigada a viver ao lado de quem não ama?

– Não.

– Alguém tem o direito de obrigá-la a viver junto d'Ele só porque a ama?

– Não.

– Alguém tem o direito de assenhorear-se de sua vida contra sua vontade?

– Não, senhor – respondeu Mira num fio de voz.

– Então essa nossa irmã não estava sendo honesta consigo mesma, pois o que certamente não aceitaria como justo para si, achava correto impor tal coisa ao homem que amava, mas que não a amava.

O mais correto não seria ela resignar-se diante dos limites do seu amor?

– Dos limites do meu amor, ancião? – perguntou a mulher, já revoltada. – Meu amor por aquele homem não tinha limites, pois até me entreguei a ele na tentativa de conquistá-lo!

– Sim, dos limites do seu amor, minha irmã. Sente como a verdade sobre seu amor não correspondido a altera? Há pouco, chorava apática e agora treme de indignação.

Sinto que ainda não chorou todas as viciações que impuseste aos seus sentimentos virtuosos do amor.

– Eu me revoltei, pois meu amor por ele não tinha limites, anciã. Desculpe-me se me alterei. Mas errei demais por amar tanto um homem.

– Então vou dizer-lhe qual é o limite do seu amor e depois a deixarei em paz para meditar sobre os limites de um ser humano, irmã!

– Diga-o, por favor – aquiesceu a mulher, acalmando-se novamente, pois Simão voltou a acariciar-lhe os cabelos.

– Você amou um homem. E volto a frisar "um homem" e ninguém mais além dele. Deixou de amar seus pais, seus irmãos, seus amigos ou seus semelhantes só por causa de um amor.

Quando se desvirtuou e entregou-se a ele sem que com ele tivesse se casado, afrontou sua família. Ao ser chamada à razão por seus pais, revoltou-se contra eles e até desejou nunca ter tido pais, que a repreendiam nas suas ações erradas, não?

– Sim, é verdade, ancião – aquiesceu a mulher.

– Seus irmãos, primeiro a repreenderam dizendo-lhe que aquele homem era inescrupuloso, não?

– Sim. Eu também me enfureci com eles. E meus amigos e amigas se afastaram de mim, e por isso, eu os odiei e nunca os perdoei.

– Também, na sua ânsia de tê-lo só para si, afrontou a sociedade em que vivia, não?

– Sim. Eu transgredi as leis religiosas ao me entregar a um homem de uma forma errada, e transgride as leis sociais ao engravidar e, sendo abandonada por ele, ter praticado o aborto – confirmou ela com palavras tristes.

– E mais ainda após o desaparecimento dele, pois se alojou num prostíbulo para ali confirmar sua degradação total, não?

– Eu não tinha retorno, ancião. Não depois de tudo o que já havia feito.

– Mais um erro que cometeu, minha irmã! Como não tinha retorno? Acaso seus pais e irmãos ainda não a amavam?

– Eu acho que não, pois eu os havia envergonhado.

– Está enganada. Eles se envergonhavam de sua conduta, mas não de você!

Se tivesse parado e meditado, teria visto que devia retornar a eles e implorar, sim implorar, pelo perdão, que seria recolhida por sua família e viveria sob o amparo dos seus pais. Com o passar do tempo, seus irmãos a desculpariam e seus amigos, assim como a sociedade em que vivia, a aceitariam de volta, pois veriam em você um ser humano arrependido.

– Ninguém nunca me perdoaria, ancião.

– Nisso acredita, porque recolheu o amor que tinha por todos em si mesma e passou a vibrá-lo só numa direção, que era na do homem que você amava.

Como ele não a amava, limitou o seu amor a si mesma, pois o que colheu dele foi só a ausência de amor nele por você.

Colheu um vazio preenchido pelo ódio, inveja, crimes, pois abortou muitas vezes, e aos olhos do Pai tal prática tão humana é um pecado, pois é contrário à vida. Também colheu ofensas, ferimentos, mágoas, revoltas, e por fim a solidão, pois limitou todo o seu amor a um homem que não a aceitou, pois não a amava.

Você é o limite do seu amor, minha irmã. Os seus sentidos têm dificuldade para determinar qual é o alcance dele, pois, se vibra amor por Deus, esse amor encontra nele seu limite. E, como Ele não tem limites, então esse amor é um amor ilimitado.

Mas também pode determinar o alcance dele ao amar à lei, pois ela, para um ser humano, tanto é a lei religiosa ou a alça que rege todo um povo. Amando a essas duas leis irá respeitá-las. E, respeitando-as, irá viver em paz com Deus, com os homens e consigo mesma, pois elas, em última instância, a ampararão.

Também, se não tivesse deixado de amar o canto ou os estudos, seu amor se irradiaria nas suas melodias ou no seu conhecimento, pois o irradiaria ao ensinar os seus filhos ou irmãos mais novos, ou mesmo, as pessoas estranhas que poderiam aprender com você.

Logo, ao limitar-se a vivenciar só o amor que sentia por aquele homem, mesmo sabendo que não era correspondida, limitou seu amor a si própria.

Saiba que o amor a si próprio é uma ausência de amor, pois indica uma viciação muito intensa em quem o vibra.

Compreendeu tudo o que eu disse, irmã?

– Sim ancião – respondeu a mulher, que voltou a chorar, fato esse que fez com que Simão lhe dissesse:

– Isso, chore. Mas não chore pela perda de um amor que nunca foi seu e muito menos perdeu, pois ninguém perde o que nunca teve, mas somente deixa de encontrar ressonância a um sentimento vibrado.

Chore o amor dos seus pais, dos seus irmãos e dos filhos que não quis dar à luz da carne.

Chore também ao carinho dos amigos, ao amparo da lei Divina e da dos homens, que perdeu.

Sim, mas não deixe de chorar a perda do amor a vida, pois, ao se entregar à própria degradação, deixou de amá-la ao não amá-la em si mesma e muito menos nos seus semelhantes.

Chore, pois este choro é audível aos ouvidos do Pai, que já ouviu muitos chorarem por a terem perdido no tempo em que você se perdeu!

E a mulher chorou, chorou e chorou. Foi então que Mira pediu a Simão:

– Ancião, por que não só não a impede de chorar como ainda a incentiva a ele? Não teme que ela volte a inundar esse lugar com seu pranto?

– Não, eu não temo, pois se tudo tem dois sentidos, um virtuoso e outro viciado, então o sentido do pranto dela é purificador, pois ao derramar lágrimas por tudo o que perdeu, ela está purificando este lugar, além de purificar a si própria e lavar sua alma imortal manchada por seus atos, palavras e pensamentos viciados.

É bom chorar por coisas boas, nobres e caras a um ser humano, Mira. Só uma pessoa honesta consigo mesma chora seus erros, falhas e pecados de forma positiva ou honesta.

Agora, ajude-me a colocá-la no solo, pois enquanto ela não derramar todas as suas dores, mágoas e angústias verdadeiras, o pranto não cessará.

– Existem lágrimas verdadeiras e lágrimas falsas, ancião? – indagou um homem às suas costas.

Após ajeitar a mulher no solo, Simão virou-se para o homem que lhe indagara tal coisa e disse:

– Mas claro que sim, homem que tem derramado tantas lágrimas em um choro não verdadeiro!

– Diz que meu choro tem sido falso, ancião? – perguntou, estupefato, o homem.

– Digo sim, olhos que não choram uma verdade, mas só ilusões!

Ou por acaso não tem se martirizado com as perdas que se impôs no tempo em que viveu no plano terreno de sua vida?

– Sim, isso é verdade, ancião. Eu me vejo prisioneiro de tudo o que me aconteceu de ruim e me reduzi a uma fonte de lamentações. Mas, como deve saber, se assim me encontro isso se deve às ações ruins intentadas contra mim na minha vida na carne. Todos foram culpados de tudo de ruim que aconteceu comigo, ancião!

– Entendo.

– Eu sabia que me entenderia, sábio ancião! – exclamou, aliviado, o homem-lamentações.

– Tanto o compreendo que até o incentivo a continuar a se lamentar por toda a eternidade, pois só assim irá derramar o mesmo tanto de lágrimas que fez seus semelhantes derramarem.

– Como? – perguntou, admirado, aquele espírito que só sabia lamentar seu infortúnio.

– Bem, poderia secar seu pranto ajudando os que choram a compreenderem as razões de suas dores, mágoas e angústias. Mas não creio que alguém que só consegue ver a si próprio seja capaz disso!

É melhor que continue a lamentar-se, meu irmão. Causará menos danos a si mesmo se continuar a chorar, em vez de fazer seus irmãos chorarem por você.

– Eu não posso acreditar no que ouço, ancião! – exclamou o homem-lamentações. – Não de um sábio e um anjo enviado por Deus para nos ajudar!

– Bem, não sou um sábio, muito menos um anjo. Mas eu sei que seus lamentos não merecem ser ouvidos!

É muito fácil esquecer-se do mal que fez tanto a si mesmo como aos seus semelhantes e lamentar-se do seu infortúnio, não?

Esse lamento o exime de qualquer culpa, não?

Você oculta-se atrás dele, homem que derrama falsas lágrimas num pranto não verdadeiro.

– Eu não o compreendo, ancião – ainda se defendeu o homem, num último esforço para se eximir de qualquer culpa pelas suas lágrimas.

– Então olhe nos meus olhos e veja as causas do seu infortúnio, ser que não chora a verdade real mas sim a verdade aparente.

E, num piscar de olhos, aquele homem viu todo o seu passado vivido no corpo carnal. Viu a soberbia e o orgulho que irradiava de seus olhos, que só viam a vida por meio do olhar viciado. Viu seus escravos lamentando-se do infortúnio de pertencerem a um senhor tão mesquinho. Viu seus "amigos" só o tolerarem enquanto teve a fortuna material, pois assim que ela se esgotou, tornou-se intolerável a eles.

Viu sua esposa chorando em silêncio a pouca atenção que dispensava a ela, e viu seus filhos crescendo, orgulhosos e soberbos como o pai.

E tudo ele viu por meio dos olhos de Simão Beir, que o hipnotizaram de tal forma que lhe era impossível afastar os seus dos d'Ele. Então, após ter visto tudo, ouviu-o falar-lhe:

– Viu ao que a sua fortuna o levou, tolo desafortunado? Viu bem o que a sua riqueza causou-lhe?

Ou será que você, um mortal na carne, acreditou que era um deus inatingível pelo infortúnio?

Saiba que o Criador não só prova os homens com a riqueza, como também confia-lhes tal condição para que auxiliem os desafortunados.

Sim. Deus, que é o dono do Universo, é mais generoso do que todos os homens, fiéis depositários dessa riqueza universal que é a vida.

Tudo lhe pertence. Mas quase todos os seres humanos acreditam que são donos do que conseguem se apossar, do que conseguem acumular ou ganhar.

Como estão enganados!

Você só via a si mesmo nos seus atos, palavras e pensamentos. Só interessava-lhe o seu conforto, seus prazeres e satisfações pessoais.

Creio que o Pai, que é generoso na sua essência divina, mas que é justo na sua generosidade, foi generoso consigo ao tirar-lhe algo que em verdade nunca foi seu, pois assim reduziu-o à única coisa que realmente lhe importava, que era você mesmo. Com isso, Ele fez-lhe um bem e não um mal, meu irmão. Ele impediu-o de continuar a provocar mágoas, dores e revoltas nos seus semelhantes ao recolhê-lo em si mesmo.

Logo, continue a chorar o pranto dos que se deixam iludir pela ilusão da fortuna na carne e se esquecem que a verdadeira riqueza só o espírito pode ter ao ser um doador de vida, tanto estando envolto por um corpo carnal quanto em sua alma, que o veste com seu virtuosismo.

Simão Beir silenciou e ficou a olhá-lo por um bom tempo. Só então pediu a Mira:

– Vamos, minha filha. Vamos andar um pouco e distribuir a riqueza da fé, esperança e confiança em Deus, pois essa é a verdadeira multiplicação dos bens de Deus.

Simão já caminhava, dando as costas para o homem, quando este lhe pediu:

– Ancião, ajude-me, por favor! Estou cansado de derramar lágrimas de um falso pranto. Reconheço que passei muito tempo lamentando dos meus erros, falhas e pecados!

Simão virou-se lentamente e, após encará-lo demoradamente, falou-lhe:

– Então o que estás esperando para se levantar e ir consolar, esclarecer ou confortar seus irmãos e irmãs que choram o falso pranto? Agora que já sabe que o Pai foi muito generoso consigo ao privá-lo de algo que só lhe fazia mal e causava mágoas, dores e revoltas nos seus semelhantes, procure distribuir seu conhecimento de causa, pois estará gerando riquezas reais nos seus irmãos de infortúnio. O princípio da riqueza é o reconhecimento das razões que tornam um espírito pobre aos olhos do Criador.

– Essa pobreza é a ausência de virtudes nos nossos atos, palavras e pensamentos. Certo, ancião?

– Isso mesmo, Mira. Vê como está se enriquecendo sem precisar de outro bem que o reconhecimento de que, sem Deus, não existem fortunas.

– Saiba que se não fosse tão velho eu me apaixonaria pelo senhor, sábio ancião! – falou uma voz atrás de Simão. Este se voltou e ficou observando a mulher que falava aquilo, que era a mesma que ele e Mira haviam deixado no solo pouco tempo atrás.

– O que lhe deu forças para deixar de chorar e se levantar, minha irmã? – perguntou Simão.

– Suas sábias palavras, ancião. Eu tenho ouvido tudo o que nos fala e, no meio do meu pranto e com os olhos inundados de lágrimas, vi no senhor um anjo de Deus. Então, num piscar de olhos, vi que Deus me amava e não me senti tão sozinha como antes, pois agora compreendo, por meio de seu último ensinamento, que lancei fora toda a riqueza que eu possuía, e que eram meus sentimentos de amor, ao lançá-los num terreno estéril, que foi o homem que amei.

– Fico feliz ao ouvi-la, irmã! Se o Criador fez sua semente do amor brilhar novamente, então esse local é muito especial para Ele, pois você despertará muitas outras sementes do amor nos seus semelhantes ao vibrar esse sentimento num terreno tão fértil como o que temos à nossa volta.

– Posso segurar o seu outro braço, ancião?

– Não estava falando sério quando disse que, se eu não fosse um velho, se apaixonaria por mim, não é verdade?

– Eu estava sim, ancião encantador.

– Pois comece a resguardar-se dos seus sentidos de amor, irmã!

– Como?!

– É isso mesmo. Trate de meditar sobre suas vibrações antes de irradiá-las numa direção, senão logo estará sofrendo novamente – falou Simão, com severidade.

– Eu não o compreendo, ancião. Como pode alguém tão sábio como o senhor, que aos meus olhos pareceu o mais lindo dos anjos do Senhor, falar-me com tamanha severidade?

– Medite, irmã!

Eu sou bonito, jovem e atraente?

– Eu...

– Responda com sinceridade, pois saberei se estará sendo ou não.

– Está certo, não és nada disso. Mas tens algo que encanta.

– Ótimo. Agora já sabe que possuo algo que a encanta, mas isso não lhe permite certos arroubos, tão caros às pessoas. Você quis induzir-me a acreditar que recolheu as sementes dos seus sentimentos de amor do solo estéril onde as havia lançado, mas agora as lança num terreno cansado, senil e esgotado, que sou eu.

– Eu não queria que se ofendesse com isso, bom ancião !

– Então medite, irmã!

Medite e verá que o que encanta em mim não sou eu, e sim a uma parte de mim, que é o meu conhecimento.

Logo, o que ama realmente é o saber, não eu.

– Desculpe-me, ancião. Eu não havia imaginado nada disso ao pronunciar aquela frase. Perdoe-me se o magoei ao torná-lo não merecedor do meu amor só porque é velho aos meus olhos. Além do mais, também sou velha, suja e cheiro o lodo que envolvia a todos antes de sua bendita chegada a este lugar.

– Você já se perdoou ao reconhecer seu erro, pois é assim que o Pai atua nos homens. Ou imagina que Ele se faz visível aos nossos olhos para então dizer-nos: "Eu o perdoo, minha filha!?".

– Fale-nos disso também, ancião. – pediu Mira.

– Eu lhes falo disso também, e com muita alegria no coração, meus irmãos.

Pois lhes digo que Deus deixa um ser humano vivenciar com total liberdade seus erros, falhas e pecados, pois estão fazendo algo que os reduzirá ao que realmente são, ou seja, espíritos despidos de uma alma virtuosa. Mas quando, num piscar de olhos, veem a verdade, Ele veste seus espíritos com as suas vestes originais, que, no caso dessa nossa irmã, é a do amor. Mas deixa que nós a embelezemos com nossa natureza íntima e original, adquirida no íntimo do divino Criador.

Então, se num piscar de olhos alcançamos o perdão, é porque reconhecemos que estávamos vibrando criações mentais nossas, não os sentimentos virtuosos, que são de origem divina.

Logo, o perdão é conseguido ou alcançado nessa mudança do estado vibratório de um espírito humano.

Veja como nossa irmã já não está coberta do lodo que aqui existia, e também, como seu corpo rejuvenesceu por causa de suas vibrações de amor.

– Eu não acredito! – exclamou a mulher olhando para o seu corpo. Levou as mãos ao rosto e não sentiu as rugas profundas que o deformavam e, ao olhar para as próprias mãos, não viu a pele enrugada e muito menos as unhas compridas que alongavam seus dedos ressequidos. – Como estou mudada, ancião! Como isso é possível?

– São suas vibrações positivas que a rejuvenesceram. Retornou ao seu ponto de equilíbrio vibratório, magnético e energético. Logo que começar a vibrar aos seus semelhantes seus sentimentos virtuosos, brilhará como a mais cintilante das estrelas, querida irmã!

– Suas palavras podem me envaidecer, generoso ancião!

– Por que diz isso, estrela azul?

– Comparar-me a uma estrela não é para tanto?

Simão Beir olhou-a por um longo tempo em silêncio. Seus olhos começaram a brilhar e, de cada um deles, um filete de lágrimas correram por suas faces enrugadas pela idade avançada com que vestira sua alma, que o tornava tão velho quanto o próprio tempo.

Seu olhar ainda pousava sobre a mulher quando Mira o interrompeu perguntando-lhe:

– Por que chora em silêncio, ancião?

Este desviou o olhar para onde vinha a voz, mas nada viu, pois estava olhando para dentro de si mesmo por meio dos olhos da mulher rejuvenescida. Dos seus olhos as lágrimas continuavam a correr sem cessar. E, sem ver mais nada, ele caiu de joelhos e depois tomou as mãos dela e pediu-lhe:

– Perdoe-me, irmã!

– Por que eu deveria perdoá-lo se foi o senhor que me ajudou a sair do vale de lágrimas em que eu havia me tornado, querido ancião?

– Eu fui um dos muitos homens que a fizeram sofrer o horror das trevas com minhas ações erradas, minhas palavras impensadas e meus pensamentos pecaminosos, estrela azul.

– Eu não o compreendo, ancião – falou ela, abaixando-se junto dele. – O senhor é quem tem o poder de nos perdoar em nome de Deus.

– Não, não e não! Eu já fui, num passado remoto para nós dois, um dos muitos que a conduziram aos tormentos das trevas da ignorância sobre nós mesmos, os pobres seres humanos – falou Simão com voz entrecortada.

– Bem, eu não me lembro de nada disso, ancião. Então, como pode se lembrar?

– Estou viajando dentro dos meus Universos paralelos negativos, irmã. E, por meio dos seus olhos, eu me vejo e me reconheço como o mais cruel dos homens, pois fui o causador de muitas de suas dores numa encarnação que está adormecida em nossas memórias imortais.

Meu Deus, como pequei aos Teus olhos!

Como pude ser tão ignorante ao não ver que a realização de um desejo carnal iria trazer tanto sofrimento a alguém quando eu só desejava dar-lhe prazer.

Meu Senhor, puna-me com todas as dores que um ser humano pode suportar, pois só assim me sentirei livre das dores que causei ao meus irmãos que se deixaram levar por minha ignorância sobre as leis que nos regem. Que a dor de cada um, que de agora em diante eu ver, cesse n'Ele e passe a ser parte de minha dor!

– Por que pede uma coisa dessas ao Pai, ancião? – perguntou Mira, assustada com o tom da voz de Simão Beir, que não falava pela boca, mas sim pelos olhos, que mesmo sem enxergarem nada, transmitiam todo o tormento que o incomodava.

– Eu o perdoo, se isso pacifica sua memória imortal, ancião que pede o impossível ao Criador. Não torne a pedir tal coisa, senão nos entristecerá, anjo de Luz enviado a este lugar para mostrá-lo por meio de sua sabedoria sobre-humana.

Simão então falou à mulher que ele chamava de estrela azul:

– Então olhe nos meus lhos e veja as causas das dores com que foi supliciada ao se deixar envolver por um homem desprezível como eu, querida irmã!

E, sem poder desviar os seus olhos dos de Simão Beir, estrela azul viu tudo o que sua memória imortal adormecida lhe ocultara na sua longa jornada de reencarnações. Ela via tudo como se fosse um pesadelo doloroso.

Quando a tudo havia visto, então falou:

– Eu também tenho minha parcela de culpa, ancião. Sim, sem minha cooperação expontânea, nada disso teria acontecido.

Um Simão triste, que voltara a ver, falou-lhe:

– Pois eu lhe digo que naquele tempo eu também despertei em você um encanto pelo meu saber e não só a impedi de confundir os seus sentimentos em relação a mim, como também eu, mesmo sendo um sábio, me deixei confundir pelo que sentia por você.

Confundi a minha admiração por uma mulher que tinha seu modo de ser, falar e pensar por meio dos seus sentidos do amor.

E, se no todo, tal erro é justificável aos olhos do Pai, num sábio, isso é imperdoável. Que recaia sobre mim toda a dor que causei nos meus

semelhantes devido à minha ignorância em relação às leis divinas que regem a nós, seres humanos!

Após dizer isso, Simão fechou as mãos e bateu no peito várias vezes, como a confirmar seu clamor a Deus.

– Por favor, ancião! – exclamou estrela azul – Não diga mais isso senão irá me devolver ao pântano, do qual há tão pouco tempo me tirou com suas palavras sábias sobre nós, seres humanos.

Tais palavras pronunciadas por alguém que até a pouco chorava suas mágoas tiveram o poder de despertá-lo e retirá-lo do Universo paralelo negativo no qual ele havia se deixado aprisionar devido ao seu remorso por ter feito ela sofrer. Pouco a pouco se reequilibrou e falou:

– Tem razão, querida irmã! Se eu não despertar para a realidade que nos envolve, acabarei conduzindo a todos os recolhidos aqui pela divina providência a outras dores, mágoas e revoltas tão ou mais intensas do que a que aqui estavam vivenciando intensamente.

– Então prometa nunca mais se entregar ao seu passado adormecido, bom ancião.

– Eu prometo, irmã. Jamais voltarei a despertar a dor dos que já a esqueceram, porque se fizeram dignos aos olhos do Pai de não mais se lembrarem delas. Perdoe-me por mais essa falha, irmã!

– Também isso eu te perdoo, ancião que sofre por causa de sua memória imortal despertada a partir das nossas, que estão adormecidas.

– Então me ajudem a me levantar, pois sinto que tenho muito o que fazer, já que agora realmente sei que sou parte desse lugar e ele sou eu por inteiro.

Mas, dos olhos dele, os filetes de lágrimas continuaram a correr.

E assim, vertendo dois fios de lágrimas, Simão foi pacientemente consolando, confortando e esclarecendo um a um dos recolhidos pela divina providência naquele lugar.

Com sua perseverança no que se propusera a fazer desde que encontrara um pântano lodoso no seu caminho, pouco a pouco um céu estrelado se fez visível aos que ali estavam recolhidos.

Quanto tempo já havia se passado ninguém poderia dizer, pois, no mundo espiritual, o tempo não conta, pois os que nele estão não estão porque a ele foram enviados, mas sim porque estão no Universo que é o real para os espíritos humanos. E, se o tempo conta e é contado para os encarnados, é porque o Universo terreno é só um lugar onde os espíritos se vestem com uma veste carnal para mantê-los seguros num Universo onde as vibrações são mais densas que as do Universo espiritual.

Muitas foram as exclamações dos que viviam naquele lugar e também muitas foram as perguntas sobre a razão de só agora poderem ver um céu estrelado. A todos, Simão respondia assim:

– É que só agora, que já se conhecem melhor, se aceitam melhor e melhor aceitam a Deus, Ele se faz visível aos vossos olhos por meio de uma das suas partes. Lembrem-se sempre disso: se o que veem agora os alegra, ainda que seja só uma das muitas partes do Criador, então imaginem como não será divina a visão daqueles que conseguirem vê-Lo nas suas muitas partes visíveis aos olhos humanos!

– Você é uma parte d'Ele, encantador ancião que chora suas dores em silêncio – falou-lhe estrela azul.

– Sim, isso é verdade. Mas vocês também são, querida irmã. E agora são bem visíveis, pois ele vos observa com olhos cintilantes e cintila nos vossos olhos. Eu já O tenho visto a um bom tempo por meio dos vossos olhos, estrela que não cintila menos que as que cintilam no firmamento.

– Agora eu sei por que me deixei envolver por você numa certa encarnação, meu amado ancião.

– Ora, então me conte isso, querida irmã! – exclamou um Simão ensimesmado.

– Suas palavras, quando dirigidas a nós, são tão humanas que o tornam um ser divino. Coloca-as com uma beleza tão encantadora que só um verdadeiro sábio conseguiria. Eu o amo não só pelo que nos transmite, mas também como nos transmite.

Como não me apaixonar por alguém como você, ancião que não seca seu pranto silencioso só para não nos deixar ver o belíssimo espírito que se oculta por trás dessa sua aparência de velho.

– Não é só na aparência que envelheci, estrela azul. Meu espírito imortal está mil vezes mais velho que a alma que o veste. Essa minha aparência nada mais é que um vislumbre do espírito que ela oculta.

– Não acredito nisso, ancião modesto.

– Pois acredite nisso, minha irmã. Se pareço velho é porque todos os meus sentidos humanos envelheceram num piscar de olhos. Só meus sentidos virtuosos ainda insistem em vibrar no mais íntimo do meu ser e, ainda assim, não são todos eles que vibram com intensidade.

– Não consigo acreditar nisso, querido irmão. Fale com sua tão apreciada sinceridade: eu não desperto nenhum dos seus sentidos humanos? E antes de responder, quero que saibas que não estou tentando seduzi-lo, ancião!

– Eu sei que não está tentando isso, pois sei que só está tentando me retribuir um bem que julga ter tido origem em mim, mas ele se originou no Criador.

Mas lhe digo que a amo, pois és um espírito humano e, como toda criação divina, merece todo o meu amor. Eu a amo pelo seu dom divino do amor, estrela azul!

Dos olhos dela correram lágrimas sentidas.

– Por que chora, olhos que cintilam mais que todas as estrelas do firmamento juntas?

– E entristeço-me, pois vejo que, no seu coração, não restou nem um pouco daquele amor tão intenso que nos fez desrespeitar as leis que nos regiam, só para vivenciarmos um pouco dele.

– Bem, a intensidade com que ele vibrou em mim está esquecida na minha memória imortal, estrela azul. Dele, só me recordo dos males que nos causou.

Logo, eu a amo em muitos sentidos, mas não naqueles que fazem um ser humano romper com todas as leis só para, humanamente, se realizarem.

Eu sou um ser humano que só se sustenta, pois o meu conhecimento me mantém de pé e minha fé no Senhor me dá forças para eu me mover.

– Então é isso que julga ser, pobre ancião que nem quando fala deixa de chorar em silêncio?

– Sim, minha irmã. É por causa disso que choro em silêncio, pois não quero incomodar aos ouvidos do divino Criador, que tanto já incomodei com os choros que causei aos meus semelhantes.

O único desejo que alimento em todo o meu ser imortal é o de consolar os que choram, esclarecer os que estão revoltados e confortar os magoados.

Nada mais vibra ou lateja em mim, estrela que vibra em todos os seus mais nobres sentidos.

– Como agora todos aqui já sorriem, então está insinuando que nada mais existe por aqui que possa interessá-lo?

– Não foi isso que eu disse, estrela azul – justificou-se Simão.

– Não precisa se esquivar, ancião. Já estou há muito tempo ao seu lado para saber o que está oculto nas suas palavras. Eu sinto que é isso que está pensando, ainda que seus pensamentos sejam impenetráveis e a nós só é possível ouvir algo por meio dos seus olhos quando não está falando-nos. Traz seu corpo todo coberto pelas suas vestes, e só o seu rosto e suas mãos nos são visíveis, pois até teus pés estão ocultos.

– Pois se assim é, é para que só tenham gravadas em suas memórias as visões do rosto e das mãos da minha velhice.

Mas a velhice do meu ser imortal lhes é visível por meio dos meus movimentos cansados e de minha voz arrastada. Podem ver em mim a velhice por inteira e em todos os sentidos, estrela que cintila mais que todas as estrelas do firmamento.

– Sabe, ancião, se não fosse tão impenetrável nem se ocultasse por trás dos seus olhos, que choram o tempo todo no silêncio a que se impôs, eu diria que suas palavras, ainda que numa fala arrastada, são as palavras de um ser humano extremamente apaixonado por mim.

– Você está se deixando envolver novamente pelo meu conhecimento, querida irmã!

– Por que diz isso se o que sinto é outra coisa?

– Ora, com meu conhecimento, coloco as palavras de uma forma que sempre têm um duplo sentido.

Logo, imagina que eu possa estar apaixonado por você quando, na verdade, o que tento fazer é devolvê-la a vida num dos sentidos do amor.

– Explique-se, ancião dúbio, senão nunca vou deixar de acreditar que está apaixonado por mim.

– Eu explico, olhos que deixaram de amar os homens pelas suas aparências e só quer amá-los por meio dos seus sentidos!

Observe que o amor é um sentimento que tem muitos olhos e um d'Eles são os olhos humanos. É por meio d'Eles que, ao comparar os homens, pode escolher o que lhe é mais agradável, pois, se assim não for, ao lado de um que não possua uma beleza que te agrade nesse sentido, não vibrará intensamente nos seus sentidos do amor, pois não dará vazão a ele por meio dos seus olhos, que se encantarão com o homem que tiver a beleza concernente aos seres humanos.

Logo, o que tento despertar em você é a confiança de sentir vibrações de amor por meio das palavras, já que a beleza dos homens não é visível, pois meu espírito imortal está vestido com a veste da velhice, que desperta muitos sentimentos em quem a vê, mas não o da realização no sentido em que eu e outros já te decepcionamos ou te fizemos sofrer.

Como sei que já está imune à tentação de se realizar no amor por meio do sentido de beleza humana, então quero que aprenda a amar os homens por suas palavras, que também são um sentido humano.

– Está ocultando-se atrás de sua sabedoria ou sua sabedoria está ocultando seus sentimentos, ancião?

– Nem uma coisa nem outra, estrela que brilha triste, pois triste está no seu interior.

– Se estou triste, isso se deve às suas últimas palavras, ancião. Se diz que, se não podemos amar alguém por sua bela aparência quando tomamos precauções, pois nos fizeram sofrer, e diz que devemos amar por meio de um dos outros sentidos, então também está dizendo que não devo amá-lo, pois é a sua sabedoria que me encanta. Só que não é para ser amada por meio de você, pois sua aparência não é bela aos meus olhos.

Será que fui clara nas minhas palavras, ancião que se oculta atrás do seu saber?

– Você não captou a essência do meu raciocínio, querida irmã.

O que eu disse foi que estou querendo despertar em você um meio por onde possa voltar a amar os homens, e não que eu estou impedindo-a de me amar pelo meu conhecimento.

Posso afirmar que o amor que sente por mim se deve aos bens que o Pai lhe deu, uma vez que o que eu sinto ser eu sou, pois me sinto velhíssimo e me pareço com um ser humano muito velho.

Logo, o que amas em mim é o que transmito e não o que sou, pois sou um velho pouco atraente aos olhos de qualquer mulher que tenha olhos para ver um homem.

O que vejo é que estás tentando humanizar uma virtude, que é o conhecimento, para que assim possa, por meio de mim, amá-la num homem.

Mas lembre-se sempre disso: onde houver conhecimento, haverá a sabedoria. E onde há sabedoria, há razões para que o amor exista.

Tenha por mim o amor que o discípulo nutre pelo mestre, pois só assim compreenderá o amor que sinto por você, estrela que brilha no firmamento Divino.

– Fico feliz novamente, sábio mestre, pois agora compreendo as vibrações de amor que me envia toda vez que me olha.

Mira, que se aproximara d'Eles a pouco, então falou:

– Que tipo de amor irradias quando me olhas, sábio ancião?

– O amor de um pai por uma filha que o ampara na velhice. É um amor muito especial, pois é o amor de quem reconhece em você um ser que tem me ajudado a me locomover desde que a encontrei.

Meditem sobre os muitos sentidos que o amor tem ao ser irradiado do mais íntimo dos vossos seres imortais e assim não só auxiliarão a si próprias, como a muitos semelhantes vossos, minhas amorosas irmãs.

Como quando Simão Beir falava, todos o ouviam, ainda que estivessem afastados d'Ele, todos quiseram ouvi-lo falar por qual dos sentidos do amor eram amados por ele.

Quanto tempo ele passou falando dos sentidos do amor aos que ali haviam sido recolhidos pela divina providência para o próprio bem d'Eles não importa, pois aos que amam o tempo não conta. O amor, que é um sentido divino depositado no ser humano em sua origem pelo divino Criador, é imortal, e como tal, o tempo não conta para o amor.

Mas quando Simão Beir havia falado a todos em geral e a cada um em particular e se calara, uma voz se fez ouvir no meio de um clarão.

– Suas palavras encantam a todos que o ouvem, ancião encantador!

– Faça-se visível aos meus olhos, voz que por enquanto só me é audível! – exclamou Simão Beir.

E o clarão foi dando lugar a uma aparência humana agradável aos olhos de Simão, que lhe perguntou:

– Ao que devemos a honra de uma visita tão luminosa, irmão nosso?

– Venho, com a permissão da Lei Maior, buscar o que nunca deixou de me pertencer, sábio ancião.

– E o que há aqui que sempre lhe pertenceu, espírito que nunca perdeu sua luz própria?

– Meu filho, ancião que oculta sua luz viva por trás da aparência de um homem que muito viveu na carne.

– Eu não vivi um instante a mais que 20 anos e um piscar de olhos, irmão que muito viu, mas que isso, num ser humano, nunca havia visto antes, pois só viu homens na carne morrendo em espírito e nunca um espírito na carne vivendo na morte.

– Suas palavras são duras demais, mestre enigmático. Como só vim aqui com a permissão de recolher o que nunca deixou de me pertencer, e como sei que decifrar seu enigma me reteria por mais tempo do que o que tenho para retornar, então deixarei para decifrá-lo durante minhas meditações, quando então poderei descobrir tudo sobre o que é sem nunca ter sido, ainda que mesmo nunca tendo sido nunca deixou de ser.

– Concordo com isso, sábio habitante da luz do saber, pois existem coisas que devem ser reveladas no oculto e outras que devem ser ocultadas na revelação.

Mira, como sempre, não se conteve e pediu aos dois:

Por favor, conversem numa linguagem compreensível a mim, senão acabarei acreditando que sou mais ignorante do que imagino ser.

– Está certo, Mira! – exclamou Simão. – Nosso irmão só veio buscar seu filho e não deve se demorar, pois, creio eu, suas responsabilidades no serviço ao Criador são muito grandes. Mas deixemos de falar e ajude-me a me levantar e chegar ao meu cajado. Creio que logo ninguém mais restará além de mim, pois quando vocês viram uma parte de Deus, que aos vossos olhos Se tornou visível, o manto escuro que os ocultava dos olhos dos que os amam foi retirado de cima de vocês. Logo, esse lugar ficará profusamente iluminado pelos que virão dos Universos paralelos positivos concernentes à espécie humana, pois aqueles que são visíveis aos olhos do Pai facilmente são visíveis aos que olham a vastidão do infinito à procura dos que amaram, amam e sempre amarão.

Com muita dificuldade, Simão Beir se levantou amparado por Mira e, após se despedir do recém-chegado, dirigiu-se ao lugar onde havia fincado seu cajado. Na direção onde ele se dirigia, um caminho se formou, pois de um e de outro lado ficaram todos os que Simão, pacientemente, havia resgatado das mais profundas trevas da ignorância. Estrela azul tomou-lhe o outro braço e também o amparou. Ele caminhava olhando para o solo e não viu como suas palavras haviam sido proféticas. De todas as direções, luzes das mais variadas cores surgiam e assumiam aparências humanas, pois vinham buscar o que ali havia e que nunca havia deixado de lhes pertencer. Mira exclamou:

– Ancião, olhe só quantas luzes se fazem espíritos humanos à procura dos seus entes queridos!

– Eu sei que isso está acontecendo, filha minha.

– Por que não olha para ver como são lindos e luminosos, ancião! – exclamou estrela azul.

– Não tenho tempo para isso, querida irmã.

– Por que não? – indagou ela preocupada.

– Ora, assim que todos se forem, esse lugar irá escurecer e nunca mais encontrarei meu cajado ou a direção do meu caminho que me levará a um lugar no qual existe um ponto de equilíbrio de onde terei uma visão real de Deus.

– Mas o senhor já alcançou esse ponto, sábio anjo! – exclamou Mira.

– Não, minha filha. Por enquanto só consigo ver o meu Criador por meio dos vossos olhos que O refletem ao refletirem para mim o vosso amor, a vossa confiança, lealdade, compreensão, paciência, tolerância e respeito.

Mas caminhemos rápido, pois mal consigo ver meu cajado que ainda está muito longe!

– Não se preocupe, pois um clarão imenso ilumina tudo e todos às suas costas.

– Pois é por isso mesmo que tenho pressa, Mira. Eu estou caminhando no sentido contrário ao que me foi indicado pelo Anjo da Morte. E se a morte fica atrás de mim, estando eu de frente para meu cajado que aponta para a frente do meu caminho, que estou trilhado ao contrário, então a vida está nesse momento às minhas costas. E como às minhas costas fica a morte, num piscar de olhos toda essa luminosidade deixará de existir e a penumbra ocupará este lugar, pois onde a morte está, não existe luz.

– Não deixa de ser sábio um instante sequer, não é mesmo meu amado ancião! – exclamou estrela azul.

– Não acredito que isso seja verdade, mas acredite no que estou dizendo, pois é a mais pura verdade, e espero ao menos vê-las partir nessa luz que, ainda que esteja às minhas costas, ofusca meus olhos inundados de lágrimas de alegria por ver que o Pai enviou os seus para recolherem os que nunca haviam deixado de pertencer-lhe.

Caminhemos mais rápido, pois já estamos bem próximos do meu cajado!

Só faltavam uns poucos passos para chegar até o cajado quando uma voz meiga mas angustiada gritou:

– Minha filha, espere por mim, pois a procuro há séculos!

Mira, como que atingida por um raio paralisante, estacou e virou-se no sentido contrário ao do cajado de Simão. Aos prantos exclamou:

– Mamãe! Minha querida mãe! A senhora não se esqueceu de mim!

– Como eu poderia esquecê-la, minha filha amada! Venha, venha, pois tenho que voltar logo, já que me demorei mais do que o permitido à sua procura no meio dessa multidão. Vamos, filha minha! Abrace-me que a levarei para junto dos outros irmãos nossos que muito a amam.

– Mas, mamãe, eu tenho de ajudar o ancião a chegar até o cajado d'Ele!

– Deixe-o porque, para onde ele vai, certamente não irá precisar de cajados, minha filha! – exclamou a mãe feliz, enquanto abraçava a filha.

– Ao menos espere eu me despedir dele, mamãe.

– Daqui a pouco o reencontrará onde vivemos, minha filha! Se abrace a mim, pois vamos volitar.

E, num piscar de olhos, Mira foi levada dali para um lugar que ficava num Universo paralelo positivo concernente à espécie humana.

– Ela se foi, ancião! – falou estrela azul aos prantos. – Ela se foi e nem teve tempo de se despedir do senhor. Ela, que tanto o amava!

– Isso não importa agora, irmã. Ajude-me a chegar ao meu cajado, senão o perderei para sempre. Só faltam uns poucos passos!

Nisso uma voz chamou estrela azul e esta virou-se imediatamente. Ao ver quem a chamara, exclamou atônita:

– Você?

– Sim, eu mesmo, amor que eu não soube amar. Venho pedir o seu perdão e oferecer-lhe meu apoio para que possa voltar para junto dos seus entes queridos que não param de culpar-me por terem perdido você.

– Eles o culpam pelos meus erros, falhas e pecados?

– Sim. Eu jamais ficarei em paz se não a levar de volta para eles, pois foi por minha causa que se afastou deles. Logo, só a mim compete tal tarefa.

– Mas fui eu quem me atirei nos seus braços. Ou já se esqueceu disso?

– Não, não me esqueci disso. Mas como poderia provar isso para eles se acreditam que fui eu quem a seduziu, quando nós dois sabemos que foi você quem se ofereceu a mim.

– Um momento, pois assim que eu ajudar meu amado ancião se posicionar na direção que seu cajado indica, o acompanharei e o livrarei das acusações que tanto o infelicitam, meu irmão.

– Não podemos nos demorar, pois num instante ninguém mais estará aqui e não saberei a direção a seguir para levá-la até eles para que assim possa me inocentar. Não podemos nos demorar! – exclamou ele aflito.

Nesse momento Simão Beir falou para ela:

– Vá, olhos que cintilam mais que todas as estrelas do firmamento! Vá, pois já estou tão próximo do meu cajado que poderei alcançá-lo sozinho.

– Perdoe-me por deixá-lo, amado ancião. Mas já não restam muitos por aqui, e não quero ter na minha consciência mais essa acusação se eu não for com ele.

Parece que esse homem só aparece em minha vida para me tirar a paz, que só encontro junto de quem me ama sem nada mais querer em troca além de amor!

– Não volte a lamentar, estrela que agora cintila, pois está levando a luz do amor no seu interior. E que certamente irá fazê-la reluzir em todos os que sofreram pela sua ausência no amor deles.

Mas nunca se esqueça que só quem ama perdoa, e quem perdoa só perdoa porque ama. Medite sobre isso e transformará a força contida no seu amor num instrumento das razões do divino Criador.

– Eu gostaria tanto de ouvir suas explicações sobre essas suas últimas palavras, sábio e amado ancião meu!

– Elas estão em você mesma, estrela que cintila. Procure-as em si e a todas, logo logo encontrará. Agora vá, pois não quero ter mais essa culpa na minha consciência!

– Que culpa, ancião?

– A culpa de ter-lhe mostrado o caminho da luz e não ter tido meios de tirá-la do meio das trevas. Vá, senão nunca me perdoarei por isso também e clamarei a Deus para que me lance no mais escuro abismo das trevas, amada minha!

– Então você me ama! – exclamou ela, chorando e sorrindo.

– Sim, pois de você só recebo irradiações de amor que me ajudam a suportar minha imensa dor.

– Não me ama pelo que aparento ser, mas tão somente pelo que irradio?

– Sim. E é por isso que deve partir. Nada posso lhe oferecer nesse sentido, pois em mim o amor está adormecido, ou melhor, está esquecido porque não o vivenciei na minha última encarnação.

– Não tiveste uma esposa?

– Não.

– Uma amante, então!

– Também não.

– Ao menos uma mulher pela qual teria se apaixonado.

– Também não.

– Então o que amaste, ancião?

– À vida, estrela azul. Só amei à vida, até vê-la morrer e então a ela virei as costas. É por isso que nesse sentido nada posso oferecer, pois desse sentido nada tenho. Agora vá, senão morrerei nos sentidos que ainda me restam vivos.

– Mas...

– Não diga mais nada, pois só uns poucos ainda iluminam o caminho pelo qual sairá daqui. Ande logo! – gritou Simão, furioso.

– Está certo. Eu vou, mas nunca vou esquecê-lo, meu anjo!

E o homem que viera buscá-la segurou em suas mãos e a levou dali num piscar de olhos.

Simão deu mais alguns passos já no escuro e tocou em seu cajado. Mas ainda tinha que se posicionar de costas para a morte e um frio intenso

o envolveu. Só com um esforço sobre-humano se posicionou na direção que devia seguir para estar no caminho escolhido.

O frio era tão intenso que ele não aguentou ficar de pé e caiu de joelhos, agarrado ao seu cajado.

Mas pouco a pouco o frio foi desaparecendo e uma brisa morna o aqueceu. Ainda ajoelhado, ele olhou à sua frente e, no meio da penumbra, viu o seu caminho que o levaria a um lugar no qual havia um local onde existia um ponto do qual teria uma visão real do Criador.

Também viu que, no lugar onde antes havia um pântano lodoso, agora só havia uma depressão no solo. Orou a Deus e agradeceu a ajuda dada no momento em que confiou na ajuda divina para drenar com seu conhecimento aquele charco humano de dores, mágoas e revoltas. Foi sua fé no amparo divino que o fortaleceu e o encorajou a ir ao encontro de suas falhas erros e pecados já adormecidos na sua memória imortal.

E, como havia prometido à sua estrela azul que, ao encontrá-los nos seus semelhantes, não os despertaria neles, chorou o tempo todo, pois os absorvia por completo no seu ser imortal que, se até ali só lhe transmitia um imenso cansaço, agora também o deixava sentir dor em todo o seu ser.

A ninguém ele havia dito que, se chorava em silêncio o tempo todo, é porque absorvia por completo suas dores e as guardava para si, pois, aos seus lacrimosos olhos, ele era o pântano ali existente por inteiro e o pântano era parte dele.

Quando terminou de orar, um pranto sentido brotou do seu peito e o lamento dolorido ecoou no vazio da escuridão. E, chorando, ele começou a se levantar, pois não queria ouvir seu Anjo de Baixo vir falar-lhe que estava difícil sustentá-lo num nível que lhe permitiria trilhar o seu caminho, e muito menos dizer-lhe que enquanto ele ficava parado todos seguiam adiante, pois agora ele sabia disso muito bem.

Quando conseguiu ficar de pé, então se controlou, cessou o seu pranto e falou para si mesmo:

– Ainda bem que a minha estrela azul se deixou confundir com minhas palavras, senão teria visto que parte das lágrimas que eu derramava eram por não poder envolvê-la nos meus braços e apertá-la contra meu peito, tão vazio do amor de uma mulher que me ame.

Como me foi difícil ocultar o amor que sentia e ainda sinto por você, minha estrela azul, que aos meus olhos cintila mais que todas as estrelas do vasto e infinito firmamento do Senhor, pois elas estavam distantes dos meus olhos enquanto você estava bem perto de mim.

Como poderia contar-lhe isso se mais um mal eu lhe causaria, estrela minha?

Se eu disse que nunca mais me perdoaria caso a retivesse aqui, pois iria se perder novamente, jamais me perdoarei por tê-la perdido.

E Simão calou-se e só o seu pranto silencioso se fazia audível no seu caminho, pois de tempo em tempo as lágrimas que se acumulavam nos sulcos profundos de seu envelhecido rosto caíam no solo árido em que ele pisava. Elas se faziam audíveis aos seus cansados ouvidos.

Então ele falou novamente para si mesmo:

– Olhe, Simão Beir! Observe bem e verá no solo em que pisa o longo tempo em que foste estéril aos olhos do Pai.

Mas veja também como teu Deus é generoso contigo, pois lhe permite mais uma vez trilhá-lo e umedecê-lo com as lágrimas derramadas por causa das tuas ausências n'Ele!

Olhe bem, Simão Beir, pois todos os que passarem depois de você indagarão: "de quem serão essas lágrimas tão doloridas?" Então, elas, que agora são vertidas no silêncio de suas dores, se tornarão tão eloquentes que todos ouvirão elas dizerem: "Nós somos de Beir, aquele que se chama Simão, que voltou ao seu passado para fecundá-lo com muita dor e tristeza no coração".

E novamente Simão Beir se calou, e só seu pranto silencioso era audível e falava tudo o que ele não podia dizer no silêncio que impusera a si mesmo, pois prometera à sua estrela azul não falar do seu passado para não acordá-lo nos que já o haviam adormecido em suas vidas.

À medida que caminhava, mais e mais, Simão sentia sua dor aumentar.

Logo descobriu a causa, pois o caminho à frente estava cheio de espíritos humanos caídos à sua beira. Não havia ao menos um que não gemesse alto devido aos mais variados tipos de ferimentos expostos nos seus corpos nus.

Simão parou ao lado do primeiro e ficou a olhá-lo por um longo tempo antes de decidir qual seria o melhor meio de ajudá-los. Só quando descobriu as causas do que via, decidiu-se a começar, ouvindo-os. E, para tanto, começou perguntando:

– Por que caíste à beira do seu caminho, meu irmão?

Entre lamentos e gemidos, o espírito inquirido respondeu:

– Eu fraquejei no meio de meu caminho, ancião. Não resisti ao peso de minhas culpas e às dores de minhas angústias.

– Então reconheces que falhaste diante dos olhos do Criador, não?

– Não só reconheço isso como também que errei e pequei, ancião que chora muitas dores e também carrega o peso de muitas culpas e não quer ver Deus, pois sente que pecou aos olhos d'Ele.

– Sim, isso tudo é verdade, sábio que pecou, errou e falhou conscientemente.

– É verdade. Eu fiz tudo isso sabendo que não era correto, mas que talvez ninguém percebesse, pois eu era o líder do meu povo e tinha certos direitos que meu povo não tinha.

– Mas, se tinha tantos direitos e reconhece que se enganou, então por que caíste à beira do seu caminho?

– Já lhe disse, ancião tolo!

– Sim, é verdade. Não suportaste o peso e a dor deles.

– E, pelo que vejo, logo será mais um de nós, os caídos à beira do caminho! – exclamou num gemido o homem ferido.

– Se eu cair, o meu Pai, que é generoso, certamente me levantará para que eu possa continuar minha caminhada até que eu possa chegar ao lugar onde existe um ponto do qual poderei ter uma visão real do meu divino Criador.

– Como és tolo, sábio iludido! – exclamou, sarcástico, o homem caído.

– Não creio que seja menos tolo que eu, meu irmão. E no entanto ainda não encontrei motivos para julgá-lo um sábio. Sua eloquência é o manto que usa para encobrir sua ignorância a respeito da essência do nosso Criador.

– Você é que está enganado, sábio que só está em pé porque se apoia num cajado, senão também já teria caído, tal como todos nós, que nos julgávamos sábios quando em verdade não passávamos de pobres tolos.

– Pois ainda afirmo que sua eloquência é o manto que encobre o seu desconhecimento da natureza que sustenta Deus num ser humano, meu irmão.

– Você me intriga, ancião.

– Por quê?

– Ora, não está se sentindo menos dolorido ou pesado que nenhum de nós, e no entanto não se lamenta disso. Ao que se deve tão grande resignação? À sua vergonha por haver errado ou à sua tristeza por ter falhado ou o seu remorso por haver pecado?

– Pelas três juntas, irmão que não quer se levantar.

– Então também reconhece que só está de pé por causa do apoio do cajado, não?

– Não reconheço isso como a minha verdade, meu irmão.

– Como não?

– Ora, você que acha que tem a explicação para tudo o que vê não conseguiu ver o que me sustenta de pé, ainda que apoiado nesse cajado. Nunca soube nada sobre a natureza Divina nos homens. Pode conhecer bem as naturezas dos homens, pois vejo que nisso és sábio e foi por causa desse teu conhecimento que sua eloquência o vestiu enquanto vivia na carne mas que agora o deixa nu e exposto aos olhos de todos que o veem. Falta-lhe o conhecimento dessa outra natureza que transcende a tudo que possa imaginar.

– Eu posso criar muitas explicações sobre o que afirma, ainda que eu não atine com o que tenta me mostrar, ancião!

– Disso eu sei, irmão caído que não consegue ver em si o meio de se levantar aos olhos do Criador. Desconhece a causa que o tornou humano e por cauda disso o verga diante das razões que o subjugam.

Mas se conhecesse isso realmente, certamente se apoiaria nas suas dores e mágoas e se levantaria a partir de dentro de si mesmo, pois só assim um ser humano consegue se posicionar corretamente aos olhos do Senhor.

Só nos levantando a partir dos nosso erros, falhas e pecados aos olhos do Pai, e também dos homens, conseguimos nos posicionar de tal forma que nos tornamos visíveis, primeiro aos olhos dos homens, que nos julgarão a partir de nossas aparências, para que assim possamos ser julgados por Deus na nossa forma.

Antes de você aceitar isso como certo e concordar consigo mesmo que a causa de sua queda foi sua ignorância e não os seus conhecimentos, jamais conseguirá levantar-se, pois você mesmo estará se imobilizando, já que desconhece a causa que o tornou um ser humano.

– Estou tentando encontrar a causa, sábio ancião!

– Medite, homem que caiu devido à sua ignorância e não por causa dos seus conhecimentos, pois estes, ao homem não pertencem. Deles somos só fiéis guardiões até que os passemos aos nossos semelhantes que usufruirão o conforto material e o bem-estar espiritual que dão a quem consegue possuí-los.

– Estou meditando em tudo o que está dizendo, ancião que me verga com o peso de suas palavras.

– Não o estou vergando com o peso delas, pois o que está sentindo é a força da verdade contida nelas.

Saiba que toda verdade traz uma força tão grande em si mesma que nada no Universo pode destruí-la ou ao menos parti-la ao meio, pois não existe peso que resista à força, enquanto essa, ainda que seja invisível aos nossos olhos, é a realidade que mantém todo o Universo em movimento.

Essa força tem origem na mesma causa que o tornou homem aos olhos do Pai e que você, por desconhecê-la, desumanizou-se.

– Que causa é esta, ancião?

– Não está meditando, irmão subjugado pelo peso dos seus erros e mágoas, por suas falhas e angústia e por seus pecados!

– Por favor, diga-me que causa é esta, insensível ancião, pois só conhecendo-a poderei me levantar.

– Terá que meditar até encontrá-la em si mesmo, irmão caído. Mas lhe digo que ela tem origem na mesma causa que me obriga a tentar curar tuas chagas aparentes ainda que elas não sejam mais doloridas que as que minhas vestes ocultam em mim.

O homem caído gemeu impotente enquanto Simão lentamente se abaixava para tentar curar suas chagas expostas.

Simão retirou o manto que usava sobre sua longa bata que lhe cobria até os pés e, com isso, descobriu sua cabeça.

Longos fios de cabelos, duros e ressequidos pelo tempo, que já não contava mais, ficaram expostos. Eles lhe caíam ralos pelos ombros e alcançavam a altura dos omoplatas, dando-lhe assim uma aparência horrível. Ao que o homem caído lhe falou:

– Sem seu manto a ocultar sua cabeça, fica parecido com alguém que jamais vi, mesmo nesse caminho onde muitos já caíram.

– Isso se deve ao fato de eu ter estado num lugar que era o limiar entre a verdade e a ilusão.

– Que lugar era esse, respeitável ancião?

– O lugar é onde a ilusão é a verdade e a verdade é uma ilusão.

– Pode esclarecer-me sobre essas suas palavras, ancião?

– Se eu fizer isso, certamente estarei retirando de você o prazer de decifrar um enigma que traz sua revelação naquilo que insinua nas palavras contidas em si mesmo, homem que se recusa a meditar.

E, ao dizer isso, Simão Beir passou cuidadosamente uma ponta do seu manto sobre uma enorme chaga no corpo dele, fazendo com que ele emitisse um dolorido lamento de dor.

– Não faça isso, ancião cruel. A dor é insuportável!

– Mas é preciso fazer isso, pois suas chagas estão encobertas pela podridão dos seus vícios, porque foram eles que as originaram. Peço-lhe que suporte a dor, pois só assim poderei ter uma visão real das suas dores, meu irmão.

E Simão continuou a limpá-lo com todo o cuidado, mas a cada crosta purulenta e pustulenta que retirava, arrancava um grito de dor dele. Quando começou a limpar seu órgão genital ele soltou um urro de dor altíssimo e perdeu a noção dos sentidos.

Lentamente Simão o virou e continuou a remover as crostas que encobriam suas feridas. Quando terminou e olhou a extensão dos erros, falhas e pecados daquele homem, os filetes de lágrimas que corriam dos seus olhos engrossaram e lhe turvavam a visão por completo.

Então Simão Beir exclamou com a voz embargada:

– Meu Senhor, como é dolorido ver a dor que esse meu irmão expõe aos Seus olhos!

Como é triste ver as causas de suas falhas e como é difícil suportar a visão dos seus pecados, cometidos não só aos Vossos olhos divinos, mas também aos olhos dos seres humanos que ele prejudicou, não por causa dos seus conhecimentos, mas sim por sua ignorância.

Meu Deus, uma vez eu bati em meu peito com os punhos fechados e Vos pedi que transferisse para mim a dor dos que houvessem pecado, falhado e errado diante dos Vossos divinos olhos.

Pois agora, bato novamente em meu peito e clamo que transfira para mim as dores dos que erraram, falharam e pecaram enquanto estavam ausentes em Vós, Senhor meu, pois meus olhos não suportam a dor que a visão de suas chagas me transmitem.

E Simão Beir bateu novamente em seu peito com os punhos fechados. Na terceira vez que o fez, emitiu um grito de dor lancinante e do seu peito um choro dolorido ecoou na penumbra onde se encontrava.

A dor que sentia era tão intensa que Simão Beir curvou sobre os joelhos. Mas, pouco a pouco, foi levantando a cabeça e num último esforço puxou o homem caído na sua frente para junto de si e o abraçou. Dos seus magoados, ofendidos e angustiados olhos, grossos filetes de lágrimas doloridas corriam abundantes, molhando suas faces e indo cair sobre o corpo desmaiado que abraçava com ternura.

E foi com um misto de alegria e espanto que viu que, onde elas caíam, as feridas se curavam e uma pele se formava, pois, devido à densidade dos seus pensamentos, ambos tinham em espírito uma aparência do corpo carnal tão ou mais intensa da que haviam possuído nos últimos instantes de suas "vidas" no plano material.

E assim foi derramando suas lágrimas sobre as feridas do rosto daquele homem. Quando curou os olhos dele, despertou-o da sua inconsciência. Então o homem caído falou-lhe:

– Ancião, já não sinto mais as dores que me atormentavam.

O que houve para que isso fosse possível?

Simão abriu sua bata na altura do peito e, ao mostrá-lo, falou:

– Eu pedi a Deus que transferisse suas dores para mim, e a prova de que ele me ouviu é que agora trago em meu corpo as chagas que até a pouco eram suas.

O homem começou a chorar de tristeza e, entre soluços, perguntou-me:

– Por que fizeste isso, caridoso ancião?

– Ora, meu irmão tolo, você chorava seus erros, falhas e pecados na sua ausência no Criador e sofria tanto, que as suas dores eram insuportáveis aos meus olhos. Mas em mim elas certamente serão choradas em minha sólida presença em Deus e serão suportáveis por mim.

– Meu Pai! – exclamou o homem aos prantos. – Eu semeei chagas em muitos semelhantes meus e agora você recolhe todas elas em si mesmo.

Por que isso, anjo de Luz?

– Porque elas são parte de mim e eu sou elas por inteiro, meu irmão.

Após meditar um pouco, o homem falou:

– Estou tão emocionado que não consigo raciocinar. Podia explicar essa sua afirmação, que não duvido que seja uma verdade, mas que desconheço, ancião que chora aos olhos de Deus as dores que colhi na minha ausência d'Ele?

– Sim, meu irmão.

Suas dores se originaram a partir de sua ignorância, e parte de mim é ignorante. Mas eu sou elas por inteiros, pois sofro em todos os meus sentidos ao ver alguém sofrendo por causa dos sofrimentos que seus erros, falhas e pecados cometidos diante dos olhos dos homens e do Pai lhes provocam.

Jamais deixarei de sofrer ao ver um semelhante meu sofrendo por causa de sua ignorância, e ainda assim acreditando que sofre por causa dos seus conhecimentos.

– Não caí por causa dos meus conhecimentos, ancião?

– Não, meu irmão. O que causou sua queda foi sua ignorância, pois o conhecimento real só eleva, pacifica e satisfaz a quem o possui.

O conhecimento traz paz ao homem e bem-estar ao seu espírito, pois lhe mostra claramente quais são as causas de suas dores e os meios que dispõe para curá-las.

– Agora que sei que as causas de minhas dores foi minha ignorância, como posso fazer para não errar, falhar e pecar novamente e com tanta intensidade, sábio ancião?

– Evitando de se ausentar em Deus, pois é preferível se ausentar nos seus sentidos humanos a ausentar em si os sentidos divinos, que são uma das causas daquela causa única que o tornou humano.

– Que causa é esta, mestre ancião?

– Ela é a mesma que fez com que eu me ajoelhasse junto de você e removesse das tuas chagas as grossas cascas que me impediam de ter uma visão real das suas dores.

– Seria a bondade, bondoso ancião?

– Não.

– Então é a caridade, não?

– Ainda não, meu irmão que procura a causa que o tornou um ser humano.

– Por favor, está me torturando com minha ignorância, meu salvador algoz e algoz salvador!

– Medite, meu irmão.

– Por misericórdia, estou angustiado e já não sinto vontade de viver, pois desconheço por que Deus me tornou humano, ancião!

– Pois saiba que sua súplica contém uma ausência da causa que o tornou humano, meu irmão ausente da vontade de viver!

A vontade é a causa única do Pai tê-lo tornado um ser humano.

Só pela vontade d'Ele se tornou humano. E você, criatura criada a partir dessa vontade divina, a traz em si desde sua origem e, enquanto a manifestar por meio dos seus sentidos virtuosos, conseguirá levantar-se a partir dos seus próprios erros, falhas e pecados.

Só essa sua vontade sobre-humana lhe dará forças para suportar todo o peso dos seus erros, falhas e pecados e também as dores, mágoas e angústias que eles lhe causam, pois antes de terem sido sentidos por você, outros já as haviam sentido.

É essa mesma vontade que por meio de sua fé o faz pedir perdão e, ao confiar que Ele o perdoou, caminhar em busca da sua redimissão e da remissão dos seus pecados humanos cometidos nas tuas ausências em Deus.

É essa vontade que o anima que faz com que reconheça onde errou, por que falhou e como pecou, pois só a partir dela terá condições de tirar dos seus erros, falhas e pecados as lições da vida que o tornarão um sábio aos olhos dos seus semelhantes e o tornarão digno de ser apreciado pelo seu divino Criador.

Sim, é pela vontade do Pai que nos tornamos humanos, e se nos tornamos desumanos isso se deve ao fato de não querermos estar o tempo todo visíveis aos seus olhos, pois deixamos de viver n'Ele nas nossas ausências n'Ele.

Foi minha vontade de não vê-lo sofrer tanto com as suas chagas que me fez abaixar e limpar suas feridas. Assim como foi essa mesma vontade que me fez pedir ao Criador que tornasse minhas as suas dores, pois meus olhos, ao verem a extensão dos seus erros, falhas e pecados não suportou tanta dor.

Pode chamá-la de caridade, mas essa palavra não define por inteiro o que é a vontade num ser humano. Ela tanto pode ser a vontade de curar, assim como as vontades de ensinar, alimentar, criar, amparar, ajudar, apoiar, esclarecer, consolar ou confortar um semelhante nosso.

Ela está em nossa geração expontânea, pois fomos gerados a partir da vontade de Deus em nos tornar humanos.

Ele, ao fazer isso, nos deu a vontade de viver, e na vida, aprendemos a ser humanos. É isso,meu irmão.

Só então Simão Beir parou de falar e ficou observando os efeitos que suas palavras causavam naquele homem.

Depois de algum tempo, também olhando para Simão, ele falou:

– Tem razão, sábio ancião. Eu não tive vontade de me redimir aos olhos Divinos, pois me deixei subjugar por minha falsa sabedoria, que durante minha vida na carne me tornou um homem onipotente e onipresente, quando todos sabem que só a Deus tais coisas existem, pois Ele existe por Si só.

Mas agora vou sofrer por causa de sua vontade de não me ver sofrer, pois todas as vezes que olhá-lo verei as minhas chagas enquanto em você

elas serão uma parte de suas dores. E com isso sofrerei, pois agora sei o porquê de sua afirmação: "eu sou elas por inteiro, e elas são parte de mim.

Sim, agora eu sei que a dor de muitos se originou nos meus erros, falhas e pecados. Logo, eu fui a dor deles por inteiro, e eles foram parte de minhas dores.

Como eu gostaria de ter de volta as minhas chagas para que assim eu pudesse me levantar e prantear no silêncio de minha resignação as dores que causei aos meus semelhantes devido à minha ignorância.

– Não poderá tê-la de volta, meu irmão.

– Por que não, ancião forte?

– Ora, enquanto suas chagas eram vistas por olhos que não o viam sofrer porque olhavam para suas ausências no Pai em vez de olharem para a sua imortal presença em nós mesmos, você não era visto por Ele.

Mas ao ter sido visto por Deus por meio dos meus olhos, Ele se compadeceu de sua dor, pois viu que as sofria por causa da sua ignorância, e não por causa de seu conhecimento. Então, pela vontade d'Ele, você foi aliviado delas.

– Mas por que Ele as tirou de mim e as deixou contigo, bom ancião?

– Para que, vendo em mim as suas dores, de agora em diante possa olhar nos teus semelhantes sofridos e sentir remorsos, mágoas e angústias, pois meditará sobre as causas delas e as descobrirá em si mesmo, ainda que em você elas já não se façam visíveis, pois para mim foram transferidas por nosso bondoso Pai. Que só dá a recompensa aos que se fazem merecedores, assim como o sofrimento a quem possa suportá-los, ainda que para isso tenham que prantear em silêncio, pois sabem que tais coisas só existem por causa da ignorância humana sobre as vontades divinas.

Mas agora deixemos de falar e meditemos enquanto umedeço uma ponta do meu manto com as lágrimas de minhas dores, pois elas têm a propriedade divina de curar tuas feridas.

Quando o homem já estava com o seu corpo espiritual totalmente curado, Simão lhe perguntou:

– Que direção seguia antes de cair sob o peso de suas falhas, erros e pecados, meu irmão?

– Naquela, ancião curador! – falou ele, indicando a direção contrária à de Simão.

– Ótimo!

– Por que ótimo?, sábio mestre.

– Já pode continuar a trilhar seu caminho, meu irmão.

– Está dizendo que devo deixá-lo depois de tudo o que fez por mim, querido irmão?

– Sim.

– Não, isso não. Jamais o deixarei sozinho na sua jornada, sábio ancião. Não só vou ajudá-lo como também aprenderei muito ficando ao seu lado.

– Irá seguir no sentido contrário ao seu caminho, meu irmão.

– Como sabe qual é a direção que devo seguir, ancião?

– Vou falar-lhe um pouco sobre por que acho que deve continuar na direção que ia, caminhante indeciso!

E Simão relatou com poucas palavras sobre a opção dada a ele pelo Anjo da Morte. Quando terminou, o homem meditou um pouco e só então falou:

– Eu acredito que a direção do meu caminho é a mesma que a sua, sábio ancião.

– Não creio, meu irmão.

– Oras, pelo que deduzi do seu relato do seu encontro com o Anjo da Morte, acredito que, ao contrário de você, eu vinha caminhando na direção da morte, pois a cada passo que dei, desde o dia em que renasci no corpo carnal até este momento, outra coisa não fiz.

Olhe para a sua frente, ancião. Veja quantos estão caídos à beira de seus caminhos!

– Realmente, são muitos.

– Acredita que, depois de tudo o que me aconteceu e de tudo o que vi após seu aparecimento na minha frente, eu teria coragem de deixá-los sem ao menos trocar com eles uma palavras de consolo, conforto ou esclarecimento?

– Tem razão. Mas ainda acredito que eles estão caídos à beira do meu caminho, e não do seu. Se atrás de mim não há nenhum e atrás de você estão todos, então a morte fica atrás da direção que seguia. Senão, como explicar que tenham ficado atrás de você?

– Bem, não sei como lhe responder. Mas se eu puder ajudá-los de alguma forma, então estarei devolvendo à vida o que estava entregue à morte.

– Sua conclusão tem lógica, mas desconheço as razões que me induzem a dizer-lhe que a morte estava atrás na direção que seguia, meu irmão.

Por favor, siga na direção que ia, senão não ficarei em paz comigo mesmo, pois temo pelo que possa vir a acontecer-lhe mais adiante.

– Seus temores são infundados, sábio mestre!

– Não são não, sábio tolo.

– Não o compreendo, ancião.

– Eu me explico, olhos que não querem ver!

Medite assim: se deixo a morte para trás, pois tenho minha vida à minha frente, então você virará as costas à sua vida, e, passando a cami-

nhar no meio de minha vida, irá encontrar a sua morte. Isto não lhe parece o mais lógico?

– Sempre me deixa sem saída, sábio ancião. Mas, ainda assim, não vou deixar de acompanhá-lo e ajudar a todos os caídos que me for possível.

– Meu Pai, por que colocaste um sábio tolo no meio do meu caminho? – perguntou Simão com a voz contrita.

Será que já não fiz o bastante ajudando-o se levantar e poder caminhar? Será por sua vontade que ele insiste em ir ao encontro de sua morte ou será por sua ignorância?

Será que não estou sendo claro no meu modo de me expressar? Se é isso, então peço perdão, meu Deus, pois sabe que eu não quero desviá-lo da direção correta que ia.

E Simão, ainda ajoelhado, calou-se e tentou se levantar, mas devido às fortes dores, não conseguiu.

– Eu o ajudo, sábio ancião! – exclamou solícito o homem, agora curado de suas dores.

Quando Simão ficou de pé, ainda tentou argumentar no sentido de fazê-lo desistir, dizendo-lhe:

– Já ajudaste alguém a se levantar no seu caminho, meu irmão. Agora, siga na direção que ias antes de cair!

– Não, ancião. Eu irei na sua direção!

– Já que é assim, então siga-me, irmão tolo! – e Simão virou as costas à direção da vida em seu caminho e ficou de frente para a morte em seu caminho.

– Você está mudando de rumo da sua caminhada, ancião!

– Só por sua causa, sábio cego que não quer ver o que existe à sua frente e prefere retornar ao encontro do seu fim. Vamos, siga-me, pois eu o encaminho.

– Sinto muito, ancião, mas não vou segui-lo sabendo que atrás de mim muitos ficaram caídos.

– Não se preocupe com isso, pois em verdade eles só estão impedidos de continuar suas jornadas, porque a justiça divina assim o quis.

Não a desafie mais uma vez, sábio tolo!

– Se quiser retornar no seu caminho, fará isso sozinho, ancião.

– Pois eu vou retornar no meio de minha morte apenas para livrá-lo da sua. Logo, siga-me, tolo dos tolos!

E Simão Beir começou a caminhar na direção de sua morte. Mais uma vez sentiu um frio intenso que o gelou por completo.

Com muito esforço se cobriu com seu manto e ainda deu mais alguns passos antes de sucumbir à friagem que o envolvia. Então clamou num fio de voz:

– Ajude-me, meu irmão. Mantenha-me de pé que o ajudarei a descobrir o lugar onde existe um local no qual há um posto de equilíbrio do qual terá uma visão real do Criador.

Ao longe, o homem retrucou:

– Não vou seguir essa direção, ancião. Perdoe-me por deixá-lo, mas vou tentar socorrer os que já estão sofrendo há muito tempo os horrores da morte.

– Por favor, não faça isso! – exclamou Simão antes de cair no solo, pois seus dedos haviam se congelado e não mais o sustinham no apoio que o cajado oferecia.

Com o impacto do encontro ao solo, Simão Beir emitiu um grito silencioso de dor, pois as chagas que tinha no peito receberam todo o peso do seu corpo, densificado pelo estado de espírito que assumira ao desencarnar. Ele sentiu todo o seu ser imortal tremer e as lágrimas, que não deixavam de ser vertidas, congelaram-se nas suas ressequidas e frias faces. Simão já estava a ponto de sucumbir mentalmente à friagem que o envolvia quando, num esforço sobre-humano, clamou:

– Meu Deus, ajude-me, pois sabe que ao retornar no meu caminho não errei, falhei ou pequei, pois assim como o senhor, eu também sei que ele está indo ao encontro de sua morte.

E se assim é, talvez seja pela Tua vontade.

Logo, da Sua vontade eu recolho forças para não sucumbir no meio de minha própria morte, Senhor meu. Ninguém dirá que Simão Beir, mesmo não tendo errado, falhado ou pecado, pois só tentava impedir um tolo de se suicidar, não soube tirar forças de sua própria vontade de viver para, com ela, sair do meio de sua morte.

E Simão buscou de dentro do mais íntimo do seu ser, da sua semente da vida, forças para se virar mesmo tendo de rastejar no solo.

Quando, ainda deitado, se posicionou com a cabeça na direção da vida e os pés na da morte, uma brisa morna o envolveu e começou a aquecê-lo lentamente. Pouco a pouco, tornava a sentir seus membros e corpo, e até suas dores e cansaço.

Olhou para o lado e lá estava seu cajado. Com a mão direita o apanhou e, com muito esforço, se pôs de pé.

Reiniciou sua caminhada lentamente, voltando a derramar lágrimas no seu caminho. Até encontrar outro irmão caído à beira do caminho, não sabe quanto tempo levou. Mas, ao terminar de curá-lo, perguntou-lhe:

– Meu irmão, você viu um homem totalmente nu passar por aqui?

– Vi sim. Ele estava acompanhado de vários outros que diziam terem sido ajudados por ele. Tentaram me curar, mas como não lhes foi possível, pediram-me perdão e continuaram suas caminhadas naquela direção. – falou o homem, apontando à frente de Simão. – Diziam que a vida está naquela direção, ancião curador!

– Um tolo conduz muitos tolos! – exclamou Simão com a voz triste.

– És um sábio, ancião?

– Um sábio só conduz a si próprio, pois se errar, falhar ou pecar, não levará ninguém consigo para aumentar seu sofrimento na ignorância.

– Que direção sugere que eu siga, sábio dos sábios?

– Para onde ia, meu irmão?

– Na mesma direção que eles foram, ancião.

– E por que não o levaram?

– Acho que é porque, ao não conseguirem me curar, acharam que eu não valia o esforço que despenderiam ao me carregar.

– Um tolo prefere carregar o peso de sua ignorância a auxiliar a salvação de sua própria vida.

– Por que diz isso, ancião?

– Se eles tivessem ficado aqui a meditar sobre como agirem para curá-lo, eu os teria alcançado e os ajudaria a tomarem as direções corretas dos seus caminhos. Logo, ao te deixarem para trás, abandonaram à própria salvação.

Então, que seja feita a vontade do Pai e não a minha. Ajude-me a levantar-me, pois tenho que continuar minha caminhada rumo ao lugar onde existe um ponto de equilíbrio do qual terei uma visão real de Deus.

Quando já estava de pé, falou ao homem ao seu lado:

– Se quiser, siga seu caminho com seus próprios passos, pois são mais rápidos que os meus, e assim não irá atrasar sua caminhada, meu irmão!

– Se minha presença não o incomodar, prefiro caminhar ao seu lado, ainda que tenha que dar passos curtos e lentos.

– Por que quer ir tão devagar se talvez o teu ponto de equilíbrio esteja logo adiante?

– Para que a pressa agora se finalmente deixo de andar atrás da sabedoria e posso caminhar ao lado dela?

Além do mais, quem se adianta à sabedoria ou passa à sua frente, certamente jamais será um sábio.

Depois de muito tempo observando-o, Simão Beir olhou para os seus olhos e, em meio ao seu pranto silencioso, sorriu. Não foi o sorriso dos tolos, que ao fazê-lo gargalham. Não. O seu sorriso foi apenas a exteriorização da satisfação interior que as palavras daquele homem lhe causaram.

E assim Simão conversava muito com o homem ao seu lado até que encontraram outro caído à beira do caminho. Após ajudá-lo a se curar de suas dores, voltaram a trilhá-lo em silêncio, pois a direção a ser seguida pelo recém-curado era contrária à deles.

E assim muitos dos que eles ajudaram seguiram seus caminhos é só uns poucos se juntaram a eles. Mas, a partir de certo ponto, não mais en-

contraram mais seres caídos à beira dos seus caminhos. Então um dos que acompanhava Simão Beir falou:

– Mestre ancião, acho que o pedaço dos nossos caminhos onde havia alguns seres caídos já terminou.

– Também acredito que sim, meu irmão.

– Talvez devêssemos carregá-lo, pois assim apressaríamos nossos passos, sábio ancião! – exclamou outro homem.

– Isso nunca! – exclamou o primeiro que se decidira a acompanhar Simão.

– Por que não, irmão nosso? – perguntou curioso o que havia feito a proposta.

– Eu lhe digo que a sabedoria não é para ser carregada como um fardo que retarda nossa caminhada, pois onde ela está, lá está o limite que não podemos ultrapassar.

Além do mais, só na sabedoria um ser humano encontra tempo para meditar sobre os passos que deve dar e onde deverá colocar seus pés, pois terá tempo de sobra e meios para ver e analisar o solo onde pisa!

Mais uma vez Simão Beir olhou demoradamente para aquele homem e, em meio às lágrimas, seus olhos sorriram. Mas tal como fizera da vez anterior, nada falou. Apenas continuou a caminhar lenta e pesadamente.

À volta dele, as bocas se calaram, e todos ficaram a olhá-lo. Depois de algum tempo em silêncio, Simão pediu:

– Podiam me ajudar a sentar, pois estou muito cansado e dolorido de tanto caminhar.

Dois homens o ajudaram, e o da sua direita lhe falou com sinceridade:

– Por que não pediu para descansar mais vezes, mestre ancião? Nós nunca iríamos imaginar que caminhava continuamente só para não nos reter em nossos caminhos.

– Ora, antes eu sempre parava e descansava enquanto ajudávamos aos caídos.

– Como pode dizer que descansava se o que víamos era o senhor absorvendo chagas, dores, mágoas e angústias, bondoso ancião?

– Só um tolo não consegue descansar quando faz aquilo que faz por causa de sua vontade, meu irmão!

O cantor que sabe cantar não perde a respiração.

O poeta não perde sua inspiração.

O mago não perde sua força.

O rei não perde seu poder.

O amante não perde seu amor, se todos souberem descansar enquanto fazem bem o que suas vontades os induz a fazer.

– Mestre ancião, às vezes usa muitas palavras para dizer as coisas essenciais de suas explicações e noutras vezes usa poucas palavras para

não alongá-las. Mas, agora, em se tratando do descanso, poderia resumi-lo numa só?

– Está bem, meu irmão. Vou fazer isso enquanto descanso, pois ele só é conseguido caso, mesmo que se entregue por inteiro, não deixe seu espírito sem o hálito da vida que provém da inspiração divina que lhe dá forças para, só assim, poder se doar por completo e com amor.

Ao agir assim, falar assim e pensar assim, em verdade estará descansando seu ser imortal, pois estará vibrando segundo as vontades que o torna virtuoso. E, como as vontades são virtuosas, não trazem em si o cansaço, que é uma ausência de virtudes.

Todos ficaram mais uma vez encantados com as palavras de Simão Beir. Então, o que primeiro ficara ao lado de Simão perguntou-lhe:

– Mestre ancião, por que nós caímos à beira do caminho? Ainda que eu saiba que isso ocorreu em função de nossas ignorâncias e não por causa dos nossos conhecimentos!

– Sim, uma razão muito forte ou uma causa maior deve haver para que isso aconteça a alguém que nada mais deseja além de poder ensinar. – falou outro dos homens que o acompanhavam, ao que Simão respondeu:

– A verdade que talvez exista como resposta às vossas indagações eu desconheço. Até me seria possível formular muitas, mas isso não ouso, pois aí eu estaria dando origem a falsas verdades, que certamente originariam outras mais.

– Não seria para que assim jamais perdêssemos a consciência de que somos apenas seres humanos que têm de aprender a partir dos próprios erros, falhas e pecados e assim podermos ensinar melhor, só quem vivencia intensamente uma dor, mágoa ou angústia não a desdenha num semelhante seu e sente vontade de ajudá-lo a superar tais coisas? – falou o homem que primeiro se colocara ao lado de Simão.

Mais uma vez Simão ficou a observá-lo demoradamente sem nada falar. E pela terceira vez seus olhos sorriram em meio às lágrimas que não paravam de derramar. Só então falou:

– Já que estamos falando das coisas que nos conduzem às quedas, por que não falamos das que nos conduzem à elevação?

– Sim, fale das virtudes para nós, sábio ancião que as vivencia. Ainda que esteja com seu espírito imortal vestido com uma veste de chagas, sua razão atormentada pelas dores, mágoas e angústias, a sua vontade de viver é mais forte que a própria morte – falou outro dos homens que o acompanhava.

Então Simão Beir lhes falou tudo o que sabia sobre as virtudes divinas que humanizam um ser humano ao ponto de, até, divinizá-lo, ainda que, ao alcançar tal ponto, um ser assim se torna o mais humanista dos seres.

Quando esgotou seu conhecimento sobre as virtudes, recomendou:

– Meditem em tudo o que falei e, após muito meditarem, tirem suas próprias verdades sobre tudo o que falei. Só assim encontrarão nos muitos caminhos que ainda trilharão a verdadeira virtude que conduz ao Criador, e só assim encontrarão a vontade divina que vos estará induzindo a trilhá-lo.

Só assim um dia poderão chegar a um lugar onde tem um local no qual existe um ponto de equilíbrio do qual terão uma visão real de Deus!

– Ancião... – começou a falar um deles. Mas Simão não o deixou ao recomendar-lhe:

– Meditem meus irmãos. Meditem porque tudo o que acabo de dizer traz em si razões para muitas meditações.

E todos ficaram a meditar em silêncio. Depois de muito tempo, o primeiro que acompanhara Simão falou:

– Mestre ancião, desde que paramos, estou a meditar no que será aquele clarão que vejo logo adiante no lado direito do nosso caminho.

– Onde? – perguntou Simão.

– Lá adiante, logo que ele inicia uma curva!

– Sim, eu também o vejo! – exclamou outro e mais outros dos que ali estavam. Quando todos haviam afirmado que agora o viam claramente, Simão pediu:

– Ajudem-me a me levantar, pois ainda não consigo vê-lo.

– Como não, mestre ancião? Olhe, está cada vez mais claro!

– Pois lhe digo que não consigo vê-lo, meus irmãos.

– Venha, mestre ancião! Vamos até lá para ver que clarão é aquele que ilumina parte dos nossos caminhos até agora envoltos por uma penumbra que seria sufocante caso não contássemos com a luz do seu saber.

E assim Simão caminhou até onde diziam haver um clarão que iluminava parte dos seus caminhos. Quando o viram por completo, todos, menos um, se ajoelharam, oraram e choraram de alegria. Esse um era Simão Beir que continuou a caminhar e já se afastava deles quando o primeiro a acompanhar Simão exclamou:

– Olhem, o mestre ancião está se afastando de nós. Por que será?

Outro gritou:

– Mestre, pare, pois está se distanciando de nós!

E Simão parou. Mas, como era seu hábito, não olhou para trás. Logo todos estavam à sua volta perguntando por que não parara no meio do clarão.

– Eu não o vi, meus irmãos! – exclamou Simão com a voz triste e os olhos inundados de lágrimas que agora pareciam duas bicas a verterem água – E agora não posso retroceder para olhá-lo, pois, para mim, atrás de mim só a morte ficou!

– Mas ele ainda está lá, ancião! – exclamou outro dos homens que o acompanhara – E no centro dele existe um portal dourado que resplandece mil vezes mais intensamente que a mais brilhante das pedras preciosas

conhecidas, a delimitar uma passagem para um lugar todo florido e com árvores repletas de frutos.

– Eu acredito que o Senhor abriu uma porta em vossos caminhos, meus irmãos, pois suas caminhadas chegaram ao fim.

– Mas não podemos deixá-lo continuar sozinho, sábio ancião que até aqui nos conduziu na paz, segurança e conforto de sua sabedoria.

– Por que não, meus irmãos?

– Ora, o senhor é alguém muito especial para que o abandonemos por um jardim florido!

– Pois eu lhes digo que, se sou tudo isso para vocês, então me obedeçam e voltem até ele e orem a Deus pedindo sua divina proteção para entrarem naquele lugar. Orem com fervor e peçam permissão com sabedoria, pois só um tolo adentra num local divinizado sem antes orar e sem dizer sábias palavras.

Vamos, façam isso por mim, meus irmãos!

– Não é certo nós o abandonarmos agora, ancião que traz em si nossas sabedorias, o que o torna parte de nós e nós no senhor por inteiro! Quem falou foi o primeiro deles a acompanhar Simão. E mais uma vez Simão ficou a observá-lo e a sorrir com os olhos vertendo lágrimas abundantemente. Então Simão falou-lhes:

– Isso é uma verdade, meus irmãos!

E assim sendo, onde quer que eu esteja, todos estarão comigo e onde todos vocês estiverem, lá estarei.

Logo, não há mais razões para que me acompanhem, pois certamente há uma razão divina para que esse portal seja visível a vocês e não a mim.

A frase não pronunciada pelo divino Criador é esta, meus irmãos:

"Quem me ver, que a mim venha, pois se a mim virar as costas, de costas para mim estará. E, como eu gosto de ver os homens por meio dos seus olhos humanos, estarão invisíveis para mim."

Após ouvirem isso todos se calaram e, um a um, se despediram respeitosamente de Simão e se dirigiram ao portal dourado. Depois de orarem e pedirem permissão, nele adentraram. E como por encanto, ele se fechou.

Só então Simão Beir deu vazão à sua dor de não ter ido com eles, pois mentira ao dizer-lhes que não o haviam visto.

Sim, ele havia visto, assim como parte do que havia por trás dele. E o pouco que vira lhe mostrara que lá havia uma fonte de água cristalina a correr sobre pedras brancas.

Como ele gostaria de beber um pouco dela para saciar a sua sede que o incomodava desde o momento que desencarnara.

Sim, Simão jamais falava sobre ela com ninguém, pois ela era parte dele, assim como também era ele por inteiro.

A muito custo, recolheu o seu pranto para que assim ele voltasse a ser um choro silencioso.

Depois retomou a sua caminhada lenta mas contínua, regada pelas lágrimas que vertiam novamente em dois filetes.

Mas o que ele não viu foi que, enquanto ele parara, uma poça delas havia se formado e agora duas fontes, parecidas com chafarizes, vertiam grossos filetes de água cristalina, que corriam em sentido contrário ao que ele ia, pois no momento seu caminho era levemente inclinado para o alto.

E Simão caminhou, caminhou e caminhou.

O caminho começou a ficar mais sombrio, e a sede se tornou tão forte que Simão só não se sentia totalmente seco devido às lágrimas que corriam no seu rosto, e ele sabia proverem do mais íntimo do seu ser.

– Pelo menos minhas dores, mágoas e angústias não me deixam secar por completo – pensou Simão. – Acho que é por "isso" que Deus deixa o ser humano se esquecer de que certas coisas não são controladas por nós.

A oratória, podemos interromper. O canto, também é passível de ser calado. Mas a dor não!

Podemos parar de andar ou de comer que também não nos isolamos da nossa dor.

Sim, é isso mesmo.

Uma dor, depois de iniciada, é igual ao ser humano, que nasce, crescem vive e morre.

Logo, é isso que o Pai quer nos mostrar com a dor, pois quase posso "ouvi-Lo" dizer:

– "Ser humano, eu o fiz humano e imortal em espírito, assim como fiz as suas dores, pois são suas companheiras eternas, uma vez que não pode se livrar delas só para que não se julgue forte e poderoso, pois estes, se existirem, não sentem dores, já que não são humanos e portanto não estão sujeitos a ela, pois as dores jamais deixarão de ser "humanas".

Sim, a dor é tão humana quanto os seres humanos!

Deus, ao criar o homem deu-lhe como companheira a dor. E o máximo que o homem pode fazer para não sentir sua dor é adormecê-la.

Mas, com isso feito, torna-se vazio em alguns dos seus sentidos, pois ela tem origem no adormecimento deles.

– Quantas aparências a dor pode assumir?

Será que todas? Pois todos os nossos sentidos são passíveis de tornarem-se enfermos e começarem a sentir dores.

Qual será a dor mais intensa?

Será a do que ama e não é correspondido ou do que sabe e não tem para quem transmitir seus conhecimentos?

Será a do que não tendo o pão para comer vê tanta fartura à sua volta, ou a do que, vendo tantos sábios, não sabe ao menos escrever?

Ou será a do que vê como é tão simples o funcionamento do Universo e não consegue acreditar que foste "Tu" que o gerou?

– Sim, a dor, na verdade, tem a aparência dos seres humanos, pois deles ela é companheira inseparável na sua longa jornada rumo ao fim. E se meu amado discípulo estivesse aqui – Simão referia-se ao que primeiro o acompanhara até o surgimento do portal luminoso iria falar: – "Mestre ancião, por favor, resuma todas as suas falas numa só frase, como só o senhor tão bem sabe fazer!". Então eu diria:

– A dor mais intensa é a daquele que não ama coisa alguma, não sente desejo por coisa nenhuma e não vê como é simples ver Deus em si mesmo!

Ao que certamente ele diria: "Só o senhor mesmo para falar tantas verdades simples para, no final, englobar tudo numa verdade absoluta.

Então eu diria... – e Simão foi interrompido por alguém.

– O que diria, caminhante? – perguntou uma voz feminina no meio das sombras do seu sombrio caminho.

Simão não se intimidou, já que, não só esperava o surgimento de algo anormal como também ansiava por isso, pois, se costumava conversar consigo mesmo, era para iludir um pouco a sede que o incomodava mais quando estava sozinho. Ee respondeu à voz:

– Eu falava comigo mesmo, voz das sombras!

– Mas ainda assim quero saber o que diria, voz que fala para si mesmo! – insistiu a voz feminina e sensual.

– Ora, como cortou o meu monólogo no seu nascedouro, como posso retomá-lo se perdi o rumo dele?

– És um louco?

– Talvez eu seja, pois já estou conversando com as sombras. Ou será que alguém mais, além de um louco, fala com as sombras?

– Acha-me uma sombra?

– Para poder julgá-la como tal, antes eu precisaria ter a certeza de que não és outra coisa além de uma sombra, voz sombria.

– Julga alguma outra voz mais sombria que a voz sensual, ser das sombras?

– A voz da morte não é mais sombria que a sensual?

– Não, pois ela é clara nos seus fins.

– E a voz do ódio então?

– Também não, pois ela é clara nos seus meios.

– E a voz da inveja?

– Não, pois ela é perceptível na sua aparência.

– Então, que tal a voz da ambição, sábio?

– Muito menos essa, pois ela é visível no seu princípio, meio e fim! – exclamou Simão.

– Pois então o que diria seu discípulo sobre tudo o que falamos, sábio?

– Ele me pediria para explicar cada uma dessas respostas dadas às suas perguntas, sensual voz das sombras!

– Então explique-as para mim, sábio atraente.

– Reagindo em acordo com sua voz, então direi: será um prazer explicá-las, sombrio ser sensual!

Então lhe digo que a voz da morte não é mais sombria que a sensual, pois quando ela diz "morrerás", um ser humano na carne simplesmente morre e nada mais acontece além de um curto expirar.

Já a voz do ódio é clara, pois quem odeia traz visível nos seus olhos a sua dor do ódio, que só não vê quem não quer ver.

Já a voz da inveja é perceptível, pois quem a emite oculta seus olhos para não ser vista. Logo, nós sentimos ela, ainda que não possamos olhá-la.

E quanto à voz da ambição, nós a vemos nos olhos de quem é ambicioso e nada tem; nos olhos de quem já tem mas mais ainda quer e também nos olho de quem tudo tem e não se conforma com o que tem.

– Então resuma todas as suas falas numa só frase, sábio ancião! – exclamou, melíflua, a voz sensual.

– Eu resumo, voz da paixão!

Eu lhe digo que a voz sensual é mais mortal que a voz da morte, pois a traz oculta em si mesma um fim, e que é mais perigosa que a voz do ódio, pois traz em si mesma os meios de alcançar seus fins, e que é mais traiçoeira que a voz da inveja, pois traz em si o sensualismo, que tem o poder de neutralizar a percepção e também que é pior que a voz da ambição, pois não tem princípios nem mede os meios para alcançar seus fins.

– Ainda foi muito longa sua fala, sábio envolvente!

– Então vou ser o mais claro e conciso possível sobre você, sensual voz das sombras!

"A voz sensual se mostra ocultando e se oculta mostrando-se." – afirmou Simão Beir inflexível na voz.

– Então estou me mostrando ao permanecer oculta, não?

– Isso, se generalizarmos a minha afirmação, também é uma verdade, pois não preciso ver sua aparência, que está oculta, para saber que é alguém totalmente sensualizada em todos os seus sentidos, voz das sombras.

– E no caso de eu me mostrar a você, hábil sábio? Qual seria a verdade contida nesse meu ato?

– A verdade seria a de que você usaria uma aparência para ocultar suas intenções, contidas na sua voz sensual.

– Se eu fizer isso o que dirá, sábio descobridor?

– Direi que será um tomento para mim despi-la de sua sensualidade, pois ela envolveu todos os seus sentidos e tornou-a por inteira um fim em si mesma, pois não mostra meios de ser vista senão por si mesma.

– Estou apaixonada por você, sábio atraente!

– Acredito que sim, sensual voz das sombras.

– Acredita mesmo?

– Claro que sim, pois qual é a voz que não quer conhecer os mais sábios meios de triunfar no seu fim?

E, como a sensualidade comporta a paixão voluptuosa, certamente já vibras voluptuosamente ao imaginar que irá extrair de mim algum conhecimento para se solidificar no seu meio e alcançar seu fim, que é a si mesma, voz sensual que ainda não saiu das sombras, pois teme o juízo que farei de você ao ocultar-se, mostrando a aparência que usa.

– Minha voz sensual já não indica a minha aparência, sábio das palavras?

– Não, pois a voz é só um meio, e, como tal, não tem aparência própria. Só o que é um princípio pode possuir uma aparência no meio para alcançar um fim.

– E o que tenho ou qual é o meu princípio, sábio original?

– Nada tens, uma vez que os teus princípios negam-lhe quaisquer formas de princípios, pois és um fim em si mesma, sensual voz das sombras!

– Deduzo pelas suas palavras que seu juízo sobre mim já está formado, não?

– Ainda não o formei, mas certamente já o emiti antes de formá-lo.

– E por que age assim, sábio juiz?

– Ora, a partir da ausência de sua aparência, nada posso formar. Apenas me é possível emitir um juízo sobre você.

– Mas, como sinto que não devo mostrar-me, então o mais acertado é eu deixá-lo seguir seu caminho, não?

– Talvez, sensual voz das sombras que habitam o meu caminho!

– Eu não habito o seu caminho, sábio temerário.

– Pois lhe digo que habita – falou Simão inflexível.

– Como pode afirmar isso com tanta certeza, sábio que vê até o oculto?

– Atrás de mim só existe a morte e à minha frente está a vida. Então você está no meu caminho.

– Não o compreendo, sábio dúbio!

– Você não se mostra, mas é uma parte de mim e eu sou você por inteira.

– Fica mais dúbio a cada frase, sábio. Seja mais claro no falar ou se tornará um sábio incompreensível.

– Ora, és parte de mim, pois és em si mesma a sensualidade, e ela em mim existe ainda que esteja adormecida.

Logo, como não comporta as outras partes de mim que são amor, fé, razão, conhecimento, sabedoria e vida, não é mais que uma parte de mim.

Já eu, sou você por inteira devido à minha adormecida sensualidade.

– Não entendi sua última frase, sábio!

– Eu a explico também, sensual voz das sombras!

Se está no meu caminho, é porque traz em si a parte que em mim já não vibra mais, que é a sensualidade, e que, por não vibrar mais, me torna estéril num dos sentidos da vida, que é o sétimo, e que é o sexual.

Logo, como a sensualidade é ausência de vida, então és essa minha ausência na vida. Portanto, como eu a possuo por inteira, sou você por inteira também.

Então lhe afirmo que está no meu caminho, sensual voz nas sombras que habita na ausência da luz no meu caminho, pois, se nele houvesse luz, não haveria sombras para ocultar-se.

– Sua sabedoria é perigosa, sábio!

– Toda sabedoria é perigosa para os que habitam nas sombras, sensual voz delas.

– Quem mais além de mim habita nas sombras, sábio clarividente?

– Todos os que trazem em si as ausências de virtudes habitam parcialmente nas sombras. Mas os que, tal como você, já são um fim em si mesmo estes habitam totalmente nas sombras.

– Então está dizendo que nada ou ninguém pode ser um fim em si mesmo?

– Estou – afirmou Simão, categórico.

– Explique o porquê de tão sólida crença nisso, sábio impenetrável!

– Além do Criador, nada mais é um fim em si mesmo, voz das sombras. E, afora Ele, tudo mais é só um meio e nada mais.

– Está dizendo que o próprio ser humano é apenas um meio?

– Sim.

– Está blasfemando, sábio tolo!

– Não estou não, voz das sombras.

Deus criou os seres humanos só para que, por meio deles, pudesse ser, em parte, visto por Si mesmo ao ser refletido neles por meio do virtuosismo deles.

Logo, o ser humano é parte de um meio do Senhor e só deixará de ser um meio se refletir em todos os seus sentidos a sua origem, que é divina, pois quem se virtualizar em todos eles, estará refletindo Deus em todos os seus sentidos, e com isso terá se divinizado.

Portanto, terá se tornado um fim, não em si mesmo mas em Deus, que é sua origem.

– Mas diga-me o porquê de alguém como você trilhar um caminho tão sombrio como esse.

– Por que muda constantemente o tema das suas indagações, sensual voz das sombras?

– Você não sabe?

– Sim, eu sei.

– Então por que me pergunta?

– Ora, eu sou só um meio e você já é um fim. Logo, é melhor ouvir a explicação do fim que a do meio.

– Por que acha que a explicação do fim é melhor que a do meio?

– É porque a explicação do meio não traz o fim, mas a do fim traz o princípio do meio.

– Por que a minha explicação traz o que você afirma?

– Ora, se o fim traz em si mesmo o princípio e o meio, a sua explicação também os trará e será melhor que a minha.

Como o silêncio se fez, Simão tornou a perguntar:

– Por que muda constantemente o tema das suas indagações, sensual voz das sombras?

– Ora, sábio! Será que minha explicação será mesmo melhor que a sua?

– Acredito que sim, voz das sombras.

– Se eu responder à sua pergunta, estarei dando um fim a mim mesmo, sábio envolvente!

– Já respondeste, trêmula voz das sombras!

– Mas eu não falei nada, sábio intimidador.

– Falou sim, pois, mesmo nada dizendo, tudo explicou.

– Ainda não o compreendo, sábio de difícil compreensão.

– Então eu lhe explico sua não resposta.

Mudas o tema para não se deixar dominar pelas minhas palavras, pois elas são luz, e como tal, te enfraquecem.

E, se em mim a sensualidade não vibra, se eu envolvê-la, certamente deixará de ser um fim em si mesma ao ser envolvida por mim.

– Está certo, sábio. É isso mesmo. Mas diga-me o porquê de alguém como você trilhar um caminho como esse.

– Eu estou trilhando o caminho que me levará a um lugar onde existe um local que tem um ponto de equilíbrio do qual terei uma visão real do Criador, sensual voz das sombras.

– Mas então és só alguém em busca do impossível, sábio tolo!

– Não estou em busca do impossível, descrente voz das sombras.

– Como não, se disseste que os seres humanos são só um meio, e, como tal, não podem ver o princípio que o gerou?

– Ora, voz das sombras! Jamais poderemos vê-lo como imaginas que eu queira vê-lo. Mas com certeza poderemos vê-Lo refletido nos olhos de quem O possuir por inteiro e em todos os sentidos.

– Como então você conseguirá isso, sábio visionário?

– Chegando ao lugar que possui um local onde existe um ponto de equilíbrio, do qual tão bela visão será possível a um ser humano.

– Ainda acho isso impossível, sábio sonhador!

– Mas não é bom sonhar um pouco em meio aos tormentos, voz das sombras?

– As sombras não sonham, sábio delirante.

– Sonham sim, sensual voz das sombras. Ou o que você gostaria de encontrar em mim não é um sonho?

– Eu gostaria de sentir prazer contigo, sábio.

– Acredito que sim, sonhadora voz das sombras. Mas o prazer que posso oferecer-lhe não está ligado ao sétimo sentido da vida, que é o sexual, pois em mim ele está adormecido.

Mas, caso queira alcançar satisfações tão gratificantes quanto n'Ele conseguiria, então saia das sombras e se faça visível, que terei muito prazer em iniciá-la no caminho que conduz a essas satisfações.

– Duvido que consiga, sábio pouco convincente.

– Por que não tenta?

– Acho que não. E também acredito que o melhor a fazer é deixá-lo seguir seu caminho em paz.

– Mas você é parte do meu caminho, voz das sombras. Como posso trilhá-lo em paz se deixo uma voz insatisfeita atrás de mim?

– Isso é problema seu, sábio. Quanto a mim, volto ao silêncio das sombras, onde posso sentir a mim mesma por inteira e em todos os sentidos.

– Já não conseguirá isso facilmente, solitária voz das sombras.

– Por que não?

– Minha presença não lhe permitirá isso. Além do mais, sua sede é maior que a minha e isso me torna parte de sua sede, e sua sede já se tornou eu por inteiro.

– Você também sente sede, sábio?

– Sim.

– Tem explicações para ela?

– Sim.

– Qual é?

– Ela se origina no meu desejo de me aproximar de Deus.

– Mas a minha se origina no meu desejo de me aproximar dos homens, sábio!

– Mas então só existe uma diferença entre nós dois, voz das sombras!

– Qual, sábio que não quer me deixar em paz?

– Você pulsa um desejo pela criação sem desejar ver o Criador. Já eu, desejo a criação para assim poder ver o Criador. Tudo se resume ao alcance dos nossos desejos, não?

– Acho que sim, sábio. Eu só encontro satisfação nos homens e você só encontra satisfação em Deus, não?

– Não é bem assim, pois também encontro satisfação nos homens quando posso ver por meio deles parte do Criador, pois nos homens não é possível vê-lo por inteiro.

– Por que isso não é possível?

– Ora, como pode uma parte do todo vê-Lo em outra de suas partes?

– Mas não disseste há pouco que é possível vê-Lo em quem pulsá-Lo por inteiro e em todos os sentidos?

– Sim, eu disse.

– Então como ficamos agora?

– Bem, jamais o homem conseguirá mostrá-Lo em si por meio de todos os seus sentidos, pois se conseguir isso já não será um homem e sim um Anjo da Luz divina.

– E por que tem de ser assim?

– Ora, o ser humano tem em si os sentidos divinos, os quais traz em si desde sua origem, mas também tem os seus sentidos humanos que o sustenta no meio. São esses sentidos que o impedem de refletir o Criador em todos os seus sentidos, voz das sombras.

– Bem, acho que não adianta muito eu continuar a falar contigo, pois tu primeiro lanças as sementes para logo adiante esterilizá-la, sábio estéril.

– Por falar em esterilizar...

– Sim?

– Foram muitos os que você já tornou estéreis?

– Sim.

– E o que são agora?

– Nada.

– Se para você são nada, então dê eles para mim.

– Por que acha que eu iria dá-los a você?

– Ora, iria dar-me nada.

– A troco de que eu iria dar-lhe nada?

– Pelo prazer de estar se livrando do nada que possui, pois quanto mais nadas tiver contigo, mais nadas terá para si. E muito infeliz é aquele que só possui muitos nadas.

– Mas ainda assim são meus.

– Mas não são por inteiros, pois partes deles pertencem a outros.

– E o que daria em troca dessas partes, sábio negociador?

– Tudo o que essas partes contiverem, interesseira voz das sombras!

– Negócio fechado, sábio parceiro!

– Ótimo. Agora vou fincar meu cajado neste ponto do meu caminho para poder adentrar nos teus domínios, sensual voz das sombras!

– Melhor seria se tivesse outro tipo de cajado para fincar em alguma parte do meu todo, sábio que se apoia num cajado alheio! – falou, gargalhando sensualmente, a voz das sombras.

Simão entendeu a insinuação, mas como era seu hábito, não pensou nada a respeito, pois sabia que seria ouvido por ela. E como já havia conseguido um meio de adentrar nos domínios das sombras, o melhor era primeiro ver o que havia nele. Mas ainda assim respondeu:

– Talvez quando eu recuperar uma parte sua, algo nesse sentido eu possa oferecer-lhe, sensual voz das sombras!

– Espero que sim, sábio intrigante! – exclamou a voz.

– Por que espera isso?

– Ora, jamais encontrei um homem, sábio ou ignorante, que me prendesse a atenção, pois sempre fui eu quem os aprisionei. E de alguma forma você me aprisionou, não?

– Eu não a aprisionei. Apenas lhe digo que você é parte de mim, e eu sou você por inteira.

– Já está novamente com tuas frases de difícil compreensão, sábio confundidor!

– No tempo certo você dirá: "Você é parte de mim, e eu sou você por inteiro, sábio da luz do saber!

– Acredita nisso?

– Deixe-me dar-lhe as partes dos seus nadas que não lhe pertencem, sensual voz das sombras. Depois veremos o que dirá, certo?

– Certo, sábio promissor!

Então Simão Beir cravou seu cajado no solo e pediu:

– Por favor, sensual voz das sombras, venha até mim e me ajude a caminhar, pois sem meu cajado isso me é impossível.

– Farei melhor, sábio ancião. Vou enviar-lhe duas vozes das sombras para ampará-lo até que cumpra sua parte no nosso acordo. Está bem assim?

– Que seja feita sua vontade, temerosa voz das sombras.

– Por que me chama de temerosa, sábio ancião?

– Creio que você sabe melhor que eu a resposta, voz das sombras que teme se apaixonar por mim!

– Já perdi meu interesse por você ao saber que por dentro dessas vestes que o ocultam só existe um ancião.

– No devido tempo estará tão apaixonada por muitos dos meus sentidos que nem se importará com minha aparência, desiludida voz das sombras!

– Acredita mesmo nisso, ancião sábio?

– Se assim não fosse, aqui eu não estaria, descrente voz das sombras.

– Veremos, ancião senil.

– Sim, isso veremos, sensualidade mortal!

– Ei-las, ancião! Elas o ampararão enquanto estiver nos meus domínios dos nadas.

– Eu lhe agradeço, generosa voz das sombras.

E, num piscar de olhos, das sombras saíram duas aparências femininas que extasiariam os olhos de qualquer um. Mas em Simão Beir só despertaram um longo olhar de perscrutação.

Ele já havia aprendido a olhar além da aparência, e o que via por trás das delas deixaria qualquer ser humano arrepiado de medo. Mas, como nada falou e muito menos pensou, a voz das sombras perguntou-lhe:

– O que acha das muletas que lhe enviei, ancião sábio?

– São muletas encantadoras, generosa voz das sombras!

Elas são as mais belas que existem nos seus domínios?

– Isso deixo para você julgar, pois, de agora em diante, verá milhares iguais ou parecidas com elas diante desses teus olhos cansados, ancião sábio.

E talvez isso seja bom, pois irá alegrá-lo com as sensuais visões delas. Só não permita que a beleza delas o ofusque, pois temos um trato a ser cumprido. A minha parte nele já foi cumprida ao abrir meus domínios do nada para você. Certo?

– Certíssimo, tratável voz das sombras!

– Sinto que deseja me conquistar, indesejável ancião tolo.

– Concordo, atraente voz das sombras. Mas, por que você ao menos não se mostra para mim?

– Não sabe por quê?

– Saber eu sei, mas gostaria de ouvir de você que é mestra na arte de despertar o interesse de alguém.

– Então vá se divertindo com as ninfas que lhe enviei com as quais, em mais um gesto de generosidade, o presenteio.

– Quer dizer que agora são minhas?

– Isso mesmo. Divirta-se, ancião que desconhece os prazeres dos sentidos sexuais!

– Mas isso...

– Não adianta mais tentar envolvê-la, ancião – atalhou umas das ninfas. – Ela já se foi e não o ouvirá.

– Por que não?

– Ela foi alimentar-se com as energias humanas dos que se aprisionaram nos domínios dela e também foi saciar sua insaciável sede com a água que verte da pedra que chora.

– Pedra que chora? Expliquem-me isso, ninfas.

– Pelo que sabemos, é uma pedra que ouviu tantos lamentos que, de tanto ouvi-los, começou a chorar e nunca mais cessou o seu pranto silencioso. Dizem que nesse mesmo lugar, mas no plano terrestre, havia um povo que tinha como rainha essa que você chama de sensual voz das sombras, e que só matava sua sede com lágrimas.

Por isso, nessa pedra, pessoas eram torturados com tal crueldade que derramavam enormes quantidade de lágrimas, que eram colhidas numa taça e servidas a ela quando sentia sede.

Simão meditou sobre o que acabara de saber e seus olhos adquiriram um brilho intenso, ainda que fugaz. Então pediu:

– Ajudem-me a me sentar, pois conversar em pé, para mim, é muito cansativo, ninfas!

– Não prefere deitar e deixar que nos cuidemos de você, ancião?

– Não, pois quem precisa de cuidados são vocês. E, como serão minhas muletas, é melhor que eu realize um polimento em vocês, antes de me servir de vosso amparo.

– Verdade! – exclamaram as duas ao mesmo tempo, acariciando voluptuosamente seus sensuais corpos espirituais.

– Bom, acho que terão vossa primeira decepção ao descobrirem qual o meio que usarei para poli-las, ninfas!

E após se acomodar na sua posição preferida para o diálogo, Simão finalmente afastou o capuz que ocultava parcialmente o seu rosto. As duas ninfas então exclamaram.

– Que maravilha! Seus olhos vertem continuamente mais lágrimas que a pedra que chora, ancião.

–Vocês também acreditam que lágrimas humanas tornam um ser humano imortal?

– Aprendemos isso com ela, e olhe como somos belas nas nossas formas femininas!

– Acreditam que seja devido às lágrimas dos que as vertem na dor que as deixam assim, tão tentadoras aos olhos incautos?

– Sim – responderam em uníssono as duas ninfas.

– Bem, creio que minha permanência nos domínios das sensuais vozes das sombras será muito longo.

– Deixe-nos bebermos suas lágrimas e jamais desejará sair dos nossos domínios, ancião tentador.

– Fico a imaginar o que não fariam para beberem das lágrimas que meus olhos vertem, ninfas.

– Nós faremos tudo que for do seu agrado, fonte de vida!

– É por isso mesmo que fico a imaginar o que não fariam, ninfas. É por isso mesmo!

– Diga o que deseja que façamos e o satisfaremos, fonte de vida.

– Está certo. Vou pedir. Mas, depois de terem me atendido, duvido que queiram beber ao menos uma gota de lágrimas humanas, ninfas.

– Duvida do poder das lágrimas, fonte delas?

– Vou dizer só uma coisa antes de começar a transformá-las em fontes de vida, minhas ninfas.

Essa lenda que vossa líder alimentou com o sofrimento humano é só uma deturpação do sentimento de dor no ser humano, pois a verdade por trás dela é que, se as lágrimas imortalizam alguém, não é por elas próprias, mas sim pelas causas que as provocam.

Saibam que um ser humano vai se tornando insensível à medida que vai se assoberbando e ficando orgulhoso. Então ele se torna tão insensível às dificuldades intrínsecas à sua espécie que se desumaniza por inteiro, em todos os sentidos. E, quando isso acontece, a lei o colhe num emaranhado de sofrimentos tão torturante que ele tem a casca grossa de sua insensibilidade rompida com tamanha violência, que todo o seu ser imortal vibra descontroladamente e o lança no desespero.

Com isso, as lágrimas contidas ou não derramadas, explodem nos seus olhos por meio do pranto de remorsos, dores não sentidas ou mágoas não reveladas que conseguem transformar um ser já morto, pois se desumanizara com sua insensibilidade, num ser humano vivo, que se torna consciente de suas fraquezas humanas.

É daí que se originou essa lenda profana que tem atormentado vocês, minhas ninfas!

Um ser já morto para a vida, nela se imortaliza se chorar suas dores, remorsos e angústias, que são oriundos de seus erros, falhas e pecados aos olhos do Pai, assim como aos olhos dos homens.

Compreenderam isso, minhas mortais ninfas?

– Chama-nos de mortais, ancião?

– Antes me digam: compreenderam o que eu disse?

– Sim.

– Ótimo. Então realmente são mortais, pois, após se verem refletidas nos meus olhos, não mais ninfas serão.

Agora, já que tanto anseiam por minhas lágrimas, olhem nos meus olhos e comecem a beber as lágrimas que nunca deixaram de ser suas.

E Simão fixou sua visão nos olhos delas; primeiro lhes mostrou a suas formas reais, existentes por trás de suas aparências sensuais. O choque que sentiram quando viram como realmente eram as alterou por completo. Suas vibrações de sensualidade cessaram e ficaram a olhar, trêmulas, nos olhos de Simão Beir. Este então falou:

– Agora que já têm a noção correta de vossas deformações, vejam a origem da viciação dos sentidos, contidos no seu sétimo sentido da vida, que é o sexual, pois foi a partir da viciação deles que vocês morreram para os seus outros sentidos da vida, que são o amor, a fé, a lei, a razão, o conhecimento, a sabedoria e a própria vida.

E sem piscar os olhos, Simão Beir, tal como consigo fizera o Anjo da Morte, mostrou-lhes a origem de suas viciações no sétimo sentido da vida. E, num contínuo interminável para elas, ele as conduziu pelos atalhos que as haviam levado àquele lugar.

Então falou-lhes:

– Agora já têm uma visão clara e real dos seus erros, falhas e pecados aos olhos de Deus, assim como aos olhos dos homens. Olhem para si próprias e vejam como são realmente, minhas filhas. Vejam o resultado final da deturpação dos vossos sentidos virtuosos, assim como de vossos sentidos humanos.

Vejam nos seus corpos espirituais todas as vossas falhas, erros e pecados!

Elas olharam para si próprias e um grito de agonia brotou dos seus peitos. Um grito lancinante, que ecoou no vazio das sombras.

Como um grito sempre traz consigo as sensações e emoções de quem o emitiu, um agonizante pranto aflorou nos rostos delas. Eram, finalmente, duas humanas renascendo por meio do pranto dolorido dos que vivem, ainda que nas dores, mágoas e angústias originadas dos seus erros, falhas e pecados.

O que elas viram por meio dos olhos de Simão Beir?

Bem, relacionar tudo seria repetir quase todas as falhas, erros e pecados tão desumanamente humanos dos seres humanos.

Mas elas tiveram, por meio dos olhos dele, uma visão real das mortes em que haviam se transformados.

E só quem tem uma visão real da morte ressuscita para a vida num piscar de olhos.

– Eu sinto nojo de mim mesma! – gritou uma delas, tentando se limpar com mãos esquálidas.

– Eu me odeio! – gritou a outra, tentando arrancar seus outrora sensuais seios e órgão genital.

O que Simão dissera, agora estava acontecendo com elas, pois estavam envolvidas no emaranhado de erros, falhas e pecados que haviam cometido contra si próprias, a seus semelhantes e ao Criador.

Vendo-as tão desesperadas, Simão puxou-as para junto de si e se pôs a acariciar suas cabeças. Depois de certo tempo, elas foram se acalmando de tal forma que adormeceram em seus braços. Ele as deixou dormirem por muito tempo. E, quando as despertou, foi ao som de uma prece.

Ao abrirem os olhos e vê-lo, ambas recomeçaram a chorar, mas de modo mais contido. Então Simão Beir voltou a conversar com elas.

– Passem suas mãos em suas faces, minhas filhas. Molhem as mãos nas vossas lágrimas!

Elas o obedeceram e ficaram com os dedos esquálidos molhados.

– Bebam um pouco delas, pois agora vocês também têm vossas fontes de vida, minhas filhas.

– Eu nunca mais farei tal coisa, poderoso ancião – disse uma delas, sendo apoiada pela outra com um movimento de cabeça.

– Eu insisto. Provem o sabor real que as lágrimas de dor têm, minhas filhas.

Elas o obedeceram e levaram os dedos molhados de lágrimas aos seus ressequidos lábios e os contraíram quando as lágrimas os molharam.

– Qual o sabor de vossas lágrimas, filhas minhas?

– É amargo e salgado, poderoso ancião! – disseram elas.

– Então já recuperaram alguns dos vossos sentidos, tanto humanos quanto virtuosos, pois só alguém que esteja ressuscitando de sua própria morte consegue sentir o sabor de suas dores. E, de agora em diante, tanto recuperarão que em breve vocês não se reconhecerão, minhas filhas.

– Por que estamos desse jeito, ancião que tem uma voz doce?

– Bem, vou lhes falar sobre as leis da criação e de como elas agem nas criaturas que as desafiam, pois, em verdade, estão desafiando o Criador.

Depois lhes falarei como o desequilíbrio vibratório, energético, magnético e colorido altera a forma humana de um ser submetido a ele, filhas minhas!

Também lhes falarei das vontades Divinas, que são anteriores e superiores às dos seres humanos, para que então eu possa lhes falar de como haverão de alcançar vossas regenerações formais e aparentes.

As formais se processa aos olhos de Deus e as aparentes, aos olhos humanos.

E Simão Beir lhes falou tudo isso e muito mais, pois cada frase sua despertava uma pergunta ou um pedido de esclarecimento, que pacientemente eram atendidos.

Quando achou que já havia falado o bastante, pediu que elas meditassem sobre o que haviam ouvido e aprendido, pois só assim uma meditação é boa e útil ao mesmo tempo.

Elas não podiam ouvir seus pensamentos, mas ele ouvia claramente os delas. E quando achou que haviam aprendido e compreendido, falou-lhes:

– É hora de adentrarmos nos domínios das sombras, filhas minhas! Ajudem-me a me levantar, pois muitos haverão de ressuscitar do nada em que se transformaram por vontade própria.

– Não conseguimos nos mover, ancião! – exclamaram aflitas. – Não temos forças nem para carregarmos nossos próprios corpos deformados. Por que isso?

– Está certo. Vou ensinar-lhes uma coisa que os seres humanos desconhecem, minhas filhas.

Saibam que os seres, quando ainda não eram humanos, só possuíam uma força. Essa é a força mental pois se origina na semente virtual original. Logo, essa força é de ordem divina.

Mas como nada é imóvel ou imutável aos olhos do Senhor, então ele direcionou esses espíritos, de natureza mental, pois se originaram da mente Criadora do divino Criador, para uma evolução também física. E dotou esses mesmos seres com um código genético divino que permite a evolução corpórea nos seres mentais. Essa evolução se processa em dois sentidos.

O inicial é de ordem espiritual, pois permite o desdobramento de parte dessa codificação, dando assim a aparência de um "corpo" humano ao ser ainda mental.

Essa é a parte da evolução chamada de dual, já que um dualismo se estabelece nos seres originais submetidos a ele, pois trazem em si sua origem mental, mas têm também um corpo espiritual. E, se antes se moviam mentalmente, agora esse deslocamento já não é conseguido tão facilmente, porque a força mental precisa ser superior e mais forte que a que está se acumulando no corpo energético ou corpo espiritual.

Então os movimentos e deslocamentos se tornam mais lentos, pois são duas energias que, em razão da origem de cada uma, se anulam.

Mas, como o Pai dotou tais seres de uma energia que chamamos de vontade, ele vai aprendendo a se equilibrar nelas e a equilibrá-las em si.

Então tem início o ciclo em que a evolução se processa ora na carne ora só em espírito, pois o ser está se humanizando por inteiro, em todos os sentidos.

E chega um tempo em que esse equilíbrio também é alcançado na carne. Esse tempo é quando um ser tem domínio sobre suas vontades humanas e as direciona na direção em que bem desejar.

Se a direção tomada é virtuosa, o acúmulo de energia se concentra principalmente no mental e o corpo energético se rarifica, adquirindo assim uma luminosidade própria a irradia-se a partir do corpo espiritual, viva tal ser na carne ou só em espírito. Seu magnetismo humano torna-se magnetismo mental, pois está concentrado na sua cabeça, que no todo espiritual é onde se localiza o mental humano.

Mas, se a direção seguida é a viciada, esse acúmulo não é mental, e sim sensorial. São os órgãos dos sentidos que os acumulam. Com isso enfraquecem o magnetismo mental e fortalecem o magnetismo sensorial.

Esses acúmulos se formam nos órgãos humanos, sejam no corpo energético ou no espírito-carnal desdobrados nos seres originais para que tenham condições de se moverem num meio dual, pois contém em si tanto energias mentais quanto físico-espirituais, que são energias humanas.

Assim como existe as energias ígnea, eólica, telúrica e aquática, esse meio tem a energia humana, que é uma mistura delas, dando origem a uma que contém na sua origem as quatro que citei.

A força, como os encarnados dizem, é só a capacidade tanto do corpo carnal quanto do espiritual em assimilar essas energias elementais e armazená-las no todo espírito-carne.

Ao desencarnar, um ser humano tem um acúmulo muito grande dessas energias, tanto no seu mental quanto no seu corpo espiritual.

Agora, se for um viciado na carne, em espírito terá que dominá-las mentalmente, senão elas o subjugarão, pois vibrarão intensamente nos órgãos espirituais e não deixarão em paz quem as possuir em grande quantidade e localizadas nos órgãos dos sentidos.

Daí temos espíritos que são atormentados por seus órgãos sensoriais, tais como os genitais, estomacais, auditivos, etc.

Só quando sofrem uma descarga energética violenta ou intensa, ficam livres do incômodo delas, que são substituídas por outras que alteram completamente as direções ou caminhos espirituais trilhados por cada um sob o domínio delas.

E, enquanto isso não acontecer, elas irão dominando por inteiro e em todos os sentidos quem as tiver em algum órgão espiritual.

Mas como um espírito já não as produz, pois não tem um corpo carnal para absorver energias de origem material (água, ar, terra e fogo), muitos se tornam sugadores das energias localizadas nos seus órgãos sensoriais.

Esse acúmulo o deforma. Mas o esgotamento dele também deforma o corpo espiritual. Essa deformação vocês podem ver em si próprias, não?

– Sim, senhor – responderam elas.

– Pois bem, então é hora de ressuscitarem suas fontes geradoras de energias mentais, que não dependem de outro meio que não a vontade de cada um.

Vossas vontades abrirão o canal de captação de energias mentais e então vossas mentes pensantes serão as alimentadoras de vossos corpos espirituais que readquirirão movimentos, pois a mente é superior ao corpo. Ela é anterior a ele e foi gerada num meio divino, que não era humano.

Logo, suas mentes darão forças para moverem seus corpos, assim como até a pouco o inverso era vivenciado intensamente por vocês duas, que deixaram elas serem subjugadas pelos sentidos viciados do vosso sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Vocês vibravam o sexo em todos os vossos sentidos e todos os vossos sentidos vibravam sexo.

Com isso, vossas mentes sensualizadas distribuíam o acúmulo de energias em vossos corpos espirituais e dava a eles aparências sensuais.

Mas, em verdade, não possuíam nada mais que uma aparência plasmada a partir da própria deformação a que seus sentidos haviam sido submetidos pelo excessivo acúmulo de energias viciadas acumuladas no órgão sensorial (corpóreo) do vosso sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Tal acúmulo, que havia subjugado o vosso mental, dava-lhes aparências voluptuosas, sensuais, lúbricas e extasiantes a quem não pode ver nada além das aparências.

Então é hora de despertarem vossa força mental por meio de vossas vontades sobre-humanas, pois são superiores ou mentais! – exclamou Simão, com um sorrido de incentivo nos lábios. E, num esforço sobre-humano, se pôs de pé.

– Agora é vossa vez, minhas filhas! Dêem-me vossas mãos e se levantem, pois essa vossa esqualidez é só a ausência de energias humanas positivas no vosso corpo espiritual.

Como elas encontravam dificuldade para se levantarem, ele fixou sua visão nos olhos de uma e irradiou-lhe ânimo, auxiliando-a a começar a se mover. O mesmo fez com a outra e logo foi compensado com um arremedo de sorriso nas suas faces esquálidas.

Então Simão abraçou uma delas e orou por ela, que, num esforço sobre-humano, havia se levantado diante dos seus divinos olhos. Ondas intensas de energias virtuosas saíam dele e as irradiava por inteiro em todos os sentidos. E, como se fosse por encanto, ela readquiriu uma aparência belíssima que substituiu sua forma anterior. Simão, quando abriu seus lacrimosos olhos e a viu tão bela quanto havia sido quando vivera no corpo carnal, não deixou de proferir uma exclamação agradecida ao Criador:

– Nossa, só mesmo o senhor pode fazer isso por um ser humano que ousa ter forças para se levantar diante dos seus olhos divinos!

E um pranto de agradecimento e surpresa brotou dos lábios da jovem à sua frente. E não chorava menos a outra que assistira incrédula o que acontecera diante dos seus olhos. Então Simão voltou-se para ela e também a envolveu num abraço e mais uma vez orou, alcançando para ela a mesma graça divina.

Depois de algum tempo, Simão as fez parar de chorar de alegria e pediu-lhe:

– Ajudem-me a despir minhas pesadas vestes, minhas filhas!

– Mas elas parecem tão leves, amoroso pai que nunca tivemos – falou uma delas, que nominaremos aqui de Ana, para melhor identificá-la nos acontecimentos que se desenrolarão mais adiante.

– Pois então façam o que vos peço e verão por que elas são tão pesadas para meu corpo espiritual, filhas minhas!

Elas primeiro lhe tiraram o manto. Depois desamarraram a tira que prendia sua bata longa e então a retiraram.

Gritos de espanto e horror foram emitidos por elas ao verem todo o corpo espiritual dele em chagas vivas sobre mais chagas.

– Por que traz tantas chagas, dolorido pai? – perguntou a que nominaremos de Maria, para melhor a identificarmos no decorrer dos diálogos.

– Elas são parte de mim, minha filha.

– E por que só seus pés, mãos e cabeça não as têm, angustiado pai? – perguntou Ana.

– Deus preservou meus pés para eu poder caminhar até um lugar onde existe um local que tem um ponto de equilíbrio do qual terei uma visão real d'Ele.

Quanto às minhas mãos, foram preservadas para que eu possa ir recolhendo minhas partes caídas à beira do meu caminho. E a cabeça é para que eu não perca o sentido do meu caminho.

Agora que já viram o que precisavam ver, vistam-me com minha pesada veste, minhas filhas, pois já sabem o que irão amparar.

– Na aparência, já sabemos que iremos amparar um ser humano velhíssimo, com todo o seu corpo espiritual coberto por chagas que, só de vê-las, sentimos parte de sua dor. E quanto à forma contida por trás desse aparência, qual é ela, dolorido ancião?

– É essa mesma, minhas filhas. Não tenho e não terei outra até o momento em que alcançarei o meu ponto de equilíbrio.

– Não estará cobrindo seu corpo espiritual com uma aparência dolorida só para melhor ocultar sua forma real, querido ancião?

– Não, Ana! Esse corpo espiritual está assim, pois ele reflete minhas vontades e meus vícios humanos adquiridos na carne.

– Então o senhor também errou, falhou e pecou aos olhos do Senhor? – indagou Ana.

– Não só aos olhos d'Ele, filha minha!

Sim, não foi só aos olhos d'Ele! – repetiu Simão Beir.

– Quem, afinal, é o senhor, ancião?

– Eu sou uma forma viva da morte e uma aparência morta da vida.

– Isso é um enigma, ancião – afirmou Maria.

– Eu também sou um enigma e não consigo me decifrar, Maria!

– Confunde-me, ancião enigmático! – exclamou Maria.

– Bem, deixemos de falar sobre mim e vamos adentrar nos domínios das sombras. Saibam que dele só sairemos quando tivermos iluminado as sombras e nada dos nadas deles tiver restado.

– Chora como se pranteasse a dor da humanidade! Olha como se observasse toda a humanidade. Mas fala como se quisesse transformar toda a humanidade, ser incógnito – falou Ana.

– Isso não está longe do que sinto, mas muito distante de mim está o meio que salvará a humanidade, minha filha.

– Que meio é esse, ancião paternal? – perguntou Maria.

– Esse meio é um meio divino, que se se tornasse humano, humanizaria os seres humanos. Mas de mim ele está muito distante, pois está por inteiro em Deus.

– Como é esse meio, sábio ancião? Era Ana quem perguntava.

– É um meio todo virtuoso, minha filha. Sim, só não sendo humano, esse meio humanizará o meio humano, pois não traz em si as viciações dos corpos, que desvirtua a quem os possui.

Mas, apressemo-nos, pois sinto a presença de muitas sombras à nossa espera Simão – Beir puxou o capuz por sobre seu rosto antes de pedir:

– Levem-me até a pedra que chora, minhas filhas.

– Por que quer vê-la primeiro, ancião?

– Antes de ver muitos olhos que já derramaram muitas lágrimas nesse lugar, quero ver o lugar que derrama muitas lágrimas de olhos que nunca deixaram de derramá-las.

– Mais um enigma, ancião?

– Sim, minha filha Ana!

– E qual é a explicação desse enigma, ancião?

– Só após olhar nos muitos olhos dele poderei decifrá-lo, Maria!

– Veja, lá está a pedra que chora, ancião enigmático! – exclamou Ana.

Simão caminhou até ela sem desviar dela os seus olhos. Quanto mais se aproximava, mais contraía os olhos, pois o que via o impressionava. Quando finalmente ficou a poucos passos, caiu de joelhos e começou a chorar profusamente. Seus olhos vertiam dois grossos filetes de lágrimas, formando à sua frente uma poça, que não parava de aumentar, e que começou a correr por um desnível do solo estéril onde ele se ajoelhara.

Imediatamente muitas sombras sensuais saíram da escuridão e se puseram a beber delas, como se a salvação de suas vidas estivessem nelas.

Ele, ao ver a imensidão de sombras sensuais, chorou mais ainda e mais lágrimas derramou. Tantas ali derramou que um leito delas se formou pelo longo desnível do solo. Ao longo desse leito de lágrimas, muitas sombras se curvavam e começavam a bebê-las.

Ana e Maria assistam àquilo com os olhos também inundados de lágrimas.

Depois de muito tempo, Simão Beir conseguiu reequilibrar-se e, controlando o seu choro, falou:

– Vejam como espíritos humanos estéreis tentam fecundar-se saciando suas sedes nas lágrimas de dor que meus doloridos olhos derramam, minhas filhas!

– Por que elas não sentem o amargor e a salinidade de suas lágrimas, como nós sentimos, ancião?

– Elas ainda não sentiram o amargor e a salinidade de seus erros, falhas e pecados, minha filha. É só por isso que isso elas não sentem.

– Veja como parecem saciar suas sedes, ancião! Suas lágrimas de dor matam a sede delas.

– Sim, estou vendo isso com alegria nos olhos, minha filha.

– Por que isso acontece, ancião?

– Creio que elas, que estavam insensíveis à dor, de agora em diante serão muito sensíveis a elas, pois estão bebendo lágrimas vivas de vívidas dores.

– Acho que todas as que habitam nessas sombras estão visíveis aos seus olhos, ancião – falou Ana.

– Além do mais, o senhor já não derrama lágrimas em profusão e, ainda assim, daquela poça elas continuam a correr, como se tivesse se formado uma fonte onde o senhor derramou suas lágrimas de dor – falou Maria.

– Sim, isso também estou vendo claramente, pois meus olhos deixaram de derramar lágrimas. O Criador tirou de mim uma fonte de lágrimas de dores e a depositou nesse solo estéril do prazer histérico, para primeiro saciar a sede dos que estão ausentes n'Ele para, só depois de saciá-los, neles se fazer presente!

– Como isso será possível, ancião que sabe coisas que só um anjo saberia? – perguntou Ana.

– Talvez um anjo tenha me facultado isso, minha filha! Deixemos que as sombras saciem suas sedes enquanto vocês me ajudam a encontrar os que foram reduzidos ao nada.

– Nós o levaremos até eles, ancião preocupado.

Onde os nadas estavam era um local imenso ocupado por espíritos masculinos totalmente viciados.

Uns, com o olhar perdido no infinito, nada viam. Outros, com o olhar totalmente imbecilizado, viam, mas não enxergavam. Já outros, esquálidos e semiparalisados, viam tudo, mas nada podiam fazer, nem por si mesmos.

Mas também existiam os que haviam tido seus sentidos sexuais totalmente deformados, tanto na aparência quanto nas formas.

Sexos enormes ou murchos e totalmente deformados indicavam o grau de viciação deles, assim como suas aparências indicavam o quanto haviam esgotado suas energias humanas e bloqueado os canais de captação de energias mentais.

Simão ficou a observar os milhares de seres humanos ali recolhidos pela divina providência, para que não fizessem mal a ninguém mais além de a si próprios.

Eram espíritos recolhidos a um local, um Universo paralelo negativo coletivo, onde davam vazão total aos seus sentidos sexuais viciados. Depois de observar bem o local, Simão falou mais para si mesmo do que para Ana e Maria:

– Eis um local onde a lei atua em toda a sua plenitude, pois dá a cada um dos que aqui são amparados exatamente o que sempre vibraram nos

seus sentidos viciados. Lei. Bendita lei! Como és perfeita na sua forma e generosa na sua execução!

– Acha perfeito e generoso tudo o que aqui já aconteceu, ancião?

– Sim, Maria.

– Por quê?

– Ora, por que você veio ou foi conduzida até aqui após seu desencarne?

– Creio que foi por causa de minha insatisfação ou viciação sexual.

– E por que acha que todos os que estão aqui não deveriam obter em espírito o que na carne não lhes foi possível?

– Mas, se não conseguiram a satisfação na carne, aqui só intensificaram seus vícios, ancião insensível!

– Não foi isso que realmente aconteceu, filha minha.

Olhe para os espíritos esquálidos e veja os seres humanos que, quando no corpo carnal, canalizavam suas energias humanas para suas viciações sexuais.

Olhe para os de olhares perdidos e veja os que irradiavam sensualidade por meio dos seus olhos carnais.

Olhe para os de olhares imbecilizados e verá os que, quando nos seus corpos carnais, tornaram-se imbecis, pois não sabiam distinguir suas vontades dos seus desejos.

E também veja nos de sexos crescidos os que não se doavam no sétimo sentido. Eles estão assim porque só absorviam energias sexuais femininas, sem nunca descarregarem as suas, que eram viciadas.

Mas veja nos de sexo murchos os que só descarregavam as suas energias e não conseguiam captar as de suas companhias femininas.

Uns acumularam energias viciadas e outros esgotaram suas energias humanas por meio dos seus sexos.

Mas se isso agora é visível nas suas formas humanas, antes de isso ser visível, já haviam se viciado nos seus sentidos humanos do sétimo sentido da vida.

– Que sentidos são esses, sábio ancião?

– São os sentidos de satisfação, prazer, paz, doação, envolvimento, lealdade, compreensão, tolerância, receptividade, etc., etc., etc., são sentidos humanos dos princípios divinos transpostos para que, no corpo carnal, o ser humano também se sentisse pleno nos seus atos, palavras e pensamentos.

Mas em função da viciação desses sentidos, todos os que estão aqui cometeram seus erros, falhas e pecados.

Eis a ação da lei, visível aos olhos humanos, minhas filhas.

Infeliz é o ser humano que se deixa dominar por suas viciações, pois será subjugado por elas quando viver só em espírito.

Vejo que tenho um campo muito fértil para semear a vida, pois os que aqui se encontram não a conseguiram nos seus sétimos sentidos da vida, que são os relacionados à sexualidade.

Simão calou-se e ficou meditando sobre como fazer para auxiliar os que nada mais possuíam além do nada em que haviam se tornado.

– Precisa ver o local onde estão os espíritos femininos, ancião! – exclamou Ana. – Não é menos triste que este que está olhando.

– Levem-me até ele, minhas filhas – pediu Simão.

Ele foi conduzido por elas a outro local tão dolorido quanto o anterior e viu ali a mesma coisa que acontecera com os espíritos masculinos.

Ajoelhou-se e orou. Depois, sentou-se na sua posição preferida e ficou a meditar sobre tudo o que poderia ser feito por aqueles espíritos caídos à beira do seu caminho. A tarefa era sobre-humana. Então voltou-se para uma mulher totalmente deformada na aparência e no todo mental. Pediu ajuda a suas duas "filhas" e elas a trouxeram para junto de si. Então começou a alisar seu "corpo" com movimentos delicados.

Depois de algum tempo, algo que não imaginava aconteceu. O espírito feminino, parecendo sair de seu autoenclausuramento, pediu-lhe num fio de voz:

– Abrace-me, ame-me e me possua, pois só assim ainda consigo me sentir.

Os olhos de Simão Beir de repente se iluminaram ao encontrar a porta de acesso ao Universo paralelo onde ela estava autoaprisionada. Então, delicadamente, puxou-a contra seu peito e envolveu, num abraço carinhoso, aquele "corpo" espiritual feminino totalmente esquálido e deformado por excessos sexuais viciados. Mais um pedido ele ouviu:

– Acaricie-me! Estou sentindo muito prazer no contato com seu corpo, meu amor!

– Como devo acariciar uma mulher se isso, ao que me lembro, nunca fiz? – pensou ele, olhando inquiridor para Ana. Esta tocou levemente nos seios, pernas e baixo ventre. Simão assentiu com um movimento de cabeça que havia compreendido e, numa súplica muda ao Criador, começou a fazer o que ela pedira. Admirado, viu ela reagir lascivamente aos toques de sua mão que, timidamente, acariciava seu corpo deformado.

– Como isso é possível? – perguntou para si mesmo. Então se lembrou do que lhe havia dito o Anjo da Morte: "Medite!".

E em sua meditação Simão Beir compreendeu a razão de ela reagir ao toque de sua mão.

– Sim, ela reage assim, pois estou acariciando uma extensão dos seus sentidos. Se, na sua origem, um ser humano ainda original é só sentidos sem uma forma definida, então no seu estágio humano o seu corpo espiritual ou carnal é a extensão desses sentidos para uma forma definida que lhes dão uma aparência visível, palpável e relativamente definida. Também

aí a sabedoria divina deu mostras de sua onipresença, porque humanizou por meio da aparência algo que não seria visível, pois são só sentidos.

Ao tocar naquele arremedo dos seios, outrora formosos, daquela mulher, Simão viu como um sentido virtuoso, que é formoso por si mesmo, havia se modificado ao se tornar viciado. E, como algo viciado é feio por si mesmo, então ele viu naqueles "seios" como é feio um sentido viciado. Ao tocá-los, sentiu como é desagradável o contato com um sentido viciado.

Sua mão envelhecida, enrugada e ressequida pela sua aparência assumida diante do Anjo da Morte parecia devolver à vida um espírito totalmente esgotado de suas energias humanas. Então ele ficou um tanto relutante ao sentir as mãos pegajosas dela segurarem a sua e puxá-la para o baixo ventre dela, para que ali também ele acariciasse. E Simão Beir olhava fixamente para os olhos dela enquanto sentia sua mão tocar uma fenda deformada, pegajosa e totalmente desumanizada.

Mais uma vez sentiu o contato indesejável com um sentido viciado. Mas a irradiação que sua mão captou era diferente da que sentira ao acariciar seus seios.

Ainda olhando fixamente nos olhos dela, começou a diferenciar o tipo de energias que sentia ao tocar diversas partes do seu corpo.

"Eis o mais fascinante campo de estudo que tens em suas mãos, Simão Beir! – pensou ele – Jamais tiveste nas mãos os sentidos de um sentido da vida para, tão claramente, vê-lo, senti-lo, apalpá-lo e estudá-lo na sua forma, partindo de sua aparência humana. Pois é o que estás acariciando com sua mão! Ainda que sejam sentidos viciados, não deixam de ser sentidos.

Enquanto os homens tocavam e acariciavam os sentidos dessa mulher, procuravam o prazer por meio da sensação. Mas, um outro prazer você deve alcançar, Simão Beir!

Sim, o prazer do conhecimento profundo, amplo, total e irrestrito dos sentidos contidos no sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Estude aprendendo e aprenda sentindo. Mas também sinta curando, pois se não fosse para devolvê-la à vida, ela não lhe seria mostrada.

Sim, se Deus é justo, generoso e bondoso, também é objetivo, direto e exigente. Logo, realize a vontade do Pai com objetividade, pois estará obedecendo diretamente a uma exigência d'Ele, pois ela também faz parte de Sua Vida."

Simão Beir já havia compreendido o que fazia e o que devia fazer ali. E também como iria agir com o que tinha em suas mãos.

– O Anjo da Morte me disse: "Com a chave nas mãos, você abrirá todas as portas. E, com elas escancaradas, adentrará no recinto que existe por trás dela e o esvaziará e o arejará e também o iluminará.

É hora de penetrar nos Universos paralelos negativos localizados em algum lugar escuro e sombrio do todo mental dessa minha irmã e resgatá-la de dentro dele para devolvê-la à vida.

Mas mantenha o domínio total dos seus sentidos senão irá se desvirtuar nas razões que o impulsionam nesse momento de sua vida.

Lembre-se de que terá de ser o senhor dos seus sentidos para mantê-los subjugados às suas vontades, que são as razões de sua vida.

Lembre-se de que querer ajudar, amparar, levantar e encaminhar, isso é virtuosismo nos seus sentidos assim como nos teus sentimentos. Logo, não se desvie disso e substitua, em si, todo o prazer que as sensações possam propiciar-lhe e substitua-o pelo prazer que o conhecimento das causas poderão dar-lhe no decorrer dessa parte do seu caminho.

Substitua totalmente a satisfação do corpo pelo prazer da mente, pois só assim poderá devolver esses corpos insatisfeitos a essas mentes, vazias do real prazer, que é o de viver em Deus".

E Simão Beir foi captando os mais variados padrões vibratórios das energias viciadas acumuladas no sétimo sentido da vida da mulher que tinha em suas mãos. Bloqueou em seu mental o crescimento do asco que sentia por estar acariciando sentidos deformados e energias viciadas, que alcançaram os limites daquela mulher que havia esgotado os seus limites na viciação do seu sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Observou por meio dos olhos como ela reagia em cada extensão dos sentidos que tocava com sua mão, que agora era só uma extensão do seu raciocínio em busca da compreensão do que tinha nas mãos e em busca dos conhecimentos que deveria adquirir antes de penetrar nos Universos paralelos negativos localizados numa região escura e sombria do mental dela.

Quando imaginou ter captado tudo o que lhe seria possível e também ter estabelecido um padrão compreensível do que tinha nas mãos, Simão foi surpreendido com uma observação em tom lascivo da mulher:

– Sua mão é quente e me proporciona um imenso prazer.

Simão então aproveitou essa brecha e falou-lhe:

– Minha mão tem vida. É por isso que sente prazer aos toques dela.

– Como é gostoso ser acariciada por sua mão! – falou ela sensualmente.

– Outras mãos não lhe dão ou deram um prazer tão intenso quanto a minha, que traz em si a vida?

– Não. Elas eram frias.

– Então estava sendo acariciada pelas mãos da morte, minha querida. Quando a morte me acaricia, sinto o seu toque gelado.

– Mas você é quente. Não pare de me acariciar!

– Eu não pararei. Mas devia descobrir como é gostoso obter carícias calorosas de outras formas, minha querida!

– Então me ensine – pediu a mulher, ainda aprisionada em si mesma.

– Eu prefiro mostrá-las a você, minha querida. Mas antes quero ouvi-la falar um pouco de si mesma e de como gosta de sentir prazer! – ao falar, Simão a apertou contra si e intensificou as carícias com sua mão livre.

– Como é gostoso o contato com o seu corpo! Como você é envolvente, meu amor!

– Se está sentindo, é porque está sendo envolvida pelo amor à vida e pela vida do amor que existe em mim.

– Estou tão inebriada que jamais pensei alcançar tanto prazer só em ser abraçada e acariciada.

– Isso talvez seja assim porque nunca esteve antes nos braços de alguém que quisesse dar-lhe a vida, e sim davam-lhe as coisas da morte, que são a insatisfação, o desgosto, as mágoas, a angústia, as frustrações e as sensações de um vazio imenso. Fale-me dessas coisas, pois quero ajudá-la a sentir o maior dos prazeres, minha querida!

– Que prazer é esse, meu amor?

– Esse prazer é o do amor e da vida! Ele nos conduz ao êxtase dos êxtases, pois é divino.

– Como é que se chega a esse prazer, meu amor?

– Antes fale dos toques da morte que a acariciaram e a deixaram gelada, minha querida.

– Não quero falar de coisas desagradáveis, meu amor.

– Mas para conduzi-la a esse outro prazer preciso ouvi-la!

– Não vou falar de coisas desagradáveis, meu amor. Prefiro continuar a ser acariciada por sua mão, que me aquece e me dá prazer.

– Então vou deixá-la, minha querida.

– Por quê, se está tão bom?

– Ainda assim vou deixá-la.

– Não sente prazer em me acariciar, meu amor?

– Sinto. Mas prefiro acariciar alguém que divida comigo suas mágoas, angústias, tristezas e frustrações, pois assim posso conduzi-la ao êxtase do amor e da vida, minha querida.

– Mas és tão carinhoso e sinto tanto prazer com suas carícias. Não pode me deixar!

– Vê como és egoísta, minha querida! Só quer se realizar num único sentido, e isso quando pode alcançar o êxtase dos êxtases por meio de todos os outros sentidos da sua vida.

– Mas eu só consigo alcançar o prazer por meio do meu sexo, meu amor! – exclamou ela, chorosa.

– Talvez isso aconteça por não querer dividir comigo suas angústias, mágoas, frustrações e tristezas, e também por vir tentando apagá-las por meio das fortes sensações do seu sexo, não?

– Talvez.

Simão viu que ainda não era visto por ela, embora a olhasse fixamente nos olhos. Então parou de acariciá-la e afastou do seu corpo a sua mão. Isso a perturbou e fez com que emitisse um protesto lamentoso.

– Não pode me deixar, meu amor! Não você, que me proporciona tanto prazer. Não faça isso comigo!

– Então divida comigo suas tristezas, frustrações, angústias e mágoas, minha querida!

– Tenho vergonha de falar delas, meu amor.

– Sua vergonha é maior que o seu desejo pelo prazer?

– Acho que sim.

– Você só voltará à vida e ao real prazer se dividir comigo essas coisas. Só assim poderei conduzi-la ao prazer do amor e da vida – ao parar de falar, Simão tocou-a levemente e isso a fez emitir um fraco gemido. Então falou novamente: – Estou ouvindo-a enquanto a acaricio. Divida tudo comigo o que todo o meu ser imortal irradia em tua direção.

Dos seus olhos vítreos rolaram duas lágrimas. Simão também sentiu lágrimas aflorarem nos seus, pois viu o primeiro sinal de vida nos olhos dela. E com a voz mais envolvente possível, pois brotava do seu amor à vida, incentivo-a ao falar-lhe assim:

– Não confia seus segredos a quem muito a ama?

– Você me ama, meu amor?

– Sim, eu a amo tanto quanto amo Deus, minha querida.

Isso a perturbou, pois arrancou dela essa inquirição:

– Mas não devia amar o Criador acima de tudo?

– Eu, ao amá-la tanto quanto o amo, estou amando-o acima de tudo, pois Ele vive em você, minha querida!

– Está falando isso só para me lisonjear, meu amor. Não vê que Ele não vive em mim, pois sou uma mulher que pecou aos olhos d'Ele?

– Se pecou, isso só saberei depois de ouvi-la falar sobre suas angústias, tristezas, mágoas e frustrações. Quanto a Ele viver em você, isso eu sei que é real. Mas o que pode estar acontecendo com você é que já não esteja vivendo em Deus ou encontrando boas razões para viver n'Ele. Já pensou nisso, minha querida?

– Não, ainda não havia pensado nisso, meu amor.

– Então divida comigo suas tristezas, mágoas, frustrações e angústias, que então a ensinarei como alcançar o êxtase dos êxtases, minha querida.

– Quem é você, meu amor?

– Eu sou alguém que quer multiplicar o meu prazer do amor e da vida. Mas isso só será possível caso divida comigo suas dores, meu amor.

– Você já não me chama de querida. Por quê?

– Já não és só minha querida, pois és também parte de minha "vida". Logo, também és meu amor.

– Sou, de verdade, o seu amor?

– Sim, pois sou ele por inteiro, e ele é parte de mim.

– Você fala coisas tão lindas, meu amor!

– O que falo é parte do que sinto no meu prazer do amor e da vida, minha amada.

– Conduza-me a esse prazer, meu amado pediu ela, já com os olhos cheios de lágrimas. Simão se emocionou muito mais ainda com os sinais de vida nos olhos dela e dos seus olhos lágrimas transbordaram e caíram sobre o rosto cadavérico dela, ao que ela indagou:

– Que gotas quentes são essas que caem no meu rosto, meu amor?

– Essas gotas quentes são lágrimas do meu amor à vida. Meus olhos choram de alegria pela vida que veem nos olhos do meu amor. Por que não olha nos meus olhos e vê neles o amor que sinto por você?

– Eu não consigo vê-lo, mas deve ser o mais lindo dos homens e o mais encantador dos amantes, meu amor que a cada palavra me envolve um pouco mais e até chora por mim.

– Não consegue ou não quer?

– Não consigo, meu amor.

Simão já havia visto por meio dos seus olhos que ela havia bloqueado sua visão para poder dar vazão aos seus desejos, pois havia se entregado a seres humanos que haviam assumido aparências bestiais por causa das viciações dos seus sentidos humanos.

Sim, isso só é possível com os sentidos humanos, pois com os divinos só nos é possível anulá-los e substituí-los pela negação deles.

Assim os seres humanos se comparam aos animais, pois se julgam traiçoeiros como as serpentes, ou raivosos como os cães ou ferozes como os lobos, etc. Então bestializam os seus sentidos humanos com seus erros, falhas e pecados. Isso só é possível quando o sentimento de amor, que é divino, é bestializado quando um sentimento de amor num ser humano comporta o assassinato da pessoa amada que não lhe correspondeu ou traiu-o. Com isso, matam a vida ao bestializá-lo com o espectro da morte.

Então Simão falou-lhe:

– Por que você não me acaricia?

– Não consigo vê-lo! – exclamou ela.

– Dê-me sua mão que assim me mostro a você, minha amada.

Ela levantou suas mãos esqueléticas e Simão as beijou; depois as levou ao seu rosto. Dali ela o acariciou e desceu-as em direção ao seu peito. Quando sentiu o contato de sua grossa veste, exclamou:

– Mas você está vestido!

– Sim. E o que há de errado em estar vestido?

– Eu pensei que estava nu.

– Para amá-la não preciso me despir, minha amada. Eu não a amo por meio do meu corpo, e sim por meio dos meus sentidos virtuosos.

Como ela nada mais falou, Simão procurou tirá-la do silêncio perguntando-lhe:

– Está envergonhada por causa da sua nudez?

Mais lágrimas afloraram nos olhos dela. Como viu que havia tocado numa de suas tristezas, que era alcançar o mínimo prazer que fosse, só por meio do corpo, com a mão livre fez um sinal e Ana e Maria tiraram seu manto e a cobriram.

– Está melhor assim, meu amor? – perguntou ele.

– Sim. Já não sinto vergonha por estar nua na sua frente, meu amor.

– Mas se gosta de minhas carícias, por que sente vergonha de estar nua?

– Eu sinto vergonha de estar nua diante de alguém que me ama de verdade e está vestido! – exclamou ela envergonhada, irrompendo finalmente num pranto dolorido.

– Só por isso você chora?

– Sim.

– Qual é a causa dessa sua vergonha, meu amor?

– A causa de minha vergonha é porque sempre fui obrigada a ficar nua diante de quem não me amava! – exclamou ela, para logo irromper num choro compulsivo que fazia vibrar todo o seu corpo espiritual deformado.

Simão apertou-a contra si com força, pois havia finalmente alcançado o ponto de desequilíbrio, do qual ela havia tido uma visão errada da vida e do amor.

Era ali que ele estava tentando chegar desde que não se vira refletido nos olhos dela.

Sim. Alguém só não nos reflete nos seus olhos se sente vergonha de nós ou de si mesmo, e por razões nem sempre compreensíveis à primeira vista.

Então Simão deixou-a chorar por um longo tempo, pois ele, que já havia visto a causa primeira da sua vergonha, também derramava lágrimas em silêncio, como já era seu hábito.

Ele já não precisava acariciar seus sentidos viciados, pois finalmente a causa d'Eles estava sendo exposta por ela.

Quando achou que era o momento certo, estimulou-a a falar de suas mágoas, angústias, vergonhas, tristeza e frustrações. Envolta por inteira e em todos os sentidos por ele, ela começou a revelar seus Universos paralelos negativos que a haviam subjugado por completo.

– A causa de minha vergonha provém do ato sujo praticado por meu pai quando eu mal havia completado 10 anos de vida – falou ela enver-

gonhada. – Para mim foi um choque violento ver alguém que eu amava me violentar. Naquele exato momento, eu não tinha noção do que estava acontecendo comigo. Sofri dores horríveis e fui obrigada por ele a ocultar minhas dores.

Mas, como ele, em sua tara por mim, muitas outras vezes me obrigou a satisfazer seus instintos, acabei me conformando. Isso até que minha família descobriu tudo. Então a vergonha substituiu minha dor, pois era mais intensa.

Minha vida, se é que eu ainda vivia, se transformou e fui enviada para um lugar distante, onde um irmã de minha mãe me acolheu. Mas, como eu era muito bonita, meus primos começaram a me assediar. Quando tentei recusar, fui ameaçada por eles: "Ou se entrega a nós ou todos os nossos vizinhos vão ficar sabendo por que você veio morar conosco, prima!". E eu cedi. E logo foi minha tia quem me enviou de volta ao meu lar paterno. Ainda ouço claramente suas últimas palavras ditas à minha mãe: "Sua filha não presta, pois, na sua volúpia, seduziu meus dois filhos!".

Sim, isso jamais esqueci, ainda que muito tempo já tenha se passado e coisas piores tenham acontecido posteriormente. Mas mais uma vez me cobri de vergonha diante de minha família.

Tudo o que se passou dali em diante foi só uma busca sem fim de mim mesma nos meus semelhantes. Mas tudo o que encontrei foram mágoas, angústias, tristezas, frustrações e mais vergonhas. E isso perdurou até quando decidi romper com os meus valores de vida e assumir os que achavam que eu devia viver. Eu me prostitui a troco de uma veste, um pão ou uma bebida, porque me encontrava sozinha e abandonada no mundo. O que mais eu podia fazer se nada mais que isso me foi permitido ou oferecido, homem que talvez não me ama mais?

– Tem razão!

– Já não me ama, não é mesmo?

– Não, isso não é verdade. Quando digo que tem razão no que disse, refiro-me ao fato de não terem lhe permitido ou oferecido outra alternativa de vida, mulher que agora amo mil vezes mais que amava antes de me contar as causas de sua vergonha, mágoas, angústias, tristezas e frustrações.

Se me fosse permitido, eu lhe devolveria de uma só vez todos os sentidos que foram anulados na sua vida na carne, amor do meu amor!

Mas, como só Deus pode fazer tal coisa, então permita que eu vá devolvendo-os pouco a pouco até que os tenha pulsando e latejando em harmonia e equilíbrio, vida da minha vida.

– Como poderá fazer isso se em mim não restou resquícios de harmonia, equilíbrio e muito menos virtuosismo?

– Essas coisas estão em você. Permita que eu lhe mostre as causas reais do não pulsar delas, que as recobrará num piscar de olhos.

– Como isso é possível, homem que me ama tanto?

– Olhe para mim e veja por meio dos meus olhos as origens de suas vergonhas, mágoas, angústias e tristezas. Isso poderei lhe mostrar claramente para que, conhecendo-as, possa compreender a si mesma e retornar ao seu ponto de equilíbrio do qual terá uma visão real da vida. Vamos, não tema, pois a amparo em meus braços.

Aos poucos ela foi saindo de seu aprisionamento mental. Simão olhava fixamente nos olhos dela e, quando viu que havia um sinal positivo, envolveu-a com o seu amor por uma irmão caída à beira do caminho. Quando ela finalmente viu seu olhar tenro, confiou totalmente n'Ele e saiu por inteira do autoenclausuramento.

Pouco a pouco Simão, sem desviar os seus olhos dos dela, conduziu-a às reais causas das suas mágoas, tristezas, angústias, frustrações e vergonhas. E ela viu que havia um entrelaçamento de sentimentos que transcendia a sua última encarnação e se perdia na sua memória imortal adormecida. Viu que a tara do seu "pai" nada mais era que um sentimento de amor que se desvirtuara ao ser desprezado por ela numa encarnação anterior. Também viu nos primos os amantes de um passado adormecido em sua memória e viu na mãe e tia as mulheres humilhadas por seus encantos de mulher nessa mesma encarnação adormecida.

Só após Simão tê-la conduzido às causas reais de seus Universos paralelos negativos alojados no seu todo mental e que a conduziu aos dos que a haviam reduzido ao nada em que a encontrara quando ali chegara, e quando ela viu o "inferno" em que eles haviam se aprisionado, um pranto violento e aparentemente incontrolável tomou conta de seu emocional.

Mas para Simão Beir essa reação era só um sinal de sua "volta" à vida. Tal como um recém-nascido na carne tem que sentir dor para abrir seus pulmões ao oxigênio que irá arejá-lo no plano carnal, um espírito precisa sentir a dor emocional para poder descarregar seus Universos paralelos negativos alojados em seu todo mental e arejar os seus sentidos para uma posterior elevação espiritual dos seus sentimentos, virtualizando-os.

Como ela não parava de chorar, Simão mais uma vez olhou para o alto e, num clamor silencioso, pediu ao Pai que passasse para ele as mágoas, tristezas, angústias, frustrações e vergonhas da irmã que habitava aquele pedaço do seu caminho rumo ao seu próprio ponto de equilíbrio diante dos seus olhos.

E mais uma vez bateu por três vezes no próprio peito. De imediato um vulcão emocional explodiu do mais íntimo do seu ser e emitiu um gemido ao sufocar o pranto que irrompia. Mais uma vez seus olhos se inundaram com as lágrimas silenciosas que começaram a derramar. E elas lavaram o rosto sofrido da mulher deitada em seu colo.

Simão passou mão ressequida no rosto dela, e as deformações foram desaparecendo e dando lugar a um belíssimo espírito feminino que renascia para a "vida".

Para Simão aquela transformação que se realizava já não surpreendia, pois havia visto milhares e milhares de vezes tal coisa acontecer nos que haviam se tornado prisioneiros de seus próprios erros, falhas e pecados, assim como dos seus atos, palavras e pensamentos.

Esse era o momento em que seus sentimentos virtuosos vibravam com intensidade máxima, pois estava vendo diante dos seus olhos a dádiva da vida concedida pelo divino Criador aos que nada possuíam além de dores, mágoas, ferimentos e viciações nos sentidos da vida.

A dor que sentia por tudo o que já havia absorvido no seu ser imortal desde que os assírios haviam devastado sua aldeia natal não era nada diante do renascimento de um ser para a vida.

Essa era a realização máxima para ele, que se acostumara a sorrir em meio às suas dores, pois elas realmente eram nada se comparadas ao que assistia extasiado.

– Que Deus a abençoe, querida irmã! – exclamou Simão em meio às lágrimas de dor que corriam pelas suas faces ressequidas pelo tempo que vivera sob o manto luminoso do Anjo da Morte.

Que o Criador, que mais uma vez lhe dá a vida, lhe permita viver nela por toda a eternidade, querida irmã! – mais uma vez ele exclamou em meio ao seu pranto silencioso.

A mulher o olhava atônita, pois era como se houvesse despertado de um aterrador pesadelo. E o que aquele velho, tão velho, fazia com ela em seu colo e braços?

– Quem é você, ancião tão velho quanto o tempo? – perguntou ela, desvencilhando-se dos braços dele e se aprumando.

– Eu sou o que vim para ajudá-la a se levantar, querida irmã.

– Era o senhor que falava comigo?

– Sim.

– Mas eu imaginava que quem falava era um homem jovem e belo, ancião do tempo! – falou ela constrangida com quem via à sua frente.

– Um homem jovem e belo não ousaria amá-la além de sua aparência, irmã! Só alguém que não está apegado às aparências sabe amar o que elas ocultam. Além do mais, onde estaria o mérito se, para acordá-la para a vida, o Criador precisasse de aparências como meios? Ou será que a dádiva da vida já não é bela em si mesma para precisar do artifício enganoso das aparências para realçá-la?

Mas talvez você prefira que em meu lugar estivesse um jovem atraente para tomá-la nos braços e possuí-la como mulher, em vez de ter alguém que a ama como irmã. Não será isso, querida irmã? – perguntou um Simão Beir inflexível no falar.

– Eu... sinto muito... não quis dizer isso, ancião. Perdoe-me, pois ainda estou despertando de um pesadelo.

– Eu sei o que ocorre com você, irmã. Isso eu já vi com esses olhos que, por causa disso, não conseguem parar de verter lágrimas e por isso estão cansados de chorar em silêncio.

– Eu... eu... não sei o que falei, ancião! Perdoe-me, sim?

– Quem sou eu para perdoá-la, irmã? Acaso sou alguém especial ou superior para ter o poder que só ao Senhor pertence?

– O senhor me libertou do meu horror, e isso é o que importa, não?

– Quem a libertou foi Deus, irmã. Isso sim é o que importa e jamais esqueça de que, se acordou para a vida, foi porque Ele permitiu.

– Mais uma vez peço o seu perdão, ancião!

– Não me peça-o, pois como eu já disse, é por isso que meus cansados olhos choram. Eles choram pelo perdão Divino aos meus semelhantes.

– Então me desculpe, ancião!

– Isso eu posso conceder, minha irmã. Sim, eu a desculpo, pois compreendo as razões da sua surpresa. Mas, como eu também já disse, o que importa é o que existe por trás das aparências.

– Quem é o senhor, ancião?

– Eu sou Simão Beir, irmã. E você, quem é?

– Eu acho que nada sou, ancião.

– Menospreza o dom da vida, que a Deus pertence?

– Não. Mas me sinto vazia.

– Então se assente à minha frente que preencherei o seu vazio com o esplendor da vida, vida minha.

Achegue-se que lhe falarei do amor da vida. Também falarei da fé, do conhecimento e da razão da vida. Assim como falarei da lei e da sabedoria viva da vida.

Sim, disso tudo lhe falarei com palavras que chegarão aos teus ouvidos como um canto à vida, pois ela não deve ser vista nem mais nem menos que um canto divino tornado visível aos nossos olhos.

Sim, abra os seus olhos e veja a vida por meio de minhas palavras de amor e fé, razão e conhecimento, lealdade e sabedoria à vida que é um encanto, pois ela traz em si o seu encanto vivo!

– És um velho de aparência sofrida e cansada e no entanto fala como o mais inspirado dos homens, ancião.

– Todos os que em seus atos, palavras e pensamentos são inspirados pela vida não sofrem com o tempo, pois sabem que o verdadeiro senhor do tempo é a vida. Logo, pouco importa a idade, pois ela não importa para quem vive a vida.

Esse é o segredo da vida, vida minha!

– Sua voz traz em si uma entonação de amor tão intensa que me sinto amada por você, ancião!

– Saiba que a amo muito.

Sim, como eu a amo! Só o Senhor sabe como é intenso o amor que sinto por você.

– Sinto-me lisonjeada por ser tão amada, amoroso ancião.

– Não se sinta assim, pois também amo a todas essas nossas irmãs que ainda estão adormecidas para a vida. Mas eu gostaria que soubesse que não a amo para lisonjeá-la, mas sim porque devemos amar, já que só assim seremos amados pelo amor vivo do senhor nosso Deus, que nos cobre com o envolvente manto do seu amor divino.

– Tens o dom da palavra, inspirado ancião.

– É a vida que me inspira, irmã. Sim, como a vida me inspira!

– Fosse outro o lugar e outras as razões do teu amor e eu me sentiria a mais feliz entre as mulheres, ancião.

Sim, fosse outro o momento e as razões de tua vinda até mim eu não teria feito, nem contra mim nem contra meus semelhantes, tudo o que fiz de errado.

Sim, tudo teria sido diferente! Não haveria traição nem inveja; nem ódio nem mágoas; nem angústias nem tristezas; nem frustrações e muito menos vergonhas, pois em você o amor é tão intenso que tem vida própria.

Sim, se outro fosse o momento, o lugar ou as razões, nada seria como é, pois seu amor vivo me envolveria num manto de vida.

– Não creio que pudesse ser como imagina, mas creio que não teria sido como foi, vida minha.

Agora me devolva meu manto, pois já não precisa mais d'Ele, querida irmã apaixonada!

– Eu não estou apaixonada por você, ancião! – exclamou ela rindo.

– Então o que, em mim, inspira tão apaixonadas palavras, irmã?

– Sua fala inspirada, esse seu amor vivo e sua sabedoria me apaixonam, ancião amável! Sim, tudo isso que traz em si despertam em mim uma paixão viva.

Simão Beir olhou-a com seus olhos lacrimosos por um bom tempo. E só quando um véu escuro de dor, mágoa e tristeza os encobriu, ele voltou a falar:

– Agora que já pulsas a vida devolva meu manto, irmã querida.

– Mas ficarei nua, ancião – falou ela constrangida.

– Então olhe à tua volta, minha irmã – falou Simão, abrindo os braços, – Veja se por acaso alguém mais além de mim tem o corpo coberto.

Ela olhou para Ana e Maria e depois para os milhares de espíritos femininos que jaziam caídas e viu que todas se encontravam nuas.

– Por que só o senhor tem vestes, ancião?

– Eu a possuo para não deixar visível minhas próprias deformações, irmã. Pois, se eu fosse belo, não precisaria usá-las, não é mesmo?

Simão olhou para Ana e essa estendeu as mãos e pediu:

– Devolva o manto do nosso mestre ancião, irmã.

– Mas ficarei nua!

– Se só você ficar coberta, quem ficará constrangida serei eu, que nada tenho a ocultar, pois o que trago em mim é tão visível, que mesmo que eu me cobrisse da cabeça aos pés, não conseguiria ocultar.

Contrariada, a mulher entregou o manto a Ana, que o colocou em Simão. Com um olhar ele indicou a elas que gostaria de ir até outra das mulheres caídas à beira do seu caminho.

Assim que Ana e Maria tocaram em seus braços para levantá-lo, Simão emitiu um gemido de dor intensa. Elas o soltaram aflitas, mas com o olhar ele as obrigou a levantá-lo. Ao caminhar, Simão sentia dores atrozes martirizarem seu espírito imortal. Ana não se conteve e perguntou:

– Por que agora sente tanto as dores que antes suportavas tão bem, ancião dolorido?

– As dores que antes eu sentia eram em meu corpo, filha minha. Mas as que agora sinto, são aquelas mais as que minha alma absorveu desse lugar à beira do meu caminho.

– O que podemos fazer para ajudá-lo, ancião? – perguntou Maria.

– Nada, filha minha.

– Por que não?

– Nada podem fazer porque eu sou essas dores por inteiro, e elas também são parte de mim, minha filha. Só por causa disso nada podem fazer!

– Isso não é justo! – exclamou Ana aflita.

– O que é justo e o que é injusto, minha filha? – perguntou Simão, olhando-a fixamente.

– Ora, não é justo o senhor tirar nossas dores e acumulá-las em si mesmo. Melhor seria que as deixasse para que cada um carregasse a sua parte, não?

– Então me responda: por que tantas estão caídas, minha filha?

– Por causa dos erros, falhas e pecados, não?

– Não.

– Não!?

– Não mesmo. Enquanto elas suportavam suas dores, mágoas e angústias, assim como suas frustrações, tristezas e vergonhas, continuavam a errar, falhar e pecar. Mas quando sucumbiram não mais erraram, falharam ou pecaram.

– Tem razão, ancião – confirmou a mulher auxiliada por Simão. – Enquanto tive forças para continuar errando, falhando e pecando, não parei de cair.

– Ótimo! – exclamou Simão. – Agora vamos ajudar mais irmãs nossas a se levantarem?

E Simão Beir, pacientemente, foi ajudando a se levantar uma a uma os espíritos femininos que ao nada haviam se entregado. Como aprendiz atento, primeiro ouvia os clamores viciados do sétimo dos sentidos da vida, que é o sexual, depois os estudava por completo para identificá-los e por fim usava as chaves certas e abria os mais sombrios Universos paralelos negativos. Neles entrava por inteiro, iluminava-os, arejava-os e depois saia, trazendo consigo quem neles havia se aprisionado.

A cada uma que ele devolvia à vida, lançava um longo olhar. E, como isso se repetia com todas, Ana então lhe perguntou:

– Nós, que o tempo todo estamos contigo não despertamos sua curiosidade, mas a cada uma que despertas, lanças um olhar profundo. Qual o motivo desse teu olhar, ancião?

– Mas já lancei esse mesmo olhar para você, minha filha! – exclamou Simão.

– Sim, isso eu vi quando me observava, ancião. Mas, por que faz isso uma vez e depois não nos observa mais? Será que não encontra em nós atrações suficientes para mais uma vez olhar nossos corpos, pois só nos olha nos olhos?

– Não é nada disso, minha filha. Apenas, se olho demoradamente quando uma delas volta à vida, é porque gosto de ver como, mesmo nunca mudando, a vida se mostra de diferentes formas.

Observe que cada uma de vocês traz em si a vida e um meio gerador de vida quando se encontram na carne.

Observe também que a forma humana contém a vida. Mas só no meio humano ele gera a vida.

Logo, a forma traz a vida, e o meio a gera.

Mas se a forma, que é o espírito, só se multiplica por meio dos sentidos, o meio, que é a carne ou matéria, multiplica-se por meio dos sentimentos.

– Podia ser mais claro, ancião sábio! – pediu Maria.

– Claro, minha filha.

Observe que você está se multiplicando no amor que desperta em tuas irmãs ao consolá-las, no respeito que desperta ao esclarecê-las e na gratidão que desperta ao confortá-las. Tais amores, respeitos ou gratidões são a multiplicação de suas virtudes, pois elas são seu amor, sua fé, seu conhecimento, sua lealdade, suas razões, sua sabedoria e sua vida, que te induz a consolá-las, confortá-las e esclarecê-las.

Logo, em espírito, você se multiplica por meio dos seus sentidos virtuosos. E como o espírito humano é a sua forma atual e pela qual se torna visível aos olhos do Pai, então a forma se multiplica por meio dos sentidos virtuosos.

Já quanto ao meio, que é o corpo carnal, que nada mais é que um meio que a vida pôs à disposição do ser humano para sua evolução e aprimoramento humano, ele se multiplica por meio dos sentimentos.

Observe que os sentimentos de amor entre homem e mulher propiciam a união que gerará filhos, que são formas humanas.

Observe também que o sentimento de amparo gera a necessidade de se construir um lar, que também é a forma de vida humana.

E muito mais eu poderia me alongar para deixar claro que os sentidos multiplicam a vida e os sentimentos geram a vida. Também poderia dizer que os sentidos são a forma e os sentimentos são os meios.

Mas também poderia dizer que os sentidos multiplicam as formas e os meios multiplicam os sentimentos, assim como o oposto também é uma afirmação correta.

Como Simão se calou, Ana tornou a falar:

– Eu imaginava que o senhor via outra coisa quando lançava tão demorados olhares a cada uma que acordava para a vida, ancião sábio.

– Filha, como você tem a imaginação, tudo lhe é possível e permitido de imaginares. E, como eu também a possuo, então imagino que imaginas algo que talvez eu não tivesse imaginado quando lançava tais olhares.

– Desculpe-me, ancião. Acho que não és como eu que imagino a vida: só de um ponto de vista dúbio!

– Talvez eu não a veja assim. Mas só talvez, minha filha!

– O que ocultas com essa frase dúbia, ancião? – perguntou a primeira das mulheres ajudada por Simão naquele lugar de expiação da lei.

– Não tens imaginação, irmã? – perguntou Simão, virando-se e indo em direção de mais uma das caídas à beira do seu caminho. E antes que ela pudesse dizer algo, Simão falou: – Deixemos de imaginar coisas e vamos realizá-las, pois melhor que imaginar é realizar, não? Ana, ajude-me a sentar, pois aqui temos alguém que deu asas à sua imaginação e se aprisionou num mundo irreal onde só suas fantasias se realizam.

– Eu juraria que não foi isso que o ancião lhe falou, irmã! – afirmou Ana à mulher que se unira a ela e Maria desde o momento em que devolvera o manto de Simão.

– O que acha que ele deixou de dizer ao falar-nos? – perguntou ela a Ana.

– Penso que ele falou ocultando e revelou não dizendo nada além do que ouvimos.

– Por favor, façam silêncio às minhas costas, senão, como posso auxiliar essa irmã que ao nada foi reduzida por imaginar o que vocês agora pensam?

Ou não terá sido por pensar em algo que talvez só na imaginação dela fosse real que tenha se formado prisioneira de suas fantasias?

– Desculpe-nos, ancião – pediu Ana. – Mas estávamos imaginando se não sentia ou sente desejos pelas mulheres que tens ajudado com tanta abnegação, doação e amor.

– Talvez eu sinta e talvez eu não sinta desejo, filha minha. Mas eu não vim aqui para dar vazão aos meus desejos e sim às minhas vontades.

Logo, há uma longa distância entre o desejo que pode ser imaginado e a vontade, que só pode ser realizada por quem a tem. Agora silenciem para que eu possa ouvir o que não pode ser dito, ver o que não é visível e sentir o que não é sensível.

E o silêncio se impôs mais uma vez à volta de Simão Beir, que continuou realizando sua vontade de levantar as irmãs que haviam caído à beira do seu caminho.

À sua volta, a vida voltava a pulsar devido à sua tolerância, paciência e perseverança. Simão compreendia as causas de cada uma e a partir delas mostrava constantemente que só um ser se mantendo em meditação sobre si mesmo poderia criar em seu mental a força positiva e a energia virtuosa que permitem o surgimento expontâneo das vontades de cada um. E como era hábito seu, sempre que alguém manifestava uma vontade positiva, incentivava e direcionava numa direção reparadora dos seus erros, falhas e pecados, assim como no adormecimento consciente das angústias existenciais, das mágoas pessoais e das tristezas.

Tal como antes sempre acontecera, ali também a penumbra começava a ser afastada pela vibração positiva dos habitantes do lugar. Essa era a melhor maneira de ele sentir que estava agindo segundo a vontade Divina, pois onde ela não está presente sempre a luz está ausente.

E Simão Beir continuou por um tempo indeterminado a se desdobrar no seu intento de levantar todas as caídas à beira do seu caminho. Jamais olhava para quantas ainda precisavam de sua ajuda, mas sim para quem mais precisava. E tanto perseverou que chegou um momento em que não haviam mais irmãs caídas. Então se sentava do jeito que gostava e falava ensinando e ensinava falando.

Também viu surgir uma consciência viva da vida e a fortaleceu com suas contínuas meditações.

E Simão não viu mais a penumbra sombria a envolver aquele lugar à beira do seu caminho. Então pediu que o conduzissem até onde estavam caídos os espíritos masculinos.

Ana, Maria e a primeira mulher que ele ali havia despertado para a vida o levaram com todo o cuidado, pois, ainda que não emitisse nada mais que gemidos de vez em quando, seu espírito imortal estava dolorido pelo que ali absorvera. Não mais o amparavam pelos braços para não aumentar suas dores. Agora davam o braço para ele se apoiar enquanto caminhava com passos lentos. E, quando lá chegou, pediu para sentar-se e depois ordenou que voltassem para junto das outras.

– Por que nos manda de volta, sábio pai e amigo? – perguntou Ana.

– Por enquanto não preciso de vosso auxílio. Logo, não quero martirizá-las com a permanência nesse local sombrio, dolorido e triste. Voltem para onde a luz da vida já brilha intensamente por causa de vossa conscientização para com ela.

– Eu prefiro ficar ao seu lado, ancião dolorido – falou Maria.

– Quanto a mim, não me sentiria bem lá sem ter o senhor presente – falou Ana.

Quanto a Luz da Vida, como Simão a chamava, ela falou:

– Sem o senhor por perto minha vida perde a sua luz, ancião incomparável!

Simão olhou cada uma delas por um longo tempo e só então falou:

– Isso se deve à simples razão de se sentirem dependentes de mim. Mas saibam que a vida não depende de um ser humano. Não, isso não!

Quero que voltem para junto de suas irmãs e assumam a direção de suas próprias vidas, pois só assim o Criador poderá guiá-las em suas jornadas rumo aos seus fins, que é viverem por inteiras e em todos os sentidos n'Ele.

Foi com lágrimas nos olhos que elas voltaram para junto das outras. E Simão não desviou seus olhos delas até que desapareceram do alcance de sua visão. Então, com mais uma tristeza a incomodá-lo, pôs-se a meditar sobre como iniciar o despertar para a vida daqueles espíritos caídos naquele local à beira do seu caminho.

Simão ainda meditava quando a sensual voz das sombras voltou a falar com ele:

– Por que medita tanto, ancião desconhecido?

– Não sou desconhecido, sensual voz das sombras.

– Pois volto a dizer: ancião desconhecido!

– Já que acredita no que diz, então por que acredita nisso?

– Você não é quem aparenta ser, ancião. Quem é você?

– A cada momento que vivo, menos de mim eu sou, pois passo a ser o que os que não viviam eram.

– Um enigma, ancião?

– Não. Eu fui claro no que disse, sensual voz das trevas. Agora sou dor, angústia, aflição, tristeza, mágoa, remorso, chagas e muitas outras coisas. E até onde consigo me lembrar, Simão Beir não era nada disso.

– O que era Simão Beir, ancião?

– Simão era alegria, tranquilidade, felicidade, inocência e talvez até fosse pureza, sensual voz das sombras!

Sim, de tudo isso eu ainda me lembro. Mas quem eu sou agora? No que me transformei após morrer para a vida e renascer na morte?

Quem serei eu agora, minha sensual voz das trevas?

– Essa pergunta só você tem a resposta, ancião confuso.

– Onde realmente estou, sombra de minha sensualidade?

– Sentado à beira do seu caminho, não?

– Disso tenho consciência, sensualidade oculta. O que quero saber é se estou avançando rumo à vida ou retrocedendo no meio da morte.

– Isso eu não sei, pois, em seu caminho, nada mais sou que um dos muitos pontos de desequilíbrio que existe nele.

– Sim, muitos pontos de desequilíbrio!

– Você está tentando o impossível, ancião tolo.

– Por que diz isso, minha sensual voz das sombras?

– Eu, das minhas sombras, tenho observado você, ancião cego que não vê porque se recusa a aceitar pacificamente o que está tão visível. E o que tenho visto é um ser igual a mim, que sou um não ser, que é movido por um desejo tão intenso que nem presta atenção aos seus outros desejos.

Prefere anulá-los para que assim não interfiram na realização do seu desejo maior. Você está se anulando, ancião!

– O que me move é minha vontade, sensual sombra das minhas vozes.

– O que vejo é um desejo e nada mais.

– Desejo seria se o que tento alcançar fosse humano. Mas como a razão que me move é divina, então só com minha vontade ainda continuo a avançar.

– Qual é a diferença entre desejo e vontade, ancião?

– É a mesma existente entre a criação e o Criador, minha voz nas sombras sensuais.

– Não foi claro em sua explicação, ancião.

– Bem, vou ser mais claro, se isso a agrada, certo?

– Certo, ancião.

– Bem, o desejo é a humanização da vontade, pois o Criador dotou o ser humano ainda original só com a vontade. Mas, ao lançá-lo num meio dual, também o dotou com o desejo. Só assim suas razões humanas teriam um sentimento humano para realizá-las, já que a vontade com que havia sido dotado no seu princípio não se desvirtuou, pois tinha que se manter como o magnetismo que o impulsionaria na direção do seu Criador.

Então o agora ser humano traz em si uma vontade por meio da qual ele realiza tanto na carne quanto em espírito, suas razões originais de ser. E também traz em si o desejo, que é a sua autoafirmação num meio aparentemente humano, mas que em verdade é divino, pois foi criado por Deus para n'Ele o ser humano existir.

– Ainda está confuso, ancião!

– Isso se deve ao fato de que você desconhece as razões da vontade e não tem a real noção do desejo, confusa voz sensual das sombras.

– Então me tire de minha confusão, ancião claro.

– Tentarei, tentadora voz das sombras.

– Chama-me de tentadora?

– Sim, pois está se dizendo confusa para que eu sinta prazer em lhe ensinar e assim possa receber palavras que trazem em si uma das razões do meu prazer de ensinar. Certo?

– Sinto prazer em ouvi-lo, ancião tentador. Mas ainda não me satisfez,, certo?

– Tentarei satisfazê-la ao aprender a sentir o mesmo prazer que sinto ao ensinar, pois se assim não for, o seu desejo por mim será substituído por uma vontade sua.

– Como devo entender isso, ancião?

– Acho melhor falar mais sobre vontade e do desejo que de você ou de mim, sensual voz das sombras.

– Sou ouvidos a sentir sua voz prazerosa, ancião!

– Ótimo! Mas continuando de onde parei, então lhe digo que o Criador dotou o ser humano com a vontade na sua origem, pois só assim os princípios divinos seriam realizados pelo ser ainda original.

Então esse ser original, que trazia em si os dons originais da criação, e que no atual humano são o amor, a fé, a razão, o conhecimento, a lei, a sabedoria e a vida, só dava vazão a eles por meio dos seus sentidos por causa da vontade com que fora dotado.

Sua vontade de viver o levava a amar os que tinham os dons da vida.

Suas razões de ser o conduziam ao amor à criação pela sua fé no Criador. Assim como o seu acúmulo de conhecimentos o conduziam à sabedoria original da vida.

Assim, seus sentidos se realizariam por meio dos seus dons por causa da vontade que o movia, pois a fonte original não deixava de alimentá-lo com as razões do Criador ao criá-lo.

Isso te é compreensível, sensual voz das sombras?

– Pode ser específico sobre um desses sentidos, ancião genérico?

– Sim. E, como falo com a sensual voz das sombras, então usarei do sétimo sentido da vida, que é o sexual, para especificar o que é vontade.

– Eu o ouço com redobrado prazer, ancião!

– Ótimo, pois lhe digo que o ser ainda original era dotado com um dom da vida, que é a sua imortalidade, que tem em si muitos sentidos. Esse dom alimenta por meio do fio da vida o ser ligado ao Criador, que nunca deixa de enviar energias específicas a cada um desses sentidos. Esse envio contínuo independe do ser que o recebe, pois tem origem numa das razões da vontade divina.

Então vai se acumulando energias no dom da vida, que a distribui aos sentidos nele contidos. E, como o sexual, que é o sétimo, vai criando um acúmulo, então precisa de um ponto de vazão concernente ao ser em questão, pelo qual ela era irradiada.

Se no atual estágio o chamamos de sexual, isso pouco importa, pois o que quero dizer é que tal ser era dotado de um ponto de força que irradiava essa energia quando o acúmulo era muito intenso.

E, por razões que só à vontade do Criador pertencem, Ele então criou o macho e a fêmea para, assim, não ver energias vivas serem lançadas ao acaso, pois em Deus o acaso não existe.

Logo, o ser original irradiava seu acúmulo energético ao sétimo sentido da vida de outro ser original que, na mesma proporção, lhe devolvia energias vivas do seu sétimo sentido.

E assim o meio original em que viviam não perdia ao acaso sua composição energética, pois o equilíbrio era mantido.

Logo, essas trocas equilibravam os seres entre si e entre o meio que os sustentava, que absorvia a energia resultante das trocas energéticas entre os que nele habitavam.

Havia um equilíbrio entre o meio e os que nele viviam!

Isso te é compreensível, sensual voz das sombras?

– Sim, ancião. O acúmulo, que provinha de um meio divino era trocado entre os que nele habitavam, certo?

– Isso mesmo.

– Logo, o desejo os faziam trocá-las, não?

– Não era o desejo, mas sim a vontade, pois isso independia do querer ou não querer deles, voz das sombras!

Uma força superior os movia nesse sentido e os obrigava a dar vazão ao acúmulo de energias sexuais.

Logo, isso era uma necessidade e não um desejo. Tal como na carne a fome ou a sede é uma vontade, pois é necessário comer ou beber para se manter vivo, uma vez que tais atos nada mais são que sentidos da vida.

Respirar também e um sentido da vida. Falar é um sentido dela e mover-se também o é.

Comer é um ato que independe do desejo, pois é uma necessidade do corpo carnal. Ou come ou perece; ou bebe ou perece; ou respira ou perece; ou se move ou perece; ou fala ou perece; etc., etc., etc.

Então o ser humano na carne sente vontade de comer, falar, beber, respirar, andar, construir, conhecer, aprender, etc.

Logo, vontade é uma necessidade e desejo nada mais é que uma opção do meio a ser usado para realizar a sua vontade.

Observe que o recém-nascido na carne não tem ainda a consciência de nada, mas expressa por meio do seu choro a sua necessidade (vontade) de se alimentar. Ele não observa a cor ou o formato do seio que o alimenta, pois o que precisa é manter-se vivo. Se for branco e estiver com fome, alimenta-se em qualquer seio que lhe doe leite. Pode ser um seio branco, rosado ou negro. Mas também pode ser o seio humano ou até mesmo um seio animal, que ele realiza sua vontade de mamar, pois é sua vontade de viver que o move.

Isso é vontade, voz das sombras carentes de vontades e cheias de desejos.

– Continue, envolvente ancião!

– Com prazer, voz carente. Pois voltando ao sentido sexual do sétimo sentido da vida, digo-lhe que no meio divino não havia aparências e sim formas originais.

Logo, para um ser dar vazão ao seu acúmulo de energias nesse sentido, sua vontade o obrigava, pois tanto o acúmulo assim como a sua ausência despertam vontades, pois são necessidades!

A um ser original bastava encontrar outro que pudesse absorver seu excesso e doar-lhe para voltar ao seu equilíbrio vibratório, uma vez que descarregava uma e absorvia outra de outro tipo, pois assim seu sentido ficava momentaneamente neutralizado (satisfeito).

Dava um tipo de energia ativa e recebia um tipo passiva que o neutralizava.

– Como assim, ancião complicado?

– Ora, eu não disse que há uma fonte a irradiar continuamente os sentidos do dom da vida?

– Sim.

– Então, ao descarregar o excesso, formari-se-ia um vazio no sentido em questão, não?

– Sim.

– Logo, o Criador, que é perfeito, fez o macho e a fêmea para assim, ao trocarem seus excessos, satisfazerem a necessidade que tal sentido tem se for alimentado com energias opostas.

Digamos que uma neutraliza a outra e assim traz a satisfação, acalmando a vontade de irradiar energias por meio do sentido em questão.

Tornei-me compreensível, sensual voz das sombras?

– Muito, ancião sábio. Agora me diga: como eram os meios ou órgãos sexuais desses seres originais ainda não humanizados?

– Ora, voz das sombras!

– Por que dizes ora!?

– Mostre-me um ser original que lhe direi como são os seus sexos originais!

A sensual voz das sombras gargalhou divertida com a resposta de Simão Beir, que havia captado a intenção dela em conduzi-lo a um ponto confuso. Então ela falou-lhe:

– Estou com uma vontade imensa de amá-lo como homem que és, ancião!

– Não creio nisso, sensual e tentadora voz das sombras.

– Por que não?

– Está confundindo desejo com vontade.

– Como assim?

– Eu sou velho, cansado e, por que não dizer, feio. Minha aparência não desperta o desejo em você, porque se me vigia, vê meu corpo chagasiado, que no máximo desperta-lhe o asco.

Logo, não sente vontade de me amar, pois tal afirmação traz em si o desejo implícito, que nesse caso não existe.

Ou já se esqueceu que eu disse que o desejo é só opção para a realização de uma vontade?

– Explique-me isso, ancião dúbio.

– Com prazer, minha voz nas sombras!

Observe que eu disse que no meio original bastava uma forma com excesso de energias encontrar outra oposta com outro excesso para realizarem-se, não?

– Sim.

– Mas o que se passa com o ser humano na carne?

– Não sei.

– Pois eu sei, e lhe digo que uma mulher ou homem não dá vazão ao seu excesso de energias se não encontrar alguém que lhe agrade. Ambos ficam acumulando-as por anos e anos até que encontram alguém que lhes agrade, e assim possam realizar uma troca equilibrada, satisfatória e gratificante.

O desejo é só a escolha da opção para realização de um vontade, uma vez que ambos trazem em si o dom de gerar tais energias, independentemente de sua próprias vontades humanas. O acúmulo se forma sem que possa ser impedido de se formar, pois ele se origina a partir de razões divinas, e não das razões humanas.

Logo, sua vontade de me amar não é no sentido sexual, pois não possuo uma aparência que lhe dê satisfação, minha sensual voz das sombras.

– Então o que é que sinto, ancião?

– É um desejo de saciar sua vontade de se alimentar com o meu conhecimento. Tal como o recém-nascido, que não se importa nem com a forma nem com a cor do seio, desde que possa alimentá-lo, você também não se incomoda com minha aparência, pois me vê como uma opção a essa sua necessidade.

– Mas talvez o amor esteja implícito, pois já o tenho na conta de um ser humano incomum, ancião!

– Não duvido disso. Um discípulo que não alimentar um tipo de amor pelo seu mestre nada aprenderá, pois não receberá com amor o que o mestre lhe dará, que é seu amor pelo saber.

Geralmente os seres humanos preferem substituir a palavra amor pelo termo admiração.

– Por que fazem isso, ancião?

– Ora, viciaram de tal forma o sentimento humano de amor que só conseguem dizer: "amo meus pais; meus irmãos; meus filhos; ou minha esposa e sentem vergonha de dizer:" "amo meus amigos; amo meus mestres"; etc.

Geralmente a viciação de um sentimento induz quem o vibra a ocultá-lo e substituí-lo por algo dúbio.

Logo, admiração é dual no seu sentido, pois, se realça a qualidade do objeto admirado, oculta o real sentimento de quem o admira.

Ou não será nada disso, minha voz nas sombras?

– Está certo, ancião admirável. Eu o amo pela fonte inesgotável de saber que traz em si. Sinto prazer em falar com você, pois tem algo incomum nos homens.

– Isso se deve ao fato de que, ainda que habite as sombras, ainda não deixou de viver.

– Sim, eu sou viva, ancião.

– Mas se oculta dos meus olhos que desejam vê-la.

– Para me hipnotizar, como fez com todas as que olharam nos seus olhos?

– Não fui eu quem as hipnotizou, sensual voz das sombras!

– Como não, se eu vi tudo?

– O que fiz foi libertá-las da auto-hipnose, na qual haviam se aprisionado. Isso foi o que fiz e gostaria de fazer com você, pois o que tenho a oferecer-lhe é um prazer sem fim.

– Que prazer é esse, ancião?

– O prazer do êxtase do gozo da vida. Só esse prazer é imortal, pois não traz em si o esgotamento nem esgota a quem é envolvido por ele, uma vez que o vivifica a partir do mais íntimo do seu ser, que se origina na divina vontade de vivermos.

– E o que sustenta tal êxtase infinito, ancião?

– Oras, são a fé, o amor, a razão, o conhecimento, a lei, a sabedoria e a própria vida, minha voz nas sombras!

– E de onde tais coisas se originam num ser humano, ancião?

– Da semente virtual original que trazemos em nós, pois se somos humanos, divinos nunca deixaremos de ser, já que fomos gerados a partir de uma vontade divina de gerar incessantemente. E essa vontade divina, no que concerne à espécie humana, se processa em nós, por nós e por meio de nós, pois somos seres emanados que só se realizam aos olhos Divinos se O realizarem em si próprios.

– Eu o temo, ancião. A luz do teu saber ofusca meus olhos.

– Não é essa a minha intenção, pois a vontade que sinto é de abri-los para essa mesma luz da vida, minha voz nas sombras.

– Fique à vontade com os seus nadas, ancião!

– Por que mais uma vez se afasta de mim, sensual voz das sombras?

– Você me atrai, ancião. Mas ao mesmo tempo eu temo o que tem a me oferecer em termos de prazer.

– Fico triste que tema a vida, ausência em minha luz e presença em minhas sombras. Venha para mim, minha voz das sombras.

– Prefiro habitar tuas sombras, de onde eu domino quem viver na sua luz e pela qual não serei dominada, ancião envolvente!

– Por que diz coisas que me ferem no mais íntimo do meu ser, minha sensual voz nas sombras?

– Em você eu não pulso, certo? Pois isso já disseste, não?

– Sim, isso é verdade. Mas, se permitir que eu renasça em você, então viverá em mim, voz ausente em mim!

– Como poderei viver em você, se é só chagas, dores, angústias, aflições e frustrações subjugadas por uma vontade sobre-humana? Por acaso sua vontade sobre-humana tem permitido que outros vivam nela?

Simão Beir meditou sobre a pergunta mortal da sensual voz das sombras e, depois de um longo tempo, respondeu:

– Não. Minha vontade sobre-humana só tem abrigado as dores, mágoas, angústias e aflições deles.

– Então só essas coisas têm recolhido com essa sua vontade, não?

– Sim. Mas essa mesma vontade tem permitido que eles sejam acolhidos e recolhidos pela vida, não?

– Talvez sim, talvez não, ancião. Ou você não viu as lágrimas nos olhos das três mulheres que o trouxeram até aqui?

– Sim, eu vi.

– Por que então as mandou de volta à luz da vida se você é a luz da vida delas?

– Eu não sou o que imagina, mas tão somente alguém que as despertou para essa mesma luz, que não é humana e não pode ou deve ser substituída por alguém. Você está caindo no mesmo erro da maioria dos que confundem o meio com o fim e substituem o fim por um meio. Eu sou só um meio, voz das sombras! Já o fim, está no Criador, pois só n'Ele um ser humano alcança seu fim, que é viver eternamente n'Ele.

– Não adianta ficar perto de você, ancião.

– Por que não?

– Sempre que penso que estou a ponto de humanizá-lo para assim poder possuí-lo, você se diviniza e me anula em si.

– Então por que não se humaniza para que, assim, eu possa divinizá-la, presença nas minhas sombras?

– Para isso eu teria que me anular e passar a viver em você e isso eu não desejo, pois minha vontade é de tê-lo por inteiro, e não parcialmente.

– Mas já tem uma parte de mim, sensual voz das sombras. Venha até mim e me tenha por inteiro na sua vida, senão continuará ausente nela e presente na minha morte.

– Eu prefiro viver na sua morte a morrer para a sua vida, ancião moribundo. Você morre um pouco a cada ser que devolve à vida.

– Está enganada, pois vivo um pouco mais em cada um que devolvo à vida. Em cada um que ousou se levantar diante dos olhos do Pai existe uma parte de mim a pulsar. Quanto a mim, pouco importa se carrego tantas vibrações negativas no meu espírito imortal, pois o que realmente conta é o que trago em minha semente original.

– O que trazes nessa sua semente, ancião semeador?

– Uma vontade sobre-humana de viver, sensual voz das sombras. É essa vontade que ainda me mantém de costas para a morte. Mas agora que vejo que não tenho palavras que possam clarear sua visão, começo a me sentir inútil aos olhos de Deus.

– Não seja tão dramático, ancião que oculta o oculto. Vou me afastar de você antes que me convença a morrer na sua vida.

– Não faça isso, senão passarei a viver na sua morte, sensual voz das sombras!

E a voz das sombras nada respondeu a Simão Beir. Ela havia mais uma vez se afastado dele. Então Simão se voltou para o auxilio aos "nadas" que via à sua frente. Fixou sua visão num espírito totalmente deformado pelo excesso de viciação no seu sétimo sentido da vida, que é o sexual. Os olhos esbugalhados, que nada mais viam, mostravam claramente a que ponto suas viciações o haviam conduzido.

O corpo espiritual definhara a tal ponto que seus ossos mal eram recobertos por uma pele limbosa. Mas o sexo dele era de tamanho descomunal, destoando do resto do seu corpo. Simão ficou a observá-lo por um longo tempo à procura da chave de acesso aos seus Universos paralelos negativos alojados em algum lugar do seu todo mental. Só quando a localizou, deu início ao ingresso neles. Com muito esforço arrastou-se até ele e começou a acariciar sua cabeça deformada. Orou por aquele seu irmão caído à beira do seu caminho. Em dado momento um fio de voz escapou dos lábios do caído:

– Suas mãos me transmitem um bem, estar, meu senhor.

– Sim, eu sei disso, meu irmão. Por que não oras comigo?

– Desde que não pude arrastar-me, devido ao excesso de peso do meu sexo, tenho orado, senhor. Mas parece que Deus não me ouve.

– Talvez seja porque não saiba como se dirigir a ele, meu irmão.

– Mas eu tenho pedido perdão pelos meus pecados e ainda assim não sou perdoado, senhor.

– Como ele poderia perdoá-lo se ainda não tens consciência do que tanto pesa em você?

– Refere-se ao meu sexo?

– Sim.

– Mas ele foi crescendo, crescendo e pesando. Foi algo que não pude impedir.

– Talvez isso se deva ao fato de você nunca ter se detido para analisar o que fazia com sua vida. Ou talvez porque nunca tenha meditado no que fazia às vidas alheias, não?

– Mas eu só buscava o prazer, senhor!

– A busca do prazer, unicamente pelo prazer, não conduz um ser à satisfação, meu irmão. Já a busca da satisfação, essa sim conduz ao real prazer.

– Não o compreendo, senhor.

– É claro que não, pois você ainda não distingue a diferença entre o prazer e a satisfação.

– Não é no prazer que alcançamos a satisfação?

– O contrário seria o mais correto. Senão vejamos: se alguém come um alimento qualquer, é porque tem fome, não?

– Sim.

– E após comê-lo, cessa a fome, não?

– Sim.

– Então vemos que a fome é a ausência do alimento, não?

– Sim.

– Também vemos que, após comermos, satisfazemos a nossa fome, não?

– Sim.

– Então por que você comia, comia e não se satisfazia? E aí transponho sua insatisfação sexual para o alimentar-se, para que assim possamos chegar às causas reais do seu estado atual.

– Isso eu não sei, senhor. O que sei é que eu comia, comia e mais e mais eu queria comer. Quando já não tinha forças para comer, e isso se deu quando eu viva no meu corpo carnal, fui acumulando um desejo imenso de comer. Então, quando desencarnei, acabei encontrando esse lugar onde a comida era farta. E, de tanto comer, acabei impossibilitado de caminhar, pois o peso que sinto se deve ao excesso de comida.

– Sim, isso é visível, meu irmão. Mas não seria bom olhar a origem de sua insaciabilidade para descobrir nela as causas que até aqui o conduziram?

– Como isso é possível, senhor?

– Olhe nos meus olhos! Olhe neles e verá como, por meio dos milênios incontáveis, tens olhado para os alimentos com os olhos da ave de rapina. Olhe neles e veja como menosprezou os reais bens ao menosprezar

as qualidades contidas nos alimentos que estragava comendo e comia estragando.

Olhe neles e veja como jamais deu a mínima atenção às razões de os alimentos existirem, já que só queria saber que, se existiam, eram para saciar a sua fome.

Olhe como menosprezou seu poder de multiplicar os alimentos para que assim outros seres humanos também pudessem saciar suas fomes de viver.

Olhe e veja como sempre foi egoísta e só pensava em extrair toda a seiva da vida dos alimentos, para logo adiante lançá-los fora, pois já não o agradavam mais.

Olhe e veja, num piscar de olhos, quantos alimentos aparentemente inúteis à sua fome ou desagradáveis ao seu paladar não quis mais, pois não os comia com a boca, mas sim com os olhos.

Olhe como trocava o pão pelo queijo com a mesma rapidez com que substituía a água pelo vinho e o milho pela cevada.

Olhe tudo isso e veja quanto desperdício e quantos alimentos não foram aproveitados, pois sabia que o mesmo trigo que produz o pão também tem outros meios de ser consumido.

Olhe e veja que, do seu punhado de trigo, só aproveitava a parte que usava para fazer o pão de sua fome e perdia o pão de sua vida, alegria, força, energia e crescimento.

Veja também que jamais semeou uma só semente que, após germinar, tenha produzido boas sementes.

Mas veja também como as que germinaram, se nada produziram, foi porque você as deixou no meio de ervas daninhas, pragas e intempéries do tempo.

Veja tudo isso, senão não poderei conduzi-lo à origem de sua fome, meu irmão!

Se sua fome era insaciável, isso se devia ao desvirtuamento desumano que impôs ao seu sétimo sentido da vida.

Olhe quando sua vida deixou de ter um sentido. Olhe e veja como, em uma encarnação já adormecida em sua memória imortal, substituíste o sentido da vida pela sensação do prazer. E veja como o seu sentido humano da satisfação sofreu uma deformação tão intensa que ainda não lhe foi possível reformá-lo, mesmo depois de reencarnar várias vezes seguidas.

Sinta, meu irmão! Sinta como é asquerosa essa transformação imposta por você ao seu sétimo sentido da vida, que é o sexual, e veja no que ele realmente se transformou!

Seu sexo transformou-se num sugador de energias alheias, pois em sua viciação não respeitava limites e tirava todo o sentido de satisfação alheia para, assim, tentar saciar sua insatisfação.

E, num piscar de olhos, o homem, totalmente dominado pelo poder da visão de Simão Beir, viu no que seu sexo havia se transformado. Este absorvia todas as energias de sexos femininos e as deixavam totalmente exauridas. Era um vampiro sexual, no real sentido de tal classificação.

E Simão foi conduzindo-o por esse sentido até o ponto de origem do seu desequilíbrio no sétimo sentido da vida, que é o sexual. O homem viu como, em uma encarnação já adormecida, ele havia participado de orgias rituais em que o Criador era afrontado quando matavam virgens para um deus de barro e depois as violavam quando já haviam dado suas contribuições nefastas. Foi ali, naquele exato ponto, que seu sétimo sentido da vida havia sofrido uma transformação tão brutal que jamais recuperara sua forma humana, que é de origem divina.

Simão o levou por sucessivas encarnações e mostrou-lhe que as mesmas mulheres sacrificadas nas orgias rituais haviam sido seus objetos de desejo em todas elas. E, como nunca lhe fora possível doar suas energias sexuais a elas, fora recolhido pela Lei para vivenciar intensamente a sua viciação do sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Simão "viu" no que o sétimo sentido da vida do homem caído à sua frente havia se transformado e pensou: tal como minha afronta ao corpo religioso coletivo que servi e, sob seu poder, numa serpente se transformou, a desse espírito transformou-se num vampiro. Mas, enquanto a minha afronta se transformou no medo da morte, a dele se transformou no medo à vida.

Em mim, o sentimento de medo me induzia a odiar e temer as serpentes. Nele, seu sentimento de medo o fazia menosprezar e humilhar as mulheres.

Como nós somos moldáveis aos nossos medos, que são nossos erros, falhas e pecados aos olhos do Pai! – exclamou Simão, admirado.

Se nos recusamos a reconhecê-los aos lhos dos homens e tentamos ocultá-los dos olhos de Deus, intensificamos as mesmas causas que nos conduziram a elas.

Como somos ignorantes sobre nós mesmos! Se o Senhor tem o poder de criar Universos que abrigam suas criações, que são perfeitas, pois têm origem divina, nós temos o poder de criar em nós mesmos muitos Universos paralelos que abrigam e sustentam nossas criações humanas. Como somos poderosos, tanto no bem quanto no mal!

Como somos ignorantes no nosso poder humano de criar a "vida" ou a "morte"!

Nosso poder humano é limitado pelo poder Divino, mas em nós é ilimitado, pois desconhecemos nosso real poder, que tanto pode ser positivo quanto negativo!

Eis que tenho mais uma porta para abrir e, com cautela, descobrir o que realmente ela oculta atrás de si mesma, pois é uma porta para o des-

conhecido, que nada mais é que a ausência do real conhecimento do poder da mente humana.

Sim, é isso mesmo! Se o mental é a parte divina em nós, a nossa mente é a nossa parte humana no mental divino.

O mental é a sede de tudo o que somos e a mente é o ativador desse todo mental, pois é o ponto onde está localizado nosso poder de criação.

Nosso mental traz em si os princípios que regem toda a criação, tais como: os de amor, fé, razão, etc. Já nossa mente traz em si o real poder de humanizar esses mesmos princípios e criar corpos coletivos que são verdadeiros Universos humanos alojados nos Universos divinos.

Os animais irracionais criam seus domínios no plano material a partir dos seus instintos de sobrevivência. Já quanto a nós, criamos nossos domínios a partir dos nossos desejos mais ocultos, pois têm origem em nossa mente, que é humana.

Sim, como é fascinante e ao mesmo tempo amedrontador tal poder concedido a nós pelo nosso divino Criador.

Sim, pois ao mesmo tempo que podemos humanizar as virtudes e virtualizar os sentimentos humanos, também nos permite anular as virtudes e desumanizar os sentimentos virtuosos.

Como somos fascinantes e ao mesmo tempo horrorosos, pois, a partir de um sentido da vida, podemos criar sensações mortais que nos anulam, subjugam, aprisionam, sufocam, ferem, magoam e, com isso, nos mostram que nada criamos, já que são frutos de nossa mente, que nada mais é que o único meio que temos para nos guiarmos num meio dual, que é o humano, pois o mesmo sentido que traz em si os princípios da vida traz em si os princípios da morte, que nada mais é que a negação de nós mesmos, porque se somos imortais em espírito, não o somos na carne.

– Como somos ignorantes sobre nós mesmos, Senhor! – exclamou Simão Beir, de repente, e, com isso, tirando do silêncio o homem caído à sua frente, que pediu:

– Mestre sábio, eu ouvi tudo o que pensaste e sinto tanta vergonha de mim mesmo, pois jamais meditei sobre o que fazia para saciar um desejo insaciável. Podia me ensinar a me conhecer para que eu compreenda as causas de minha morte humana?

Simão, que nem havia percebido que sua meditação sobre a mente humana era audível àquele homem, ficou a observá-lo por um longo tempo sem nada dizer. Só depois de muito tempo falou:

– Vou ensiná-lo aprendendo e aprenderei ensinando-o, meu irmão!

– Quanto a mim, como nada sei, tudo aprenderei com o seu saber, sábio mestre!

– O saber não me pertence, meu irmão. Dele sou só um fiel depositário, que busco por meio do conhecimento a causa real dos meus erros,

falhas e pecados e compreender os praticados por meus irmãos, tanto diante dos olhos do Pai como dos homens.

– Para mim o senhor é um sábio.

– Se um sábio é alguém que procura elevar as suas "partes", para assim poder se elevar aos olhos de Deus, então eu sou um.

Mas se um sábio é alguém que procura se elevar aos olhos dos homens, para assim elevar-se aos olhos do Senhor, então eu não sou.

– Por que me diz isso, sábio mestre?

– Não quero que confunda as causas do meu saber com as razões do saber.

– Não o compreendi, sábio mestre. Podia ser mais claro no falar?

– Pois não, meu irmão.

Observe que meu saber tem origem em causas de origem humana, que são meus erros, falhas e pecados. Quanto às razões do saber, elas são de origem divina, pois independem de minhas razões humanas para existirem, uma vez que estão à disposição de todos os que queiram descobri-las.

– Como descobrir as razões do saber, sábio mestre?

– Conhecendo as razões Divinas, meu irmão.

– Torna-se cada vez mais incompreensível, sábio mestre! – exclamou o homem, todo confuso.

– Tentemos com uma linha de raciocínio diferente, certo?

– Faça isso, por favor!

– Bem, então me responda isso: por que Deus criou os seres humanos?

– Isso não sei. Como poderia saber a resposta?

– Não poderia, pois é uma razão divina que só o Criador tem a resposta, meu irmão. Logo, as razões divinas trazem em si mesmas as suas razões e não podem ser humanizadas ou explicadas a partir de um saber humano. Certo?

– Sim.

– Então podemos explicá-las a partir de um sentido divino, não?

– Não sei. Mas se o senhor puder, então me ensine isso, por favor!

– Tentarei. Observe que os sentidos são divinos, pois não dependem de nada mais além do que trazem em si para terem um efeito multiplicador. Observe que a fé só precisa de si mesma para se multiplicar.

– Como assim, mestre sábio?

– Ora, um ser que tem fé a multiplica por meio de todos os seus sentidos. Um ser assim ama seus semelhantes, pois sabe que são seus irmãos aos olhos do Pai. Também ensina seus filhos sobre Deus e sobre as verdades divinas concernentes à espécie humana.

Um ser movido pela verdadeira fé não viola a vida, pois sabe que a vida pertence a Deus e ele a ampara! Logo, é um multiplicador da fé por meio da vida e da vida por meio da fé.

Então vemos que um ser humano movido pelo sentido da fé multiplica-se, não?

– Sim.

– Mas sabemos que o mesmo ser humano pode se multiplicar por meio do amor, não?

– Como?

– Ora, um homem se casa com uma mulher e dessa união gera vários filhos, aos quais ama, certo?

– Sim, é isso mesmo.

– Mas também pode se multiplicar por meio do conhecimento, pois, ao ensinar algo, está distribuindo um bem entre muitos, e isso tem um sentido multiplicador, não?

– Sim.

– Ótimo. Então vemos que os sentidos divinos são multiplicadores por si mesmos, pois não precisam de nada mais que o que contém em si para se multiplicarem, não?

– É isso mesmo. Mas como chegar às razões divinas, tal como a de Deus ter nos criado?

– Ela é simples de ser vista e fácil de ser compreendida, pois bastará olhar à sua volta e verá a razão pela qual Ele nos criou, meu irmão! – exclamou Simão.

O homem olhou à sua volta e só viu espíritos, tão caídos quanto ele. Todos traziam em si as marcas de suas viciações que alteravam suas aparências humanas. Por fim falou:

– Sou muito cego e ignorante, pois não a vi nem a compreendi, sábio mestre.

– Pois bem, então me diga: o que viu à sua volta?

– Espíritos tão deformados quanto eu.

– Não são seres ausentes da vida?

– Sim, são isso.

– Logo?

– Ainda não compreendo seu raciocínio, meu mestre!

– Eles, não trazem em si os sentidos da vida, pois, em vida (carne), os anularam em si mesmos.

Então, na ausência da vida à nossa volta, pode ver que a razão por que Deus nos criou é a de vivermos na "vida", que é Ele, pois só assim teremos em nós mesmos a razão de termos sido criado, que o Pai.

A razão por que Ele criou os seres humanos é para que assim Ele, o nosso Criador, possa viver em nós por meio de nós mesmos, pois só assim haverá uma razão para termos sido criados.

Observe que o Criador depositou em tudo o que Criou tudo que de Si é concernente a cada uma de Suas criações.

Senão, vejamos: uma planta traz em si o poder de gerar a vida, e também multiplicá-la, não?

– Sim. Ela dá frutos ou sementes, ou brotos, que geram uma multiplicação de si própria.

– Logo, ela traz em si uma qualidade que também existe nas outras espécies, e que não é particular a nenhuma mas sim geral a toda a criação, não?

– Sim.

– Então ela traz em si um sentido divino, não?

– Sim.

– Mas uma planta não se alimenta como fazem os animais, certo?

– Sim.

– Mas não deixa de se alimentar, não?

– Sim.

– Logo, o sentido é o mesmo, mas concernente às plantas, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Então vemos que o ato de se alimentar é um sentido da vida, não?

– Sim.

– Mas o que aconteceria caso déssemos a uma planta só a terra e nada mais?

– Sem água ou o sol, ela morre, não?

– Isso mesmo, meu irmão. Ela não gera a vida, pois lhe faltam razões para viver. Essas razões são a água, o ar e o sol ou o calor.

Logo, o que vês à sua volta?

– A ausência de razões para viver, não?

– Sim, todos aqui negaram a si mesmos razões para viver, pois negaram os sentidos do amor, da fé, do conhecimento, da lei, da razão, do saber e da vida, que são os sentidos que explicam as razões do Criador tê-los criado, não?

– Recorres a um raciocínio aparentemente confuso para mostrar o que é tão fácil de ser visto e compreendido, sábio mestre.

Fala das razões de Deus para nos criar e dos sentidos da criação para me dizer que vivi toda uma vida sem sentido algum.

Mostra-me a grandeza do Criador e a insignificância da criação frente ao Criador!

– Está errado na sua afirmação final, pois eu não mostrei insignificância alguma ao dizer-lhe que a criação traz em si a parte do Criador concernente a si mesma.

Isso que falei traz um elogio à criação e não uma mostra de insignificância.

Mas talvez esteja confundindo fragilidade com insignificância, não?

– É, creio que foi mais um erro meu.

– Como os anteriores, quando confundia a fragilidade das mulheres, dominadas por sua força, com a insignificância, não?

– Sim, é isso mesmo. Sempre me julguei superior porque as dominava ao meu bel-prazer.

– Então me diga: se você semear a terra e não cuidar das plantas que nascerão, terá no tempo certo o alimento para saciar sua fome, que é comum a todas as espécies?

– Não. Ervas daninhas e pragas a aniquilarão e nada colherei.

– Então vemos que, ao dedicarmos cuidados a uma planta, no momento certo ela nos dará saborosos frutos, não?

– Sim.

– E esses frutos saciarão nossa fome e nos darão satisfação, pois estaremos saboreando os frutos do amor com que cuidamos da nossa plantação, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Preciso continuar, para que fique claro que o que lhe aconteceu deveu-se aos seus erros, falhas e pecados cometidos contra a razão do Senhor tê-lo criado e também contra os seus sentidos da vida?

– Não. Eu começo a ver minha vida sob um novo ângulo.

– Ótimo. Pediu-me para ensiná-lo e já começo a ver o conhecimento germinar em você.

– Agora que começo a despertar para a verdadeira vida, como faço para me libertar das causas de minha morte, mestre?

– Desperte em si outra das razões de Deus para criá-lo.

– Qual é essa outra razão?

– É a fé, pois o Pai nunca deixa de enviar as energias divinas da fé para suas criaturas humanas. Quando substituiu na sua fé, o sentido da vida pela morte, anulou em si essa razão do Senhor ao te criar.

– Como obtê-la de volta, se errei, falhei e pequei?

– Confiando na bondade do Criador para com todas as suas criações e clamando a Ele que o purifique das pragas daninhas que envolvem o seu sétimo sentido da vida, e que o impedem de dar bons frutos que saciarão aos que têm fome e anseiam por alguma satisfação.

– Perverti-me tanto que sinto vergonha de clamar pelo perdão divino.

– Então não clame por si, meu irmão!

– Para que ou quem devo clamar, mestre?

– Clame ao Pai que lhe permita levantar-se e ir em busca de suas partes magoadas, feridas e machucadas. Clame a Ele e será ouvido, pois o Senhor verá em você alguém que não pensa em si próprio, mas sim naqueles que não O encontraram em você.

Clame do mais íntimo do seu ser, onde está recolhida a chama imortal da fé que traz em si desde sua origem, e verá que ainda lhe resta uma esperança de regeneração diante dos olhos divinos.

Mas clame em silêncio, pois no seu silêncio Divino lhe falará por meio de sua consciência, irmão. Lembre-se disso, pois muitos são os que clamam alto e poucos os que são ouvidos.

O espírito clamou e meditou com o auxílio de sua consciência, agora desperta. E Simão orou em silêncio por aquele espírito que caíra, mais por sua ignorância que por maldade.

Por um longo tempo ambos ficaram em silêncio. Mas, em dado momento, Simão pediu-lhe:

– Meu irmão, me ajude ame levantar, pois isso, sem meu cajado não consigo sozinho.

– Mas eu nem posso comigo, meu mestre!

– Oras, claro que pode, meu irmão.

– Não posso. O meu sexo cresceu tanto e pesa muito que não posso mover-me.

– Isso não é verdade. Esse seu apêndice é só um dos meios do seu sétimo sentido da vida.

Logo, ele não pode imobilizar todos os seus outros sentidos da vida.

– Mas, e a dor que sinto em toda a extensão dele? Se eu me mover, ela se torna insuportável, mestre.

Simão ficou a observar aquele espírito que havia caído à beira do seu caminho e então, num clamor silencioso, mais uma vez pediu ao Pai que tirasse a dor daquele ser humano e a tornasse sua, pois só assim ele poderia levantar-se e reiniciar sua própria caminhada. E mais uma vez Simão Beir bateu no peito com as mãos fechadas. E Deus ouviu seu clamor silencioso, pois, num piscar de olhos, sentiu tanta dor no próprio sexo que emitiu um grito lancinante do mais íntimo do seu ser. O seu grito ecoou no vazio das sombras, tal foi a dor que invadiu um dos sentidos contidos no seu sétimo sentido da vida.

Mas Simão, num esforço sobre-humano, recolheu do vazio das sombras seu grito de dor e só seus olhos mostravam a dor que sentia, pois as lágrimas voltaram a correr abundantemente. E, num esforço maior, ainda estendeu suas mãos e auxiliou o espírito caído a se pôr de pé. Quando ele ficou de pé, seu sexo ficou na vertical, tocando o solo negro daquele lugar. Então, ao olhar-se, ele falou:

– Como me tornei grotesco! Meu Pai, como me afastei do senhor? Nem pareço mais com um ser humano aos meus próprios olhos, que dirá então aos vossos olhos, meu Criador!

– Não se preocupe com sua aparência, pois o que conta é sua vontade de se redimir aos olhos Divinos. E, quando conseguir, nenhum olho humano o verá além do que realmente aparentarás.

Dos olhos do homem correram lágrimas de tristeza, pois o manto escuro da vergonha o encobriu em todos os sentidos.

Então Simão falou-lhe das diferenças existentes entre a aparência aparente e a real. Quando se calou, viu que dissipou parte do manto escuro que o cobria.

– Por que me ajuda pacientemente, mestre?

– Você é parte de mim, irmão, assim como eu também sou parte de você.

– Como assim?

– Ora, caíste por causa de sua ignorância, e eu tento me levantar a partir da minha. Caíste por causa da não satisfação dos seus desejos, e eu caí por tentar satisfazer um desejo meu.

– Por que caíste, mestre?

– Caí por ter amado por meio de um dos sentidos do meu sétimo sentido da vida, que é o sexual, quando a mim só era permitido amar por meio do sentido de minha fé.

Ofendi os olhos divinos do corpo religioso coletivo ao qual eu servia como servo obediente em todos os sentidos, menos no sétimo. Caí porque deixei que um desejo prevalecesse sobre a minha vontade.

Portanto, se és parte de mim, isso se deve à minha queda ao tentar o que a minha vida não me permitia. E, se sou parte de você, é por teres tentado alcançar o que sua vida lhe tirou. Enquanto minha vida anulou parte de mim, a sua anulou parte de você.

– Como alguém tão sábio como o senhor pôde cair por um sentido da vida, pois me parece que da vida tudo conhece.

– Só aprendi um pouco. E, assim mesmo, só após minha queda. Mas não falemos de mim, pois temos muitos que gostariam de falar-nos sobre suas quedas. Ajuda-me a ouvi-los e esclarecê-los, irmão?

– Com és tolerante com nós, os caídos! Muitos já passaram por este lugar e, após nos olhar demoradamente, viravam as costas e partiam. Um sequer se dignou a nos dirigir a palavra que poderia nos despertar do pesadelo em que vivemos. Quando falavam algo entre si, era para nós apontar como exemplos a serem evitados. Por que tem que ser assim, mestre?

– Ora, quando você dominava às mulheres não era elogiado?

– Sim.

– Então tem que se resignar quando os que viam no que você havia se lançado falavam que trazia os exemplos a serem evitados. É o preço a ser pago por seus erros, falhas e pecados aos olhos do Senhor, assim como dos homens.

– Mas é um preço muito caro.

– Nem tanto se o compará-lo aos que foram pagos pelas mulheres aniquiladas por sua voracidade. Lembre-se sempre disso: o preço que pagamos nunca é maior que o que impusemos a um semelhante.

– Podia me explicar isso, meu mestre?

– Será um prazer falar disso, irmão! Eu lhe digo que, quando você magoa alguém no sétimo sentido da vida, tira-lhe um dos prazeres do amor da vida. Com isso, anula nesse ser magoado a sua fonte de prazer do amor pela vida.

Saiba que, quando anula uma fonte, seca-a para os muitos que nela encontrariam amor e vida e dela obteriam um grande prazer.

Logo, o preço que paga não é tão alto como o da fonte secada, mas, somente o de alguém que não soube colher amor e vida e assim sentir um grande prazer.

Só paga o preço de alguém que, se não sacia sua sede de vida e amor, porque é sua própria fonte nesses sentidos.

– O senhor aborda de uma forma quase poética os meus erros, falhas e pecados.

– Para que dramatizá-los se já vivenciaste a sua tragédia em toda a sua extensão?

– Até nisso suas palavras têm duplo sentido, mestre. Tão longo quanto minha tragédia, é agora o meu sexo.

– Saiba que toda tragédia só é tragédia se deixar em seus protagonistas as suas marcas e aparências, senão não passará de uma farsa.

– Quanta sabedoria está contida por trás dessa sua aparência de velho, mestre! Trazes em si o gosto pela vida!

– Saiba que tive que envelhecer na vida. Mas deixemos de falar mais uma vez de mim e me ajude a ir até aquele nosso irmão que, ao contrário de você, nem sinais de seu sexo possui.

– Por que isso, mestre?

– Por que não aprende ouvindo e ouça vendo, irmão?

Talvez daqui a algum tempo já nem se preocupe mais com seu próprio sexo, e achará que não é merecedor da enorme atenção que dedicaste a ele por tão longo período de tua vida.

Talvez com isso, ao diminuir a importância que atribuis a ele, não o diminua tanto aos teus olhos quanto dos de teus semelhantes? Com isso estará reduzindo-o a um tamanho aceitável pela vida.

– Quanto prazer eu sinto ao ouvi-lo ensinar-me, mestre!

– Fico feliz que as palavras de um velho cansado despertem em você o prazer do saber.

Saiba que todos os sentidos podem nos dar imensos prazeres.

Se o auxilio, é porque amo a vida e vivo o amor. Mas, como sou um ancião, então colho em ambos o prazer por meio do conhecimento. Assim, como o prazer do conhecimento me dá satisfação!

Fico satisfeito ao ver que ele desperta a vida e o conduz ao amor. E se minhas palavras lhe dão a sensação de prazer, então está começando a amar meu conhecimento.

– Como adquiriste um conhecimento tão vasto, mestre?

– Ora, irmão! Foi vivendo na morte e morrendo na vida.

– Isso é um enigma.

– Sim, é mesmo.

– Como fazer para decifrá-lo?

– Isso só te será possível quando tiver consciência plena de quanto tempo morreste na vida e viveste na morte.

Mas lhe digo que, após essa alcançava, nem desse enigma se lembrará mais, meu irmão!

Agora, veja como ele nos observa e verá alguém que viveu na morte e morreu na vida, pois eu sou ele por inteiro, e ele é parte de mim.

– Como assim, mestre?

– Ora, se ele já não tem seu sexo, isso se deve ao fato de não ter conseguido prazer por meio dele. Tão intensa foi essa ausência de prazer, que ele anulou em si mesmo esse apêndice do seu sétimo sentido da vida, que é o sexual.

Logo, o que nele não é visível é porque, por meio dele, não lhe foi possível se fazer sensível.

O que é pior? Viver em excesso o prazer de um sentido ou se ver privado de um sentido do prazer?

– Não sei, mestre. Mas posso ver em mim o excesso e nele a ausência e digo que ambos fomos deformados por um só sentido. Ainda que de formas opostas.

– Pois lhe digo que é só na aparência que há alguma diferença.

– Não pode ser.

– Por que não?

– Ora, se bem compreendi, enquanto vivenciei ao extremo o meu sétimo sentido, ele nada vivenciou, não?

– Pois lhe digo que ambos caíram pelo mesmo meio.

– Podia me falar disso, mestre?

– Falo sim! Observe que você o buscava e se iludia com as ilusões do prazer, que era só aparente, uma vez que era um prazer egoísta.

Mas quando buscava o prazer ilusório não encontrava a satisfação, pois um prazer real você nunca encontrou.

Enquanto você magoava as mulheres em sua busca do prazer, ele era magoado por elas, pois não lhe davam prazer algum.

Ele caiu por não ser amado pelas mulheres, e você caiu por não saber ser amado por elas.

Se há diferenças, são só na aparência, já que ambos caíram pela mesma causa, que é a insatisfação. Ou será que existem dois tipos de insatisfação?

– Fale-me da insatisfação, mestre.

– Eu digo que a insatisfação é um estado emocional em que o ser não consegue dar vazão às suas energias de ordem espiritual. Um ser insatis-

feito até pode esgotar todas as suas energias físicas ou carnais, mas não consegue dar vazão às suas energias espirituais, porque não tem ou não encontra a forma ideal de trocá-las com um semelhante seu.

Um homem pode desejar, e mesmo possuir, todas as mulheres do mundo e, ainda assim, não dará vazão às suas energias espirituais, pois isso só lhe será possível se amar a uma de verdade.

Só quando um sentimento, que pode ser de desejo sexual, for descarregado de forma virtuosa, um ser, homem ou mulher, terá descarregado seu acúmulo das energias que originaram tal sentimento.

E o inverso também é uma verdade, pois de que adianta a alguém amar intensamente a outrem caso não possa dar vazão às energias do sentido do amor que nele se acumularão?

Mesmo sendo movido por um sentimento virtuoso, que é o do amor, só acumulará insatisfação. E mesmo que possua seu objeto do amor, só será satisfeito caso seja correspondido pelo mesmo sentimento. Só assim haverá uma comunhão espiritual.

– Por que é assim, mestre meu?

– Isso é assim porque, só quando existe uma interação emocional e mental, as energias espirituais de um e de outro são trocadas.

Lembre-se que só há a descarga total quando receber outra energia que preencha o vazio que se formará com a saída dela; além do mais, ela só sairá caso seja por meio de outra energia, que é o conduto natural das energias.

Só um sentido energético dá passagem às energias de outro sentido.

Se isso lhe parece de difícil compreensão, então observe o exemplo real que lhe mostrarei agora, e que é esta satisfação de discutirmos que faz com que nos esqueçamos de nossas dores.

– Ouço-o com prazer, mestre.

– Esse prazer não é só é seu, pois sinto prazer em ver que você tem vontade de aprender comigo.

Você está receptivo aos meus ensinamentos e eu estou interessado em ensiná-lo. Conhecimento e vontade de aprender são sentidos afins e se completam, pois o conhecimento penetra na mente de quem quer aprender, que o apreende nesse seu sentido, vazio dele, e em troca trata-o com respeito, amor e reverência.

Quem quer aprender não desdenha nenhuma parte do que lhe está sendo ensinado, pois o recebe por inteiro e em todos os sentidos.

E qual a maior satisfação para quem gosta de ensinar, do que alguém atento a ouvi-lo?

Qual a maior satisfação de um mestre , do que um discípulo aplicado?

Qual a maior satisfação de quem desperta para o conhecimento, do que alguém que saiba e goste de ensinar?

A palavra penetra pelo ouvido e é refletida pelos olhos do ouvinte até os olhos do orador.

E, caso essa reflexão transmita satisfação, quem estiver falando se sentirá satisfeito, pois sente o prazer de estar sendo compreendido.

Assim é com a transmissão dos conhecimentos e assim também é com a transmissão dos amores, da fé ou da lei.

Só existe uma forma de transmissão. Já os meios são muitos, meu irmão!

Ou será que eu me sentiria satisfeito em falar a quem não quer me ouvir? Ou melhor, que prazer você sentiria ao ouvir eu falar de algo que não lhe interessa?

Observe aí mais uma vez a palavra interesse e também o quanto ela é interessante, pois caso olhar para algo ou alguém e não encontrar interesse algum, só terá visto a algo ou alguém sem um interesse real. Portanto, só terá visto a aparência e não a forma.

Mas, caso desperte seu interesse, irá observar atentamente a sua forma.

Eu amo ensinar e você, que agora está desperto para a vida, ama o conhecimento. Logo, há uma interação energética completa entre nós e o meu conhecimento é recebido e refletido, não deixando em mim um vazio por ter passado adiante parte dele e não ter recebido a compreensão do que ensinei.

Observe que primeiro houve uma interação das nossas vontades, que são ensinar e aprender, para só então haver a troca real de energias do conhecimento entre nós dois. Ou será que, se você não estivesse atento quando eu falava, eu teria continuado?

Será que teria me ouvido caso eu tivesse falado o que não precisava ouvir ou não queria ouvir?

Isso te é compreensível, irmão?

– Sim, mestre. Eu o ouço e fico encantado com seu conhecimento.

– Pois saiba que a palavra encantar é sinônimo de admirar, que é sinônimo de amar, que é sinônimo de respeitar, que é o de reverenciar, que também é o de gostar, que é o de querer.

Encantar com o conhecimento.
Admirar o raciocínio ou razão.
Amar o amor.
Respeitar a lei.
Reverenciar a fé.
Gostar da vida, e
Querer o saber.

Observe que, se são sinônimos, isso é assim porque os sentidos virtuosos são sinônimos entre si. Senão como alguém pode dizer que tem fé em

Deus se não ama aos seus semelhantes ou desconhece ao razões da vida, que são reguladas com o saber do conhecimento das razões divinas?

Como alguém pode dizer que ama um semelhante seu, seja no sentido que for, caso não ame ao Criador por meio de um dos seus sentidos virtuosos, que pode ser sua fé, seu conhecimento ou sua lei?

Compreendes isso, meu irmão.

– Sim, meu mestre – falou o espírito, agora à frente de Simão, que estendeu os braços e o puxou contra seu peito e o abraçou carinhosamente.

Simão não só foi retribuído com um abraço forte dele, que lhe causou muita dor, como também colheu seu pranto que brotou expontâneo, pois via no mestre a mão divina que viera resgatá-lo do seu pesadelo interminável. E o deixou chorar à vontade, pois suas lágrimas não provinham de um sentido viciado, mas sim de um sentimento virtuoso.

Só muito tempo depois Simão começou a enxugar as lágrimas do rosto d'Ele e disse:

– Deus já habita em seu ser imortal, irmão!

– Por que diz isso, mestre?

– Ora, só alguém habitado pelo Criador é tão belo quanto você, irmão!

– Eu não sou belo. O que sou é uma grotesca aparência de um ser formado. Sou tão deformado que até tenho um sexo que arrasto no solo.

– Pois acho que a sua visão está turvada por suas lágrimas. Olhe a si mesmo e veja com seus próprios olhos o que eu vejo! E o homem se soltou de Simão, olhou para o próprio corpo e não acreditou ao se ver num corpo humano normal. Seu espírito tinha deixado de ter a aparência grotesca de um ser esquálido com um sexo gigantesco, totalmente deformado.

Logo após ele caiu de joelhos e, chorando, agradeceu reverentemente a Simão por tê-lo curado de suas deformações, mas foi bruscamente interrompido:

– Levante-se imediatamente, irmão! – bradou Simão furioso.

Muito assustado, o homem perguntou:

– Em que o ofendi, mestre?

– Não me ofendeu.

– Mas então por que está tão furioso comigo?

– Se estou furioso contigo, isso se deve à sua ofensa aos olhos de Deus, que o observa atentamente.

– Mas eu estava sendo sincero ao agradecê-lo reverentemente, mestre! – exclamou o espírito, ainda aturdido.

– Não sabe que só deve reverenciar e agradecer ao Pai por tudo o que Ele fez por você num piscar de olhos?

Ou acaso acredita que fui eu quem fez isso por você?

– Eu... eu... desculpe-me, mestre, mas estou tão maravilhado e confuso que não sei o que dizer ou como fazer para expressar a alegria que sinto.

– Pois então se ajoelhe comigo e agradeça-o por Ele agora poder habitar em teu ser imortal, irmão!

E os dois, ali naquele solo escuro, se ajoelharam, oraram e agradeceram a Deus pelo bem concedido pela sua bondade. Quando terminaram, ainda ajoelhado, o homem perguntou:

– Mestre, será que erro em perguntar como esse bem me foi concedido?

– Não.

– O senhor tem a resposta a essa minha indagação?

– Sim.

– Então, por favor, fale-me de como isso me foi concedido.

– Eu lhe falo sobre isso, irmão.

Observe que, quando eu falava, você imaginava no quanto seria bom aprender comigo para assim poder resgatar suas partes esquecidas, certo?

– Sim, senhor.

– Observe também que, quanto mais eu falava, mais um sentimento de respeito e amor era pulsado por você, certo?

– Sim.

– E que, quando eu o abracei, você explodiu num pranto virtuoso, pois era um pranto de verdadeiro amor por mim e meu conhecimento. E também, que do mais íntimo do seu ser sua consciência clamou assim: "meu Senhor, se eu tivesse o verdadeiro conhecimento não teria errado, falhado e pecado!" Certo?

– Sim, isso tudo e muito mais eu pensei, mestre.

– Então teve uma prova em si mesmo de tudo o que lhe ensinei até agora, não?

– Como responder a esta pergunta, meu mestre?

– Ora! Eu não disse que só amar não dá plena vazão às energias acumuladas no sentido do amor?

– Sim.

– E também não disse que, se um sentimento é correspondido, há uma descarga completa porque o "desejo" de amar tem que ser complementado pela vontade que temos de ser amados, ou algo assim, para então haver uma interação mental e emocional que possibilita essa descarga energética sem deixar um vazio?

– Sim. Mas como o meu desejo pelas mulheres, que era um acúmulo de energias sexuais, pôde ser descarregado se o amo pelo seu saber?

– Não lhe falei dos sinônimos?

– Sim.

– Então aprenda que sinônimo quer dizer igual. Portanto, não importa que seu acúmulo tenha sido no sétimo sentido da vida e descarregado de uma forma que lhe é incompreensível, pois o que importa é que descarregou um acúmulo de energias do seu sétimo sentido da vida, originado a

partir de sua ignorância, pois se um dia, numa encarnação longínqua e já adormecida em tua memória imortal, por ignorância sacrificava mulheres nos seus rituais religiosos, só o fazia por não conhecer as leis da vida.

Se sacrificava mulheres, por meio delas não iria dar vazão a um acúmulo gerado a partir de sua ignorância, mas tão somente a partir do seu despertar para o saber da vida. Ao despertar para o conhecimento, começou a amar a vida, que é mais um dos meios que possuímos para amar ao Criador.

Como seus sentimentos eram virtuosos, abriu um canal no seu mental que permitiu ao Pai inundá-lo de energias de amor pela sua criação que acorda para o sentido da vida, que é o amor, uma vida pode prescindir de todos os outros sentidos, mas, tendo o do amor, tem um sentido.

Já uma vida pode ter todos os outros sentidos, mas caso não tenha em si o amor, é uma vida sem sentido.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– Sim, mestre. E como é compreensível!

Nenhuma palavra do senhor é desprovida de sentido.

– Isso porque falo por meio dos meus sentidos, e as palavras faladas por meio d'Eles são dotadas de um sentindo. Já as faladas por meio da imaginação, essas muitas vezes perdem seus sentidos, pois são desprovidas dos sentidos, meu irmão.

– O que é o sentido e o que é a imaginação, mestre?

– Ora, o sentido é o que é. Já a imaginação é o que aparenta ser, meu irmão!

Assim como a vontade é divina e o desejo é humano, os sentidos são divinos e a imaginação é humana.

O homem realiza suas vontades por meio dos seus sentidos e realiza os seus desejos por meio da sua imaginação. Logo, a vontade é mental e o desejo é espiritual, pois é uma sensação totalmente emocional.

– Por que me ensina tudo isso, mestre?

– Se o ensino é para que não confunda sua vontade de crescer aos olhos de Deus com o ilusório desejo de ser grande, que de tão desumano que é, reduz o ser humano ao nada.

– Ouço-o e aprendo.

– Aprenda e se conheça, irmão!

– Ouço-o e me conheço, mestre.

– Conheça-se e se regule, irmão!

– Ouço-o e me controlo, mestre.

– Controle-se e cresça, irmão!

– Ouço-o e cresço, mestre.

– Então cresça e vivas o amor à vida, irmão!

– Tendo amor em mim por inteiro, não viverei parcialmente o meu amor à vida, mestre.

– Com isso, és parte de mim, e sou parte de você, e assim nós dois somos partes do Criador e somos nós por inteiros.

– Como era mesmo o enigma, mestre?

– Para que tentar ver enigmas que ocultam verdade se as verdades nunca se ocultam atrás de enigmas?

– Meu Deus, como eu o amo, mestre!

– É tão intenso assim o seu amor por mim?

– Sim. Ou será que ele não é visível nos meus olhos.

– Eu o vejo nos seus olhos. Mas quero saber se é muito intenso.

– Sim. Ele transborda por todos os meus sentidos.

– Você acha certo transbordar tanto amor por todos os seus sentidos para só um irmão seu quando tens tantos à sua volta, e que ou nunca foram amados ou souberam como é bom amar de verdade?

– Não. Isso é bom, mas não é o suficiente, mestre. Venha, eu o ajudo a chegar até aquele nosso irmão que me mostrou como um exemplo de que insatisfação sempre é insatisfação, não importando em que sentido ou por qual meio ela tenha se instalado em nosso íntimo.

– Então me auxilie aprendendo e aprenda auxiliando, para que mais adiante ensine auxiliando e auxilie ensinando, pois o auxílio sem o ensino, ou vice-versa, tem poucas utilidades.

– Eu o ouvirei calado e calado aprenderei.

– Ótimo, já tenho um auxiliar que é digno de um mestre de verdade, ainda que do verdadeiro mestre eu ainda seja só um auxiliar aprendiz e também um aprendiz auxiliar.

Torne-se um auxiliar e um aprendiz do verdadeiro mestre e se tornará um eterno auxiliar da verdade.

Lembre-se também que vida quer dizer auxílio, e auxílio a um semelhantes é socorro à vida.

– Mestre, por que nesse nosso irmão só existe um buraco escuro no local onde deveria existir um orgão sexual?

– As causas reais só saberei quando ouvir o silêncio de sua vergonha, tristeza e dor, pois é aí que estão ocultadas todas elas.

Portanto, nunca julgue algo ou alguém pela aparência, senão incorrerá no mesmo erro cometido pela maioria dos seres humanos, que é o de dar vazão à imaginação e fantasiar uma realidade aparente.

Nunca se deixe enganar por ela, senão acabará criando uma aparência imaginária e uma realidade imaginosa. Certo?

– Sim, senhor!

Simão aproximou-se do espírito caído e começou a acariciar sua cabeça deformada por um crescimento disforme. Como o espírito tinha os olhos fechados, Simão acariciou delicadamente suas pálpebras enrugadas

e ressequidas antes de abri-las, revelando afinal dois olhos tímidos e fugidios.

Mas Simão nada falou quando os olhares se cruzaram. Não. Continuou a acariciar a cabeça daquele ser e também suas faces deformadas. Só depois de muito tempo Simão perguntou-lhe:

– Não gostaria de sair do seu refúgio e juntar-se a nós, irmão?

O espírito correu os olhos de Simão para o seu auxiliar e deste para Simão várias vezes antes de decidir responder. Mas finalmente falou:

– Para quê, se de tudo o que desejei só colhi decepções, frustrações e mágoas doloridas?

– Ora, talvez nós possamos ajudá-lo a descobrir que foram só lições que colheste, nada mais além de lições, irmão.

– Lições, ancião? – perguntou o espírito, curioso.

– Sim, nada além de lições da vida a alguém que cultivou a morte como forma de prazer, irmão. Ou acredita que o que colheste de ruim nessa sua última encarnação foi semeado durante ela?

– O que me lembro é que a vivi com muitas decepções, nada mais, ancião.

– Então rememoremos uma realidade, certo?

– Sim, senhor. Qual é ela?

– Sabes que um dia nasceste para a luz da vida na carne por meio de um corpo, não?

– Sim.

– E também que, em dado momento de tua existência, devolveste seu corpo carnal à terra, pois ele já não podia abrigar-te, não?

– Sim, isso também me lembro.

– Ótimo. Então temos como certo que a morte real não existe, pois só abandonaste um meio de viver, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Logo, és imortal, não?

– Até onde quer chegar com essa conversa, ancião?

– Só quero chegar até o seu eu real. Nada além disso, creia-me!

– Eu creio.

– Então é uma verdade que és imortal porque, com a perda do seu corpo carnal, continuaste a pulsar e latejar tal como quando vivias nele, certo?

– Sim, sou imortal se me olhar pela sua ótica, ancião.

– Minhas palavras ocultam outro sentido?

– Não, isso não!

– Ótimo! Então minha ótica é correta, não?

– Está certo. É uma verdade o que afirma, ancião.

– Bem, agora que já temos como certo que jamais você morrerá realmente, então sabemos que está vivo.

– Eu estou vivo, ancião.

– Então me diga o porquê de estar aqui, caído, e com os olhos fechados como se estivesse morto.

– Não tenho vontade de ver nada, ancião. Tudo o que já vi me desgostou a tal ponto que agora prefiro me isolar de tudo e de todos.

– Compreendo. Eu também já estive nesse ponto de desequilíbrio e, a partir dele, eu encontrava uma paz aparente, que me transmitia a sensação de que, isolado, eu não sofreria mais. Mas eu estava me enganando enquanto agia assim, pois, se eu havia me aquietado, tudo à minha volta continuava a pulsar.

Logo, meu autorrecolhimento só me atrasava ainda mais em relação ao todo que me circundava.

– Para que sair de onde estou se aqui já não preciso me preocupar nem com o meu próprio pulsar?

– Você não se importa com o que está sendo feito à sua volta nessa sua ausência na espécie humana?

– A única coisa que me importa é que o que a humanidade me fez, conduziu-me a este meu último refúgio. Isto sim é o que importa, ancião!

– Refere-se às suas mágoas, tristezas e frustrações?

– Sim.

– Mas será que a origem delas não foram as mágoas, tristezas e frustrações de semelhantes causadas por você? Ou imagina que tudo começou nessa sua última encarnação e terminou quando caiu à beira do meu caminho?

– Do seu caminho, ancião?

– Sim.

– O que tem a ver minha queda neste local com o seu caminho?

– Ora, se você está à beira do meu caminho, então tudo tem a ver comigo, pois, do contrário, eu teria continuado nele sem notar sua presença.

– Não tenho culpa alguma se nossos caminhos se cruzam neste ponto, ancião. Continue no seu que o meu terminou neste ponto.

– É estranho que creia que aqui termine o seu caminho, meu irmão. O mais correto é que tenha desistido de continuar sua caminhada.

– Talvez seja isso, ancião. Mas também não me importo com isso, pois aqui vivo em mim mesmo, em meio às minhas dores. Não incomodo e não sou incomodado.

– E também não colhe mais decepções, não é mesmo?

– Sim. Agora, por favor, deixe-me a sós para eu voltar a um ponto onde dor alguma me incomoda. Nele, dor alguma importa, pois ele é só dor.

– Está se referindo ao seu vazio, não?

– Sim, é isso mesmo. O meu vazio é totalmente ocupado por minha dor, ancião.

– Como se chamava quando vivia no corpo carnal, irmão?

– Tir era o meu nome, ancião.

– Então me digas, Tir, lhe é possível recolher-se em si mesmo tendo tantos iguais à sua volta?

– Eu já não vejo mais ninguém, ancião.

– Não vê ou não quer ver?

– Talvez seja isso.

– Como é grande sua tristeza e intensas as suas mágoas com a espécie humana, meu irmão!

– Isso é verdade, ancião.

– Bem, não vou incomodá-lo mais, pois sei que tem seus motivos para se recolher. Mas lhe peço que, antes de fazer isso, observe quantos irmãos nossos estão caídos neste ponto do nosso caminho e depois medite no porquê de seres imortais estarem vivendo com intensidade as suas mortes, meu irmão!

Simão então estendeu as mãos e o seu auxiliar o ajudou a se levantar. Mas como as dores que sentia eram muito intensas, emitiu um gemido rouco. Ao que o homem caído falou:

– Como pode, alguém tão velho e todo dolorido, querer me convencer a sair do meu refúgio onde nem minha dor eu sinto mais?

Simão o olhou demoradamente e só então falou-lhe:

– Só quem conhece a dor no mais íntimo do seu ser pode compreender as dores alheias e aliviá-los delas. Agora fique com as suas que eu vou à procura de outros irmãos nossos que queiram dividi-las comigo e assim poderem se levantar de suas quedas.

Simão virou-lhe as costas e, amparado por seu auxiliar, caminhou até onde outro caído à beira do seu caminho estava a observá-lo desde que ele chegara ali. O auxiliar não se conteve mais e perguntou a Simão.

– Mestre, por que deixou ele assim, como se não se importasse, quando eu sinto que sofre com a queda dele tanto quanto sofreu com a minha?

– A você ofereci o que desejava no mais íntimo do seu ser, que era saber o porquê de suas deformações, e a ele ofereci o mesmo, meu irmão.

– Mas o que ouvi o senhor dizer a ele não foi o mesmo que disse a mim, então onde está a semelhança?

– Eu ofereci a ele a própria imortalidade, e ele preferiu vivê-la na própria morte.

– E onde está a semelhança?

– No conhecimento, que é o meio para alcançarmos o fim?

– Mas...

– Medite, meu irmão!

– Em que sentido, mestre que me deixa angustiado com minha própria ignorância?

– Ora, só alguém conhecendo a si mesmo, ainda que parcialmente ou superficialmente, poderá encontrar as razões das causas que o conduziram a viver na morte depois de ter morrido na vida. Então como posso devolvê-lo à vida se foi na vida que ele morreu?

Não percebe que ele acredita que a morte é um bem e não um mal?

– Então como será possível ajudá-lo?

– Provando a ele que está errado.

– Revivendo tudo à volta dele até um ponto em que ele sinta vergonha de se sentir morto em meio aos vivos.

– Bem, o senhor viu coisas que eu não consigo ver e sabe de coisas que me são desconhecida.

– Isso mesmo, meu irmão.

– É possível revelá-las a mim, mestre?

– Sim, é possível.

Como Simão ficou calado o auxiliar pediu:

– Não irá falar-me delas, mestre?

– Ora, ele, em sua última encarnação, colheu traições de sua esposa, humilhação dos amigos e desprezo dos seus irmãos por ter, em uma encarnação anterior, enfraquecido o seu sétimo sentido da vida.

Para ele foi uma encarnação frustrante, triste e sem o encanto da vida, pois começou a odiá-la, e assim, nela morrer.

Perdeu a confiança nas mulheres, pois a dele o traiu inúmeras vezes. E, se não confia mais nos amigos, é porque era com eles que ela o traía. Quanto ao desprezo que sentiu por parte dos seus irmãos, é porque eles se sentiam envergonhados por tê-lo como irmão.

– Mas não bastava ele se separar de sua esposa para ficar livre do seu tormento?

– Isso não lhe era possível, pois algo a que os seres humanos dão pouca atenção o jungia a ela e o obrigava a viver humilhado, traído, magoado envergonhado e sem coragem de se separar.

– O que realmente o mantinha submisso às traições dela, mestre?

– Era a incapacidade dele em satisfazê-la ou dela em conseguir alguma satisfação. Sofreu todo tipo de pressão emocional quando viveu na carne e não conseguiu se libertar do magnetismo dela, pois a lei não lhe facultou um só meio de viver sem ela.

O homem que um dia, num tempo já esquecido, oferecia tudo em troca dos favores sexuais dela, nessa última encarnação viveu um pesadelos real, pois nada tinha a oferecer além de si próprio, o que aos olhos dela não era grande coisa. Mas se casou com ele, foi porque a ela convinha um

tolo apaixonado e submisso que tolerasse pacientemente todas as viciações dela.

Ele tanto a desejou, sem nunca realmente tê-la tido, que anulou em seu espírito a descarga natural de suas energias sexuais. Com isso, elas ficaram retidas no seu emocional. E, como a mente dele foi por toda uma encarnação atormentada com um desejo não realizado, sua cabeça se deformou e cresceu, pois é nela, na sua cabeça, que essas energias estão acumuladas.

É lá, em meio a um delírio sensual, que ele se torna insensível à própria dor.

Sim. Ele, que um dia, numa encarnação já adormecida em sua memória imortal, matou, roubou, saqueou, traiu e mentiu só para satisfazer-se sexualmente com ela, hoje sofre os retornos das energias negativas irradiadas para alcançar e possuir o seu objeto do prazer.

Ele não sabia que desejava um objeto negativo e se deixou subjugar por seus desejos viciados. Agora se acha na posição de um objeto negativo num meio viciado.

Mas lhe digo que essa é só uma das razões que o conduziram até aqui, pois a maior foi a de numa outra encarnação, ainda mais anterior, ter abdicado à mesma mulher para conseguir favores materiais em troca do usufruto do belo corpo dela por seus amigos e irmãos de outrora.

Aqui neste lugar ele finalmente encontrou sua morte. A Lei, e sempre Lei, seja ela feita na vida ou na morte! E se a Lei lhe deu três oportunidades para resgatar seus erros, falhas e pecados, na quarta aqui o recolheu para seu próprio bem.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– O que deduzo é que a Lei nos transforma em algozes de nós mesmos, não?

– Isso mesmo. A lei nos recolhe em nós mesmos e assim deixamos de usar da vida de nossos semelhantes como campo onde realizamos nossos erros, falhas e pecados.

– Mas por que ele veio para exatamente aqui?

– Ora, na sua última encarnação, ele foi alimentado por uma paixão por ela que consumiu todas as suas energias espirituais. Quando desencarnou, começou a procurá-la no plano astral e aqui encontrou espíritos femininos totalmente sensualizados que o envolveram e vampirizaram tudo o que restava de suas energias carnais. Quando se viu prostrado e impossibilitado de mover-se, começou a odiar a vida e desejar a morte, pois da vida nada conseguira, uma vez que sempre que desejou algo dela, tentou obter por meio de meios negativos.

– O senhor viu tudo isso no pouco tempo em que o observou?

– Sim. Mas o que vi e que mais me impressionou foi o jeito que a queda d'Ele começou.

– E como foi que ela teve início?

– Foi no dia em que ele obrigou uma mulher que o amava e o respeitava a se entregar a outro homem em troca de uns míseros bens materiais. Foi ali, naquele exato momento, que o sentimento de amor dela se transformou num outro sentimento também humano, só que de ordem negativa.

– Que sentimento foi esse, mestre?

– O sentimento de vingança.

Esse sentimento oculta as mágoas, dores, tristezas e frustrações de quem o vibra e faz com que o todo emocional de quem o traz se torne insensível aos sentimentos anulados no todo mental, espiritual e carnal.

A mulher em questão se transformou numa vingança com vida própria que o perseguiu implacavelmente até que ele se recolheu em si mesmo, pois era a única forma de não ser atingido por ela diretamente ou pelos meios usados por ela.

– Mas o senhor poderia ter mostrado tudo isso a ele, não?

– Sim.

– E por que preferiu um outro meio para ajudá-lo?

– Ele, um dia, matou a vida dela e passou a viver da sua morte. E só quando ela o anulou por inteiro, em todos os sentidos, é que teve uma descarga emocional intensa o suficiente para livrá-la da morte e devolvê-la à vida.

Então esperemos mais um pouco até que novamente ele sinta vontade de, na vida, voltar a viver, certo?

– Está certo, mestre. Mas num ponto que me foge a compreensão.

– Qual é esse ponto, meu irmão?

– Por que ele passou a viver na morte se foi por ambição que a obrigou a se entregar aos amigos dele?

– Isso é porque ela, como espírito feminino que é, trazia em si uma sensualidade positiva que supria nele a ausência total desse tipo de vibração. Então, quando ele anulou essa vibração positiva nela, na verdade a matou e a anulou em si, e com isso foi sendo anulado até que nem possuía mais os sinais de um sexo em seu espírito.

E sabe o por quê de ele não ter mais um sexo?

– Não, senhor.

– E porque a energia que substituiu a de sensualidade que ele recebia era a de desprezo.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– Sim, mestre. O desprezo anula um sentido ou vários ao mesmo tempo, não?

– Isso mesmo. Portanto, deve observar em si mesmo o resultado das reações aos seus atos, pecados ou falhas, pois só assim terá condições de se colocar num ponto em que poderá compreender a dor dos seus semelhantes a partir da sua dor.

Mas paremos de falar de nós mesmos e vamos ouvir o que aquele nosso irmão que tanto nos observa tem a nos dizer.

Simão Beir ouviu o que o irmão caído tinha para dizer. E com paciência e tolerância o ajudou a se levantar, ainda que para isso mais tivesse absorvido um pouco de dor, mágoa, tristeza e frustração no seu todo espiritual, pois só assim podia dar a oração acompanhada da fé e da vida.

Pouco a pouco Simão foi levantando os caídos à beira do seu caminho e aquele lugar foi clareando. Tanto clareou que só um ponto escuro ainda restava. E foi com alegria que o viu dar sinais de querer sair de dentro de seu refúgio, onde se escondia por medo dos seus semelhantes.

Simão aproximou-se dele e, em meio a extrema dor em todo o seu corpo, sentou-se em sua posição preferida, pois sabia que o fruto estava pronto para ser colhido. Apenas quando sentiu suas dores se acalmarem um pouco, falou:

– Como vai, irmão?

– Ainda sinto receio de voltar à vida, ancião. Mas não pude deixar de observá-lo e ouvir suas sábias palavras a todos os que imaginavam ter chegado ao fim de suas jornadas. Por que isso aconteceu comigo, ainda que eu desejasse me isolar no mais íntimo do meu ser?

– Creio que o mais íntimo do teu ser, que é a sua semente imortal, não queria que se recolhesse a ela.

Mas agora... – e Simão não pode completar o que ia dizer, pois de repente uma luz forte pareceu surgir do nada e vários portais se formaram. Cada um possuía uma cor própria, ainda que não destoasse do conjunto.

– O Sagrado Arco-Íris Divino! – exclamou Simão embevecido.

E uma atração irresistível de adentrá-los eles irradiavam nos habitantes daquele lugar que os viam de onde estivessem. E, como que respondendo a um chamado silencioso, um a um foi adentrando-os e desaparecendo da visão de Simão, que emitia um pranto silencioso e dolorido por meio dos olhos, que, mais uma vez, viam a Lei vir recolher os que haviam caído à beira do seu caminho. Quando só ele e o homem caído à sua frente restaram, um lamento profundo e agoniante brotou do peito do último dos ali caídos. Simão procurou dominar seu pranto e perguntou-lhe:

– Por que se desespera, irmão?

– Mais uma vez não vou poder colher o prazer que aos outros é oferecido gratuitamente, ancião!

– Gratuitamente ou merecidamente, meu irmão?

– Olhe! – gritou ele aflito – Os portais luminosos estão se fechando, ancião! Por favor, ajude-me a me levantar para que eu possa chegar até eles, pois estou cansado de ficar aqui.

– Você não disse que havia chegado ao fim do seu caminho, irmão?

– Eu enganava a mim mesmo, ancião. Que o Pai me perdoe, pois já estou cansado de me ocultar dos meus erros, falhas e pecados. Ajude-me, ancião!!!

– Vamos, dê-me as suas mãos, pois só se apoiando em mim poderá se elevar.

E quando o homem estendeu as mãos, seu olhar se fixou nos olhos de Simão e este o conduziu às causas reais de sua queda. Foi só um instante, mas foi o bastante para uma intensa tristeza envolvê-lo, pois o que viu nos olhos de Simão foi a si mesmo cometendo uma ofensa aos olhos de Deus por vender o corpo de um espírito feminino vivendo na carne, a troco do bem-estar para si próprio.

Ele viu sua preguiça e sua ambição. Também viu sua usura com algo sagrado, que é corpo humano, e viu também a quem ele vendia. Aquela mulher já havia sido tanto sua mãe quanto sua filha e tanto sua irmã quanto sua esposa.

Tudo isso ele viu num piscar de olhos, e a vergonha tomou conta de todos os seus sentidos. Ele sofreu um choque tão intenso que as lágrimas correram abundantes dos seus olhos, enquanto um clamor silencioso ecoou a partir de sua consciência, agora desperta para os seus erros, falhas e pecados.

Então Simão falou:

– Acho que você já pode se levantar por si mesmo, irmão. Olhe para o seu corpo espiritual, que já capta por meio do seu arrependimento as energias de sua regeneração aos olhos da Lei.

Como o homem ficou olhando para Simão sem nada dizer ou fazer no sentido de por meiosar os portais, este o sacudiu e ordenou-lhe:

– Vamos, meu irmão! Siga o seu caminho antes que a passagem luminosa para ele se feche!

– Não posso, ancião.

– Por que não?

– Como poderia ingressar na luz se uma parte de mim ainda vive na escuridão?

– A quem se refere?

– O senhor sabe a quem me refiro, ancião!!

– Sim, eu sei. Mas gostaria de ouvir dos seus próprios lábios.

– Pois eu lhe digo, ancião! É a minha companheira de jornada, que um dia troquei pelo conforto material. Como posso ir para a luz sem ela? É melhor eu caminhar na escuridão à sua procura e, quando encontrá-la, conseguir o seu perdão, pois só assim minha consciência me perdoará. E só então, de mãos dadas, retornaremos à luz da vida.

– Olhe que os portais estão quase fechados!

– Não me importo caso eles se fechem totalmente para mim, pois por preguiça, comodismo, ambição e cobiça eu fechei em mim os portais que permitiam à vida ingressar em mim.

– Eu não gostaria de vê-lo vagar pelas sombras à procura dela, pois creio que a partir da luz será mais fácil resgatá-la, irmão.

– Eu o ouvia quando o senhor ensinava, ancião.

– Ora, o que isso tem a ver com sua permanência aqui, meu irmão?

– Ouvi quando o senhor ensinava que estar na luz é bom, mas viver na luz é muito melhor.

– E...?

– Prefiro viver na luz. Na sua luz, meu mestre!

– Mas eu não tenho luz alguma, irmão.

– Claro que tem. Ela não é visível aos olhos humanos, pois é a luz do saber, que só pode ser vista com os olhos do conhecimento. Logo, quero essa luz em mim, pois só assim viverei na luz.

– Os portais já se fecharam, irmão! Perdeste a oportunidade de recomeçar a vida num caminho luminoso.

– Não existe caminho luminoso para quem tem uma parte de si nas sombras, meu mestre. Ou irá negar seus próprios ensinamentos?

– Não os negarei. Eu só estava testando suas convicções a respeito das verdades da lei e da vida enquanto ainda restava uma possibilidade de sair do seu pesadelo.

– Eu já saí dele, pois o senhor me acordou do sono da ilusão da morte.

– Ótimo, meu irmão. Agora que pode se levantar sozinho, então faça isso e depois me ajude a me levantar também, pois sem o meu cajado isso me parece ser impossível.

– Eu também o ajudarei a se levantar, mestre! – exclamou uma voz atrás de Simão. Este então exclamou:

– Meu auxiliar fiel! Não adentraste os portais?

– Sim, meu mestre. Mas retornei quando vi que o senhor não os adentraria. Então, como eu poderia deixá-lo para trás?

– Ora, mas você já fez por merecer viver na luz, irmão!

– Eu não honraria o meu mestre se o abandonasse no meio das sombras por causa do meu próprio bem-estar, que na realidade só seria aparente, pois o verdadeiro está com o senhor.

– Talvez a Lei quisesse que a servisse na luz, irmão.

– Talvez. Mas como algo mais forte me induziu a permanecer ao seu lado, então segui a minha vontade e não o meu desejo, mestre que vive por inteiro em mim.

– Bem, se essa é a sua vontade, não serei eu quem irá substituí-la com os meus desejos de vê-lo na luz, pois na verdade só há luz onde há vontade e vice-versa. Portanto, ajudem-me a me levantar e chegar até o local onde nossas irmãs vivem, certo?

– Certo, nosso mestre! – exclamaram uníssonos o auxiliar e Tir, ajudando Simão a se levantar e caminhar na direção do lugar que ele sempre lhes falava como sendo o local onde haviam muitas irmãs já vivendo na luz do saber.

E quando, ainda em meio às sombras, se aproximaram, Simão pediu:

– Ajudem-me a me sentar, pois daqui posso ter uma visão que abrange todo o lugar.

– São tantas, meu mestre! – exclamou o auxiliar.

– Por que o espanto?

– Ora, eu não imaginava que houvesse tantas irmãs neste lugar!

– Pois saiba que dificilmente alguém cai sozinho, irmão!

– Vejo que é verdade, mestre.

– Então observe como agora têm uma calma aparente, auxiliar!

– Elas alcançaram um equilíbrio igual ao dos nossos irmãos que transpuseram os portais luminosos – falou o auxiliar.

– Então por que diz que é uma calma parente? – perguntou Tir, o último a se levantar da sua queda.

– Ora, por trás dessa calma aparente pulsam e latejam sentimentos que anseiam por se expandirem, irmão – falou o auxiliar.

– Só parecem calmas, Tir! – exclamou Simão.

– O que existe por trás das aparências calmas, mestre que não inicia um diálogo sem uma razão de ser?

– Se comento isso é porque nelas pulsam e latejam vontades e desejos, auxiliar!

– Então voltam ao princípio dos seus desequilíbrios?

– Não foi isso que afirmei.

– Mas se misturam vontades e desejos, então estão num caminho dual, certo? – perguntou o auxiliar.

– Isso mesmo.

– E isso não pode levar a outros desequilíbrios, mestre?

– Pode sim.

– Então...?

– Então pulsam e latejam a vida por trás dessa calma aparente, meu auxiliar.

A vida é isso, uma mistura de vontades e desejos mantidos sob o controle de uma calma aparente. Tal como você, elas anseiam por realizar suas vontades e vivenciar seus desejos em paz. E isso é o contrário do que as conduziu até aqui, que foi a realização e a vivenciação dessa qualidades humanas no tormento.

Observem como umas se reúnem com o propósito de orar e, mais adiante, outras cantam e, mais além, outras declamam e outras oram. Olhem tudo com atenção e, depois de tudo verem, verei se realmente aprenderam

a ver a vida depois das lições que ela lhes proporcionou para que assim aprendessem a vê-la, certo?

– Mas não estamos longe demais para ver isso, mestre? – perguntou Tir.

– Teriam equilíbrio emocional para conseguir isso caso estivessem juntos delas?

– Não – afirmaram os dois ao mesmo tempo.

– Eu acredito que, se fosse para junto delas, iria caír novamente nos mesmos erros – afirmou o auxiliar.

– Sabe a razão disso, meu irmão?

– Seriam os meus desejos, não?

– Errado, meu irmão! – exclamou Simão.

– Então...? – indagou o auxiliar. Como Simão não lhe respondeu, isso o deixou aflito. – Mestre, qual é essa razão, por favor?

– Teme-a tanto assim, meu irmão?

– Sim, eu a temo muito, pois foi por causa dela que caí.

– Huummm... então que tal meditar observando-as e observá-las meditando, enquanto vou sozinho até um local neste lugar onde há uma pedra que chora?

– Irá sozinho?

– Sim. E para isso vos peço que me ajudem a me pôr de pé.

– Mas sofre tanto ao caminhar. Deixe que nós o levemos até esse lugar, mestre – pediu o auxiliar.

– Quero que façam o que lhes pedi, até ele minhas vontades e meus desejos me levarão, meus irmãos.

E Simão, passo a passo, caminhou no meio das sombras até um local naquele lugar, onde havia uma pedra que chorava.

Quando finalmente se aproximou dela, uma visão estarrecedora o impressionou intensamente. Aos olhos dele, pareceu que todas as sombras sensuais que viviam ali estavam caídas à beira do filete de lágrimas que corria a partir do local onde muitas ele derramara e que deram origem a uma fonte lacrimosa.

O que teria acontecido às belas aparências femininas que só pulsavam e latejavam desejos sexuais?

Como a resposta era óbvia demais, primeiro ele ajoelhou-se de uma só vez, emitindo um grito rouco de dor, para depois se sentar na sua posição preferida de meditar. Quando finalmente dominou suas dores e viu a extensão do que seus olhos viam, a sensual voz das sombras se fez audível novamente.

– Então voltaste à sua fonte de lágrimas, ancião mortal?

– Sensual voz das sombras! É você?

– Sim, eu mesma, ancião mortífero?

– Por que me classifica como tal, minha voz nas sombras da sensualidade?

– Não foi por beberem das lágrimas de sua fonte que elas ficaram assim, com os seus corpos espirituais em chagas?

– Sim, foi isso.

– Então suas lágrimas são mortais, não?

– Eu não diria mortais, mas sim lágrimas da morte dos meus sentidos ou dos irmãos que já encontrei em meu caminho, sensual voz das sombras.

– Por que tuas lágrimas aqui derramadas deram origem a uma fonte que não se esgota nunca, ancião inesgotável?

– Você não sabe?

– A resposta é sua, ancião insaciável!

– Sim, eu sei. Mas como não a tenho, então só digo talvez saiba, sensual voz das sombras que não se mostra e assim sacia minha curiosidade de vê-la como realmente é, para não deixar de ser o que aparenta ser!

– Como explica o que aconteceu com elas, ancião?

– Creio que, enquanto eram movidas por ilusões sensuais, aparentemente possuíam o domínio de suas aparências. Mas quando finalmente saciaram uma de suas ilusões, a realidade se mostrou por inteira, em todos os sentidos. Ou não era uma ilusão elas acreditarem que lágrimas humanas as imortalizariam nas suas sensualidades?

– Por quê, ancião?

– Ora, lágrimas humanas nada mais são que um sinal de alerta da vida para que quem as derrama tenha consciência das causas que as originaram e assim possa meditar sobre o caminho que foi trilhado até derramá-las, assim como, sobre o caminho a seguir.

– Só isso?

– Não, pois como a vida tem muitos sentidos e muitos são os seus sentidos, então muitas são as razões de alguém derramá-las. As causas são sempre as mesmas, pois mostra em quem as derrama uma ausência da vida em si mesmo. Já as razões, estas são muitas, pois a razão é múltipla, minha voz nas sombras sensuais.

– Então me diga, ancião, qual é a razão de sua caminhada em meio ao nada?

– Só caminhando em meio ao nada encontrarei um meio de alcançar o tudo, ou o lugar onde existe um local onde há um ponto de equilíbrio, do qual terei uma visão real de Deus, sensual voz das sombras.

– Isso também não é uma lição, ancião irreal? Você também não está sendo movido por uma ilusão?

– Sim, isso é verdade.

– Então por que alimenta essa sua ilusão com tantas lágrimas?

– Só com lágrimas posso alimentá-la, pois ao derramá-las em abundância sinto o quanto ainda estou longe de chegar ao tal lugar.

– Mas para que derramar tantas lágrimas se elas só alimentam uma ilusão?

– Essa ilusão pode me conduzir a um local onde a verdade é uma realidade, minha sensual voz nas sombras.

– Pode-se dizer então que as lágrimas conduzem à realidade?

– Ou à imortalidade, se bem captei sua intenção oculta, não?

– Isso mesmo, meu sábio ancião!

– Sim.

– Então por que diz que é uma ilusão elas desejarem beber lágrimas para alcançarem a imortalidade?

– Se isso afirmo é porque elas eram movidas por uma fantasia da verdade, pois procuravam a imortalidade das aparências e não a da forma.

Ou será que essa falsa crença não se alimenta de um sentimento humano?

– O que querer dizer com isso, ancião dúbio?

– Ora, o que estou dizendo é que por trás de tudo está o medo de perder a vida. Só quem teme perder a vida pode imaginar que bebendo lágrimas irá se imortalizar, pois em verdade estará se imortalizando na morte aparente.

Observe que se agora elas aparentam algumas das faces da morte, não são diferentes das anteriores, que ocultam nas falsas aparências que as ocultavam.

Agora posso dizer que elas realmente estão vivas, minha sombria voz na sensualidade.

– Só porque, nas dores que sentem, derramam lágrimas?

– Isso mesmo. Agora elas estão se alimentando com as próprias lágrimas, que estão tornando-as imortais.

– Voltamos à ilusão de que as lágrimas podem tornar um ser humano imortal, não?

– Mas com uma diferença! Agora elas têm uma fonte interior a vertê-las. E só quem está vivo derrama lágrimas. O que é muito diferente da situação anterior, quando se alimentava de fontes exteriores, não?

Antes viviam na morte por meio de uma sensação da vida, que é o prazer, e agora vivem na vida por meio de uma sensação da morte, que é a dor. Se antes trilhavam o caminho do nada, agora estão começando a trilhar os caminhos do tudo.

– Mas a sensualidade não é um sentido humano, ancião?

– Não.

– O que é então?

– Ora, a sensualidade nada mais é que a exteriorização da busca de um sentimento, assim como a curiosidade, a meditação ou a imaginação também o são.

– Podia explicar-me melhor essa sua afirmação, ancião?

– Claro que sim, minha sombria voz sensual!

Observe que, quando um ser humano exterioriza a sua sensualidade, é porque procura satisfação no sétimo sentido da vida, que é o sexual. E quando exterioriza à curiosidade, está procurando o saber, que é um dos sentidos do conhecimento que proporciona a satisfação.

E, quando se põe a meditar, procura a satisfação no raciocínio, que é um dos sentidos do saber. Assim como quando se põe a imaginar, só está procurando a satisfação num outro sentido da vida, que é o de gerar.

Logo, a satisfação é um sentimento, e meditação, curiosidade, imaginação e sensualidade nada mais são que meios de alcançá-la, minha sensual voz das sombras!

– Então me diga, ancião, por que, em vez de ir socorrê-las logo que as viu caídas por meio de suas lágrimas de dores recolhidas à beira do seu caminho, preferiu sentar-se e contemplar esse horror?

– Eu não posso realizar um desejo meu sem antes meditar sobre as razões que fizeram surgir, a partir de minhas lágrimas aqui derramadas, um rio de dores, sensual voz das sombras.

– Por que não?

– Porque agora elas são parte de mim, e eu sou elas por inteiro.

– Explique-se, ancião enigmático.

– Oras, elas não vibram só dores?

– Sim.

– Então eu sou elas por inteiro, pois passaram a vibrá-las a partir da exteriorização de um sentimento meu, que é o de dor. E são parte de mim, pois vibram por inteiro esse sentimento meu, que não é o único que vibro, pois, com minha dor, também vibro o amor, a fé, a razão, o conhecimento, a lei, a sabedoria e a vida.

– Você oculta para explicar e explica para ocultar, ancião!

– Por que diz isso, sensual voz das sombras?

– Você não tem a resposta, ancião?

– Sim, eu a tenho.

– Então não a queria de mim, pois ela pertence-lhe, certo?

– Está fugindo de mim mais uma vez?

– Só me afastando, ancião.

– Por quê?

– Medite, ancião! Talvez encontre em si mesmo as causas de minha aparente ausência em você.

– É, talvez eu deva meditar sobre isso também, sensual voz nas sombras. Ainda que eu saiba a razão disso.

– Qual é essa razão, ancião?

– É minha vontade de chegar a um lugar onde tem um local onde existe um ponto do qual terei uma visão real do meu Criador.

– Acredita mesmo que a ele chegará sem mim?

– Talvez sim, talvez não. Mas como se oculta nas sombras da sensualidade à beira do meu caminho, então vou recolhendo partes de mim até que eu tenha recolhido o seu todo.

– Não seria melhor se deixar colher por parte, para possuir o todo em si?

– Usa o meu meio para me conduzir ao meu fim, sensual voz das sombras?

Mas Simão não pôde ouvir a resposta, pois uma voz interrompeu seu diálogo com a sensual voz das sombras:

– Mestre! Mestre, onde está senhor?

– Aqui mesmo, auxiliar! – respondeu Simão.

– Onde?

– À sua direita, irmão – respondeu Simão, que possuía um sentido direcional em meio à penumbra do lugar. Assim que o auxiliar se aproximou, foi logo dizendo:

– Mestre, muitos espíritos de e da luz começaram a chegar àquele lugar iluminado em meio às sombras e levaram para a luz todas as nossas irmãs que lá estavam!

– Isso é muito bom, não?

– Claro que sim. Mas o senhor devia ver como eram lindos aqueles espíritos luminosos!

– Imagino que eram lindos. Digam-me a que conclusão chegaram em vossas meditações e observações, sim?

– Bem, eu concluí que por trás das aparências estavam as vontades delas, mestre.

– Por quê, auxiliar?

– Ora, se algumas cantavam, é porque sentiam vontade de cantar, pois ninguém as obrigavam a cantar. E o mesmo se sucedia com todas as outras que, em grupos equilibrados, também davam vazão às suas vontades!

– Tem certeza disso?

– É o que me pareceu mais lógico.

– E quanto a você, Tir. O que me diz?

– Bem, eu meditei sobre tudo o que vi e observei sobre o que meditava e encontrei muito de mim nelas.

– Por quê?

– Bem, admiro a beleza feminina! Também gostei de ouvi-las cantar. Quando fixei minha visão sobre as que oravam, também orei, ou nas que discutiam sobre a natureza humana,observei a natureza humana.

– Logo?

– Logo, cheguei à conclusão de que elas eram a exteriorização de muitos dos meus desejos, meu mestre.

Como Simão ficou calado por um longo tempo, o auxiliar não se conteve e perguntou:

– Qual de nós dois nos aproximamos mais da verdade, sábio mestre?

– Os dois se aproximaram, meus irmãos!

– Por quê, mestre? – perguntaram os dois ao mesmo tempo.

– Bem, cantar, orar ou falar se originam dos nossos sentidos divinos, que são movidos pelas nossas vontades, certo?

Mas cantar, orar ou falar são a exteriorização dos nossos sentimentos.

Logo, são sentidos divinos num ser humano e sentimentos humanos dos nossos desejos de nos divinizar.

Portanto, o que viram enquanto meditavam foram os meios da vida, e o que meditaram enquanto viam eram sobre os meios de viver.

– Como assim, mestre? – perguntou Tir.

– Oras, vocês viam espíritos femininos que são um meio da vida, pois não é por meio da mulher que a espécie humana se perpetua na carne e se multiplica no espírito?

– Sim.

– E também não é por meio do canto, da oração ou da fala que a vida se multiplica na carne e se perpetua no espírito?

– Sim.

– Mas enquanto meditavam sobre o porquê de umas cantarem, outras orarem e outras discutirem, não lhes ocorreu que tais ações humanas são meios de um ser humano viver?

Uns são movidos pelo amor, que é o canto da vida; outros são movidos pela fé, que é a crença na imortalidade; e outros são movidos pela razão, que é o conhecimento da vida.

Logo, a vida traz em si tanto a vontade, que é divina, como o desejo, que é humano. E, se meditarem sobre isso, verão que a vontade humaniza um ser humano e o desejo o diviniza.

– Como assim, mestre?

– Meditem, irmãos! Meditem sobre essas coisas transpondo-as aos vossos sentimentos ao observarem essas nossas irmãs caídas à beira desse rio de lágrimas.

Os dois meditaram longamente sobre o que viram e então Simão perguntou:

– O que me dizem?

– Eu não gosto de vê-las assim e quero ajudá-las – falou Tir.

– Quanto a mim, não quero vê-las sofrendo e gostaria de ajudá-las, mestre – falou o auxiliar.

– Observem como desejo e vontade fazem parte da natureza humana.

Um diz "não gosto", e isso expressa a ausência de um desejo, pois tal visão não lhe traz satisfação. Mas ao mesmo tempo diz "quero ajudá-las",

e com isso manifesta uma vontade, pois o ato de ajudar é uma vontade se manifestando.

Já o outro diz "não quero", e manifesta uma ausência de vontade, pois o ato de não querer está negando a presença de vontade. Mas ao mesmo tempo diz "gostaria de ajudá-las", manifesta um desejo, pois gostar ou não gostar pertence ao desejo.

Logo, quando o desejo está ausente, a vontade se manifesta e vice-versa.

Ou será que a vontade, que é divina, não se humaniza no ato de querer ajudar e o desejo, que é humano, não se diviniza no gostar de ajudar?

– Nenhuma palavra sua é desprovida de um sentido e isso já notei há muito. Logo, explique-nos o porquê de nos conduzir a essas conclusões – falou o auxiliar.

– Ora, é muito simples, irmãos! Ambos chegaram trazendo no mais íntimo dos vossos seres um pulsar que tentam ocultar, pois não o compreendem bem e julgam que seja um mal, e não um bem da vida transposto nos seres humanos para que assim tenham o prazer nos seus desejos e a satisfação nos seus prazeres.

Ou será que o desejo que sentiram de se juntarem a elas não foi uma manifestação de um sentido da vida, que é o da união? Será que, quando queriam cantar com elas ou realizarem outras coisas, não manifestavam sentimentos humanos que celebram a vida?

Talvez tenham tido medo de, quando junto delas, não se conterem e voltarem a pulsar com maior intensidade só um dos sentidos da vida, certo?

– Isso mesmo, sábio mestre – afirmaram os dois espíritos à frente de Simão.

– Sabem o porquê disso?

– Não, mestre! – responderam eles.

– Pois lhes digo que se assim é, isso se deve ao fato de não terem encontrado a satisfação plena quando conviveram com mulheres, e isso tanto foi na carne quanto em espírito.

– Como dominar esse medo de cometer novos erros, falhas e pecados, mestre? – perguntou o auxiliar.

– Indo ao encontro dele, meu irmão!

– Como encontrá-lo, mestre?

– Que tal começarmos a procurar os vossos medos entre essas nossas irmãs, caídas à beira de um rio de lágrimas?

– Chama esse filete de água cristalina de rio de lágrimas? – perguntou o auxiliar.

– Sim, esse é um verdadeiro rio de lágrimas, irmãos. Por que não procuram vossos medos entre elas enquanto eu descanso um pouco junto àquela pedra?

– Nós o ajudaremos a chegar até ela, mestre.

E Simão Beir sentou-se recostado na pedra que chorava. Ali ficou a observar os dois auxiliares consolarem, confortarem e esclarecerem as outroras vozes sensuais das trevas. Viu quando elas começaram a se levantar a partir do mais íntimo dos seus seres.

Mas também viu numa delas a mulher que um dia Tir havia vendido para os amigos. E também viu quando tanto ele quanto o auxiliar descobriram que haviam sido amigos numa encarnação já adormecida em suas memórias imortais e que o destino, ou a lei, ali os havia reunido para que assim uns se redimissem aos olhos dos outros.

Ao que via, mesmo a distância compreendia. E, em dado momento, Simão adormeceu com a cabeça recostada na pedra que chorava.

Quanto tempo durou o seu sono não é possível dizer, pois ali era um lugar onde o tempo não contava e tampouco era contado. Mas, em dado momento, uma voz doce o acordou:

– Mestre ancião, mestre ancião, acorde por favor!

– Hã... quê... o que aconteceu, minha irmã?

– Acorde! Nós queremos lhe falar! – exclamou o auxiliar, feliz.

– Então fale, irmão – pediu Simão.

– Já não existe mais nenhuma irmã nossa caída à beira desse rio de lágrimas!

– Fico feliz com isso, irmão. Mas me diga: dominou seu medo?

– Sim.

– E você, Tir?

– Não só a ele, mas também à minha vergonha, mestre. Agora posso dizer que sou feliz, pois obtive o perdão daquela a quem um dia envergonhei, ofendi, magoei, frustrei e feri. Sou-lhe grato por toda a eternidade, mestre dos discípulos!

– Agradeça à Lei, por ter proporcionado a oportunidade de provar para si mesmo, assim como aos seus semelhantes, que se redimiu aos olhos do senhor nosso Deus.

– Já fiz isso milhares de vezes, mestre.

– Eu acho que foste ouvido, irmão.

– Eu não duvido disso, mestre – afirmou o auxiliar.

– Não duvide mesmo, pois, ou estarei sonhando ou novos partais de luz estão se abrindo para que por meio deles vocês dois possam conduzir vossa conquista de vidas para a vida.

– Onde? – perguntou Tir.

– Às vossas costas, irmãos! Olhem como são lindos!

E todos se viraram para vê-los e se encantaram com a visão de algo divino. O auxiliar, depois de observá-los demoradamente, virou-se para Simão e perguntou:

– Para onde conduzem esses portais, mestre?

– Para a vida! O Sagrado Arco-Íris é a presença viva de Deus. Logo, a Ele conduzem esses portais.

– Compreendo.

– Se compreende, então o que está esperando para transpô-lo com sua conquista de vidas, irmão?

– Vou dizer a todas elas que os por meiosem, pois conduzem à vida. Depois voltarei para junto do senhor.

– Será que ainda não percebeu que é hora de trilhar o seu caminho na luz, irmão?

– Por quê? Acaso não lhe agrada minha companhia?

– Tolo!

– Como?!!

– É isso mesmo, irmão. És um tolo, pois não percebeu que me recostei para que você, que é parte de mim, pudesse me possuir por inteiro em todos os seus sentidos?

– O que vi foi meu cansado mestre se recostar e adormecer.

– Pois é isso, irmão. Quando o mestre adormece aos olhos do discípulo, é porque o discípulo está pronto para acordar o mestre que há em si mesmo. Se assim não fosse, mestres não passariam de discípulo, e discípulos não deixariam de ser discípulos para serem mestres.

É a vida, irmão!

– Mas eu não tenho coragem de deixá-lo sozinho!

– Por que não?

– Oras, eu o amo!

– Pois saiba que agora terá que me deixar, pois já não é mais um discípulo. E se o deixei junto de mim da primeira vez que os portais se abriram, é porque ainda era só um discípulo. Mas agora não permitirei isso, pois só um mestre pode deixar outro mestre sem prejudicar a si ou a quem quer que seja.

– Por que isso é assim, mestre?

– Ora, porque quando um mestre se afasta de outro mestre, leva-o por inteiro em si mesmo. E o que fica tem, no que parte, parte de si mesmo, assim como retém parte do que parte em si mesmo.

– Partirei com tristeza no meu coração, mestre.

– Eis aí uma das partes que falei.

– Sentirei saudades do senhor, mestre de mestres.

– Eis aí outra das partes, irmão.

– Sentirei falta do senhor.

– Essa é a parte sua que ficará comigo.

– Sofrerei com sua ausência ao meu lado.

– Essa e a minha parte que levará contigo, irmão.

– Como fazer para não me dividir ao transpor os portais do Sagrado Arco-Íris?

– Multiplicando-se, meu irmão. Só na nossa multiplicação podemos impedir nossa divisão. Sabe interpretar o crescer e multiplicar, não?

– Ainda que eu saiba, gostaria de mais uma vez ouvi-la dos seus lábios, meu mestre.

– Pois ainda que isso saiba, mais uma vez lhe direi.

Um ser humano deve crescer aos olhos Divinos para então poder se multiplicar entre os homens. Mas um ser humano só cresce aos olhos de Deus caso se multiplique entre os homens.

Essa é a lei da vida e a vida da lei, meu irmão. Agora vá e conduza a sua multiplicação, que tanto agradou ao Pai que Ele até o honrou com os portais da vida para que você conduza para a vida essas vidas.

E o auxiliar conduziu as outrora sensuais vozes das sombras, que agora iriam falar na luz da lei e da vida. Quanto a Simão, ficou observando quando os portais começaram a se fechar em si, tal como fizera o Anjo da Morte.

Com a cabeça recostada na pedra que chorava, Simão ficou imerso numa infinidade de pensamentos contraditórios, até quando a sensual voz das trevas voltou a lhe falar:

– Por que tanta tristeza, ancião relutante?

– Como não ficar triste com a partida de quem amamos, sensual voz das sombras?

– Mas podia tê-los retido não?

– Não seria correto.

– Então por que não pediu para que o levassem com eles?

– Acaso ouviste uma oferta nesse sentido?

– Observando melhor, não ouvi, ancião esquecido.

– Então o que me diz agora?

– Eu gostaria de consolá-lo, ancião solitário.

– Por que solitário, voz sensual nas minhas sombras?

– Ora, nesse lugar não resta viva alma, ancião!

– Bem, então essa parte do meu caminho já não vibra mais em mim, minha voz sensual nas sombras.

– E você não me deu o que prometeste, ancião.

– Como não?

– Ora, o que você me deu?

– Um meio de voltar a vibrar nos que já não a vibravam, ou será que já não estava ausente neles também?

– Sim, eu já estava ausente nos nadas que aqui habitavam, ancião.

– Pois agora já vibra nos que devolvi à vida, não?

– Sim, isso é verdade.

– Então dei-lhe algo, não?

– Sim, isso é verdade, ancião. Agora eu tenho tudo na vida para vibrar novamente.

– Pois é isso, minha sensual voz nas sombras! Dei-lhe algo que não pode recusar, pois independe de seus desejos, que neles existem por uma vontade da vida.

– Você é o mais sábio dos sábios que penetraram em minhas sombras, ancião imortal!

– Fico feliz que a sabedoria tenha penetrado na sensualidade, pois assim tirou os nadas do nada e os devolveu ao tudo na vida, sensual voz das sombras.

– Pois eu gostaria de tê-lo recebido em outro sentido, ancião!

– Isso não seria possível, minha voz nas sombras sensuais!

– Por que não?

– Ora eu só poderia, se tentasse satisfazê-la, penetrá-la com uma parte de um dos sentidos da vida. Logo, eu me anularia por inteiro e em todos os sentidos, porque você é um sentido por si mesma. Assim, a parte seria absorvida pelo todo, não?

– Sim, isso é verdade, ancião que é parte de mim.

– Por que sou parte de ti, sensual voz nas sombras?

– Ora, sensualidade sem inteligência, conhecimento e sabedoria, deixa de ser sensualismo e se torna só um instinto, não?

– Sim, é verdade.

– Logo, se sou ausência em sua luz e você é presença em minhas sombras, um é parte do outro, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Então, por que me ama nas minhas ausências e se afasta de mim nas minhas presenças, ancião?

– Ora, se eu amá-la na sua presença, não a amarei nas suas ausências, sensual voz das sombras!

– És esquivo, ancião.

– Tanto quanto és fugidia, não?

– Talvez, ancião. E como já não resta por aqui uma viva alma, então eu o deixo no meio de um vazio meu à beira do seu caminho, ancião vazio de minha presença.

– Por que mais uma vez se afasta de mim, sensual voz das sombras?

Mas Simão Beir não obteve resposta alguma e o silêncio total se fez audível a ele. E por muito tempo ele ficou em silêncio, até que tentou se levantar. Como não conseguia se agarrar à pedra para se por de pé, uma tristeza imensa o cobriu com seu manto escuro.

Lágrimas começaram a ser derramadas por seus olhos tristes. E, como estava com a cabeça encostada na pedra, nela outra fonte começou a

verter lágrimas cristalinas em grande quantidade, criando assim um verdadeiro rio de lágrimas no meio da escuridão das sombras.

E Simão ficou ali a chorar por muito tempo, ainda que ali o tempo não contasse. Também não viu que à sua volta um lago começava a se formar e que pouco a pouco ia subindo o nível das lágrimas acumuladas ali.

Mas uma voz triste o tirou do seu pranto de tristeza:

– Por que está chorando tanto, ancião?

– É você, sensual voz das sombras?

– Sim. Mas agora minha voz também traz em si a tristeza, ancião!

– Por que isso, minha voz?

– Você não chora por causa de sua impotência?

– Sim, é verdade.

– Então me diga: qual a sensualidade que não se entristece diante da impotência do seu objeto desejado?

– Todas, creio eu.

– Por que todas, meu ancião?

– O mestre sente prazer em ensinar, e a sensualidade que não irradia por meio do seu sétimo sentindo da vida transborda-a por meio do seu conhecimento, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Um mestre não fica triste quando percebe que o discípulo e incapaz de entender os seus raciocínios?

– Sim, incapaz é sinônimo de impotência.

– Logo, a impotência do discípulo entristece o mestre, pois lhe tira o prazer que sente ao ensinar, certo?

– Isso é verdade, ancião incapaz.

– Quer outros exemplos, ainda que eu saiba que a todos que eu possa imaginar, já os conhece, minha sensualidade ausente?

– Não é necessário outros, pois conheces o real sentido da sensualidade na vida humana, meu ancião.

– Sim, eu isso conheço, ausência minha na minha vida.

– Como ou o que fará além de chorar sua impotência, ancião triste?

– Nada além de chorar minha tristeza e viver na morte de minha impotência, ausência em mim.

– Onde está sua força de vontade, ancião tenaz?

– Anulada pela ausência do desejo em mim, minha ausência.

– Não acredito nisso, ancião incrível!

– Acredite porque é uma verdade, ausência em mim!

– Explique isso, ancião inacreditável.

– Um dia, num tempo imemorável, morri por desejar. Agora, morro por não sentir desejos. Ou não é verdade que não desejei reter nenhuma alma comigo, que pudesse me levar de volta até o meu cajado que me apoia e me sustenta?

– Eu não creio que seja impossível levantar-se, ancião incrédulo.

– Acredite nisso, pois o Anjo da Morte me retirou a faculdade de volitar ou de me levantar sem o auxílio do meu cajado.

– Por que ele fez isso contigo?

– Não sei, pois a parte não consegue ver a vontade do todo senão parcialmente. E, como eu saí da morte a partir de um lugar onde a ilusão é uma realidade e a realidade e a ilusão, então a ilusão de que meu cajado me apoia e me sustenta, para mim, agora é uma verdade que subjugava minha vontade, pois, com as muitas mortes que absorvi, sobrecarreguei minha vida, ausência em mim!

– Acredita realmente nisso, meu ancião?

– Nisso não consigo deixar de acreditar, ausência em mim.

– Faça um esforço sobre-humano e talvez consiga se pôr de pé para chegar até seu cajado.

– Tentarei, sensual voz das sombras que me incentiva na sua ausência em mim.

E Simão Beir mais uma vez sobrepujou suas dores e o peso das mortes que pesavam em sua vida e se pôs de pé. Então começou a sair do lago cristalino que havia se formado aos seus pés. Caminhou pela escuridão, e por um bom tempo foi bem, mas em dado momento, ou passo, começou a sentir frio e um tremor tomou conta do seu ser imortal.

Pouco a pouco foi arqueando até cair de joelhos, já enregelado. Seu corpo espiritual vibrava como se fosse se partir em mil pedaços. Um suspiro de dor ainda emitiu antes de cair no solo escuro. E, mais uma vez, a sensual voz das sombras se fez audível a ele:

– O que aconteceu agora, ancião trêmulo?

– Tomei a direção errada, morte minha! – gaguejou ele a muito custo. – Agora pago o preço do desafio.

– Que desafio?

– O de caminhar de encontro à morte, presença em mim!

– Por que estou presente em você, Simão Beir?

– Por que eu desejo chegar a um lugar onde existe um local onde tem um ponto de equilíbrio e do qual terei uma visão de Deus, presença em mim.

– Então tome outra direção, pois sua vontade permitirá que mais uma vez se levante, certo?

– Errado, pois do meio da morte um ser humano não sai em auxílio de alguém.

– Por que isso é assim?

– É porque o Criador quer nos mostrar com isso que se somos imortais, não somos infalíveis, falência em mim!

– Por que sou sua falência, meu falível ancião?

– Ora, eu falhei no meu desejo de ter uma visão real do senhor meu Deus.

E tudo ia bem enquanto eu era movido pela minha vontade. Mas quando me deixei levar pelo meu desejo de ter meu cajado de volta, então falhei.

– Insinua que eu o induzi a ir ao encontro de sua morte?

– Não, isso não.

– Então o que realmente quer dizer?

– Eu desejei ter de volta algo que pudesse me apoiar quando o mais lógico teria sido eu me orientar pela pedra que chora e voltar ao meu caminho, que, se é escuro, não é tão sombrio quanto minha morte.

– Eu gostaria de ajudá-lo, ancião que caiu por uma falha e um erro mas não por um pecado.

– Por que não caí também pelo pecado, voz dos pecado em mim?

– Não é humano um ser humano desejar o apoio de algo ou alguém na realização de uma vontade?

– Sim, isso é muito humano.

– Então não é um pecado, ancião humano!

– Mas ainda assim foi uma falha no meu sentido direcional e um erro de cálculo que me conduziu à morte, não?

– Sim, mas foi em função de um desejo humano, certo?

– Ainda que esteja certa, de que me adianta saber disso se estou todo adormecido e só meus sentidos ainda pulsam em mim?

– O que acha de alguém ajudá-lo a se levantar e a chegar até seu caminho, meu Simão?

– Por que dizes: "meu Simão"?

– Ora, ninguém mais, além de mim, resta aqui na sua morte, meu Simão!

Ou será que a morte em si mesma é alguém?

– Não, a morte em si mesma torna um ser humano ausente em si e presente nas causas de sua morte.

– Logo, só está presente em mim, que sou teu desejo de chegar até o seu cajado, não?

– Sim, é verdade.

– Logo, se só restou-me em você, então agora meu Simão tu és. Ou isso não é uma verdade?

– Sim, isso é uma verdade, pois só o desejo de chegar até o meu cajado me mantém consciente quando tudo mais já adormeceu pelo frio da minha morte, pois sei que se chegar até ele, minha morte recuará e ficará atrás de mim.

– Eu sinto um desejo imenso de ajudá-lo, meu Simão.

– Mas não pode, não é mesmo?

– Por que diz isso?

– Porque não és "alguém", mas sim algo, certo?

– Sim, eu sou "algo" que alguém sente.

– Logo, sendo algo, não é realmente "alguém" que possa me ajudar, certo?

– Errado, pois você está no limite onde a verdade é uma ilusão e a ilusão é uma verdade.

– Explique-se, sensual voz na minha morte!

– Ora, meu Simão! A sensualidade não é uma verdade na ilusão dos seres humanos?

– Sim.

– E também, para os seres humanos, a ilusão da sensualidade não é uma verdade?

– Sim, isso é uma verdade.

– Então algo verdadeiro, que é a sensualidade, aqui pode se transformar em alguém ilusório que possa ajudá-lo a corrigir sua falha direcional e erro de cálculo, não?

– Sim, isso é possível. Mas por que você faria isso?

– Para não vê-lo cair no pecado.

– Qual pecado, salvação minha?

– O de pereceres aos olhos do Senhor após enviar-lhe tantas vidas por meio dos teus olhos, que por si mesmos já são uma visão de Deus.

– Por que meus olhos já são uma visão do Criador?

– Ora, não foi por meio d'Ele que aqueles que se acreditavam mortos reviram suas vidas, que são partes de Deus?

– Tenta me divinizar quando me encontro na minha morte, ausência em mim?

– Por que agora sou ausência em você agora, meu Simão?

– Você tenta me divinizar quando sou só um ser humano.

– Mas não tens, com teus olhos humanizando, teus semelhantes haviam se transformado em sombras.

– Sim, isso é verdade.

– E não foi por meio dos teus olhos que eles viram a fé, a razão, a lei, o amor, o conhecimento, a sabedoria e a vida?

– Sim.

– Essas virtudes não são partes de Deus que formam o todo virtuoso das vidas deles? E que, se forem vivenciadas por meio do humanismo dos seres humanos, os divinizam aos olhos de Deus?

– Sim, é verdade.

– Então você admite que seus olhos são uma visão do Criador?

– Não.

– Por que não?

– Meus olhos são só um meio parcial de se ver o Pai.

– Por quê, Simão Beir?

– Ora, um ser humano pode ver o Pai por meio de todos os outros sentidos.

– Tais como, Simão Beir?

– Com o coração por meio da caridade; com o amor por meio da ternura; com o conhecimento por meio da fé; com a lei por meio da razão e com a sabedoria por meio da vida.

Chega ou quer que eu continue?

– É o bastante, meu Simão.

– Volta a dizer "meu Simão". Por quê?

– Já te vejo não só por meio dos teus olhos, que, se são uma visão parcial do Criador, não deixam de fazer parte de uma visão completa d'Ele em você mesmo, pois, se d'Ele és parte, então também O tem por inteiro em si, certo?

– Assim me é aceitável, sensual voz na minha morte!

– Ora, a sensualidade sem inteligência, conhecimento e sabedoria seria só um instinto, que para mim seria o de sobrevivência, nada mais.

– E eu não desejo só sobreviver, pois o que realmente quero é viver.

– Você é parte de mim, e eu sou você por inteiro, neste momento, meu Simão.

– Por quê, vida minha?

– Ora, desejas viver, pois quer a vida.

Logo, seu desejo de viver é parte de mim, e seu querer a vida sou eu por inteira, pois quem não me pulsa é porque não está vivo, meu Simão, por inteiro.

– O que fará então, já que o que resta em mim neste momento, por inteiro em você está contido, e que é meu desejo de viver, vida minha?

– Vou me humanizar para não deixar que pereça em você uma parte divina do que sou, aos olhos do Pai, em você.

– O que és em mim, vida minha?

– Eu sou o prazer de viver a vida no conhecimento, no amor, na fé, na razão, na lei e na sabedoria da própria vida.

– Irás humanizar-se só para que sua parte divina não pereça em mim?

– Sim, meu Simão.

– Por que fará isso?

– Como posso permitir morrer em alguém a minha parte divina que lhe permite divinizar as partes da vida que haviam se desumanizado porque só me procuram em um dos seus sentidos e que, por isso, em nada se tornam, pois eu, que sou só um sentido, em nada me torno se em outros sentidos eu não existir?

Ou acha que eu não estava presente em você só porque estava ausente do seu sétimo sentido da vida?

– Eu nunca neguei a ausência do prazer e da satisfação nos outros sentidos de minha vida, vida minha!

– Eu sei disso, pois sou algo sensível, ainda que não possa ser palpável senão por meio dos sentidos humanos da vida, meu Simão.

– Sim, isso eu também sei, sensibilidade minha.

– Pois agora vou me fazer humana para não perecer em sua parte divina, minha vida.

– Por que me chama de "minha vida"?

– Ora, em você eu vivo em seu amor à vida por meio dos seus sentidos virtuosos, enquanto em muitos eu morro nos seus sentidos viciados, amor meu!

– Compreendo.

– Que aparência acha que devo assumir?

– A mesma com que em mim vives, não?

– Isso mesmo, amor meu.

– Por que diz agora "amor meu"?

– Ora, o prazer que sentias e a satisfação que obtinhas ao ajudar e ver feliz os que haviam caído era só um reflexo do amor que despertavas neles por ti, certo?

– Então é o meu amor também no que ainda resta em mim.

– Que assim seja, razão de minha existência, tanto na sua vida quanto na sua morte. Você pode abrir seus olhos?

– Não sei. Minhas pálpebras estão adormecidas.

– Tente. Faça só mais esse esforço sobre-humano, anjo da vida.

– Por que me chamas de anjo da vida?

– Quem além de um anjo da vida encontra vidas onde nada mais além da morte existe?

– Mais uma vez me diviniza, quando só humano eu sou.

– Não vou me alongar nisso, pois disso já falamos e ficou acertado que eu estava certa, minha visão de Deus.

– Como queira, pois já está adormecendo em mim um dos sentidos do meu raciocínio, que é o da discussão, restante de mim!

– Então abra os teus olhos para que por meio deles eu possa me humanizar, visão minha.

– Estou tentando, minha visão!

E Simão Beir, num esforço sobre-humano, conseguiu abrir as pálpebras enregeladas que cobriam os seus olhos.

E a sensual voz das sombras, que é só algo que sentimos, se fez alguém aos seus olhos, agora frios.

– Meu Deus! – exclamou Simão ao vê-la feita humana diante dos seus olhos. – Meu Deus! – mais uma vez ele repetiu.

– Por que minha visão aos teus olhos te causam tanta admiração, visão minha?

– Meu Pai, como és admirável. A tua perfeição é visível a olhos nus!

– Eu só me formei a partir da sensualidade que existe nos seus sentidos existe, visão minha!

– A aparência que se tornou diante dos meus olhos não dá motivos para nada mais que a admiração, minha visão!

– Não aparento nada além do que existe em você, meu Simão. Mas agora que me fiz humana, vou ajudá-lo, pois essa foi a razão de tornar-me visível aos seus olhos.

Vou pegá-lo em meus braços e levá-lo até onde está o seu cajado, vida minha. E, quando lá chegarmos, vou colocá-lo na direção que o conduzirá ao lugar onde há um local do qual terá uma visão real do Senhor, visão minha.

– Vai fazer isso e novamente voltará a ser só algo?

– Sim. A não ser que, o que sou agora, queira que eu me torne para sempre na sua morte.

– Por que na minha morte?

– Não foi nela que tive que me fazer humana para que minha parte divina em você viva?

– Sim.

– Então...

– Leve-me até o meu cajado, porque os meus olhos já estão se fechando devido ao frio intenso que me gela por inteiro, vida minha.

– Num piscar de olhos estará lá, visão minha!

E, num piscar de olhos, Simão foi levado até o seu cajado e colocado na direção que devia caminhar até chegar ao lugar onde havia um local no onde havia um ponto de equilíbrio, do qual teria uma visão real do Senhor.

O frio que sentia foi cessando, e a dormência foi desaparecendo pouco a pouco. A brisa morna mais uma vez o envolveu e ele começou a sentir a si mesmo e ao seu corpo espiritual. Então abriu os olhos lentamente e o rosto que viu o encantou.

– Como és linda quando deixa de ser só uma sensação e se torna uma visão, sensualidade minha!

– Eu nada mais sou que a sensualidade que existe nos seus sentidos, meu Simão.

– Eu a amo.

– Eu sei disso, pois ama os sentidos virtuosos, amor meu!

– Eu a desejo.

– Disso também sei, pois também vivo nos teus sentimentos humanos, homem meu!

– Sinto prazer ao sentir meu rosto ressequido recostado nos seus seios macios.

– É assim que tem que ser, pois só assim o homem sente prazer por meio da sensualidade feminina contida no seu sétimo sentido da vida.

– Eu seria capaz de adormecer com a cabeça recostada nos teus seios, visão minha!

– Não é assim que o recém-nascido gosta de dormir, bem juntinho de uma de suas fontes da vida?

– Sim, é verdade.

– Então, como ficamos?

– Como assim?

– Adormece nos meus seios ou a partir deles caminha ao encontro da vida?

– Sinto vontade de assim ficar por toda a eternidade.

– Mas não pode.

– Por que não?

– Ora, eu me fiz mulher para resgatá-lo do meio da sua morte. Logo, de agora em diante, e como tal, na sua morte me farei visível.

– Como assim?

– Decifre isso e terá a chave da sua vida, visão minha!

– Não quero meditar nisso agora.

– Por que não?

– A única coisa que desejo é te sentir, pois se és para mim a humanização da sensualidade existente em meus sentidos, então quero senti-la, agora que posso vê-la e tocá-la.

– Então me veja e me toque, meu Simão.

– Por que me permite isso?

– Só lhe permito isso, porque você olhou para sentidos deformados com olhos puros e tocou-os com suas mãos purificadoras.

E Simão a olhou por inteiro e então falou:

– Não vou tocá-la, visão minha!

– Por que não?

– Bem, se eu, que por meio dos meus sentidos, a possuo por inteiro em mim, se tocá-la, macularei com toques de desejo os meus sentidos virtuosos.

Logo, é melhor ter só uma visão da beleza da minha própria sensualidade na aparência de uma mulher de formas perfeitas, pois assim a descobrirei por meio da expressão da sensualidade nas aparências das mulheres.

– Mas até pode possuir-me, pois me fiz humana para resgatá-lo do meio de sua morte, meu Simão!

– Eu estaria deixando de ser um sábio, visão minha.

– Por quê?

– Ora, tolo é o ser humano que tenta possuir os próprios sentidos, não?

– Como assim?

– Bem, se você é a expressão da sensualidade existente nos meus sentidos virtuosos, então, caso eu a possua, estarei possuindo a mim mesmo, o que é humanamente impossível, pois quem acreditar que isso é possível só estará se iludindo, visão minha!

– És realmente um sábio, meu Simão. Certas coisas são só para serem vistas sem nunca serem tocadas, senão perdem seus encantos, que são suas razões de ser e de existir.

E agora que já satisfizeste sua visão, deixo de ser alguém e volto a ser só algo que passará a viver na tua morte. Isso te é compreensível?

– Ainda não. Mas certamente um dia também compreenderei isso, visão minha.

– Até que chegue esse dia verá partes de mim em todas as mulheres, por meio de todos os seus sentidos virtuosos e sentirá minha ausência nos seus sentidos viciados.

– Mais motivos para meditar, não?

– Isso mesmo, anjo da vida que me faz meditar na sua morte.

– Você humanizou-se para me divinizar, sensualidade minha?

– Isso mesmo, vontade minha. Ou não sabia que, quando algo divino se humaniza, algo humano se diviniza?

– Não, isso eu não sabia. Mas o que sei é que és humana sem deixar de ser divina, enquanto eu sou humano e tentas me fazer parecer divino.

– Por que não aceita minhas palavras no único sentido que elas comportam?

– Se eu aceitá-las, acabarei me desvirtuando no meio do meu caminho, que está escurecido por erros, falhas e pecados que de alguma maneira têm ligação comigo. Então me digas: como aceitar suas palavras no único sentido que elas comportam?

– Será o mestre responsável pelos erros dos que com ele aprenderam?

– Não.

– Então...?

– O mestre nunca deixa de se sentir responsável pelos atos, palavras e pensamentos do discípulo.

– Por quê?

– Ora, pode um pai se isentar da conduta de um filho?

– Responde uma pergunta com outra, minha anciência.

– Suas perguntas comportam esse tipo de respostas, ansiedade minha.

– Sabe que sou só uma aparência, não?

– Sim.

– Também sabe que aparento ser o que na verdade não sou sem no entanto isso deixar de ser, certo?

– Sim, isso também sei.

– Então é chegado o momento de eu partir sem no entanto ir a lugar algum porque estou em todos os lugares.

– Compreendo.

– Compreende mesmo?

– Quero acreditar que compreendo.

– Eu o olho e não sinto vontade de deixá-lo, meu Simão.

– Não irá me deixar, pois viverá em meus sentidos, angústia minha.

– Eu, a partir do seu exterior, amo o seu interior, meu Simão.

– Não é melhor amar o meu exterior a partir do meu interior?

– Para fazer isso, tenho que me anular no seu exterior para viver no seu interior.

– Isso é o correto, não?

– O que é correto?

– Não sei, incerteza minha.

– Quero ir e não consigo, meu Simão.

– Por que não?

– Essa é a primeira vez que, em vez de estar em você, posso tê-lo, meu Simão. Não desejo deixá-lo agora que posso tê-lo.

– A partir do meu exterior, se me possuir, me anulará no meu interior.

– Mas passarei viver em você.

– O preço a ser pago será o de minha morte viver em mim, e não você viver em minha morte.

– Eu não quero deixá-lo, agora que finalmente o tenho, meu Simão!

– Eu senti isso desde que me colheu em seus braços para me trazer até aqui. Por que não volta a ser algo em mim em vez de querer ser alguém em minha vida?

– Não percebe o que está acontecendo comigo, que não sou nada mais que um sentido?

– O que está acontecendo, sentido ausente em mim?

– Estou amando-o em todos os seus sentidos e por isso não consigo desviar os meus dos seus olhos, visão minha!

– Mas em verdade não tens olhos para me ver, minha visão.

– Eu o olho por meio dos seus próprios olhos, visão minha.

– Então vou fechar meus olhos e libertar sua visão dos meus sentidos.

– Conseguirá isso, meu Simão?

– Mais uma vez um esforço sobre-humano resolverá isso, não?

– Sim, isso é possível. Mas antes posso fazer algo muito humano?

– O que deseja fazer?

– Senti-lo por inteiro, em todos os teus sentidos.

– Isso é possível?

– Farei um esforço extra-humano para me humanizar a tal ponto que essa ilusão se torne uma realidade e então deixarei de ser visível aos seus olhos para me tornar sensível em seus sentidos.

– Mas com isso não precisarei do esforço sobre-humano para desligar-nos, sensual voz das sombras!

– Acredita nisso?

– Sim.

– Bem, você me permite senti-lo?

– Como queira, sentido meu!

E a sensualidade feita mulher acariciou os lábios e todo o corpo de Simão Beir sem desviar dele seus olhos encantadores. Os gemidos de dor que ele emitia eram devido à dor que sentia, pois seu corpo espiritual nada mais era que um acumulador das dores alheias absorvidas por sua vontade de ajudar seus semelhantes. E, à medida que ela intensificava suas carícias, seus gemidos cresciam com a intensificação das dores, que alcançaram o apogeu no momento em que mãos aparentemente humanas tocaram em seu sexo, que havia acumulado a dor de muitos outros sexos. E, quando ela o conduziu de encontro ao seu, um grito lancinante ecoou no vazio das sombras da sensualidade em Simão Beir.

O grito não durou mais que uma fração de minuto, porque ele perdeu a consciência e mergulhou por inteiro, em todos os sentidos, no vazio que havia em seu sétimo sentido da vida.

Essa inconsciência não durou muito tempo num lugar onde o tempo não conta, mas foi o suficiente para lançá-lo num Universo paralelo negativo há muito tempo abrigado em seu todo mental.

Quando conseguiu finalmente voltar ao pleno domínio de sua consciência, Simão manteve os olhos fechados e continuou deitado no solo. E nessa posição se pôs a meditar no que realmente lhe havia acontecido. Só os abriu quando teve plena certeza de que havia mergulhado no próprio subconsciente e exteriorizado não a sua morte ou medo dela, mas sim uma das suas causas.

Então abriu os olhos e apanhou seu cajado para, com o apoio mudo que ele lhe oferecia, levantar-se e retomar a caminhada que o conduziria ao lugar onde havia um local do qual teria uma visão real de Deus, pois nele havia um ponto de equilíbrio. Mas uma voz doce lhe perguntou:

– Queres minha ajuda, anjo da vida em mim?

– Que? Quem... é você, sensual voz das sombras?

– Sim. Mas agora estou humanizada por inteira, em todos os teus sentidos, meu Simão.

– Eu pensei que tivesse voltado a ser só uma energia cósmica de um Universo energético concernente à espécie humana!

– Agora que consegui de você tudo o que eu desejava, já não sinto vontade de deixá-lo, meu Simão.

– Mas isso não é possível.

– Por que não?

– Ora, não és humana para viver entre os humanos.

– Como não sou humana, se existo em todos os seres humanos?

– Ora, existes mas não és.

– Se existo, então sou humana.

– Isso não é verdade.

– Por que não?

– Porque és divina e apenas se acredita humana.

–Tens certeza disso, meu Simão?

– Tanto quanto não creio que seja certo que me imagine divino quando nada além de um ser humano eu seja.

– Pois, para mim, agora você é o anjo da minha vontade de viver. E desejo trilhar contigo o seu caminho, até encontrar o seu ponto de equilíbrio, do qual terá uma visão real do seu Criador.

– Mas esse ponto não é visível, e sim sensível, sensualidade minha!

– Pois quando alcançá-lo, contigo viverei por toda a eternidade da sua imortalidade, meu anjo.

– Isso não é possível de estar acontecendo comigo.

– Por que não?

– Eu ainda não acordei realmente do choque dolorido que senti ao sentir teu contato em meus sentidos. Creio que estou delirando diante do objeto dos meus desejos, que é a sensualidade tornada mulher diante dos meus olhos humanos.

– Não torne dolorida a vontade de alguém que deseja viver contigo, meu Simão.

– Mas você não é alguém e sim algo, minha sensualidade! Ou será que não lhe ocorre que algo só é algo quando como algo existe.

– Por que é assim?

– Ora, se alguém tentar viver como algo, se desvirtuará e nada mais de si existirá, pois um algo não existe por si só. E, se existe, é em função de alguém ou algo anterior e superior.

– Pois agora sou alguém, meu Simão. E sou toda sua!

– Por que diz "sou toda sua!"?

– Ora, se em alguém me tornei, foi devido ao algo de sensualizante que existe em você.

Logo, como me originei em sua sensualidade, então agora que permitiu minha humanização, sou toda sua, pois em você eu existo.

– Mas sem mim, para mim não existiria, não é verdade?

– Certo, pois sem você em você eu não existiria.

– Isto é lógico com o raciocínio.

– Certamente que é lógico, lógica de minha existência!

– Torna-me algo de você, não?

– Claro que sim, pois para alguém existir tem que possuir algo de alguém, senão deixa de se espelhar em alguém ou vislumbrar a si próprio, certo?

– Corretíssimo.

Mas ainda assim você não é algo real, e sim uma realidade da natureza humana. Ou será que a sensualidade não é isso na natureza humana?

– Sim, ela é isso enquanto não deixa de ser algo e se transforma em alguém. Pois daí em diante a sensualidade deixa de ser algo dessa mesma natureza e passa a existir em alguém que a humaniza e a torna sensualmente visível, não?

– É verdade.

– E não é muito melhor que eu, em vez de só existir, possa viver para você, meu Simão?

– Não creio nisso, pois assim eu estaria vivendo numa exteriorização do que só deve existir no interior dos meus sentidos.

– Mas não deixo de ser sua sensualidade exteriorizada, não?

– E que, por causa disso, deseja viver comigo em vez de em mim existir, certo?

– Isso mesmo. Agora me permita ajudá-lo a se levantar para que, juntos, cheguemos à sua visão real do Pai, minha visão real de si mesmo!

– Isso é loucura!

– Por quê?

– Ora, eu ainda estou naquele lugar onde a ilusão é a realidade e a realidade é uma ilusão.

– Por que diz isso?

– Ora, você deseja alcançar o tal lugar muito mais que eu. Logo, já não desejo chegar ao tal lugar, porque você tornou-se algo fora do meu ponto de equilíbrio.

– Mas, estando ao seu lado, posso ajudá-lo a se manter em perfeito equilíbrio, pois sempre estarei visível e perceptível, sendo muito mais facilmente controlável pelo seu emocional.

– Não percebe que tudo o que se encontrar fora desse ponto de equilíbrio escapa ao meu controle emocional, meu desequilíbrio?

– Não creio que seja assim, meu Simão.

– Creia, pois eu só a equilibrava nos meus semelhantes quando você estava em mim. Mas agora que está "para mim", isso já não me é possível devido às vibrações, incontroláveis pelo meu racional, que despertas em meu emocional.

Como posso aceitar como lógico esse seu desejo?

– Aceitando-me como um dos meios usados por sua vontade de alcançar seu ponto de equilíbrio.

– Como assim?

– Não percebe que tem me usado como um dos seus meios por meio de todos os seus sentidos?

– Explique-se melhor, meio de minha vontade!

– Ora, a sedução não é um meio usado pelos seres humanos para alcançarem seus objetivos?

– Sim, meu objeto. Mas onde a sensualidade se confunde com a sedução nos meios que tenho à minha disposição no intuito de alcançar meus objetivos?

– Como alguém desperta a fome em alguém sem apetite?

– Oferecendo-lhe algo apetitoso, não?

– Então o seduz com um alimento sensual, não?

– Bem, creio que se usa de um meio sedutor, não?

– Ou sensualiza o alimento para assim despertar o desejo de comer, mesmo sem vontade, não?

– Sim, é isso mesmo.

– Como o mestre desperta o interesse do discípulo para o estudo?

– Falando das vantagens que o conhecimento traz a quem estuda.

– Então transformas o ato de aprender em algo envolto numa sedução do conhecimento, não?

– Bem, é isso mesmo.

– Não percebe que a sensualidade contida no seu conhecimento se sedimenta na sua sabedoria e o torna em alguém sedutor?

– E o que isso tem a ver com sua vontade de ficar ao meu lado em vez de estar em mim?

– Fui seduzida a tal ponto por você que agora sinto que serei um algo vazio não podendo vê-lo mais, e sim apenas sendo visível.

– Isso é um absurdo, minha sensualidade!

– Por quê?

– Você não pode deixar de ser o algo que em mim desperta o desejo para se transformar em alguém desejável, pois com isso perde sua própria razão de existir.

Logo, sem razões para existir, deixará de ter razões para ser alguém.

– Ou?

– Ou não terá vida própria. Existirá em função de minha existência e não do que sou.

– Ainda que seja assim, qual o inconveniente nisso?

– Bem, a cada transformação no meu emocional você sofrerá uma transformação correspondente e chegará um momento em que seu desequilíbrio será tão intenso que alterará sua razão de ser de tal forma, e tão

intensamente, que para mim será um tormento tê-la ao meu lado, pois não poderei anulá-la, tal como até agora tenho feito quando percebo que começa a subjugar as vontades alheias com o desejo que sentem de ficar comigo.

– Então é por isso que tem se mantido sozinho, não?

– Essa é só a aparência, pois a verdade é que, uma vez que tenho sido um meio para voltarem à vida, não posso admitir em ser eu mesmo um fim para a vida deles.

– Vejo que, por mais que eu tente, não consigo oferecer uma razão aceitável ao seu racional e seu emocional para que assim me admita ao seu lado, Simão que foge de mim!

– Por mais que tente, isso não será possível, ausência em mim.

– Só me dê uma razão para eu não ter conseguido envolvê-lo, ausência em mim.

– Eu tenho várias, caso deseje ouvi-las.

– Uma só me basta, Simão que não se deixa seduzir!

– A principal, a meu ver, é que morri na vida e nasci na morte, sedução sombria.

– Você refugia-se na sua ilusão, que se tornou real, e na sua realidade ilusória?

– Sim.

– Mas por quê?

– É dela que me alimento, pois ainda estou na região limite onde ilusão e realidade se confundem e turvam o meu racional. Ou me apego a um único objetivo ou me perderei no meio do meu caminho.

– Mas talvez o meio dele seja o seu fim!

– Um meio nunca é um fim em si mesmo, pois por ser só um meio, um fim não contém em si mesmo.

– Tem noção do tempo que já está vivendo neste meio?

– Para mim o tempo já não conta mais, ausência em mim!

– Não percebe que está me matando em sua vida?

– Talvez eu esteja fazendo isso. Mas talvez eu só esteja tentando preservar minha vida na sua ausência nela.

– Bem, não vou ocupar mais o seu tempo, Simão ausente em mim. Não vou ser um meio no seu meio, pois me recusa por todos os meios que tentei.

– Qual o significado dessas tuas últimas palavras, sensual aparência das sombras?

– No tempo certo conhecerá o significado delas, Simão Beir. Mas adianto-lhe que, quem não se deixa seduzir pela sensualidade de algo sedutor, é porque está caminhando rapidamente ao encontro de sua morte. Compreende isso?

– Isso eu compreendo.

– Então saiba que, de agora em diante, estarei morta na sua vida e viva na sua morte.

– Um enigma, não?

– Sim.

– Mas isso você já era, não?

– Não. Isso eu só aparentava ser!

E após pronunciar essa frase, a sensualidade, que em dado momento da vida de Simão Beir deixara de ser algo para se tornar alguém, começou a caminhar em sentido contrário ao caminho que ele devia seguir. Assim, ele indagou:

– Por que toma essa direção, minha visão da sensualidade?

– Vou ao encontro da sua morte para que nela eu possa viver.

– Isso significa que não a verei mais? – perguntou ele, triste.

– Por inteira, não.

– Por que não?

– Ora, quem me vê por inteira e em todos os meus sentidos, tal como você me vê, e ainda assim me recusa, terá em mim um dos tormentos de sua vida.

– Isso é algo para se meditar, não?

– Sim. Mas meditará no vazio.

– No vazio?

– Sim, pois estarei ausente de sua vida e nela um vazio já começa a se formar. Compreende isso, Simão vazio?

– Sim.

– Então me procure nas mulheres e em cada uma delas encontrará uma parte de mim, mas sempre encontrará razões para se sentir vazio, pois a parte de um vazio não o preenche por completo, certo?

– Sim, é verdade. Mas poderei encontrá-la na humanidade como um todo, não?

– A parte do todo pode vislumbrar o todo?

– Não.

– Então...

– Então sofrerei o tormento de sua ausência em minha vida.

– Isso mesmo, Simão vazio de mim.

– Com isso só o "todo" preencherá sua ausência em mim, não?

– Isso mesmo! Mas, como a parte nunca comporta em si o todo, então sempre se sentirá vazio. E a única forma de ocupar esse seu vazio será tentar absorver todas as partes do todo para não se sentir vazio.

– Já me sinto vazio, ausência em mim! – exclamou Simão, muito triste.

– De agora em diante você conhecerá o real sentido da palavra solidão, Simão solitário.

– Tentarei ocupar a solidão do meu vazio com a visão do meu conhecimento, ausência em minha vida.

– Que seja feita a sua vontade, Simão Beir. Mas só o seu conhecimento não preencherá o vazio que existirá em você de agora em diante.

– Onde meu conhecimento se mostrar pequeno para ocupá-lo, lançarei mão de minha fé para preenchê-lo, ausência em mim.

– Só sua fé não preencherá esse seu vazio.

– Então buscarei meios de preenchê-lo com todos os meus sentidos, ausência em mim.

– Mas, ainda assim, será um ser incompleto, pois estará esvaziando outras partes de si para ocupar o meu vazio em sua vida. Ou isso não me lhe ocorre?

– Tudo me ocorre e sobre tudo medito para encontrar um meio de impedir que morra em minha vida e viva em minha morte.

– Terá toda a sua vida para meditar sobre como encontrar esse meio, Simão Beir.

– Meditar, meditar e meditar. Eis minha vida, ausência nela!

– Medite, Simão Beir!

– Sim, farei isso.

– Mas lhe digo que, quanto mais meditar, mais distante de mim estará, pois sou algo que só se manifesta nos que me possuem espontaneamente, e não racionalmente! Ou será que tudo o que atrai por sua sensualidade não a tem em si espontaneamente.

– O contrário é o exibicionismo, não?

– Sim. E ele não é sedutor, certo?

– Certo, pois o exibicionismo em verdade está ocultando uma ausência.

– Isso mesmo, Simão Beir. E pelo que sinto nos seres humanos, só os viciados aprovam o exibicionismo, certo?

– Isso também é certo.

– Então medite, Simão Beir!

– Meditarei, ausência em mim.

– Faça isso, Simão Beir, pois agora vou ocupar meu lugar na sua morte, assim como desocuparei meu lugar na sua vida. Mas antes quero que saiba que minha procura é uma das razões de sua vida e uma das causas de sua morte.

– Meditarei sobre isso também. Mas antes me diga se não foi por eu tê-la entendido como uma das causas de minha vida que a tornei razão de minha morte.

Mas Simão não obteve resposta, pois ela caminhou para trás dele e desapareceu de sua visão. Ele ainda virou a cabeça na tentativa de ver tanta

beleza contida na sensualidade pura feita mulher, mas seus olhos só viram um vazio.

Ele meditou por um longo tempo num lugar onde o tempo não contava e, por fim, chegou à sua conclusão e, como de hábito, falou para si mesmo, como se com isso deixasse claro que havia posto um fim à meditação:

– "Bem, o que antes eu encontrava espontaneamente agora só verei se observar racionalmente com os olhos do meu conhecimento.

E, se aparentemente tudo mudou, no entanto nada mudou ainda que nada mais permaneça como era."

Simão Beir estendeu a mão direita e apanhou o seu cajado. E, após muito esforço, se pôs de pé e, com passos lentos, seguiu seu caminho rumo ao lugar onde existia um local no qual existia um ponto do qual teria uma visão real do senhor Deus.

Por muito tempo caminhou na penumbra e levantou muitos caídos. Mas mesmo assim uma solidão o envolvia por inteiro. Era o vazio que havia se formado em seu emocional e que ele vinha ocupando com seu amor, fé, razão, conhecimento, lei, sabedoria e vida.

E também por muitas vezes Simão não se desviou do seu objetivo quando portais luminosos se abriam para que por eles adentrassem os que, no sofrimento, que é a única coisa que resta no final dos caminhos viciados, haviam esgotado seus vícios humanos.

Por muitas vezes ele se recusara a entrar por um deles!

E, após o último que ele vira se abrir, não encontrou mais caídos à beira do seu caminho. Um silêncio mortal e opressivo densificava aquela parte de sua longa jornada.

Era tão opressiva que suas dores, cansaço e vazio afloravam por todos os seus sentidos, reduzindo-o a um ancião que se arrastava unicamente movido por uma vontade inquebrável, que era a de avançar rumo ao local onde estava o ponto, do qual teria uma visão real de Deus.

Em dado momento uma silhueta luminosa começou a vir em sua direção. Simão não se deteve, a não ser quando uma forma luminosa parou à sua frente.

– Quem és, espírito que caminha tão lentamente? – perguntou-lhe o espírito luminoso.

– Eu sou tudo o que está ausente em você, irmão. Mas também sou tudo que em você já não se faz mais presente, meu irmão!

– Então temos muitas coisas em comum, não?

– Sim, certamente que sim! – respondeu Simão.

– Ainda que eu saiba de muitas delas, poderia citar-me ao menos uma para ver até onde o que vejo em comum entre nós é também sua visão?

– Pois lhe digo que, ainda que ambos saibamos disso tudo, direi que a fé é comum a nós dois. Mas o amor também é comum entre nós.

– Então me diga: tem a fé porque ama ou ama porque tem fé?

– Nenhum dos dois é excludente do outro, e sem o outro não existiria realmente, pois seria um sentimento falso, quando não, vazio ou desprovido de razões de existir.

– Então me diga qual a diferença que há entre o existir e o ser, espírito que ainda resiste porque acredita na existência dos seres imortais.

– Eu lhe digo, ser que ainda existe porque acredita que é um ser!

E lhe digo que existir é uma razão e ser é uma causa.

– Podia ser mais específico e menos sintético?

– Claro que sim, meu irmão.

Existir é uma razão, pois é de origem divina. Já o ser é uma causa, pois é de origem humana.

– Ainda pode ser mais densa e menos sintética a sua explicação, ser compacto devido à sua densidade e denso devido à sua compactude.

– Certamente que sim, meu irmão. Eu lhe digo que existir, só em Deus existe, pois só no Criador é possível o existir existir. Senão vejamos. A fé só em Deus existe, pois só no Pai é possível ela existir, porque nunca deixar de existir n'Ele.

– Por quê?

– Ora, você pode ter uma fé eterna num ser humano?

– Não, pois o ser humano é falível. Logo...

– Logo, existir é algo que traz em si mesmo o princípio, meio e fim, sem nunca deixar de ser um princípio, um meio e um fim. Senão, vejamos assim: a fé é um princípio divino que serve de meio para o ser humano alcançar seu fim, que é a própria divinização, certo?

– Certo, meu irmão.

– Já quanto ao ser, é um meio e nada mais. Logo, é só uma causa.

– Por quê?

– Ora, um ser humano existe independentemente de sua altura, cultura ou meio de vida, pois traz em si o existir, que é divino na origem, meio e fim.

Mas o ser humano não era humano no seu princípio. Ele o é no seu meio e não o será no seu fim.

– Explique melhor sua concepção do ser, meu irmão! – pediu o espírito luminoso.

– Com muito prazer, meu irmão! Eu lhe digo que um homem não deixa de sê-lo se for alto ou baixo; gordo ou magro; branco ou negro; pois ser homem significa existir.

Já quanto ao "como" ser um homem, ele tanto pode ser alto quanto baixo ou tanto branco quanto preto, e isso não tem nada a ver com a razão de seu existir mas sim, por ele ser humano ele ser, pois se não fosse humano, alto ou baixo, gordo ou magro, branco ou negro, ele não seria, pois isso

só é possível de ser no meio humano, que tem em si mesmo os limites de suas causas.

Senão, vejamos: eu sou velho na aparência por causa de minha idade humana. E no entanto essa mesma velhice aparente não diminui ou intensifica o meu existir, que independe dessas causas humanas, pois o existir independe de tudo o mais para existir.

Já as causas de eu ser um velho depende do meu existir, senão eu não haveria de ser como sou.

E uma vez que assim é, também lhe digo que as causas de eu ser assim residem em mim, pois tiveram origem em mim mesmo, que sou limitado nas razões de eu ser um ser.

Mas a fé que em mim existe, não existe só por causa de minha fé, mas sim porque minha fé existe em mim, por causa da minha crença.

Logo, se a fé existe em mim, também em você ela se faz visível.

Mas se ela é comum à espécie humana, em mim ou você ela existe por suas razões divinas, pois cremos num Ser incriado e ao mesmo tempo Criador.

Então, se existimos, é por causa dessa qualidade divina do Criador de criar.

E, como nos originamos por causa disso, é por uma razão divina, não casual. E também não é casual nossa existência, pois ela obedece a razões divinas que transcendem nossas próprias causas de sermos seres humanos.

Logo, tanto posso ser alto ou baixo, velho ou novo que não deixo de existir.

Mas jamais poderei ser isso se eu não existir.

– Concluindo, podemos dizer que o existir está contido em Deus e o ser, no meio humano está contido, certo?

– Corretíssimo, meu irmão!

– Então me diga: por que causas você assim se encontra atualmente?

– Por causa de minhas razões humanas, que não passam de causas, pois não encontram sustentação por si só, mas sim nas razões de eu existir.

– Se são só causas humanas, então poderia abandoná-las sem deixar de existir, certo?

– Errado, pois se eu não possuir razões humanas nas minhas causas, causas humanas não existirão no meu existir e assim estarei deixando de existir.

– Mas se assim é, então assim só é por causa de sua humanização extrema, não?

– Sim. Mas sem abrir mão do meu humanismo que, mesmo eu assim estando, não me permite deixar de acreditar que existo como ser humano.

– Mas poderia abrir mão dessas causas sem ter que abrir mão do seu humanismo que tanto o humaniza.

– Se eu abrir mão delas, não encontrarei mais razões para existir, irmão de luz.

– Não vejo razões para você sofrer tanto se pode continuar existindo em função de si mesmo.

– Como é o existir em função de si próprio, luz ausente de mim?

– É viver no Criador sem deixar de ser um ser humano.

– Ou viver o amor pelo amor; a fé pela fé e a razão pela razão, não?

– Isso mesmo, irmão. Viva do amor que há em si mesmo e não terá razões humanas para acumular em si tantas dores.

Viva a vida em si mesmo e não terá razões para ser um ancião. A vida não traz a idade em si mesma. Ela transcende as causas humanas, pois traz em si razões divinas de ser o que é: vida!

Não percebe que o que aparenta ser é só um estado de espírito seu e nada mais.

– Tudo isso eu compreendo e ainda assim prefiro continuar sendo como aparento ser, ausência em mim.

– Não creio que compreenda realmente, meu irmão. Você se deixou abater pela ilusão quando devia guiar-se pela razão.

– Mas me guio pela razão enquanto caminho no meio da ilusão, meu irmão.

Ou será que sem a razão eu poderia me sustentar em meio a essa ilusão que trago comigo e em mim mesmo?

– Então me diga, caso isso saiba: onde sua obstinação o conduzirá, irmão?

– Ao meu próprio fim, caso isso compreenda.

– Mas um ser humano não pode ter um fim em si mesmo, certo?

– Mas deve encontrar em si mesmo um fim, não?

– Você ainda rastejará muito antes de chegar ao seu fim, ser que inexiste por si só.

– Enquanto minha vontade me sustentar, caminharei. E, quando ela fraquejar, as causas do meu desejo me ajudarão a rastejar rumo ao meu fim.

– Qual é o seu fim, irmão que caminha vergado pelo peso de sua compactação?

– Meu fim é encontrar uma densidade tão real que me permita nela me equilibrar, pois só assim encontrarei minhas razões de existir, irmão que traz a luz em si mesmo!

– Compreendo.

– Compreende mesmo!

– Certamente que sim. E tanto o compreendo que vou continuar meu caminho até encontrar alguém menos denso para ajudar!

– Eu agradeço sua tentativa de me fazer ver em mim mesmo razões para eu deixar de ser só um ser e começar a existir no ser humano que em mim existe, independentemente do meu estado de espírito.

– Não precisa agradecer-me, porque nada pude fazer por você, meu irmão.

– Pois eu lhe digo que me fez um grande bem ao me mostrar como eu poderia ser se o que está ausente em você não estivesse presente em mim.

– O que traz em si a despeito de seu conhecimento, irmão?

– A ignorância, meu irmão.

– É tão grande assim a sua ignorância?

– Maior do que possa imaginar.

– Então não vou ocupá-lo nem mais um instante, pois compreendo que está a caminho do encontro com o seu fim, que é a sua morte, certo?

– Isso mesmo, meu irmão. Ainda que ela esteja atrás de mim, com toda a certeza, adiante a encontrarei travestida com outro aparência.

– Então me diga o porquê de caminhares na direção dela quando tantas portas já se abriram, meu irmão!

– Não eram portas para mim, e sim portas contidas em mim, meu irmão. Caso eu entrasse numa delas, em mim mesmo eu estaria adentrando.

E mais uma vez eu seria obrigado a viver em mim mesmo, quando disso já estou cansado de viver.

Mas, já que até aqui cheguei, irei até o fim do meu caminho, pois nele existe um lugar onde há um local no qual existe um ponto de equilíbrio e do qual terei uma visão real de Deus.

– Você quer alcançar por meio do exterior o que mais facilmente alcançará por meio do seu interior, irmão.

– No meu interior só vejo ausências do Pai, ausência em mim. Mas, quando eu chegar ao meu fim, então terei uma visão tão abrangente d'Ele, que Ele refletirá em mim a partir de mim mesmo.

– Meios menos árduos existem para alcançar isso, irmão.

– Sim, isso eu sei.

– Então por que insiste nesse seu caminho?

– Para mim, outro não existe, meu irmão. E outro não poderei trilhar caso esse eu não esgote.

– Isso só é assim porque acredita nisso, não?

– Isso mesmo!

– Então tenha uma boa viagem, meu irmão. Mas se acautele, senão rastejará antes de alcançar seu fim, certo?

– Eu me acautelarei, voz da luz ausente em mim!

E o espírito luminoso seguiu na direção contrária à de Simão, que voltou a se sentir oprimido no seu caminho.

Mas enquanto caminhava vagarosamente, meditava sobre a aparição de um enviado da luz que o experimentara, auscultara e alertara.

Sim, primeiro ele havia tentado ver se havia vacilações no seu conhecimento. E, após ver que sua vontade imprimia uma segurança oriunda de muitas meditações, tentou convencê-lo a deixar de ser como se sentia para que se sentisse como gostaria de ser.

Mas certamente um espírito com um grau evolutivo tão alto já sabia de antemão que ele não renunciaria, pois, se o trilhava, não era em função da própria vontade mas sim devido a uma escolha imposta pelo Anjo da Morte, que não podia ser comparado a um espírito humano.

E também, sua força, poder e irradiação envolvem por inteiro e subjuga todos os sentidos, não deixando ao escolhido para sua ação senão a obediência cega.

Não restava outro caminho a ser trilhado senão aquele e outro meio não havia senão trilhá-lo como se sentia, em vez de trilhá-lo como gostaria de se sentir.

Como poderia um espírito jovial, sem dor alguma, levantar os caídos por suas dores?

Como poderia um espírito que não sentia dores compreender por inteiro e em todos os sentidos as dores alheias?

Um espírito luminosos e jovial só despertaria a fascinação aos caídos que o vissem, pois ficariam desejando ser como ele, em vez de deixarem de ser um espírito cansado, sofrido, ferido e magoado.

Havia uma razão que transcendia a todo o seu conhecimento, que recolhera ainda na carne um jovem debutado para a vida e o conduzira até o meio da morte para dentro dela ver tudo o que um jovem jamais imaginaria ver. E tudo isso por meio dos olhos do Anjo da Morte.

Como se recusar a trilhar o caminho se outro não havia ainda, que muitos houvessem no momento de escolhê-lo?

Havia na voz daquele irmão iluminado uma firmeza que se aproximava do encantamento ao ouvi-lo. Mas ainda assim também havia uma provocação em ver se Simão se manteria no seu caminho ao mesmo tempo em que lhe acenava com a possibilidade de deixar de ser como se sentia para começar a se sentir como gostaria de ser.

– O canto que encanta é o mesmo que prova e provoca! – exclamou um Simão satisfeito com suas conclusões.

Mas também o canto que adverte é o mesmo que mostra ao prevenir não mostrando o que, se ainda não pode ser visto, pode muito bem ser sentido.

Sim, é isso mesmo, porque depois de muito meditar sobre as sombras do desejo, cheguei à conclusão de que quem não vivencia seus desejos vai ao encontro de sua morte, pois passa a se sentir vazio por não ter ousado vivenciá-los.

Sim, é isso.

Se vivenciarmos nossos desejos, corremos o risco de errarmos, falharmos e pecarmos. Mas, se não ousarmos vivenciá-los, certamente estaremos nos aproximando dos nossos medos, que são as nossas mortes.

E um calafrio percorreu o corpo espiritual de um Simão Beir cansado, dolorido, magoado e vazio. Então mais uma vez ele parou, com muito cuidado se sentou na sua posição preferida e se pôs a meditar sobre tudo o que até ali encontrara e o que certamente mais adiante encontraria. Por fim, tornou a falar para si mesmo:

– É isso, Simão Beir. Você se aproxima do seu fim rapidamente e é hora de preparar-se para sua maior prova, que é a renúncia à própria vida.

Mas como conseguir isso sem antes provar o gosto amargo da morte?

– Só existe um meio. E este é ir ao encontro dela.

– Mas o tolo usa desse meio indo ao encontro dela enquanto o sábio dela só se aproxima.

– É hora de caminhar novamente e ver o que me espera mais adiante! – exclamou Simão ao sentir mais um calafrio arrepiante.

Simão Beir ainda caminhou por muito tempo antes de chegar a um lugar onde o tempo já não contava mais.

A princípio, só vislumbrou uma elevação que terminava abruptamente, não deixando nada para ser visto além dela.

As vibrações que lhe chegaram despertavam o medo e isso o preocupou mais do que o assustou. Então se pôs a meditar e, por fim, falou para si mesmo:

– "Além da elevação, existe um dos meus medos. Logo, não há razão para temê-los, pois o medo sempre é causado pela ausência da razão.

O medo ocupa o vazio da ausência da razão. Por isso nos sentimos frágeis ao sentir medo e nos apiedamos dos medrosos e desdenhamos os covardes!"

Mas se tolo é o ser humano que desdenha seu medo, sábio não é o que não o possui em si, pois em todos os sentidos o medo é o limite de até onde podemos avançar sem nada temer.

O amor tem seus limites, a fé os tem e o conhecimento também os tem.

E, se tudo está contido nos seus limites, o medo é essa fronteira que não pode ser ultrapassada, pois violentará nossos princípios, que estão contidos nos limites dos nossos sentidos.

Também é certo que às minhas costas está a morte, então o que à minha frente existe nada mais é que um limite que já transpus quando cami-

nhei ao encontro dela em algum tempo já adormecido em minha memória imortal".

– Avance recuando, Simão Beir! – exclamou ele para si mesmo antes de mais um calafrio arrepiante percorrê-lo por inteiro, em todos os sentidos. – Mas não deixe de recuar avançando! – tornou ele a exclamar.

E, com passos agora cautelosos, avançou elevação acima ao encontro de uma das causas dos seus medos. Quando chegou no topo dela, firmou a visão e se assustou com o que viu. Então exclamou aterrorizado:

– Estou diante do horror do meu medo, que para mim é o próprio terror! O ódio está à minha frente em toda a sua plenitude e magnitude! Como resistir à visão do ódio se o medo ocupa neste momento todo o vazio no meu ser imortal? Em qual dos sentidos devo me apegar e usá-lo para subjugar o ódio?

A minha fé é importante neste momento, mas como a fé comporta o medo, não é o principal agora, pois quem crê em Deus traz em si o medo de errar, falhar ou pecar diante dos Seus olhos.

O meu amor também é importante. Mas tal como a fé, agora é um sentido auxiliar do principal, pois quem ama teme perder a causa do seu amor.

A lei também não é o principal diante do que vejo, pois ela também traz em si o medo de transgredi-la. Logo, é mais um sentido auxiliar no presente momento.

A razão não é agora o principal, pois o raciocínio pode falhar diante do medo.

E tampouco a vida o é, pois quem vive teme morrer. Logo, a vida também traz em si o medo de perdê-la.

Então só me restaram a sabedoria e o conhecimento. Mas qual dos dois será o principal?

Bem, só ouvindo essas ausências em Deus poderei conhecê-las em mim. Logo, o conhecimento é o sentido que devo me apegar caso eu queira agir com sabedoria nesse meio horroroso e atemorizante!

Por meio dele os outros envolverão essas irradiações de ódio e lentamente as anularão por completo e em todos os sentidos.

– Adiante, Simão Beir! – exclamou uma voz sibilante e ao mesmo tempo temerária, assustando-o, pois um convite para adentrar naquele vale do medo, ele não esperava.

A visão que Simão Beir tivera ao correr os olhos à procura da voz que o convidara a ir adiante era assustadora e asquerosa, pois uma aparência de cobra era quem lhe falava agora.

Sim, ele estava diante de um vale assustador habitado por espíritos humanos que haviam vivenciado com tal intensidade determinados

sentidos viciados, que agora com eles se identificavam na aparência de serpentes.

(É bom abrir um parêntese para dizer que um espírito humano não regride, tal como é entendido pela maioria dos adeptos das linhas espiritualistas.

Não é assim que se processa com os seres humanos quando desencarnam! O que realmente acontece é uma associação de um sentido viciado com determinado ser irracional que com ele se associa devido ao seu modo de se mostrar aos seres humanos, tal como quando usamos a expressão "verme" para designar alguém desprezível. Ou chamamos alguém de "traiçoeiro como uma cobra" por esse mesmo alguém agir com traição e usar meios mortais nas suas ações. Também temos na associação do homem raivoso com os cães mais um exemplo.

E muitos outros se seguem, pois cada povo tem identificado os sentidos viciados dos seres com animais irracionais, clima, natureza, etc.

E, como há um corpo religioso coletivo, também há um verbal que exprime por meio de palavras o que cada coisa é ou significa. Com isso no consciente coletivo, estão codificados todos os sentidos imprimidos a cada palavra, que, nesse mesmo consciente, encontra eco para subjugar por meio da Lei os que ultrapassaram os limites da lei.

Assim como cada indivíduo identifica na natureza (fogo, água, ar, terra) ou na criação (animais irracionais) seus medos, essa consciência coletiva une todos os medos individuais e cria um ou vários medos que são gerais, pois influenciam o todo de uma sociedade ou povo.

E, como essa consciência é formada por todos os sentimentos dos seus componentes, então cada sentido positivo tem também um sentido negativo oposto, ou a ausência de sentido racional. Tal como a existência, em cada povo ou religião, dos seus demônios coletivos, que são o oposto das divindades coletivas.

A existência dos demônios coletivos se deve ao sentido da fé, pois quem está ausente no Criador deve sofrer alguma punição ou a amputação de suas partes humanas no seu corpo espiritual.

E, como o consciente coletivo identifica em cada ação negativa uma negação do ser humano, então ele atua como um meio da Lei para tolher suas futuras ações por meio da força do verbo.

Ali, no meio do consciente coletivo atuam todos os corpos coletivos de um povo ou sociedade. É com tal intensidade que um espírito humano, tanto na carne quanto só em espírito, é subjugado pelas classificações dadas a cada um, segundo seus atos, palavras e pensamentos.

O traiçoeiro é identificado com répteis ou aracnídeos.

O raivoso é identificado com cães e congêneres.

O falso é identificado com o camaleão.

O covarde é identificado com o chacal, e assim sucessivamente.

Mas temos também certas identificações com os elementos tais como: quente como o fogo; ardido como a pimenta; sujo como o lodo; rápido como o vento, etc.

E tudo isso está codificado no consciente coletivo de cada povo ou sociedade, assim como no de seus componentes.

E, como o individual é parte de um todo consciente, então a parte sempre é subjugada pelo todo, que ainda que, disso não se tenha consciência, age em todos os sentidos dos seres humanos, vivam eles na carne ou em espírito.

E é bom lembrar que os corpos coletivos têm vida própria enquanto houver mentes humanas alimentando-os com palavras, atos ou pensamentos.

Um corpo coletivo religioso só "viverá" enquanto for alimentado por seres humanos.

Mas sua força não depende do número de alimentadores, e sim da intensidade com que é alimentado por seus componentes. E, na mesma medida ou com a mesma intensidade, manifesta-se por meio de todos os sentidos do seu adepto.

Com isso, temos os prodígios de resistência emocional de certas pessoas, que são forças irradiadas a elas por esse corpo coletivo que elas alimentam com sua fé.

Mas o mesmo se processa com determinados juízes adeptos da retidão ou conduta determinada pela lei que servem em todos os sentidos e a alimentam com as suas irradiações de convicção na integridade dela como reguladora das condutas dos componentes de uma sociedade amparada por ela, a lei.

São verdadeiros e reais Universos paralelos criados pelas mentes humanas dentro do Universo humano criado pelo Pai. Têm força real, pois são formados a partir de atos, palavras e pensamentos humanos, que são energias irradiadas por nossos sentidos e a partir dos nossos sentimentos, que as irradiam, espalham ou condensam em corpos coletivos, sejam eles religiosos, guerreiros, literários, musicais ou jurídicos.

E é em função de tudo o que aqui foi escrito que os seres humanos vivenciam certos sentidos de forma viciada e com tal intensidade que, após o desencarne, são subjugados em aparências que traduzem a formação visual da força contida no verbo e usada pela Lei Divina para expor na aparência o que antes (na carne) um ser humano ocultava dos seus semelhantes, pois só em seus sentidos viciados era possível ver.

Se na carne nos sentimos asquerosos como os répteis, o nosso corpo carnal não sofre transformações visíveis para que nos pareçamos com um réptil.

Mas, quando nos separamos do corpo carnal, nosso corpo espiritual assume exatamente a aparência com que identificamos nossos sentimentos, que nada mais são do que a irradiação dos nossos sentidos. E se estes

irradiam virtuosismo, teremos a aparência de virtuosos. Mas se os sentidos foram envoltos por energias viciadas, então a aparência será na mesma proporção em que houve a desumanização dos seres humanos.

Como tudo é progressivo, tanto na virtude quanto no vício, então, em espírito, um ser humano poderá acentuar ainda mais seus sentimentos, dando assim uma aparência definitiva a si mesmo por meio dos seus sentimentos viciados ou virtuosos".)

E era exatamente o que Simão via e tanto o assustava, pois uma enorme cobra lhe falava.

"Mas, como cobras não falam e tampouco seus espíritos fazem parte dos planos humanos que absorvem os que desencarnam, então estava diante de um ser humano contido numa aparência que era a expressão visual do seu sentido e sentimento principal a que se apegara ainda em vida na carne e intensificara em espírito", meditou Simão.

– Eis um medo tornado aparente! – exclamou Simão.

– O que insinua, velho medroso? – perguntou o ser, alterado na sua aparência, outrora humana.

– Só falo do que estou vendo, irmão.

– Eu não sou teu irmão, velho medroso.

– Más é claro que é, meu irmão.

– Estás enganado, pois sou uma serpente real. E você sabe o que é isso?

– Uma serpente real eu sei, pois quase fui picado por uma. Mas você é só uma serpente aparente, pois na sua forma está uma semente humana.

– Não é disso que estou falando, velho tolo!

– Então a que se refere, meu irmão?

– Ao meu grau ou status, neste lugar.

– Ah!

– Só diz "ah!"?

– Sim, pois entendi que sua condição de serpente real propicia-lhe certas regalias não comum a todos os outros irmãos nossos que aqui vivem amparados pela lei, certo?

– Quanto às regalias, isso é certo, velho!

– Onde está a ausência da verdade no resto do que afirmei, meu irmão?

– Bom, ninguém aqui é irmão ou irmã de ninguém. E isso não é um local de amparo a ninguém.

– Isso mesmo, serpente real! – exclamou uma voz sibilante muito poderosa às costas de Simão.

Este mais uma vez se assustou, mas logo assumiu o controle do seu emocional, pois se iria usar o conhecimento, e este não comporta o medo, então para que temer?

Assim, não se virou para não ter de ver outra serpente talvez mais horripilante e ameaçadora que a que estava à sua frente a lhe falar ameaçadoramente.

Mas teve a calma de perguntar ao seu primeiro interlocutor:

– Quem fala às minhas costas, meu irmão?

– O grande rei, velho tolo! Abaixe-se e o saúde!

– Bem, acho que vou me abaixar mesmo, pois estou muito cansado de tanto caminhar por meu caminho sombrio.

Uma poderosa gargalhada sibilante ecoou às suas costas.

– Do que o poderoso rei sorri, meu irmão? – indagou ele friamente ao seu interlocutor.

– Ele já o esperava há muito tempo, Simão Beir. Nós já o esperávamos, para ser mais exato.

– Há muito tempo, eu o esperava, Simão Beir! – exclamou o rei às suas costas.

– Bem. Então devo ter comigo que, se ainda não os conheço, sou conhecido dos meus irmãos que aqui vivem, certo?

– Certíssimo, Simão Beir! – exclamou o interlocutor à sua frente.

Como Simão nada mais perguntou e só ficou a olhar nos olhos peçonhentos do seu interlocutor, este lhe instigou:

– Não quer saber como o conhecemos e por que o aguardávamos?

– Creio que já sei parcialmente as respostas, meu irmão.

– Isso não o preocupa?

– Certamente que sim, pois ver meus irmãos se comprazerem no ódio que irradiam em minha direção é uma preocupação para mim que, se não consigo amá-los pela aparência repugnante que têm, não posso deixar de amá-los pela nossa origem, comum à espécie humana.

– Aqui ninguém é humano, velho cansado! – exclamou a voz às suas costas. – E quem assim se julgava quando aqui chegou, agora amarga a dor de nosso ódio à humanidade.

– É estranho como um ser que faz parte da espécie humana pode odiar tanto aos membros dessa mesma espécie.

– Pois saiba que logo estará odiando por ter sido humano! – afirmou o interlocutor.

– Antes vamos antes esclarecer alguns pontos, meus irmãos?

– Para quê? – perguntou o rei, às suas costas.

– Ora, talvez depois de esclarecê-los, eu possa convencê-los de que são torturadores de si mesmos em vez do que agora se imaginam, que é o de torturarem quem pertence à humanidade.

Interlocutor, poderia, já que está de frente para o seu grande rei, pedir-lhe permissão para eu me sentar?

– Por que não se vira para mim e implora por isso, velho cansado? – indagou o grande rei das cobras.

– Se eu fizer isso, o medo que despertará em mim será tão intenso que deixarei de ter o domínio do meu emocional e com isso me desequilibrarei, deixando de, proporcionar-lhes o prazer de uma conversa agradável antes de vossa consumação final do que de humano ainda possuo.

– Acredita mesmo que o diálogo irá nos proporcionar algum prazer? – perguntou o rei.

– Claro que sim, meu irmão, pois se nisso eu não acreditasse não teria chegado ou vindo até aqui e já teria adentrado por uma das muitas portas que minhas chaves já abriram tanto à direita quanto à esquerda do meu caminho.

– Muitas portas já se abriram para você, velho cansado?

– Sim. Foram tantas que já perdi a conta delas.

– E por que preferiu chegar até aqui, tendo tantas portas à sua disposição? – perguntou o interlocutor.

– Ora, como poderia passar por meio de uma delas quando tantos meus irmãos estão a rastejar à beira do meu caminho?

– Não somos teus irmãos, velho repetitivo! – exclamou furioso o rei. E ele falou tão próximo que Simão sentiu a irradiação peçonhenta na sua nuca.

– Bem, isso depois nós veremos. Mas agora me digam se seria justo eu adentrar uma delas deixando para trás tantos meus irmãos a rastejar à beira do meu caminho.

– Eu não me incomodo de rastejar! – sibilou o interlocutor, ao que o rei sibilando advertiu-o:

– Não percebe a intenção desse velho asqueroso, real guardião do meu reino?

– Eu só falei o que sinto rei meu! – exclamou, na defensiva, o interlocutor.

– Pois saiba que ele tenta nos envolver com sua conversa envolvente para assim nos dominar. Ou não lhe ocorre isso, fiel guarda do meu reino?

– Eu imaginava que ele estava tentando se safar de nossas presas, grande rei! – exclamou o interlocutor.

– Bem! – exclamou, já exasperado, Simão – Posso me sentar ou não? Pois já estou cansado de tanto ficar de pé entre dois meus irmãos que mantêm a maior parte dos seus corpos espirituais em descanso.

Ou pensam que sou como vocês que só usam a cabeça enquanto argumentamos? Não, eu tenho um corpo humano todo dolorido a sustentar devido à minha vontade de chegar até aqui para ajudar meus irmãos, caídos à beira do meu caminho, a deixarem de rastejar?

E, além disso, se já não bastassem as dores que trago em meu corpo espiritual, ainda tenho de suportar o incômodo de uma minha irmã ter cravado em minha perna direita suas afiadas presas quando o grande rei postou-se às minhas costas.

O rei gargalhou e depois lhe perguntou:

– Chama de incômodo às dores que as presas dela lhe causam, velho insensível?

– Sim, pois adicionar mais dor a quem já suporta muitas dores é só incomodá-lo um pouco mais. Mas, se não se incomodam, acho que vou me sentar para ajudá-la, pois creio que, na ânsia de me causar dor, ela picou alguém que traz em si tantas dores que, se cada um dos que estão rastejando neste lugar à beira do meu caminho me picassem, ainda assim sobrariam muitas dores em mim!

– Diz sobrariam muitas dores em mim em vez de dizer que aumentariam em muito suas dores, velho ferido. O que quer dizer com isso?

– Quer saber mesmo, meu irmão? – perguntou Simão ao interlocutor.

– Sim – respondeu ele, sem desviar os seus olhos dos de Simão.

– Está bem! Mas creio que depois de saber o que eu quis dizer, irá deixar de pulsar esse odioso desejo de cravar em mim suas presas.

– Prove isso, velho repugnante! – exclamou o rei.

– Então, tal como ordenaste mentalmente a ela que cravasse em mim suas presas venenosas, ordene que as retire de minha perna, grande rei.

– Pois farei isso, velho que gosta da dor.

– Dela eu não gosto, mas consigo suportá-la devido à minha vontade de chegar a um lugar no meu caminho onde existe um local do qual terei uma visão real do Criador.

– Do "nosso" não! – exclamou o interlocutor.

– Por que não?

– Ora, o meu Deus não é o mesmo que o seu, velho tolo.

– Mas é claro que só um Deus existe, meu irmão!

O que pode haver, e como há, são os meios de interpretarmos o Deus único por meio de nossas crenças.

Isso sim, é verdadeiro. Já quanto ao Criador, está fora de discussão que exista mais de um.

– Pois lhe digo que existem, velho cego! – exclamou o interlocutor.

– Eis mais um motivo para que seu grande rei permita que eu me sente e discutamos sobre isso também, pois sei que essa discussão lhes proporcionará um grande prazer, meus irmãos.

– Não se desvie do que lhe ordenei, velho vago – ordenou o rei.

– O que ordenastes, grande rei?

– Que me provasse que após eu saber o que querias dizer quando disseste: "Sobrariam muitas dores em mim!" eu não iria querer cravar minhas longas e afiadas presas em seu corpo cansado.

– Ah, sim!

– Pois prove, velho falador! – exclamou o interlocutor à frente de Simão, que sempre secundava os desejos do seu grande rei.

– Antes eu pergunto: já ordenaste a ela que retirasse de minha perna suas outroras presas afiadas, grande rei?

– Sim. Mas em sua fúria nem a mim, que sou dono dela, ela obedece.

– Ela já não pode obedecê-lo, grande rei, pois já não lhe pertence mais e passou a ter parte de mim ao cravar em mim suas presas.

– Como? Tanto o rei quanto o interlocutor indagaram sibilando ao mesmo tempo.

– É isso mesmo, meus irmãos!

Agora ela tem parte em mim e me tem por inteiro em todos os seus sentidos.

De agora em diante ela já não é mais a que até a pouco era, e só deixará de ser o que agora é, caso volte a ser como nunca devia ter deixado de ser.

– Explique-se, velho enigmático! – ordenou o rei.

– Pois não, meu irmão. Mas antes posso me sentar? Pois o peso de minhas dores é tanto que desejo intensamente assentar-me para que, mais comodamente, eu possa não só provar-lhe o que eu disse, como também mostrar que somos todos irmãos humanos e que só há um Deus, assim como muitas interpretações d'Ele são possíveis por causa da imaginário humano, que todos nós temos em nosso racional devido às nossas limitações nas nossas limitadas faculdades do raciocínio, pois somos humanos.

– Fala, fala e fala, sem no entanto dizer nada mais além do seu insistente pedido de poder sentar, velho cansado! – exclamou o interlocutor à sua frente.

– Ora, então peças ao grande rei, meu irmão.

– Por que você mesmo não faz isso?

– Não foi com ele que falei primeiro. Além do mais, você é um dos guardiões d'Ele que veio me receber. E também não é certo eu tomar a liberdade de dirigir-me ao seu rei para fazer um pedido, quando sei que essa é uma atribuição sua. Ou será que essa não é vossa regra aqui?

– Você fala, fala e não diz nada ancião! – exclamou o interlocutor.

– Por acaso o que acabo de afirmar é mentira?

– Não, pois aqui nesse lugar é assim mesmo.

– Então não deixo de dizer verdades, certo?

– Bem, de certa forma isso é verdade, velho insistente.

– Cale-se, guardião tolo! – exclamou o rei – Não está percebendo que mais uma vez ele o envolve com o dom da oratória? Acho melhor cravarmos nossas presas nesse velho astuto e acabarmos de vez com esse falatório que não conduz a nada além de uma impaciência total em mim.

– Mas – interveio Simão – irás sentir em si mesmo parte de minha dor sem antes sentir por meio de meu conhecimento um grande prazer, meu irmão!

– Que prazer é esse, velho intrometido? – perguntou o interlocutor.

– Ora, o prazer que só um irmão verdadeiro pode propiciar-lhes sem nada mais ter de fazer além de lhes mostrar de forma clara que nunca deixaram de ser humanos, ainda que humanos já não se sintam mais devido à total desumanização dos seus sentidos, tanto os humanos quanto os divinos.

– Como é que é? – perguntou o rei.

– É isso que ouviram, meus irmãos. E saibam que na nossa origem só temos sentidos divinos a nos guiar por meio de nossa vontade. Mas quando alcançamos o meio humano, com sentidos humanos somos dotados pelo Senhor para que, por nossos próprios meios, possamos humanizar nossos sentidos originais e divinizar nossos sentidos humanos.

– Já estás a tergiversar, velho asqueroso! – exclamou o rei.

– Ora, mas vejo que já temos mais um motivo para estendermos o prazer de nossa discussão, meus irmãos.

– Quem foi que lhe disse que vamos discutir algo, velho astuto? – indagou o rei às costas de Simão.

– Ora, não discutiremos sobre o que eu disse, e que deseja que eu prove?

– Então prove logo, velho cansado! – exclamou o interlocutor à frete de Simão.

– Mas, para isso, eu precisarei me abaixar e me sentar, meu irmão. E não quero quebrar uma hierarquia aqui existente e que certamente não agradará ao seu grande rei às minhas costas, que num acesso de fúria poderia picar você antes de mim, meu irmão. Observe que só estou procurando preservá-lo de sentir uma dor que só a mim está reservada, uma vez que sou a razão desse nosso diálogo, certo?

Além do mais, caso eu me sente sem você pedir-lhe permissão para que eu possa fazer isso, logo outros acreditarão que podem fazer o que bem desejarem sem ter de pedir permissão ao seu grande rei por meio de você, que é um dos guardiões da autoridade dele.

Saiba que assim como todo reino, toda sociedade, religião, lei ou família se desmoronam quando cada um faz o que bem desejar sem obedecer à hierarquia existente. Ou será que a quebra de uma hierarquia existente não é o início do caos que tal atitude principiará?

– Bem, isso é verdade, velho que conhece o fundamento das hierarquias!

– Cale-se! – novamente ordenou o rei. – Não está vendo que mais uma vez ele tenta envolvê-lo com o dom da oratória?

– Eu disse alguma inverdade, grande rei?

Como este permaneceu calado, Simão continuou:

– Então concorda com o que afirmei, certo? Pois como rei desse lugar, sabe que, sem a hierarquia aqui existente, dará meios a qualquer um dos que aqui rastejam de desejar também ser rei desse lugar. Assim como,

logo logo outros que agora obedecem começariam a desobedecer até mesmo aos seres guardiões reais, certo?

– Cale-se, velho asqueroso – ordenou o interlocutor. – Cale-se, senão eu não vou resistir nem um instante a mais ao desejo que sinto de cravar minhas presas em você.

– Então você renuncia ao prazer que posso proporcionar-lhe e que será interminável só por causa de um desejo imediatista que irá lhe dar um prazer tão curto, que não consigo entender como ainda sente prazer fazendo isso?

– O que insinua, velho sinuoso?

– Ora, você já vem há tanto tempo cravando tuas presas em irmãos teus que não consigo entender como ainda sente prazer nisso.

– Eu sinto prazer ao ver um ser humano renunciar a si mesmo e se transformar numa cobra, velho tolo!

– Mas meu irmão, não percebe que esse é um prazer limitado?

– Como assim?

– Ora, tomemos um casal como exemplo para eu poder falar de uma forma que não deixará dúvidas quanto ao que é um prazer limitado e um ilimitado, certo?

– Está certo, velho. Mas seja rápido, pois o desejo de picá-lo está aumentando em mim, certo?

– Certo, serei o mais conciso que o momento exige e também me permite, meu irmão.

– Não se apresse e deixe bem claro essa tua explicação, pois talvez eu extraia algo dela que prolongue ainda mais o prazer que sentirei ao cravar-lhe minhas presas, velho desejável! – ordenou o rei.

– Não tomarei muito do vosso tempo, meus irmãos. Mas antes posso me sentar?

– Sente-se logo, velho cansado! – exclamou o interlocutor à sua frente.

– Mas se eu fizer isso sem você pedir autorização para eu me sentar, irá deixar de dar a ele a satisfação que o respeito proporciona, meu irmão!

E saiba que o prazer infinito se origina na satisfação, pois de que adianta o prazer sem a satisfação que ele pode proporcionar?

É a mesma coisa que alguém comer e não sentir satisfação no ato de comer, e que, como todos os outros atos da vida, são prazerosos e nos dão muita satisfação. Senão, vejamos o ato de comer um alimento repugnante aos nossos olhos. O que tal ato nos proporciona, meu irmão?

– Responda você, pois ao lançar uma pergunta parece que já tem a resposta na ponta da língua, velho asqueroso! – ordenou o rei.

– Pois vos digo isso, meus irmãos: se alguém, mesmo estando faminto, mas muito faminto mesmo, comer um alimento repugnante aos próprios olhos, num primeiro momento irá saciar sua vontade de comer. Mas, assim

que a fome deixar de existir, começará a sentir-se mal ou terá náuseas e talvez até lance fora tudo o que comeu, certo? E por quê?

– Continue, pois você responde perguntando, velho inconcludente – ordenou o rei.

– Ora, o porquê dessas coisas acontecerem é devido ao fato de o alimento, ingerido às pressas devido à fome, não ser do agrado de quem o ingeriu e que, ao ingeri-lo, não sentiu prazer maior que o de simplesmente comer, em vez de sentir a satisfação de ingerir algo agradável, certo?

Então, alguém que foi obrigado a fazer isso, perde momentaneamente o prazer de comer e deixa de sentir satisfação num ato tão satisfatório que é o de se alimentar.

Logo, imaginem, pois isso lhes é facultado por vosso imaginário humano, um ser humano obrigado a, sempre que sentir fome, ter de comer um alimento que lhe causa repugnação. O ato de comer se transforma num tormento, não?

– Vai lançando perguntas enquanto fala, velho falastrão! – exclamou o interlocutor.

– Mas, meu irmão! Por acaso o que falei não ecoou como verdadeiro no seu imaginário?

– Sim, é verdade que comer algo repugnante não nos dá prazer. Mas o que isso tem a ver com o exemplo que ia dar sobre o prazer limitado e o ilimitado?

– Eu já não estou conseguindo mais me sustentar de pé, meu irmão! Preciso me sentar para poder falar disso com satisfação, pois como pode alguém falar sobre o prazer se não se sentir satisfeito com a própria postura?

É sabido por todos que cada ato nosso só é satisfatório caso a postura assumida para consumá-lo seja mais correta e satisfatória ao ato em questão, não? Senão, vejamos: como pode alguém dormir quando sentir sono, e do ato de dormir alcançar a satisfação, caso se acomode de forma desconfortável?

Há algum prazer em dormir sem nenhum conforto? E, sendo o sono sem um mínimo do prazer do conforto, poderá ele nos proporcionar alguma satisfação?

– Não, é claro que não, pois a postura é tudo num caso como este, velho astuto! – exclamou o interlocutor à sua frente.

– Cale-se, idiota! Não vê que mais uma vez ele te conduz para onde bem ele quer conduzi-lo?

– Ora, meu irmão e grande rei! Não percebe que as vossas próprias posturas, devido à minha presença, lhes incomoda de tal forma que não sentem satisfação ao ouvirem eu lhes falar tantas verdade de uma forma clara, ainda que eu também me sinta insatisfeito ao ter de falar de coisas tão prazeirosas?

A postura é tudo entre os que dialogam sem outros desejos que não sejam o de verem esclarecidos suas dúvidas ou discórdias de forma satisfatória.

Senão, vejamos: como podem dois reis discutirem uma paz ou armistício entre seus exércitos se estiverem sob o calor do fogo intenso ou no meio de uma tempestade abundante ou em meio a uma ventania inclemente ou no meio de um deserto sufocante?

Por acaso acreditam que uma paz ou armistício conseguido num dos meios que citei seria duradouro ou satisfatório? Não, certamente que não. E por quê, meus irmãos?

– Tens as respostas, velho indagador! – exclamou o rei. – Continue!

– Pois eu continuo, meu irmão. E digo que não seria duradoura ou satisfação, pois lhes faltaria a postura correta para levarem adiante uma discussão da paz ou do armistício, que certamente traria uma satisfação a ambas as partes.

E observem que, caso no final dela só consigam um armistício, será este um prazer limitado, pois ambos se manterão em guarda, pois não confiam no que o facultou.

Com isso está mais uma vez provado que só a paz ou uma postura totalmente confortável traz em si um prazer infinito, pois satisfaz a ambas as partes, que desarmam suas guardas e passam a confiar nos propósitos pacifistas do outrora adversário ou mesmo inimigo, certo?

– Tudo o que diz é certo, velho. Mas já estou me impacientando com seu falatório, que vai deixando atrás de si mais indagações não respondidas, pois sua fluidez no falar é sinuosa.

– Tudo se deve a uma questão de postura, pois se desde o princípio eu estivesse sentado, já teria mostrado as provas de tudo o que eu disse.

Mas, como faze-lo, se a mim parece que você deseja me atritar com o teu rei ao tentar forçar-me a me sentar ou mesmo cair na frente dele antes de você pedir-me autorização para que eu possa sentar-me?

Não percebe que essa minha postura, de pé, o deixa alerta, como se eu fosse fugir e com isso se obriga a ficar numa postura que lhe causa impaciência. Assim como ao seu rei, que sabe que se até aqui cheguei, daqui não fugirei, mas se impacienta com a minha demora em provar que essa irmã que está com suas presas cravadas em minha perna direita agora tem em mim parte dela e tem em si eu por inteiro, e que, por isso, eu disse que ainda que todos os que aqui rastejam poderiam colher um pouco de minha dor, ainda assim muito de minha dor restaria em mim?

Também já o adverti que não gostaria de vê-lo sendo alvo em meu lugar e antes de mim, pois essa situação atual só existe devido à minha tão aguardada presença aqui, não? Ou será que sem minha presença você precisaria estar aqui?

– Não. Certamente eu estaria em outro lugar agora, velho imobilizante!

– Está vendo como a postura é importante em tudo o que fazemos, meu irmão?

– Bem...

– Cale-se, idiota! – sibilou o rei.

– Mas eu...

– Cale-se, pois é tão tolo que não percebe que ele o está conduzindo a um ponto tão envolvente que logo irá desejar se estirar no solo, deixando assim de vigiá-lo e mesmo atacá-lo seu idiota!

– Mas meu rei, eu só queria...

– Não fale mais nada, idiota! Deixe o velho provar o que disse, antes de nós o destruirmos para todo o sempre.

– Então posso me sentar, mesmo sem antes ter obtido vosso consentimento por meio de um guardião do vosso reino?

– Faça isso, velho! – exclamou o rei. – Mas faça-o logo, pois quero ver a prova antes de acabar contigo.

– Bom, então que fique acertado que não fui eu quem quebrou a hierarquia aqui reinante, caso depois de mim outros se assentem diante de você sem antes conseguirem sua aquiescência, pois não quero ser o pivô de discórdia entre meus irmãos.

– Ora, cale-se e me prove o que disse que aconteceu com ela, assim como o que aconteceria caso todos os que aqui rastejam o picassem! – ordenou o rei.

– Que seja feita sua vontade, meu irmão! – exclamou Simão, já começando a se abaixar.

– Não sou seu irmão, velho insistente – corrigiu-o o rei. Simão limitou-se a dizer-lhe:

– Isso veremos após tornar a ver sua irmã como ela já foi um dia e daquele jeito deixou de ser devido à sua insistência em mantê-la sob sua proteção. E olhe que isso aconteceu num tempo em que já nem mais é contado no tempo pela espécie humana. Creio que, depois disso, nunca mais irá dizer que não somos irmãos, meu irmão!

– O que estás dizendo, velho asqueroso? Não sabe do que fala!

– Será que não sei? – perguntou Simão interrompendo seus esforços para se sentar. – Ou será que também isso será mais um assunto para discutirmos após eu me sentar?

– Sente-se logo, velho espezinhador – ordenou o interlocutor à sua frente.

– Cale-se! – ordenou-lhe o rei.

– Mas eu só queria ajudar, grande rei.

– Cale-se, já disse, idiota!

– Sim, eu me calo.

– Ótimo! – exclamou Simão voltando a se mover no sentido de sentar-se. E, quando já quase conseguia, emitiu um gemido intenso de dor, pois várias presas afiadas cravaram-se em seus membros inferiores e nas nádegas.

Após sentar-se e dar uma olhada nas cobras que agora estavam presas ao seu corpo, perguntou ao rei:

– Para que isso, meu irmão? Não há necessidade disso!

– Isto é por você ter me chamado de irmão. Eu contei quantas vezes você havia me chamado de irmão e, para cada uma delas, uma preza foi cravada em teu corpo espiritual.

– Então ainda devo chamá-lo mais uma vez de irmão para que duas vezes se juntem mais uma irmã nossa à minha dor, não?

– Isso mesmo, velho dolorido!

– Pois então ordene que mais uma se junte à minha dor, meu irmão. Faça isso, por favor!

– Com duplo prazer o faço. Mas serão quatro presas, pois já pronunciastes essas palavras nessas suas duas últimas frases.

– Está partindo de um princípio errado na aparência para alquebrar minha crença de que somos irmãos, meu irmão. Não seria melhor observar o que já está acontecendo com essas irmãs nossas que o obedeceram cegamente? Observe como os corpos espirituais delas, até a pouco lisos, já começam a se cobrir de chagas, tal como delas meu corpo está coberto, meu irmão.

Tanto o grande rei quanto o interlocutor as observaram e instintivamente recuaram ao ver os corpos das serpentes presas a Simão se cobrirem de chagas horríveis que as deformavam por completo.

– O que faz a elas, velho maldito? – perguntou o rei, furioso, às suas costas.

– Nada, meu irmão. Nada mais que dividir com elas as minhas dores. Só isso eu faço e ainda assim contra minha vontade, pois meu desejo é só o de levantar àqueles que aqui habitam e ainda rastejam à beira do meu caminho.

– Maldito! Ecoou na penumbra que encobria aquele lugar a voz do rei dos que rastejavam porque um dia não haviam se comportado com altivez diante da lei da vida e do amor.

– Por que chama de maldito um irmão seu, meu irmão?

Acaso não sabe que isso é uma ofensa aos olhos de Deus que acha todos nós benditos, pois somos criação d'Ele?

Ou acha que um pai que ama seus filhos gosta de ver um deles ser chamado de maldito por outro dos seus filhos?

– Cale-se, velho insuportável. Cale-se ou o engulo de uma vez só.

– Não se irrite diante de uma verdade, meu irmão. Não diante dela, pois isso é blasfêmia.

– Quem é você, velho que aguardei tão ansiosamente sua chegada e agora anseio vê-lo partir?

– Ora, não sabe quem eu sou?

– Imaginava que era uma coisa e agora se mostra outra, velho camaleão. Quem é você? – perguntou mais uma vez, e desta, mais furioso ainda, o grande rei dos que rastejavam naquele lugar à beira do caminho de Simão.

– Eu sou Simão Beir, um ser humano que na juventude morreu para a vida e na velhice nasceu da morte, meu irmão. Sou exatamente o contrário de você, pois nasceste para a morte na tua juventude e morreste para a vida na sua velhice.

– Ao dizer isso, não acrescenta nada ao que já sabemos, velho ocultista! – exclamou o interlocutor, agora mais afastado de Simão.

– Eu também sou aquele que vocês ansiavam pela chegada e agora anseiam pela partida. Mas também sou parte de vocês e a inexistência de mim em vocês, meus irmãos!

– O que quer dizer com essa sua última frase, velho? – indagou o grande rei.

– Bem, se vocês me odeiam, então faço parte de vocês, pois são o ódio puro à humanidade. Logo, sou a inexistência em vocês dos meus sentimentos de amor e compreensão estendidos à humanidade em geral.

Mas isso não importa, pois agora o que realmente importa é eu tentar auxiliar meus irmãos e irmãs que, ao tentarem me socorrer, acabaram absorvendo parte de minha dor, meus irmãos!

– O que fará a eles agora, velho temível? – perguntou o interlocutor.

– Por que agora me chama de temível?

– Ora, se eu houvesse cravado minhas presas em ti logo que aqui chegaste, agora estaria com meu corpo coberto de chagas horríveis, não?

– Sim – respondeu Simão começando a soluçar baixinho.

– E também, caso o grande rei tivesse te engolido, tal como ele havia planejado, terias ficado igual a eles, não?

– Talvez sim, talvez não, meu irmão.

– O que insinua, velho? – perguntou o rei.

– Ora, como posso ter certeza absoluta disso?

– Mas confirmaste ao meu guardião que com ele isso teria acontecido. Por quê?

– Bem, com ele eu sei que isso aconteceria, pois ele não é ódio em todos os sentidos. Enquanto você, só vivencia sentimentos de ódio em todos os seus sentidos.

– E por quê, já que disse ter certeza de meu guardião não vivencia o ódio em todos os seus sentidos?

– Não vai me dizer que não sabe?

– É lógico que não sei, velho interrogativo!

– Ora, não vê nos olhos dele o medo que sente de você e também o receio em desagradá-lo?

– E o que tem isso?

– Ora, caso ele não pulsasse isso no mais íntimo do seu ser, não se submeteria à sua aterradora autoridade, meu irmão. Logo, essa dualidade nos sentimentos dele o tornam passível de absorver parte de minha imensa dor, pois um sentimento dúbio é parte da incerteza dele em como poderia viver sua a própria vida. Por acaso alguém criado por Deus, e que pode crescer infinitamente, sente-se bem em ser limitado por uma hierarquia viciada na sua origem?

– O que há de errado com minha hierarquia, velho hierarca? – perguntou o rei.

– Não percebe que ela é viciada e por isso é limitada e limitadora?

– Explique minha hierarquia, velho hierarquizador!

– Antes ou depois de tentar auxiliar esses irmãos nossos?

– Teus irmãos, ancião! – corrigiu o rei.

– Mas uma delas não é sua irmã?

– Já foi minha irmã – tornou a corrigir o rei.

– Ora, o estágio e estado atual não altera o fato de um dia, num tempo já não mais memorável, vocês dois terem sido irmãos. Ou desconhece que tudo o que possa ocorrer aos seres humanos no meio em que vivem não altera realmente a sua origem e suas razões de ser?

– Isso pouco importa agora, ancião. E não se desvie do que quero que me esclareça!

– Está certo. Já que não se importa com sua irmã, vou falar-lhe de sua viciada hierarquia Mas antes me permite retirá-la do meu dolorido corpo para que ela pare de absorver mais e mais de minhas dores?

– Faça isso, caso isso te satisfaça, velho insatisfeito.

– É uma concessão muito meritória a sua, meu irmão. Talvez eu esteja enganado a seu respeito e ainda reste um pouco de humanismo em alguns dos seus sentidos.

E Simão delicada e cuidadosamente abriu a bocarra da serpente, mas tendo antes levantado sua pesada veste que o cobria até os pés, pois ela havia entrado por debaixo dela para picá-lo mais profundamente.

Ao ver duas pernas humanas todas encobertas por horríveis chagas, mais uma vez o interlocutor, agora calado, afastou-se de Simão e perguntou-lhe:

– O que é isso em seu corpo, velho podre?

– São as dores visíveis que colhi à beira do meu caminho, meu irmão. Pois as invisíveis, oculto-as no mais íntimo do meu ser.

– Por que diz que as colheu?

– Ora, elas são fruto da ignorância, e, como ainda me considero um ignorante, então vou absorvendo-as em mim para que assim,

sentindo-as, eu possa aos poucos ir conhecendo em mim mesmo o que é certo e o que é errado.

Ou será que para um ignorante existe um meio mais "marcante" de aprender com os próprios erros?

– Por que diz "com os próprios erros" se disse que as colheu à beira do seu caminho?

– Bem, caso eu fosse um sábio, teria livrado meus irmãos e irmãs por meio dos sentidos da sabedoria. Mas como não sou, então as colhi por meio de minha ignorância posta a serviço da lei e da vida quando aprendi com o Anjo da Morte que, se não podemos servi-Lo com nossa sabedoria, podemos tentar servi-Lo, ainda que sejamos ignorantes.

– Disse que aprendeu com o Anjo da Morte?

– Do senhor nosso Deus. E tu também estás servindo-O por meio de tua ignorância, meu irmão!

– Você ainda não explicou a minha hierarquia e agora lança mais uma coisa inexplicável, ancião.

– Por que inexplicável? Acaso você, que vive entre os que viraram as costas à vida, desconhece a existência do Anjo da Morte?

– Pois duvido que ele exista, ancião louco! – exclamou, gargalhando, o rei.

– Então saiba que para mim ele está às minhas costas ou bem atrás de mim, ainda que vê-lo eu já não possa mais, pois para onde eu olhar lá estará minha frente, e atrás de minha nuca começa o meu atrás, meu irmão.

– Atrás de você? – perguntou o rei, já assustado.

– Sim, é isso mesmo, meu irmão.

– Então é por isso que seu corpo é coberto de chagas e o cobres com essa veste sombria?

– Não, isso não.

– Quero ver teu corpo por inteiro, velho mortífero – ordenou o rei.

– Está bem, mas antes vou retirar esses irmãos nossos do meu corpo para assim poder retirar minha veste.

– Faça isso logo, velho podre! – exclamou o interlocutor à sua frente.

– Cale-se! – ordenou-lhe o grande rei. – Não dirija mais ao velho sem que isso eu lhe permita ou ordene, certo?

– Sim, grande rei.

– Vamos, velho! Dispa-se logo, pois estou curioso em ver como é que você é.

Simão então retirou uma a uma todas as serpentes presas ao seu corpo. Depois de tê-las delicadamente colocado de lado, ele se despiu das pesadas vestes e expôs aos olhos curiosos um corpo espiritual impressionante devido às chagas.

De imediato, o interlocutor se afastou para longe e um rastejar assustador se fez ouvir às suas costas. Ao ver a figura medonha à sua frente, Simão também sofreu um choque, pois era uma visão horrível a do rei dos que, naquele lugar, rastejavam à beira do seu caminho. Ambos ficaram se olhando, mas só os seus olhos se moviam, pois o resto de seus corpos espirituais estavam petrificados com a visão mútua.

Simão paralisou-se diante da visão do seu medo estampada no gigantesco corpo de uma medonha serpente.

O rei paralisou-se diante da visão de sua morte estampada no corpo chaguento de um ser humano.

Ambos tinham vontade de fugir dali, mas a paralisia de seus conscientes os impediam de se mover. Cada um ficou hipnotizado pela visão do outro. E assim permaneceriam pelo resto de suas existências caso depois de muito tempo um longínquo pedido de ajuda não começasse a penetrar na mente de Simão. Mas só quando junto ao pedido ele ouviu a voz dizer: "pelo amor de Deus!", começou a despertar do fascínio aterrador que o paralisava.

– Deus! Deus meu! – exclamou Simão. – Ainda estou num lugar onde a ilusão é uma verdade e a verdade é uma ilusão. Isso não pode ser o que aparenta ser, senão eu também sou o que aparento ser e não o que imagino ser!

– Ajude-me! Mais uma vez clamou uma voz distante, mas já não tanto como dá primeira vez que ele a ouvira. E desta vez a palavra Deus ficou a ecoar em sua mente, que começou a raciocinar lentamente.

– Deus, sim, é isso! Quando tudo em nós se paralisa, só Ele pode nos tirar do torpor da morte. O Senhor é a única força que não pode ser paralisada, pois ela é só uma das partes d'Ele, que é o Todo!

Sim, meu Deus é imortal, intocável, invisível e não suscetível de paralisar-se, pois somos nós que nos paralisamos n'Ele, e não o contrário.

É isso! Eu não consigo me mover, ainda que o maior desejo meu seja sair daqui espavorido. Mas nem minha vontade me obedece, pois não exerço o controle de minha paralisia neste momento. Mas Deus está presente, mesmo eu estando assim, pois sei que, apesar de tudo, ainda vivo e estou vivo.

Sim, o Criador é isto: a vida imortal em nós e nossa existência, que é imortal.

Logo, o que estou fazendo, que nada faço para socorrer quem pede ajuda em nome do Pai?

E Simão fechou os olhos, dominando o seu medo e quebrando o hipnotismo que o mantinha paralisado. Então ouviu mais perto de si o pedido de ajuda. Olhou para o lado e viu que a primeira das serpentes o olhava fixamente e, por meio dos seus olhos vidrados, ela clamava por ajuda. Simão estendeu suas mãos, puxou-a para junto de si e começou a acariciar

delicadamente sua cabeça, pois já não sentia medo das cobras. Algo dentro de si e no mais íntimo do seu ser havia deixado de pulsar.

Um Universo paralelo negativo alojado em algum lugar do seu todo mental havia sofrido uma catarse e se descarregara, pois voltara a se sentir vazio, tal como quando recusara a companhia da sensualidade feita mulher.

– "Eis o seu medo em tuas mãos, Simão Beir! – falou ele para si mesmo, tal como era seu hábito. – Olhe como uma parte dele agora sofre e padece por tê-lo tocado porque trilhas um caminho no meio da escuridão!

Olhe, Simão! Olhe como ela sofre por ter ousado tocá-lo com as presas, que substituíram os lânguidos braços que um dia já o acariciaram. Eis em suas mãos aquela que um dia não resistiu ao seu hipnotismo e também foi condenada a ser lançada num fosso cheio de serpentes numa punição por, contigo, ter ofendido a um corpo religioso coletivo.

Veja-se nos olhos dela, Simão Beir! Olhe nos sofridos olhos dela as causas do seu medo e o medo de suas causas.

Veja tudo isso, Simão Beir! Mas não deixe de também ver nos olhos dela o seu medo da morte, pois ela um dia a morte viu ao se deixar encantar pelos seus insistentes

Olhares.

Olhe, Simão Beir, olhe para ela e vejas a si mesmo, homem mortífero que levou a morte a quem um dia cruzou seu caminho."

E, dos olhos de Simão Beir, lágrimas doloridas voltaram a correr em abundância, pois agora ele compreendia uma parte de sua longa jornada enquanto ser imortal.

Ali, num lugar à beira do seu caminho, onde todos os que o habitavam rastejavam, ele havia encontrado no corpo de uma serpente a mulher que, com ele, um dia transgredira as leis de uma religião e de um povo e haviam se amado como homem e mulher.

Mas enquanto ele havia sofrido sua punição e se agarrado à esperança do perdão divino, ela havia se desesperado e começado a odiar à humanidade. E tanto odiara que havia sido subjugada por seu ódio e numa expressão dele, em todos os sentidos, havia se transformado.

– Tudo por minha culpa! – gritou no meio das sombras um Simão ferido mortalmente pelo sentimento de culpa pelo sofrimento alheio. – O Anjo da Morte se mostrou a mim e o achei lindo e encantador! Mas olho para mim e me vejo a própria morte, meu Senhor!

– Se ele é o Teu Anjo da Morte, eu sou a morte dos Teus anjos, meu Senhor! Que todo o ódio dos que neste lugar rastejam seja descarregado em mim! – e Simão bateu no peito por três vezes com as mãos fechadas, como era seu hábito quando reencontrava partes suas caídas à beira do seu caminho.

Se sou o causador de tantos ódios, então que as dores desses mesmos ódios sejam descarregadas em mim, meu Senhor – falou um Simão chorando compulsivamente devido à culpa que tomou conta de todos os seus sentidos.

E Simão Beir chorou, chorou e chorou!

Só depois de muito tempo ele conseguiu controlar seu pranto de culpa, quando ouviu mais uma vez o pedido ajude-me em nome de Deus!

– Eu a ajudo, minha irmã.

– Ajude-me, por favor!

– O Pai a ajuda! Ele ouviu seu pedido de ajuda e a perdoa por todos os seus erros, falhas e pecados, pois fosi induzida a eles pelo meu desejo de amá-la como mulher que fosi, é e nunca deixará de ser.

Eu fui a sua ilusão do prazer e a dor de sua ilusão, minha irmã!

– Você, velho esperado? – perguntou ela num fio de voz.

– Sim, eu mesmo, minha irmã. Fui eu quem a induziu ao erro, ao pecado e à falha. E agora volto ao meu sombrio caminho para ajudá-la a se levantar da beira dele e seguir em paz o seu caminho!

– Mas eu sou só uma serpente, velho dolorido!

– Quem disse isso?

– Todos dizem isso!

Simão mais uma vez acariciou a cabeça dela e falou:

– Eu nunca vi serpente tão bela e com cabelos tão lindos quanto os teus, minha irmã.

– Cabelos?

– Por que não deixa de olhar para os meus olhos e olha para si mesma?

Ela olhou-se e começou a chorar, pois readquirira um corpo espiritual com a forma humana.

– Deus a perdoou por meio de mim e me perdoará por meio de você, minha irmã. Ele é justo com os que reconhecem que erraram, falharam e pecaram só porque humanamente quiseram dar vazão aos seus sentimentos tipicamente humanos, tais como os do desejo.

– Mas você não se parece com o homem que um dia amei, velho chaguento.

– Até a pouco você não se parecia como uma serpente?

– Sim. Mas também me sentia como uma delas.

– Pois eu ainda sou aquele homem. Apenas hoje aparento ser o que sinto.

– Então sente muitas dores, não?

– Muitas não é o termo correto, pois o que sinto são todas as dores dos meus erros, falhas e pecados aos olhos do Pai e dos meus semelhantes.

– Mas eu também fui culpada pelos nossos atos, velho dolorido!

– Pois eu, que detinha um falso domínio do saber, devia ter dominado meus desejos e evitado tantos sofrimentos, minha irmã.

– Mas eu, depois de ter sofrido o suplício do poço das serpentes, e numa delas ter me transformado, já torturei tantos espíritos devido ao meu ódio aos seres humanos, meu velho velho!

– O que isso importa se só estava descarregando na humanidade o que ela havia descarregado em você?

– Mas, se é assim, então você também deveria ser beneficiado pelo perdão divino e voltar a ter o belo corpo que tinha, meu velho.

– Isso a mim não é concedido, pois fui uma das causas e você o efeito das ações humanas, que ao grau de uma serpente, a conduziram.

Lembre-se sempre que, quem sofre os efeitos das causas, primeiro é auxiliado pela lei e pela vida para assim mostrar aos causadores que, se o Pai é rigoroso quanto ao respeito que devemos ter em relação às leis que regem as religiões, também é generoso e primeiro ajuda a curar os efeitos para só depois ajudar as causas.

– Por que é assim, meu velho?

– Isso é assim porque em Deus não existem causas mas sim razões.

– Eu sinto muito vê-lo assim depois de ter acordado de um horrível pesadelo, meu velho. Eu o amava tanto!

– Não se apiede de mim, pois quem lhe causou tanto mal, não é merecedor desse sentimento.

– Mas o seu corpo está todo coberto de chagas!

– São só chagas e nada mais, minha irmã. Não se preocupe com isso, sim?

– Como não me preocupar se dói em mim vê-lo assim?

– Então me ajude a me vestir, pois me dói muito mais saber que minha aparência é tão dolorida que chega a despertar um sentimento de dor nos que me veem nu. Por favor, ajude-me a cobrir esse corpo cansado, dolorido e culpado de tantos sofrimentos seus, assim como dos que aqui habitam à beira do meu caminho.

A bela mulher apanhou as vestes de Simão e o ajudou a se vestir. Então ele estendeu as mãos e apanhou mais uma das serpentes cobertas de chagas, pois também ela havia clamado: "ajudem!".

Simão a olhou nos olhos e acariciou sua cabeça. Num piscar de olhos tudo revelou a um irmão seu que havia caído à beira do seu caminho. Ali as causas da queda haviam sido outras, mas não deixavam de ser só causas e nunca haviam sido razões.

E logo mais um espírito humano já havia num lugar onde todos até a pouco rastejavam.

Quando todas as cobras que o haviam picado, e por isso sofrido, voltaram a ter aparências humanas, Simão muito lhes falou sobre a lei, a vida, e o amor que deve existir entre os seres humanos. E, quando viu que estavam aptos a seguirem seus caminhos, falou-lhes:

– Sigam nesse direção, meus irmãos, pois estarão indo ao encontro da vida.

– Mas disseste que nessa direção fica sua morte, meu velho! – exclamou a primeira a ser ajudada naquele lugar.

– Para mim a morte está naquela direção. Mas para vocês a morte está nesse lugar à beira do meu caminho e que, infelizmente para vocês, um dia o cruzaram.

– Mas...

– Creia-me, minha irmã! Eu tenho certeza do que estou dizendo. Caminhem confiantes no Criador, pois quando menos esperarem, uma porta luminosa à beira desse caminho se abrirá. Então não titubeiem em passar por meio dela, pois será nela que vossos caminhos luminosos estarão começando.

– Não sei se vou ter coragem de deixá-lo, meu velho – afirmou a mulher.

– Não torne a sofrer por minha causa, irmã. Siga na direção que lhe indiquei e alcançará rapidamente a luz que em sua vida um dia apaguei.

Vá em busca dela sem nunca se esquecer de que foi comigo que a teve apagada em si!

– Como posso deixá-lo, se lhe devo a graça que recebi de Deus? Acaso você já foi o meu amor?

– Mas também fui a causa de sua dor, que deve ter sido tão intensa que só a suportou substituindo-a pelos seus sentimentos de ódio.

– Mas você também sofreu o mesmo suplício e não se entregou ao ódio. E foi graças a essa sua resignação que agora veio me libertar do meu ódio.

– Ainda assim, não encontro razões que justifiquem sua permanência neste lugar. Siga na direção que lhe indiquei e volte a ter a luz da vida em todos os seus sentidos, pois se aqui ficar, acabará mais uma vez perdendo o sentido de sua vida.

– Mas aqui neste lugar estão muitos espíritos que ainda rastejam e precisam de ajuda para retornarem à vida, meu velho.

– Não pode sair por aí à procura deles, pois acabará picada novamente pela incompreensão humana, que é muito mais venenosa e mortal que qualquer serpente possa ser, pois, enquanto esta atinge o corpo carnal de um ser humano, aquela atinge o todo mental e espiritual dos seus semelhantes. Lembre-se sempre disso, minha irmã!

Após meditar um longo tempo, ela perguntou-lhe:

– Você me amava de verdade, meu irmão?

– Posso até dizer que sim, mas não estarei dizendo uma verdade, pois, depois do tormento daquela encarnação, tornei a reencarnar, e o que eu possa de fato ter sentido por você ficou adormecido em minha memória imortal, mas inacessível à minha consciência.

– Então pode reencontrar as causas de tuas dores mas não os sentimentos de amor vibrados por elas, certo?

– Não é bem assim, pois o amor vibrado nessas causas agora é irradiado por meio de outros sentidos meus, minha irmã.

É assim que é, pois se o amor existe em nós, então ele não pode ser represado em nosso todo mental. Logo, nosso emocional dá vazão a ele por meio dos outros sentidos que possuímos.

– Bem, acho que tens as respostas a quaisquer tentativas que eu faça para ficar junto de você, não?

– Isso mesmo, minha irmã. Mas quero que saiba que se eu visse uma razão para aqui permaneceres, não estaria quase que a obrigando a ir em busca de sua luz na vida, pois aqui mesmo a alcançaria.

Não me tenha na conta dos insensíveis, pois não sou isso. Apenas não quero que seja mais uma vez o alvo indefeso da intolerância, que é o meio usado pelos que odeiam para atingirem os objetos dos seus ódios.

Isso te é compreensível e acatável, minha irmã?

– Sim, meu velho. Mas quero que saiba, caso disso não se lembre mais, que daquela vez também tentou me livrar da intolerância humana.

– E com certeza não deste ouvidos às minhas ponderações, certo?

– Isso mesmo. Mas quero que saiba que, se preferi ser supliciada consigo, foi porque eu o amava. Não foi sem razão que também pereci no horror do poço das serpentes.

Simão se pôs a meditar no que acabara de ouvir e dois fios de lágrimas correram sobre suas faces ressequidas.

– Por que chora em silêncio, meu velho?

– Medito sobre os sentimentos humanos, minha irmã.

– A que conclusões chegas?

– A única que vislumbro neles é a que diz: – "se sofremos por causa das viciações dos nossos sentidos, é por causa da não vivenciação dos nossos sentimentos virtuosos e nada mais".

– Podia me falar disso antes de eu deixá-lo?

– Falo sim. E falo por meio de um exemplo que encontrei à beira do meu caminho, minha irmã.

Observe nisso que vou falar, se não é uma verdade:

Um dia um jovem de modestos recursos materiais, enfim, um rapaz pobre, amou assim que viu uma linda moça assim que a viu. Mas como ela pertencia a uma familia rica, seu sentimento de amor não encontrou um meio de ser extravasado, pois não lhe foi dada a permissão de se casar com ela.

O pai dela lançou-lhe uma ofensa ao dizer-lhe que era pobre e não era digno da mão de sua filha.

A princípio, o sentimento de amor dele ficou adormecido por causa de sua mágoa. Mas, com o tempo, o sentimento de amor começou a fluir por meio de outros sentidos agora afetados pela sua frustração.

Então ele passou a amar a posse de bens materiais que o elevariam na classificação social do seu povo, e assim poderia alcançar a mão da moça amada.

E, de repente, ele se lançou na busca desenfreada da riqueza. Pouco a pouco foi acumulando-a, e também não media os meios usados para obtê-la, pois só com a posse dela conquistaria o seu sentimento de amor.

O tempo passou e, rico, muito rico, ele ficou. Talvez até mais que toda a família dela.

Mas isso de nada lhe adiantou, pois quando com ela finalmente se casou, já havia cometido tantos erros, falhas e pecados na busca da riqueza que, ao conhecê-la, intimamente se decepcionou com o seu modo de ser.

Mas, como havia adquirido o gosto pelo prazer de possuir por meio da riqueza material, então tornou-se ambicioso ao extremo e começou a amar a posse de bens materiais.

Talvez tenha sido o homem mais ambicioso que eu já tenha visto. E tudo porque seu sentimento de amor não encontrou um meio de fluir naturalmente enquanto seus sentidos ainda não haviam sido viciados pelo desejo da posse ou pela ambição.

Eis a verdade que tenho encontrado à beira do meu caminho, minha irmã. Mas não pense que essa é uma verdade divina, pois ela é humana, uma vez que verdades assim se originam no meio humano e entre os que desconhecem as verdades divinas.

– Compreendi, meu velho amor. Agora o amo muito mais.

– Então dê vazão a esse seu sentimento de amor espalhando-o à beira do seu caminho e na direção daqueles que desconhecem a força do amor, que é tão grande que transforma o mais insensível dos seres humanos no mais humano dos seres.

– Tentarei fazer isso, meu velho amor. Mas pode ser que eu venha a fraquejar mais adiante.

– Então lembre-se das dores daquele fosso do ódio e inunde-o com seus sentimentos de amor, transformando-o numa inesgotável fonte de vida.

– Mas jamais me esquecerei do horror das serpentes, meu antigo amor.

– Pois saiba que, se as serpentes são tão horripilantes, é porque elas só possuem um meio de conseguirem alimentos, que são suas presas afiadas e mortais.

Elas não possuem pernas e presas como certas espécies, tão mortíferas quanto elas. Também não possuem mãos como os seres humanos e tampouco o hábito e o meio de acumular alimentos que certas espécies possuem, a humana inclusa.

Mas lembre-se que o ser humano é, quando no seu negativo, muito mais perigoso que a mais traiçoeira das serpentes.

Nunca se esqueça disso também, minha irmã!

– Por que me alerta sobre isso, meu velho amor?

– Só quero que, de agora em diante, conduza-me mais por meio do seu sentido da razão e menos por seus sentimentos de amor, senão os homens irão tornar a fazê-la sofrer por causa desse sentido divino que em você predomina sobre todos os seus outros sentidos.

– Você fala como se eu nada houvesse cometido de errado, meu velho amor.

– Aos olhos do Pai seus erros são perdoáveis, pois se originaram a partir de uma das razões de sua vida, que é o seu sentido do amor.

Só não terminou seu suplício na primeira das picadas mortais que a atingiram naquele fosso por causas humanas, que turvaram uma das razões de sua vida, que é seu sentido do amor.

– Que causas foram essas, meu amor imortal?

– Eu sou uma dessas causas. Mas certamente aqui neste lugar muitas outras se encontram.

Como por aqui muitas causas negativas rastejam, então é bom seguires na direção indicada e ir a um lugar onde a razão caminha ao lado da vida.

– Pois saiba que o amor que sinto por você, em mim é imortal. Podem adormecê-lo em minha memória imortal, mas apagá-lo, isso jamais será possível, pois, enquanto vivi no ódio, alimentei-me dele. Tudo isso agora eu compreendo, ainda que tardiamente.

– Nunca é tarde para despertarmos para a imortalidade dos nossos sentidos, ainda que à custa da "morte" temporária dos nossos sentimentos, minha irmã.

– Tentarei não me esquecer disso também, meu amor imortal, pois viverás em meus sentimentos por todo o sempre. Mas, antes de eu partir, podia me perdoar por um dia eu ter anulado em mim o amor que sinto e tê-lo substituído por um ódio asqueroso?

– Sim, isso eu perdoo, mas só se me perdoar por um dia eu ter transformado o amor que sente por mim num ódio que se originou nas dores que lancei esse seu amor.

– Eu também te perdoo, meu amor!

– Então siga na direção que indiquei e transforme toda a sua dor em sentimento de amor por meio do seu sentido da razão, sim?

– Eu o deixo, meu amor. Mas levarei comigo mais essa dor de não poder ficar contigo mais uma vez, quando nossos caminhos nos uniu.

Simão a abraçou comovido com suas últimas palavras e só após um esforço sobre-humano a afastou de si e a empurrou na direção do grupo que a aguardava para irem embora daquele lugar onde rastejavam as causas humanas.

Ele a seguiu com os olhos embaçados pelas lágrimas até que ela deixou de ser visível à sua visão.

E ali ele ficou a meditar sobre a não vivenciação dos sentimentos virtuosos dos seres humanos, até que foi interrompido pelo sibilar medonho do rei, que voltou a se aproximar.

– O que me diz agora, enviado do Anjo da Morte?

– O que deseja ouvir, meu irmão.

– Por que a enviou para fora do meu reino, se sabia que ela era minha irmã? Com que direito fez isso?

– Com o mesmo direito que você a retinha aqui, meu irmão.

– Como assim?

– Ora, no princípio eu captei em você que ela havia sido sua irmã carnal num tempo em que o tempo já não conta mais na história humana. Mas depois vi que ela já havia reencarnado e se no geral continuava a ser irmã, no pessoal havia deixado de ser há muito tempo.

Então agi com o mesmo direito seu, ou seja, o de um irmão dela aos olhos de Deus, para indicar um lugar onde ela possa viver sua vida.

– Mas você a ama, não?

– Claro que sim.

– Então por que não a reteve contigo?

– Para vê-la sofrer com minhas dores, que são muito mais intensas que as dela?

– Mas agora ela está desprotegida do meu amparo.

– Mas estará protegida do seu ciúme e do seu ódio à humanidade. E isso é o que importa. Ou pensa que não captei que a usou, quando na carne ela viveu, para me conduzir ao fosso das serpentes?

Só que não imaginava que ela me seguiria no suplício, certo?

– Sim, foi isso mesmo que aconteceu.

– Pois é por isso mesmo que a quero longe tanto de você quanto de mim. Não quero que use de mais ninguém, caso ainda deseje se vingar por um dia nossos caminhos terem se cruzado em sentidos opostos aos olhos da lei e da vida.

– Eu só quero que parta o mais rápido que lhe for possível desse lugar, que é um domínio meu.

– Não vou partir antes de responder às suas indagações. Ou já se esqueceu de que só me permitiu ajudar aqueles irmãos nossos para que

eu pudesse ficar numa posição confortável para falar com prazer e assim alcançar a satisfação no falar?

– Não me esqueci disso não, enviado da morte. Mas já não desejo ouvi-lo mais.

– Mas temos tantas coisas a discutir!

– Nada mais temos a discutir, enviado da morte.

– Temos sim. E vou falar de sua hierarquia, meu irmão. Ou por acaso não gostaria de saber por que és obrigado a crescer, crescer e crescer para manter o seu domínio neste lugar?

– Eu sei como manter o meu domínio, velho mortal.

– Mas sua hierarquia, aqui instalada, também é a causa de sua prisão, que como tal é uma das razões da lei em mantê-lo aqui, prisioneiro de si mesmo.

– Eu não sou prisioneiro de mim mesmo, velho mortífero!

– Tem certeza disso?

– Claro que sim. Posso ir para onde desejo sem dar satisfações a quem quer que seja.

– Você pode caminhar igual aos que viste partir?

– Não. Mas posso rastejar.

– Pode acariciar um ser amado com mãos humanas?

– Carícias não existem para mim, velho acariciador.

– Pode ao menos sentar-se, tal como agora estou?

– Não. Mas me enrodilho todo e fico confortável.

– Bem, eis a primeira prova de que és prisioneiro de si mesmo, pois mesmo se reconhecendo como humano, como tal não age.

– Eu não quero ser um humano.

– Falaremos depois depois.

– Eu não quero falar nada, velho insistente.

– Pois saiba que a razão disso é porque você pressente que posso provar-lhe que és humano, e isso reduziria as dimensões de sua ilusão.

– Ilusão? Você disse ilusão?

– Claro. Ou não percebe que esse seu tamanho descomunal se deve à ilusão?

– Fale disso, velho iludido!

– Ora. Não vê que na hierarquia que aqui impera és obrigado a absorver energias de ódio para inflares um Universo paralelo negativo que envolveu todo o seu conhecimento da verdade, por ele ser de origem ilusória?

Não lhe ocorre que, caso deixe de pulsar e latejar o ódio, irá deixar de crescer e voltará às suas dimensões humanas?

Talvez não lhe ocorra que as energias de ódio que lhe permitem ter esse tamanho não são, em verdade, originadas em você, mas sim nos seus semelhantes, que o odeiam muito mais do que possa imaginar ou ao menos suportar.

Sim. Talvez desconheça isso tudo, e, por causa disso, não tenha consciência de que o ódio que o lançou nesse caminho não se originou em seu todo mental, mas sim nos daqueles que magoou, feriu, ofendeu ou viciou.

Eles são a fonte ainda não estancada do ódio que destila por meio das suas temíveis presas!

– O que você diz?

– Foi o que ouviste e que nessa horrível serpente te transformaste, meu irmão!

– Não acredito nisso, velho mentiroso.

– Pois posso provar-lhe tudo o que disse há pouco, caso me permita mostrar-lhe algo por meio dos meus olhos.

– Prove isso, velho visionário!

– Então olhe nos meus olhos e veja a origem do seu ódio, meu irmão.

E o grande rei não resistiu à voz de Simão e mais uma vez fixou seus reptícios olhos nos dele. Simão então começou a falar:

– Olhe como, num tempo que no tempo já não conta mais, ao abraçares uma seita religiosa que tinha nas serpentes uma imagem de Deus, pois, devido ao poder de morte delas, como tal julgavam que Ele assim devia ser, pois não é Ele o senhor da vida e da morte? Você impunha, por meio do poder que a hierarquia a que pertencia o concedia sacrifício desumanos a seres humanos.

Você obrigava os seus semelhantes a oferecer sacrifícios humanos à sua falsa imagem do Criador nos rituais funestos de geração da vida.

Olhe os corpos ainda vivos se retorcendo de dor devido ao veneno que deviam inocular para provar uma fé cega numa criação mental do Deus incriado.

Olhe também como você ordenava que matassem todos os que se rebelavam contra a hierarquia da qual fazia parte.

Observe por meio dos meus olhos e veja como realmente o viam, tanto os que contra ela se rebelavam quanto os que a ela se submetiam, meu irmão. Mas veja também como fios escuros saíam da cabeça deles e chegavam até você.

Tudo isso lhe é visível, meu irmão?

– Sim, velho hipnotizador – falou o rei, sem conseguir desviar os olhos dos de Simão.

– Pois saiba que são fios de ódios contra você e tudo o que representava, meu irmão. Olhe mais atentamente e veja como fluía continuamente uma corrente escura até o seu todo mental. E saiba que essas energias iam sendo acumuladas no Universo paralelo negativo já existente em seu todo mental devido à sua crença de que o Criador pode ser reduzido e comparado às serpentes, que nada mais são que um dos muitos componentes equilibradores da natureza.

Olhe como absorveste, ainda em vida, tantas energias de ódio que começaste a odiar os seres humanos, quando sua função era a de zelar por um culto, e não importa se era certo ou errado.

Saiba também que a aparência de um culto não importa aos olhos do Pai desde que ele por si mesmo e também por meio dos que o praticam só gere energias virtuosas.

Mas, caso um culto gere energias negativas nos que o divulgam e nos que o seguem, então isso importa, e muito, a Deus, pois estará desumanizando uma de suas criações, que somos nós, que somos humanos.

Então nos tornamos prisioneiros de nossas próprias criações mentais, pois elas são infladas pelo retorno incontrolável de energias negativas que despertam nos mentais dos que negativamente são atingidos pelos nossos atos, palavras e pensamentos.

Vá vendo tudo isso por meio dos olhos do conhecimento, pois no estado em que se encontra, prisioneiro de si mesmo, só o saber pode libertá-lo da hierarquia a que serviu, pois acreditava no que ela impunha aos seus seguidores.

Agora já tem consciência e noção da origem do ódio que o alimenta e o aprisiona, não?

– Sim, já vejo uma parte de mim mesmo, velho esclarecedor.

– Então veja como um dia direcionou parte do seu ódio contra mim, meu irmão. Olhe como me odiou só porque eu pertencia a outra hierarquia que combatia os que adoravam Deus por meio das serpentes.

Olhe e veja como se revoltou violentamente contra mim só porque usei de sua regra e dela fiz uma exceção à minha regra ao mandar matá-lo, pois eu, outro meio não conhecia ou possuía, para detê-lo na sua desvairada semeadura de ódios.

Talvez tenha-lhe feito mais bem do que o mal que imagina que lhe fiz ao matá-lo, pois o impedi de continuar a semeá-lo, uma vez que certamente iria colhê-los logo adiante. E isso tanto quando vivesse no corpo carnal, quando ainda hoje vive numa aparência não humana.

Errei ao matá-lo? Sim, pois senão agora não estaria à beira do meu caminho a rastejar.

Mas como você praticava um mal absoluto, só com um mal relativo podia deixar de semear ódios.

– Explique isso, velho adversário.

– Pois não, meu irmão.

Saiba que o ódio é um mal absoluto, assim como a ambição, o egoísmo ou a inveja o são, pois se contrapõem aos bens absolutos, que são o amor, a generosidade, a satisfação, que, por serem de ordem divina, nos humanizam. Já os males absolutos nos desumanizam, meu irmão.

Então recorro a um mal relativo, que foi o meu ato de matá-lo, para cortar um mal absoluto, que eram seus atos de matar muitos com sua crença num Deus ilusório, uma vez que comparava Deus a uma reles serpente.

Como podia acreditar que o Criador de tudo e de todos podia estar contido numa simples serpente? A parte pode conter o todo, meu irmão?

– Não, velho esclarecedor.

– Mas o todo pode conter a parte, não?

– Sim.

– E também a parte só pode conter em si uma das partes do todo, não?

– Sim.

– Então chegamos ao ponto onde está a origem do seu desequilíbrio, meu irmão.

– Que ponto é esse, velho desequilibrador?

– A sua crença religiosa, meu irmão.

Acreditaste numa criação humana do teu Criador divino e isso o conduziu a um meio onde só o ódio, enquanto razão de ser de um ser, tem te alimentado e feito crescer de forma desumana.

Até quando irá se alimentar do ódio enviado por aqueles que um dia magoaste, feriste, ofendeste e viciaste?

– Está me confundindo, velho adversário.

– Não estou não, meu irmão. Só procuro colocar para você os meios que permitirão sua libertação dessa hierarquia que tem seus fundamentos no aniquilamento dos princípios divinos que regem o dom da fé no meio humano.

– Esquece-se de que não posso confiar em você, velho inimigo?

– Não sou realmente seu inimigo, meu irmão.

Se um dia nos confrontamos, foi por causa das razões humanas que nos colocaram em campos opostos. Se outras fossem as razões, talvez nós tivéssemos sido aliados irmanados numa causa comum devido aos nossos princípios, que não admitem meia fidelidade ou meia lealdade.

Antes de crer totalmente no que afirmo, peço que medite sobre isso, meu irmão.

– Talvez eu medite, velho.

– Antes de meditar, podia auxiliar-me a romper alguns dos fios de energias negativas que alimentam o seu ódio à humanidade?

– O que quer fazer, velho?

– Que enquanto resta esse poder negativo do seu ódio, ordene que nossos irmãos que aqui rastejam me piquem, pois assim deixarão de odiar e começarão a sentir dores, que lentamente os conduzirão a um ponto onde a vida ressurgirá em meio à morte aparente.

– Caso eu faça isso, qual a vantagem, velho que ama a dor, ainda que seja em si mesmo?

– Não percebe qual é ela?

– Claro que não, pois são tantos os que rastejam neste lugar, que talvez sucumbas ao ódio que inocularão quanto te picarem.

– Mas, mesmo que isso aconteça, um grande bem te advirá, pois estará, com uma ordem relativa, eliminando um mal absoluto.

– Por que diz ordem relativa?

– Ora, só estará ordenando a elas um desejo meu. Logo, é uma ordem relativa, pois não se originou no seu desejo.

– E qual o mal absoluto que será eliminado?

– O ódio que alimentaste durante séculos e séculos contra mim.

Saiba que, caso eu venha a cair, minha vontade sucumbirá diante do meu desejo de ajudá-lo, e assim não terá razões para me odiar, ainda que elas sejam negativas.

– Talvez eu faça isso depois que você explicar suas teorias sobre os muitos meios de se adorar Deus, velho sábio.

– Então lhe digo que existem muitos meios, pois se o Criador é único e absoluto, só podemos formar uma ideia dele caso O associemos a algo que possa ser contido em nossos limites humanos.

Senão, vejamos:

Como poderíamos imaginar o Pai a partir do que desconhecemos?

– Isso não é possível, velho.

– Certamente que não. Logo, temos que imaginá-Lo a partir da associação com algo humanamente visível, senão teremos um deus abstrato, certo?

– Sim, isso é certo.

– Mas então me diga: uma serpente é humana?

– Não.

– Então não podemos associar o Criador a elas, certo?

– Onde quer chegar com esse seu raciocínio?

– Logo compreenderá, meu irmão. Agora me responda apenas sim ou não, certo?

– Está certo.

– Ótimo. Então ficou certo que não é lógico associá-lo a algo não humano.

Mas podemos associá-lo a uma montanha?

– Não.

– A uma estátua?

– Não.

– Ao fogo?

– Não.

– Á água?

- Não.

– Ao ar?

– Também não.

– Então com o que nós podemos associá-lo?

– Diga-o, velho!

– Com tudo isso, ele ainda é muito mais que o meio humano comporta, certo?

– Onde seu raciocínio chega a Deus, velho?

– Ao todo que compõe o meio humano, meu irmão.

– Não o compreendo, velho!

– Não lhe ocorre que tudo o que compõe o meio humano é um meio para a vida?

A terra gera alimentos, a água sacia a sede, o fogo aquece e o ar oxigena.

Logo, nada existe sem uma razão de ser. E essa razão é a sustentação da vida, meu irmão.

Portanto, desde que adore Deus por meio de um meio que gere vida, sacie a sede de viver, aqueça os espíritos enregelados e oxigene a ignorância, lá estará o Pai, pois no princípio Ele é vida; no meio Ele é vida; e no fim vida Ele é.

Logo, a forma como o adora, a Ele não importa, desde que se integre ao todo, que é um meio de sustentação, geração, alimentação e crescimento da vida.

– Até aí O associa à natureza, velho.

– Pois a natureza não é de ordem humana?

– Sim, é isso.

– Mas também posso transpor a natureza para os sentidos virtuosos sem dificuldade alguma, meu irmão.

– Faça isso, velho!

– Com muito prazer, irmão natural!

Observe que o ato de gerar tem afinidade com o amor e a vida, certo? Pois não é a partir de um dos sentidos da vida, que é o sexual, que a vida é gerada?

– Sim.

– E também esse ato não é um ato de amor?

– Nem sempre.

– Mas o fruto é objeto do amor dos pais, não?

– Digamos que sim.

– Então temos na terra o amor que gera a vida, que por sua vez faz nascer o amor. Certo?

– Sim.

– O oxigênio não areja os ambientes mofados?

– Sim.

– Logo, o ar comporta a razão e a vida, pois enquanto areja, o ar permite a vida.

E com isso temos o oxigênio da razão a arejar nossos sentimentos que estarão sustentando a vida.

Até aqui você compreendeu o que transpus da natureza para os sentidos humanos, meu irmão?

– Sim.

– Então já tem a chave do mistério da vida, que é Deus, pois bastará ir meditando e transpondo cada componente da natureza para os sentidos

humanos e verá que tudo o que nela existe, um ser humano também possui nos seus sentidos.

Saiba que o que existe na natureza e é desagradável aos olhos humanos também isso nos humanos existe e é desagradável à visão de quem possui olhos humanos.

É por isso que possuímos sentimentos viciados, pois significam viciados a partir de uma visão desagradável aos olhos humanos que não compreenderam o que viam.

Senão vejamos:

– O ar oxigena nossos pulmões. Mas um ar viciado com gases letais pode matar.

Assim como o amor gera a vida. Mas um amor viciado pela paixão também é letal e mata a vida de quem alimenta sua vida com ele.

Isso ficou compreensível, meu irmão?

– Sim.

– Então temos que a água é água no seu estado de líquido natural e não deixa de ser, caso seja gelo ou vapor, certo?

– Sim.

– O que mudou na água no exemplo que citei, meu irmão?

– A sua aparência e a sua temperatura, velho sábio.

– Isso mesmo, meu irmão.

Ao mudar a aparência, muda-se a temperatura ou o sentimento nela contido, certo?

– Sim, é verdade.

– Então temos na água um sentido, e na sua temperatura o sentimento com que tal sentido é ou está vibrando, certo?

– Certo. Mas onde seu raciocínio nos conduz para chegares à raiz de sua afirmação de que ao Criador não importa a forma como é adorado pois existem muitos meios?

– A raiz está implícita, meu irmão!

– Onde?

– Nos sentidos, pois se a água é um sentido da vida contido na natureza, a temperatura e aparência são a forma e o meio de a vida ser vista por meio dela, pois água ela nunca deixará de ser.

Ou não existem os que são mais racionais na adoração a Deus e outros que são mais fervorosos?

– Sim, isso é verdade.

– Está vendo como tudo se transpõe sem, na verdade, deixar de ser o que é?

A razão, nesse exemplo, é o gelo, e a fé ardente é o vapor.

Cada um adora Deus por meio de um dos seus sentidos principais, coadjuvado pelos outros, que o equilibram, sustentam e o guiam.

Logo, adore Deus por meio do amor, da fé, da razão, da lei, do conhecimento, da sabedoria ou da própria vida, e estará adorando-o de uma

forma agradável aos olhos d'Ele, pois são sentidos que geram, alimentam, sustentam e fazem a vida crescer. E vida é sinônimo do Criador, meu irmão!

– Isso exige muita meditação, velho erudito!

– Claro que sim, meu irmão. Ou acredita que pode reduzir o todo a uma simples conclusão de Sua natureza, que transcende a humana, pois é de ordem divina?

– Isso exigiria muita meditação por quem realmente desejar conhecer essa natureza, velho!

– Pois não haveria tanta dificuldade em compreender o Pai se cada ser humano meditasse sobre Ele a partir do meio em que vive, pois só assim chegariam aos princípios de si mesmos que são um só: Deus.

Logo, adore Deus por meio da água e Ele saciará sua sede de viver.

Adore Deus por meio do fogo e Ele o aquecerá a partir do seu coração.

Adore Deus por meio do ar e Ele oxigenará sua vida.

E, finalmente, adore Deus por meio da terra e ele sustentará sua vida.

Mas reduza Deus a um só desses elementos ou sentidos da vida e num desses elementos estará reduzindo todos os seus meios de vida. Além de estar reduzindo todos os seus sentimentos, que se originam a partir de todos os seus sentidos, num sentimento egoísta, pois estará reduzindo a vida a um só sentido.

E a vida tem muitos sentidos, meu irmão!

– Mas por que um ser humano se deixa reduzir a um único sentido?

– Se isso permitem a si próprios, é porque desconhecem a potencialidade dos próprios sentidos, e também, porque acham mais cômodo adaptarem-se a uma simples e humana hierarquia que dar vazão aos seus reais sentimentos e hierarquizá-los numa ordem divina dos sentidos.

– Você fala como se tudo fosse muito simples, velho!

– Mas eu não afirmei que é preciso muita meditação?

– Sim, afirmou.

– Então medite, pois só assim conseguirá ver como é simples encontrar o Criador na natureza humana assim como na natureza onde os homens nascem, crescem, vivem e morrem, meu irmão.

Mas antes que faça isso, ordene o que lhe pedi, pois só assim conseguirá tempo para meditar.

– Mas, e se você perecer devido a essa ordem?

– Quem se importará, caso minha vontade sucumba à dor de um desejo meu?

– Sim, quem se importará, velho que ama por meio da dor, que é um sentimento viciado?

– Talvez ninguém, meu irmão.

– Nem os que daqui já partiram?

– Será você quem irá avisá-los que sucumbi?

– Eu? Não!!!

– Então talvez ninguém se importe, meu irmão.

Agora, por favor, se afaste e lance toda a sua ira na ordem que irá irradiar por todo este lugar, onde os que nele rastejam estão atrás de você.

– Por que estão atrás de mim?

– Ora, aqui não estariam caso não tivessem seguindo-o até aqui.

Ou irá negar que és a razão principal da estada deles aqui?

– Fui eu que os convenci a odiarem os seres humanos, velho verdadeiro.

– Então transponha para o ódio deles o que alimenta por mim.

– Já não te odeio mais, velho sábio.

– Mas tens, em algum lugar escuro do seu todo mental, um acúmulo de energias negativas originadas a partir do seu ódio a mim, que pulsam e latejam de desejo de serem irradiadas de uma só vez. Caso não faça isso, elas não deixarão de incomodá-lo.

– Se não te odeio, então não encontro razões para sentir prazer ao vê-lo sofrer.

– Então comece a senti-lo ao ver que muitos não o odiarão mais, pois estarão se libertando do domínio negativo da hierarquia que o mantém prisioneiro.

– Talvez eu comece a sentir prazer quando você começar a rastejar, velho que encontra o prazer na dor.

– Isso também é possível, meu irmão.

– Então se prepare, pois em instante seu corpo chaguento terá tantas picadas que verterá o veneno humano líquido que lhe injetarão, pois eles, a despeito do tamanho menor, não odeiam menos à humanidade que eu, velho purulento.

Prepare-se, meu futuro irmão!

– Sempre, desde que o vi, estive preparado para sentir em meu corpo espiritual o que temi quando vivi no corpo carnal.

Mas não ordene que venham todas de uma só vez senão não poderei abrir-lhe a porta do prazer interminável, meu irmão!

– Que prazer é esse, velho prometedor?

– O prazer da vida!

– Terá que me provar que essa porta existe, velho!

– Provarei, descrente na vida.

E, como num encanto, muitos dos que rastejam naquele lugar à beira do caminho de Simão surgiram da escuridão e cravaram suas presas afiadas num corpo chaguento.

Simão emitia gemidos profundos e, de seus olhos, as lágrimas correram em profusão. Mas nada fez além de se segurar firme em seu cajado.

Algum tempo depois, num esforço sobre-humano, começou a retirá-los e deixá-los estirados no solo. Então caminhou um pouco e gritou:

– Que venham até mim os que odeiam a humanidade, pois eu a amo. E só por meio de mim vocês voltarão a amá-la e por ela serão amados.

Quando Simão Beir caiu no solo devido à dor das picadas e também por causa do peso das serpentes cravadas em seu corpo espiritual, o rei daquele lugar falou para si mesmo:

– "Velho idiota! Como pude perder meu tempo odiando por tantos séculos um sujeito que sente prazer na dor?

Nunca vi outro igual a ele, ainda que, quando eu viva na carne, uma de minhas mulheres gostasse de apanhar para alcançar o prazer sexual.

Vou dar umas voltas para ver se alguma de minhas escravas rastejantes ainda não veio dar-lhe o prazer da dor."

E o grande rei rastejou para longe, de onde Simão Beir, em agonia, se debatia à procura do equilíbrio emocional perdido quando não mais conseguiu se manter firme no apoio do seu cajado.

A Simão parecia que a perda dos sentidos era inevitável, quando algo chamou-lhe a atenção; era o mesmo espírito luminoso que tentara ajudá-lo tempos atrás quando se aproximara daquele lugar.

– Quer ajuda, irmão caído à beira do meu caminho?

– Sim, meu irmão.

– O que quer que eu faça além de orar?

– Podia retirar do meu corpo os nossos irmãos que absorveram parte das dores que arrasto no meu caminho?

– Isso é fácil, meu irmão!

E, logo, Simão se viu libertado das presenças incômodas e doloridas que tanta agonia lhe causavam. Então pediu ao espírito luminoso:

– Podia apanhar meu cajado, meu irmão?

– Isso também é fácil, irmão que quer se levantar.

Simão cravou seus dedos ressequidos em torno do cajado e gemendo começou a se levantar. Quando se pôs de pé, falou:

– Deve haver mais medos meus a rastejar neste lugar. Mas como encontrá-los sem a ajuda do rei dos que rastejam à beira do meu caminho?

– Por que deseja ser picado pelos que aqui rastejam, ancião amigo?

– Bem, se rastejam à beira do meu caminho, então tenho razões para acreditar que meus erros, falhas e pecados os conduziram até aqui.

– Não seria mais lógico esclarecê-los com a luz do conhecimento da lei de causas e efeitos em vez de se deixar picar por eles e lançá-los nos tormentos da imensa dor que carrega no mais íntimo do seu ser, velho irmão?

– Fosse outro o caminho e outras as causas, certamente que sim. Mas como penetrar no ódio a mim, senão por meio de minha dor?

– O ódio só é anulado pelo amor, irmão dolorido!

– Mas muito dificilmente o amor consegue penetrá-lo, irmão mais sábio que eu. Ou acredita mesmo que o amor pode anular o ódio, caso antes não seja precedido pela dor?

– Não, não acredito, irmão do conhecimento.

Na verdade o amor só encontra eco na dor, na solidão, na tristeza ou na angústia, e nunca na inveja, soberbia ou ódio.

– Pois é isso, meu irmão! Só estou preparando o solo e tornando-o fecundo para a semeadura do amor que procura sua vazão natural por meio de todos os meus sentidos.

Senão, como poderia semeá-lo onde justamente ele foi anulado pelo ódio?

– Bem, cada um tem seus meios de colher seus frutos, não?

– Isso mesmo, irmão na luz. A terra, apesar de aparentemente ser insensível, deve sentir dor ao ser sulcada pelo homem que irá semear, certo?

– Com toda certeza, irmão sulcado pela morte para a vida.

– Fico feliz que compreende minhas razões, pois só assim me animarei a ir atrás dos que por aqui ainda rastejam à procura de um meio para esgotarem seus ódios e voltarem a pulsar e latejar o amor em todos os sentidos.

– Só me diga como lhe é possível se deixar picar justamente pelas aparências que mais o aterrorizam, meu irmão.

– Bem, eu cheguei à conclusão de que só assim, exposto ao ódio, posso dar ao Criador provas de resignação diante dos meus erros, falhas e pecados.

– O que o sustenta em sua dor?

– Meu conhecimento das causas da "morte", meu irmão.

Eu sou mortal enquanto centelha emanada do divino Criador.

Assim, agarro-me no Pai para suportar a dor que certamente causei aos meus semelhantes quando acreditava estar servindo-O.

– Por acaso não servia a Deus?

– Sim, mas cometendo erros, falhas e pecados em Seu nome.

Essas são as "minhas" razões de estar trilhando um caminho tão sombrio. Logo, o melhor é enfrentar os meus erros, falhas e pecados por meio dos meus irmãos e senti-los em mim mesmo, para que assim eu possa eliminá-los neles.

– Bem, então vou deixá-lo a sós com os seus erros, falhas e pecados, pois só assim terá razões muito pessoais para não deixá-los rastejando à beira do seu caminho.

– Sou grato pela ajuda, irmão na luz.

– Agradeça ao Pai, meu irmão.

– Com prazer já fiz, faço e farei isso, meu irmão.

E o espírito luminoso seguiu seu caminho mais uma vez, deixando Simão à beira do seu caminho.

Mas assim que se viu só, então ouviu a voz do rei que o inquiriu:

– Quem era aquele anjo, velho picador?

– Anjo? – indagou Simão.

– Sim. Um anjo velho, picador.

– Mas era só um espírito humano irradiando luz por todos os sentidos, meu irmão!

– Você é cego, velho? – indagou o, agora de volta, interlocutor.

– Interlocutor! – exclamou Simão. – Voltaste!

– Para que tanta alegria, velho infeliz?

– Ora, você está de volta e isso me alegra! Senão, como eu iria encontrá-lo no meio dessa escuridão?

– E quem lhe disse que eu quero ser encontrado por você?

– Disso você não sabe. Mas eu sei que só assim encontrará a si mesmo nessa escuridão. Venha até mim e me pique com toda a sua ira, meu irmão!

– Para ficar igual a todos os que o picaram? Isso nunca, velho louco?

– Vais dizer que depois de ter picado tantos temes cravar-me tuas afiadas presas?

– Em você não.

– Então o que teme?

– Sua dor, velho. Ela é o meu medo, assim como sou o seu.

– Mas eu já não o temo, meu irmão.

– Talvez já tivesse enlouquecido quando aqui chegou, velho demente que ama a dor.

– Quem sabe isso também seja verdade, não? – perguntou o rei.

– Talvez sim, talvez não, meu irmão.

Mas já que o seu guardião não quer me picar, então onde estão os que ainda rastejam à beira do meu caminho?

– Fugiram assustados quando viram o que acontecia com os que me obedeceram e o picaram, velho mortal.

– Mas por quê? Acaso não viram que a partir da dor poderiam voltar a caminhar como seres humanos, pois, em verdade, humanos nunca deixaram de ser?

– E quem falou que querem voltar a caminhar?

– Bem, isso não importa agora, pois vejo que seu tamanho já não é o mesmo que quando aqui cheguei.

– O que diz? – indagou o já não tão grande rei.

– É isso mesmo! Muitos dos que o odiavam já não o odeiam mais e, com isso, deixou de acumular energias em seus sentidos.

Mas o mais importante é que já começou a descarregá-la, pois só assim diminuiria de tamanho.

– Mais uma vez você é o culpado pela perda do meu poder, velho.

– O que realmente aconteceu, meu irmão?

– Senti-me diminuído ao ser desobedecido, velho. Eles preferiram enfrentar-me a ter de picá-lo. Você voltou os meus contra mim!

– Em verdade eles nunca foram seus. O que pode dizer, pois é uma verdade, é que eram escravos do seu ódio à vida.

– O que acontecerá a eles, velho destruidor?

– Certamente encontrarão seus próprios caminhos na escuridão da ignorância. Ou então, nos seus caminhos, se perderão, pois serão ignorados pela escuridão, que é implacável com os covardes.

– O que insinua, velho linguarudo? – perguntou o interlocutor.

– Só o que ouviste, meu irmão.

– Está me chamando de covarde também?

– Você está se comparando a eles, não?

– Você está me chamando de covarde, velho.

– Não ponha como minhas as suas deduções. Afinal, está se reconhecendo como tal, pois viveu sempre sob o amparo do seu rei.

O interlocutor estava tão furioso que de suas afiadas presas corria um líquido escuro. Ele também se aproximou ameaçadoramente de Simão, pronto para dar um bote mortal.

– Não faça isso que está pensando! – advertiu o rei.

– Chega de dar-lhe ouvidos, grande rei! – respondeu furioso o interlocutor. – Ninguém me chama de covarde impunemente.

– Não está vendo que isso o está induzindo a fazer exatamente o que esse velho maldito deseja?

– O que sinto é que, se eu picá-lo, ele irá rastejar por toda a eternidade.

– Não faça isso, eu lhe ordeno! – exclamou mais uma vez o rei.

Mas não foi ouvido pelo interlocutor, que num piscar de olhos cravou suas afiadas e venenosas presas numa coxa de Simão, que, ao ser picado, com muito ódio emitiu um grito lancinante de dor e caiu no solo, ali ficando imóvel, pois perdeu os sentidos.

Mas tal como havia acontecido com ele, o interlocutor não conseguiu afastar suas presas e ficou grudado na coxa dele.

Logo, todo o seu corpo de serpente começou a se cobrir de chagas horríveis. O rei tentou libertá-lo mas todo esforço foi em vão, pois não possuía mãos para abrir sua boca.

E mais uma vez se sentiu diminuído. Então começou a chamar Simão, que permanecia desacordado.

– Acorde, velho que veio para me destruir! – sibilou forte o outrora poderoso rei.

Pouco a pouco, Simão voltou a si e, quando realmente assumiu por completo sua consciência, olhou para o rei e perguntou:

– O que aconteceu?

– Não se lembra que o meu guardião o picou?

– Sim, disso eu me lembro, meu irmão.

Eu me refiro ao seu tamanho, pois agora não é maior do que a maioria dos que aqui rastejam.

– Sinto-me tão impotente, velho poderoso.

– Eu não sou poderoso, meu irmão. O que acredita ser poder, em mim nada mais é que resignação diante de meus erros, falhas e pecados, que muitas vezes cometi, quando acreditava estar servindo a Deus.

– Olhe o que fizeste ao meu filho, velho matador.

– Sim, ele é seu filho, irmão. E sabe o que isso significa aos olhos do Criador?

– Significa que você o lançou nos tormentos da dor.

– Nada disso, meu irmão!

– Como não?

– Ora, aos olhos do Pai agora você está se humanizando, pois já não o chama de seu guardião, e sim de filho.

Quem mais chama uma serpente de filho senão um ser humano?

Só você, que o semeou um dia no ventre de uma mulher, sempre o chamará de filho quando o vêr sofrendo.

Observe que todas as criações Divinas amparam suas descendências até certo tempo, para a seguir reconhecer nela um igual a si sem outros vínculos que não os de uma mesma espécie.

Já com o ser humano isso não acontece, pois por mais que se esforce, nunca deixará de ter na conta de filho, um filho seu.

– Por que isso é assim, velho que me reduz à impotência?

– Sua impotência se deve à sua desumanização. Pois se tivesse mãos, e as terias caso se sentisse humano ou tivesse permanecido humano, o teria impedido de me picar, não?

– Sim, é verdade.

– Pois foi por isso que a lei não lhe deu mãos, senão iria impedi-lo de descarregar em mim todo o ódio que acumulou devido à sua insistência em mantê-lo consigo no ódio que alimentava por mim.

Um dia, tão intenso acúmulo teria que ser descarregado em alguém. E dou graças a Deus que em mim ele tenha descarregado seu ódio, pois a muitos eu matei por acreditar que O servia, ao matar os que adoravam ao deus serpente.

Quantos erros, falhas e pecados cometemos quando acreditamos que agimos em nome do Criador! Quanto eu errei, falhei e pequei, meu irmão!

– Solte o meu filho da sua perna antes que ele puxe para si toda a sua dor, velho chaguento.

– Estou paralisado.

– O quê?

– É isso mesmo. Ele injetou tanto ódio em meu espírito imortal que não consigo me mover ou sentir meu corpo espiritual.

E Simão se deu conta de que também estava caído à beira do seu caminho. Então seus olhos se encheram de lágrimas e um soluço mal contido brotou do seu peito.

– Agora não é hora de chorar, velho inútil! – exclamou aflito o rei. – Faça algo por ele antes que seja muito tarde!

– Como?

– Isso eu não sei.

– Então faça você algo por ele.

– Como, se nem mãos eu possuo?

– Mas é claro que as possui. Apenas não tem consciência delas, pois as usou para ceifar a vida, em nome das serpentes, que são só uma forma de vida na Natureza.

– Eu me sinto uma serpente, velho paralisante.

– Então me pique, pois talvez a dor que sentirei me retire dessa paralisia no meu corpo espiritual.

– Dizes: "talvez"?

– Sim.

– Quer que eu me arrisque a ficar todo chaguento a troco de um "talvez"?

– Isso mesmo. Ou irá recuar diante de um talvez quando é seu filho que agora precisa de sua coragem e resignação diante da única alternativa que lhe restou?

– Você me pede algo impossível, velho anulador – sibilou choramingando o outrora poderoso rei.

– Só um ato de anulação em troco da vida do teu filho, irmão!

– Mas caso eu o pique e você continue paralisado, então terá sido em vão minha coragem. Além do mais, também estarei renunciando ao meu domínio sobre esse lugar.

– Você realmente não o dominava.

– Como não?

– Ora, só supria com seu ódio uma ausência minha em certo lugar à beira do meu caminho e nada mais. Dominaste com teu ódio um pedaço do meu caminho, que em certa época trilhei sem o verdadeiro amor no meu coração.

Se servi a Deus, foi com insensibilidade no coração que executei uma missão trágica para muitos que não estariam rastejando nos seus caminhos.

– Você não pode me obrigar a isso, velho envolvente! Não é com essa conversa comovente que irá me obrigar a me anular para tirá-lo de sua paralisia.

– Saiba que não é conversa comovente e sim o reconhecimento dos meus erros, falhas e pecados. Pois eu confundi o poder das coisas divinas com a força humana contida nos nossos sentidos que nos torna poderosos mas não fortes.

– Que confusão de palavras, velho confundidor.

– Não estou confundindo-o. Apenas estou dizendo que um dia usei do poder das coisas divinas para me tornar poderoso aos olhos dos homens e com isso convertê-los à doutrina que eu acreditava ser a mais correta aos olhos Divinos.

Eu usei dessa força humana contida nos nossos sentidos, mas em troca perdi a noção da força contida nos sentidos divinos que nos tornam fortes sem precisarmos recorrer a ela para nossos semelhantes.

O poder contido nas verdades divinas é a força que nos sustenta na difusão verdadeira da divindade concedida.

Mas eu impus isso à força, pois usava do poder a mim conferido, quando deveria ter convencido os meus semelhantes só com a força da verdade.

Eu acreditava ser melhor matar os inimigos da minha religião em vez de convencê-los de que ela era mais humana ou menos desumana que a deles.

Eu combati o ódio com o ódio. E, se os venci, é porque nesse sentido era mais fraco que eles.

– Fraco? Você disse fraco?

– Mas é claro.

– Como pode se dizer fraco se destruiu tudo o que eu havia construído em nome do Deus que eu adorava?

– Ora, a verdadeira força nada destrói, mas a tudo transmuta, pois traz em si o poder da verdade.

Se eu destruía, então eu era um fraco, que em vez de transformar o que existia, destruía tudo para construir algo diferente.

Lembre-se que o poder é energia pura que, ao ser irradiada, é vista como um exercício de domínio.

Já a força, quando exercitada com sabedoria, é uma irradiação do poder que, por ser energia, é sentido por quem é alcançado mesmo não sendo vista ou exibida.

Ou não é verdade que um rei é forte por causa do seu poder e não pela sua força.

– Coloque suas palavras de forma mais clara, velho confuso.

Observe que, se aqui você dominava, era porque era forte e não porque era poderoso.

Sua força se desfez quando deu uma ordem contrária ao seu domínio, que era o do ódio.

A força contida no ódio era em verdade uma fraqueza, pois só o obedeciam quando o instigava ao ódio.

Mas quando instigava o ódio na dor, a fraqueza do seu domínio ficou exposta, pois não foi obedecido.

Mas se fosse realmente poderoso, sua ordem traria em si o sentido real do seu poder e teria sido obedecido.

Então seu domínio era exercido sobre a fraqueza deles, que era menor que a sua, que, por ser maior, prevalecia sobre eles até que viram na sua ordem um sinal de sua real fraqueza, pois em verdade esperava que eu sucumbisse ante tantas picadas, e com isso não teria que me picar pessoalmente

para não se expor ao perigo de minhas dores, pois dor, quando suportada, é sinal de poder.

– Que poder é esse, o da dor, velho caído?

– É o poder da resignação, meu irmão!

Quando nada mais nos resta senão o resultado dos nossos erros, falhas e pecados, o melhor é nos resignarmos e aceitarmos as consequências, e delas retirarmos o poder que nos sustentará com a força em si contida, só assim seremos fortes o suficiente para termos domínio sobre nós mesmos até que a dor deixe de ser o que é e passe a ser o poder irradiante do domínio de uma ausência de divindade dos nossos sentidos.

– Então tem se sustentado nessa sua resignação para suportar tantas dores?

– Sim, meu irmão.

– Como chegou a tanta resignação, velho resignado?

– É uma longa história. Queres ouvi-la?

– Já que não posso picá-lo, então é melhor me resignar diante de minha impotência e ouvi-lo.

– O que está aceitando ou entendendo como resignação é mais uma das suas fugas, meu irmão.

– Insinua que eu esteja me acovardando?

– Não posso chamá-lo de covarde, uma vez que não me sinto no direito de entender seu medo da dor como covardia.

– Como explicar esse meu medo, velho temerário?

– Esse medo nada mais é que uma defesa humana para a preservação da vida.

Pode encontrá-lo no nosso receio de mergulhar num lago profundo e escuro ou de nos expormos aos rigores de uma tormenta. Assim como tememos os efeitos do fogo sobre nosso corpo.

Nunca deixa de ser medo, ainda que o chamemos de precaução, prevenção, receio ou cuidado.

Então temos substituído a palavra medo por outras que ocultam nossas fragilidades humanas.

– Justifica minha recusa em picá-lo para auxiliar meu próprio filho?

– Não estou justificando nada para você. Talvez no seu subconsciente exista um medo da dor, tão intenso quanto o que sinto de ser picado por uma serpente.

– Então por que se deixa picar?

– Eu me resignei a suportar todas as dores que estivessem em meu caminho. Logo, sofro com a dor do meu medo maior, pois só assim posso conhecê-lo realmente e ajudar.

– Você é tão dual nos seus sentimentos que me sinto confuso diante dessa ausência de lógica no caminho que trilha, velho viajor.

– É dessa dualidade que me sustento, irmão.

– Podia falar um pouco sobre ela?

– Posso sim. Eu lhe digo que busco Deus e só encontro ausências d'Ele. Busco o alívio para minhas dores, angústias e remorsos e é só isso que encontro em meu caminho.

Mas, por estar procurando um ponto de equilíbrio do qual terei uma visão real do Criador, não consigo deixar de me sensibilizar diante das visões distorcidas d'Ele que tenho visto em minha busca.

– Não são sentimentos contraditórios?

– De jeito nenhum, irmão!

Observe que, se o meu maior desejo é alcançar esse ponto de equilíbrio, então não posso me conformar com a visão dos meus pontos de desequilíbrio.

Uma coisa não comporta a outra. Então tento devolver o equilíbrio onde ele existe, senão estarei vagando num meio desequilibrado e assim não estarei indo a lugar nenhum, pois, cada passo dado no desequilíbrio, irei para mais longe do ponto que procuro.

– Como chega a esses raciocínios lógicos, velho?

– Meditando. Agora mesmo, enquanto conversamos, estou a meditar num meio de ajudar seu filho sem precisar da sua ajuda.

– Encontrou um meio?

– Sim.

– Qual?

– Você pode, com seu corpo de serpente, empurrar o meu cajado até minha mão direita.

– Sim, isso eu posso.

– Então faça isso, por favor!

– O que fará, se suas mãos estão paralisadas?

– Minha mente é mais forte que o meu corpo, pois ela o tem usado para encontrar meus limites.

Logo, vou tornar minhas mãos paralisadas, que são um desdobramento de minha semente original, numa extensão de minha força de vontade.

Eu já consegui antes e não será dessa vez que uma energia negativa irá subjugá-la, pois sei que a única coisa que a subjuga é a morte, que é a ausência de energia.

– Por que afirma que a morte é isso?

– Bem, quando alguém morre, suas energias carnais não deixam de existir em seu corpo espiritual?

– Sim, é verdade.

– E quando é que falta a energia espiritual?

– Não sei.

– Pois lhe digo que a energia espiritual só deixa de existir quando anulamos em nós as energias oriundas de nossas vontades que, se são muitas, no entanto são complementares entre si, uma vez que a mesma força que o amor à vida contém, também existe no amor ao conhecimento, etc.

Mas se deixarmos de sentir vontade de viver, vontade alguma de aprender teremos, pois razões de aprender não teremos, já que aprender nada mais é que um dos muitos sentidos da vida.

– Bem, eu estou começando a entendê-lo, velho sábio.

– Pois é isso, irmão! Como posso alimentar um sentimento positivo, que é o de ter uma visão real do Criador, se me conformar com a ausência d'Ele num semelhante meu, que se O tem ausente em si ou d'Ele está ausente, é só por ignorância.

Ter uma visão real d'Ele significa não aceitar a visão humana, pois ela é limitada e não comportaria no seu raio de alcance a visão do Criador, que é maior que a nossa visão da criação.

– Você traz em si uma lógica aparentemente confusa, velho sábio. Mas, se atentarmos ao seu sentido, podemos encontrar nela um sentido lógico.

– Já o encontrou?

– Ainda não.

– Pois medite, meu irmão.

Mas antes disso, faça o que lhe pedi, sim?

– Está certo, velho que semeia palavras mas não espera para colher os frutos da sua semeadura.

– O dono do terreno que semeio é o mais indicado para colhê-los quando estiverem maduros.

– Tal como fizeste com minha filha?

– Refere-se àquela nossa irmã que já partiu?

– Sim, ela mesma.

– Então não a chame mais de filha e sim de irmã, pois é o que ela realmente é agora, meu irmão.

Ou acredita mesmo que ela o aceitaria, nessa sua aparência atual, como pai? Só a chocaria caso se mostrasse a ela.

– Foi por isso que não a deixou ficar contigo?

– Não. Não foi por isso, meu irmão.

– Então qual é a razão de ter recusado o amor dela se também a ama?

– Lembre-se de que a muitos ela deixou de amar depois de ter tido um desencarne tormentoso.

Então, não me pareceu certo colher só para mim a dedicação de toda essa vontade que ela sente de amar.

Que antes ela volte a amar a tudo e a todos que, por minha causa, deixou de amar por um longo período de sua existência. Só assim será possível ela chegar a um ponto onde seu amor não será desprovido do real sentido do amor.

– Que sentido é esse, velho sentido?

– O de amar o Criador acima e antes da criação.

– Falta uma lógica às suas palavras, velho sem sentido.

– Por quê?

– Ora, se eu tomar ao pé da letra o que afirma, então direi que um bebê peca, pois ama seus pais antes de amar a Deus. Ele ainda o desconhece, certo?

– Errado, irmão! Senão, vejamos:

Para um bebê, o seu Criador são seus pais, ainda que disso não tenha consciência, pois nessa fase um ser humano está com quase todos os seus sentidos adormecidos em sua memória imortal.

Logo, Deus é amado por meio dos sentidos virtuosos contidos nos pais do bebê, que, aos olhos dele, são os seus sentimentos de amor.

O bebê ama primeiro o seu Criador (pais) para, posteriormente, amar a criação (irmãos, parentes, etc.).

Pode ir transpondo o que afirmei para todos os outros sentidos e verá que nunca muda, pois uma verdade não sofre alteração na sua forma de ser, mas tão somente na de se mostrar ou de ser vista, e mesmo, compreendida.

É impossível a um ser humano amar de verdade a criação se antes não amar verdadeiramente o Criador.

Saiba que isso e uma verdade. E a verdade nada mais é que um princípio que vai se multiplicando e se adaptando às suas multiplicações.

Amamos primeiro o Criador e depois, ao amarmos a criação, estamos novamente amando o Criador, pois em verdade tudo é multiplicação de Deus, que é o único que traz em Si mesmo o princípio de tudo.

Encontra a lógica nas minhas palavras, meu irmão?

– Sim, é única à sua explicação, velho sábio.

– Pois saiba que a explicação de um princípio é única porque ele não comporta duas explicações, pois é único na sua origem, meio e fim.

– Talvez, e ressalvo o talvez, se eu o tivesse conhecido, outro não teria sido o saldo do nosso encontro quando vivemos na mesma época em corpos carnais, não, ancião do tempo da morte?

– Não poderia ter sido outro o saldo daquele nosso encontro, meu irmão.

– Por que não?

– Ora, você não usava da vida como um dos meios da morte enquanto eu usava a morte como um dos meios da vida?

– Não o compreendi, velho vivido.

– Eu me explico, meu irmão.

Você pregava o sacrifício humano ao seu deus serpente, pois alimentava as suas "serpentes sagradas" com carne humana.

Já eu pregava o sacrifício dos seres humanos que sacrificavam a vida.

– Ainda não o entendi.

– Bem, o que é mais correto: entregar um ser humano a Deus ou um ser humano se entregar ao Criador?

– Você tem a resposta correta, não?

– Acredito que sim.

– Diga-a, velho sábio.

– Entenda assim: você não pode oferecer ao Pai o que já é d'Ele, foi e sempre será. E é isso que somos: coisas de Deus! Então não pode entregar-lhe um ser humano, pois não pode dar-Lhe o que já lhe pertence.

Assim sendo, não podia sacrificar seres humanos e dizer que estava ofertando-os ao Pai, ainda que O cultuasse como o deus serpente.

Já quanto às ações humanas, estas sim, sejam elas atos, palavras ou pensamentos, pode oferecê-las ao Pai. E, nesse caso, um ser humano está se ofertando, pois a Ele consagra seus sentimentos humanos.

Logo, matar algo ou alguém e dizer que está ofertando ao Criador é um erro, uma falha e um pecado.

Mas ofertar o fruto de seus atos, palavras ou pensamentos, isso é agradável aos olhos do Pai.

Pode construir uma casa e consagrá-la a Deus, tornando-a um templo onde os princípios divinos, que são os da vida, nela encontrem morada. Mas não pode construir uma casa e, fazendo nela sacrifícios de pessoas ou mesmo de animais irracionais, dizer que aquela é uma casa consagrada, pois está sacrificando a vida dos princípios, que é a própria vida.

Isso te é compreensível, meu irmão.

– À luz do raciocínio, suas palavras encontram eco em mim, velho sábio.

Disso sabia no nosso encontro mortal?

– Se eu soubesse disso naquela época, certamente agora nenhum de nós estaria aqui, caídos a beira de um dos muitos caminhos sombrios que cortaram nossas vidas no meio e diminuíram em muito os nossos meios de vida, meu irmão.

São tantas as coisas que agora sei e que por muito tempo desconheci, e também muitas são as que por muito tempo desconheci e que agora sei.

– Como explica essa sua última frase, velho sábio?

– Muito simples, meu irmão!

Agora sei como ver a verdade onde antes só via ignorância, e muitas eram minhas ignorâncias onde agora existem verdades.

– Então, se de tudo isso eu soubesse naquela época, outro teria sido o desfecho de nosso encontro, não?

– Só havia um desfecho. Outra alternativa não havia para nós.

– Por que não?

– Ora, você era o receptáculo das energias dos que não sabiam viver a vida sem medo dela, e eu era o depositário das energias dos que temiam não saber vivê-la sob o domínio do medo.

Você simbolizava a morte da razão, e eu simbolizava a razão da morte, que é tirar da vida os que já não a sustentam mais.

Sua religião despertava o ódio nos que eram envenenados por ela, e com isso era um receptáculo do ódio.

Já eu, era o receptáculo dos que não aceitavam a sua religião e a odiavam.

Ambos fomos catalisadores de ódios. E ainda que tenham tido origens em razões diferentes, nunca o ódio deixa de ser ódio, ainda que o chamemos de outros nomes mais sutis. Nosso encontro foi o de dois tipos de ódios.

O seu era o de quem sacrificava a vida, e o meu era o de quem odiava o sacrifício da vida.

– Como explicar tais ódios à luz da razão, velho sábio?

– Recorrendo ao conhecimento das causas, irmão!

– Meu conhecimento é limitado e não me permite ir além do que vivi intensamente.

– Gostaria de começar a enxergar além das aparências?

– Isso é possível?

– A todos isso é possível, desde que dediquem uma parte do tempo disponível à meditação das causas mais aceitáveis à luz da razão e sob a luz do saber das razões divinas.

– Então me ensine, velho sábio!

– Com prazer, irmão. Com muito prazer farei isso.

Observe que você pertencia e fazia parte de um povo que há muitos séculos havia substituído o conhecimento das verdades divinas pelas verdades humanas do conhecimento.

Então a sua religião foi envolvida pelas aparências e se deixou dominar por pessoas totalmente ignorantes quanto à real natureza que rege a humanidade e colocou num pedestal imaginário uma figura que simbolizava o Criador.

Mas escolheram para figurar como Deus um dos seus maiores medos. E tal "medo" eram as serpentes, que, naquela época, infestavam a região onde seu povo vivia.

Se no princípio desse desvirtuamento usavam das serpentes como princípios medicinais, no fim terminaram por endeusá-las devido à ignorância dos princípios que regem a natureza, pois nela o mais perigoso ou traiçoeiro geralmente não é o mais forte ou poderoso, e sim o mais fraco e vulnerável.

Senão, vejamos: uma serpente pode segurar, ainda que com patas, uma presa?

– Não.

– Ela pode construir um abrigo, ainda que seja um buraco no solo?

– Não.

– Quem sabe ela possa aprisionar outros animais para comê-los quando sentir fome?

– Não, isso não.

– Ela tem o corpo livre enquanto se locomove?

– Não.

– Será ela um animal de estimação?

– Também não. São odiadas e mortas no mundo inteiro.

– Então, onde está a força e o poder delas?

– Diga-o, velho sábio.

– Eu só vejo fraqueza nelas, meu irmão.

Portanto, se não possuíssem presas venenosas para assim se defenderem como espécie criada pelo mesmo que nos criou, já estariam extintas da face da Terra há muito tempo.

– Então, para que ou por que elas foram criadas, sábio velho?

– Afora ser um dos componentes do todo, que é a natureza planetária, as razões de sua criação pertencem ao Criador, e não serei eu, um ser humano, quem terá essa resposta.

Saiba que Deus tem tantas razões que não conhecemos ou não nos é dado a conhecer, que, se meditarmos sobre elas, perderemos a nossa razão.

Logo, meditemos sempre sobre os meios, senão nunca chegaremos a fim algum, pois as razões princípios da criação pertencem-lhe.

– Então me fale sobre as razões dos nossos ódios e dos ódios que nos conduziram a um confronto mortal para ambos, velho dos mistérios.

– Eu lhe digo que, em dado momento, o acúmulo de ódio entre os do seu povo era tão intenso que começou a transbordar sobre outros povos, e isso causou uma reação à altura.

Se, no nosso tempo, coube-me combatê-lo mortalmente, não se tratava de eu odiá-lo, mas sim impedir que seu ódio pessoal ou o do seu povo aniquilasse os meios de vida do meu povo.

Não era uma causa pessoal ou particular, pois pertenciam a dois povos diferentes. Mas, se nós particularizamos nossas causas, isso se deve à nossa própria natureza, pois não conseguimos dissociar as causas gerais de nossas naturezas pessoais que, por princípios que agora nos escapam, são naturezas impessoais, pois não as ativamos sem uma causa muito forte. Mas, quando o fazemos, impomos nessas causas gerais nossos princípios pessoais.

E sabe o porquê de sermos assim?

– Não, velho sábio.

– Somos assim porque o Pai nos usa para catalisarmos os anseios gerias que geralmente estão soltos no tempo e não se firmam nos seus espaços.

Deus nos usa, meu irmão!

Ele nos usa para catalisarmos o amor ou o ódio dos nossos semelhantes e os direcionarmos na direção que a lei da vida nos indicar.

Sempre foi assim e assim sempre será!

Portanto, a nós só nos resta a resignação diante da onipotência, onisciência e onipresença do nosso divino Criador, que tanto nos guia

no amor, assim como no ódio. Tanto na luz do saber quanto nas trevas da ignorância.

– Com essa sua afirmação, então o criminoso tem a justificativa ideal para se dizer inocente, certo?

– Errado, pois eu lhe disse que se não podemos chegar até o cerne de muitas das razões do Criador, no entanto devemos meditar nos meios. Ou seja, se não podemos tocar ou segurar em nossas mãos o ódio, pois não é algo material, então devemos meditar sobre os meios onde ele surge ou encontra sustentação e é alimentado.

O criminoso que mata por causa do seu ódio não é igual ao que mata por causa de sua ambição nem é igual ao que mata por causa de sua paixão.

Se o ato de matar é igual em todos os casos que citei, as causas são diferentes.

Logo, existem razões tipicamente humanas, pois as razões divinas não comportam a morte ou a paixão, certo?

– Pela sua lógica você consegue vê-las?

– Não.

– Nem eu, ainda que já tenha meditado muito.

– Tem razão. Nós fomos usados para recolher milhares de ódios ou medos e nos transformamos nisso.

– Isso mesmo, irmão.

Logo, se no geral os ódios e temores que nos conduziram a um choque mortal já se diluiu, então não acha que já é tempo de anularmos tais sentimentos em nós mesmos, pois hoje outras são as razões humanas que movem os sucessores dos nossos povos e religiões de outrora?

– Eu já não te odeio, velho amigo sábio. Já não encontro razões para odiar a mais ninguém. E não estou mentindo ao dizer isso, acredite-me!

– Eu acredito, meu irmão.

– Sabe, eu, daqui desse lugar e enquanto espírito humano reduzido ao ódio puro, já o prejudiquei muitas vezes através dos séculos.

Já atingi seus amigos, filhos, irmãos ou parentes só para feri-lo, pois eu tentava não deixá-lo em paz.

– Que importa isso agora, meu irmão?

– Não o incomoda saber disso?

– Se antes eu tivesse conhecimento, talvez tivesse me incomodado. Mas agora que muito mais que disso eu tenho consciência, não me incomodo nem um pouco, pois certamente muitos dos que atingiu com seu ódio a mim direcionado, tinha contas pendentes com o ódio puro.

– É por isso que não se incomoda com nossas aparências atuais?

– Ora, eu possuo uma aparência humana, que, embora seja sofrida, machucada, ferida e magoada, preserva minha formação humana.

Já quanto à sua aparência não humana, oculta de alguma forma a desumanização contida na sua formação religiosa, que o desumanizou.

E, se sei disso, por que me preocupar com as aparência se o que realmente importa é o que está oculto mais além?

– Tem razão. Por que se importar com aparências se, na verdade, fomos usados para recolher nelas muitos ódios e temores!

– Fico feliz que pense assim, meu irmão.

– Seu conhecimento é arrasador, velho amigo de causas incomuns.

– Todos os conhecimentos que não são meus, mas sim comuns à espécie humana, são fulminantes, meu irmão.

Todos temem os raios, os ventos, o fogo, os terremotos ou os maremotos como coisas perigosas. Mas eu lhe digo que o conhecimento é muito mais poderoso que todas essas intempéries juntas, pois pode abrandar o efeito de todas em geral e cada uma em particular sobre a espécie humana, que é a única fiel depositária dos conhecimentos gerais e particulares.

O conhecimento é um dos sentidos da vida, herdado pelo ser humano em sua origem como um dom original da espécie humana.

O ser humano é a única espécie neste planeta que domina todas as outras espécies, quando isso lhe é facultado, ou então as elimina quando não consegue dominá-las.

– Tem razão.

– A razão é um dos recursos do conhecimento, irmão. Sem ela o conhecimento não teria sentido.

– Seu saber fascina quem é alcançado por ele, velho sábio.

– Saiba que não é minha intenção fasciná-lo, mas sim abrir as portas do conhecimento, este sim, é fascinante, pois nos abre as portas do infinito. E quem passa pelo portal do conhecimento, livra-se das pueris fascinações, pois encontra nas causas que nos movem as razões divinas ou humanas que nos sustentam.

– Sabe, eu me sinto vazio, velho sábio.

– Isso é muito natural.

– Por que isso é natural, se até a pouco eu odiava os seres humanos em todos os sentidos?

– Ora, você não tem, agora, uma consciência racional a esclarecê-lo sobre as causas que aqui o conduziram?

– Sim.

– E o ódio à espécie humana não foi a principal delas, pois você cultuava um réptil como se fosse Deus?

– Sim, é isso mesmo. Agora sinto nojo de mim mesmo.

– E o homem nunca deixa de querer ser igual ao Pai, certo?

– É verdade.

– Você que não é uma exceção entre os homens, talvez um dia tenha sentido vontade de ser igual ao deus cobra que cultuava na carne, certo?

– Também isso é certo.

– E com certeza se transformou num igual a ele quando desencarnou, não?

– Sim, eu me transformei.

– Mas que agora foi desvelado à luz do conhecimento, certo?

– Sim.

– E se revelou um deus frágil, fraco, asqueroso, traiçoeiro, perigoso, mortal e odioso, não?

– Sim, é isso mesmo o que sinto, velho que a tudo sabe. Eu sinto nojo de mim mesmo por um dia ter me deixado consagrar, num ritual odioso, a um deus tão insignificante quanto uma serpente. Como pude me deixar enganar tão vilmente?

– Não foi só pelo seu sentido virtuoso da fé, meu irmão.

– Não?

– Claro que não. Certamente o *status* conferido aos sacerdotes o atraia e o poder d'Eles o fascinava, além de outras viciações, pois uma nunca se impõe por si só se não tiver um amplo espectro de viciações a lhe dar meios para se impor com destaque num meio já há muito viciado.

– Tem razão. Ainda me lembro de quando meu pai me disse: "Essa sua habilidade em lidar e dominar as serpentes fará de você um grande sacerdote do deus serpente".

E isso eu ouvi quando ainda estava com 9 anos de idade. Tais palavras ditas pelo guardador do "serpentário sagrado" encontraram eco e me tornaram vaidoso de minha habilidade natural em dominar mesmo as mais perigosas delas, que pareciam, me respeitar.

Talvez eu já tivesse solidificado em meus sentidos esse amplo espectro de viciações, que só aguardava uma viciação maior se impor em meio ao meio que eu vivia.

– Certamente isso é verdadeiro, meu irmão.

– Sinto-me vazio, velho guardião da sabedoria!

– Quanto mais vazio se sentir, mais livre de suas fraquezas estará, meu irmão.

E o outrora poderoso rei dos que rastejavam naquele lugar à beira do caminho de Simão Beir nada mais falou, pois um vazio imenso tomou conta de todos os seus sentidos.

Simão ficou a observá-lo por um longo tempo em silêncio total.

Depois de muito tempo, perguntou:

– A que conclusão chegaste, meu irmão?

– Eu? – perguntou, como que ausente, o rei agora vazio das razões humanas de sua realeza.

– Sim, você mesmo!

– Bem, já não tenho razões para adorar o deus serpente e me sinto vazio de Deus.

Já não encontro motivos para odiar os seres humanos e me sinto vazio dos sentimentos humanos.

Já não encontro razões para existir e me sinto um morto-vivo, velho que eu odiava, pois o temia. Não o toquei e fui anulado pelo seu poder.

– Eu não tenho poder algum além do que o meu conhecimento traz em si mesmo, meu irmão. Observe que o real poder é comum a toda a espécie humana, pois independentemente de raça, cor ou religião, todos trazem em si o dom do amor, da fé, do conhecimento, da lei, da sabedoria e da vida.

Nos dons, que são os sentidos divinos em nós depositados em nossa origem pelo nosso divino Criador, temos a expressão maior das razões de Deus em concentrar numa só espécie tantas razões para uma força possuirmos, pois ela se origina do poder, que é divino, dos sentidos da vida.

Lembre-se também que o poder sempre é de origem divina e que a força sempre é de origem humana, que se origina dos sentidos divinos.

O poder, em nós concentrados pelo Criador, é para ser multiplicado por meio dos nossos semelhantes.

Já a força é para nos sustentar nessa multiplicação.

Se não, vejamos: multiplicar o conhecimento ou o amor, só pode quem tem em si uma fonte deles ou o poder deles a nós concedido pelo Pai.

Mas, para multiplicar tais coisas, só consegue quem tem muita força de vontade, senão desiste diante dos primeiros obstáculos ou erros, falhas e pecados.

Logo, só os fortes retornam nos caminhos já trilhados para resgatarem seus erros, falhas e pecados de uma forma muito humana, que é pedindo compreensão entre os humanos e perdão ao Deus real que habita em nossos sentidos virtuosos.

Isso te é compreensível, meu irmão.

– Sim, velho amigo.

– Então perdoe-me por um dia, num tempo que já não conta mais no tempo, eu ter tirado-lhe o direito à vida na carne?

– Sim, eu te perdoo, pois agora sei que, na verdade, me fizeste um favor aos olhos de Deus e dos homens e ainda pagaste um preço alto por ação tão positiva em favor da vida.

– Seu perdão me livra da forte opressão que me envolveu desde que me aproximei deste lugar à beira do meu caminho. Sinto-me como se uma corrente que me aprisionava houvesse se rompido.

– A corrente do ódio se partiu, velho amigo.

Sinto-me envergonhado de te-lo odiado por tanto tempo. Perdoa-me por isso também, além dos muitos males que já cometi contra você ou pensei em fazer?

– É claro que o perdoo, pois se o perdão é uma faculdade humana, o ato de perdoar encontra suas razões nos princípios divinos.

– Sabe, tenho uma vontade tão grande de chorar!

– Por que não chora?

– Serpentes choram, velho sábio?

– Se não choram, já é tempo de ao menos uma chorar, pois toda exceção tem sua regra, não?

– Tem razão.

– Também sinto tanta vontade de livrar meu filho de sua dor e livrá-lo da dor que as presas d'Ele lhe causam.

– Por que não faz isso?

– Serpentes ajudam alguém?

– Talvez seja a hora de ao menos isso fazer, não?

– Talvez. Se eu tivesse mãos, não só o livraria das presas do meu filho, como também o ajudaria a se levantar da beira do seu caminho, pois caiu pela segunda vez diante dos meus olhos, ambas foi tentando me ajudar a deixar de rastejar no meio dos homens.

– Então por que não estende seus braços e faz isso, meu irmão?

– Não tenho braços, velho irmão.

– Quem lhe disse que não tem?

– Ora, serpentes não tem braços!

– Mas quem foi que disse que você é uma serpente?

– Bem...

– Quem foi que lhe disse isso, meu irmão? Eu lhe neguei sua condição de ser humano?

– Não, não fizeste isso.

– Então quem lhe falou isso, meu irmão?

– Os que eu matei, torturei, sacrifiquei, magoei, feri ou viciei.

– Eles eram o que, meu irmão?

– Seres humanos, velho irmão.

– Por acaso ouviu o Pai dizer-lhe que você era uma serpente?

– Não.

– Então por que se acredita uma serpente?

– Porque eu agi igual a uma.

– Mas uma serpente mata por prazer?

– Não.

– Ela tortura, vicia ou magoa os seres humanos?

– Não.

– Elas sacrificam seres humanos ao deus delas?

– Também não.

– Então onde encontra paralelos no que afirma?

– Em mim mesmo, velho que caminha ao meu lado.

– Então se reconhece como um ser humano?

– Finalmente me reconheço, ainda que não me sinta. Só sinto o vazio, irmão!

– Preencha esse seu vazio com esses nascentes sentimentos tão humanos, que são os de dar vazão aos remorsos e mágoas por meio do choro sentido ou de se sentir impotente diante da dor e sofrimento alheio, meu irmão.

A impotência é um sentimento muito humano, ainda que signifique a ausência de força. Mas isso é superado pelo poder que trazemos em nossos sentidos.

– Como sair dessa impotência que não me permite ajudar um verdadeiro amigo e um filho amado? Eu me sinto vazio, irmão!

– O vazio que sente é a ausência dos sentimentos negativos que o preencheram por tanto tempo, meu irmão.

Preencha-o com seus sentimentos humanos, tais como a vontade de chorar, andar, ajudar, abraçar, beijar e até viver, pois só assim, ao deixar de pulsar o sentimento negativo do ódio, irá livrar-se do sentimento, também negativo, da impotência, que dá origem a muitos outros.

– Como?

– Preencha-se com o mais humano dos deuses, meu irmão!

– Que deus é esse, velho sábio?

– Esse deus é o Deus dos homens. Ele é tão humano, mas tão humano, que até nos criou à sua imagem e semelhança, meu irmão.

Não é um deus que rasteja, pois ele é completo e nada lhe falta.

Não é um deus que mata, pois ele é a vida e o próprio ato de viver.

Não é um deus que odeia, pois ele é o amor e o ato de amar.

Não é um deus que sofre, pois é o alívio das dores.

Ele é tudo, não sendo visível, e nada é se não for visível em tudo.

– Que deus é esse?

– É o Deus que multiplicou a Si próprio para fazê-lo homem e poder habitá-lo, meu irmão.

– Como é esse deus?

– Ele é o mais humano que puderes imaginar!

Ele sofre suas dores; chora suas tristezas e lamenta seus erros, falhas e pecados. Mas nunca deixa de amá-lo ou de sorrir com suas alegrias. E também não deixa de irradiá-lo com as energias do poder dos sentidos caso sejam somente um ser humano, nada mais.

Ele não quer vê-lo como rei ou como serpente, mas tão somente como um homem ele aceita vê-lo, meu irmão!

– Mas eu sou um homem! – exclamou, angustiado, o outrora rei.

– E quem disse que não és um homem?

Por acaso foste Deus?

– Não! – exclamou o rei, desesperado.

– Então nunca deixaste de ser um homem, meu irmão!

Já em total desespero o rei exclamou:

– Deus, como eu gostaria de voltar a andar, abraçar, acariciar ou me sentir humano.

Perdoe-me por meus erros, falhas e pecados, pois se os cometi, foi porque me deixei dominar pelos vícios do ódio, da inveja, da soberba e da ambição!

– Então estenda seus braços e nos ajude, irmão nosso! – exclamou Simão.

– Eu não tenho braços, meu irmão.

– Como não – falou Simão. – Então isso aí não são braços?

– Onde?

– Olhe para si mesmo, irmão!

E grande foi a surpresa do outrora poderoso rei ao olhar para si e ver braços. Mais uma olhada em si mesmo e um pranto alto brotou do seu peito, junto a uma exclamação: – Pai, eu sou um homem novamente!

E o homem que até a pouco rastejava como uma serpente chorou, chorou e chorou!

Tão sentido era o seu pranto que Simão não ousou consolá-lo, pois um imenso vazio, deixado pela ausência do ódio, tinha que ser preenchido com um sentimento tão humano, que é o de chorar.

Por quanto tempo ele chorou isso não importa, pois lavava todos os seus sentidos adormecidos pelas energias negativas do ódio, e com lágrimas fecundava o amplo espectro dos seus sentidos virtuosos, que havia se tornado árido de sentimentos humano.

Mas, quando sentiu que o momento havia chegado, Simão interrompeu o pranto dele com uma indagação.

– Até quando irá chorar de alegria enquanto sofremos, meu irmão?

O espírito, agora refeito em sua aparência, ficou a observá-lo aparvalhado e ainda soluçando. Simão tornou a inquirir:

– Não se compadece com a nossa dor, irmão nosso?

Como que despertando de um sono profundo, ele falou:

– Desculpe, meu irmão! ... acho que estou tão confuso com o que aconteceu comigo que nem sei como agir agora que recuperei minha forma humana no meu corpo espiritual.

– Mas chorar já consegue, não?

– Sim, é verdade. Lavei minha alma com as lágrimas do milagre que alterou minha aparência.

– Pois saiba que sua aparência só foi alterada depois de alterar seus sentimentos viciados e irradiar seus sentidos humanos com a compreensão dos teus erros, falhas e pecados.

Saiba também que, sem uma alteração profunda no nosso sentido de vida, não conseguimos sair da ilusão que nos altera. E sempre que isso acontece, começamos a sofrer alterações visíveis em nossa aparência.

Tenha o conhecimento de que não foi um milagre que devolveu a forma humana ao seu espírito imortal, meu irmão!

– Se não foi um milagre, então o que realmente aconteceu comigo, meu sábio irmão?

– Sua vontade o alterou.

– Minha vontade?

– Ela mesma. Saiba que o homem é o que sua vontade transparece em seus sentimentos. Essa é a verdade dos milagres e não o que a maioria imagina que os milagres sejam.

– Então...

– Sim. A força de vontade de quem doa ou de quem recebe o "milagre" é que torna tal coisa possível.

Um descrente pode ser alcançado por um milagre caso o doador dele seja um ser movido unicamente por sua vontade, e estando isento de todo e qualquer desejo.

Um ser assim, movido unicamente pela sua vontade, é alguém que irradia a mais pura das energias divinas, pois ela não está misturada com nenhuma outra energia.

– Como entender essas palavras, irmão sábio?

– Entenda como sendo a mais original das energias irradiadas em nós por Deus.

Só a partir dela é que as outras são adicionadas.

– Como sabe disso, irmão sábio?

– Meditando sobre as origens, meu irmão.

– Fale sobre suas conclusões, irmão sábio!

– Bem, como aceitar, num ser humano, o amor simplesmente pelo amor, ou a fé também pela fé, ou o conhecimento pelo conhecimento? E isso sem nos alongarmos nos outros sentidos capitais, que são: a lei, a razão, a sabedoria e a vida.

– Então me fale sobre isso, irmão sábio.

– Ora, medite um pouco, irmão acomodado.

– Como meditar se anseio por conhecimentos sólidos para realizar uma sólida meditação?

Ou será que alguém que se vê esvaziado de tudo o que acreditava está apto a se lançar em meditações tão profundas quanto as que me pede?

– Pois esse é o estado de espírito mais apropriado para a meditação, meu irmão. É com o espírito esvaziado de sentimentos viciados que podemos nos lançar na busca profunda das razões de ser do nosso ser.

Mas, apesar disso, vou adiantar-lhe minhas conclusões, pois você ainda não atina com o real sentido do que aconteceu-lhe.

Observe que sentiu uma vontade real. Logo, não foi um desejo de voltar a ser e se parecer humano. Então essa sua vontade transformou o seu todo energético viciado num todo energético totalmente humanizado, pois era nessa direção que seus sentimentos pulsavam. A sua vontade realizou o milagre, pois ordenou todas as energias em seu todo corpóreo.

– Minha vontade realizou minha transformação, certo?

– Certo.

– Só por que alterei meus sentimentos?

– Isso mesmo.

– Então, se realmente eu quiser ter o conhecimento, devo ter essa vontade original a ordenar meus sentimentos que anseiam por conhecimentos.

– Pois é isso, meu irmão! O conhecimento, como tudo mais, é energia. Então seus sentimentos vão captando energias das mais variadas faixas vibratórias. Umas são energias de amor, outras de fé e outras de conhecimento.

Logo, sua vontade se sobrecarrega de uma ou várias dessas energias que o impulsionam na direção da que se sobressair no amplo espectro energético que se forma nos seus sentimentos ou todo energético vibratório.

Portanto, só uma energia original, como a que forma a vontade, poderia agregar as dos sentidos e direcioná-las.

Temos vontade de amar, de acreditar, de conhecer, de viver, etc.

Então o amor pelo amor é algo sem uma razão de ser. Logo, existe porque existe e nada mais.

Mas, se ativá-lo com as energias da vontade, ele deixa de só existir e começa a assumir uma forma de ser.

Então temos o amor à vida; aos pais; aos irmãos; ao conhecimento; à lei; a razão; etc.

A vontade atrai as outras energias e as direciona por meio dos nossos sentidos.

Não amamos só por amar, mas sim porque temos vontade de amar.

Ou é comum os seres amarem a tudo e a todos indistintamente?

– Não, não é comum.

– Também ninguém começa a absorver conhecimentos só pelo conhecimento em si.

Sempre tem uma razão a amparar a absorção do conhecimento. E essas razões são nossa vontade de dominar uma área dele que se sobressai no amplo espectro de energias que vão se acumulando nos nossos sentimentos, sejam eles divinos ou humanos.

– O que são sentimentos, irmão sábio?

– São captores e irradiadores de energias, meu irmão.

Se você come, é porque lhe falta algum tipo de energia. No caso, de alimentos. Logo, como não há captação, começa a sentir vontade de comer.

E com isso temos na vontade o ponto de equilíbrio energético, pois se estamos alimentados, não temos vontade de comer.

Se estamos amando intensamente uma mulher, não conseguimos amar duas ao mesmo tempo.

Se acreditamos firmemente num Deus, não aceitamos cultuar outros, etc., etc., etc.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– Sim, irmão sábio.

– Então vemos que o real sustentáculo de tudo é a vontade e não outra coisa que possamos imaginar.

– E qual é o sentido da vida, meu irmão?

– O real sentido da vida é realizar uma vontade do Pai, que é a de Ele viver em nós quando criarmos em nós mesmos um amplo espectro energético que vibre em equilíbrio em todos os sentidos, e assim Ele, o real Deus, esteja sempre presente em todos os nossos sentimentos.

Eis a essência verdadeira do principal sentido da vida, meu irmão.

– Trazes um conhecimento maravilhoso, sábio irmão!

– Nem tanto.

– És modesto, sábio. Se eu tivesse tido a oportunidade de dialogar contigo quando nos confrontamos, num tempo em que no tempo já não conta mais, aqui eu não teria ficado a rastejar por tanto tempo.

– Pois é justamente por isso que acha que sou modesto, quando na verdade não possuo conhecimento maior que o que já absorvi quando nesse caminho, aparentemente sombrio, iniciei minha longa jornada rumo a um lugar onde existe um local no qual existe um ponto de equilíbrio e do qual terei uma visão real do Senhor.

– Já imaginou como será a visão real dele, irmão sábio?

– Prefiro não criar uma imagem, pois ele é inimaginável.

– Já caminha há muito tempo neste caminho sombrio?

– Sim. Já faz tanto tempo que iniciei minha caminhada que já não me é possível precisar há quanto tempo estou nele.

Mas também, isso pouco importa, pois nele tenho encontrado tanto de mim que atualmente posso afirmar com absoluta certeza que, se ele é sombrio, é porque eu fui sombrio nas muitas encarnações que já vivi na face da Terra.

– Mas agora não se parece com um ser sombrio, sábio irmão.

– Disseste muito bem! Agora não me pareço sombrio.

Mas muitas vezes já fui mais sombrio que as sombras que combati.

E sabe por quê?

– Não, não sei.

– Pois lhe digo que, se fui assim, foi porque entendi errado tudo o que aprendi. Eu confundi princípios divinos com razões humanas. E isso não é aceitável aos olhos do Criador.

– Então nada mais foste que eu, certo?

– Isso mesmo. Fui só um catalisador de ódios, medos, anseios, angústias, mágoas, remorsos, ignorâncias, etc.

– Catalisaste muito mais energias negativas que eu, meu hoje sábio irmão.

– Exatamente! E foi por isso que o derrotei quando nos chocamos.

Eu trazia em meu todo mental uma carga negativa, ou fraqueza, muito maior que a sua. E não pense que isso me causa orgulho, pois o que sinto é vergonha, tristeza, remorso e uma mágoa tão grande, mas tão grande, que se eu deixá-la transbordar por todos os meus sentidos, eu me tornarei uma mágoa com vida própria e, portanto, impenetrável a qualquer tentativa de anulá-la por quem quer que tente anulá-la.

– O que faz para mantê-la contida em algum lugar sombrio do seu todo mental?

– Envolvo-a com a forte corrente do conhecimento.

– Então em você o conhecimento também não existe por si só, certo?

– Isso mesmo. Eu o busco em tudo e em todos e vou absorvendo-o por meio de minhas solitárias meditações, irmão.

– Por que não deixa sua mágoa vazar pouco a pouco com o auxílio do seu imenso conhecimento?

– Eu não quero viciar meu conhecimento com minha mágoa, pois ela é tão grande que, se eu tentar usá-lo para extravasá-la, ela anulará todo o bem que possa estar contido nele.

Mas saiba também que eu fortaleço essa corrente com as outras dos outros sentidos, senão ela já teria se partido.

– Como consegue caminhar carregando um acúmulo tão grande de energias negativas, irmão sábio?

– Acreditando que, se o que já cometi de erros, falhas e pecados, foi tentando servir o Criador. E, se não agi, fiz ou falei melhor, foi porque sou humano, e portanto, também estou sujeito aos enganos que nossos sentimentos humanos nos induzem a realizarmos quando temos deficiências nos nossos sentidos capitais ou divinos.

– Por que temos essas deficiências, irmão sábio?

– Por causa da nossa ignorância das razões Divinas. Como nós, somos ignorantes! Nós mesmos nos ferimos, magoamos, machucamos e nos viciamos, quando acreditamos estar construindo, criando ou sustentando algo.

– Fala como se em verdade não valesse a pena viver, apesar de todo o seu esforço em devolver tantos que abdicaram a ela, sábio irmão.

– Eu sei disso, meu irmão.

Mas se lhe transmito isso, é porque você também precisará envolver seu imenso vazio com correntes muito poderosas, oriundas dos seus sentidos capitais e envoltas por seus sentimentos humanos, senão logo adiante não terá meios ou forças para contê-lo e assim ele transbordará por meio de todos os teus sentidos e esvaziará as razões de viver de quem quer que tenha contato com seu vazio, meu irmão.

– Talvez você já tenha uma noção do tamanho do meu vazio, não?

– O que sei é que ele tanto pode ser do tamanho de um grão de areia como do Universo.

– Como entender essa sua afirmação, irmão sábio?

– Ora, você pode mantê-lo tão insignificante como um grão de areia, pois assim ele não incomodará a ninguém mais além de você, e ainda assim será suportável carregá-lo por todos os lugares que vá, pois um grão de areia pesa muito pouco se não se alojar em seus olhos, certo?

– Sim. Mas e quanto à comparação com o Universo?

– Já lhe esclareci isso ao afirmar que um grão de areia não incomoda muito se não estiver nos olhos. Mas será insuportável carrega-lo caso se aloje

em seus olhos, pois daí em diante todo o Universo estará contido nesse grão de areia, que é o seu vazio. Ao olhar tudo no Universo, será incomodado, não importando o que esteja olhando ou de onde esteja.

O grão do seu vazio o impedira de ver algo, pois turvará a sua visão e o lançará num tormento pior do que ter visões ruins, que é o tormento de nada ver. E quando ver, se isso for possível, verá por meio da dor que esse grão do seu vazio lhe causa. Logo, tanto o seu vazio pode ter o tamanho de um grão de areia quanto de todo o Universo, meu irmão.

– Diga-me onde alojaste sua imensa mágoa, irmão sábio.

– Talvez eu não possa lhe responder.

– Por que não?

– Bem, talvez ela me cubra nesse momento com essa aparência de ancião. Ou talvez ela seja essas chagas em meu corpo espiritual. Mas também pode ser que esteja no mais íntimo do meu ser, pois quando me sinto incomodado pelo sofrimento dos meus semelhantes, ela transborda em silêncio pelos meus olhos.

Às vezes, ao meditar, fico a me questionar se já não carrego minha imensa mágoa contida num grão de areia que está em meus olhos.

– Não és muito severo consigo ao não partilhar suas mágoas com os erros, falhas e pecados alheios?

– Tenho certeza que sou. Mas, se sou assim, é porque só assim posso anular as pequenas mágoas existentes em meus irmãos caídos à beira do meu.

– Fico triste em vê-lo aumentar suas mágoas com as dos seus semelhantes, irmão sábio.

– Pois saiba que me alegro ao vê-los livres delas. Assim como alegro-me ao vê-los livres de suas dores, remorsos, frustrações, ódios, invejas, tristezas, etc.

Essas alegrias que vou recolhendo à beira do meu sombrio caminho têm engrossado as correntes que prendem minha imensa mágoa num ponto escuro do meu todo mental.

Se em alguns momentos ela transparece por meio dos meus sentidos, e porque a vejo por meio dos meus semelhantes. Então eu a anulo n'Eles e a oculto em mim.

– Será que mais adiante sobreviverei ao meu imenso vazio, irmão sábio?

– Isso será possível caso acredite no que só a você estou revelando, pois sei que precisa conhecer a verdade que me moveu até aqui e me deu forças por meio de todos os meus sentidos para que eu pudesse olhar a mim mesmo por meio dos seus olhos.

Saiba que só quando olhei nos seus olhos consegui me ver por inteiro, em todos os sentidos.

– Qual foi a visão que teve ao olhar nos meus olhos, irmão sábio?

– Eu tive a visão real da minha ignorância. Como era imensa a minha ignorância quando eu acreditava estar servindo sabiamente ao nosso Pai!

– Ela era maior que a minha quando eu acreditava ser possível Deus estar contido numa serpente?

– Sim.

– Por que tem certeza disso?

– Ora, se a minha ignorância fosse menor que a sua, eu teria conseguido anular a sua e despertá-lo para a sabedoria contida nas verdade pelas quais o combati.

Eu quero que saiba que, no caso da ignorância, acontece o inverso do que costuma acontecer com a sabedoria.

– O que acontece com elas, irmão sábio?

– Bem a sabedoria maior é mais forte e absorve a sabedoria menor, pois essa é menos forte.

Já com a ignorância o inverso acontece, pois a maior ignorância é também a mais fraca e geralmente intensifica a menor, que é menos fraca.

Foi assim que minha maior ignorância, portanto a mais fraca, intensificou a sua, que era a menos fraca e fez com que ela, a sua, se tornasse um pouco mais fraca.

Logo, para se manter independente de minha fraqueza, ativou seu ódio contra mim, pois sua fraqueza, que era subconsciente, reagiu com ódio contra a presença da minha, que era inconsciente.

– Por que diz fraqueza subconsciente e inconsciente?

– Bem, a sua se originava na sua forma de cultuar Deus. Logo, era subconsciente, pois nasceste num meio viciado e, não era sua culpa se não teve outra alternativa para cultuar.

Mas comigo aconteceu o contrário, pois eu fui educado num meio em que Deus era cultuado por meio da vida e na minha aparente sabedoria das coisas da vida, usei da morte como meio de combater os que a ameaçavam com seus cultos mortais.

Minha fraqueza era uma reação inconsciente a um perigo subconsciente.

Logo, se eu tivesse real consciência do que fazer, teria eliminado a forma subconsciente de você cultuar a Deus conscientizando-o das fraquezas contidas no seu culto e no seu Criador.

Entenda que subconsciente é sinônimo de não racional e inconsciente, de irracional.

– Não são a mesma coisa, irmão sábio?

– Não.

– Por que não?

– Ora, não racional significa a não presença do racional.

Já o irracional significa a ausência do racional.

– Como assim?

– Bem, vou colocar de outra forma para que compreenda as diferenças enormes que existem nessas duas coisas tão parecidas e no entanto tão diferentes.

Observe que se digo que uma pedra é algo não racional, estou dizendo que nela não existe o racional, certo?

– Sim, isso é certo, irmão sábio!

– Mas se digo que há uma ausência do racional em algo, então está implícito que uma presença pode ter havido nesse mesmo algo, pois só a anulação da presença dá lugar à existência da ausência, certo?

– Certíssimo, irmão sábio.

– Compreendeu agora tudo o que já lhe disse sobre nós, meu irmão?

– Sim. No meu culto não havia o racional a sustentar minhas ações, pois eu parti de um princípio religioso não racional, porque é o que as serpentes são.

Já o seu se sustentava em princípios racionais e você não usou do seu raciocínio de forma racional para me eliminar. Certo?

– Certíssimo, irmão que desperta a sabedoria contida no seu racional!

– Como é prazeroso dialogar contido, irmão sábio!

– Eis aí um dos prazeres intermináveis, que lhe falei logo que nos encontramos, meu irmão.

Esse prazer nunca termina, pois o estenderá por toda a eternidade. E ele sempre se fará sentir quando despertar sua sabedoria inata, pois ela existe desde sua origem e se mostra quando encontra meios de se mostrar, tal como agora começa a acontecer.

Sempre que encontrar o real conhecimento, sua sabedoria se manifestará e sentirá um prazer imenso em todos os seus sentidos, pois todo o amplo espectro de energias positivas vibrarão com seu sentimento de satisfação por ver, ouvir ou falar algo que ecoa tanto em você quanto no seu interlocutor.

Também esse é o prazer infinito que falei que pode existir num casal.

Ou não é verdade que, quando um homem e uma mulher se amam de verdade, um vibra intensamente no seu amplo espectro de energias positivas com as boas ações do outro e se sente paralisado com os erros?

E essa paralisia pode se manifestar como vergonha, impotência, frustração, etc., certo?

– Magnífico, irmão sábio!

– Por que diz magnífico!?

– Ora, também não é verdadeiro que tanto as pequenas ações como as grandes vibram porque encontram eco no amor que o par vibra entre si?

– Isso mesmo.

– E tanto podem ser pequenas ou grandes as ações que assim mesmo despertam entre si a satisfaço?

– Sim...

– Logo, a satisfação que um encontra no outro ecoa e deixa satisfeito o que agiu de forma agradável ao seu par. Certo?

– Muito bem, irmão na sabedoria!

– E por isso é interminável, pois essa satisfação ecoa e faz com que vibremos, satisfeitos tanto nos atos e palavras como nos pensamentos.

– Muito bem!

– E que, no estado em que eu me encontrava, meu prazer era limitado, pois consistia em ver alguém que amava a vida deixar de amá-la.

Logo, assim que o sentimento de estar vivo era anulado em alguém, cessava o meu prazer, pois a vida já não pulsava mais n'Ele.

E, entendo a vida como humanidade e humanismo, certo?

– Certíssimo, pois seu prazer era limitado unicamente em ver um semelhante seu renunciar ao humanismo. Cessado o humanismo, outro prazer sucessivo que ele gera em nós não se fazia presente numa ação posterior, pois só o humanismo pode gerar prazeres intermináveis e ilimitados por nossos sentidos humanos, uma vez que ele transcende o ser em particular e abrange o todo, que é a humanidade ou uma das criações imortais.

– Nossa, quanta satisfação eu sinto em dialogar contigo, irmão sábio!

– Esse é o prazer verdadeiro. E temos no diálogo racional e lógico um dos gozos do prazer do amor e da vida.

O diálogo pode se prolongar enquanto for satisfatório para ambos. Mas ele só poderá ser prolongado caso seja racional. Certo?

– Certíssimo.

– Então, o que acha se eu lhe pedir para me ajudar a eliminar uma das causas de irracionalismo, que é a dor?

– Eu me esqueci que devo ajudá-lo e ao meu filho ainda não desperto para a satisfação do real prazer, que é viver a vida!

– Isso mesmo, irmão. Mãos à sua primeira ação positiva depois de muito tempo.

E assim o outrora poderoso rei dos que rastejavam à beira do caminho de Simão Beir, que também rastejava, agora, delicadamente abria com cuidado a bocarra do seu guardião, que era seu filho.

Seu espanto foi grande quando viu que as afiadas presas do seu filho haviam ficado cravadas na perna de Simão. Tentou tirá-las, mas ao tocá-las, ele emitiu um grito de dor que ecoou no vazio das mais escuras sombras.

– Desculpe-me, irmão sábio! Eu não pensei que tocar nelas lhe causaria tanta dor.

– Não toque em nenhuma delas, meu irmão. Se alguém fizer isso, irá me fazer sofrer muito mais que deixando-as cravadas.

– Por quê?

– Bem, toda vez que um dos que aqui rastejavam me picava, suas presas ficavam no meu corpo. Creio que minha vontade de ajudá-los era tão grande que o senhor da lei e da vida as recolheu em mim para que a ninguém mais elas picassem, caso eu não conseguisse resgatá-los para a vida na lei.

– Sinto suas dores, irmão sábio.

– Minhas dores me pertencem, meu irmão!

Portanto, deixe-as para mim e comece a observar onde estão as suas, para que assim tenha uma noção real de como é fácil errar, falhar e pecar quando imaginamos estar amando ou protegendo um ser amado.

– Não o compreendi, sábio irmão.

– Não?

– Não.

– Então olhe para o seu filho e observe nessas chagas que agora cobrem sua aparência deformada de um réptil e descubra em cada uma delas uma proteção sua às viciações dos sentidos divinos dele.

E também descubra nelas o quanto acobertou os erros, falhas e pecados dele. Medite nisso, irmão!

– Tem razão, meu sábio irmão. Tudo o que ele fez de errado eu acobertei. E também o viciei com minhas próprias viciações.

– Então tem uma visão real dos erros, falhas e pecados dele, meu irmão?

– Sim, eu tenho essa visão dolorida, que ecoa no mais íntimo do meu ser.

– O que acha de me ajudar a me levantar para que eu possa ir ajudar aos que, em meia às dores de suas chagas, clamam por Deus e pela ajuda divina?

– E quanto ao meu filho, irmão sábio?

– Que tal colocar em prática tudo o que já aprendeu em si mesmo nesse pouco tempo em que despertou para a vida?

– Tem razão. É difícil nos vermos por meio das nossas semelhantes, mas é a visão mais nítida que podemos ter de nós mesmos, não?

– Exatamente! Só que, ao ajudá-lo a se levantar, começará a ver nele a parte divina que compõe o seu todo, pois cada pulsação positiva dele será um reflexo dos seus sentimentos de amor.

E saiba que o amor não comporta o sofrimento como razão de ser, mas tão somente a paz, tanto interior quanto exterior.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– Muito, sábio da vida!

– Então me ajude a me levantar, certo?

– Você fala coisas tão envolventes que jamais conseguimos atendê-lo ou nos ater só aos conhecimentos que semeia em cada frase. Dialogar com você é lançar-me numa torrente poderosa do conhecimento que até me sinto incapaz de fazer outra coisa além de ouvi-lo e questioná-lo.

– Pois saiba que o amor é igual ao conhecimento, meu irmão.

– Podia me explicar isso, sábio irmão?

– Com muito prazer!

Observe que quando amamos alguém nossa atenção fica totalmente absorvida para o desenrolar das coisas desse nosso amor.

Mas isso também acontece quando nós nos lançamos numa fé poderosa. Ela nos absorve em todos os sentidos, pois a ela nos dedicamos com total

atenção. E também só conseguimos amar por meio do modo de ser que ela nos imprime a todo instante.

E até o conhecimento, que precisamos absorver continuamente, tem de estar nela, ou nela encontrar fundamento; ou nela encontrar eco. Pois, do contrário, ou nossa fé se enfraquece ou nos enfraquecemos devido à nossa fé.

Isso também te é compreensível, meu irmão?

– Preciso meditar um pouco nesse seu ensinamento, pois sinto que ele é muito mais profundo do que aparenta ser.

– Isso é certo, pois, se adorar Deus por meio de uma religião e absorver conhecimentos oriundos de outra cultura que se formou sob um manto religioso próprio, sua crença na sua religião perderá a força de sua fé, pois conhecimentos estranhos a ela só a enfraquecerão aos seus olhos.

E lembre-se sempre de que a fé está presente em nós por meio de todos os nossos sentidos. Mas só quando temos consciência plena disso, conseguimos absorver o conhecimento puro, isto é, isento de qualquer conotação que não a dele em si mesmo. Isso é muito importante para não ser ensinado, meu irmão.

Sabe o que acontece quando não temos conhecimento disso?

– Não, não sei. O que acontece, sábio irmão?

– Pois saiba que nos tornamos escravos daquilo a que estamos dedicando toda a nossa atenção e nos tornamos fanáticos, uma vez que perdemos a noção dos nossos próprios sentidos, que, se são humanos, no entanto não estão dissociados dos sentidos divinos que regram todos os nossos atos, palavras e pensamentos.

Sendo fanáticos, estamos entrando numa senda que nos conduzirá a um choque fatal ao nosso próprio equilíbrio.

Logo, o conhecimento, por si só, não tem razões de existir, pois só em si ele não encontra meios de se manifestar.

Então temos que ter sempre presente os meios para o conhecimento absorvido fluir por meio de todos os nosso sentidos, tanto os humanos quando os divinos.

– Compreendo.

– Quer um exemplo do que afirmo?

– Sim, sábio mestre.

– Observe que, se absorver o conhecimento de toda uma ciência e não o colocar a serviço de uma causa, um povo ou uma cidade, o seu acúmulo de conhecimentos irá aprisioná-lo numa redoma invisível e será prisioneiro dos seus próprios conhecimentos, pois não irá expandi-lo ao multiplicá-lo e não irá enriquecê-lo com a troca dele por outros, que certamente surgirão naturalmente em função do uso que fará dos seus.

Isso te é compreensível?

– Sim.

– Então, que tal me ajudar a me levantar para que, assim, ambos de pé, possamos levantar aos nossos irmãos que nada mais precisam a não ser uma mão amiga a ajudá-los para que, por si só, se levantem.

– Mais uma vez não fiz o que me pediu, pois suas palavras desviaram minha atenção!

– Bem, talvez deva saber que isso acontece e é muito comum ocorrer quando nossa vontade tem um acúmulo intenso de energias a nos direcionar numa certa direção.

Isso ocorre agora contigo, pois está recuperando o tempo em que o seu sentido humano de aprender esteve adormecido pela viciação do seu sentido do conhecimento.

Mas, quando um pouco dessa energia oriunda de sua vontade de aprender for transformada em um conhecimento sólido, encontrará a perenidade na fluidez das energias geradas pela sua vontade e sentirá vontade de amar, ter fé, ser leal, etc., naturalmente.

Saiba que, se a vontade acumulada por um longo período, de repente, nos lança numa direção, é para que logo mais adiante tenhamos condições de direcioná-la segundo nosso próprio sentido de direção, que será a que mais nos satisfizer em meio ao amplo espectro de energias positivas que nos sustentam no sentido de nossa própria vida.

– Magnífico, sábio mestre!

– E sabe o porquê de assim ser?

– Não, não sei.

– Saiba que isso é assim porque no Criador, que é só virtudes, o egoísmo não existe.

Logo, em sua divina generosidade, Ele nos permite escolher a direção que mais satisfaça à nossa noção de viver em Deus, ainda que, se uma direção tomarmos, isso se deva à presença d'Ele por inteiro e em todos os sentidos na direção por nós escolhida.

– Meu Deus, que conhecimentos divinos!

– Cuidado com seu encantamento pelos meus conhecimentos, meu irmão! – exclamou Simão reprovando a atitude dele.

– Por que me reprova?

– Ora, seu encantamento deve provir de sua própria capacidade de entender o que digo, e não do que digo por si mesmo encantá-lo.

Lembre-se que o que digo, outros poderão dizer, e talvez com mais conhecimento de causa que eu.

Já, quanto à capacidade de entender o que digo, essa faculdade lhe pertence, ainda que nem todos os que têm como facultativo o ato de aprender, consigam apreender tudo o que lhes é transmitido.

Saiba que a faculdade de aprender é geral. Já quanto à capacidade de aprender, só os que são movidos por uma vontade própria a possuem.

Isso te é compreensível, meu irmão?

– Sim, mestre sábio.

– Então estenda suas mãos e me ajude, certo? Pois, a despeito de todo o meu conhecimento, nesse momento não conseguirei me levantar sozinho.

– Oh, meu Deus! – exclamou aflito o homem diante de Simão, que o observava atentamente.

– O que tanto o preocupa, meu irmão?

– Não consigo mexer minhas mãos!

– Mas é claro que consegue. Vamos, estenda-as em minha direção, meu irmão.

– Não consigo, mestre! – exclamou mais aflito ainda o homem.

– Onde está a sua força de vontade, filho de Deus?

– Talvez esteja aprisionada em algum lugar escuro do mais íntimo do meu ser, meu sábio!

– Mas a pouco você retirou seu filho do meu sofrimento. O que aconteceu-lhe?

– Não sei.

– Meu Pai, meu Pai! Eu caído à beira do meu próprio caminho, e o único que poderia me ajudar a sair dessa paralisia está repentina e inexplicavelmente paralisado.

– Não sei o que aconteceu comigo, mestre sábio.

Talvez meu medo, que ecoou no meu vazio quanto gritaste de dor ao ser tocado, tenha me paralisado.

– Teme, tanto assim, provocar a dor em um semelhante seu?

– Creio que vivi tanto tempo provocando a dor nos outros que, ao vê-la em seu grito de dor, eu tenha rompido o elo entre minha mente e o meu corpo espiritual.

– Pois saiba que é isso que acontece aos que temem cometer os mesmo erros que os aprisionava num dos Universos paralelos alojados em seus todo-mentais.

Só uma força de vontade sobre-humana consegue religar mente e espírito novamente, meu irmão.

– Eu não tenho essa força, meu mestre! – exclamou, cabisbaixo, o outrora rei dos que rastejavam. – Talvez eu deva voltar a rastejar como os vermes que vivem nos estrumes dos humanos, pois me sinto impotente diante do meu medo, que é a dor.

– Pois lhe digo que já pensei assim e me senti como um verme humano.

E sabe o que me aconteceu?

– Não. Pode me falar sobre isso?

– Em dado momento reagi e assumi o controle do meu emocional e retornei às minhas vibrações humanas, pois humano jamais deixarei de ser.

Como o homem não reagiu a essa afirmação de Simão, este orou e buscou no mais íntimo do seu ser a força oriunda da sua vontade, que se sobrepôs sobre todos os outros sentidos, permitindo-lhe assim mover um braço

rijo na direção do seu cajado. Quando pousou a mão sobre ele, fechou-a como tenaz e o arrastou para junto de si.

A seguir moveu o outro braço em direção ao cajado e o abraçou como se fizesse parte de si mesmo. Então, a muito custo, posicionou-o de pé e seus braços começaram a içá-lo para o alto.

Todos os sentidos de Simão estavam voltados para o que sua vontade lhe ordenava e, em meio aos angustiantes gemidos de dor que emitia, nem percebeu que, aos prantos, o homem saíra da paralisia e o ajudava a se colocar de pé.

Só quando se encontrava de pé, notou que as mãos do homem o ampararam cuidadosamente para não aumentar suas dores. Então o olhou com o rosto coberto de lágrimas e o abraçou comovido. E quando teve o abraço retribuído, emitiu um gemido.

Como o homem já ia afastando os braços para não machucá-lo, Simão pediu-lhe:

– Não afaste seus braços do meu corpo, meu irmão. Quero sentir-me abraçado por alguém igual a mim. E não tema em me causar dores, pois esta será sua primeira vez em que, ao despertar alguém para a dor que traz em si, o estará despertando para a própria vida, que ainda que vivida na dor, é mil vezes melhor que ter de vivê-la na insensibilidade de si próprio.

Isso te é compreensível, meu irmão? – perguntou Simão, soluçando alto.

– Sim, meu mestre da vida! – respondeu o homem aos prantos.

E abraçados ficaram por muito tempo, como irmãos que eram aos olhos Divinos.

Então Simão perguntou:

– O que lhe aconteceu que veio me ajudar a me levantar, meu irmão?

– Bem, em dado momento, vendo seu esforço e sofrimento para ficar de pé, reagi à minha insensibilidade e disse para mim mesmo: será minha covardia, que é só um dos meus sentimentos, mais forte que o amplo espectro de sentimentos que formam meu todo emocional?

Será que a minha covardia diante da dor é mais poderosa que minha força de vontade?

Então uma luz se fez na minha mente e entendi o real sentido dos seus ensinamentos quando abordaste a fraqueza. Num piscar de olhos, vi na covardia um exemplo claro dela, e na vontade, a existência de uma visão real do poder.

E, já que todos os meus sentidos me impulsionavam na direção de ajudá-lo, minha covardia não tinha razões de se impor diante de minha vontade.

Logo, em verdade ela não existia realmente, pois era só um reflexo do meu medo da dor, que eu via irradiar-se por todos os seus sentidos subjugados por sua poderosa vontade que, angustiantemente, e muito lentamente, o elevava junto ao seu cajado, que, aos meus olhos, pareceu ter vida própria e se mantinha ereto ainda que seu peso certamente o desequilibrasse.

Então vi nele a vontade do Pai a ampará-lo para que se colocasse novamente de pé, pois se havia caído, fora porque tentara levantar os que não sabiam fazer outra coisa senão rastejar diante dos seus medos.

– E que medos eram os deles, meu irmão?

– Eram os medos de terem errado, falhado e pecado, irmão sábio!

– Sua sabedoria começa a se impor nos seus sentimentos, meu irmão. Saiba que o real significado de sabedoria é isto: a imposição da resultante do conhecimento sobre a das emoções.

A sabedoria é encantadora, pois ela não se origina da emoção mas sim da meditação sobre o que vivenciamos intensamente por meio dos nossos sentimentos.

Então ela se irradia por todos os outros sentidos e nos impulsiona sabiamente na direção que nossa vontade nos leva.

– Tem razão, velho sábio!

– A razão é um dos pilares onde a sabedoria se fundamenta, meu irmão. E, porque somos dotados do sentido da razão a balizar nossos atos, palavras e pensamentos, o que acha de deixarmos de falar dos sentidos e darmos vazão aos nossos reais sentimentos, que, neste momento, são os de ajudarmos a quem queira se levantar com o mínimo de sofrimento?

– Mais uma vez lhe digo: tem razão, velho sábio!

Agora me diga: por onde eu devo começar para ajudar não só ao meu filho?

– Olhe nos olhos dele e ouça o que diz o espírito imortal que habita no mais íntimo dele, meu irmão.

Ouça a voz que fala em silêncio e o silêncio eloquente da ausência de voz.

Ouça também o que dizem por todos os sentidos e o que todos os sentidos d'Eles não conseguem dizer, pois não possuem uma voz real para se expressarem, uma vez que os sentidos não são dotados da voz como meio de expressão, mas tão somente de sentimentos.

– Conseguirei tal coisa, sábio irmão?

– Certamente que sim, pois está dotado de uma vontade real de ajudar. Saiba que é em nossa vontade que Deus habita, e é a partir dessa sua morada no mais íntimo do nosso ser que Ele se irradia por todos os nossos sentidos e a partir d'Eles transborda sobre tudo e todos à nossa volta.

– Deus transborda por todos os teus sentidos, sábio irmão!

– E habita no mais íntimo do teu ser, meu irmão. Então deixe-O se manifestar em seus sentidos e irradiar-se como amor, fé, razão, conhecimento, sabedoria, lei e vida por meio dos seus sentimentos.

Assim verá coisas milagrosas acontecerem diante dos seus olhos, ainda que já saiba que as causas dos milagres residem na vontade, e não nos sentimentos.

– Sim, também tive em mim uma real prova disso.

– Só o que aprendemos por meio de nós mesmos é real.

– Como assim, sábio mestre?

– Ora, de que adiantaria eu dizer que o amor é um sentimento virtuoso que preenche os nossos vazios existenciais a uma pessoa que desconhece o sentimento de amor?

Como eu poderia dizer a alguém que o conhecimento supre muitas das nossas necessidades se ele desconhece as reais necessidades dos seus sentimentos?

O amor só é satisfatório a alguém que ama, e o conhecimento só é necessário a quem queira aprender, certo?

– Sim, é certo.

– Logo, um sentido virtuoso ou viciado só encontra suas razões de existir em quem tem um amplo espectro de energias, oriundas dos seus sentimentos, sejam eles positivos ou negativos.

Então tudo o que aprender terá de ser vivenciado para que assim comece a fazer parte de você, pois será absorvido por seu todo mental, que comporta em si todos os seus sentidos, sua percepção, sua sensibilidade e todas as suas emoções.

Isto realmente te é compreensível, meu irmão?

– Sim, sábio mestre.

– Então mova sua vontade por meio do Criador e Ele fará milagres que despertarão a força contida na vontade de quantos O verem por meio dos seus olhos.

Como o homem ficou a meditar sobre tudo o que Simão acabara de dizer, algum tempo depois foi interrompido com a voz de seu filho que lhe pedia ajuda, pois já não suportava mais as dores.

Ele foi em direção ao filho e fez o que Simão havia lhe ensinado. Algum tempo depois, os primeiros resultados positivos surgiram diante dos seus olhos, pois finalmente seu filho derramava lágrimas sentidas.

Simão ficou ali até que o filho dele voltasse a se sentir humano e recuperasse sua aparência humana diante dos olhos brilhantes do agora, feliz pai.

Quanto tempo isso tudo durou não importa, pois estava num lugar onde o que menos importa é o tempo.

Ali, o que realmente importa são os sentimentos, nada mais, pois a vida realmente não é nada mais que um amplo espectro de sentimentos positivos ou virtuosos, vibrando em harmonia e equilíbrio com as energias oriundas do Pai.

Tantos ali deixaram de rastejar e a eles se juntaram, que até os que dali haviam fugido voltaram a se aproximar e foram beneficiados, não mais só com a vontade de ajudar de um só ser, mas sim com a poderosa força da vontade de muitos.

E a escuridão mais uma vez se dissipou com a elevação das vibrações daqueles que ali agora se achavam reunidos diante dos olhos de Deus.

Simão deu vazão às energias oriundas de sua vontade de ensinar e os ensinou sobre as coisas divinas contidas na sabedoria da vida e nas coisas humanas contidas na vida vivida com sabedoria.

Seu humanismo, elevado ao extremo, o transformou numa espécie um pai sábio, que pacientemente vai ensinando os filhos a dar os primeiros passos na vida para, por meio dela, poderem caminhar com as próprias pernas.

E quando começou a ouvir poucas indagações e ver muitas meditações, pressentiu que mais uma vez uma porta para a luz da vida iria se abrir.

Mas o que algum tempo depois surgiu diante dos seus olhos foi o mesmo espírito de luz, que mais uma vez se mostrava a ele desde que havia se aproximado daquele lugar.

– Salve, irmão na luz! – exclamou Simão ao vê-lo.

– Olá, Simão Beir! Vejo que já não há mais ninguém a rastejar à beira do seu caminho.

– Espero que sim, pois ainda não sei o que encontrarei antes de chegar ao local onde existe um ponto do qual terei uma visão real do senhor nosso Deus.

– Acredita que ainda falta muito para chegar a esse lugar?

– Não sei o quanto ele está afastado, mas sei que já caminhei muito na direção dele. Mas não foi para isso que até aqui retornaste, certo?

– Tem razão. Eu vim buscar os que queiram ir comigo, pois existe uma porta para a vida na carne e pela qual todos eles poderão passar para retornarem por inteiro e em todos os sentidos à vida humana.

– Fico feliz ao ouvir isso, irmão de luz!

– Você me ajudará a convencê-los a atravessar essa porta?

– Com muito prazer! Por onde deseja começar?

– Tem alguém em especial que eu deva conduzir primeiro?

– Não, isso não. Todos são especiais, pois subjugaram seus ódios a partir dos íntimos.

– Compreendo.

– Bem, então como será?

– Que tal reuni-los à sua volta e anunciar essa dádiva divina, que é a reencarnação?

– Reuni-los, posso e farei. Mas, quanto ao falar sobre a dádiva da vida na carne, prefiro ser mais um dos teus ouvintes! Sei tão pouco sobre tal coisa, sábio irmão da luz!

– Eu acredito que o seu conhecimento sobre a reencarnação é grande, Simão Beir.

– Mas não tão vasto quanto o seu, meu irmão.

Logo, se for seu ouvinte, certamente aumentarei meus conhecimentos.

– Bom, se essa é a sua vontade, então reuna-os que falarei tudo o que precisam ouvir para retornarem em equilíbrio à carne?

– Certo, irmão na sabedoria da luz.

E Simão Beir reuniu todos os que viviam naquele lugar e falou-lhes dos motivos da vinda do irmão da luz, e que iram ouvi-lo falar sobre o dom da reencarnação.

E o irmão de e da luz falou, falou e falou.

Tanto e tão bem falou que todos aceitaram segui-lo rumo à porta por onde passariam para, na carne, refazerem seus elos com a vida, pois fora na carne que haviam sido rompidos.

E todos, depois se despedirem, seguiram o irmão da luz rumo à vida na carne.

Num piscar de olhos ele os levou consigo, e Simão mais uma vez ficou sozinho à beira do seu caminho.

Olhou para o lugar à sua volta e localizou a direção que devia seguir. E lentamente caminhou, agora arrastando a perna que havia sido picada pelo filho do rei dos que rastejavam à beira do seu caminho.

Foi com certa surpresa que ele caminhou por muito tempo sem encontrar ninguém à beira do seu caminho que, pouco a pouco, ia tendo a sua penumbra desvanecida por uma claridade que podia ser vista adiante.

E Simão caminhou rumo à claridade.

Sentia-se cansado, dolorido, vazio e triste. E à medida que se aproximava, mais triste se sentia.

Quando finalmente deu os primeiros passos em solo iluminado, caiu de joelhos e se pôs a chorar com a cabeça recostada a uma grande pedra que parecia ter luz própria, se é que não a possuía.

E dali ele não saiu mais, pois sua tristeza se tornava maior a cada soluço.

Mas quando já estava cansado de tanto chorar e tinha todo o seu vazio ocupado pela tristeza, ouviu uma voz a chamá-lo. Então virou a cabeça lentamente na direção de onde lhe parecida ter vindo a voz.

Quando localizou quem o chamava, ficou a observar sem nada dizer, pois sabia que era mais um espírito de luz que se mostrava; era uma irmã.

Então ela se aproximou sem precisar caminhar, pois se deslocava acima do solo claro, como se ele também tivesse luz própria.

Ela, ao ficar diante dele, se abaixou e passou as mãos delicadas e luminosas em suas envelhecidas faces, ainda úmidas pelas lágrimas de tristeza que seus olhos haviam derramado até ela chamá-lo.

Ela apanhou um lenço que parecia ter luz própria, pois brilhava, e secou as faces de Simão sem nada lhe falar ou perguntar.

Ele se manteve também em silêncio, diante dela. E assim ficaram por muito tempo, só a se olharem. Por fim ela, com a mais doce, suave e encantadora voz que ele já ouvira, perguntou-lhe:

– Vou retornar à minha morada, meu irmão!

– Agradeço seu gesto bondoso de enxugar minhas lágrimas, irmã na luz! – respondeu Simão.

– Gostaria de me acompanhar até minha morada?

– Não posso isso fazer, irmã de luz.

– Por que não?

– Você paira acima desse solo luminoso, enquanto eu, que sou coxo de uma perna, n'Ele me arrasto.

– O que tem isso a ver com o meu convite?

– Bem, eu seria um peso que teria de arrastar até sua morada e não quero ser isso para nenhum semelhante meu, minha irmã.

– Mas tem muitas dores e ferimentos, e em minha morada poderei aliviá-lo delas.

– Sou-lhe grato por sua generosa oferta, mas prefiro ficar mais um pouco aqui, minha irmã luminosa – falou Simão tristemente.

– Tem certeza que não quer me acompanhar?

– Sim, eu tenho absoluta certeza, irmã generosa.

– Então que seja como queira, meu irmão. Que Deus, que é a Luz da luz, o ilumine com Sua luz, meu irmão.

– E que mil vezes mais Ele a ilumine por tua bondade, irmã da luz!

Ela levantou-se e, sem virar-lhe as costas, foi se afastando até que desapareceu no meio da luz daquele lugar à frente do seu caminho.

Então Simão ficou a meditar sobre a irmã de luz que se mostrara, ali, naquele lugar que parecia ter luz própria.

Depois de muito meditar, sentiu que sua tristeza, ao invés de ter diminuído, aumentara. E os soluços, que haviam cessado com a aproximação dela, voltaram com intensidade redobrada, e um pranto compulsivo explodiu do seu peito, pranto este que se originava do mais íntimo do seu ser.

E Simão Beir humanamente chorou, chorou e chorou. Tanto chorou que a veste que o cobria ficou com a parte da frente úmida com as lágrimas que derramou.

E mais uma vez seu pranto só diminuiu de intensidade quando, cansado de tanto chorar, já nem chorar conseguia mais.

Então ele se aquietou e ficou recostado à pedra luminosa que parecia ter luz própria, pois quase o ofuscava com seu brilho intenso. Ainda a observava, com os olhos a derramar lágrimas silenciosas, quando, mais uma vez, a voz doce e meiga se fez ouvir:

– Já se decidiu a me acompanhar, meu querido irmão? – perguntou ela, voltando a se ajoelhar diante dele.

– Não posso acompanhá-la, irmã que irradia luz em todos os sentidos.

– Por que não?

– Eu não me sinto digno de adentrar nesse lugar, irmã.

– Se chegaste até aqui és merecedor, meu amado irmão.

– Talvez se outras tivessem sido as razões que até aqui me conduziram, eu já tivesse adentrado esse lugar, tão bonito aos meus olhos humanos.

– Ora, não importa quais foram as razões que até aqui te conduziram. O que importa é que chegaste até aqui.

– Não me sinto digno de adentrar nesse lugar, irmã que brilha como as estrelas no firmamento!

– São tão condenáveis aos teus olhos as razões que até aqui te conduziram?

– Não sei ao certo se eram condenáveis. Mas não me sinto digno de adentrar nesse lugar. Por favor, não insista nisso, minha irmã luminosa!

– Como queira, meu irmão. Agora tenho que retornar à minha morada, que certamente se tornaria mais alegre com sua presença nela.

– Talvez minha presença só venha a diminuir a imensa alegria que existe na sua, irmã na luz da felicidade!

– Tenho que partir, meu irmão. Que o Pai o inunde com a alegria de viver a vida na paz interior!

– Que mil vezes ele multiplique sua alegria de viver, irmã que habita na alegria da vida.

E mais uma vez Simão Beir a viu afastar-se sem lhe dar as costas. Quando ela desapareceu de vez, ele se pôs a meditar sobre cada palavra dita por ela e mais uma vez sentiu-se o mais triste dos homens.

Desta vez não soluçou nem chorou sua tristeza. Mas lágrimas silenciosas voltaram a correr pelas suas ressequidas faces.

Em silêncio, derramou suas lágrimas de tristeza e, no seu silêncio, ficou quieto por muito tempo.

Mas novamente, e isso depois de muito tempo, tornou a ouvir a voz doce e meiga da irmã na luz.

– Por que derrama em silêncio as lágrimas de sua tristeza, meu irmão?

– Meu pranto não é digno de ser ouvido e por isso derramo em silêncio as minhas lágrimas, irmã que habita na luz da dignidade.

– Por que ele não é digno, meu irmão?

– Meu pranto perturba a paz aqui existente, e que, aos meus olhos, tem vida própria. Logo, que minha tristeza flua silenciosa por meio dos meus olhos e assim ela não incomodará a ninguém mais além de mim mesmo.

– Não quer me acompanhar até minha morada? Quem sabe sua tristeza não encontre mais razões para continuar a existir, meu irmão.

– Não quero contaminar a alegria da sua morada com minha tristeza, irmã na luz da felicidade.

– Sinto tanto por você não querer me acompanhar!

– Está vendo como é indigna a minha tristeza? Ela já começa a contagiá-la, e se ficar comigo por mais tempo, logo se sentirá triste também.

– Talvez, se vier comigo, sua tristeza se transforme em minha alegria, meu irmão.

– Ou talvez sua alegria se torne minha tristeza.

Ela ficou a observá-lo por um longo tempo sem nada dizer. Mas em dado momento falou:

– Agora tenho que retornar à minha morada e muito me entristeço com sua recusa em meu acompanhar, meu irmão.

– Que Deus a abençoe por sua generosidade para comigo. Mas não me sinto digno de entrar em sua morada, irmã que habita na luz da morada do Criador!

Ela mais uma vez se afastou após se despedir. E ele teve a impressão de vê-la derramar lágrimas silenciosas quando se encontrava distante.

Então mais uma vez ele meditou e, por fim, se decidiu a sair daquele lugar. Pouco a pouco e com certo esforço se pôs de pé, e coxeando de uma perna deu uma volta na imensa e brilhante pedra que parecia ter luz própria. Ainda meditava sobre ela quando o já conhecido irmão de luz mais uma vez se fez visível diante dos seus olhos e perguntou-lhe:

– Essa pedra lhe causa admiração, irmão?

– Sim. Aos meus olhos parece viva a luz que o brilho dela irradia.

– De fato, isso de ter vida própria é comum a tudo que encontrar por aqui.

Sabe a razão, irmão?

– Sim.

– Gostaria de caminhar um pouco e ver coisas tão interessantes quanto essa pedra?

– Não sinto curiosidade para isso, irmão da luz.

– Por que não?

– Toda a minha curiosidade está voltada para aquela direção.

E Simão apontou a direção do caminho que havia trilhado, e que terminara quando chegara naquele lugar luminoso.

– Não vejo diferenças entre lá e cá, pois em todas as direções que olho, encontro coisas interessantes para serem vistas, irmão.

Simão, apoiando-se no seu cajado, caminhou até onde, aos seus olhos, começava o solo claro e perguntou ao seu acompanhante:

– Olhando daqui, o que vê, meu irmão?

– Luz, muita luz, Simão Beir.

– Consegue distinguir, em meio à luz, o caminho que trilhei?

– Sim. É um caminho todo luminoso.

– E ao lado dele, ou mesmo próximo, o que vê?

– A vastidão luminosa do infinito plano Divino onde os que até aqui chegam podem habitar. Mas por que essas indagações?

– Bem, quero ter certeza de que os meus olhos não estão me iludindo depois de terem me mostrado por tanto tempo sombras, penumbras e escuridões impenetráveis pela minha visão.

– Temes o que elas ocultavam?

– Não, agora não. Mas já as temi, meu irmão!

– Imagino que sim, Simão Beir. Mas teus olhos ocultam uma verdade ou mostram um enigma. Por quê?

– Não consegue ver além do que meus olhos mostram ou demonstram ocultar, meu irmão?

– Teus olhos são dois profundos mistérios, Simão Beir. Aos meus olhos eles são impenetráveis. Se bem que, se eu gostasse de mistérios ocultos, certamente n'Eles eu me aprofundaria para desvendar os mistérios que aparentemente ocultam.

– Imagino que sim. Mas sua dignidade impede que se lance nas dúvidas e incertezas que eles aparentemente ocultam, certo?

– É verdade Simão Beir. Eu vi um pouco do que realizaste em tão pouco tempo, e não me sinto no direito de penetrar nas razões que aparentemente o deixam incerto quanto à direção que deve seguir, agora que a parte sombria do seu caminho foi deixada para trás.

É um direito seu e não me sinto no direito de influir em suas razões, pois os que até aqui chegam não são movidos por razões pessoais.

– Quais são as razões dos que chegam até aqui, irmão?

– Não sabe quais são?

– Ainda que isso eu saiba, gostaria de ouvi-lo falar delas e sobre elas, irmão que habita na sabedoria da luz e na luz da sabedoria.

– Está certo, então eu lhe falarei, Simão Beir!

Observe que em seu caminho só haviam causas humanas, oriundas de razões humanas, certo?

– Isso mesmo.

– Mas se o trilhou com absoluta retidão, não foi por razões ou causas humanas, certo?

– Certo.

– Logo, o que o conduziu até aqui foram razões divinas que, por causa disso, tornam quem até aqui chegou num ser humano movido por razões divinas.

Então tem em si razões divinas que, por causa disso, o tornam um instrumento.

– Sim.

– Se você é um instrumento de causas divinas, então não me sinto apto a influir no caminho que deve seguir, pois a direção dele pertence às razões que até aqui o conduziram.

Razões divinas não são para serem discutidas mas tão somente para meditarmos.

– Tem razão, meu irmão. Não vou tomar mais do seu tão luminoso tempo e luminosa atenção, pois sei que muitos afazeres o aguardam, certo?

– Sim, isso é uma verdade. Mas como sabe disso?

– Dedução, meu irmão.

– O que o levou a essa dedução tão correta?

– O Arco-Íris Sagrado sobre tua cabeça.

– Você está vendo um arco-íris sobre minha cabeça?

– Sim.

– E o que ele tem a ver com meus deveres e obrigações?

– Você não sabe?

– Ainda que eu saiba, gostaria de ouvir de você quais são os deveres e obrigações de quem o possui sobre a cabeça, Simão Beir.

– Não tenho conhecimento profundo sobre tais coisas, irmão na luz. Mas imagino que muitos são os deveres e obrigações de quem o alcançou com dedicação integral às razões divinas que a todas as direções o conduziu, certo?

– Certo. Mas por que só agora me conta que tenho um Arco-Íris Sagrado sobre minha cabeça? Será porque só agora o está vendo?

– Não. Eu o vi desde nosso primeiro encontro.

– Por que só agora aborda tal assunto?

– Antes, outros assuntos me pareciam mais urgentes de serem abordados.

– Então sente-se vazio de assuntos urgentes neste momento, Simão Beir?

– Talvez, irmão. Talvez! – exclamou Simão abaixando os olhos que deixaram escapar, por meio de lágrimas, a imensa tristeza que pulsava e latejava no mais íntimo do seu ser imortal.

– É tão grande assim seu vazio, irmão Simão?

– Sim, é muito grande o meu vazio existencial, irmão de luz.

– Por que não o preenche com as alegrias da vida, colhidas à beira do seu caminho?

– Eu fui preenchendo-o com dores, angústias, mágoas, ódios, revoltas, blasfêmias, invejas, rancores, aflições, frustrações e muitas outras energias viciadas.

Agora, só há tristezas no meu vazio existencial!

– Trilhaste a direção certa, Simão. Mas sob um ângulo visual errado.

– Sim, é verdade. Eu vi a ausência da vida sob a ótica da morte.

Agora não consigo olhar a vida sob a ótica da vida.

– Então como vê tudo o que aqui se mostra aos seus olhos?

– Sob minha ótica, a da morte.

– Não o compreendo. E não estou faltando com a verdade ao dizer isso, Simão Beir.

– Acredito em suas palavras, irmão de luz. Não precisa se justificar para um ser igual a mim, que não consigo ver a vida com os olhos da vida por ter me habituado a vê-la com os olhos da morte – falou Simão, soluçando alto, pois não conteve mais a tristeza que já não conseguia conter.

– Imagino como deve ser imensa a sua tristeza, Simão Beir – disse o espírito de luz.

– Não, não imagina, meu irmão.

– Por que não?

– Não sabe nada sobre minha sede insaciável, nem sobre minha dor incurável, nem mesmo sobre minha angústia intratável ou minha mágoa inconsolável.

Que dirá então sobre minha tristeza inesgotável!

– Para tudo há uma explicação, irmão Simão – falou o espírito de luz, agora muito triste com o que via em Simão.

– O que carrego em minha alma torna meu espírito indigno desse lugar, onde tudo parece ter vida própria.

– Por que diz isso?

– Não percebe em si mesmo? – perguntou Simão, admirado.

– Não, não percebo, irmão Simão.

– Não percebe que minha presença o entristece e destoa de tudo o que aqui existe?

– Só estou triste, porque o vejo triste depois de ter tornado tantos seres infelizes em seres alegres.

Quanto a destoares de tudo o que aqui existe, não encontro razões que justifiquem essa sua afirmação.

– Duvido que não saiba que um meio reflete os que o compõem.

– Disso eu sei, Simão Beir.

– Pois eu não faço parte daqui, meu irmão. Aqui existe a paz, e eu não a possuo.

Aqui existe a luz, e ela não se faz presente em mim.

Aqui existe o equilíbrio, e eu estou desequilibrado.

Logo, eu não pertenço a este lugar.

– Mas talvez este lugar te pertença, Simão Beir.

Quem sabe, talvez tenhas conquistado com sua abnegação no serviço à vida, ainda que sob a ótica da morte, direitos sobre este lugar, que se é diferente daqueles que encontraste em sua jornada até aqui, no entanto não o é dos muitos que deixaste à beira do seu caminho.

– Não o compreendo, irmão de luz.

– Ora, não encontravas lugares escuros, sombrios, doloridos, etc., e os transformava em lugares luminosos?

– Sim. Mas logo que fazia o que neles havia de ser feito, voltavam à penumbra.

– Talvez isso se devesse à razão que o impelia para a frente.

– Talvez.

– Ou talvez eles se tornavam novamente escuros para que a sua luz continuasse a brilhar no meio da escuridão e assim iluminar os que haviam se afastado da luz.

– Não, isso não.

– Por que não?

– Ora, eu não possuo luz própria.

– Como não? Eu a vejo em você, apesar de tudo.

– A única luz que vê em mim é a do conhecimento, sustentou-me e deu forças para eu carregar até aqui os meus erros, falhas e pecados.

– Mas a sua luz é a luz do teu conhecimento.

– Não é a luz do meu conhecimento, meu irmão!

– Como não?

– Bem, eu me agarrei ao conhecimento como meio de vida.

Logo, ele não é natural, mas tão somente um meio que escolhi para alcançar o ponto de equilíbrio, do qual eu teria uma visão real do senhor nosso Deus.

Então eu me apropriei do conhecimento como meio para alcançar um fim. Mas agora percebo que já não adianta avançar nessa direção, pois me falta o conhecimento dos que olham a vida sob a ótica da vida.

– O que realmente vê nesse lugar, Simão Beir?

– Tudo o que não existe em mim.

– Como isso é possível?

– Eu não possuo vida própria, irmão na vida! – exclamou Simão Beir.

– Meu Pai! – exclamou, aflito, o espírito de luz. – Como nega tudo o que pregaste?

Por acaso não doava a vida aos que haviam se afastado dela?

– Não. Eu só lhes mostrava como encontrar o caminho dela. O resto, por uma indução lógica de minha parte, eles conseguiam.

– Sabe, eu já vi muitos que aqui chegaram trazerem em si dúvidas e mais dúvidas. Mas só em você eu estou vendo muito mais que dúvidas.

– Eu sei disso, irmão de luz.

– E não reage contra esses sentimentos?

– Não encontro razões para lutar contra a ausência de causas em minha vida.

– Por que não?

– Eu deixei para trás as causas de minha vida, meu irmão. Não compreende isso?

– E quais são as causas de sua vida, Simão Beir?

– Os que induzi a seguirem adiante para que eu, e só eu, chegasse a um lugar no fim do meu caminho onde havia um local de onde eu teria uma visão real do senhor nosso Deus. Eu fui egoísta, meu irmão!

– Meu Pai! Que está dizendo, irmão no remorso?

– O que ouviste, meu irmão. É hora de eu retornar, pois atingi o máximo que meu todo mental pode abrigar de erros, falhas e pecados cometidos aos olhos de Deus.

Eu não sou digno de viver nesse lugar, que tem vida própria.

– Mas não tem um caminho a seguir até encontrar o tal lugar a que sempre se referiu, e pelo qual se sustentou em meios os mais adversos possíveis ou suportáveis a um ser humano?

– Já não sinto vontade de alcançá-lo.

– Por que não?

– Minha visão a partir da morte, a partir de agora, só irá me mostrar o que em mim não existe.

– Eu não posso acreditar no que ouço.

– Então acredite no que os seus olhos podem ver, irmão da luz.

– O que meus olhos podem ver, querido e angustiado irmão?

– Isto, irmão! – exclamou Simão se despindo de repente e deixando à vista um corpo espiritual velho, cansado, ferido, chaguento e coberto de presas de serpentes desde o pescoço até as juntas dos pés. Somente seus pés, mãos e rosto haviam sido poupados e não sofreram alterações desde que iniciara sua longa jornada rumo ao seu ponto de equilíbrio.

O espanto do espírito de luz se fez visível aos olhos de Simão e este então pediu:

– Pode apanhar minhas vestes que caíram no chão?

– Pois não, meu irmão sofrido! – exclamou, atônito, o espírito à frente de Simão, abaixando-se e estendendo a mão na direção das vestes. Mas, ao segurá-las, não conseguiu movê-las do lugar e exclamou assustado: – Do que são feitas essas vestes, irmão Simão?

– Não sei. Mas por que perguntas?

– Eu não consigo tirá-las do lugar em que caíram!

Simão se virou, pois elas estavam atrás de si, e viu o esforço que ele fazia para levantá-las do solo brilhante sem no entanto conseguir.

Então ficou olhando para suas vestes por um longo tempo em silêncio para só então dizer:

– Sempre que precisei me despir, os que estavam próximos de mim as apanhavam com facilidade, a despeito de serem pesadas.

– Ao que atribui o fato de eu não conseguir movê-las do lugar, irmão Simão?

– Eu fui vestido pela morte, meu irmão.

– O que você disse?

– O que ouviste. Eu fui vestido pela morte para que assim ninguém visse a ausência da vida em meu corpo espiritual.

– Meu Pai! Então tudo o que ouvi de você sobre seu encontro com o Anjo da Morte não era só uma criação mental sua para justificar sua obsessão pela busca do tal lugar a que tão convictamente se refere?

– Sim, é tudo verdade. Estive com ele ou comigo ele esteve.

– És um ser humano ímpar, Simão Beir.

– Admiro-me em ouvir isso, irmão na luz.

– Por quê?

– Ora, não há nada de excepcional em mim para ser distinguido com o título de ímpar.

– Mas é o que és, e talvez disso não tenha consciência. Você não se pertence, Simão Beir!

– Como é? O que disse?

– O que ouviste, meu irmão.

– Mas nós, em verdade, não nos pertencemos, meu irmão. Somos todos componentes do rebanho do Criador.

– Sim, sim. Disso eu sei!

– Então?

– Ora, agora eu o compreendo. Sim, agora, e só agora, finalmente penetro no seu mistério.

– Qual é o meu mistério, meu irmão? – perguntou Simão curioso.

– É um mistério, meu irmão!

– Ora, e o que tem isso de mais.

– De um mistério não podemos falar.

– Como não?

– Não, não e não!

– Mas...

– Não insista, meu irmão – cortou o espírito de luz.

– Mas falei tanto dos mistérios da vida, da lei, do amor, da razão, do conhecimento e da sabedoria. Por que não pode falar do que viste em mim?

– De todos os mistérios que citaste, podemos falar. Mas nunca de um mistério Divino.

– Mas... eu não o compreendo, irmão na sabedoria da luz! – exclamou Simão, confuso. – Seja mais claro, por favor! – pediu aflito.

– Trazes em si a resposta às suas indagações irrespondíveis, meu irmão.

– Mas eu não as encontro em mim! Suas palavras mais ocultam que revelam. Por Deus, dê-me a direção do raciocínio para que, na meditação, eu possa conhecer a mim mesmo, meu irmão!

– Você jamais terá uma visão real de Deus, pois ela, ou está em você ou está ausente de você, meu irmão.

– Mais um enigma a ser decifrado?

– Não é um enigma.

– Então me digas o porquê de acreditar que sou um mistério?

– Não posso lhe dizer o que ainda desconhece.

– Quem então poderá me dizer algo sobre o que afirma tão convictamente?

– O teu Criador poderá dizer-lhe, meu irmão.

– Deus?

– Ele mesmo.

Simão ficou a meditar por muito tempo e então falou:

– Então nunca saberei nada sobre o que tão convictamente afirma, meu irmão.

– Por que não?

– Ora, se só Ele pode me esclarecer e se nunca poderei ter uma real visão d'Ele, então a resposta não existe, certo?

Após meditar um pouco, o espírito de luz falou:

– Tem razão, Simão Beir.

– Então eu sou o meu enigma, não?

– Isso mesmo, Simão Beir.

– Bem, ao menos agora, tenho no que pensar para não sentir o que sinto ser.

– O que sente, meu irmão?

– Dor, tristeza, mágoa, angústia, frustração e um imenso vazio ocupado por uma imensa tristeza.

– Por que não me fala dessas coisas, Simão Beir?

– Não creio que sejam coisas para serem ouvidas num lugar como este.

– O que tem esse lugar de especial?

– Nada. Mas ele não tem o que eu poderia dizer-lhe dessas coisas. Agora é melhor eu meu apressar em apanhar minhas vestes, pois logo teremos companhia e não quero chocar mais ninguém com a visão de meu corpo espiritual.

– Mas estamos a sós e eu estou procurando encontrar as causas de suas razões, meu irmão.

– Não estamos não. Ela se aproxima novamente.

– Ela?

– Sim, a bela e pura mulher que quis me levar para sua morada. Olhe, ela está vindo por detrás de suas costas.

O espírito de luz olhou para trás e falou:

– Eu não vejo ninguém, meu irmão.

– Mas eu a vejo, e não quero estar nu diante dela. Por favor, ajude-me a me abaixar para que eu possa apanhar minhas roupas e me vestir.

– Quem é ela?

– Não sei. Pensei que a conhecia!

– Mas eu não vejo ninguém além de você!

– Impossível!

– Por quê, se não a vejo?

– Ela já está tão próxima e eu ainda estou nu! – exclamou Simão, aflito. Então ele tentou se abaixar de uma só vez e ajoelhou-se abruptamente, emitindo um grito lancinante de dor e perdendo os sentidos. Quando voltou a si, viu-se num leito macio, todo coberto com um manto azul-celeste.

Olhou à volta e no cômodo em que estava não havia mais ninguém além dele. Também viu um jarro branco com flores que pareciam ter vida própria.

Tentou se levantar, mas sentiu dores em todo o corpo. Então chamou:

– Irmão de luz?

Como não obteve resposta, tornou a chamar:

– Irmão de luz, onde está e onde estou?

A porta, também branca, tal como as paredes do quarto, se abriu e uma jovem aparentando 20 anos adentrou e perguntou-lhe:

– Posso ajudá-lo em algo, meu irmão?

– Sim, irmã. Onde está o nosso irmão que me trouxe até aqui?

– Como estava demorando a recobrar sua consciência, ele foi atender ao chamado de outro irmão nosso.

– Compreendo!

– Mais alguma coisa?

– Sim. Onde estou?

– Num hospital.

Simão ficou olhando-a sem nada dizer. Então ela perguntou:

– Mais alguma coisa, irmão?

– Não, agora não!

– Se precisar de algo, chame-me, por favor!

– Como a chamo?

– Chame pelo meu nome. Maria é meu nome.

– Obrigado, Maria. Se precisar de algo, eu a chamarei.

– Então descanse, irmão. Mais tarde, os sábios virão cuidar do seu corpo.

– Cuidar de meu corpo?

– Sim. Deve ser muito incômodo ter tantas chagas e espinhos cravados nele, não?

– Incômodo? – perguntou Simão, para em seguida, ao perceber que ela nada sabia sobre ele, dizer:

– Tem razão, é muito incômodo mesmo.

– Bem, até mais tarde, irmão!

– Até, irmã. Obrigado por cuidar de mim!

– Disponha! – exclamou a moça sorrindo.

Quando se viu a sós, Simão se pôs a meditar sobre o que havia acontecido.

Ele viu uma jovem que flutuava ou pairava acima do solo. Também havia descoberto que suas vestes, ali naquele lugar e para os que ali habitavam, eram de um peso imenso.

Também havia perdido a consciência devido à sua tentativa de se cobrir ao ver a aproximação da jovem.

– "Por que senti vergonha dela, se nunca antes alimentei tal sentimento em relação à minha nudez ou à dos meus semelhantes?

Não foi só por causa de meu corpo espiritual, isso eu sei!"

E Simão ficou a meditar sobre as possíveis causas de sua vergonha. Ainda meditava quando um grupo de espíritos, sérios e compenetrados, adentrou no seu quarto e ficou a observá-lo depois de descobrir seu corpo.

Nada comentavam, mas Simão sabia que entre eles um olhar dizia muito mais que muitas palavras.

E foi com um olhar que aquele que parecia o líder deles pediu um instrumento parecido com uma pinça.

Já com ela na mão direita, guiou-a na direção de uma das presas fincadas no corpo de Simão. Depois de cuidadosamente prender a presa nela, deu um puxão, retirando-a do corpo dele. Um grito lancinante de dor foi emitido quando ela foi retirada e, mais uma, vez Simão perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, a jovem enfermeira estava ao seu lado e, com um pano branco manchado de uma cor indefinível, estancava um líquido que corria do pequeno orifício onde antes estava cravada a presa.

Simão também sentiu que seu leito estava úmido e viu um monte de panos iguais ao que a jovem segurava, todos encharcados do líquido que vertia de seu corpo. Então perguntou:

– Maria, onde está o irmão de luz que me trouxe?

– Do outro lado daquela porta, irmão Simão.

– Chame-o, por favor.

– Pois não.

A jovem foi até a porta e saiu do quarto, para logo voltar acompanhada não só do irmão de luz, como Simão o chamava, mas de todo o grupo que ele já conhecia.

– Salve, Simão Beir! – saudou-o o irmão de luz.

– Olá, meu irmão. Onde estou?

– Num hospital.

– Meu caso não é para a medicina, meu irmão.

– Por que não?

– A medicina é só um meio. Portanto não pode curar as chagas de um fim em si mesmo.

– Como assim?

– Não percebe que o que tenho em meu corpo espiritual são acúmulos imensos de energias que não tinham outras razões de ser senão o das viciações dos seres?

– Jamais vi algo parecido com o seu caso! – exclamou um dos homens sisudos.

– Já estudou-me a fundo, meu irmão? – perguntou Simão ao homem.

– Não me é possível ir além do que vejo, nosso irmão. Tinha presa de serpente e, do local onde ela estava, agora verte veneno puro.

Como entender isso à luz da razão?

– Não poderá entender isso sob a luz da razão, meu irmão.

– Por que não?

– Bem, não foi sob a luz da razão que recolhi em meu corpo espiritual essas presas, assim como o veneno acumulado nos sentidos dos possuidores delas.

– Sob que luz isso foi realizado, irmão Simão? – perguntou outro dos sábios.

– Foi sob a luz da vida e do amor, meu irmão.

– Podia explicar isso para nós? – perguntou outro sábio.

– Com prazer, meus irmãos!

Observem que o que veem cravado em meu corpo não são em verdade presas de serpentes, mas tão somente uma das aparências do ódio. E o que veem correr desse orifício nada mais é que ódio líquido.

– Mas por que não para de verter esse ódio líquido, irmão Simão?

– Bem, os senhores conhecem a comparação feita pelo Anjo da Morte quando me falou sobre os Universos paralelos, negativos ou positivos, que abrigamos no nosso todo mental?

– Não – responderam em uníssono o grupo de sábios. – Fale-nos sobre isso, irmão Simão – pediram eles.

– Bem...

E Simão mais uma vez repetiu o que aprendera sobre os Universos paralelos que abrigamos em nosso todo mental. Quando terminou, o espírito que ele chamava de irmão de luz perguntou:

– Então como explicar que esse veneno verta por seu corpo espiritual e não por seu mental, irão Simão?

– Talvez isso não lhes seja compreensível, mas desde que, às minhas costas, se posicionou o Anjo da Morte, eu sou só uma vontade, nada mais. Sou a vontade de ver Deus por meio de todos os meus sentidos, nada mais.

– Como explicar isso sob a luz da vida?

– Isso não pode ser explicado sob essa luz, meus irmãos.

Só sob a luz da razão isso se explica, pois foi só por uma razão que dei meu primeiro passo na única direção que me restava.

– Qual foi essa razão, Simão Beir? – perguntou o irmão de luz.

– Essa razão era a de que eu não podia voltar ou recuar.

– Sim, mas que razão era essa? – insistiu o irmão de luz.

– Essa razão era a própria morte em si mesmo, meu irmão!

– Não o compreendi, Simão Beir.

– Ora, meu irmão! Por acaso, atrás de mim não estava o Anjo da Morte?

– Sim, foi isso que ouvi de você.

– Pois então, a mim só restou absorver as visões que eu tinha da morte ao vê-la nos meus irmãos caídos no meu caminho.

– Como conseguiu absorver tantas visões e ainda continuar a caminhar?

– Eu as absorvia e acumulava nos meus próprios Universos paralelos positivos, pois se tanto podem ser do tamanho de um grão de areia quanto de um planeta, então eu recolhia as energias negativas acumuladas no todo mental dos meus irmãos caídos nos meus Universos paralelos positivos, que tanto podem ser do tamanho de um homem quanto do tamanho de Deus.

E eu sempre os imaginei e alimentei com a ideia de que eram do tamanho do Criador.

Logo, eu pude recolher em mim tantos ódios, dores, mágoas, angústias, frustrações, etc., sem perder o sentido da razão que me impulsionava, e que era a minha própria morte posicionada atrás de mim.

– Interessante sua teoria sobre os Universos paralelos, irmão Simão – observou um dos sábios.

– Estude-os e verá que são uma verdade, irmão sábio. Não são só teorias as energias existentes tanto no amor quanto no ódio. Não são passíveis de ser mensuradas em fracas, médias ou intensas com os meios que temos à disposição.

Meditem, irmãos.

– O que o sustentou, amparou e o conduziu até aqui? – perguntou outro sábio.

– O conhecimento.

– Insinua que só o conhecimento sustentou, amparou e conduziu-o quando qualquer outro teria sucumbido com tão elevada carga de energias negativas?

– Sim. O conhecimento puro me dizia que, na verdade, por trás dessa aparência negativa em meu corpo espiritual só existem ilusões.

Logo, carregar uma ilusão a mais ou a menos pouco importa para alguém que se negava a se entregar às ilusões que, se a vida nos nega, é porque não quer nos ver iludidos.

– Essa é uma frase para muitas meditações, Simão Beir! – exclamou o irmão de luz.

– Sim, é verdade. Nela há motivos para meditar por toda a sua vida.

– Mais uma frase interessante, irmão Simão!

– Bem, eu gostaria de voltar até onde estão minhas vestes, irmão de luz. Lá está o meu cajado que direcionou até aqui toda a minha vida vivida no meio da ausência dela.

– Enquanto fala, você lança chaves para meditação, irmão Simão! – exclamou um dos sábios.

– Chaves!

– O que disse, irmão Simão? – perguntou o irmão de luz.

– Chaves. Eu disse chaves, meu irmão! Agora quero recolher minhas vestes, pois nelas estão a minha chave.

– Como queira, irmão Simão – assentiu o irmão de luz. – Pode volitar?

– Não.

– Por que não, se essa é uma das faculdades do espírito humano?

– O Anjo da Morte retirou do meu espírito imortal essa faculdade.

– Por quê?

– Não sei ao certo, mas talvez tenha sido para impedir que eu me afastasse do meu próprio caminho. Enfim, ele teve suas razões para tirar-me dessa faculdade.

– Então eu o levo até onde estão suas vestes, Simão Beir – falou o irmão de luz. – Dê-me suas mãos que, num piscar de olhos, estaremos lá.

Simão estendeu as mãos, mas não foi o que aconteceu, pois só o irmão de luz foi voltando logo a seguir. E, confuso, perguntou:

– O que houve? Por que não me acompanhou até onde estão suas vestes?

– Não sei, pois jamais volitei, meu irmão!

– Mas eu o trouxe tão facilmente até aqui e agora não consigo levá-lo até onde o recolhi.

– Podia buscar meu cajado?

– Vou até onde ele está. Espero que não pese tanto quanto suas vestes, Simão Beir.

– Faça isso, por favor!

Assim que o irmão de luz volitou, Simão perguntou ao sábio que havia retirado a presa do seu corpo:

– Podia buscar a presa que retirou do meu corpo?

– Num instante a trarei, irmão Simão – afirmou ele, saindo do quarto para buscá-la. Quando voltou trazendo-a numa bandeja, o irmão de luz já estava de volta com o cajado e dizia:

– O estranho é que ele é tão leve quanto qualquer outro objeto parecido que aqui existe!

– Mais um motivo para meditar, meu irmão – falou Simão. – Agora é hora de estancar essa saída do ódio líquido que transborda do Universo paralelo negativo que abrigo num lugar qualquer do meu Universo de energias positivas.

– Como fará isso? – perguntou outros dos sábios.

– Assim, meu irmão! – e Simão estendeu a mão até a bandeja com a presa e a apanhou. Ainda a olhou por um instante antes de enfiá-la no orifício por onde o líquido de cor indefinível corria. Então emitiu um gemido ao empurrá-lo para dentro do próprio corpo. Lágrimas silenciosas verteram dos seus olhos, tristes diante da impossibilidade de se livrar do "incômodo" das presas em seu corpo espiritual.

Mas a sua resignação era maior que tal incômodo. Então se cobriu com o manto azul que cobrira seu corpo quando estivera inconsciente e perguntou:

– Estamos muito longe de onde estão minhas vestes, irmão de luz?

– Sim e não, irmão Simão! – exclamou ele.

– Explique isso, meu irmão – pediu Simão.

– Tanto poderemos demorar um piscar de olhos para chegar como também poderemos demorar uma eternidade

– Usa uma linguagem igual à que uso sobre os Universos paralelos. Por quê?

– Bem, aqui não medimos a distância como no meio carnal, pois, em verdade, distância alguma aqui existe. Aqui a distância não conta ou é contada.

Compreende isso, Simão Beir?

– Sim, compreendo.

– Ótimo! Vou conduzi-lo até onde estão suas vestes, irmão no conhecimento. Por favor, acompanhe-me.

– Não tem pressa, não é mesmo? – perguntou Simão com um tênue sorriso nos lábios ressequidos.

– Não, não tenho pressa, meu irmão no conhecimento.

– Ótimo, pois meus passos são lentos, angustiantes mesmo, para quem está com pressa de chegar a algum lugar.

– Tal como o domínio do conhecimento para os que têm pressa em aprender, não?

– Sim, isso mesmo! – exclamou Simão se despedindo dos sábios que o olhavam como que a estudá-los.

Quando saiu do quarto, sua visão se extasiou com o que viu: um imenso saguão todo decorado com belíssimas flores, que pareciam ter vida própria, e muitos espíritos luminosos a se moverem nos seus afazeres.

Simão cobriu também a cabeça com o manto e acompanhou o irmão de luz rumo à saída do hospital.

E mais extasiado ficou quando viu as habitações que haviam à volta e em todas as direções do hospital. Mas nada comentou.

Quando finalmente as residências, que pareciam ter vida própria, ficaram para trás e só o campo florido havia à frente, ele perguntou ao irmão de luz:

– É nessa direção que minhas vestes estão.

– Sim, irmão no conhecimento. Se traçarmos uma linha reta imaginária, ela está bem à nossa frente.

– Ótimo, então chegarei sozinho até onde elas estão, meu irmão.

– Insinuas que eu devo deixá-lo sozinho até que as encontre?

– Não insinuo nada, meu irmão. Apenas lhe digo que poderei chegar até elas sem desviá-lo dos seus afazeres e obrigações, que certamente consomem boa parte de sua vida, não?

– Nem tanto assim, irmão Simão!

– Mas tem seus afazeres, não?

– Sim, eu os tenho.

– Então vá cuidar de sua vida, pois não quero ser um entrave aos seus afazeres.

– Mas...

– Além do mais, não posso volitar e assim, caso queira ver como estou indo, num piscar de olhos estará junto de mim, não? – falou Simão piscando um olho maliciosamente.

– És imprevisível e ao mesmo tempo desconcertante, irmão Simão!

– Eu sou um mistério, meu irmão! – exclamou Simão, sorrindo tenuamente. – Ou não foi isso que me afirmaste?

– Tem razão!

– Então, até a vista, irmão de luz e na luz!

– Até, Simão Beir.

Simão, apoiando-se em seu cajado, caminhou na direção indicada e deixou o seu irmão de luz para trás, que fixou a segui-lo com os olhos até que a distância entre ambos já não podia ser coberta pela visão.

Por muito tempo, num lugar em que o tempo não conta, Simão caminhou. Observava a vastidão do campo luminoso à sua volta e também meditava sobre sua vida nos vastos campos do Senhor, e sempre chegava às mesmas conclusões, que eram as de que chegara ao fim do caminho escolhido quando estivera com o Anjo da Morte.

– E ainda não encontrei o Anjo da Vida! – exclamava para si próprio, como a questionar seu vasto conhecimento acumulado desde o momento em que o Anjo da Morte, havia se mostrado.

– Quanto já não caminhei nessa vida, meu Senhor? Será que sou um desses eternos caminhantes que erram pela eternidade à sua procura?

Ou será que sou um eterno errante?

Quantas vidas já terei deixado para traz, esperando encontrá-Lo logo mais adiante?

Em verdade, quem eu sou, meu Senhor?

Se por ventura sou o que penso ser, o que sinto ser ou o que imagino ser?

Ou será que nada disso sou e nada mais sou além do que deseja que eu seja?

Quem eu sou, meu Senhor?

– Como eu gostaria de conhecer a mim mesmo em meio à sua vastidão, impossível de ser conhecida por inteiro por esta parte sua, meu Senhor!

Talvez, em vez de ter meditado tanto e por tanto tempo sobre Ti, Tuas vontades e razões, eu deveria ter meditado sobre mim mesmo.

Sim, talvez eu devesse meditar sobre mim mesmo, meus desejos não realizados e minhas vontades difíceis de serem realizadas. Pois só assim eu conciliaria minhas dúvidas existenciais com Tuas vontades, que certamente residem em mim.

E Simão viu a distância, e, mais à direita da direção que seguia, uma frondosa árvore frutífera que parecia irradiar uma luz própria. Parou de caminhar e ficou a observá-la por um longo tempo. Por fim, falou para si mesmo:

– Por que não, Simão Beir? O que, em verdade, te impede de ir até ela? Seria o tempo? Mas não é verdade que aqui o tempo não conta mais?

Ou será que irá negar a si mesmo um tão pequeno desejo, que é o de ver de perto a beleza de uma árvore solitária?

Certamente Ele não o privaria da realização de tão pequeno desejo, não?

Então o que espera para ir até perto dela, se está tão próxima?

Mas, e se desviar da direção que agora está, não chegará onde suas vestes o aguardam para que volte a vesti-la aos olhos do teu Criador e siga um caminho que, em verdade, por Ele te foi indicado.

Dúvidas, dúvidas e dúvidas!

Eis por inteiro um Simão Beir que, a despeito do seu vasto conhecimento, não sabe se deve realizar um pequeno desejo ou seguir em frente, segundo sua vontade!

– Homem, seu nome é dúvidas! – exclamou ele triste. – E na dúvida, medite, senão irá dar oportunidade para que um pequeno desejo se transforme numa forte razão para se sentir infeliz diante do seu próprio caminho a ser trilhado!

E Simão, a despeito da dor que tal posição lhe causava, se sentou na sua posição preferida, em frente à direção que devia seguir e, abraçado ao seu cajado, se pôs a meditar sobre suas dúvidas diante de tão pequeno desejo.

Meditou, meditou e meditou. Mas por fim nada falou para si mesmo, como era seu costume, pois desta vez duas lágrimas solitárias correram por suas ressequidas faces e ficaram paradas em duas covas que haviam em seu rosto enrugado.

Com o rosto recostado no cajado, ficou a fitar com tristeza a linha imaginária que o conduziria até onde estavam suas vestes. E por muito tempo ele não viu nada além de uma linha imaginária a limitar suas vontades e seus desejos não realizados, ainda que fossem pequenos.

Como, diante da dúvida, não se movia, continuou ali, sentado na sua posição referida, que consistia em sentar com as pernas cruzadas e apoiar-se no cajado fincado entre elas, com o rosto apoiado nele.

Talvez dali não saísse tão cedo caso uma imagem difusa no horizonte não começasse a se fazer visível aos seus olhos cansados e tristes.

Pouco a pouco, a imagem foi se definindo e ele a viu mais uma vez. Era a mulher que o havia convidado várias vezes para ir habitar na morada dela. E trazia algo nos braços. Ele não desviou os olhos dela.

E, como das outras vezes, ela vinha em sua direção flutuando acima do solo luminoso. Então ele viu que ela trazia num dos braços as suas vestes. E viu que, para ela, aquelas vestes não pesavam, pois um delicado e luminoso braço as sustentavam sem o mínimo esforço.

Ela parou diante dele e estendeu o braço, oferecendo-lhe as vestes, com as quais ele se sentia confortavelmente vestido.

Simão estendeu uma mão para apanhá-las e viu um ricto de dor estampar-se no delicado rosto dela ao ver seu braço. Rapidamente recolheu a mão e cobriu o braço com o manto azul, como que se não desejasse magoá-la com sua aparência toda deformada. Também abaixou os olhos para não fitá-la diretamente. Então ela perguntou:

– Por que se oculta de mim, meu Simão?

E Simão foi franco na resposta ao dizer-lhe:

– Não quero macular sua beleza e pureza com minha aparência, indigna aos seus doces olhos e meigo olhar, minha irmã.

– O que é ser indigno aos meus olhos, meu Simão?

– Acredito que ser como sou, indigno aos seus olhos, luz dos meus olhos.

– Tal julgamento não me pertence. Ou será que me nega esse direito, que é o de julgar o que para mim é ou não digno? – perguntou ela, magoada.

– Perdoe-me, se minhas palavras, tal como minha aparência, a magoam, irmã luminosa. Você é sensibilidade pura aos meus olhos.

– Não se preocupe comigo, meu Simão.

Agora me diga: por que deixou suas vestes junto àquela pedra?

– Não foi por minha vontade que ela foi deixada. Mas eu estava indo ao encontro dela, luz que flutua aos meus olhos.

– Eu voltei várias vezes para vê-lo e só encontrava suas vestes.

– Bem, não creio que a causa de elas terem ficado sem mim por algum tempo mereça ser relatada.

– Por que não?

– Ora, foi por um descuido meu que elas ficaram sem mim junto àquela pedra, luz dos meus olhos. Pode deixá-las aqui que, após sua partida, eu as vestirei, minha irmã.

– Não quer que eu cubra o seu corpo com elas?

– Prefiro eu mesmo vesti-la quando estiver a sós.

– Por quê?

– Bem, sinto vergonha de minha aparência, beleza da luz.

– Por acaso és tão desagradável de ser visto quanto se julga?

–Talvez mais, minha irmã.

– Não creio que seja tão desagradável de ser visto, meu Simão.

– Bem, esse julgamento pertence a mim, não?

– Não vim aqui para discutir direitos, meu Simão.

– Desculpe-me, irmã luminosa Creio que estou sendo desagradável em todos os sentidos, não?

– Não se preocupe com isso, pois, se vim até aqui, foi para trazer-lhe suas vestes. Por que se deteve aqui por tanto tempo?

– É um hábito meu. Quando em dúvida, prefiro parar e aguardar que a decisão correta surja aos meus olhos.

– Então a decisão a ser seguida está demorando, não?

– Por que pensa que esteja demorando?

– Já faz muito tempo que está aqui, não?

– Sim, ainda que para mim o tempo já não conte mais.

– Por que o tempo já não conta mais para você?

– Talvez seja porque eu já não conte mais para ele.

– Fala como alguém sem uma direção na vida, Simão.

– É assim que me sinto, irmã.

– Por que se deteve aqui?

– Já lhe disse. Foi por causa de dúvidas.

– E o que lhe causou dúvidas?

– É tão insignificante o motivo delas que não creio que mereça ser comentado.

– Não pode deixar que eu decida depois de ouvi-lo?

– Por quê?

– Não creio que o que o deteve aqui seja insignificante.

– O que me deteve foi um pequeno desejo, irmã que flutua diante dos meus olhos.

– O fato de eu flutuar o incomoda?

– Não. Mas desperta minha admiração e aguça minha curiosidade, pois seu pairar acima do solo é tão natural que aos meus olhos se torna incompreensível.

– Então vou me abaixar para que eu não seja motivo de admiração ou curiosidade, Simão

– Não altere seu modo de ser por causa de um velho como eu, que lhe causa mágoa e consternação. Eu não sou digno dessas coisas, pois o que pareço ser, em verdade sou, pois muitas vezes já fui.

– Como és rígido no julgamento que fazes de si, Simão Beir!

– Só julgo o que vejo em mim, nada mais.

– Pois creio que é muito severo no juízo que faz acerca de sua aparência, Simão Beir.

– Bem, não falemos de algo tão sem importância quanto essa minha aparência, irmã luminosa.

– Do que falaremos então, se não quer falar nem de sua aparência nem do motivo de suas dúvidas?

– Penso que só a visão de ti me satisfaz, irmã da luz.

– Conforma-se com tão pouco, meu Simão?

– Não me parece que seja tão pouco.

– Então o que sou para você, Simão Beir?

– És uma luz que tem vida própria, minha irmã!

– O que isso significa?

– O oposto do que sou.

– E o que você é, Simão Beir?

– Eu sou uma vida sem luz própria.

– Então de onde provém essa sua luz?

– Se eu tivesse, creio que ela proviria do conhecimento, do qual me servi para chegar até aqui. Mas, quando já não posso me servir d'Ele, fico me sentindo como se não tivesse vida própria.

– Está se anulando pensando assim.

– Não sabe porquê estou me sentindo assim?

– Não.

– Então acho melhor eu me vestir e seguir meu caminho.

– Só porque eu disse que não sabia porque se sente assim?

– Isso mesmo. Vou retomar meu caminho até aquela pedra, pois a partir dali encontrarei a mim mesmo.

– O que existe de tão importante para você naquela pedra?

– Nela nada existe. Mas a tenho como ponto de referência em meu caminho. Ela é um marco do local onde perdi a noção da direção que deveria seguir.

– Mas, na luz desse lugar, todas as direções são um caminho, meu Simão.

– Eu não pertenço a este lugar, minha irmã.

– A que lugar você pertence, Simão Beir?

– A lugar nenhum, pois sou só um caminhante a vagar numa noite longa e escura.

– Como pode dizer coisa tão insensata, Simão?

– Eu, desde que cheguei aqui, ainda não encontrei a alegria que há neste lugar. Então, depois de muito meditar, cheguei à conclusão de que isso se deve ao longo tempo que caminhei na escuridão.

Quanto mais permaneço aqui, mais triste me sinto!

– Como você é diferente dos que chegam até aqui! Saiba que os que alcançam este lugar se inundam de alegria e vida.

– Pois comigo está acontecendo o contrário. Eu não estou encontrando razões para permanecer aqui.

– Onde estão suas razões de viver, Simão Beir?

– Eu as deixei para trás, irmã! Sim, eu deixei que elas se fossem lá, à beira do caminho que trilhei, e que até aqui me conduziu.

– Não gostaria de ir a um lugar onde encontrará muitas razões de viver?

– Onde fica esse lugar?

– É onde tenho minha morada, meu Simão.

– Mais uma vez me convida a segui-la até sua morada.

– Sim, mais uma vez!

– Não percebe que não posso acompanhá-la?

– Por que não?

– Eu ainda não encontrei a mim mesmo e muito menos a que lugar pertenço. Só quando eu tiver encontrado, então poderei optar, pois terei uma morada minha como referência de mim mesmo.

– Bem, então vou deixa-lo mais uma vez, pois tenho de retornar à minha morada.

– Sou-lhe grato por tentar me ajudar, e também por trazer até aqui minhas vestes, irmã que mora na luz e que tem vida própria.

E mais uma vez Simão viu, enquanto ela se afastava flutuando, lágrimas nos seus olhos. Quando ela desapareceu, ele se vestiu com suas vestes tradicionais e a muito custo se levantou. Então mirou a direção que o conduziria até onde a pedra estava e estendeu o manto azul, como uma seta a indicar para onde deveria ir.

Mas não foi por aquela direção que seguiu, e sim caminhou com passos lentos rumo à árvore que atraíra sua atenção por sua beleza. Quando se aproximou, viu a mais linda das árvores frutíferas possível de existir, mesmo num lugar luminoso como aquele.

Como pareciam deliciosos os frutos que pendiam dos seus galhos carregadíssimos! Mas como estavam a uma altura impossível de ser alcançada por ele, então falou para si mesmo:

– Eis a resposta às suas meditações, Simão tolo!

A realização de um pequeno desejo sempre cria condições para o surgimento de um desejo maior.

Agora que vi de perto essa árvore, desejo provar dos seus frutos!

Anjo da Morte, como fostes correto ao me dizer que nada muda no Universo! Apenas mudam as coisas em questão, pois na essência, tudo é a repetição de um mesmo processo.

Sim, tal como aconteceu comigo em relação a esta árvore, acontece com os seres humanos quando veem numa mulher ou num homem uma beleza incomum. Primeiro querem admirar de perto. Depois, desejam saborear o prazer da companhia.

Em verdade, tudo pode ser transposto da natureza vegetal para a humana e vice-versa, sem que se perca a essência do princípio transposto.

E como essa é uma verdade absoluta, então vou tomar outro rumo, pois só assim não tornarei a encontrar a bela e encantadora irmã que vive na luz da vida.

Simão Beir caminhou, caminhou e caminhou. Tanto caminhou que se sentiu cansado ao extremo e sentiu vontade de parar.

Mas mesmo assim continuou a caminhar, pois queria se afastar o máximo possível de onde deixara o manto azul a indicar a direção que deveria seguir para chegar até a pedra.

E seus pés começaram a doer, coisa que antes nunca havia acontecido. E mais tarde caíram feridas por todos os lados dos seus pés. Mas ainda assim ele insistia em caminhar, pois queria alcançar o limiar daquele lugar que parecia não terminar nunca.

Depois de muito tempo caminhando num lugar onde o tempo não contava, encontrou o que procurava. Era o tão ansiado limiar. E, quando se aproximou dele, viu como a luz diminuía sua intensidade e a penumbra se iniciava. Então viu um tronco seco caído e foi até ele. Ali chegando, cuidadosamente se sentou e n'Ele se recostou.

Então retirou suas sandálias e viu os pés em carne viva, cheios de feridas. Como doíam os seus pés outrora incansáveis!

Simão ficou a observá-los enquanto fios de lágrimas corriam dos seus olhos, que também doíam. E quando olhou para suas mãos, viu que o ardor que sentia de tanto se amparar no cajado, em feridas havia se tornado. As outrora ressequidas palmas das mãos agora estavam cheias de bolhas ardentes.

Então ele não mais conteve a sua tristeza, a muito custo contida, e deu vazão a ela por meio do seu mais dolorido pranto.

Simão Beir chorou, chorou e chorou!

E no tronco ressequido recostou seu rosto, também ressequido, e continuou a derramar sua lágrimas, oriundas de sua imensa tristeza. Mas agora as vertia no silêncio, só interrompido por esparsos soluços.

Ele ficou ali por tanto tempo que até a noção de tempo deixou de ter. Como sentiu o rosto doer depois de muito tempo recostado ao tronco seco, amontoou um pouco de areia e, retirando seu manto e dobrando-o, deitou-se e aconchegou a cabeça no travesseiro improvisado.

Abraçou seu inseparável cajado e continuou a chorar sua tristeza em silêncio. Viu como suas lágrimas corriam pelo monte de areia e formavam uma poça, que derramava um filete que seguia as depressões no solo arenoso, como se formassem um pequeno e delicado rio. Então se lembrou de como sentira uma alegria interior ao ver que elas curavam as chagas dos que eram banhados por elas.

E também se lembrou de como elas deram origem a uma fonte, que formou um riacho.

Então sua mente deixou de pensar e, devido ao cansaço, adormeceu. Mas nem assim seus olhos deixaram de verter dois filetes de lágrimas de tristeza.

Por quanto tempo dormiu, não saberia nunca. Mas acordou sentindo um macio tecido enxugando seus doloridos olhos. Abriu-os mas não viu quem secava as lágrimas que corriam incessantemente. Então perguntou:

– Quem está a secar minhas lágrimas de tristeza?

– Respondo com outra pergunta: – por que fugiste de mim?

– És tu, irmã que habita na luz da vida?

– Não me reconhece, meu Simão?

– Já não enxergo mais nada, minha irmã.

– Não respondeste à minha pergunta, Simão Beir – falou ela com voz firme.

– Que importa isso agora se nada mais importa para mim – falou ele, soluçando.

– Já que não me revela nada do que de mim não deveria ocultar, então ao menos me diga para onde tentava ir.

– Eu queria fugir do lugar que fazia com que minha tristeza se tornasse quase insuportável. E logo ali adiante está o único lugar onde consigo mantê-la sob controle no meu emocional.

– Nas trevas?

– Sim, nelas.

– Mas por quê?

– Em meio às trevas, muitos são os tristes que ocultam nelas suas tristezas. Logo, como em meio à tristeza, tristeza maior ou menor não existe,

pois tristeza tudo é, então nelas, as trevas, eu só seria mais um ser humano triste e nada mais.

Além do mais, em meio às trevas, um triste não incomoda a ninguém que nelas habita, nelas não existe alegria.

– Suas palavras me entristecem, meu Simão.

– Foi por isso que fugi de você, irmã. Eu não queria dividir minha tristeza contigo, assim como com mais ninguém, pois só a mim elas pertencem.

– Por que acumula tantas tristezas em seu ser imortal?

– Talvez seja melhor eu não falar delas, pois são só minhas essas tristezas.

– Já se esqueceu de quantos ajudou ao ouvi-los falarem das suas mágoas, tristezas, revoltas, angústias, frustrações e muitas outras coisas que anulavam neles os sentidos da vida?

– Não, não me esqueci, pois uma das causas de minha tristeza é a de não estar com eles agora. Como me sinto triste por não tê-los comigo, minha irmã.

– O que realmente eles representam em sua vida?

– Tudo.

– O que é esse tudo, se os encaminhou para a luz e continuou sua caminhada em busca de um lugar onde havia um local, e no qual havia um ponto de equilíbrio do qual teria uma visão real de Deus?

– Só posso responder-lhe caso eu comece pelo final de sua pergunta, minha irmã.

– Pois então faça-o, meu Simão!

– Está bem! Saiba que um dia, não importa que dia tenha sido esse, o Anjo da Morte me ordenou: "Siga sempre em frente, sem nunca se desviar para a esquerda ou a direita. E também não retroceda, pois atrás de você só a morte estará!". E também me disse: "No final do seu caminho encontrarás um lugar donde terá uma visão real do Senhor! E encontrará no final dele o Anjo da Vida".

Pois quando cheguei a este lugar luminoso, que tem vida própria, todos os meus sentidos fraquejaram, pois cheguei a ele sozinho, magoado, ferido, cansado, angustiado, frustrado, vazio e trazendo uma tristeza tão grande, mas tão grande, que se eu der vazão total a ela, inundarei este lugar com minhas lágrimas.

– Por que não me fala de todas essas coisas negativas que tanto o incomodam?

– Elas estão na minha visão, minha irmã!

– Que visão?

– A visão humana que possuo e jamais deixarei de possuir, pois eu sou humano.

– Fale-me então da sua visão humana, meu Simão.

– Está certo. Falarei já que desejas ouvir-me.

Possuo uma visão humana de tudo o que vejo e dela não posso dissociar as razões humanas que conduzem um ser humano ao acúmulo de todas essas pulsações negativas que agora possuo.

Vi seres humanos morrerem e matarem por causa de seus amores, conhecimentos, leis, razões, fé e vidas.

Também vi que em verdade eles não erravam por causa dos princípios, mas sim por causa dos meios em que viviam, e nos quais desde a mais tenra idade eram formados e por eles eram envolvidos e absorvidos.

Não matavam por causa do conhecimento, mas sim pela ignorância do princípio do conhecimento.

Não matavam por causa do amor, mas sim por desconhecerem o principal princípio do amor.

E também não matavam por causa da lei ou por ela morriam, mas sim porque desconheciam o principal princípio da lei.

E em todos os sentidos, não matavam ou morriam por conhecê-los e vivê-los, mas sim por não saberem distinguir os princípios das razões de viverem.

E se tudo isso eu vi com meus olhos humanos, também não vi naqueles, que todos considerariam os mais cruéis ou os maiores pecadores, ninguém além de alguém igual a mim, em todos os sentidos.

Então eu clamei a Deus que transferisse para mim as dores, mágoas, angústias, frustrações, ódios e tristezas deles, pois só assim, sentindo-as em mim, eu poderia anulá-las neles e devolvê-los, como seres humanos que são, à vida humana.

Como Simão se calou e começou a chorar compulsivamente, ela procurou consolá-lo:

– Fizeste algo que só os que são movidos por uma vontade divina ousam fazer, meu Simão. Não precisa chorar por ter feito isso!

Após acalmar seu pranto Simão continuou:

– Mas, a despeito de ter suportado tudo depois de ter sido absorvido, agora me sinto vazio, pois cheguei sozinho e solitário a um lugar onde os que nele habitam não sentem o que sinto e não se sentem como me sinto.

– Como se sente, meu Simão?

– Dolorido por causa das chagas em meu corpo e também pelas presas de ódio cravadas em meu corpo.

Magoado por ter visto em mim os mesmos erros, falhas e pecados dos meus irmãos e, ainda assim, ter sido obrigado a sufocar meu clamor para acudir os deles.

Frustrado por ter visto tantos caídos por tentarem viver, quando eu gostaria de ter vivido em harmonia.

Odiando intensamente meus erros, falhas e pecados, pois só assim eu poderia anular os ódios que os aniquilavam como seres humanos que eram. Eu sacrifiquei meu ódio no altar do ódio deles.

Eu anulei meu corpo espiritual para eles receberem de volta em seus espíritos, e agora sinto vontade de ter um corpo humano de volta em mim.

Eu me sinto frustrado, pois não vivenciei nem os pequenos, nem os meus grandes desejos.

Foi por isso que não aceitei os seus convites para habitar na sua morada, minha irmã.

Eu sou o grito prestes a ser emitido pelo ser humano que está prestes a explodir em meio às contradições, porque traz em si razões divinas e razões humanas, complementares entre si e no entanto tão contraditórias em função do meio em que é formado o ser humano.

– Não se perdoa por nada que possa ter cometido de errado?

– Não só por isso, como pelo que ousei não cometer.

– O que não ousaste, meu Simão?

– Não ousei adotar como meus filhos aqueles que me amavam como um pai depois de elevá-los de suas quedas. Por não ter mantido junto de mim os que me amavam com um irmão de verdade.

E não ter tido meios de amar, como mulheres que eram, aquelas que, após eu levantá-las, também sentia por elas o amor que o homem sente pela mulher.

Como eu gostaria de ao menos uma vez nessa minha longa jornada ter sentido o prazer desse tipo de amor!

Como eu me anulei para não me entregar ao que eu mais desejava.

Então agora eu sou um ser magoado porque tenho pleno conhecimento dos meus erros, falhas e pecados encontrados à beira do meu caminho.

Estou ferido, pois ousei clamar para mim algo que só o Pai pode absorver sem se ferir.

Estou frustrado por não ter podido vivenciar as sensações do prazer do amor do homem pela mulher.

E estou angustiado, pois a seiva do ódio destilado pelos que cravaram essas presas em mim circula em meu corpo espiritual e me incomodam, a despeito do meu conhecimento tê-lo mantido restrito somente ao meu corpo e impedido que alcance meus sentidos capitais, que são os sentidos virtuosos.

Eu sou um ser humano prestes a explodir, minha irmã que habita na luz da vida!

– Então expluda, meu Simão! Expluda e rompa esse casulo que impede que o anjo que existe em você venha viver comigo na luz da vida.

– Eu não consigo, minha irmã.

– Por que não?

– Ainda sou muito humano para romper com esse meu corpo.

– Isso só depende de sua vontade, meu irmão.

– Minha vontade?

– Sim, a mesma vontade que o ajudou a suportar tudo o que disseste, só para ter uma visão real do senhor nosso Deus.

– Estou tão distante dela, irmã angelical!

– Por que diz isso?

– Eu descobri o porquê de flutuares acima do solo.

– Então me diga o porquê, ainda que disso eu tenha conhecimento, meu Simão!

– Você, tal como aquele a quem eu chamo de irmão na luz e da luz, é um anjo enviado em meu auxílio.

– Está certo, mas como descobriste isso, se não nos mostramos, pois tem em sua imaginação uma ideia preconcebida de como ser um anjo dele?

– Sim, é verdade, eu tenho essa ideia preconcebida.

E, se descobri, foi porque vi a aparência dessa minha ideia por meio dos olhos daquele meu irmão que se dizia o rei dos que rastejavam à beira do meu caminho.

Eu via um irmão de luz e da luz, pois via tudo a partir dos olhos do meu conhecimento. Como meu conhecimento é humano, então humano ele se mostrava. Já àquele meu irmão, ele se mostrou como realmente é, pois ele, que vivia numa ausência de humanismo, viu um anjo, que é um ser divinizado em todos os seus sentidos humanos.

Além do mais, quando eu pedi a ele que me dissesse o que via no lado de onde eu tinha vindo, ele só viu um vasto campo onde havia a vida, enquanto eu vi um caminho luminoso e muitos ainda escuros e sombrios, tal como quando o Anjo da Morte ordenou-me optar por um.

Lá, bem próximo daquela pedra, estão outros fios de minha vida que ainda são escuros e sombrios.

– Talvez eles não lhe pertençam, meu Simão.

– Eles me pertencem, pois nessa minha caminhada, só iluminei o fio do meu conhecimento.

Quantos aos outros, ainda estão à espera de que eu volte aos meus primeiros erros, falhas e pecados cometidos e anule neles a escuridão sombria e as sombras escuras que os impedem de brilhar em minha cabeça, tal como o Sagrado Arco-Íris que paira por cima das cabeças dos que vivem nesse lugar.

– Mas você também possui um Arco-Íris Sagrado sobre sua cabeça. Ou será que se esquece de que deu provas mais que suficientes do seu amor ao amar os que haviam caído só porque queriam amar; ou do seu conhecimento, pois lhes ensinou o que precisavam aprender para por si mesmos se elevarem; ou da sua lealdade em não abandoná-los; ou da sua fé por despertar neles uma fé real no Senhor; ou na sua razão ao despertá-los para a razão divina e a humana; ou na sua sabedoria em sufocar no mais íntimo do seu ser seus tão humanos e ao mesmo tempo divinos sentimentos só para não desviá-los novamente dos seus caminhos; assim como da vida, pois foram tantas as vezes que a despertou nos que dela estavam ausentes, que só mesmo a vida poderá honrá-lo?

Tens em sua coroa o Sagrado Arco-Íris divino, meu Simão.

– Eu não o tenho em mim, minha irmã.

– Por que não?

– Ora, o conhecimento puro, que é um sentido divino, comporta todos os outros seis concernentes à espécie humana. Logo, tudo o que disseste nada mais é que o desdobramento natural deles por meio do conhecimento, ao qual me agarrei para me sustentar em meio a um caminho sombrio, que nada mais era que um dos muitos fios escuros de minha vida.

Eu não estou apto a ter uma visão real do Criador nem sou digno de habitar na sua morada, pois nela só os purificados em todos os seus fios da vida podem adentrar.

Já habitas em Deus, enquanto eu estou tentando criar em mim condições para que Ele possa habitar em mim.

– Como é severo consigo mesmo, meu Simão!

– Só estou usando das faculdades do conhecimento para me situar num ponto de equilíbrio, do qual, um dia, não importa quando venha a ser esse dia, eu possa realmente ter uma visão real do Criador.

Mas até que esse dia chegue, serei só um ser humano prestes a explodir e emitir um grito de angústia, revolta, mágoa, dor, frustração e, por que não, de ódio!

– Qual é a principal razão desse grito, meu Simão?

– A principal razão é de um dia eu ter deixado de viver num meio divino e ter começado a viver num meio humano.

– E como será esse seu grito, meu Simão?

– Esse grito será o de alguém cansado de viver no meio humano e desejoso de viver num meio divino.

– Então como será até que consiga explodir e emitir esse seu grito, meu Simão?

– Não sei ao certo, mas certamente serei mais um dos seres humanos que habitam no meio, que é a parte que fica entre o princípio e o fim e que aos seres humanos foi criado para que nele nos humanizemos em todos os sentidos, pois assim estaremos nos divinizando, ou então nos afastemos dos princípios que nos geraram e criemos um fim para nós, os humanos, que é a nossa desumanização em todos os nossos sentidos.

– Como és humano, meu Simão! És o mais humano dos anjos e no entanto não deixas de ser o mais angelical dos homens.

Simão nada mais falou, pois um pranto compulsivo brotou do seu peito. Ela então passou o braço por baixo dele e o puxou para junto de si, recostando-o em seu peito, e começou a acariciar sua cabeça. Então perguntou:

– Por que este choro tão dolorido?

– Deus retirou a força de minha vontade e agora não posso ir até onde está o Anjo da Morte e optar por mais um dos fios de minha vida e purificá-lo dos meus erros, falhas e pecados, minha irmã.

– Por que diz isso?

– Ele não me permite me mover, pois permitiu que feridas surgissem nos meus pés, que foram conservados mesmo nos meios mais adversos aos pés de um caminhante.

Também retirou-me o cajado no qual sempre me apoiei, pois permitiu que minhas mãos ficassem cheias de bolhas e feridas.

E, por fim, me retirou a visão que me mostraria onde estariam meus erros, falhas e pecados. Estou tão paralisado que nem a morte pode me atingir.

– Será que não lhe ocorre que talvez Ele esteja poupando-o para uma nova vida?

– Que vida pode ter alguém como eu, minha irmã?

– O que mais o incomoda, meu Simão?

– Essas presas cravadas em meu corpo espiritual.

– Por quê?

– Bem, elas me obrigam a me refugiar no meu sentido do conhecimento para que assim eu possa suportar a dor do meu medo.

– Posso aliviar do seu corpo espiritual o incômodo da presença delas.

– Não pode.

– Por que não?

– O irmão de luz me levou a um lugar onde sábios irmãos, ao tentarem retirar uma, só abriram um canal para a vazão do ódio líquido que circula por meu corpo espiritual.

– Você permitirá que eu retire essas presas do seu corpo caso eu lhe dê provas de que não doerá, nem o ódio líquido vazará pelo seu corpo?

– Sim.

– Então vou aliviá-lo desse incomodo, meu Simão.

E ela, lentamente, o despiu de suas vestes e lhe perguntou:

– Sua nudez não o incomoda?

– Eu não posso ver, minha irmã! Logo, não me vejo nem à sua mágoa e consternação.

– Ótimo. Agora me diga o que sentirá quando eu retirar a primeira delas, está bem?

– Eu lhe direi, se sentir alívio de parte da minha dor.

Ela, delicadamente, puxou para fora do corpo de Simão uma das presas e ele então observou:

– Senti uma sensação de alívio, irmã na vida da luz.

– O que houve com a dor?

– Não a senti, pois tens o dom da vida em suas mãos.

– Tal como você, pois suas mãos curaram muitas dores, não?

– Sim, é verdade. Quantas dores minhas mãos aliviaram em seres humanos que nada mais sentiam além de suas dores!

– Fale-me deles e de suas mãos enquanto retiro do seu corpo todas essas presas do ódio, meu Simão.

E Simão rememorou as curas que suas mãos haviam realizado. Quando se calou de repente, ela perguntou-lhe:

– Está doendo?

– Não.

– Então por que se calou repentinamente?

– Eu me lembrei do estado atual de minhas mãos e creio que estou sendo punido por, após aqui chegar, ter alimentado mais um pequeno desejo, tão pequeno quanto o que me levou até aquela árvore e me mostrou que eu devia me afastar de você o mais rápido possível.

– Por quê?

– Bem, um pequeno desejo é só a porta para desejos maiores, que, se não forem satisfeitos, nos causam males insuportáveis.

– Qual o desejo maior que aquela belíssima árvore despertou em você?

– O de provar dos saborosos frutos.

– O que o impediu de prová-los?

– Estavam numa altura inalcançável para mim.

– E se estivessem ao seu alcance? Teria provado?

– Certamente que sim.

– Isso é bom, pois demonstra uma decisão firme na realização de um desejo tão humano, que é o de provar um furto que se mostra saboroso aos olhos humanos. Mas, e quanto às suas mãos, o que ia dizer sobre elas?

– Eu não ia dizer nada, pois me calei, certo?

– Mas ia me dizer algo sobre um pequeno desejo alimentado em relação às tuas mãos, meu Simão.

– Não quero falar sobre ele, pois não tive como realizá-lo, nem sobre minhas mãos, pois acredito que já não as tenho mais.

– Mas você ainda tem suas mãos, meu Simão!

– Eu ainda as tenho, mas não como elas eram até ter chegado aqui. Antes elas eram mãos usadas pela minha vontade, pois eram uma extensão ou prolongamento dela. Mas agora são mãos tocadas pelo desejo de não me macular com pequenos desejos.

– Que pequenos desejos são esses, meu Simão?

– São pequenos desejos de ver como são os sentidos puros de uma mulher purificada de seus desejos. E também de tocá-los e senti-los, pois só assim poderei compreender por completo como é a presença do Pai nos sentidos, onde só senti a ausência d'Ele ao tocá-los com essas mãos, agora maculadas pela falta de terem sentido tais coisas.

– Comece do princípio, meu Simão, pois só assim se tornará compreensível aos meus sentidos que, por serem puros, não irão se macular com as ausências deles no seu conhecimento dos sentidos.

– Você me conduz tal como eu conduzia os sem sentido.

– Isso mesmo, ou não foi você mesmo quem afirmou que as chaves são sempre iguais e as únicas coisas que mudaram são as portas, e basta transpormos os princípios às situações aparentemente diferentes, pois em verdade nada muda por causa dos princípios imutáveis das origens das coisas, não?

– Tem razão. Nada muda, tanto no homem quanto na natureza. Tudo é só uma questão de transposições. Além do mais...

– Está se desviando do que lhe pedi, meu Simão. Volte ao princípio e me conte tudo para que então eu o compreenda como é, e não como aparenta ser, pois por trás da aparência de seus pequenos desejos, oculta grandes vontades, não?

– Vontades?

– Isso mesmo, vontades, meu Simão!

– Por quê, se em verdade eu acumulei um desejo de sentir e ver coisas que só por meio da ausência delas, delas tomei conhecimento?

– Fale-me dessas coisas para que então eu possa mostrar-lhe que eram vontades, e não desejos, o que latejava em seu íntimo.

– Se eram vontades, então não há necessidade de ouvi-las, pois me satisfaço com tuas palavras, irmã na luz da vida.

– Simão, Simão, Simão!

Até quando irá se negar para não se mostrar aos meus olhos, que tanto o procuram?

– Eu não estou me negando. Apenas anulo em mim sentimentos e sensações que aos meus olhos parecem pequenos, minha irmã.

– Acredita que são realmente pequenos se por causa deles fugiu e também não provou do sabor dos frutos daquela árvore?

– Eu acredito que sim, pois se fossem coisas grandes aos meus olhos, nada disso eu teria feito.

Logo, só tornamos grande uma coisa pequena quando uma coisa realmente grande não existe para que a ela dediquemos nossa atenção e também lhe direcionemos nossa vontade.

– Mas por causa do que acredita ser um pequeno desejo, agora tem motivos para grandes meditações, não?

– Isso mesmo.

– E por que não as revela para mim, para que então meditemos sobre o que acredito ser só uma manifestação de suas vontades?

– Pois lhe digo que não passam de desejos. Se despertaram em mim tais desejos, foi só porque não pude comparar a ausência de sensações puras, pois só tinha nas mãos, e nelas recebia sensações viciadas.

– Sim, mas que sensações eram essas, meu Simão?

– Já que insiste, eu lhe digo, minha irmã!

Eram sensações, pois eu mexia, tocava e acariciava sentidos viciados.

– Refere-se aos do sétimo sentido?

– Não só a eles, mas em todos os outros sentidos.

– Não o compreendo, Simão confuso!

– Então vou ser mais claro.

Observe que amei como irmãos, seres humanos que, se aos olhos de Deus e dos sentidos divinos eram meus irmãos, no entanto, aos meus aos olhos humanos não eram.

Isso te é compreensível?

– Tento compreender, mas está difícil, Simão confuso!

– Dou-lhe mais um exemplo então. Quando eu elevava alguém dos abismos em que se encontrava, eu o amava como se fosse meu filho. Mas, em verdade, não era e faltava em nossos relacionamentos um tipo de amor, que é o paterno, originado da consanguinidade.

Compreende agora?

– Sim. Mas o que tudo isso tem a ver com sua fuga de minha companhia?

– Como está difícil para você compreender as ausências que existem em mim, a despeito de todo o conhecimento que acumulei!

– Talvez, se tivesse coragem de revelar os motivos de seu afastamento, eu o compreendesse num piscar de olhos!

– Pois eu lhe digo quais foram os motivos, minha irmã! Observe essas mãos agora feridas e esses olhos que agora nada veem.

– Eu os estou vendo, Simão. Continue.

– Saiba que essas mãos tocaram em sentidos humanos e divinos totalmente ou parcialmente deformados pelas viciações desses sentidos. Eu os conheci a fundo em minha vontade de ajudar aos que os possuíam deformados e senti cada pulsar negativo deles.

Mas me faltava a comparatividade para estabelecer um parâmetro entre eles. Agora não sei como agir num lugar onde só existem pulsações de energias positivas.

Eu me sinto deslocado de tudo o que aqui existe, minha irmã!

– Isso até posso compreender, Simão Beir. Mas não as razões que o levaram a se afastar de mim.

– Sua insistência em dizer que não sabe quais foram essas razões me magoam, pois sei que, mesmo quando eu tinha dúvidas sobre elas, já as conhecia, irmã que me incomoda com sua insistência cortante.

Sua insistência, em uma parte do que desconheço ou de minha ignorância, dói mais em mim que todas essas presas cravadas em meu corpo espiritual!

Só aquela pedra que parece ter luz própria me compreende, pois me aquece com sua luz morna, irradiada sobre meu corpo cansado pelas energias negativas absorvidas e nele acumuladas.

E os olhos de Simão tornaram-se duas fontes vivas de lágrimas, pois um dos motivos de sua tristeza era justamente a presença daquele espírito feminino que, aos olhos dele, flutuava acima de todos os seus conhecimentos.

Ela então procurou consolá-lo, pois sabia exatamente ao que ele se referia. O que Simão Beir gostaria era de tocá-la, acariciá-la e conhecer profundamente como seriam as energias irradiadas por um espírito que possuía os sentidos purificados de quaisquer energias viciadas.

Ele trazia no mais íntimo do seu ser aquela vontade comum a todos os seres humanos, que é a de sentir o prazer de "possuir" algo "puro".

É essa vontade de possuir algo puro que impede que os seres humanos paralisem seus sentidos, pois na busca dessa pureza ele vai apurando seus próprios sentidos humanos e assim evolui, não para a perfeição, mas ao menos nas suas medidas de perfeição.

Aperfeiçoa suas leis, suas religiões, suas crenças, seus conhecimentos, seus amores e sua própria vida.

É por causa dessa vontade de possuir a pureza que os possuidores de bens materiais pagam altos preços por uma pequena pedra preciosa. Nela, a pedra, o que mais a valoriza não é o seu tamanho, mas sim sua pureza e brilho próprio.

E se transpomos esse exemplo para o conhecimento, o que mais chama a atenção não é o mais extenso, mas sim o que revela um grande valor com poucas palavras.

Senão, vejamos: um matemático que trabalha com números usa dez dezenas para chegar a uma centena, pois sabe que o valor de uma dezena é o de dez unidades segmentadas entre si.

Então, como tudo tem seu valor ou poder relativo, é melhor concentrar numa centena o valor de cem unidades ou numa pedra preciosa o valor de muitas semipreciosas.

Uma montanha é grande e, se impressiona, isso se deve ao seu tamanho. Mas uma pedra preciosa, que é pequena, impressiona muito mais, pois traz em si uma grandeza visível por meio do próprio brilho e pureza.

Ela sabia de tudo isso, assim como sabia ao que ele se referia quanto ao amor do pai por um filho ou do homem pela mulher, ou de um ser humano por um irmão consanguíneo. Esses amores são imortais, pois trazem em si um valor ou uma grandeza imensurável aos padrões das medidas humanas.

Tudo isso ela sabia, pois sabia que ele havia visto milhares e milhares de espíritos humanos totalmente deformados serem devolvidos à vida por seu conhecimento puro. Mas em nenhum ousara tocar ou "possuir" como irmão, filho ou mesmo mulher. E o vazio que trazia em si provinha dessa não vivenciação de sentimentos tão valiosos aos seres humanos quanto sua fé, pois quem não desfrutar do prazer que causa num ser humano um grande amor, não pode ter uma referência comparativa ao amor que sente pelo Pai.

Tudo é uma questão de transpormos a grandeza de certos sentimentos que podemos vivenciar com intensidade para aqueles intangíveis, senão por meio dos nossos sentidos, e que devemos vivenciá-los com intensidade para se tornarem sensíveis.

E ela o puxou para junto de si abraçou-o fortemente e chorou o pranto dos que tudo isso compreendiam, mas tal como ele, não poderiam misturar suas vontades com seus desejos, senão perderiam suas próprias razões de ser o que eram.

Ao sentir-se abraçado por ela, Simão gemeu em meio aos soluços e falou:

– Como eu a amo, minha irmã!

– Eu também o amo, meu Simão. Ou a que atribui os meus convites para que viesse comigo e comigo habitasse na minha morada?

– Como eu gostaria de poder acariciá-la, tocá-la e também amá-la como espírito feminino que é!

Ela, já com o emocional sob controle, falou:

– Por que não me acaricia, toca e me ama como a mulher que nunca deixarei de ser?

– Eu não posso.

– Por que não? Está tão junto a mim neste momento! E eu estou toda receptiva a esses seus desejos, pois eles também são meus.

– Eu não posso.

– Pode sim, meu amor!

– Eu não posso, pois seu amor paira acima de mim, vida de minha vida e vida do meu amor não vivido.

– Esqueça todo o seu conhecimento e se entregue aos seus reais sentimentos, meu Simão.

– Não posso, pois sua vida paira acima da minha e, se eu fizer isso, macularei sua pureza, pois ainda me sinto impuro e indigno de tocá-la.

Eu, enquanto caminhava para longe, clamei a Deus que me impedisse de maculá-la com meus sentidos ainda não purificados das minhas viciações, adquiridas nos meios humanos onde vivi com intensidade meus sentimentos muito humanos.

– Não pode estar dizendo a verdade, meu Simão.

– Não inventei essas feridas em meus pés e mãos, nem perdi a visão só por causa de minha tristeza.

– Por que não me revelou os sentimentos que ocultava com sua aparência tão dolorida?

– Não tive condições de revelar o que senti quando a vi pela primeira vez.

Você pode ter alcançado o grau que a tornou um anjo. Mas aos meus olhos, é a mais humana das visões.

– Como eu ansiei pelo momento em que aqui chegaria, meu Simão. Daqui eu segui sua jornada dolorida e derramei lágrimas de alegria a cada vitória sua sobre suas próprias viciações, vividas em tempos imemoriais. Vi seu ser imortal absorver todas as lágrimas derramadas por aqueles que não tinham noção das reais causas de suas dores.

Também vi seu ser imortal absorver angústias, aflições, mágoas e frustrações, assim como chagas e ferimentos, e orava por sua persistência e perseverança.

Também vi quando tocou em cada sentido viciado, acariciou e sentiu suas energias viciadas e ainda assim soube como transformá-los em sentidos

humanos aperfeiçoados. Também não deixei de ver quando olhava fixamente para os corpos espirituais regenerados energeticamente pela sua vontade divina de ajudá-los. E não pense que não vi que olhava os corpos espirituais aperfeiçoados dos homens com uma ponta de mágoa, pois o seu não trazia em si o sentido humano de beleza, assim como também vi quando olhava para cada um daqueles corpos femininos que resgatou das viciações que os haviam deformado, e, no mais íntimo do seu ser, um desejo pulsava, pois, humanamente, desejava tocá-los, acariciá-los e senti-los, mas não tinha coragem, pois se sentia sem esse direito.

Como o amei por isso, meu Simão!

Então eu ficava a imaginar como seria agradável o toque, a carícia de mãos dotadas de um sentido divino a me tocar e acariciar. Para mim, seria o toque e a carícia dos seus próprios sentidos virtuosos desdobrados em seu corpo espiritual.

Como ansiei por esse momento! E, quando finalmente ele chegou, você não ousou se revelar e até preferiu clamar ao Pai que o privasse deles, pois não queria me macular com seus pequenos desejos!

Meu Deus, como ansiei por esse momento que me negou, meu Simão!

– Como eu poderia imaginar que o amor que sinto você irradiar por meio dos seus sentidos era também o amor da mulher pelo homem, se esse tipo de amor eu não vivenciei por meio dos meus sentidos humanos?

Eu o sentia, mas não sabia identificá-lo!

– Por que negou a si próprio a possibilidade desse tipo de amor se a própria sensualidade feminina mulher se fez mulher só para poder tocá-lo, acariciá-lo e senti-lo?

Não lhe ocorreu que, se até uma das energias do Todo se humanizou e se fez mulher, foi porque, pelo Todo você era amado como uma das mais puras das partes dele?

Simão parou de soluçar e, já sem a visão, ficou com os olhos parados no vazio das imagens a meditar sobre o que ouvia. Então ela continuou:

– Como poderia, alguém que se sacrificou em todos os sentidos por seus semelhantes, sacrificar minha pureza se seus toques curavam, suas palavras ensinavam, sua fé devolvia a vida e seu amor à vida dava um toque de fé?

– Eu não podia, amor que paira acima de minha vida!

– Por que não, meu Simão?

– Eu vi muitos caminhos escuros ao lado do que havia acabado de purificar.

– O que tem isso a ver, se você chegou até aqui?

– Lá, em meio à escuridão e sombras deles, estão muitas partes de mim, minha irmã!

Como eu poderia virar as costas para eles e deixá-los com suas dores, mágoas, remorsos e frustrações, além dos ódios, só para deixar que peque-

nos desejos meus se transformassem na enorme vontade que sinto de amá-la como mulher e por ser amado como homem que sou?

O Pai não me perdoaria por isso, vida do meu amor!

– São tantas as coisas que Deus perdoa num ser que só quer amar e ser amado em usa vida, meu Simão! Sabe disso tão bem quanto eu!

– Sim, eu sei disso. Mas será que eu me perdoaria aos olhos do Criador?

Ou será que desconhece que o que conduz um ser humano à queda é a inexistência do auto perdão na consciência humana.

Talvez, em seu amor, desconheça ou já não mais se lembre de que um ser humano perdoa a tudo e a todos, mas nunca perdoa ou esquece uma falha, erro, ou pecado cometido aos olhos do Pai.

É esse sentimento negado a si próprio que torna um ser humano, humano, vida do meu amor!

Eu não me perdoaria nunca, se, por causa de meus pequenos desejos, viesse a virar as costas a tantos que afundam, gemem, sofrem, que estão caídos ou rastejam à beira dos muitos caminhos meus que ainda se encontram escuros!

Por acaso acredita que depois de tudo que vi, ouvi, senti, sofri, vivi e aprendi eu seria feliz sabendo que lá, bem no meio da escuridão, tantos não conseguem encontrar os sentidos de suas vidas?

Responda-me isso por meio do seu racional, amor que não vivi!

Depois de meditar por algum tempo, ela respondeu:

– Não, não poderia realmente viver em paz, meu Simão.

– Então não me peça para habitar em sua morada, pois ainda sou indigno de adentrar nela.

Saiba que já fez muito por mim ao retirar de meu corpo espiritual as presas que tantos incômodos me causavam, minha irmã.

Saiba também que, para quem conhece a diferença dos toques, carícias e sensações, e eu conheço isso, não existem paralelos entre os da pureza.

– Nem os da energia sensual feita mulher só para tocá-lo?

– Nem a sensualidade feita mulher é tão agradável de ser sentida como o é a pureza. E, mesmo por meio desse corpo todo deformado, eu a sinto.

Meu Deus, como é agradável o abraço da pureza!

Se o abraço da sensualidade nos desperta sensações indescritíveis, o da pureza nos dá uma sensação de satisfação.

Se ambas são sensações agradáveis, no entanto a pureza nos traz a satisfação da vontade, que durará enquanto nossa memória pulsar a sensação do seu toque. Já as das sensualidade nos incomodará enquanto nossa memória não adormecer ao sermos abraçados pela pureza.

– A sensualidade o incomodou muito, meu Simão?

– Sim. Mas já não me incomoda mais, porque o seu abraço a adormeceu em minha memória, e ela foi substituída pela sensação agradável da satisfação.

Enquanto a sensualidade nos atrai, pois é insinuante, a pureza nos envolve.

São diferenças muito grandes para quem reconhece a ambas. E eu agora as conheço.

Logo, já tenho uma comparação para fundamentar meus ensinamentos, quando tal se fizer necessário.

– Quer realizar mais alguma comparação para que possa fundamentar seus conhecimentos?

– Poderia recostar minha cabeça em seus seios?

– Quer que eu os desnude para que fiquem iguais aos da sensualidade feita mulher e diferenças nos toques não existem?

– Não, isso não!

A pureza só pode ser pureza quando velada.

– Ao seu conhecimento nada escapa, não?

– Eu procuro mantê-lo puro, ainda que ele viva num ser viciado como eu.

E ela recostou a cabeça enrugada, com fios de cabelos brancos ressequidos, em seus seios e ficou a acariciá-la. Então perguntou:

– Que sensações esse sentir despertam, meu Simão?

– Sensações indescritíveis de poder estar com o rosto recostado num dos sentidos do sétimo sentido da vida. São sensações de um prazer puro.

Já quando recostei meu rosto nos seios da sensualidade, sensações indescritíveis foram despertadas.

Os seios da sensualidade nos conduzem ao desejo. Já os da pureza nos trazem a sensação do prazer puro.

Agora também já tenho comparações inestimáveis ao meu conhecimento e até isso está fundamentado na pureza do meu conhecimento.

– Quer fazer mais alguma comparação, meu Simão?

– Não.

– Por que não?

– Meu vasto conhecimento saberá transpor para quaisquer outros sentidos que eu queira as sensações de como é agradável recostar-se numa das fontes de vida pura do sétimo sentido, que são os seus seios, assim como causa satisfação a alguém ser envolvido pelos delicados braços da pureza.

– Seu vasto conhecimento não pode mostrar-lhe o que não vivenciou, meu Simão.

– Mas poderá transpor os fundamentos dessas comparações para todos os outros sentidos do sétimo sentido, assim como para todos os outros seis sentidos da vida.

– Mas eu gostaria de dar-lhe meios reais para que possa ter fundamentos reais em suas comparações. Ainda restam os lábios, mãos, olhos e muitos outros sentidos do sétimo sentido, que em mim vibram em harmonia e equi-

líbrio, e que poderá tocar, acariciar e sentir, para melhor fundamentar-se em suas comparações.

– Mais do que já obtive não preciso, senão posso deixar escapar as razões dos fundamentos da comparação e me tornar insensível diante dos fundamentos das razões comparadas.

– Isso eu não compreendi, meu Simão!

– Nem tente compreender, senão a dúvida se instalará na pureza dos seus sentidos.

– Fundamentos das razões comparadas. O que isso significa sob luz do saber?

– Esse é um dos enigmas do conhecimento, que só após muitas meditações, fundamentadas na razão das razões, irá decifrar.

– A razão das razões é Deus, não?

– Medite, irmã que habita na razão da vida!

– Simão! – ralhou ela com o modo dele falar. – Não está sendo leal comigo ao falar dessa forma.

– Só estou usando o conhecimento puro para tocar com minha voz a pureza dos sentidos, nada mais.

– Não quero ouvi-lo assim. Prefiro quando você fala por meio de seus outros sentidos.

– Eu estou me recolhendo ao mais profundo dos meus conhecimentos, pureza de minha vida.

– O que isso significa?

– Que já não sinto meu corpo espiritual.

– Não!!!

– É isso mesmo. Eu encontrei em você os fundamentos puros do meu conhecimento.

– Como isso lhe foi possível?

– Transpus as chaves do seu abraço e dos seus seios para todo o meu vasto conhecimento e abri as portas para o seio da pureza do abraço envolvente do conhecimento dos sentidos.

Eu, agora que nada vejo, pois da visão já não preciso, e nada sinto, pois de um corpo já não preciso, estou tendo uma visão real do Senhor.

– Simão, volte para mim.

– Não posso.

– Por que não?

– Estou tendo finalmente uma visão real do senhor meu Deus. Conduza-me de volta àquela pedra que tem luz própria, irmã na luz da vida.

– Por que devo conduzi-lo até uma pedra quando tem a mim, que não sou uma pedra?

– Não me peça respostas, pois agora já não me é possível!

– Por que não?

– Agora sou eu quem está obtendo as "minhas" respostas, minha irmã!

Não me pergunte mais nada, apenas leve-me até aquela pedra. Por favor.

– Ao menos me diga como é a sua visão real do senhor nosso Deus.

– Só por meio do conhecimento puro seria possível descrevê-lo. Mas se isso eu fizer, soarei como incompreensível. Logo, isso não é possível, pois eu O vejo, não por meio dos olhos, mas sim por meio da visão do conhecimento.

Mas posso lhe dizer ainda que Ele é o não Ser, mesmo sendo a razão do Ser.

Então transponha essa chave para tudo mais e abrirá as portas para o real conhecimento do Senhor. Ele é o que é sem nunca ter sido, ainda que nunca deixe de ser o que nunca foi, pois nunca deixará de ser o que sempre foi.

– Meu Pai, está a delirar, meu Simão! Volte à razão enquanto é tempo!

– Eu encontrei a verdadeira razão no êxtase que o conhecimento puro desperta num ser igual a mim, que só se encontra na pureza do conhecimento, minha irmã!

Por que demora para me levar até aquela pedra que tem luz própria?

– Agora, que finalmente o tenho em meus braços, não quero perdê-lo mais, meu Simão.

– Está negando a pureza do seu amor, irmã na luz do amor!

– Não estou não. Apenas tento despertá-lo para a vida.

– Está sim.

– Por que diz isso?

– Está dando mais valor ao amor por uma parte que pelas muitas partes que clamam pelo amor. Está dando muita atenção a uma das partes da vida que às muitas partes que clamam por ela.

Está tentando reter contigo uma das partes do conhecimento, quando muitas partes clamam por uma parte do conhecimento.

Está impedindo que eu volte à vida depois de viver na morte, não me devolvendo para junto daquela pedra que parece ter luz própria.

Uma voz ao lado dela a chamou:

– Irmã, não adianta tentar retê-lo, pois ele já não lhe pertence mais. Levemos ele até onde ele pede, pois a hora é chegada.

– Que hora? – perguntou ela.

– A hora da vida vir buscar aquele que, em meio à morte, a semeou.

– Por que tem de ser assim mais uma vez, meu irmão?

– Ora, por que a vida iria deixar alguém com tantos pequenos desejos amordaçados por uma imensa vontade de habitar numa das moradas do amor vivo à vida, quando essa mesma vontade poderá romper tantas mordaças que calam as vontades paralisadas pelos pequenos desejos?

– A vida, para ser vida, tem que ser vivida. E um ser, para, na vida ser um ser, tem que ter uma razão de ser, um ser na vida. Logo, me levem

até aquela pedra antes que eu deixe de ser um ser e passe a ser só uma razão de ser sem ter sido na vida um ser! – exclamou Simão, já começando a remoçar. Rejuvenescia a olhos vistos. Então ela, num piscar de olhos, depositou-o ao lado da pedra.

Como não estava sozinha, todos ficaram olhando Simão quando seu corpo espiritual retornou ao estágio de um recém-nascido, e um clarão multicolorido se formou em torno dele e o envolveu. A seguir, já com ele envolto em luz pura, elevou-se do solo e, pelo mesmo caminho que ele havia trilhado, seguiu como um cometa multicolorido que deixou atrás de si um arco-íris a iluminar aquele caminho.

– O Sagrado Arco-Íris! – exclamou a irmã luminosa.

– Sim, mais uma vez, o Criador nos priva da companhia d'Ele para que ele faça do Criador uma companhia inseparável dos homens por meio do sentido do conhecimento.

– Jamais o teremos só para nós, meu irmão!

– Isso é verdade, pois infeliz é aquele que acredita ser possuidor único do conhecimento.

Tal como o conhecimento, é Simão Beir. Muitos pensam tê-lo, poucos realmente o tem, e muitos desesperadamente precisam possuí-lo, pois só assim realmente terão a si próprios.

– Quem haverá de ser de agora em diante o nosso Simão Beir, meu irmão? – perguntou um anjo que acabara de se juntar a eles.

– Se minha visão não me falhou, e ela nunca falha, ele haverá de ser Sócrates, um filósofo do Sagrado Arco-Íris ou das virtudes.

E assim, Simão Beir também passou a fazer parte da memória do Tempo, que no tempo não é contada, pois é imortal, e passou a ser Sócrates, o filósofo grego que no tempo nunca deixará de ser contado, pois imortal é a sua obra de filosofia pura.

Platão, discípulo de Sócrates.

Impressão e acabamento: Ografic Gráfica e Editora